



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

PEDRO PIO FONTINELES FILHO

A LETRA E O TEMPO:
A ESCRITA DE O. G. REGO DE CARVALHO
ENTRE A FICÇÃO E A HISTÓRIA DA LITERATURA

FORTALEZA
2016

PEDRO PIO FONTINELES FILHO

A LETRA E O TEMPO:
A ESCRITA DE O. G. REGO DE CARVALHO
ENTRE A FICÇÃO E A HISTÓRIA DA LITERATURA

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em História Social do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História, área de concentração História Social.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.

FORTALEZA

2016

PEDRO PIO FONTINELES FILHO

A LETRA E O TEMPO:

A ESCRITA DE O. G. REGO DE CARVALHO

ENTRE A FICÇÃO E A HISTÓRIA DA LITERATURA

Tese apresentada ao Doutorado em História Social do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História, área de concentração História Social.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Meize Regina Lucena Lucas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Jailson Pereira da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Francisco Dênis Melo
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- F77l Fontineles Filho, Pedro Pio.
A Letra e o Tempo : a escrita de O. G. Rego de Carvalho entre a ficção e a história da literatura / Pedro Pio Fontineles Filho. – 2016.
333 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, , Fortaleza, 2016.
Orientação: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.
1. História. 2. Literatura. 3. Campo. 4. Biografia. 5. Leitura. I. Título.

CDD

Às Musas, que inspiram as diferentes e
plurais formas de escrita e de arte.

O texto é uma máquina preguiçosa que exige que os leitores façam a sua parte – ou seja, é um mecanismo concebido para suscitar interpretações [...]. Quando se tem um texto a ser questionado, é irrelevante perguntar ao autor. Ao mesmo tempo, o leitor não pode dar nenhuma interpretação simplesmente com base em sua imaginação, mas deve ter certeza de que o texto de certo modo não apenas legitima, mas também encoraja determinada leitura (ECO, Umberto, *Confissões de um jovem romancista*, 2013, p. 35).

RESUMO

Em 1953, foi lançado o livro *Ulisses entre o Amor e a Morte*, considerado a estreia literária de Orlando Geraldo Rego de Carvalho. À época, a publicação levantou críticas no sentido de ser tratada ou não como uma obra de “literatura piauiense”, visto que não trazia as temáticas tomadas como regionalistas, tais como a seca, a miséria e a fome. Ao longo de sua trajetória, o literato se envolveria em outras polêmicas ligadas à intelectualidade, sobretudo à literatura, quando afirmara que não existia a “literatura piauiense”. Esse posicionamento trouxe à tona, de forma mais enfática, debates sobre o *status* da literatura, e suscitou reflexões acerca do cânone e questões de fronteira. Além disso, fez acentuar discussões paralelas sobre a própria história da literatura, no tocante à autoria, biografia, produção, publicação, circulação e leitura dos textos literários. O objetivo principal deste estudo foi compreender a obra do literato como indício das ranhuras inerentes à (re) invenção e à história da “literatura piauiense”. O recorte temporal que conduziu o presente estudo transitou pelo interstício entre 1953 e princípios dos anos 2000. O marco inicial se refere ao ano da “estreia” literária do escritor, enquanto que o recorte final leva em conta as antologias e fortunas críticas, bem como as edições didáticas que abordam a obra do literato e a produção literária de forma geral. Vale ressaltar que recuos e avanços no recorte temporal foram realizados, para contemplar aspectos pertinentes às problematizações, incluindo traços biográficos. Nesse sentido, o universo documental foi composto pelos livros publicados pelo literato, notadamente *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953), *Rio Subterrâneo* (1967), *Somos Todos Inocentes* (1971) e *Como e por que me fiz escritor* (1994); livros em forma de antologias e fortuna crítica, que analisam as obras do literato; artigos publicados em sítios da internet; além de edições didáticas voltadas para estudantes e preparadas para vestibulares. Como arcabouço teórico-metodológico, foram utilizadas as proposições de Pierre Bourdieu (2010), Roger Chartier (2014, 2010, 2002) e Michel de Certeau (2011), dentre outros, para pensar o “campo literário” em suas diferentes manifestações, desde as relações de poder, bem como a história da literatura, do livro e da leitura. O estudo considerou, então, que a obra do literato é fulcral para a análise das relações de poder entre a Letra e o Tempo, entre a ficção e a história da literatura.

Palavras-chave: História. Literatura. Campo. Biografia. Leitura.

ABSTRACT

In 1953 was published the book *Ulisses entre o Amor e a Morte*, considered the literary debut by Orlando Geraldo Rego de Carvalho. At that time, the publication raised criticism about being treated or not as a book of “Piauiense literature”, whereas it didn’t bring themes taken as regionalists, such as dry, poverty and hunger. Along his trajectory, the author was involved in other controversy linked to intellectuality, especially to literature, when he said that the “Piauiense literature” didn’t exist. That point of view brought to light, more emphatically, discussions about the *status* of literature and raised reflections about canon and border issues. Besides that, it expanded parallel discussions about the history of literature, regarding the authorship, biography, production, publication, circulation and reading of the literary texts. The main objective of this study was understand the work of the writer as evidence of the slots inherent in (re) invention and history of the “Piauiense literature”. Time frame that conducted the presente study transited the interstice between 1953 and the early 2000’s. Initial mark refers to the year of literary “debut” of the author, while the final mark takes into account the anthologies and critical fortunes, as well as the educational issues that approach the author’s work and the literary production in general. It’s noteworthy that setbacks and advances on time frame were done, to contemplate relevant aspects to the problematizations, including biographical traits. In this sense, the documentary universe was composed of the books published by the author, notably *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953), *Rio Subterrâneo* (1967), *Somos Todos Inocentes* (1971) and *Como e por que me fiz escritor* (1994); books in form of anthologies and critical fortune, that analyze the author’s work; article published on internet sites; besides educational issues aimed at students and prepared for college entrance exams. As theoretical and methodological skeleton, it used the propositions by Pierre Bourdieu (2010), Roger Chartier (2014, 2010, 2002) and Michel de Certeau (2011), among others, to think the “literary field” in its different manifestations, since relations of power, as well as the history of literature, of book and of reading. The study considered, thus, that the author’s work is central to the analysis of the relations of power between the Letter and Time, between fiction and the history of literature.

Keywords: History. Literature. Field. Biography. Reading.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Charge 1 -	Charge “O. G. Rego: quente era a manhã, de Bernardo Aurélio.....	62
Charge 2 -	Charge “Agora sou Imortal”, de Dino Alves.....	63
Charge 3 -	Charge “Morre O. G. Rêgo”	65
Capa 1 -	Capa da 1ª edição de “Ulisses entre o Amor e a Morte”	170
Capa 2 -	Capa da 2ª edição de “Ulisses entre o Amor e a Morte”	172
Capa 3 -	Capa da 15ª edição de “Ulisses entre o Amor e a Morte”	173
Capa 4 -	Capa da 1ª edição de “Ulises entre el Amor y la Muerte”	174
Capa 5 -	Capa da 2ª edição de “Ulises entre el Amor y la Muerte”	175
Capa 6 -	Capa da 3ª edição de “Ulises entre el Amor y la Muerte”	176
Capa 7 -	Capa da 1ª edição de “Rio Subterrâneo”	178
Capa 8 -	Capa da 2ª edição de “Rio Subterrâneo”	181
Capa 9 -	Capa da 9ª edição de “Rio Subterrâneo”	183
Capa 10 -	Capa da 5ª edição de “Rio Subterrâneo”	184
Capa 11 -	Capa da 10ª edição de “Rio Subterrâneo”	186
Capa 12 -	Capa da 6ª edição de “Somos Todos Inocentes”	187
Capa 13 -	Capa da 8ª edição de “Somos Todos Inocentes”	189
Capa 14 -	Capa do Livro “Ficção Reunida”	190
Foto 1 -	Jantar no Restaurante Lamas, no Rio de Janeiro.....	201
Foto 2 -	Encontro do “Clube do Silêncio”	211
Foto 3 -	Comentário ao livro de Herculano Moraes.....	215
Foto 4 -	Membros da Academia Piauiense de Letras – APL.....	221
Foto 5 -	Cruzadinha em Espanhol de “Ulises entre el Amor y la Muerte.....	286

AGRADECIMENTOS

Toda trajetória é cercada de projeções, desejos e objetivos. Há alguns anos, o sonho de prosseguir no crescimento intelectual e profissional impulsionou-me ao ingresso no Curso de Doutorado em História. Quiseram as forças celestes e divinas que isso se desse em uma das Instituições mais respeitadas no país. Foram, de fato, anos de grande amadurecimento e conquistas. Celebrar a conclusão de mais uma etapa só faz real sentido se, de maneira sincera, são proferidos agradecimentos àqueles que permitiram que o sonho se realizasse. Essa conquista, em boa medida, é de cada um que contribuiu, direta e indiretamente para isso.

Deus é o meu caminho. Sempre está comigo, mesmo nos momentos em que estive distante. Ele me guia, me protege e me faz perceber que a vida é o maior dos dons e que viver é a maior conquista. A Ele, o meu maior agradecimento. Ao senhor Jesus Cristo e à Santíssima Virgem Maria, por me ensinarem que a Fé nos mantém serenos e nos fortalece.

Ao meu Orientador, Professor Dr. Francisco Régis Lopes Ramos, por me ensinar, na prática, que o conhecimento é uma construção constante e em parceria. Suas sugestões foram imprescindíveis para que o objeto de estudo ganhasse melhor problematização e formato. Seus conselhos, para além das dimensões acadêmicas, mostraram-me que o bom professor é aquele que se doa, pois acredita e incentiva o potencial de seus alunos. Obrigado, professor, por ter aceitado o desafio da orientação de meu objeto, ou melhor, de nosso objeto de estudo e pelo apoio constante.

Ao Professor Dr. Gleudson Passos Cardoso e ao Professor Dr. Francisco Dênis Melo, por prontamente aceitarem o convite para compor a Banca Examinadora de defesa da presente Tese.

À Professora Dr^a Meize Regina de Lucena Lucas, por momentos de desenvolvimento intelectual em suas aulas e pelos corredores da Universidade Federal do Ceará. Obrigado pelas leituras sugeridas e indicadas, pois foram importantes para a melhor elaboração e reflexão do objeto de estudo.

Ao Professor Dr. Jailson Pereira da Silva, por ter, a partir do exame de qualificação, apontado para as possibilidades de discussão do presente trabalho, indicando leituras e fazendo sugestões de reflexões teórico-metodológicas.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará, por tornarem os dias nesse Curso em momentos de enriquecimento. Um agradecimento especial à Professora Dr^a Kênia Sousa Rios e ao Prof. Dr.

Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho, pelas poucas, mas significativas e produtivas conversas e por terem aceito o convite de ler e avaliar o presente trabalho.

Aos amigos de Curso, Aline, Ana Amélia, Isabel, Sara, Emy, Enilce, Maycon, Raquel e Rodrigo. Obrigado por terem me acolhido e me mostrado que é possível ter momentos de serenidade em meio às turbulências. Obrigado especial a Rodrigo, pelo apoio nas pesquisas.

Não poderia deixar de agradecer à Luciana Cavalcante, que faz um excelente trabalho na Secretaria do Programa de Pós-Graduação de História Social da Universidade Federal do Ceará. Sempre atenciosa e prestativa, tornou-se uma querida e estimada amiga, que me ajudou bastante na facilitação dos assuntos burocráticos e administrativos.

Aos meus pais, pois me concederam mais que a vida biológica. Deram-me as condições, mesmo diante das inúmeras dificuldades, de me tornar um ser humano honesto e respeitador. À minha mãe, Maria Neide da Silva Fontineles, por sua garra e sua Fé. Mulher forte e lutadora, que superou e supera as adversidades da vida sempre buscando dar segurança para todos os seus familiares. Ao meu pai, Pedro Pio Fontineles, que, no seu jeito discreto, ensina que não precisa dizer o que se sente, mas demonstrar em gestos e atitudes.

Obrigado à minha irmã, Isabel Fontineles, por, desde sempre, assumir o papel de mãe e de educadora de todos os irmãos, servindo como modelo de resiliência, de amor, de carinho e de conquistas.

A Cláudia Fontineles, irmã querida, que sempre me guiou no universo da leitura, dos estudos e da sensatez, sendo uma das minhas referências de inteligência, de compromisso e de profissionalismo. À minha “multiplicadora de ideias” meu eterno agradecimento.

À minha irmã Karine Fontineles, por ter vindo à família como um sopro de leveza e de luz, para tornar a vida de todos mais agradável. Por se tornar uma amiga, confidente e conselheira, bem como exemplo de inteligência, criatividade, sagacidade e perspicácia, além de inquestionável leitora e escritora.

Aos meus irmãos, José Airton, Antônio Wilson, Antônio Adailton, José Gilson, Francisco Odair, Luís Airton, por serem minhas referências de homens decentes, honrados, trabalhadores e respeitadores. Por me ensinarem o valor da união, da amizade verdadeira e a grandeza do bom humor.

Obrigado aos meus sobrinhos, Hilana, Hilo, Kayo, Eduardo, José Wilson, Loreнна, Gabriel, Luís Henrique, Maria Cláudia, Milenna, Lana, Lara, Vithor, Laís e Arthur, por me mostrarem que a vida sempre se renova e por darem muito orgulho a todos os Fontineles. A todos digo “God bless you!”

Ao meu mentor, amigo, cunhado e eterno professor, Marcelo de Sousa Neto, que sempre foi, e é, um grande modelo de honradez, simplicidade, paciência e intelectualidade. Muito obrigado por me orientar na vida pessoal e profissional, muitas vezes somente com os exemplos e atitudes.

Às minhas cunhadas, Ana Maria, Regina, Nazaré, Francisca e Lena, por serem amigas e terem me possibilitado o sabor de ser um homem melhor, sendo tio.

Ao amigo Paulo César, que, mesmo antes de conhecê-lo pessoalmente, mostrou-se muito solícito em ajudar e em me familiarizar com a vida em uma cidade e em uma Universidade que eu não conhecia de maneira mais afinada.

Aos amigos Luiz Gonzaga Neto, Carlos Alexandre, Lucas Amaro e Narcélio, por terem me proporcionado momentos de sincera amizade, descontração e de diversão, tornando meus dias em Fortaleza muito prazerosos e agradáveis.

À Professora Cristina Silva, pela atenção e dedicação na revisão textual, tornando a leitura mais compreensível e fluida.

Ao Professor José de Arimatéa Ferreira, que, mais que colega de profissão, dispôs-se a ser meu amigo e conselheiro. Obrigado pela companhia e pelos incentivos!

Aos meus alunos do Curso de História, da Universidade Estadual do Piauí, campus Clóvis Moura, por compartilharem momentos de debate acerca do fazer historiográfico, bem como por me ajudarem no amadurecimento como professor, educador e pesquisador.

À minha ex-aluna e amiga, Professora Vicencia Rozilda, pela ajuda nas pesquisas de fontes que compuseram o corpo documental do estudo concluído, bem como pela torcida.

Obrigado ao corpo docente e administrativo da Universidade Estadual do Piauí, especialmente do Curso de História, por elevarem e valorizarem o nome da Instituição, dedicando esforços para o seu aprimoramento contínuo.

Agradecimento importante devo a Paulo Tiago Fontenele Cardoso, pois me acompanhou em toda essa trajetória, sempre me dando atenção, carinho e apoio. Ajudou na pesquisa e aquisição de livros e materiais que contribuíram para a feitura do trabalho. Contribuiu na organização e impressão das muitas versões do texto, para as muitas correções e mudanças. Grande filho, irmão, amigo, professor, ensinou-me que a simplicidade, a humildade, o respeito e o amor são os alicerces que formam um grande profissional e um ser humano gigante.

À Professora Divaneide Carvalho, esposa de O. G. Rego de Carvalho, por ter contribuído para o desenvolvimento desse estudo, sobretudo por ter sido, e ser, uma pessoa dedicada ao literato e à preservação de sua obra.

E por último, eu não poderia deixar de agradecer ao próprio O. G. Rego de Carvalho, por ter sido, mais que o objeto de estudo e, sim, a fonte de inspiração para a leitura, para o gosto e deleite pela Literatura. Obrigado pela sua contribuição ao fazer literário, promovendo os debates acerca da escrita e da leitura, legando textos que acrescentam na vida dos leitores e para a própria história da literatura. Quentes serão as manhãs na companhia de sua obra!

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 ESCRITAS DE SI E OUTROS TRAÇOS BIOGRÁFICOS.....	22
2.1 Entre o Ser e o Escrever.....	23
2.2 Da aparição e (des) encantos do autor.....	37
2.3 Quente era a manhã em novembro.....	60
 3 OS RASTROS DA ESCRITA: A INVENÇÃO DA LITERATURA	
PIAUIENSE.....	77
3.1 A legitimidade através do passado.....	78
3.2 Nos Domínios de <i>Akademus</i> : a Academia como templo e tempo.....	110
 4 A ESCRITA COMO FRONTEIRA OU AS FRONTEIRAS DA	
ESCRITA.....	127
4.1 Entre o Local e o Universal.....	127
4.2 Para além das influências?.....	133
4.3 Nas linhas do efêmero e do tempo.....	153
4.4 Nas regras da arte: entre letras e ilustrações.....	166
 5 O DIREITO (DEVER) DE RESPOSTA.....	192
5.1 A crítica: dispersa e reunida.....	192
5.2 A Crítica Literária e outros usos da Literatura.....	214
5.3 As Ranhuras da Escrita.....	233
5.4 Narrativas Acadêmicas e o Leito de Procusto.....	247
 6 O ENQUADRAMENTO ESCOLAR.....	264
6.1 Aulas, professores e outras tensões.....	265
6.2 As Edições Didáticas.....	277
6.3 A hora e a vez da didática.....	291
 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	310
REFERÊNCIAS E FONTES.....	319

1 INTRODUÇÃO

O escritor é o geólogo ou o arqueólogo que viaja pelos labirintos do mundo social e, mais tarde, pelos labirintos do eu. Ele recolhe os vestígios, exuma os fósseis, transcreve os signos que dão testemunho de um mundo e escrevem uma história.

Jacques Rancière¹

Genial, brilhante, inovador, criativo. Esses são alguns dos muitos adjetivos que enaltecem a produção literária de Orlando Geraldo Rego de Carvalho² - conhecido como O. G. Rego de Carvalho - que ele próprio fazia questão de expor nas quartas-capas e orelhas de algumas edições de seus livros, com comentários de críticos e literatos. Contudo, ao lado desses predicativos, ainda há outros: polêmico, introspectivo, confuso. Sua introspecção, processada nos “labirintos do eu”, manifesta-se em sua escrita, mas, também, em seu agir ante seus círculos. Como homem público, em razão da circulação e consumo de seus livros, bem como por ser membro da Academia Piauiense de Letras – APL, preferia recolher-se em sua vida privada. Mesmo fazendo parte daquela agremiação literária, buscava se relacionar com alguns que, em tese, compartilhavam dos mesmos interesses, se enclausurando naquilo que Richard Sennet³ chamou de “guetos” ou microcírculos. Isso não é marca unicamente do literato, pois faz parte de uma sociedade cada vez mais intimista. Em seu caso, isso se deu, em certa medida, por seus problemas de saúde e pelas ranhuras intelectuais nas quais se envolveu.

Desses últimos predicativos, o ser polêmico tem sido algo que tem marcado a carreira literária do escritor, desde a publicação de seu primeiro romance, *Ulisses entre o Amor e a Morte*, no ano de 1953. Livro de estreia que, no seio da intelectualidade que tem se autodenominado “piauiense”, causou enorme frisson, por não ser um texto que se assemelhava aos livros publicados pelos romancistas do estado. Não descrever ou versar

¹ RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 38.

² Nasceu em 25 de janeiro de 1930, na cidade de Oeiras, no Piauí. Mudou-se para Teresina, em 1942, onde concluiu seus estudos. Foi membro da Academia Piauiense de Letras – APL, ocupando a cadeira de nº. 06. Foi funcionário do Banco do Brasil, instituição pela qual se aposentou. Publicou os livros *Ulisses ente o Amor e a Morte* (1953), *Amor e Morte* (1956), *Amarga Solidão* (1956), *Rio Subterrâneo* (1967), *Somos Todos Inocentes* (1971), *Ficção Reunida* (1981) e *Como e por que me fiz escritor* (1989). Faleceu em 9 de novembro de 2013, na cidade de Teresina.

³ SENNET, Richard. **O Declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

sobre problemas de cunho geográfico ou natural, como a seca, teria sido um dos principais pontos de estranhamento por parte de vários literatos considerados “piauienses” e “nacionais”. Isso se deu porque “ao contrário da grande maioria dos companheiros de geração, O. G. não se escudou no ‘regionalismo’ para contar ‘causos’ ou escrever prosa de caráter sociológico”⁴.

Logo em seguida, ao negar a existência dessa “literatura piauiense”, o literato colocou em suspeição algo que supunha unidade, formas imediatas e “uma vez suspensas essas formas imediatas de continuidade, todo um domínio, encontra-se, de fato, liberado”⁵. Essa liberação cerca-se, então, de conflitos gerados no interior desse domínio, do campo. Campo esse cercado de agentes que concorrem entre si na sistematização e hierarquização do poder, em um espaço estruturado com relativa e aparente estabilidade. O campo cultural, do qual faz parte o campo literário, é o lugar das relações de força⁶. Relações tais que se manifestam por meio de posições em que seus agentes atuam seguindo regras específicas do campo, onde as disputas se desenrolam.

A narrativa de O. G. Rego de Carvalho está cercada das nuances para além de uma escrita de um escritor “geólogo” e de “arqueólogo”, que busca nos detalhes a expressão do mundo. Sua narrativa está na polaridade da palavra muda, na qual os detalhes remetem a uma potência, que cria estranhezas no campo literário. Em razão disso, o presente estudo tem o objetivo principal de compreender a escrita de O. G. Rego de Carvalho, como é chamado e conhecido, inserida nas tensões de intelectualidade e de (re) constituição das noções de uma “literatura piauiense” e de cânone. Busca-se escavar as “camadas” de conflitos dos discursos, representações e interpretações que se avolumam sobre a sua obra. A tese está centrada em apresentar os principais problemas das (re) leituras da escrita do literato, com destaque para algumas chaves de leituras, como biografia, autor, autoria, obra, livro, leitura, regionalismo, relações de poder e tempo. Chaves essas que se ligam às noções de unidade “que é preciso deixar em suspenso”⁷ para se perceber o complexo campo de discursos.

Ao afirmar, por longo período, que não concordava com a expressão “literatura piauiense”, O. G. Rego de Carvalho suscitou, no seio dos literatos e demais intelectuais, o

⁴ SANTOS, Cineas. A coragem de ousar. Jornal Meio Norte. Teresina, 19/03/1997. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. (Org.). **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 278.

⁵ FOUCAULT, Michel de. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 29.

⁶ BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁷ FOUCAULT, Michel de. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 25

desconforto ligado às condições de pertencimento, pensadas mesmo como identidade. A ideia de uma “literatura piauiense” foi se configurando a partir do século XIX, assim como em outras localidades do país, durante a construção de uma identidade nacional, despertada com a implantação do Império brasileiro. Essa expressão, em boa medida, revela a formação discursiva presente em relações de poder, nas quais estão imersos objetivos de sanar o “esquecimento” dos escritores frente à literatura considerada nacional e conferir poder e prestígio àqueles que se instituem como formadores de tal literatura.

É nesse quadro de relações que os interesses vão se manifestando, perpassando, também, pelo período da República, momento no qual noções de unidade e federação reavivam o debate, sobretudo pelas elites políticas, econômicas e culturais, sobre o que é apreendido como nacional, regional e local. Analisar a obra de O. G. Rego de Carvalho é, também, fazer uma análise da construção histórica da literatura tida como “piauiense”. Questionando a existência da “literatura piauiense”, o literato remete à noção de que a verdade não é uma descoberta, mas que ela é historicamente construída⁸. Dessa forma, tomar o enunciado do literato para fazer aparecer o espaço no qual se manifestam os acontecimentos discursivos, “não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações”⁹. A partir disso, visualiza-se a problemática de se conceber a “literatura piauiense” como integrante de um discurso naturalizado.

Para tanto, foram feitos estudos sobre o seu livro *Como e por que me fiz escritor* (1989); além dos três principais livros do escritor – *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953), *Rio Subterrâneo* (1967) e *Somos Todos Inocentes* (1971); bem como de outras fontes como entrevistas concedidas pelo literato, publicadas em coletâneas; e textos de crítica literária “nacional” e “piauiense”. Em outro momento, ainda são feitas algumas reflexões acerca das ressonâncias da escrita de autores lidos por O. G. Rego de Carvalho em sua forma de escrever e conceber o fazer literário. Além de seus livros considerados principais, ainda foram feitas incursões sobre o livro *Amor e Morte* (1956), que não foi mais reeditado por proibição expressa e consciente do literato, e sobre a novela *Amarga Solidão*, que foi publicada inicialmente no interior de *Amor e Morte*, mas foi reeditada separadamente em 1988.

⁸ Essa é a concepção que norteia o livro de FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

⁹ FOUCAULT, Michel. Op. cit, p. 32.

O recorte temporal está centrado, inicialmente, em 1953, ano da publicação da primeira edição de *Ulisses entre o Amor e a Morte*. Esse romance marca a estreia do escritor, que nutria suas pretensões de fazer parte do campo literário. Esse livro trouxe, em decorrência do que estava em suas páginas, os interesses dos críticos, que ora o consideraram um livro de grande monta, em razão de suas inovações, ora o concebiam como um livro que fugia aos modelos de uma escrita literária entendida como “piauiense”, ou mesmo “regionalista”. O recorte tem como delimitação final o ano de 2007, com a publicação do livro *O. G. de Carvalho: fortuna crítica*, organizado por Kenard Kruel. A partir desse livro, surge a pretensão de dar “sentido”, sistematização e unidade à obra de O. G. Rego de Carvalho, aglutinando traços biográficos, textos de crítica literária, entrevistas com o literato e fotografias. Além disso, o livro envolveu certa polêmica em torno de algumas informações sobre a vida de O. G. Rego de Carvalho, no que se refere aos seus problemas de saúde, bem como suas querelas com a Faculdade de Filosofia, com a Academia Piauiense de Letras e com alguns escritores que fazem análise sobre sua obra. O uso de edições didáticas voltadas, especialmente, para o público estudantil e para os vestibulares contribuem para o elástico desse recorte.

Tal recorte é maleável em virtude de ele ser pensado de acordo com as temporalidades ligadas à produção, à circulação e ao consumo, que incidem sobre os textos, que demonstram traços da memória e da própria temporalidade do autor. Seus depoimentos futuros, assim como as críticas sofridas, contribuem para o alargamento desse intervalo temporal. Além disso, é nesse recorte que se inserem as propostas iniciais de se produzir, em esfera dita nacional, uma “nova literatura brasileira”, que pretendia ampliar os traços tradicionais da escrita literária no país. Nesse sentido, seus livros se inserem em uma perspectiva do “novo” modo de escrever literatura. Os traços (auto) biográficos também atuam para a elasticidade do recorte temporal, visto que o literato é construído e se constrói nas escritas de si.

Tais observações contribuem para alicerçar a justificativa principal da realização desse estudo, pois nas relações entre História e Literatura, duas perguntas iniciais surgiram: O que de diferente pode ser dito nessa dimensão da Literatura? Quais as interfaces entre o autor e o campo intelectual no qual se inscreve? A partir dessas perguntas gerais, outras perguntas norteadoras foram formuladas: Quais os aspectos e características da escrita de O. G. Rego de Carvalho que o levaram a situações entre o reconhecimento e o descrédito? Seria O. G. Rego de Carvalho um escritor “regionalista” ou “moderno”? Como a sua obra tem sido (re) interpretada e representada pelos críticos? O que impulsionou os conflitos e

tensões nos quais o literato se envolveu acerca da chamada “literatura piauiense”? Como a obra do literato contribui para a compreensão da expressão “literatura piauiense” como algo historicamente construído? Como a escrita do literato sinaliza para as discussões acerca da história da literatura?

Assim, esse estudo procurou analisar as condições de atuação de O. G. Rego de Carvalho nos espaços de intelectualidade e a sua relação com os cânones ou campos da literatura, que são fulcrais para a compreensão das especificidades de sua escrita sobre as experiências humanas em cidades do Piauí (Oeiras, Teresina) e do Maranhão (Timon).

A obra do literato se apresenta como o fio condutor para a compreensão dos diferentes aspectos histórico-discursivos da literatura que costuma ser denominada de “piauiense”. Essa perspectiva remete aos mecanismos de invenção dos espaços, como demarcadores de identidades, sendo, assim, indicativos das relações de poder que instauram realidades e verdades. A literatura, assim, surge como possibilidade de análises por se tratar de mais um discurso que não somente representa o real, mas que (re) cria realidades. A literatura tida como “piauiense”, “regional” ou “nacional” faz parte do jogo de relações no qual os discursos são vetores, pois “não se enunciam, a partir de um espaço objetivamente determinado do exterior, são eles próprios que inscrevem seus espaços, que os produzem e os pressupõem para se legitimarem”¹⁰. Os discursos ligados à essa invenção da literatura assinalam e emolduram traços de coletividade, por meio de unidades territoriais, linguísticas e emocionais. Denotam, em parte, a constituição dessas demarcações em processo semelhante ao que foi, e tem sido, a invenção do Nordeste. Os termos “piauiense”, “regional”, “regionalismo” são variantes e decorrentes de tal invenção, assim como “cearense”, “pernambucano” e outros mais, com suas particularidades nessa construção.

Por esse prisma, tais discursos, proferidos por O. G. Rego de Carvalho, bem como sobre ele, tentam instaurar “espaços” ordenados e legitimados na literatura. Funcionam no conjunto de estratégias, que postulam um lugar “capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta”¹¹. É no bojo de tais relações que se manifestam as noções das nomeações tais como “piauiense” e “regional”.

Metodologicamente, o trabalho toma como principais fontes os romances do literato (*Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953), *Rio Subterrâneo* (1967) e *Somos Todos*

¹⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2.ed. Recife: FJN, Ed. Massananga; São Paulo: Cortez, 2001. p. 23.

¹¹ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 46.

Inocentes (1971)) e seu livro de memórias (*Como e Por que me fiz escritor* – cuja primeira edição data de 1989. Como essa edição não foi encontrada, nem mesmo nos arquivos do literato, foi utilizada a segunda edição, de 1994); os livros e textos de escritores que analisam e discutem a obra de O. G. Rego de Carvalho. Artigos contidos em revistas como a *Revista da Academia de Letras*, *Revista Cirandinha*, *Cadernos de Teresina* e *Presença* são os meios de mais vinculação dos comentários da vida literária apresentada como “piauiense”. Pelo caráter da dispersão de artigos que falem sobre O. G. Rego de Carvalho, recorreu-se, em grande escala, a artigos publicados em sites e blogs, como os da Fundação Nogueira Tapety; de Kenard Kruehl e de Francisco Miguel de Moura. Isso se deu com o intuito de obter indícios dos posicionamentos e dos espaços de atuação do literato, observando os conflitos e alcances de sua obra.

A partir dessas considerações iniciais, ressalte-se dizer que a tese está organizada em cinco capítulos interdependentes, nos quais as fontes e as discussões teóricas estão diluídas no intuito de harmonizar as análises. Assim, os capítulos se apresentam em:

Capítulo I, intitulado **Escritas de Si e outros traços biográficos**, no qual são feitas discussões referentes à (auto) biografia e às contradições em se “classificar” a obra de O. G. Rego de Carvalho, em decorrência da instabilidade da crítica literária e da produção literária tidas como piauienses, além dos problemas conceituais como os termos “grupo”, “geração”. O literato, por meio de sua obra, suscita as reflexões sobre o tempo. Sua não aceitação de enquadramentos e sua autobiografia conduzem para o itinerário de expressões de tempos simultâneos. Ainda são apresentadas as ranhuras surgidas entre O. G. Rego de Carvalho e alguns intelectuais que analisaram ou se posicionaram sobre os seus livros e sua postura em relação à literatura “piauiense”. As relações entre a crítica e a escrita do literato na construção das noções de autor, autoria e cânone, que dão indícios para a invenção do “ser piauiense” e da literatura. Nesse capítulo, ainda, há uma análise dos principais livros e textos que analisaram a obra de O. G. Rego, como o livro de Francisco Miguel de Moura, “Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho” e o livro de Kenard Kruehl, “O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica”, que é o marco do recorte final da pesquisa, por se tratar de uma obra que intenta sistematizar a obra de O. G. Rego de Carvalho.

No Capítulo II, **Os rastros da escrita: a invenção da Literatura Piauiense**, problematizam-se a constituição da literatura “piauiense” a partir de narrativas ligadas às imagens da seca e do vaqueiro, bem como de narrativas de ressentimento em decorrência do isolamento do estado, com destaque para aspectos políticos e econômicos. As (re) leituras e análises que alguns literatos e estudiosos fizeram sobre a obra do literato estariam

ligadas à busca de localização da obra do literato nessas tendências. A Academia Piauiense de Letras – APL é analisada por ter sido criada para “defender” e promover o fazer literário e cultural, acentuando os veios da autolegitimação da literatura e as relações de poder. Voltou-se o olhar para a Academia por ter sido espaço de conflito na atuação de O. G. Rego de Carvalho. Além disso, discutem-se as intertextualidades dos livros de O. G. Rego de Carvalho com os autores que ele assume ter lido, tanto nacionais como internacionais. A intertextualidade analisada se deu no sentido de compreender a obra do literato nos limiares da influência, especialmente na complexidade da “angústia da influência”, como propõe Harold Bloom¹². No jogo de negações e confirmações do literato, em relação aos autores e livros que o teriam influenciado, há o imaginário de que reconhecer influências seria admitir a fragilidade do poder criativo. Selecionar os nomes daqueles que se constituíram como as influências “consentidas”, como fala o literato, é gerenciar, também, as escritas de si e as interpretações feitas sobre ele e sua obra.

O Capítulo III, **A Escrita como fronteira ou as Fronteiras da escrita**, aborda os debates acerca dos “regionalismos” e como isso também marca os olhares sobre a obra do literato. Discute, ainda, as dimensões das leituras e escritas intertextuais, tendo como mote de discussão a noção de “angústia de influência” cunhada e defendida por Harold Bloom¹³. São tomados alguns eixos temáticos presentes na escrita de O. G. Rego de Carvalho, em sua interlocução com textos de autores que ele admite terem impactado em sua constituição como leitor. Os principais eixos são a morte, a loucura e o suicídio, que se apresentam como os pontos importantes da narrativa do literato. Tais impactos são tomados nos limiares entre a formação do escritor a partir do leitor, salientando, em certa medida, as suas resistências em admitir os “impactos” como “influência”. Isso remete, também, às questões de autor, autoria e gênio. Nesse capítulo, discutem-se, também, os espaços e cidade, com destaque para as cidades de Oeiras, Teresina e Timon, que são pontos de diferenciação na obra do autor, pois, enquanto os demais literatos e intelectuais falam do Rio Parnaíba, por exemplo, em um tom de enaltecimento e saudade, O. G. Rego de Carvalho fala do rio como prolongamento dos problemas psicológicos dos personagens. No mesmo sentido, quando ele fala de migração de uma cidade à outra, não menciona a seca e a fome como explicações para isso. Isso contribui para que os seus livros sejam vistos como diferentes de uma escrita considerada “regionalista” ou unicamente local. As cidades são lidas aqui, como interfaces entre a história, a memória e a ficção, com destaque

¹² BLOOM, Harold. **A angústia da influência: uma teoria da poesia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

¹³ BLOOM, Harold. Op. cit.

para as noções de espaço, lugar e paisagem, pensadas nas relações de construção do “ser piauiense”.

Discute, em um de seus tópicos, as leituras e interpretações feitas sobre a obra de O. G. Rego de Carvalho, a partir das ilustrações das capas das edições dos livros do autor, além de analisar as dimensões de materialidade temporalidade dos livros do literato. As diferentes edições de seus livros trazem marcas das demandas de produção, circulação e consumo, sobretudo no que se refere à editoração, no fluxo entre as edições feitas pela editora Civilização Brasileira, no Rio de Janeiro, e as edições produzidas pelo Caderno de Letras Meridiano, editora Corisco e, mais recentemente, pela editora Renoir, todas em Teresina.

Dentre essas editoras locais, a primeira fez parte do projeto de atuação literária do Grupo Meridiano, do qual o literato foi membro e líder. A editora Renoir também está ligada ao literato, pois a coordenadora editorial e revisora é sua esposa, a professora Divaneide Carvalho. Há, ainda, as edições em espanhol, do livro *Ulisses entre o Amor e a Morte*, sendo a primeira publicada pela editora da Universidade Federal do Piauí, e as duas últimas pela Oficina da Palavra e pela Fundação Quixote, também todas em Teresina. As edições apontam para as estratégias narrativas expressas desde a capa até a quarta-capa do livro, demonstrando não só as adequações do texto, mas os textos a ele agregados, como os comentários de orelha. No intuito, ainda, de, por meio da materialidade, mapear as aproximações do literato com outros escritores, tomam-se algumas cartas recebidas por ele e as dedicatórias que ele fez em seus livros, endereçadas a alguns intelectuais, funcionando como sua correspondência ativa.

No capítulo IV, **O Direito (dever) de resposta**, são apresentadas algumas discussões a partir das leituras, interpretações e apropriações que intelectuais e críticos fazem da obra do literato e retoma, assim, o debate sobre o “ser piauiense” da literatura. Isso, inclusive, fomentou inúmeros debates de professores e intelectuais sobre o uso do termo “piauiense” e variações, bem como sobre o próprio ensino de tal literatura. Assim, tomam-se algumas observações do literato, objetivando analisar suas posturas sobre o que é pensado acerca de sua obra. Para tal, utilizou-se, fundamentalmente, o livro *Como e Por que me fiz escritor*, de 1994, no qual o autor apresenta uma série de “esclarecimentos” acerca de sua biografia, escolhas e trajetórias como literato. Ele apresenta alguns detalhes de como seus livros foram pensados e as suas considerações sobre a recepção deles por parte da crítica no Piauí e em outros estados do país.

O capítulo V, intitulado **O Enquadramento Escolar**, abordou os aspectos da “literatura piauiense” a partir das dimensões das legislações, das instituições e dos professores no tocante aos mecanismos do ensino da literatura. Nesse ínterim, perceberam-se as propostas e os conflitos acerca da obrigatoriedade do ensino da “literatura piauiense”, além dos debates sobre os usos da expressão, com as sugestões de outra, como “literatura brasileira de expressão piauiense”. Isso, então, retoma as questões que envolvem as identidades da literatura, com explicações e caracterizações partindo de demarcações espaciais ou geográficas. Além disso, abordou as edições didáticas e a didatização da literatura, discutindo como as leituras são direcionadas a partir de roteiros, resumos e questionários, alguns com o objetivo de atender às listagens de livros propostos pelos exames vestibulares. Enveredou-se pelas dimensões da produção, circulação e leituras da literatura, também, como traços da construção do campo literário. Não somente a didatização das obras de O. G. Rego de Carvalho, mas, também, da literatura por meio de outros representantes, apontando para os momentos em que ele não é “lembrado” pela exigência dos exames vestibulares.

Nesse sentido, o estudo que aqui se apresenta intenta seguir uma das bases da narrativa histórica, que se propõe a problematizar e narrar os acontecimentos de uma dada espacialidade e temporalidade e não salvar ou reproduzir memórias dos indivíduos isoladamente. Tomam-se as tensões acerca da escrita e da atuação de O. G. Rego de Carvalho como o fio que conduz ao vislumbre da própria história da escrita literária de seu tempo e de seus contemporâneos.

Como labirintos, a escrita de O. G. Rego de Carvalho conduz para caminhos ainda não conhecidos dos meandros do seu “eu” literário e de seu “eu” como sujeito histórico inserido nos rastros da “literatura piauiense” como noção historicamente construída. Conhecido como escritor dos aspectos subterrâneos, que inspiram o título de um de seus livros, andar pelos labirintos de sua escrita é enveredar-se pelos subterrâneos que ela aglutina. Por esse diapasão, enfrentar esses caminhos entrelaçados é agir não só como geólogo, arqueólogo, literato, crítico ou historiador. É assumir-se como Teseu, da mitologia grega, no intuito de (re) constituir as trilhas enigmáticas de sua atuação literária.

Diante desses instrumentos, resta desejar que o leitor sinta-se instigado a percorrer e viajar pelos tortuosos e instigantes labirintos das escritas “subterrâneas” da e sobre a obra de O. G. Rego de Carvalho. Labirintos que conduzem ao vislumbre de uma escrita que compõe um momento na construção histórica da expressão “literatura piauiense”. Não se trata de chegar aos “subterrâneos” de sua escrita, não só realizar o percurso dos labirintos

do “eu” do literato. É preciso percorrer tais labirintos e subterrâneos sem perder os rumos da análise e da interpretação. Esses labirintos são tomados como uma rede de discursos e verdades que coadunam na (re) construção de noções do fazer e pensar literário, nos quais O. G. Rego de Carvalho é o fio que conduz pelos labirintos dos quais ele também é parte.

Sua obra se inscreve na ligação entre a letra e o tempo, ou melhor, a letra no tempo, visto que a sua escrita, e as ranhuras por ela ocasionadas, são indícios de que, no campo literário, “os limites da letra” só podem ser entendidos na temporalidade em que a escrita é produzida e consumida. Resta, assim, deixar o convite ao leitor para que se aventure nas discussões que a sua escrita cravaram entre a ficção e a história da literatura.

2 ESCRITAS DE SI E OUTROS TRAÇOS BIOGRÁFICOS

[...]não podemos compreender uma trajetória [...] sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis.

*Pierre Bourdieu*²⁷

Os textos, em larga medida, não são uma criação com uma essência inédita. Todo texto mantém interlocução com alguma outra forma narrativa, seja ela textual, imagética, pictórica. Como destacou Michel Foucault²⁸, nenhum texto é uma unidade absoluta e hermética, pois “a obra não pode ser considerada como unidade imediata, nem como unidade certa, nem como unidade homogênea”²⁹. Essa percepção indica que o livro, como elemento constitutivo da “obra” de um autor, está caracterizado por ser o “nó em uma rede”.

Os traços biográficos, conforme as proposições de Pierre Bourdieu, por meio de sua sociologia objetivista, devem ser entendidos como “colocações e deslocamentos no espaço social”. Nesse sentido, as diferentes formas de dizer e escrever produzem sentidos e significações que (re) criam as trajetórias de uma pessoa, em suas múltiplas relações com os espaços nos quais se insere e com os quais dialoga e conflitua. Tal espaço social é o que constitui os pontos dos nós na rede e os textos são indícios dessa conexão. Conforme Gilberto Velho³⁰, os projetos individuais, assim, como os textos *a priori* são concebidos, terão o aspecto de sua interatividade ressaltado, pois mantêm relação com outros projetos, imersos em um campo de possibilidades.

²⁷ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 190.

²⁸ FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

²⁹ FOUCAULT, Michel. Op. cit, p. 27.

³⁰ VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 46.

2.1 Entre o Ser e o Escrever

As obras literárias, como destaca Abel Barros Baptista, estão circunscritas em uma rede de intencionalidades em meio a códigos compartilhados na “inter-relação entre as partes e entre cada parte e o todo, projetando a obra contra a resposta prevista de um leitor hipotético”³¹. Nesse sentido, aspectos (auto) biográficos de O. G. Rego de Carvalho são pertinentes para o vislumbre de sua escrita nos pontos de intersecção de tal “rede”. Muitos elementos podem ser relevantes na compreensão do que venha a ser a obra de um indivíduo, tomando sua vida como ponto de interlocução. Dessa maneira, “pode parecer especialmente difícil acreditar-se nisto quando o interesse é apenas por sua obra, e não pelo ser humano que a criou”³². Por esse viés, pensar a história e a intelectualidade, a partir da escrita do literato nascido na antiga capital piauiense, é atentar para o aspecto de que a “relação do texto com o real constrói-se de acordo com modelos discursivos e recortes intelectuais próprios a cada situação de escritura”³³. Situação tal que não se dá pelas harmonias, mas, principalmente, pelas tensões e (des) encontros de ideias e conceitos que são vinculados no seio de um campo intelectual.

Mais que a simplista postura de negar a existência do autor, Foucault amplia essa noção, asseverando quatro características básicas do que ele denominou de função autor. Sendo a quarta característica a que determina a função autor como a possibilidade de distinção entre os vários “eus” que cada indivíduo pode assumir na obra. Traçar um percurso pela vida do escritor é tentar localizar de que forma esses “eus” vão se constituindo anteriormente e ao longo de sua obra.

Assim, pensou-se como a escrita de si constrói a imagem do autor, imagem que pretende convencer os leitores, mas nunca consegue, visto que a imagem criada pela leitura possui traços independentes das intencionalidades do autor. Partindo da premissa de que para compreender a obra de um autor se faz necessário adentrar em certos aspectos de sua vida, é que algumas incursões foram feitas na vida do literato piauiense. Isso não foi realizado como um trabalho que cria ou reforça a dicotomia entre autor e obra. A proposta foi a de enveredar por suas relações com os espaços de intelectualidade e as maneiras e

³¹ BAPTISTA, Abel Barros. **Autobiografias**: solicitação do livro na ficção de Machado de Assis. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2003, p. 189.

³² ELIAS, Norbert. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 10.

³³ CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002, p. 56.

estilos de escrever sobre a cidade, os espaços, as relações humanas, os sentimentos, em suma, sobre a vida. Isso remete às reflexões que sinalizam que “a palavra ‘obra’ e a unidade que ela designa são provavelmente tão problemáticas como a individualidade do autor”³⁴. Buscar relações entre autor e obra é pensar nas implicações que intentam superar os extremismos de pensar a escrita por critérios unicamente internos ou externos ao texto.

Para falar de sua trajetória como escritor, o literato recorre a vários momentos de sua vida, apontando algumas circunstâncias de suas experiências como escritor. Pensar a trajetória do escritor, conforme assevera Bourdieu³⁵, é levar em consideração as infinitas relações envolvidas em tal percurso, atentando para o conjunto de agentes que constituem determinado campo intelectual. E, em tal travessia literária, há os elementos de sua constituição como autor, nas relações entre a escrita, a publicação, a circulação, o consumo e, sobretudo, as leituras de seus livros.

No momento da primeira edição de *Como e por que me fiz escritor*, no ano de 1989, o literato já gozava, em certa medida, de reconhecimento, pois já era um escritor lido. No final da década de 1980 e início da de 1990, os seus três livros já estavam com mais de quatro edições, demonstrando que seu consumo era significativo. É desse lugar, de escritor já conhecido, que fala o literato. Vale lembrar que o livro *Como e por que me fiz escritor* foi a publicação impressa de sua palestra proferida no II Seminário de Autores Piauienses, ocorrido na Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, no ano de 1988, publicado no ano seguinte. A palestra assumiu o sentido de não só falar das motivações para se tornar escritor, mas “corrigir” ou “rebater” as leituras feitas sobre sua obra, com as quais ele não concorda.

Seguindo tal lastro, é que se destaca que as aventuras de O. G. Rego de Carvalho, no universo das letras e da literatura, conforme ele mesmo, tiveram início ainda na infância. Momento que, segundo ele próprio, já expressaria um dos seus traços mais característicos como escritor: o tom dramático. Além disso, temas como a morte e solidão já davam seus lampejos de que seriam recorrentes na sua escrita. Isso fica claro na seguinte fala:

Eu me lembro de que o primeiro trabalho que eu publiquei foi até um artigo de fundo sobre o descobrimento da América e terminava de uma forma que já antevia o escritor dramático que eu haveria de ser. Eu dizia assim, no fim, que Colombo, apesar de ter levado o ouro da América para

³⁴ FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 4. ed. Portugal: Veja/Passagens, 2002, p. 39.

³⁵ BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte:** gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

o reino da Espanha, tinha morrido pobre e abandonado por todos. Essa tônica, Colombo pobre e abandonado por todos, que não deixa de ser uma forma de romantismo, já eu tinha aos 10 anos de idade, sem consciência de que ia ser escritor.³⁶

O que está em jogo, nessa ênfase feita por ele, é o esforço de demonstrar que suas marcas literárias teriam uma espécie de essência. Sua “genialidade” é ressaltada de maneira a não parecer sua auto-exaltação, pois sua carreira de escritor, segundo ele, teria sido algo que aconteceu ao acaso, por acidente. Não se pode deixar de destacar que se trata de um discurso de alguém que pretende se legitimar, ou seja, é uma escrita de si.

Sua escrita não está dissociada de suas relações familiares. Sua erudição e seu apego às tradições de uma escrita culta têm suas bases na sua história familiar. Seu estilo pautado em uma escrita normativa rendeu-lhe inúmeras críticas, rotulando-o de “refém da gramática”. Para ele, o apego a uma escrita “gramatical” seria resultado das trajetórias familiares, de seus contatos com leituras que, desde a infância, lhes eram comuns. Ele diz, em entrevista de 1982, o seguinte:

Ainda sobre esse aspecto da linguagem, vou fazer outra confissão: eu nasci numa família que tem uma certa ambição de nobreza, de grandeza: tenho ancestral que foi barão do Império, tenho ancestrais ligados à colonização do Piauí, gente educada em Portugal: é Ribeiro Gonçalves, é Barbosa de Carvalho; é Coelho Rodrigues...De forma que a gente se deixa influenciar também por esse tipo de coisas.³⁷

A linguagem não se trataria somente de um recurso estilístico ou estético em sua narrativa. A linguagem seria condição de expressão de sua vida. Fazendo referências à “ambição de nobreza” de sua família, o escritor piauiense tenta localizar social e historicamente sua escrita. A história é retomada pelo autor como uma forma de ter no presente as raízes de um passado glorioso. Uma glória que remete a grandes periodizações da história nacional. São indicações de um passado mais longínquo e que, para alguns críticos, não explicariam em nada sua aproximação com a erudição e com leituras diversas. Por essa razão é que ele prossegue:

³⁶ CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 28.

³⁷ CARVALHO, O. G. Rego de. O. G. Rego de Carvalho. Entrevista concedida a Cineas Santos. Teresina: **Revista Presença**, p. 20, Set/Nov de 1982.

Meu pai, por exemplo, era apenas comerciante, mas lia em francês e vivia a corresponder-se com um ilustre professor que morava em Simplicio Mendes, Da Costa Andrade, que era amigo de Jorge Amado. Os dois trocavam livros, discutiam obras, comentavam as novidades. De tudo isso, ficou também alguma influência.³⁸

Algo de interessante nessa observação sobre a capacidade intelectual de seu pai não é apenas chamar atenção para o seu contato com o “ilustre professor”, que, para ter sua importância legitimada, é mencionado como amigo de Jorge Amado. Seria uma tentativa de legitimidade por derivação e não por merecimento. O escritor busca indícios de sua genialidade por meio da genealogia. Ainda sobre essa dimensão da genialidade, O. G. Rego de Carvalho se posiciona na tentativa de distinguir um gênio de um louco. Para ele,

Loucura é mesmo alienação mental. Mas isso não impede que conviva com a genialidade, que é também uma forma de exacerbação da personalidade. Segundo Aristóteles, não existe nenhuma grande obra sem uma ponta de loucura. E eu, de mim, antes de conhecer o filósofo, já contestava a razão na literatura, pois, se serve de esteio aos pensadores, é a morte do artista.³⁹

Mesmo fazendo referência a Aristóteles, ele faz questão de enfatizar seus posicionamentos, para não endossar nenhuma possibilidade de filiação teórica ou narrativa. A pergunta que foi feita por Pompílio Santos⁴⁰, e respondida acima pelo escritor de *Ulisses entre o Amor e a Morte*, está ligada às especulações feitas pela crítica da época, que dizia que a loucura não era apenas tema desenvolvido nas obras do escritor, mas era a manifestação da própria condição de esquizofrenia de O. G. Rego de Carvalho. A crítica reforçava essa especulação com o intento, mesmo que velado, de desabonar as qualidades de sua escrita, especialmente a genialidade que a ele começou a ser atribuída. Para ele, qualquer tipo de alienação não impediria o despertar da genialidade. Esse misto de genialidade e loucura o acompanhou durante sua atuação em algumas instituições.

³⁸CARVALHO, O. G. Rego de. O. G. Rego de Carvalho. Entrevista concedida a Cineas Santos. Presença. Teresina. set/nov/1982. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 325.

³⁹ CARVALHO, O. G. Rego de. Romancista O. G. Rego de Carvalho. Entrevista concedida a Pompílio Santos. Jornal O Estado. Teresina. 21,22/12/1975. Reproduzido: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 316.

⁴⁰ Jornalista e Presidente da Associação Brasileira de Escritores – Secção do Piauí. A ABE-PI funcionou de 1947 a 1950. O. G. Rego de Carvalho foi membro dessa associação, mas logo foi desligado dela por não concordar com as formas de ingresso de membros.

Nesse sentido, nos rastros de sua tentativa de fugir de qualquer tipo de filiação ou vinculação, destaca-se outra dimensão da vida do autor piauiense, que se refere a sua relação com o Banco do Brasil, órgão no qual trabalhou e pelo qual se aposentou. Muitos literatos, ao longo da história da literatura brasileira, quase sempre se utilizaram de recursos e espaços cedidos por instituições várias para a produção ou divulgação de suas obras. O. G. Rego de Carvalho comenta essa passagem de sua vida como algo que não pode ser confundida com sua constituição como autor. Para ele, não haveria espaço para as duas dimensões, para duas “vidas”. Não era possível misturar duas realidades, que, segundo ele, eram de matrizes diferentes.

O. G. Rego de Carvalho pretendia ter sua obra reconhecida de forma “independente”. Sua escrita deveria ser valorizada pelo seu teor, pelo seu alcance, pelas sensibilidades que intentava despertar. Não queria ter sua escrita balizada pelo peso de uma instituição, ainda mais de cunho financeiro e de tão grande reconhecimento como o Banco do Brasil. Isso não significa que o escritor piauiense não tenha o seu respeito e seu agradecimento ao banco, pelo contrário, ele é profundamente grato. Por outro lado, sua escrita está ligada à sua vida, às suas relações com o mundo e com os espaços de produção intelectual, como ele faz questão de ressaltar:

Eu escrevi “Ulisses entre o Amor e a Morte” dos 19 aos 23 anos de idade. E todo primeiro romance do escritor é um romance autobiográfico, não há por onde fugir. Por isso, há muito da minha vida pessoal nessa obra. O pai do personagem morre no começo do livro. A família se muda para Teresina, como aconteceu na minha vida.⁴¹

O caráter autobiográfico não desabona o texto do escritor, assim como, provavelmente, não o torne melhor que outros textos. Deve ser visto como mais um traço que constitui a escrita do autor. Entretanto, O. G. Rego de Carvalho faz questão em enfatizar que “todo primeiro romance do escritor é um romance autobiográfico” para rebater as críticas que seu texto sofreu inicialmente. Críticas que partiram dos especialistas piauienses, que esperavam, de certa maneira, um texto com traços mais regionalistas. Em grande medida, o livro contrariava tal expectativa, pois era de teor autobiográfico, alicerçado nas dimensões psicológicas. Tem-se, nesse momento, o começo dos impasses entre o autor e os espaços de intelectualidade.

⁴¹ CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 38.

Como problematizar a autobiografia como uma escrita de si? De que maneira elementos mnemônicos compõem possibilidades de compreensão das experiências de uma pessoa? Uma das saídas, que não é a mais simples ou definitiva, é tomar a autobiografia como sinalização de práticas discursivas que se instauram em meio a configurações e aspectos sócio-históricos. As autobiografias, como memórias e como discursos, apresentam, em meio aos silenciamentos, indícios para as leituras de temporalidades e espacialidades. Há que se atentar que no universo das narrativas autobiográficas se entrecruzam “realidades”.

Tomando-se a autobiografia como estilo ou marca da narrativa de O. G. Rego de Carvalho, sobretudo em seu livro *Como e por que me fiz escritor* (1994), é pertinente lembrar as discussões levantadas por Philippe Lejeune⁴², quando destaca a complexidade que envolve os textos autobiográficos e as biografias, de maneira geral, especialmente no que se refere às conceituações e aplicabilidades desse gênero narrativo. Ele lembra que, *a priori*, a autobiografia pressupõe um total compromisso e expressão da verdade e da realidade. Contudo, tal compromisso não pode ser encarado como o alcance inquestionável da verdade em si. Mesmo a autobiografia indicando o atestado que o autor apresenta para as informações e comentários sobre si mesmo, há várias dimensões de discurso, memória, temporalidade, realidade e verdade que devem ser analisadas pelos pesquisadores no intuito de não tomar o texto autobiográfico como o fato real, como o vivido em sua apresentação verídica e imaculada.

Para Lejeune, o pacto autobiográfico se caracteriza pela identificação entre o autor, o narrador e o personagem principal, o que, no caso de O. G. Rego de Carvalho, pode ser visto, ora com mais, ora com menos intensidade em seus livros, sobretudo tomando *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953), que é, para muitos críticos, e em certos momentos para o próprio autor, o seu livro mais “autobiográfico”. Contudo, O. G. Rego de Carvalho, em geral, não aceita os comentários que dizem que seus livros são somente autobiográficos. Vale enfatizar que, lembrando alguns elementos, segundo Lejeune, que constituem o pacto autobiográfico, nem todos estão presentes nos romances de O. G. Rego de Carvalho, especialmente no tocante ao item que fala da identificação entre autor e narrador, sendo que o narrador é protagonista, ou seja, conta a história e participa dela. Por esse aspecto, é mais pertinente dizer que o texto autobiográfico *Como e por que me fiz escritor* (1994), muito embora não se trate de um romance propriamente dito, apresenta um conjunto de

⁴² LEJEUNE, Philippe. **O Pacto autobiográfico**: de Rosseau à internet. Belo Horizonte: EDUFMG, 2008.

narrativas memorialísticas, bem como orientações de como “ler e interpretar” sua obra. O pacto autobiográfico em O. G. Rego de Carvalho dar-se-á na fricção dos elementos presentes nos seus romances e no seu livro de memória, *Como e por que me fiz escritor*. Nos romances estão presentes as experiências dos personagens, que são identificados com o autor na medida em que as memórias e a vida dele são apresentadas por ele mesmo ao se explicar como se tornou escritor.

Nesse sentido, o pacto autobiográfico surge não diretamente em seus romances, mas no momento da aproximação deles com seus outros textos, assim como em suas falas e entrevistas. A partir de tal contato entre romances e memórias surgem alguns aspectos da autobiografia em O. G. Rego de Carvalho, visto que esse gênero se trata de uma narrativa introspectiva, na qual a pessoa que realiza a escrita está implementando uma reflexão sobre suas experiências, desde as mais íntimas até as mais públicas. Isso não quer dizer que a “obra completa”, ou cada livro específico, seja autobiográfico, mas ela constitui indícios que ajudam a compreender traços da autobiografia. As experiências do autor são mescladas entre a sua intimidade como adolescente, algo presente em seus três principais romances, especialmente em *Ulisses ente o Amor e a Morte* (1953), e sua vida como escritor e suas relações com o universo da intelectualidade piauiense e nacional.

O que se pretende dizer aqui é que o pacto autobiográfico não está facilmente disposto na obra de ficção do escritor, pois, como adverte Lejeune, não é fácil conceituar a autobiografia, nem é fácil, também, propor uma fórmula ou esquema hermético para sua análise. A autobiografia se dá nos enlaces do texto, do autor, do leitor e das temporalidades que engendram tal relação. É preciso descobrir os limites em se transitar nas páginas da vida de seus romances e na ficção de suas memórias, pois nos romances podem existir - não necessariamente - inúmeros traços da memória e de sua vida, bem como nas memórias há traços de ficção, ou melhor, de seleção, pois a memória é seletiva.

Tanto em seus romances, como no livro de memórias, aparecem características do texto autobiográfico. Isso pode ser visto no enredo do romance autobiográfico que não se baseia no “curso típico e normal de uma vida, mas em momentos típicos e fundamentais de qualquer vida humana: o nascimento, a infância, os anos de estudo, o casamento, a organização de um destino humano, os trabalhos e as obras, a morte, etc”⁴³. A dimensão autobiográfica, desse modo, não pode ser pensada fora das suas referências a certas características do ser humano. Características como a infância, anos de estudo e a morte

⁴³ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 231-232.

estão presentes em *Ulisses entre o Amor e Morte* (1953) e em *Rio Subterrâneo* (1967), mas que são tomadas como sendo de matriz autobiográfica a partir das memórias e comentários feitos em *Como e por que me fiz escritor* (1994), que, por sua vez, traz as características dos trabalhos e das obras de um romance autobiográfico. Com isso, as argumentações de Lejeune sobre a complexidade de definições e caracterizações da autobiografia se acentuam, pois tal gênero se manifesta nas redes narrativas e nas tramas da textualidade.

A escrita de O. G. Rego de Carvalho, em seus romances, flerta com a autobiografia sem a ela se entregar passivamente. As projeções de si e de sua imaginação, como ele mesmo diz em algumas de suas entrevistas e em seu livro de memórias, alimentam as possibilidades de interpretação, sem, contudo, perder de vista as suas intenções de “controle” ou autorização das leituras que são feitas sobre seus livros. Por esse diapasão, buscar a lógica da autobiografia como obra de arte do campo intelectual e literário “é tratar essa obra como um signo intencional habitado e regulado por alguma outra coisa, da qual ela também é sintoma”⁴⁴. Tal intencionalidade não se refere unicamente aos desejos do artista, do literato, pois há os elementos presentes e atuantes do campo artístico, que, mesmo sendo criticado ou negado, ainda assim é um dos pontos de partida e de compreensão da obra produzida. Contudo, é mister ponderar que, mesmo mediante os ditames sociais e da realidade, tal “realidade com a qual comparamos todas as ficções não é mais que o referente reconhecido de uma ilusão (quase) universalmente partilhada”⁴⁵. A realidade, como referente para a ficção, é experimentada e (re) construída, inclusive, pela própria ficção, em um sentido de referência e de criação, tendo, nessa relação, os jogos e as “regras da arte”. É nessa fricção entre real e realidade, referente e representação, escrita, leitura e interpretação, produção, circulação e consumo que se inscrevem as dinâmicas do campo intelectual e artístico.

Por tal razão, ao escrever sua autobiografia, mesmo que diluída em seus livros, O. G. Rego de Carvalho intenta recriar a si mesmo, conduzindo, inclusive, as imagens, ideias e pensamentos que são feitos sobre ele e sobre sua escrita. Nessa dimensão de realidade e de ficção imbricadas, a dimensão autobiográfica da escrita de O. G. Rego de Carvalho se instaura. Significa dizer que a autobiografia se insere, também, nos atravessamentos de identidades e temporalidades, pois seria o ato do pensamento, em sua fase de colocar em julgamento as ações e experiências, como uma tentativa de retomada do tempo e

⁴⁴ BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13-14.

⁴⁵ BOURDIEU, Pierre. Op. cit, p. 50.

preenchimento das lacunas deixadas. A autobiografia busca, também, certa lógica para o “caos” das vivências de uma pessoa, norteando, dessa forma, os olhares e leituras que são feitas sobre o autor e sua obra. Limites de interpretação, ou interpretação direcionada, podem ser objetivos de autobiografias, pois organizam a vida de alguém em uma sequência narrativa.

Por tal prisma, a escrita de O. G. Rego de Carvalho está composta, como qualquer discurso e texto, de realidades concorrentes entre si. Realidades próximas às experiências vividas do escritor e realidades que se referem aos seus desejos. Isso é ainda mais tônico no que tange aos textos literários, especialmente os do literato em análise, que falam de seus livros como carregados de linhas autobiográficas, mas que não o são somente isso.

“Muita gente lê os meus livros e pensa que tudo é autobiografia”⁴⁶. Questionando essa postura em relação aos seus romances, ele assim diz: “Mas eu não escrevi minha autobiografia. Eu fiz foi um romance, dando ao que escrevo uma sensação de realismo tal que o leitor tenha a impressão de estar lendo algo real, embora haja um simbolismo”⁴⁷. Ele tece uma defesa da literatura por ele feita, buscando enfatizar suas diferenças de um relato. Essa sua defesa, em princípio, contrariaria o seu próprio discurso, pois, ao se referir a *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953), admite que se trata de um texto de um romance autobiográfico. Isso levou os leitores, especialmente os críticos, a enquadrarem todos os seus romances como sendo autobiográficos.

Mas como a autobiografia é valorizada ou não em determinada circunstância? No instante da publicação da primeira edição de *Como e por que me fiz escritor*, em 1989, a autobiografia, pelo menos a do literato, parecia ser importante para os críticos e intelectuais. Para O. G. Rego de Carvalho,

O que falta na maioria dos autores do Piauí é esta sinceridade. É esta coragem de expor as dores, os pensamentos, aquilo que está lá dentro, no abismo da nossa mente, e os nossos fantasmas. Todos nós temos fantasmas e precisamos exorcizá-los de vez em quando, expondo-os na obra de arte.⁴⁸

Mais uma vez o romance do escritor se aproxima de seu teor autobiográfico. Então por que ele não diz que sua obra é autobiográfica? Admitir que seus livros são

⁴⁶ CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 43.

⁴⁷ CARVALHO, O. G. Rego de. Op. cit. p. 44.

⁴⁸ CARVALHO, O. G. Rego de. Op. cit. p. 45.

autobiográficos seria admitir sua pouca habilidade criativa, pois, no imaginário do campo artístico, o bom artista (escritor) seria aquele que busca fora de sua “realidade” os motivos de sua narrativa. Não se pode atribuir à autobiografia toda e qualquer manifestação da psique humana. Expressar ideias, pensamentos, angústias é comum aos homens e isso significaria, então, que cada ser humano produz sua autobiografia. O ato de falar, de vestir, de andar, de gesticular são externalizações de pensamentos, o que seria também uma autobiografia. São precisos mais elementos para que ela seja vista como uma categoria de (re) construção ou arquivamento de si.

O literato percebe a vinculação de um escritor a uma escola literária ou a uma geração como um mecanismo que trata o tempo de forma linear. Seus livros, como ele afirma, são realizações que se opõem ao tempo linear. Essa postura “combativa” em relação ao tempo se assemelha ao combate travado por Henry Miller. De acordo com Daniel Rossi e Edgar C  zar Nolasco, “o empreendimento milleriano é um grande combate travado contra todas as transcend  ncias: e a maior delas, a que nos coloca em uma ordem e possibilita a experiência: o Tempo”⁴⁹. No entanto, o combate se d   contra o tempo linear e cronológico, sendo, então, o objetivo de Miller o “tempo livre, liso: espaço nômade de muta  o”. O. G. Rego de Carvalho busca um “tempo livre” para pensar a si mesmo e a sua obra. Ele afirma:

Eu entendo que a vida de uma pessoa não começa nem termina com morte; antes houve o feto, depois haverá a repercussão da morte dele, na família e na sociedade. O romance, como concebo, não    senão um fragmento da vida. Ele não pega a vida inteira, e onde quer que ele termine, termina bem. Meus livros não têm, a rigor, nem começo nem fim.⁵⁰

O “todo caótico” dos livros do literato não indica incoerência, são não há a restri  o por parte de “uma ordem imutável nos assuntos humanos”⁵¹. *Rio Subterrâneo* (1967), por exemplo, tem sido interpretado pela crítica como um livro sem linearidade, pois seus capítulos não seguem uma cronologia.

⁴⁹ ROSSI, Daniel; NOLASCO, Edgar C  zar. Tempo liberado? Ubiquidade temporal em Trópico de Câncer. In: I ENCONTRO DO GRUPO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DE LITERATURA E TEORIA LITERÁRIA – MOEBIUS. *Anais*. Dourados, MS: UFGD, 2010, p. 09.

⁵⁰ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Menezes Y Moraes. *Jornal O Dia* (Caderno Dois). Teresina, 18, 19/02/1973. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodiaco, 2007, p. 310.

⁵¹ ROSSI, Daniel; NOLASCO, Edgar C  zar. Op. cit, p. 03.

Quando Orlando Geraldo Rego de Carvalho passa a usar a abreviação, um nome artístico-literário, ele está se inscrevendo em outra dimensão de existência. Tal situação interliga identidades, aquela que se vincula entre o sujeito e aquela ligada ao autor. Ademais, é possível pensar que o nome próprio, em sua proliferação como nome também artístico agrega elementos “através dos quais o dizer está no seu limite, o mais próximo do mostrar”⁵². Ou seja, no processo mesmo de “surgimento” do literato no âmbito da “literatura piauiense”, a prática do jogo com o nome próprio dá corpo aos discursos de (re) constituição do sujeito, em uma outra representação. Dessa maneira, o dizer, por meio da escrita, ou mesmo pela fala, do nome do escritor, como autor, assume a forte tendência de que o mostrar, em várias situações, substitui o significar. O sujeito Orlando não deixa de existir, a não ser com sua morte física. Ele é (re) significado no intuito de apresentar, de mostrar um outro viés de tal sujeito. O sujeito Orlando cede espaço para que o nome, a figura O. G. possa viver para além da finitude material do próprio Orlando.

“O. G.” tornou-se um personagem sobre o qual intrigas e mistérios começaram a surgir acerca de sua escrita e sobre a sua própria vida e isso se manifesta nas nuances de sua (auto) biografia. Há o trânsito entre os traços e elementos de um nome próprio a outro, ocorrendo, de maneira gradativa, certa prevalência do personagem, o que não significa o completo fim da individualidade, que existe como referência para que o personagem possa se legitimar. Isso se explica, em parte, pela condição primeira da produção, pois não há personagem, não há nome artístico, se não houver previamente aquele que cria. Ao passo que a individualidade (sujeito) engendra a existência do personagem (nome artístico), este garante que aquele não se perca no esquecimento oriundo do fim material do corpo. Ocorre, nessa relação, a circularidade, uma troca entre esses dois “sujeitos” que compõem a autoria do escritor.

Assim, O. G. Rego de Carvalho intenta superar o tempo linear, realizando o entrecruzamento de temporalidades, nas quais há a “morte” do sujeito ao passo que fortalece o “nascimento” do sujeito autor. O nome próprio artístico-literário tem a função de localizar no passado uma espécie de marca, de emblema, de símbolo, através do qual a obra seja pensada por um nome e, de tal maneira, que o sujeito seja eternizado pelo seu correspondente artístico. A “arrumação dos ausentes”, mencionada por Michel de Certeau, destaca que a arrumação não se dá com os corpos físicos, mas com os elementos discursivos que se dão a “mostrar” sobre o passado, ou seja, como a escrita acaba por

⁵² CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011, p. 109.

domesticar o passado. Trata-se, em grande medida, de falar da “arrumação dos ausentes presentes”, pois, ao remeter a um sujeito, o nome artístico faz algo semelhante, visto que o nome artístico-literário do escritor piauiense cria laços entre o sujeito (Orlando Geraldo Rego de Carvalho), o autor (O. G. Rego de Carvalho) e o leitor (que varia no tempo e no espaço, a partir de circunstâncias políticas, econômicas, educacionais, culturais, sociais). Mais que isso, o nome busca lidar com outro passado, pois o nome artístico-literário se propõe como o “novo” que cria um presente, uma “nova pessoa”. Isso “instaura uma relação didática entre o remetente e o destinatário”⁵³, que é o leitor, seja qual for a situação ou a temporalidade.

O. G. Rego de Carvalho, como nome artístico, é o simulacro de uma morte que ainda não se processou fisicamente, mas que, inevitavelmente, isso acontece com qualquer ser vivo. O nome próprio artístico é a antecipação dessa morte para que a escrita possa nascer sem a necessidade primeira da morte do corpo. É o cruzamento dos tempos, o futuro se instaurando no presente e relacionando um passado.

Traçar a biografia de uma pessoa é notar que a “biografia visa a colocar uma evolução e, portanto, as diferenças”⁵⁴ que se manifestam não somente ao longo da vida, mas, principalmente, as diferenças dela com as demais. A biografia, então, cria suportes que tornam a pessoa como única, mas que apresenta traços que a aproximam das demais que fazem parte do mesmo grupo ou que compartilham de ideias ou de práticas relativamente comuns ou semelhantes. É no destaque das diferenças que se percebem não só as exclusões, mas as inclusões da pessoa no grupo e na sociedade, ou seja, a biografia revela as tensões entre as diferenças e semelhanças. Nessa perspectiva, quando O. G. Rego de Carvalho relata, por meio da (auto) biografia, suas origens e interesses como escritor, ele pontua as diferenças que o aproximam e o distanciam dos demais sujeitos no campo da intelectualidade “piauiense”.

Por tal razão, mas não somente por isso, é que a História se aproxima da Literatura, ou mais especificamente, da produção intelectual. A História, no sentido mesmo da pesquisa e da prática escriturística, está circunscrita pelo lugar que define seus procedimentos. O historiador está indissociavelmente ligado a um corpo (técnico, acadêmico, institucional). De maneira análoga, a escritura nos espaços de intelectualidade pode ser pensada e visualizada na imersão no corpo que a legitima. Quando a prática

⁵³ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011, p. 109.

⁵⁴ CERTEAU, Michel de. Op. cit, p. 297.

historiográfica ou literária oscila muito para “fora” desse corpo é o sinal de que ou o fazer está destoante, ou a historiografia, tal qual a escrita literária, precisa repensar as suas metodologias. É na aparente cisão entre o que é “permitido” e o que “proibido” pelo lugar de partida da pesquisa, da narrativa e dos discursos, que a escrita e atuação de O. G. Rego de Carvalho irrompem, vistas, *a priori*, como subversão ao lugar institucional e intelectual.

São os jogos e disputas das permissões e proibições que definem, em parte, os espaços de produção, circulação e consumo da obra do escritor. O. G. Rego, mesmo sendo visto como um excelente escritor, pelo menos posteriormente aos seus primeiros textos, carrega o “estigma” de ser um escritor que não aceita os limites do “lugar”. Não só no sentido do texto, mas nos espaços físicos, como é o caso da Academia Piauiense de Letras, lugar do qual faz parte, mas lugar com o qual o escritor manteve uma relação entre o respeito e as discordâncias. A escrita do literato se envereda nos meandros da história da escrita literária piauiense, da própria história, pois “a articulação da história com um lugar é a condição de uma análise da sociedade”⁵⁵. As análises que surgem a partir dos atos narrativos⁵⁶ de O. G. Rego de Carvalho são invariavelmente enredadas pelas relações sociais e institucionais às quais remetem.

Para olhar a vida do escritor O. G. Rego de Carvalho é preciso considerar que sua vida se inscreve na vida de um grupo, seja de intelectuais, seja de leitores-consumidores. Como ressaltava Michel de Certeau, essa vida faz supor “que o grupo já tenha uma existência”⁵⁷. Mas “o grupo” não tem existência já determinada. O “grupo” vai se fazendo por aqueles que vão fazendo o grupo existir. Nesse sentido, está na vinculação entre a imagem do escritor e o lugar que ele ocupa. A escrita de O. G. Rego de Carvalho, vista em sua inteireza entre o escrito e a atuação do escritor, dão os indícios para a visualização dos espaços de sua circulação como intelectual. Assim, “o próprio itinerário da escrita conduz à visão do lugar: *ler é ir ver*”⁵⁸. Na leitura dos textos produzidos pelo escritor, é possível chegar às tensões que tal escrita impulsionou e que dariam, de certa forma, elementos para a constituição de sua identidade como autor.

A loucura apresentada na narrativa dos livros de O. G. Rego de Carvalho sinaliza para uma realidade e uma temporalidade nas quais os comportamentos alienados não eram considerados como uma preocupação de saúde pública ou com vieses humanistas. Nesse

⁵⁵ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011, p. 64.

⁵⁶ Por “atos narrativos” compreendem-se não só os textos publicados em livros, mas aqueles de jornais, revistas, além de entrevistas e discursos que constituem o pensar do literato sobre o fazer literatura.

⁵⁷ CERTEAU, Michel de. Op. cit, p. 292.

⁵⁸ CERTEAU, Michel de. Op. cit, p. 302.

sentido, não se pode analisar a loucura presente em sua escrita sem atentar para as configurações históricas do período de localização da escrita. Dessa maneira, “o sentido de um elemento, na verdade, não é acessível senão através da análise de seu funcionamento nas relações históricas de uma sociedade”⁵⁹. Por essa perspectiva, a história não começaria senão com a “nobre palavra” da interpretação. Nesse sentido, a interpretação faz parte do trabalho do historiador, que faz, mediado pelas técnicas inerentes ao seu labor, o objeto ter significações. Essa mesma interpretação é retomada nas análises que são feitas sobre a escrita de O. G. Rego de Carvalho, seja sobre a forma, seja sobre o conteúdo. Tal interpretação se materializa, em grande parte, naquilo que dá voz ao papel da crítica literária, mas não impedindo as representações que também são feitas pela dimensão parceira da imagem, da arte, no que se refere às ilustrações das capas dos livros do literato. Dessa forma, a interpretação está no falar, no escrever, no sentir, ou seja, no representar a narrativa do autor, pois sem a interpretação, a própria literatura deixaria de expressar uma de suas principais características, que são as possibilidades. Contudo, no universo da história, assim como no âmbito da produção literária e da crítica literária, as interpretações não devem, e não podem, estar dissociadas dos aspectos técnicos, representados, em demasia, pela metodologia.

É importante pensar que O. G. Rego de Carvalho, ao repensar sua trajetória por meio da autobiografia, coloca-se no seio de uma prática que está presente em outros escritores, como, por exemplo, José de Alencar e Gilberto Freyre. O primeiro escreveu *Como e porque sou romancista*, escrito em 1873 e publicado em 1893; o segundo publicou *Como e porque sou e não sou sociólogo*, em 1968. Alencar, em forma de carta, fala que o seu texto remete a “alguns pormenores dessa parte íntima de nossa existência, que geralmente fica à sombra, no regaço da família ou na reserva da amizade”⁶⁰. Freyre, pedindo licença aos literatos, diz-se, no somatório de suas “identidades” como sociólogo e antropólogo e também como não sendo. Ele mesmo faz referência a esse tipo de texto, o autobiográfico, mencionando que isso já havia sido feito por José de Alencar e diz que, diferente do se dizer romancista, dizer-se sociólogo não era tão fácil⁶¹. O. G. Rego de Carvalho também menciona o livro de José de Alencar:

Esse tema como e por que me fiz escritor não é novidade. Já no século passado, José de Alencar escreveu um livro – que não li – chamado

⁵⁹ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011, p. 314.

⁶⁰ ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista**. Campinas, SP: Pontes, 2005, p. 11.

⁶¹ FREYRE, Gilberto. **Como e porque sou e não sociólogo**. Brasília, DF: Editora da UnB, 1968, p. 41.

“Como e por que sou romancista”. José de Alencar escreveu esse livro para contestar a crítica que se fazia a ele, dizendo que era um escritor poético. José de Alencar não gostava dessas comparações, não. E dizia: “Eu sou é romancista, eu sou é prosador” – quando eu acho que chamar um prosador de poeta é um dos maiores elogios que se possa fazer, porque em geral os prosadores se inspiram nos poetas e quando o romancista serve de inspiração para outros escritores, outros poetas, é porque também é poeta.⁶²

Mesmo afirmando que não havia lido o livro de José de Alencar, o literato fala do objetivo contido no livro: contestação da crítica. O. G. Rego de Carvalho dá destaque a esse objetivo, que ele diz ser o principal do livro de José de Alencar, para, de certa forma justificar o mote de sua palestra e, posteriormente, de seu livro: as suas defesas em relação às críticas sobre a sua obra. Essas críticas se manifestariam em vários “usos” da literatura. Além disso, o livro autobiográfico dos três escritores sinaliza para uma prática comum ao fazer literário, é uma questão de campo, no qual a crítica é elemento de cruzamento. O. G. Rego de Carvalho tem, nos livros dos dois intelectuais, publicados anteriormente ao seu, as diretrizes de linhas argumentativas.

2.2 Da aparição e (des) encantos do autor

As lutas de definição (ou de classificação) têm como aposta fronteiras (entre os gêneros ou as disciplinas, ou entre os modos de produção no interior de um mesmo gênero), e, com isso, hierarquias. Definir as fronteiras, defendê-las, controlar as entradas, é defender a ordem estabelecida no campo.⁶³

Entre os escritores que faziam parte da Geração Meridiano, O. G. Rego de Carvalho era o mais jovem, mas não menos atuante. Sua maior aparição nos períodos da cidade de Teresina se deu vinculada ao Centro Estudantil Piauiense⁶⁴ e no Caderno de Letras

⁶² CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 17.

⁶³ BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 255.

⁶⁴ Alguns membros do Centro Estudantil Piauiense foram: Carlos Alberto Serra, Raimundo Alves de Sousa (Macabeu), Francisco Benvindo da Silva, esses ligados ao PCB, e simpatizantes como Francisco Bento e Francisco Félix. Havia a direita minoritária, chefiada pelo jovem integralista Odoastro Baltazar Nobre. Além desses, Antônio Ribeiro Dias, Severo Maria Eulálio, José Camilo da Silveira Filho, Vespasiano José de

Meridiano, o qual ajudou a fundar. O escritor até chegou a participar de algumas reuniões do grupo Arcádia, fundado em 1945, e que tinha em Manuel Paulo Nunes sua liderança mais expressiva. Naquele período, O. G. Rego de Carvalho era bem jovem, com apenas 15 anos de idade e estava cursando o ensino secundário.

O Centro Estudantil Piauiense foi um espaço no qual o escritor teve contato com debates e com homens envolvidos com a vida cultural, social e política de Teresina e do estado do Piauí. O Centro foi fundado em 15 de janeiro de 1935, mas com uma existência instável e efêmera. Após o fim da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo, houve uma ebulição de debates no meio dos grupos estudantis, inclusive em Teresina. Isso impulsionou, também, a reativação do Centro Estudantil Piauiense, exatamente no ano de 1947. A nova sede, localizada na Rua Areolino de Abreu, em Teresina, foi cedida pelo interventor do Piauí, o professor Waldir Gonçalves. Durante dez anos, ali ocorriam as reuniões que discutiam sobre assuntos diversos, com destaque para política.

No ano de 1949, especificamente entre os meses de abril e junho, O. G. Rego de Carvalho esteve na condição de presidente do Centro Estudantil. Ele ficou até o dia 12 de junho daquele ano, quando houve eleições para a composição de nova Diretoria do Centro. Em seu pleito houve algumas ações que marcaram esse período de ressurgimento e renovação do Centro. O jornal *O Piauí*, de 12 de abril de 1949, anuncia que os estudantes haviam alcançado uma grande conquista, pois foi lançada a Lei municipal nº 64, de 30 de março de 1949. Na referida Lei, admitia-se que a carteira emitida pelo Centro Estudantil Piauiense servia como identidade estudantil válida. No mesmo período, ainda na presidência de O. G. Rego de Carvalho, o Centro recebeu a notícia de que contaria com o montante de cento e cinquenta mil cruzeiros para o prosseguimento da construção da Casa do Estudante. O auxílio viria de recursos do Ministério da Educação e Saúde, incluídos na proposta orçamentária para o ano de 1950.

Sua atuação, mesmo que breve, na presidência do Centro Estudantil lhe permitiu manter contato com outros homens ávidos por se expressarem. O meio para isso eram os periódicos que circulavam na cidade. Dessa maneira, o escritor começa a ganhar espaço nos jornais locais, tendo maior destaque sua inclusão como colunista do jornal *O Piauí*, na seção Vida Social. É no dia 09 de julho de 1949 que esse jornal traz o texto do escritor,

Rubim Nunes, O. G. Rêgo de Carvalho, Manoel Paulo Nunes, William Paula Dias, Francisco das Chagas Ribeiro Magalhães, Vespasiano Nunes, Pedro Mendes Ribeiro, Raimundo Wall Ferraz, Osvaldo Castelo Branco, José de Arimatéa de Sousa Lima (foi presidente em 1958), Ferdinand Bastos de Paiva, Wenar Pereira Lopes e Raimundo Ramos.

intitulado de “Lembrança da Arcádia”, como seu texto de estreia no jornal. No texto, ele rememora:

Quando, às vezes, observo o lançamento de mais uma revista dos novos, me vem intempestivamente a lembrança da Arcádia. Há alguns anos a turma se reunia na Praça Pedro II, para falar de literatura. Éramos diletantes, confesso, mas nos animava a esperança de escrever e ser lidos. Afastado, um pouco, porém tomando parte nas palestras e devaneios, estava o partido dos que não aderiram à Arcádia, constituído do poeta Hindemburgo Dobal, José Camillo Filho e Eustáquio Portella. Dentre nós, os que mais se destacavam eram o romancista Vítor Gonçalves Neto, M. Paulo Nunes e Afonso Carvalho.

Enquanto a Arcádia cogitava de lançar uma revista, a outra turma cuidava de tirar um jornal, cujo nome seria, ao que me lembro, *Cascalho*. Mas, nem uma nem outra atingiu suas pretensões, pois o grupo se dispersara. O Vítor enterrou seu *Santa Luzia dos Cajueiros* e passou a elogiar Assis Chateaubriand, na Bahia. Afonso conseguiu colocar-se em um dos jornais do Recife e Eustáquio foi para o Rio estudar medicina.

Assim morreu a Arcádia. Dos que ficaram alguns são funcionários públicos, professores e até livreiros, outros estão tentando ainda. Todavia, nenhum tinha uma legítima vocação de escritor e nada produziu até agora.⁶⁵

Para além do tom saudosista do jovem escritor, é possível observar a sua preocupação com o ato de escrever e de se escrever/inscrever. O desejo de “escrever e ser lido” aponta para a sua intenção de se constituir como membro do campo literário. Ele seria, como menciona Pierre Bourdieu⁶⁶ sobre a noção de campo, um dos “últimos a chegar”. Ou seja, aqueles que ainda galgavam espaço para se expressarem mais intensivamente, de se legitimarem como escritores, como literatos.

De acordo com as lembranças do escritor, havia o desejo latente de muitos para o lançamento e circulação de revista e jornais, mas as dificuldades eram muitas, o que levava as pretensões a não se efetivarem. Além disso, o escritor denuncia o esvaziamento dos grupos, que, segundo ele, seria por causa de falta de vocação legítima. Sem se aprofundar nos motivos dos rumos que cada um teria seguido, ele prefere colocar o aspecto do insucesso dos projetos de alguns grupos como fruto de vocação ou ausência dela. “Ser escritor” seria uma questão de vocação ou uma questão de “se fazer escritor”? No livro *Como e por que me fiz escritor* (1994) o próprio literato admite que se tornou escritor não

⁶⁵ CARVALHO, O. G. Rego de. Lembrança da Arcádia. *O Piauí*. Teresina, n. 501, 9. jul. 1949, p. 03.

⁶⁶ BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

necessariamente pela vocação. A questão de ser ou não vocação não se trata, aqui, de uma reflexão filosófica, mas, sobremaneira, de mais um indício de escrita de si do escritor, pois, ao afirmar que os outros não seguiram em frente no campo literário, ele demonstra que faz parte das lutas do campo a legitimação.

Essas disputas ficam evidenciadas com as repercussões que suas declarações sobre vocação despertaram. Os demais agentes do campo sentiram-se desprestigiados com a ideia de tal ausência. Poucos dias após o seu texto “Lembrança da Arcádia”, que gerou certo desconforto no seio do grupo de escritores da época, O. G. Rego de Carvalho publicou outro texto, no Jornal O Piauí, para enfatizar seu ponto de vista sobre a ideia de vocação:

Enquanto os jovens escritores provincianos se agrupam “para fazer uma barbaridade”, em nossa terra temos uma turma bem crescida de prosaicos e cabotinos, que se julgam modelos de virtude literária por haverem escrito, quando adolescentes, notas sobre a paz, o petróleo ou a missão dos novos.

Inicialmente esses empedernidos criaram o Clube dos Novos, com propósitos elevados de dar letras ao Piauí. Chegaram a editar um boletim, em que estudaram a reforma agrária, fizeram contestações a Marx ou condenaram o regime franquista. Mas o Clube dos Novos morreu sem outras realizações, só com as poucas letras do nome.

Depois, homens de ação, organizaram-se em caráter sério, fundando “debates S. A”, entidade que deveria lançar um diário na capital, para abrir novos horizontes. Fizeram os estatutos, elegeram-se diretores, todavia “debates” sem organização, sem relutância e faleceu na Santa Paz do Senhor, tão anônimo como nasceu.

Recentemente, já escritores, decidiram instalar a ABDE na província. Encontraram sessenta e tantas criaturas, algumas modestas, outras legítimos valores. Nesse rol entraram mais amigos e parentes que escritores. Por isso a ABDE se destina a ser mais um fracasso dessa gente prosaica e cabotina que se julga dona das nossas letras.⁶⁷

O sarcasmo e o uso de metáforas, para fazer analogias e descrever sua visão sobre aqueles que o criticaram, são os nortes do texto. As reuniões vazias, a falta de propósitos, agrupamento por amizades ou parentesco, segundo o escritor, seriam elementos suficientes para desconsiderar tais composições. O próprio uso do termo “província” já demonstra algo que seria forte tom de suas polêmicas ao longo de sua trajetória como escritor: o confronto entre local, regional e nacional, como uma questão de tempo e de relações de

⁶⁷ CARVALHO, O. G. Rego de. Prosaicos e Cabotinos. **O Piauí**. Teresina, n. 502, 12. jul. 1949, p. 03.

poder. Ser da “província” ou agir e pensar como provinciano era ser considerado inferior, atrasado. Assim, o escritor se coloca como “fora” desse espaço, dessa “fronteira”.

A literatura em si é o próprio poder, disputado pelos diferentes agentes em suas diferentes posições no campo literário. Poder esse que é desejado por todos, uns se consideram mais merecedores que os outros. “Essa gente prosaica e cabotina” seria aquela que, em certa medida, detinha destaque no cenário literário e que, para o escritor, era, ou se sentia, a dona do poder, a dona da literatura. Há, dessa forma, o trabalho discursivo de hierarquizar, de enaltecer ou diminuir a legitimidade da produção ou participação literária dos diferentes agentes. Instauram-se aí as disputas que são típicas do campo.

Essas observações são pertinentes, pois, como sugere Pierre Bourdieu, para se implementar estudos sobre obras culturais – aqui compreendidas não somente como o conjunto de obras escritas, mas a atuação nos diferentes espaços da produção cultural – é fulcral que se observem três operações: a primeira se refere à análise da posição do campo literário, no âmbito do poder, e de seus processos e evolução no decorrer do tempo; depois, a análise das estruturas internas do campo literário, pois cada campo obedece a leis específicas de funcionamento e de mudanças, nas quais se apresentam as posições que ocupam cada agente, concorrendo por legitimidade; por último, a fricção entre a trajetória social e de posição no interior do campo, em que os agentes buscam as condições para a sua maior inserção e atualização. Nesse sentido, visualizando tais operações, é possível compreender que “a construção do campo é a condição lógica prévia para a construção da trajetória social como série das posições ocupadas sucessivamente nesse campo”⁶⁸. O. G. Rego de Carvalho, por esse viés, estava se posicionando no seio do processo de construção do campo. Construção essa que, como as polêmicas de seus comentários indicam, não se dá como um dado, como um objeto acabado, nem mesmo sem conflitos. Por isso, o campo literário só pode ser entendido em sua relação com o campo do poder, pois “o campo do poder é o espaço das relações de força entre agentes ou instituições que têm em comum possuir o capital necessário para ocupar posições dominantes nos diferentes campos (econômico ou cultural, especialmente)”⁶⁹.

As revistas e/ou jornais eram, assim, o “capital” do qual dispunham os agentes para se legitimarem no campo literário. Ver o sucesso da produção, edição e circulação desses

⁶⁸ BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 243.

⁶⁹ BOURDIEU, Pierre. Op. cit, p. 243.

periódicos seria uma das condições para se constituir como artista, como escritor, como literato. Estão embutidas, na avaliação que o escritor faz sobre a questão da vocação e a formação de grupos ou de instituições, as leituras do que ele considera como sendo de valor literário ou não. Entram aí, então, as interpenetrações da sua trajetória social e interna do campo, cujas dimensões são variadas, pois revelam aspectos daquilo que se compreende como sendo digno de fazer parte do campo. Ao questionar os “donos das nossas letras”, O. G. Rego também se considera como um desses donos, que, de certa forma, parece pretender restringir a amplitude do número de dominantes.

De maneira irônica, como a maioria de seus textos publicados no jornal *O Piauí*, ele expressa que a luta pelo poder se dá nos muitos espaços da cidade. Segundo ele, ainda no lastro das polêmicas iniciais,

Dentre os raros encantos que a província nos oferece, o que mais me fascina é a palestra dos cafés, não que sinta prazer em palestrar, mas pela sedução do ouvir frases elegantes, quer o assunto decorra sobre política, as artes ou mesmo o cotidiano. Por mais modesto que seja, até o burocrata sabe ser loquaz, cuidando de pôr à mostra o conhecimento adquirido com a leitura apressada, na noite anterior, das últimas notícias do jornal.

Nem sempre, todavia, a conversação se passa na intimidade. Num canto da sala, esquecidos de que a garçonete cobra o café, há os que palestram em tom solene, decidindo os destinos do homem com os mais finos matices. São geralmente os intelectuais da terra, membros de academias ou institutos históricos, que não perdem tempo em expor, como numa vitrina, o mundo maravilhoso que previram através do manuseio de obras estrangeiras.

É a preocupação das minúcias que caracteriza outras dessas rodas, a dos candidatos a professor. Discutem, dentre outras causas, se o “o estilo é o homem” provém de Buffon ou de Madame Sevigné. Um argumenta baseado na gramática, outro num almanaque ilustrado, e discutiram uma semana inteira se um terceiro, o ar circunspecto de muita cultura, não abafasse a banca com uma citação de clássicos. Todas essas palestras constituem uma sedução para mim. Algumas vezes fico embevecido gozando o jogo das citações, outras horas aprecio a frase cravejada de pérolas. Mas nenhum fascínio, dentre os que me são proporcionados nos bares, supera o verdadeiro encanto da província: a disputa pelo título de intelectual.⁷⁰

Descrevendo, talvez com cores carregadas, os dias e noites dos grupos que se reuniam nos bares da cidade, e que se envolviam em debates vários, o escritor desfila sua crítica. Ele considera infrutíferas as “palestras” que presenciou. Mesmo ironizando, o

⁷⁰ CARVALHO, O. G. Rego de. Encantos da província. *O Piauí*. Teresina, n. 505, 19. jul. 1949, p. 03.

escritor destaca algo que é indissociável ao campo literário, ou campo artístico-cultural de forma geral: a disputa pela intelectualidade.

O jornal *O Piauí*, do qual o escritor era membro, como colunista, celebrou, no dia 02 de agosto do ano de 1949, a publicação do conto “O almoço em família”, de autoria de O. G. Rego de Carvalho, no suplemento literário *Correio das Artes*, do periódico *A União*, que era órgão oficial do governo da Paraíba. *O Piauí* fez questão de mencionar que aquilo se tratava de uma grande conquista para o escritor, visto que o periódico que publicou seu conto tratava-se do mais relevante e importante de seu segmento no estado da Paraíba. Enaltece, ainda, pelo fato de ser um periódico que recebia colaborações dos “mais notáveis” escritores brasileiros e que, naquele momento, O. G. Rego de Carvalho entrava para esse rol. A estratégia do jornal *O Piauí* também era clara: dar visibilidade ao escritor que compunha o seu quadro de colunistas, para, assim, elevar o conceito do próprio jornal. De certa forma, como o escritor era colaborador do jornal como colunista, a divulgação dessa publicação em periódico de outro estado, era uma maneira indireta de legitimação do escritor, mais um mecanismo de escrita de si, de sua construção como autor.

* * *

O processo de construção do autor, dentre seus principais elementos, dá-se nas dimensões da (auto) biografia. Ora o escritor se constitui como tal, por meio de suas próprias palavras, de sua escrita e de seus posicionamentos, ora ele é constituído por aquilo que escrevem sobre ele. Assim, o “resumo biográfico” que se apresenta em livros (final do texto, capas, orelhas) assume o papel de delimitação, classificação e, em certa medida, de controle de sua exibição. Trata-se da seleção e condicionamento daquilo que deve ser lembrado e destacado. Os silêncios possíveis apontam para o esquema da (re) elaboração da figura do autor.

Por esse diapasão, faz-se relevante imprimir análise às biografias que são apresentadas em alguns livros do autor ou que falam sobre ele. Os usos da biografia, como recurso narrativo e de memória, contribuem para a compreensão de que o sujeito não é uma figura isolada, mas sim, como sugere Giovanni Levi, alguém que desempenha um papel em um emaranhado de inter-relações. Conexões que se dão com o mundo, com o exterior e no interior do texto, dialogando com outros textos.

Em *Como e por que me fiz escritor* (1994), ao fim do texto, há esse resumo biográfico, intitulado de “O Autor”, com as seguintes informações:

Orlando Geraldo Rego de Carvalho nasceu em Oeiras, antiga capital do Piauí, no dia 25 de janeiro de 1930. Desde cedo, tomou gosto pelas letras, mas foi em 1942, ao ler O GUARANI, romance do escritor cearense José de Alencar, que decidiu ser escritor.

Foi professor de literatura no colégio Estadual Zacarias de Góis, bacharelou-se em direito pela antiga Faculdade de Direito do Piauí, e hoje é funcionário aposentado do Banco do Brasil.

Obra quantitativamente pequena (apenas 3 livros), mas que o coloca ao lado dos grandes nomes da literatura brasileira.⁷¹

A apresentação feita sobre o autor traz em seu conteúdo a noção sartriana de “projeto original”, destacada por Pierre Bourdieu, acerca das intencionalidades de dar unidade à vida de uma pessoa. Tal noção “somente coloca de modo explícito o que está implícito nos ‘já’, ‘desde então’, ‘desde pequeno’ etc. das biografias comuns ou nos ‘sempre’ (“sempre gostei de música”) das ‘histórias de vida’”⁷². Isso pode ser observado no “Desde cedo” que se refere ao gosto do escritor pelas letras. Uma espécie de gênese, o surgimento de uma vida “predestinada” por um sentido. Essa maneira de biografar marca uma vida organizada segundo uma ordem cronológica e também lógica. Remete a “um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, causa primeira, até seu término, que também é um objetivo”⁷³. Na página seguinte a esse resumo, há o complemento das informações, indicando as obras publicadas: *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953), *Rio Subterrâneo* (1967) e *Somos Todos Inocentes* (1971). Além disso, o livro traz um encarte, com um questionário, estruturado da seguinte forma: treze questões de um “questionário” e seis questões de vestibulares, elaboradas pela Universidade Federal do Piauí, entre 1979 e 1994.

Esse livro, em sua segunda edição, foi editado pelo projeto Lamparina, idealizado e encabeçado pelos professores Wellington Soares, Benilde de Castro e Ozias Lima. O Projeto, no entanto, não alcançou vida longa e se encerrou com a segunda edição do livro de O. G. Rego de Carvalho. A intenção dos organizadores do Projeto era o de continuar

⁷¹ CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 65.

⁷² BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 184.

⁷³ BOURDIEU, Pierre. Op. cit, p. 184.

com as publicações de outros escritores, o que pode ser notado na apresentação daquela edição:

É com prazer que lançamos a segunda edição do livreto “Como e Por Que me Fiz Escritor”, uma autobiografia intelectual do ficcionista piauiense O. G. Rego de Carvalho, extremamente importante para o conhecimento de sua personalidade e dos alicerces de sua formação literária.

Lendo o texto do autor oieirense, transcrito de palestra proferida por ele no Seminário de Escritores Piauienses, em 1989, realizado no auditório do Palácio da Cultura, pode-se perceber como a integração dialética da experiência de vida com a formação cultural é fundamental na gestação de uma obra literária.

Dentre os vários motivos que nos levaram a reeditar este livreto, estão o fato de a primeira edição ter sido esgotada completamente, a obrigatoriedade do ensino de Literatura Piauiense nas escolas do Estado, a inclusão do nome de O. G. Rego de Carvalho entre os autores a serem cobrados pela FUFPI no vestibular/95 e, finalmente, a retomada do Projeto Lamparina de publicar e lançar os nossos escritores nos estabelecimentos de ensino.

Da primeira para a segunda edição, algumas poucas, mas significativas mudanças foram feitas com o intuito de tornar o texto mais leve e agradável ainda. As alterações começaram pela capa e projeto gráfico totalmente reformulados, adoção de uma paragrafação sucinta, um novo tipo de formato e a inserção de encarte com questões extraídas do próprio livreto e de vestibulares da FUFPI.

Agora, resta-nos que o leitor busque dentro de sua obra a identidade da realidade em que o escritor a proferiu, com o sincero compromisso em que se constitui uma bela e maravilhosa obra de ficção literária, que nada fica a dever às grandes obras de literatura, a não ser o espaço que compete merecidamente no cenário da cultura.

Fica, assim, registrado, mais uma vez, o propósito de levar aos estudantes os nossos autores mais expressivos, sem, no entanto, tentar esgotar, através de questionários, o universo representado em cada criação literária.⁷⁴

Nesse texto de apresentação do livro, o escritor é apresentado a algo que também é tópico de discussão, essa dimensão de fronteira entre as “identidades”, no que se refere aos usos do termo “piauiense” e “oieirense”, como dados absolutos. Mais uma vez, o campo literário apresenta seus aspectos inerentes, nos quais as dualidades do tipo “grande” e “pequeno” surgem para qualificar a produção. Assim, o texto de apresentação, assinado pelos três gestores do Projeto Lamparina, é concluído, dizendo:

⁷⁴ SOARES, Wellington et al. Apresentação. In: CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 09-11.

Para finalizar, tornamos nossas as palavras do crítico literário Antônio Cândido: “Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime. Se não for amada, não revelará a sua mensagem; e se não a amarmos, ninguém o fará por nós. Se não lermos as obras que a compõem, ninguém as tomará do esquecimento, descaso e incompreensão”.⁷⁵

Os deslizamentos que cercam tal fronteira estão no discurso no qual, para legitimar a qualidade do escritor, ele é apresentado como possuindo uma obra inserida entre as “grandes obras da literatura”. Não se trata de uma discussão restrita de juízo de valor, mas do conjunto de discursos e práticas que têm se coadunado na composição de hierarquias.

Outro aspecto interessante, que também se relaciona com as hierarquias, ou nos termos de Pierre Bourdieu, com as posições que marcam o campo literário, é o que está expresso nos textos que configuram as duas orelhas do livro. Ao final de cada comentário, há o nome do autor do texto e a sua “identificação”. O texto da orelha da capa destaca que

A ficção produzida por O. G. Rego de Carvalho é expressão do processo civilizatório instaurado no Piauí Colonial. Ficção que é resultado consolidado da matriz cultural lusitana no sertão piauiense. Instigante, porque propõe reflexão sobre uma variante da estrutura matriarcal da sociedade brasileira, quando identifica o matriarcado piauiense, que reclama uma análise antropológica criteriosa. Os enredos dos romances escritos por O. G. Rego de Carvalho estão repletos de indícios sobre o matriarcado piauiense e o mais revelador desses indícios é o perfil psicoantropológico da mulher ogerreguiana.⁷⁶

Esse primeiro é de autoria de Paulo Machado, caracterizado como poeta. Sua análise dá destaque para as dimensões histórico-sociais-antropológicas que, sob sua perspectiva, marcam o enredo de toda a obra do escritor.

Na orelha da contracapa está o texto de Luiz Romero Lima, classificado como professor. Seu texto faz referência, o tempo todo, ao diálogo que a obra do escritor pode e deve manter com os leitores. Ele pontua que

O. G. Rego de Carvalho é um ficcionista exemplar pela sua sinceridade poética e profunda consciência de elaboração estética do texto. É um

⁷⁵ SOARES, Wellington et al. Apresentação. In: CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 11-12.

⁷⁶ MACHADO, Paulo. Orelha. In: CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1994.

daqueles escritores que o leitor se sente desafiado a desvelar o seu discurso.

A sua ficção é labiríntica e enigmática: um psicólogo? Um escritor universal no que de mais humano: tolerância, desespero, angústia, loucura, solidão do homem moderno.

Um escritor que oferece a quem mais oferece, ou seja, quem mais puder vasculhar mais vai encontrar. Portanto, um ficcionista sutil para leitores exigentes. Obrigado pelo Rio Subterrâneo.⁷⁷

Por fim, há um pequeníssimo texto, um breve comentário, atribuído à autoria de Adriana Valeska, que, na descrição, está qualificada somente como “leitora”. Ela apenas diz que “O. G. Rego escreve exato, tocante, que nem violão. Melodia que encanta”⁷⁸.

O poeta não é leitor ou é um leitor especial? A leitura da leitora estaria em nível diferente de representatividade daquela impressa pelo poeta e pelo professor? Ela não exerceria outra ocupação que a pudesse classificar de outro modo que não apenas como leitora? O que, então, tornou essa leitora tão significativa que lhe possibilitou ter seu texto apresentando a obra de O. G. Rego de Carvalho? Talvez a intenção fosse a de não só aproximar o escritor do público leitor com a leitura de seu livro, mas ter, nas partes que compõem a apresentação do livro, alguém que representasse o “leitor comum”. Haveria, então, uma segmentação entre os leitores do autor. Isso, dessa forma, fixa o lugar social de onde o comentário parte e a qual público também pretende ainda atingir. São estratégias também presentes no jogo do campo literário. Atentar para o fato da existência de diferentes leitores e suas diferentes leituras é admitir, no lastro do que propõe Robert Darnton⁷⁹, que a leitura possui uma história com percursos diferentes. Tal percurso é marcado por leitores também diferentes, pois representam e são oriundos de grupos também distintos. No caso dos leitores, autores dos textos da orelha do livro *Como e por que me fiz escritor* (1994), o destaque para o lugar social de cada um remete para essa pluralidade. No entanto, como são textos selecionados, percebe-se, de certo modo, que há uma tentativa de equiparação das leituras, pois, pela própria dinâmica de textos de apresentação, devem conduzir a leitura dos demais leitores. A intencionalidade de todo e qualquer texto de apresentação e de prefácio é o de exhibir não somente o texto, mas o próprio autor. Além disso, trata-se de uma forma de controle das leituras possíveis do livro.

⁷⁷ LIMA, Luiz Romero. Orelha. In: CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1994.

⁷⁸ VALESKA, Adriana. Orelha. In: CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1994.

⁷⁹ DARNTON, Robert. "História da Leitura". In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: EDUNESP, 1992.

Até o momento da execução da presente tese, não foi encontrado nenhum exemplar da primeira edição de *Como e por que me fiz escritor* (1994) – que data de 1989 –, o que, de certa forma, impede a visualização das mudanças apontadas pelos editores. Contudo, isso não compromete o intento de perceber as formas de “exibição” do autor, aqui propostas.

A partir do ano de 2009, a Editora Renoir, localizada na cidade de Teresina, Piauí, passa a publicar as novas edições dos livros do escritor. A editora é idealizada e conduzida pelo escritor e sua esposa. A supervisão editorial fica a cargo do amigo escritor, Assis Brasil. Divaneide Carvalho, esposa de O. G. Rego de Carvalho, ocupa as funções da Coordenação Editorial e de Revisão. O próprio escritor figura como integrante da Revisão, pelo menos em todos os seus livros reeditados por essa editora.

O “Resumo Biográfico” elaborado por Divaneide Carvalho abarca o recorte temporal que vai de 1930, referindo ao ano de nascimento do escritor, até o ano de 2009, quando a editora Renoir começa a publicar as novas edições de seus livros. Vale ressaltar que esse “resumo” já consta no livro *O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica* (2007), de autoria de Kenard Krueel. Nesse livro, o resumo se encerra no ano dessa publicação, trazendo a informação de que, em 2007,

- A Fundação Quixote publica a 3ª edição de *Ulisses Entre el Amor y la Muerte*.
- A Fundação Quixote publica a 5ª edição de *Somos Todos Inocentes*.
- A Editora Zodíaco publica a 1ª edição do livro *O. G. Rêgo de Carvalho – Fortuna Crítica*, sob coordenação do jornalista Kenard Krueel.⁸⁰

A Editora Zodíaco é de propriedade de Kenard Krueel, por quem também é presidida. Obviamente que, por ter sido esse livro publicado dois anos antes do início da editora Renoir, essa informação foi acrescida nas novas edições dos livros do literato. Aliás, essa não teria sido a única informação acrescida. O resumo biográfico elaborado por Divaneide Carvalho foi revisado para as edições da Editora Renoir. Sobre essa data de 2007, foi acrescida a informação de que, além da 3ª edição de *Ulisses Entre el Amor y la Muerte* e da 5ª edição de *Somos Todos Inocentes*, a Fundação Quixote também teria publicado a 6ª edição de *Somos Todos Inocentes*.

⁸⁰ CARVALHO, Divaneide Maria Oliveira de. Resumo Biográfico. Reproduzido em: KRUEEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 138.

Fazendo uma análise mais detalhada desse resumo biográfico, elaborado pela esposa do escritor, percebem-se alguns acréscimos e silenciamentos de informações. Algumas informações, que constam na cronologia desse resumo em 2007, e que foram retiradas nas edições a partir de 2009, são:

1970

- O jornal *O Dia*, de Teresina, publica alguns capítulos de *Somos Todos Inocentes*, com o título de *No Fundo do Poço*.

1972

- 23 de fevereiro – O governador Alberto Silva, a pedido do escritor, muda o nome da Colônia de Psicopatas, dada ao Hospital de Doenças Mentais, para Hospital Areolino de Abreu, como ainda hoje é conhecido.

1975

- Na novela *O Semideus*, da TV Globo, em exibição na TV Rádio Clube de Teresina, a personagem Ângela, ao vir da escola, sobraça alguns livros, mostrando em primeiro plano a obra *Linguagem de Comunicação em O. G. Rego de Carvalho*, de Francisco Miguel de Moura.

1979

- Maio – A novela *Amarga Solidão* é publicada como encarte da revista *Cirandinha*, número 4, editada por Francisco Miguel de Moura.

1988

- A Revista da Academia Piauiense de Letras publica, nas páginas 70 a 72, *As Teses Universitárias e o Leito de Procusto*, de O. G. Rego de Carvalho. O mesmo texto é publicado, também, pela Editora Corisco.

- Novembro – Participa do II Seminário de Autores Piauienses, realizado no auditório da Secretaria da Cultura, Desportos e Turismo, discorrendo sobre o tema *Como e Por Que me Fiz Escritor*.⁸¹

Entre os acréscimos constantes a partir de 2009, estão algumas informações referentes aos anos de 2003, 2006 e 2007:

2003

- O Engenheiro Andrade Júnior constrói o Edifício O. G. Rego de Carvalho (Av. Dom Severino) em homenagem ao autor.

2006

- Recebe a Comenda Santo Inácio do Colégio Diocesano.

2007

- A Fundação Quixote publica a 6ª edição de *Somos Todos Inocentes*.

E, por conta da diferença de dois anos entre a publicação de *O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica* (2007), de Kenard Krueel, e as publicações que começaram a ser

⁸¹ CARVALHO, Divaneide Maria Oliveira de. Resumo Biográfico. Reproduzido em: KRUEEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 345-347.

feitas pela Editora Renoir, o resumo biográfico é ampliado, acrescentando os anos de 2008 e 2009:

2008

- O Prefeito de Teresina (Sílvio Mendes) inaugura a Escola Municipal O. G. Rego de Carvalho em homenagem ao autor.
- A Fundação Quixote publica a 7ª edição de *Somos Todos Inocentes*.

2009

- A Editora Renoir publica a trilogia ogerregueana (*Ulisses entre o Amor e a Morte* – 14ª edição, *Rio Subterrâneo* – 10ª edição, e *Somos Todos Inocentes* – 8ª edição).

Outro detalhe, ligado às informações acrescentadas no resumo biográfico, a partir de 2009, remete às condecorações por meio de medalhas e homenagens, recebidas do poder público estadual e municipal. No resumo apresentado em 2007, no livro de Kenard Kruel, não era destacado o nome do governador ou do prefeito de cada momento. São destacados os nomes dos governadores Lucídio Portella (de quem recebe a Medalha Ordem do Mérito Renascença do Piauí, em 1980), Hugo Napoleão (de quem recebe a Medalha do Mérito Cultural da Costa e Silva, em 1985) e Wellington Dias (de quem recebe homenagem durante o Festival de Cultura de Oeiras, em 2004), bem como do prefeito Wall Ferraz (de quem recebe a Medalha do Mérito Conselheiro Antônio Saraiva).

Nas edições em Espanhol de *Ulisses entre o Amor e a Morte*, a tradução para aquele idioma é de responsabilidade de Divaneide Carvalho e Elsa Delgado de Lertzundi, sendo que, na edição de 2004, publicada pela Editora da Universidade Federal do Piauí, o nome de Elsa Lertzundi aparece como sendo a primeira tradutora. Nas edições de 2005 e de 2007, publicadas pela Oficina da Palavra e pela Fundação Quixote, respectivamente, as posições se invertem. Além disso, nas edições da Oficina da Palavra e da Fundação Quixote, consta que a esposa do escritor também é a responsável pela Revisão e pelas Notas.

Ao final dessas duas edições ainda consta um questionário, também traduzido, mas agora somente por Divaneide Carvalho. Ela participa também da elaboração das questões, juntamente com os professores Luiz Romero e Wellington Soares. O questionário está intitulado de “Comprensión e Interpretación de *Ulisses entre el Amor y la Muerte*”. São vinte e oito questões, sendo que as três últimas foram retiradas do PSIU – 2002, da Universidade Federal do Piauí. Em seguida, na mesma edição, ainda há palavras cruzadas relacionadas, também, ao enredo e aos personagens do livro. Divaneide também assina o

resumo biográfico que, no caso da segunda edição, aparece como texto de orelha, sem o nome de Divaneide Carvalho como autora do texto. Sabe-se que ela quem escreveu, fazendo-se a comparação com as duas outras edições. A esposa do escritor assumiu o papel de biógrafa, não só de revisora. Sendo, então, uma de suas principais agentes de exibição e de controle da leitura de seus livros.

Na terceira edição do livro em Espanhol, o resumo biográfico figura no fim do livro, intitulado de “Orlando Geraldo Rego de Carvalho”. Resumo este que consta tanto na edição da Editora da UFPI, quanto na da Fundação Quixote, ao fim do livro.

Nació en Oeiras, primeira capital de Piauí, el 25 de enero de 1930. Su padre, José Rego de Carvalho, era comerciante, y su madre, Aracy de Carvalho, profesora de música.

Hacia 1940, su familia se trasladó a Teresina, donde concluyó la enseñanza media en el Liceu Piauiense, retornando al año siguiente, convidado por la Directoria del colegio, para trabajar como profesor de Literatura y Lengua Portuguesa, ejerciendo esa función durante dos años. Después se graduó en Derecho en la antigua Facultad de Piauí.

Em 1952, fue aprobado en primer lugar en el concurso nacional del Banco de Brasil, yendo a trabajar a Río de Janeiro, donde vivió siete años, completando su formación cultural. Trabajó treinta años en ese banco.

Fue uno de los editores y redactores de la revista Cuaderno de Letras Meridiano. Es miembro de la Academia Piauiense de Letras. Recibió, en 1995, el título de Doctor Honoris Causa por la Universidad Federal de Piauí. Ha recibido diversos títulos y medallas. Es uno de los grandes clásicos de la moderna Literatura Brasileña.

Su nombre consta en varios libros y diccionarios, como, por ejemplo: Diccionario de la Literatura Portuguesa, publicado en Portugal; Diccionario Literario Brasileño, de Raimundo Menezes; Nuevo Diccionario de la Lengua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda; Enciclopedia de Literatura Brasileña, de Afrânio Coutinho y J. Galante de Sousa; Diccionario de Literatura Brasileña, de Assis Brasil; Diccionario Enciclopédico Piauiense Ilustrado, de Wilson Carvalho Gonçalves; Visión Histórica de la Literatura Piauiense, de Herculanio Moraes; Diccionario Biográfico de Escritores Piauienses, de Adrião Neto; Historia de la Literatura Brasileña, de Massaud Moisés; Literatura Piauiense, de Luiz Romero Lima; Lenguaje y Comunicación en O. G., de Francisco Miguel de Moura; Río Subterráneo – Estructura e Intertextualidad, de Maria Gomes Figueiredo dos Reis; El Mundo Degredado de Lucinio, de Fabiano de C. Rios; La Literatura em Brasil – Relaciones y Perspectivas, de Eduardo de Faria y Afrânio Coutinho; Geografías Literarias, de Francisco Venceslau dos Santos y “Dictionary of Contemporary Brazilian Authors”, de David William Foster, editado en los Estados Unidos.

Escribió Ulises entre el Amor y la Muerte (1953; trece ediciones), Amarga Soledad (1956; tres ediciones), Río Subterráneo (1967; nueve ediciones). Somos Todos Inocentes (1972; cuatro ediciones) y Ficción Reunida (1981; cuatro ediciones).

Según el crítico literario Francisco Miguel de Moura, de la Academia Piauiense de Letras: “Entre los escritores de su generación, O. G. Rego de

Carvalho es el más clásico, en el sentido moderno de la palabra. Y es, a mi ver, uno de los mayores estilistas de la Lengua Portuguesa, si no el mayor. Después de Eça de Queiroz nadie escribió tan bien. Su obra contribuye para la perpetuación de nuestro idioma. Es posible que, en breve, se venga a hablar de un ‘antes’ y de un ‘después’ de O. G. Rego de Carvalho, en la Literatura Piauiense, como se habla en la Literatura Brasileña de un ‘antes’ y ‘después’ de Machado de Assis.”⁸²

Entre as edições em Espanhol, publicadas pelas duas diferentes editoras, esse resumo biográfico apresenta uma única distinção: a inclusão do livro *Amarga Solidão* (1956), como parte dos livros escritos pelo autor, o que permaneceu nas edições seguintes, inclusive nas versões em Língua Portuguesa. Contudo, nas versões em Espanhol, essa inclusão só ocorreu a partir da terceira edição, visto que na segunda edição, publicada pela Oficina da Palavra, também não consta o livro *Amarga Solidão* (1956). Uma possível explicação para a não inclusão de tal livro na lista do resumo biográfico da edição de 2004 e na de 2005 pode estar relacionada a uma falha de impressão ou de revisão. Uma obra que, em alguns momentos, o escritor teria afirmado que não aceitaria que voltasse a ser editada, e que ele proibiria todos os seus descendentes de fazer isso, é *Amor e Morte*, publicado em 1956, pelo Caderno de Letras Meridiano. Segundo ele,

Amor e Morte reedita *Ulisses* e contos de elaboração anterior. Sua publicação foi feita durante uma polêmica que mantive em Teresina. É, pois, um livro de circunstâncias, que não reflete o que produzi de melhor. Por isso desautorizei a edição, e não permitirei mais que seja publicado, a título algum. Proibição válida para meus herdeiros.⁸³

Amor e Morte (1956) reunia as novelas *Ulisses entre o Amor e a Morte*, *Amarga Solidão*; e os contos *No Bosque*; *Era Noite*, *Marlene*; *Passeio a Timon*; *Rua de Fogo*; *Do Coração*; *Priminha e Velha Amizade*. Esses contos foram adaptados e incorporados aos livros *Rio Subterrâneo* (1967) e *Somos Todos Inocentes* (1971). Ao não considerar *Amor e Morte* (1956), talvez a intenção fosse a de “apagar” de sua trajetória esse livro o qual ele mesmo não considera digno de ser listado, muito menos de ser lembrado como parte de sua obra. Em muitos de seus depoimentos, pelos menos os que constam nos jornais até fins da

⁸² CARVALHO, Divaneide Maria Oliveira de. Orlando Geraldo Rego de Carvalho. Reproduzido em: CARVALHO, O. G. Rego de. *Ulises entre el Amor y la Muerte*. 3. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2007, p. 109-110. Aqui foi preservado o texto traduzido, que consta no livro.

⁸³SANTOS, Cineas. O. G. Rego de Carvalho: o passado me prende. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho**: fortuna crítica. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 320.

década de 1980, ele mesmo só mencionava três livros como os que compõem sua obra. Esse mesmo resumo biográfico, que não menciona *Amor e Morte* (1956), consta nas edições publicadas pela Editora Renoir, em Língua Portuguesa.

Essa exclusão faz lembrar daquilo que Roger Chartier chamou de manipulação por meio de arquivos literários autorais. Ele menciona o caso de que Borges excluiu de suas *Obras Completas*, outros três livros: *Outras inquisições*, *O tamanho de minha esperança* e *O idioma dos argentinos*. E ele, assim como fez O. G. Rego de Carvalho em relação à *Amor e Morte*, “proibiu qualquer reedição dessas três obras banidas”⁸⁴, sendo reeditados somente em 1993, com a autorização de sua viúva, María Kodama. O livro *Ficção Reunida* (1981), de O. G. Rego de Carvalho, faz algo semelhante ao que fez Borges, pois, além de não incluir *Amor e Morte* (1956), também não abriga *Amarga Solidão* (1956).

As “formas de exibição” do autor, nas edições em Espanhol, também vão diferir, tanto na diagramação e formatação, como nos textos e imagens. A edição da Editora da UFPI traz a foto do escritor como ilustração da capa. O livro não possui orelhas, nem texto de contracapa. Na edição da Oficina da Palavra e da Fundação Quixote, por outro lado, constam esses elementos, constituindo-se como mais espaço para a exibição do autor, visto que, em geral, é essa a função de tais partes materiais do livro. Na orelha do livro da segunda edição está o resumo biográfico que está na primeira e na terceira edições. Na orelha da terceira edição constam as “Obras Publicadas”:

- **Un Hijo**, cuento, Premio Literario de la Revista La Cigarra, Río de Janeiro, primer lugar, 1949.
- **Ulises entre el Amor y la Muerte**, novela unánimamente aplaudida por la crítica del Sur Brasil, Revista Cuaderno de Letras Meridiano, Teresina, 1953.
- **Era noche**, Marlene, cuento, Revista Provincia de San Pedro, Porto Alegre, 1956.
- **Amarga Soledad**, novela. Cuaderno de Letras Meridiano, Teresina, 1956.
- **Río Subterráneo**, ficción, Editora Civilización Brasileña, Río de Janeiro, 1967.
- **Somos Todos Inocentes**, ficción, Premio Coelho Neto de la Academia Brasileña de Letras (ABL), Editora Civilización Brasileña, Rio de Janeiro, 1972.
- **Cómo y por qué me hice escritor**, conferencia, Proyecto Lamparilla, Teresina, 1989.
- **Lecho de Procusto**, artículo, Revista de la Academia Piauiense de Letras (APL), Teresina, 1995.

⁸⁴ CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: EDUNESP, 2014, p. 148.

- **Ficción Reunida**, novela y ficción, Editora y Librería Centella, Teresina, 2001.
- **Primita**, cuento, Revista de la Literatura Brasileña, San Pablo, 2004.⁸⁵

Nessa apresentação das “obras publicadas” percebe-se a intenção de ampliar a noção de obra, não se restringindo aos livros escritos, mas, também, aos contos publicados e a coletânea de seus três principais livros.

Há uma falha na datação do ano de publicação de *Somos Todos Inocentes*, que, de fato, foi publicado em 1971, um ano antes do que está acima enumerado. O livro *Ficção Reunida* é mencionado com a data referente à segunda edição, visto que foi publicado pela primeira no ano de 1981, ainda pelo Caderno de Letras Meridiano. O livro *Como e por que me fiz escritor* é citado destacando a origem do livro, fruto de uma conferência.

Na contracapa da segunda edição em Espanhol de *Ulisses entre o Amor e a Morte*, optou-se pela reprodução, na íntegra, do capítulo que narra a morte do pai de Ulisses. O texto de apresentação, ou de fechamento, que está na contracapa do livro em Espanhol, na edição de 2007, é assinado por Cineas Santos, salientando que

Al estrenar en 1953, con la novela **Ulises entre el Amor y la Muerte**, O. G. sorprendió la crítica del sur del País por tres razones: en primer lugar, siendo un escritor del Nordeste, no se había dedicado al llamado regionalismo social, aún de moda; en segundo lugar, recién salido de la adolescencia, osaba escribir un libro sobre el tema y lo hacía con la serenidad de un autor maduro; en tercer lugar, escribía muy bien para ser un simple principiante.

El tempo se encargaría de demostrar que el autor de **Ulises** tenía aliento para vuelos más altos, lo que fue comprobado con la publicación de **Río Subterráneo** (1967), uno de los libros más instigantes de la moderna ficción brasileña.⁸⁶

Ao destacar que o livro *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953) surpreenderia a crítica do sul do País, Cineas Santos faz, mais uma vez, lembrar dos “horizontes de expectativas”, dos quais fala Pierre Bourdieu. A expectativa, ao se pensar em um escritor “piauiense” era a de que sua escrita seria de um regionalismo social, com foco na seca e na fome. Para os críticos do sul, romper com essa expectativa inicial teria sido positivo, o que

⁸⁵ CARVALHO, O. G. Rego de. Orelha. **Ulises entre el Amor y la Muerte**. 3. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2007.

⁸⁶ SANTOS, Cineas. Contracapa. In: CARVALHO, O. G. Rego de. Orelha. **Ulises entre el Amor y la Muerte**. 3. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2007.

não teria sido a mesma coisa entre os críticos locais. Daí a ênfase dada aos críticos do sul, pois eles teriam o “poder de legitimação”.

A décima quarta edição de *Ulisses entre o Amor e a Morte*, pela Editora Renoir, no ano de 2009, bem como a oitava e a décima segunda edições, também se utilizam dos recursos das orelhas e da contracapa para ampliar os discursos de exibição do autor, por meio do livro em destaque. Nas orelhas do livro dessas edições constam fragmentos de comentários variados sobre o livro e sobre o escritor:

Ulisses entre o Amor e a Morte é um livro humano e comovente, marcado pelo amor, por uma comunhão profunda com o sofrimento e a criatura humana. Nele, um jovem autor apresenta-se depurado, sereno, consciente (Alberto da Costa e Silva)

Como ficcionista, O. G. Rego de Carvalho possui mistério e transcendência, dois elementos indispensáveis ao escritor moderno no campo da criação (Paulo Dantas)

O autor de *Ulisses* consegue ser original com simplicidade, criador sem descurar da boa prosa. A acolhida que vem obtendo o pequeno livro de O. G. Rego de Carvalho é um aviso aos jovens escritores que hoje andam tão longe da arte de bem escrever (Affonso Ávila)

Há nele uma tendência de despojamento, de brevidade quase estenográfica, fazendo crer no aparecimento de um escritor marcado pela sensatez e adquirido tão do gosto de certas páginas de Giono (Maria de Lourdes Teixeira)

Mesmo quando o autor se limita a descrever situações com ligeiras pinceladas, o faz de modo perfeito não deixando quase nada por dizer (Guido Wilmar Sassi)

Um escritor autêntico, e exatamente sua procura de autenticidade é que me agrada. Sua leitura nunca nos deixa indiferentes (Dalton Trevisan)

Gostei muito de *Ulisses*. Numa linguagem simples e harmoniosa, tão natural e, entretanto, premeditado, revelando o artesão consciente e lúcido, numa forma, enfim desataviada e elegante, conta-nos uma história que se desenrola e escorre com a espontaneidade de uma água corrente. Por isso mesmo me encantou (Lygia Fagundes Telles)

Um livro escrito com raro gosto estético e que valoriza a prosa com um tom poético de muita expressão (Dante de Laytano)

Nunca em nossa literatura o problema da adolescência, o mistério da adolescência merecera um tratamento assim tranquilo e sugestivo (Antônio Carlos Villaça)

E como soube se valer dos valores íntimos em que se inspirou para produzir o seu trabalho, que é bem ordenado, correto na fabulação, envolvente nos motivos psicológicos (Homero Silveira)

O autor já se revelara em *Ulisses* um escritor maior. Um ficcionista de pulso, preocupado com o universal. Cuidadoso na procura dos temas e como desenvolvê-los. Colocou-se de pronto entre os que melhor fazem ficção, neste País (Caio Porfírio Carneiro)

Seu estilo tem a flexibilidade e a leveza de um escritor experimentado (Valdemar Cavalcanti)⁸⁷

⁸⁷ CARVALHO, O. G. Rego de. Orelha. **Ulisses entre o Amor e a Morte**. 14. ed. Teresina: Renoir, 2009/ 12. ed. Teresina: Corisco, 1999/ 8. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1994.

Esses comentários já constam nas orelhas da segunda edição, de 1972, publicada pela Editora Civilização Brasileira, e foram reproduzidos em muitas edições posteriores. No texto da orelha da segunda edição, há a intenção de fazer um balanço dos alcances da edição anterior e solidificar a validade dessa nova edição:

Publicado em 1953, numa edição feita em Teresina, *Ulisses entre o Amor e a Morte* praticamente não chegou ao mercado livreiro. Em vista disso, este seu relançamento assume foros de uma primeira edição: vai alcançar finalmente o grande público. Se as mais amplas camadas de leitores na década de cinquenta, não consumiram a novela, por motivos óbvios, sua ressonância nos meios intelectuais foi, no entanto, da mais ponderável estima. Inúmeras personalidades, representativas de nossa melhor inteligência, manifestaram-se de forma expressiva sobre o livro do então estreante Orlando Geraldo Rego de Carvalho.⁸⁸

O texto dos editores dessa segunda edição não explicitam os “motivos óbvios” para o não alcance mais amplo entre os leitores. Que motivos seriam esses? Econômicos? Culturais? Editoriais? Aqui parece estar em jogo, em boa medida e de maneira sutil, uma questão de “fronteiras”, na qual a legitimidade da publicação só se dará a partir dessa nova edição, que os seus editores consideram assumir o papel de primeira edição, visto que a editora era, naquele momento, de grande alcance.

Os comentários, em sua maioria, tentam localizar o escritor como surpreendente pela sua jovialidade e, mesmo assim, a sua capacidade de se colocar como um “escritor experimentado”, entre os “grandes”. Em muitas edições, como são os casos da sétima, oitava e décima quarta, o livro se fecha, na contracapa, com o comentário de Cecília Meireles, afirmando que “Ulisses deixou-me uma sensação de poesia misteriosa e comovente”⁸⁹ e o de Fausto Cunha, que assegura ser o livro “Um clássico da literatura brasileira contemporânea”⁹⁰.

Algo interessante a ser notado é o fato de que, em algumas das edições de *Ulisses entre o Amor e a Morte*, publicadas pela Editora Caderno de Letras Meridiano, da quarta

⁸⁸ CARVALHO, O. G. Rego de. *Ulisses entre o Amor e a Morte*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

⁸⁹ MEIRELES, Cecília. Contracapa. *Ulisses entre o Amor e a Morte*. 7. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1989/ 8. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1994/14. ed. Teresina: Renoir, 2009.

⁹⁰ CUNHA, Fausto. Contracapa. *Ulisses entre o Amor e a Morte*. 7. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1989/ 8. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1994.

edição (1984) até a sétima edição (1989), constavam de orelhas, mas não havia nenhum texto ou informação inscrita nelas. Também não traziam nenhum resumo biográfico do autor. Isso vai acontecer com todas as edições, também, de *Rio Subterrâneo* (1984, 1985, 1987, 1988), e de *Somos Todos Inocentes* (1985), publicadas pela Editora Caderno de Letras Meridiano. A década de 1980 foi um momento de “silenciamento” de textos que assumissem a função de apresentação do autor.

O que, mais uma vez, abre a margem para se pensar em erros na hora da impressão ou problemas na revisão. O que se pode inferir é que, no processo de exibição do autor, tais edições “falharam”, pois não utilizaram esses espaços físicos do livro para conduzir o leitor sobre aspectos do escritor. Independente disso, a partir da oitava edição, de 1994, algum tipo de texto volta a figurar nesses espaços. A oitava, a décima segunda e décima quarta edições, por exemplo, trazem os mesmos comentários nas orelhas do livro, já citados. No entanto, o resumo biográfico da oitava e da décima segunda edições são iguais, mas se diferenciam da última edição. Esse resumo biográfico, intitulado de “O Autor”, apresenta-o, dizendo:

Orlando Geraldo Rego de Carvalho, esse piauiense arredo e solitário, no dizer de Salim Miguel, nasceu a 25 de janeiro de 1930, em Oeiras, a mais velha cidade do Piauí e sua primeira capital. Aos dez anos começou a escrever para o jornal da escola, mas foi em Teresina, em 1942, que decidiu ser escritor, após a leitura de *O Guarani*, de José de Alencar. Passou a adolescência redigindo contos, alguns publicados nas melhores revistas e suplementos do País. Estreou em 1953, com *Ulisses entre o Amor e a Morte*, considerado uma novela que medeia entre o *scriptum* para cinema e o poema em prosa, ou um romance lírico, como querem outros. Escreveu, a seguir, *Somos Todos Inocentes*, que conquistou o prêmio de romance da Academia Brasileira de Letras. Elaborou, mais tarde, *Rio Subterrâneo*, saudado pela crítica como uma obra-prima da moderna ficção brasileira. Em 1964, quando compunha *Era Noite, Afonsina*, teve séria fadiga nervosa, de que se ressentiu até hoje. A linguagem de seus livros é simples e poética, havendo neles grande ternura pelos que sofrem. Romancista admirável, chamou-o assim Gilberto Freyre.⁹¹

O livro, em suas diferentes edições, expressa as relações do e no tempo. Denotam temporalidades e subjetividades. O olhar para as mudanças nas edições permite visualizar a interação entre o presente e o passado. As adaptações nas maneiras de apresentar e exibir o

⁹¹ CARVALHO, O. G. Rego de. **Ulisses entre o Amor e a Morte**. 8. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1994/12. ed. Teresina: Corisco, 1999.

escritor, sobretudo nas cronologias ligadas a um resumo biográfico, são os vestígios de um “passado” do autor e de sua obra. Dessa forma, tais mudanças são estratégias que tendem a controlar tal passado, dando-lhe sentidos diferentes. Retirar certas informações e acrescentar outras é uma atividade de (re) visita constante ao passado da escrita e do escritor. Essas diferentes formas de exibição atuam como relatos de aspectos do passado. Os silenciamentos e acréscimos nas informações dos resumos biográficos, por meio, inclusive, de cronologias, endossam a noção de que o passado é percebido pelas camadas sedimentares das interpretações e leituras.

Perceber as distinções entre essas formas de dispor as informações sobre o escritor e sua obra permite compreender os discursos interpretativos anteriores e/ou atuais. Os relatos, assim, visam a constituir sentidos, unidade e verdades. Tentam criar uma realidade, expondo os eventos em sequência, em cronologia e linearidade. Pretendem ser, então, o próprio passado do escritor. No entanto, “a realidade do passado não são os eventos transcorridos, mas os textos – verbais e não verbais – que o passado legou; portanto, não corresponde ao fato, mas à sua transfiguração em discurso”⁹². Os resumos biográficos nos livros do literato agem no sentido de tal transfiguração.

Por esse diapasão, é imperioso dizer que nos limiares do processo de (auto) biografia e de exibição do autor, o que se pretende é agir sobre a mediação da leitura, pois “é somente pela mediação da leitura que a obra literária obtém a significância completa”⁹³. Os recursos de “apresentação” do autor intentam orientar ou mesmo controlar a leitura, restringindo suas variantes, as interpretações. É pertinente, então, dizer que entre o autor e o leitor há uma disputa de leitura. Ao escolher, selecionar, filtrar e excluir informações que compõem a materialidade dos livros, em suas diferentes edições, o autor (e até aqueles que assumem esse papel em seu nome, como é o caso de sua esposa) está lançando mão de estratégias que marcam as “escritas de si” e as “preservações de si”. Essas estratégias de “escritas” e “preservação” fazem parte do labirinto que constitui a identidade do escritor.

Conforme Paul Ricoeur⁹⁴, a composição da obra funciona como um instrumento que rege a leitura, mas que se amplia na perspectiva de que no processo de “comunicação” da obra, a leitura é o ponto de “chegada” para uma nova “partida”, a das interpretações. O ponto de partida é o autor, atravessando a obra até alcançar o ponto de chegada, o leitor.

⁹² ZILBERMAN, Regina. Leitura e materialidade da história da literatura. In: ROCHA, João César de Castro (Org.). **Roger Chartier – a força das representações**: história e ficção. Chapecó, SC: Argos, 2013, p. 165.

⁹³ RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**: o tempo narrado. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. 269.

⁹⁴ RICOEUR, Paul. Op. cit.

Nesse processo, “com efeito, é do autor que parte a estratégia de persuasão que tem o leitor como alvo”⁹⁵.

É fulcral admitir, na esteira do que destacou Pierre Bourdieu acerca da “ilusão biográfica”, que, mesmo diante de esforços de autores e editoras em construir uma biografia ou autobiografia como algo a partir de uma cronologia e de uma lógica, é preciso perceber as diferentes relações sociais da biografia. Relações tais que são selecionadas para compor um “resumo biográfico” e uma “cronologia” da vida e da obra de um autor. Trata-se, em larga medida, de um roteiro de leitura, que busca realizar um acordo prévio entre o leitor e o escritor, no intuito de diminuir as discrepâncias interpretativas e, até mesmo, especulativas. As diferentes formas de exibições do escritor, por meio de textos de resumo no interior do livro, contracapas, orelhas e resumos em forma de cronologia, são estratégias que buscam dar sentido, linearidade e unidade à vida do escritor.

No entanto, “os acontecimentos biográficos se definem como *colocações* e *deslocamentos* no espaço social”⁹⁶. Tais acontecimentos expressam as disputas e posições dos agentes no jogo de poder do próprio campo literário. Conforme a proposta de Bourdieu, deve-se observar “o sentido dos movimentos que conduzem de uma posição a outra”⁹⁷. Nesse sentido de movimentos, os postos ocupados ou desejos, os lugares que frequentava, os espaços de publicação e divulgação, assim como a relações com as editoras, são exemplos de como os acontecimentos biográficos abrem o horizonte de construção da vida do autor.

Os traços (auto) biográficos e as diferentes formas de apresentação e de exibição do autor, em muitos momentos, apontam para a questão da constituição de fronteiras. Tais fronteiras se constituirão, dentre outros aspectos, a partir das localizações do autor em sua relação como o “nacional”, o “local”, o “regional”. Em muitos textos que apresentam o autor, como foi visto ao longo desse capítulo, há referência, direta ou indireta, à sua legitimação ou classificação como escritor no cenário “piauiense”, “brasileiro” e, em certos momentos, “universal”. Assim, sua construção (auto) biográfica será atravessada, também, pela inquietação em “ser ou não ser do Piauí”. É nessas linhas e horizontes fronteiriços que muito do que foi dito, pela crítica, acerca da vida e da obra de O. G. Rego de Carvalho se pautou.

⁹⁵ RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**: o tempo narrado. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. 271.

⁹⁶ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 190.

⁹⁷ BOURDIEU, Pierre. Op. cit, p. 190.

2.3 Quente era a manhã em novembro...

*Quente era a manhã, em julho, quando meu pai se deitou, as pálpebras baixando. E puro, e distante, e feliz, encarou o céu e o tempo.*⁹⁸

*Se, depois de eu morrer, quiserem escrever A minha biografia,
Não há nada mais simples.
Tem só duas datas – a da minha nascença e a da
Minha morte.
Entre uma e outra coisa todos os dias são meus.*⁹⁹

Conhecido, dentre outros aspectos, pela sua narrativa que aborda temáticas universais como o amor, a juventude e a morte, o literato descreve, de maneira poética e musical, a morte do pai de Ulisses, o personagem de seu livro *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953). Sua narrativa sobre a morte remete para uma questão de tempo, pois “encarar o tempo” é uma postura de subjetividade, de temporalidade. A morte, assim, assume mais uma possibilidade de percepção do tempo, visto que este não pode ser, efetivamente, medido. E o tempo, assim como as experiências, é constituidor de memórias.

A associação feita entre a narrativa do escritor e o seu texto está para além de uma análise do autor apenas como indivíduo. Está, nesse sentido, mais próxima da noção da função-autor, sugerida por Michel Foucault, e que Roger Chartier retoma para pensar, também, sobre as dimensões acerca de autor e autoria. Tal função seria, então, “a maneira pela qual um texto aponta para essa figura [o autor], que está fora dele e o precede”¹⁰⁰. O texto da morte do pai de Ulisses assume esse papel de apontar a figura exterior do autor, mesmo sem, às vezes, a necessidade de explicitar o autor-indivíduo. Chartier, destaca que “a função-autor está fundamentalmente separada da realidade fenomenológica e da experiência do escritor como indivíduo”¹⁰¹. Torna-se uma instância também exterior ao

⁹⁸ CARVALHO, O. G. Rego de. **Ulisses entre o Amor e a Morte**. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1953, p. 27.

⁹⁹ PESSOA, Fernando. Poemas Inconjuntos. **Poemas de Alberto Caeiro**. 10. ed. Lisboa: Ática, 1993, p. 88.

¹⁰⁰ CHARTIER, Roger. **Autoria e história cultural da ciência**. Organização de Priscila Faulhaber e José Sérgio Leite Lopes. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012, p. 38.

¹⁰¹ CHARTIER, Roger. Op. cit, p. 39.

indivíduo que escreve, mesmo, inicialmente, dele partindo, para, em seguida, assumir outra realidade.

No entanto, não se pode negar, de maneira hermética, que o indivíduo desaparece. É na própria existência do texto e da função-autor que o sujeito também ganha sua existência, de um “eu” diferente daquele evocado na função-autor. Há um distanciamento que não nega, mas que indica que são mundos distintos, em decorrência de que “a função-autor situa-se a uma certa distância da evidência empírica, segundo a qual cada texto foi escrito por alguém”¹⁰². A evidência empírica por si só não caracterizaria a autoria. A função-autor se manifesta, assim, no texto e no conjunto de outros textos que, com ele, mantêm diálogo. Para endossar a explicação sobre essa função-autor, Roger Chartier recorre à obra de Jorge Luís Borges, na qual é exemplificada a distância, “ao descrever a captura, a absorção e a ‘vampirização’ do ego subjetivo, bem como a experiência íntima do ‘eu’ (ou seja, o ‘yo’) pelo autor (‘Borges’)”¹⁰³.

Além disso, *Ulisses* expressa uma espécie de memória autobiográfica inscrita no universo ficcional. Tal memória está no entrecruzamento entre o individual e o coletivo, pois como postula Maurice Halbwachs¹⁰⁴, ela remete a elementos de instituições sociais como a família. A memória trazida à tona pelo personagem do livro rompeu os limites da sensibilidade narrativa, passando, em larga medida, a compor a memória literária em torno da obra do autor de *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953). Tornou-se um símbolo, uma marca do estilo narrativo do escritor. A morte, assim, ficou marcada não somente pelo título do livro, mas pela repercussão da maneira como ela é descrita: poética, sonora, breve. A linguagem se expressa, assim, em seu infinito, pois não se limita à materialidade do livro e alcança a potencialidade de outros textos, de outras leituras. A literatura, então, não se fixa, não se restringe a um lugar hermético. Nesse sentido, ela manifesta-se no “lugar sem lugar”¹⁰⁵, pois remete a textos anteriores e posteriores. Ela não se encerra em si mesma, tendo seu desdobramento nas (re) escritas e (re) leituras.

Por esse viés, a temática da morte é aqui tomada não como temática em si mesma, mas como mais um fio para a compreensão dos discursos que se agrupam para (re) construir as imagens acerca do autor e de sua obra. Sua morte, em novembro de 2013,

¹⁰² CHARTIER, Roger. **Autoria e história cultural da ciência**. Organização de Priscila Faulhaber e José Sérgio Leite Lopes. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, p. 38.

¹⁰³ CHARTIER, Roger. Op. cit, p. 39.

¹⁰⁴ HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

¹⁰⁵ FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Organização de Manoel Barros da Motta. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 59.

aponta para uma recorrente disputa conceitual, visto que as fronteiras entre local, regional, nacional e universal são retomadas pelos críticos-comentaristas, na tentativa de localização do escritor no esteio de uma formação ou representação de identidade. Nas homenagens nos diferentes meios de comunicação há, como uma nota explicativa, um “resumo biográfico”, encerrado, na maioria dos casos, com qualificativos que margeiam os limites-fronteiras da identidade por meio do espaço.

Sua morte fez com que os artistas, intelectuais, jornalistas se manifestassem de maneira a noticiar o ocorrido e prestar algum tipo de homenagem póstuma. No dia de seu falecimento, a descrição da morte em seu livro de estreia foi tomada como inspiração para a ilustração de Bernardo Aurélio, adaptando, inclusive, o texto:

Charge 1 – Charge “O. G. Rego: quente era a manhã”, de Bernardo Aurélio



Fonte: AURÉLIO, Bernardo. Blog do Macedo, 25 de novembro de 2013.

A interpretação feita pelo ilustrador retoma o texto que compõe o primeiro capítulo *Viagem de Cura*, de *Ulisses entre o Amor e a morte* (1953). Na perspectiva do ilustrador, texto e escritor se confundem, complementam-se, amalgamam-se. Ou melhor, a função-autor se faz presente, pois o texto remete ao autor que o precede e que lhe é exterior. A associação feita com a obra do autor por meio das imagens funciona em sua dimensão de intertextualidade, pois são textos que se indicam. Outra charge, de autoria de Dino Alves, a imagem, além de trazer a referência ao livro de estreia do literato, traz o título “Agora sou Imortal”, fazendo menção ao pertencimento do autor à Academia Piauiense de Letras (APL):

Charge 2 – Charge “Agora sou Imortal”, de Dino Alves.



Fonte: ALVES, Dino Capital Teresina, 14 de novembro de 2013.

Na leitura indicada pela imagem, autor, texto e personagens se entrecruzam, tornam-se o mesmo texto. Sua escrita o teria lançado a voos para além dos limites locais, muito embora a ideia de “piauiensidade”, como uma identidade, como algo determinado, ainda fosse retomada. Nesse sentido, o Jornal *O Dia*, em sua edição do dia 10 de novembro de 2013, trouxe estampada, em sua manchete de capa, uma charge com o título do anúncio da morte do literato. No texto que compõe a imagem da charge, há destaque para a perda que a “literatura piauiense” sofrera.

A perspectiva da identidade como algo dado é ventilada no momento em que toma o autor como sendo uma referência para tal literatura. Isso é endossado com o título da matéria, na mesma edição do Jornal *O Dia*, que diz “Literatura piauiense de luto”¹⁰⁶. O texto da matéria faz questão de enfatizar que o autor tinha “obras de reconhecimento nacional” e menciona um resumo biográfico do autor, elencando as principais obras e sua atuação junto à criação do Grupo Meridiano, ao lado de Manuel Paulo Nunes e H. Dobal. Os jornais, de maneira geral, seguem uma “biografia compartilhada”, pois usam as mesmas informações a partir de uma espécie de roteiro: data e cidade de nascimento, livros publicados, grupos dos quais fez parte e pertencimento à Academia Piauiense de Letras.

A charge, como as demais apresentadas, faz menção ao autor em sua confluência com seus textos, sua escrita, sua obra. Imagem e texto atuam no sentido de endossar uma mensagem de identificação da obra com o autor. Nesse sentido, as imagens parecem expressar, de maneira mais aproximada, o conceito/ideia da função-autor, que destaca que o texto apresenta diferentes mecanismos que remetem ao autor e não diretamente ao indivíduo:

¹⁰⁶ OLIVEIRA, Luís Carlos. Literatura piauiense de luto. **Jornal O Dia**. Teresina, 10 nov. 2013, p. 05.

Charge 3 – Charge “Morre O. G. Rêgo”



Fonte: Jornal O Dia. Teresina, 10 nov. 2013, p. 01.

A matéria, além de, como era de se esperar, falar de onde o literato estava internado até o momento de sua morte, ainda destaca a opinião de críticos e professores, como é o caso de Cineas Santos e da professora universitária e cronista, Jasmine Malta. Trazer o discurso e posicionamento de críticos, estudiosos e professores é uma estratégia para legitimar as informações do periódico. O jornal salienta que

Segundo o professor Cinéas Santos, O. G. Rego de Carvalho se inscreve na galeria dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea. Ele cita a obra *Ulisses Entre o Amor e a Morte*. “É o mais belo livro sobre a adolescência que se escreveu neste país. Perdemos um cidadão, mas sua obra permanecerá”, disse Cinéas.

A cronista Jasmine Malta lembra que O. G. Rego marcou uma geração e foi responsável por mudanças significativas na estrutura narrativa. “É uma perda para o Piauí e para a literatura nacional”, ressalta.¹⁰⁷

¹⁰⁷ OLIVEIRA, Luís Carlos. Literatura piauiense de luto. **Jornal O Dia**. Teresina, 10 nov. 2013, p. 05.

O escritor, que se envolveu em polêmicas, sobretudo no que se refere à própria noção de “literatura piauiense”, tornou-se uma espécie de símbolo da produção literária local, que teria projetado o estado do Piauí para dimensões nacionais e internacionais. Em decorrência disso, virou, talvez, um cânone, algo sobre o qual ele, inclusive, ajudou a refletir. O cânone é, dessa maneira, mais um dos aspectos que constituem o campo literário.

Com a morte do escritor, ocorrida no dia 09 de novembro de 2013, a sua relação direta com o fazer literário, obviamente, foi retomada. Foi o momento, para além das homenagens, de apropriações da figura do escritor como representante de uma dimensão cultural do estado. As mensagens várias, divulgadas sobretudo nos meios de comunicação impressa, televisiva e digital, enfatizaram o papel do escritor no processo de “elevação” do nome do estado por meio de sua escrita. O escritor configurou-se como um ícone da literatura, sobremaneira do romance. Os portais buscavam atualizar as informações sobre seu falecimento e a indicação do local do velório e sepultamento:

Faleceu na manhã de hoje (9) o escritor Orlando Geraldo Rego de Carvalho, aos 83 anos, no Hospital São Paulo em Teresina. O. G. Rego, como era conhecido, estava internado há oito dias na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e morreu com falência múltipla dos órgãos.

O velório do escritor O. G. Rego de Carvalho acontecerá na tarde deste sábado (9), na Pax União da avenida Miguel Rosa. A informação inicial é de que o corpo do autor oieirense seja sepultado ainda hoje, por volta das 17h, no cemitério Jardins da Ressurreição.¹⁰⁸

Os portais de notícias fizeram questão de noticiar o acontecido, sempre enfatizando a importância do escritor no universo literário. No Portal Cidade Verde há destaque para a reprodução da nota do Governo do Estado do Piauí, que dizia que

O Governo do Estado manifesta profundo pesar pelo falecimento do escritor Orlando Geraldo Rego de Carvalho (O. G. Rego de Carvalho), ocorrido neste sábado, dia 9 de novembro.

Cidadão exemplar, o escritor nascido em Oeiras, honrou o Piauí com sua produção literária, reconhecida nacionalmente. Entre seus livros mais conhecidos estão *Rio Subterrâneo* e *Ulisses Entre o Amor e A Morte*. Em nome dos piauienses, o governador Wilson Martins se solidariza com a

¹⁰⁸ **Escritor O. G. Rego de Carvalho morre aos 83 anos em Teresina.** Disponível em: <<http://cidadeverde.com/escritor-o-g-rego-de-carvalho-morre-aos-83-anos-em-teresina-148052>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

família enlutada, a Academia Piauiense de Letras e a todos os piauienses, que têm em O. G. Rego o exemplo de um grande escritor.¹⁰⁹

A ideia de sua projeção para além dos limites e fronteiras geográficas é destacada na fala do professor de literatura, Luiz Romero. Para ele, “A língua brasileira e a língua portuguesa perderam um dos maiores nomes da renovação da literatura contemporânea e a literatura piauiense perde seu maior ficcionista”¹¹⁰. No mesmo ensejo, o professor e crítico literário, Cineas Santos, também se pronunciou, afirmando que “O. G. Rego de Carvalho é uma das figuras mais representativas da moderna ficção brasileira, bastaria o livro ‘Ulisses Entre o Amor e a Morte’ para justificar a sua presença luminosa entre nós. Perdemos um cidadão, mas sua obra com certeza permanecerá”¹¹¹.

Os professores preferiram destacar a produção do escritor como sendo de alcance além das fronteiras locais e regionais. Sua morte parece ter, em certa medida, contribuído para a aceitação de que não se trataria de um escritor “piauiense”, encerrado em seu estado. O escritor seria a projeção *da* Literatura e não *de uma* Literatura. São questões de fronteira que são apresentadas, mesmo que não tenha sido essa a intenção dos comentaristas e críticos. Os limites espaciais e geográficos são retomados para criar a amplitude da projeção do literato:

A prefeitura de Oeiras, a 300 quilômetros de Teresina, decretou luto pela morte do escritor Orlando Geraldo Rego de Carvalho, popularmente conhecido como O. G. Rego de Carvalho. O escritor é natural do município e morreu neste sábado (9) de falência múltipla dos órgãos. Ele estava há oito dias internado em um hospital particular da capital.

Lukano Araújo Costa, prefeito de Oeiras, disse ao **G1** que o falecimento do romancista é uma perda muito grande para a cidade e para a literatura piauiense. Segundo o gestor, o escritor será homenageado no Festival de Cultura do município que acontecerá nos dias 14 a 16 de novembro.

“Em seus livros, ele (O. G. Rego) representou muito bem a cidade de Oeiras. Por isso o festival de Cultura está mantido, pois organizamos um bate papo literário no qual o escritor piauiense será homenageado. O. G. Rego foi um grande incentivador da leitura e esta também será uma

¹⁰⁹ **Escritor O. G. Rego de Carvalho morre aos 83 anos em Teresina.** Disponível em: <<http://cidadeverde.com/escritor-o-g-rego-de-carvalho-morre-aos-83-anos-em-teresina-148052>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

¹¹⁰ ROMERO, Luiz. In: **Escritor O. G. Rego de Carvalho morre aos 83 anos em Teresina.** Disponível em: <<http://cidadeverde.com/escritor-o-g-rego-de-carvalho-morre-aos-83-anos-em-teresina-148052>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

¹¹¹ SANTOS, Cineas. In: **Escritor O. G. Rego de Carvalho morre aos 83 anos em Teresina.** Disponível em: <<http://cidadeverde.com/escritor-o-g-rego-de-carvalho-morre-aos-83-anos-em-teresina-148052>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

forma de agradecê-lo pelo legado cultural que deixa a nós piauienses”, disse o prefeito.¹¹²

Conhecido, também, por colocar a sua cidade natal como fonte de inspiração e espaço em sua narrativa, o escritor se tornou um filho ilustre da antiga capital piauiense. O escritor, que narrou as cidades de Oeiras, de Teresina e de Timon, no Maranhão, transitou entre essas cidades por meio de seus personagens. Tais espaços foram foco de memórias e compuseram traços que contribuíram para que alguns críticos afirmassem que seus livros fossem autobiográficos.

A notícia da morte do escritor trouxe à tona as suas relações com sua cidade natal. Cidade contemplada em seus livros, mas que teria ficado no passado de sua infância.

O promotor Carlos Rubem Campos Reis também lamentou a morte do conterrâneo e falou sobre o documentário que ele havia produzido sobre a vida de O. G. Rego, filme que recebeu o nome de "A Viagem Incompleta".

“O. G. Rego escreveu sobre Oeiras como nenhum escritor. Ele deixou de lado o orgulho e voltou a visitar o município mesmo após dizer que não retornaria para Oeiras, após ter ficado órfão. O retorno aconteceu quando se casou e sua esposa decidiu conhecer sua cidade natal. Entretanto, mesmo distante ele nunca excluiu Oeiras de suas obras. Tudo isso foi retratado em nosso documentário e por isso estamos tristes com sua morte”, afirmou o promotor.¹¹³

O documentário tinha o título final de “O. G. A Viagem Incompleta”¹¹⁴, que foi escrito, fotografado e dirigido pelo cineasta Douglas Machado. Uma produção da Trinca Filmes Ltda, em parceria com o Instituto Dom Barreto, ambos localizados em Teresina, Piauí. Carlos Rubem Campos Reis colaborou na articulação junto a entidades governamentais do estado e da cidade de Oeiras, para angariar patrocínio. Ele foi

¹¹² **Prefeitura de Oeiras decreta luto pela morte de O. G. Rego de Carvalho.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/11/prefeitura-de-oeiras-decreta-luto-pela-morte-de-o-g-rego-de-carvalho.html>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

¹¹³ **Prefeitura de Oeiras decreta luto pela morte de O. G. Rego de Carvalho.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/11/prefeitura-de-oeiras-decreta-luto-pela-morte-de-o-g-rego-de-carvalho.html>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

¹¹⁴ Na ficha técnica do documentário consta: Um filme de Douglas Machado. Produção da Trinca Filmes. Ideia original e argumento de Marcílio Rangel. Diretora de produção, Gardênia Cury. Produtor associado, Carlos Rubem Campos Reis. Edição, Elionardo Braga e Douglas Machado. Animação de Fotografia, Jean Marcelo. Assistente de câmera (1ª fase), Cássia Moura. Trilha sonora, Sérgio Matos. Os Patrocinadores foram: Governo do Estado do Piauí, Prefeitura de Oeiras, FUNDAC, Tv Assembleia. Apoio Cultural: Fundação Nogueira Tapeti, Oficina da Palavra.

responsável, em parte, pela busca de imagens que constam no documentário. O que seria mais um mecanismo de “exibição do autor” acabou se tornando mais um capítulo nas polêmicas nas quais o escritor se envolveu, pois sua esposa, não gostando do resultado final, não teria autorizado o lançamento oficial, nem mesmo a circulação do filme. O filme fez, de certa forma, sua viagem incompleta, pois o público não teve, e não tem, acesso a ele. Criou-se, então, certo imaginário sobre o Documentário como sendo o filme proibido, uma espécie de biografia não autorizada. A viagem incompleta, assim, configura-se no distanciamento entre o autor e o indivíduo, mesmo que haja essa fetichização, no seio dos leitores e até críticos, em relação ao privado, ao “eu” do indivíduo. Por esse ângulo, a não divulgação ou circulação oficial do documentário acabou por contribuir para o processo de exibição do autor, visto que os silenciamentos também atuam na construção da memória. Seria, talvez, o não-dito, ao qual faz menção Michel Pollak¹¹⁵.

As notícias não se restringiram aos noticiários locais. Pedro Salgueiro, que é defensor da “literatura cearense” e que escreve na seção *Colunas*, do *Jornal O Povo online*, de Fortaleza, dedicou texto sobre o falecimento de O. G. Rego de Carvalho. O jornalista, de maneira sutil, não quis dar destaque para a morte em si. Isso pode ser observado no título de seu texto, que traz apenas o nome do literato. Ele não fala em morte, que lhe parece soar muito brutal, pouco poética, pouco literária. Ele prefere o termo “desaparecer”, para se referir à morte daqueles que ele mesmo vai chamar de “monstros sagrados”, nos quais ele enquadra o literato. Por esse viés, ele assevera que

Os últimos “monstros sagrados” da literatura parece que desaparecerão quando se forem Lygia Fagundes Telles, Ferreira Gullar, Rubem Fonseca, Dalton Trevisan, Manoel de Barros, Thiago de Mello, Raduan Nassar (reparem que todos já com idades avançadas), e, o mais preocupante, quase nenhum grande nome foi se estabelecendo numa geração intermediária, talvez Ana Miranda, Márcio de Souza e poucos outros sejam exceções de escritores mais reconhecidos nacionalmente. Mas grandes escritores foram surgindo em cada recanto do país, com obras sólidas, talentos comprovados, que (infelizmente) não se tornaram (e quem se importa com isso?) nomes “nacionais” – ou se tornaram por algum tempo –, como o grande romancista Gilvan Lemos em Pernambuco, o poeta José Chagas no Maranhão, os poetas Francisco Carvalho, José Alcides Pinto e Artur Eduardo Benevides no Ceará, o contista Sérgio Faraco no Rio Grande do Sul, o prosador Salim Miguel em Santa Catarina, o romancista Francisco C. Dantas em Sergipe, o ótimo poeta H. Dobal no Piauí.

¹¹⁵ POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

E foi nesse pobre estado do Piauí, vizinho e cúmplice em tantas mazelas sociais, tão parecido em tudo com o nosso Ceará, que encontrei – no meu período de formação literária no início dos anos 1980 – um dos maiores escritores brasileiros: O. G. Rego de Carvalho. Ele até publicou por boas casas editoriais, residiu no Rio de Janeiro, mas depois voltou à sua Teresina querida (sua segunda cidade, pois era natural da histórica Oeiras), onde exerceu o magistério e foi funcionário do Banco do Brasil até se aposentar. Depois disso, pouco se ouviu falar dele fora do Piauí, alguns até achavam que há muito tivesse morrido.¹¹⁶

Nos percursos e estratégias de exibição do autor, o seu isolamento teria povoado o imaginário e a especulação sobre sua morte, o que, de certa forma, também fomentava o interesse por sua obra. As especulações também funcionam na manutenção da memória, pois enquanto não há confirmação de algo, o objeto de especulação sempre “está vivo” na memória dos que pensam sobre tal objeto, no caso, a morte do escritor. Em suas memórias, Salgueiro afirma:

Estive, por ser admirador de sua importante obra literária, procurando por ele, queria conhecê-lo: inicialmente o escritor, editor e produtor cultural Cineas Santos me desestimulou falando de sua séria doença mental (estava em crise na época), depois Magalhães da Costa reafirmou a opinião de Cineas, e mais recentemente pedi notícias dele ao poeta Chico Miguel de Moura, que me falou de seu afastamento do convívio dos amigos. E foi com surpresa (e tristeza) que no último mês de novembro, precisamente no dia 9, cheguei a Teresina para um compromisso familiar e me deparei com a notícia de seu falecimento.

Em sua homenagem peguei a edição de sua *Ficção Reunida* (editada por Cineas Santos no selo Corisco), que guardo ao lado das edições antigas dos seus *Ulisses entre o amor e a morte*, *Rio Subterrâneo*, *Somos todos inocentes* e *Como e por que me fiz escritor* (nunca encontrei seu *Amarga solidão*), e a reli de uma assentada, livro a livro, saboreando sua prosa singular, perdendo-me pelas ruas antigas de Oeiras, em passeios pelas ribanceiras do Parnaíba depois de uma enchente, em camarinhas escuras que escondiam loucos: loucos que eram mais que seus personagens, eram seus parentes e, numa projeção, eram todos ele mesmo.

Orlando Geraldo Rego de Carvalho tornou-se, portanto, na vida real um personagem dele mesmo, de sua rica literatura; e sua obra – tenho certeza – não desaparecerá com o passar do tempo e o suceder dos modismos literários.¹¹⁷

¹¹⁶ SALGUEIRO, Pedro. **O. G. Rego de Carvalho**. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/colunas/pedrosalgueiro/2013/12/04/noticiaspedrosalgueiro,3171851/o-g-rego-de-carvalho.shtml>>. Acesso em: 04 dez. 2013.

¹¹⁷ SALGUEIRO, Pedro. **O. G. Rego de Carvalho**. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/colunas/pedrosalgueiro/2013/12/04/noticiaspedrosalgueiro,3171851/o-g-rego-de-carvalho.shtml>>. Acesso em: 04 dez. 2013.

A morte do escritor se constituiu como um momento de homenagens, o que geralmente acontece. Para além das homenagens, sua morte se tornou espaço no qual sua vida e obra são revisitadas, reinventadas. Os problemas mentais do escritor são lembrados por Salgueiro como uma das coisas marcantes em seu “contato” com ele. Em sua leitura, a dimensão autobiográfica, mesmo que como projeção, norteia a narrativa do literato. Pode-se considerar, então, que os textos e comentários sobre sua morte compõem o leque das diferentes maneiras de exibição do autor.

O portal de notícias, *Sinal Verde Caxias*, também informou sobre a morte do literato, estampando a manchete *Morre escritor O. G. Rego de Carvalho*. No ensejo, a página fez um tópico, intitulado de *Biografia do Escritor*. Como o nome sugere, apresentou-se um resumo biográfico, mencionando desde o nascimento e suas principais obras e ações.

Prestar homenagem ao escritor, na ocasião de seu falecimento, é o momento de demonstrar sensibilidade com a perda. Mas é, também, espaço para mais uma linha de escrita e crítica sobre ele e sua obra. Sua biografia parece ser retomada com o sentido de “definitiva”, visto que a morte seria o marco indiscutível da finitude humana. Nesse ensejo, o também literato e crítico, Francisco Miguel de Moura destacou que

Orlando Geraldo Rego de Carvalho morreu na madrugada de 9 de novembro deste 2013. O escritor O. G. Rego de Carvalho, como assinava, vai demorar muito. Só não será eterno porque não há eternidade nesta vida. Como escreveu São Francisco de Assis, “*é morrendo que se vive para a vida eterna*”. O. G. Rego de Carvalho, sem ser poeta no sentido de versejador, deixou-nos a bela poesia de seus romances e contos, cada vez mais sofridos e tão musicais porque vindos do fundo da alma. Nasceu em Oeiras, aos 25 de janeiro de 1930, em família tradicional da antiga capital do Piauí, cuja cidade, nos antanhos, tinha o costume de construir cada casa com um quarto já reservado aos loucos. Porém continua e continuará sendo a cidade também dos músicos e letrados, cidade da inteligência e da tradição, a cuja tradição O. G. Rego pertence.¹¹⁸

Francisco Miguel de Moura recorre às lembranças de seu contato com o escritor, para, talvez, não se restringir às informações genéricas, tais quais feitas pelos jornais. Ele pretende, de maneira assumida e proposital, “prestar uma homenagem” e, para isso, recorre às memórias que evoca de seu relacionamento com o escritor. Miguel de Moura assim o

¹¹⁸ MOURA, Francisco Miguel de. **O. G. Rego de Carvalho. Letra e Música**. Disponível em: <<http://poetaelmar.blogspot.com.br/2013/11/o-g-rego-de-carvalho-letra-e-musica.html>>. Acesso em: 29 nov. 2013.

faz quase que reconhecendo que “Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma”¹¹⁹. Por isso, ele prefira os detalhes da amizade:

E como não é da cidade que vamos tratar, voltemos esta homenagem a nossa amizade, nossa admiração. Conhecia-o de leitura, antes de aqui chegar. Era outubro de 1964. Ele viera do Rio de Janeiro, onde exercia relevante função na Direção Geral do Banco do Brasil. E eu aqui chegava, vindo da Bahia. Alguns dias ou semanas depois houve o nosso encontro, já então colegas, no Banco do Brasil. Restabelecida sua saúde, a qual tinha sido abalada pelo esforço dispendido para terminar “*Rio subterrâneo*” – “*minha obra prima*”, dizia, já pensava escrever o romance “*A maçã partida*”. A partir dali, já trabalhando no Banco do Brasil, na Agência de Teresina, onde permanecemos até a aposentadoria, convivemos estes anos todos, na melhor harmonia, não obstante o árduo trabalho daquela empresa. E eu bebia de sua experiência de vida e arte, enfim de sua sábia inteligência, a quem sou grato, muito grato. Tenho orgulho de chamá-lo de meu colega, amigo e mestre.

O. G. Rego de Carvalho nunca interferiu no trabalho que sabia eu estar fazendo na Faculdade Católica de Filosofia do Piauí – a famosa FAFI, ovo e estrela na Universidade que se formava. Depois de pronto o meu “*Linguagem e comunicação em O. G. Rego de Carvalho*” foi que o mostrei e ele demonstrou alegria, satisfação e surpresa. Ambos nos comportamos, também como se previa, com a liberdade dos comunicadores, seja na imprensa, na literatura, na crítica, no romance, na poesia.¹²⁰

O texto de Miguel de Moura retoma o contato relativamente próximo e íntimo que manteve com o escritor, o que se apresenta como um indício de informação legitimadora que o credencia a falar para além da obra de seu confrade. Para tal, escreve em cores de memória:

Coincidentemente fomos morar de frente um para o outro. Casas construídas sem combinação prévia, cujas habitações ficavam (e ficam, pois ainda estão de pé) à Rua 13 de Maio, zona Centro-Norte. Íamos para o trabalho caminhando... Era costume parar um pouco na Livraria DILERTEC, ou do Nobre, onde batíamos um papo gostoso e descontraído: chegando, entrando, comprando ou apenas lendo e discutindo. As nossas casas foram construídas ao mesmo tempo. E à tardinha ou nos dias santos e feriados nos freqüentávamos para um “papinho” sem compromisso ou para pedir uma sugestão – opinião que,

¹¹⁹ HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990, p. 25.

¹²⁰ MOURA, Francisco Miguel de. **O. G. Rego de Carvalho. Letra e Música**. Disponível em: <<http://poetaelmar.blogspot.com.br/2013/11/o-g-rego-de-carvalho-letra-e-musica.html>>. Acesso em: 29 nov. 2013.

em seu caso, nem sempre valia. Mais valia a de antes, recebida de sua mãezinha. Já no meu caso era diferente, um discípulo sempre é influenciado por seu mestre. O gosto da conversa era ótimo e consolidava nossa amizade fora do local de trabalho. A coisa lá era outra: quando ele ficava mais agitado, e não eram poucas as vezes, gostava de caminhar pelo ambiente e falar com os colegas de outras seções. Se um deles estava muito atarefado, sem tempo de dar-lhe atenção, O. G. quebrava o ritmo do serviço com esta observação:

- Colega, você está nervoso, acalme seus nervos!
- E o que posso fazer com tanto serviço e prazo para entregar “ontem”?
- Tome *haloperidol*! - recomendava.

Era um dos medicamentos de seu uso no momento, passado pelo médico, com quem ele discutia o problema psicoterápico com uma sapiência que o esculápio ficava abismado. É isto mesmo. O escritor O. G. Rego estudou profundamente a psicose chamada de esquizofrenia, tanto que apenas na primeira crise a família teve que o levar para o tratamento hospitalar especializado. Tão consciente ficou do seu problema que, na segunda crise, ele mesmo foi e, por conta própria, internou-se na casa de saúde para continuar o tratamento.

Lembro que ele me conscientizava dos meus males: ansiosidade, depressão... Em sua sabedoria e bondade, devia segredar a si mesmo: “*é assim que posso melhor ajudar o próximo*”. Religioso, mas não freqüente à igreja católica, salvo para levar a mãezinha já bastante avançada na idade. Acreditava em Deus e nos Evangelhos. Sobre estes, cito aqui não *ipsis literis*, pois não anotei, mas o conteúdo real do que me disse:

- “*Faça um leitura completa dos quatro evangelhos, Chico, e não encontrará nenhuma contradição. É o suficiente para acreditarmos que são verdadeiros*”.¹²¹

Recorrer a pequenos diálogos que teve como o amigo literato é uma estratégia discursiva de tornar as memórias mais verossímeis. A intimidade indicada por conta dos detalhes, principalmente no que concerne a problemas de saúde, sugere maior proximidade entre eles e isso daria maior legitimidade, até mesmo autoridade, à homenagem. Isso se assemelha, em certos pontos, ao gênero memorialístico da literatura e da história. Desses traços da memória de Miguel de Moura emerge um certo retrato de aspectos do indivíduo-escritor, tanto do memorialista quanto daquele sobre quem as memórias também falam. Não se trata de memorialismo que pretenda retratar os acontecimentos de uma cidade, como o próprio Miguel de Moura faz questão de mencionar. São memórias que, de certa forma, ajudariam a compreender as inquietações do literato a partir de suas condições de saúde, de suas rotinas de trabalho e de sua vida pessoal. É feita, assim, uma aproximação entre o escritor-indivíduo e a figura do autor.

¹²¹ MOURA, Francisco Miguel de. **O. G. Rego de Carvalho. Letra e Música.** Disponível em: <<http://poetaelmar.blogspot.com.br/2013/11/o-g-rego-de-carvalho-letra-e-musica.html>>. Acesso em: 29 nov. 2013.

Até certo ponto, Miguel de Moura está se constituindo como um dos maiores ou maior “conhecedor” da obra do literato. O termo “conhecedor” abarca pelo menos duas concepções: aquele que conhece e leu todos os livros e textos produzidos pelo autor, como leitor; e aquele que, como crítico, conhece toda a obra. Em meio à pluralidade e leituras e interpretações que os textos do literato podem alcançar e despertar, talvez a totalidade pretendida como crítico seja uma atitude irrealizável.

Consciente das dimensões e repercussões da morte do escritor, Francisco Miguel de Moura remete à importância da família do escritor, sua esposa e filho. Sobretudo sua esposa, que, nos últimos anos assumiu a função de cuidar não só do marido, mas do autor, de sua obra:

Deixou mulher e filho, D. Divaneide Carvalho e Orlandinho, nos seus dois ou três anos idade (ainda tenho que me certificar). Ela, professora, tradutora e poeta. O amor entre eles começa pela literatura: Um trabalho para seus alunos, no colégio, sobre a pessoa e obra de O. G. Rego de Carvalho. Assim, teve que entrevistá-lo, e aí se apaixonou. Amor à primeira vista, que durou para sempre. É ela a guardiã de sua memória e de suas obras, o que não é pouco, tendo em vista o que deixou como extraordinário escritor de pequena produção (*“Ulisses entre o amor e a morte”*, *“Somos todos inocentes”*, *“Rio subterrâneo”*, a novela *“Amarga solidão”* e mais diversos contos espalhados por jornais, revistas e antologias). Foram poucos os livros que publicou, mas todos de grande valia, pelo estilo musical (poesia e ritmo), sem se perder na abordagem da alma de seres perdidos pela dor, angústia e solidão. Sua marca como profissional exemplar, homem de caráter e sabedoria também não pode ser negada: será também contada numa biografia que pode estar começando agora.¹²²

Talvez, como sugestão ou como desejo, Miguel de Moura destaca que, a partir do falecimento do escritor, a sua biografia pode estar começando. Assim, ele se refere à biografia como uma dimensão de memória que tem na morte o limite. Em sua concepção, nenhum outro texto produzido antes da morte do escritor seria, então, biográfico. Todos os textos que se debruçaram sobre a vida e a obra do escritor, por esse viés, não passariam de antologias e/ou críticas.

Os textos que homenageiam o autor, por ocasião de sua morte, o biografam, mesmo que em poucas palavras. Fazem, assim como as cronologias, os resumos biográficos,

¹²² MOURA, Francisco Miguel de. **O. G. Rego de Carvalho. Letra e Música.** Disponível em: <<http://poetaelmar.blogspot.com.br/2013/11/o-g-rego-de-carvalho-letra-e-musica.html>>. Acesso em: 29 nov. 2013.

comentários nas orelhas de livros, a exibição do autor. Nesse caso, não mais a exibição para o “consumo”, mas para a criação e manutenção da memória. Assim, tais palavras assumem a potência de memória, pois “Os homens, que vivem em sociedade, usam palavras, cujo sentido compreendem: é a condição do pensamento coletivo. Ora, cada palavra (compreendida) se faz acompanhar de lembranças; e não há lembranças a que não pudéssemos fazer corresponder palavras”¹²³.

Memória que seria um elemento substancial para a busca, em certo ponto, da dialética entre a identidade literária tida como local e a de expressão nacional ou internacional. Uma identidade que, mesmo desejosa de um reconhecimento alargado, no sentido fronteiriço e espacial, ainda está sedenta por uma demarcação, uma fixação no local. A memória é evocada em seus limiares entre o individual e o coletivo, pois se refere somente ao sujeito escritor. Tal memória se vincula a uma esfera global, relacionada ao campo, à própria literatura.

Nesse sentido, a memória é o enlace entre o particular e global, entre o individual e o coletivo. A morte do escritor, tal qual a morte narrada por seus personagens, remete a essa confluência, pois se expressam no universo das sensações, mas, também, no âmbito da linguagem. A narrativa sobre o falecimento do autor, chamando atenção para os seus textos e seus feitos, busca constituir memória dentro do fluxo dessa memória. As escritas literárias, e as leituras delas decorrentes, possibilitam o vislumbre de múltiplos aspectos da dinâmica dos grupos sociais. Constituindo os grupos, constroem, também, a realidade de cada pessoa e as memórias que cercam a individualidade e a coletividade.

Por esse viés, abordar a memória é perceber que se trata de um processo inerente às relações e práticas sociais, bem como à linguagem. É salutar mencionar que as narrativas, textuais e imagéticas, são maneiras de apresentação e de exibição do autor que agregam sentidos ou criam memórias. Assim, a lembrança e o esquecimento podem ser vistos como práticas sociais, que são engendradas nos e por processos de significação. No âmbito das escritas – históricas, imagéticas e literárias –, tenta-se, então, minorar as distâncias entre o lembrar e o esquecer. Nos meandros da construção da memória, o esquecimento é parte integrante, visto que é uma das dimensões históricas do ser humano.

Os registros acerca da morte do literato intentam realizar a sua inscrição na memória, mencionando a sua trajetória no amálgama entre sua escrita e sua vida. As memórias evocadas por cada texto, charge ou ilustração, que visavam a homenagear O. G.

¹²³ HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990, p. 133.

Rego de Carvalho, em razão de sua morte, não são somente individuais. Estão relacionadas a outras memórias ligadas à vida e à obra do literato. Dessa maneira, tais memórias são constituídas no âmbito social, histórico, cultural e simbólico. As narrativas, imagéticas ou textuais, sobre a sua vida e obra fazem parte, também, das maneiras de dizer e de exhibir o escritor, pois dialoga com outros dizeres que foram feitos sobre ele ao longo de sua trajetória.

As notícias-homenagens retomaram a memória cristalizada sobre o autor, reproduzindo, em grande parte, os resumos biográficos comumente divulgados nos manuais de literatura, nos livros do próprio escritor e em sites e blogs. Os que “ousaram” destacar algo para além desse resumo, atuaram como revisores ou constituidores de uma outra memória biográfica sobre o literato.

3 OS RASTROS DA ESCRITA: A INVENÇÃO DA LITERATURA PIAUIENSE

Ser histórico é “ser no tempo”, segundo estabeleceu o pensamento filosófico antigo e moderno e também defendido hoje pelos posicionamentos mais comuns na ciência, a natural e a social. O tempo é, em consequência, uma das variáveis essenciais, se não a absolutamente essencial, entre as que integram a definição da realidade histórica.

Julio Aróstegui¹²⁴

O “ser” da literatura, assim, está inscrito no “ser no tempo”, visto que ela é fruto, também, das temporalidades que a cruzam. As “identidades” pretendidas para ela estão ligadas ao próprio tempo e aos múltiplos discursos e narrativas que a (re) constroem. Como constructo, a literatura é percebida em processo, daí a história da literatura levar em conta a relação entre a letra e o tempo, ou seja, as distintas formas e maneiras de se escrever no transcurso do tempo. Por tal viés, é prudente dizer que “a história da literatura fornece como que um mapa do tempo, sem o qual será impossível mover-se com um mínimo de proficiência no domínio dos estudos literários” ¹²⁵. Para compreender os limites e as ranhuras que a marcam é fundamental que tal história seja conhecida.

Nessa história da literatura, estão presentes, também, as leituras e interpretações que literatos e estudiosos fazem do fazer literário, com o intuito de sua compreensão, fazendo uso de classificações, conceituações e enquadramentos. Para tal, lançam mão de categorias e teorias que buscam legitimar o “ser” da literatura. Nesse sentido, entra-se no âmbito da cultura, visto que as formas pelas quais ela estabelece diferenças e fronteiras contribuem para compreender a construção das identidades. As diferenças funcionam como o mecanismo que distingue uma identidade da outra e isso se dá, em geral, por meio do estabelecimento de fronteiras e oposições. Na invenção da “literatura piauiense” atuam.

¹²⁴ ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica**: teoria e método. Bauru, SP: EDUSC, 2006, p. 271.

¹²⁵ SOUZA, Roberto Acízelo de. **História da Literatura**: trajetória, fundamentos, problemas. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 110.

essas formas de estabelecimento de fronteiras e distinções, o que é ressaltado por O. G. Rego de Carvalho.

3.1 A legitimidade através do passado

No decorrer de uma entrevista publicada pelo jornal *O Estado*, em meados de 1973, O. G. Rego assim concluiu: “Ora, no Piauí, apenas dois ou três autores escreveram obra de arte. E, evidentemente, minoria tão seleta não pode constituir, por si só, uma literatura. Não há literatura piauiense”.¹²⁶ O título dado à entrevista, “O. G. Rego de Carvalho: ‘Continuo achando que não existe Literatura Piauiense’”, enfatiza o posicionamento que o autor já expressara em décadas anteriores.

Questionando a existência da “literatura piauiense”, em 1988, O. G. Rego de Carvalho fala: “Na minha opinião, a literatura é um conjunto de obras que tenham um caráter mais ou menos comum. Não se pode admitir uma literatura só de grandes expoentes”¹²⁷. Pensar sobre essa existência é adentrar nas percepções de tempo e temporalidades, pois, como variável e dimensão, o tempo está integrado nas realidades sociais. A temporalidade, assim, é “uma realidade tão imbricada em nossa mecânica psicológica e social, no processo de socialização de qualquer ser humano, que pode perfeitamente aparecer como algo dado, indiferenciado, inclusive inato”¹²⁸. De maneira análoga estaria a identidade da literatura, que, em geral, é lida e analisada, utilizando adjetivos pátrios, demarcando fronteiras de espaço e de geografia.

Por esse diapasão, ao colocar em suspeição a existência da “literatura piauiense”, o literato fez despertar reflexões sobre o próprio “ser” da literatura. A literatura, assim questionada, passa a ser pensada não como um *a priori*, mas como uma construção. Fazer a trajetória da história da “literatura piauiense”, então, permite analisar os alcances das afirmações do literato, que, de certa forma, colocou em destaque a necessidade de desnaturalização da literatura.

¹²⁶ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Concita Cordeiro. Jornal *O Estado*. Teresina. 26/06/1973. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 313-314.

¹²⁷ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Edmilson Caminha Júnior. Jornal da Manhã. Teresina, 17/01/1988. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 338.

¹²⁸ ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru, SP: EDUSC, 2006, p. 271.

O mergulho analítico-interpretativo na prática de escrita do literato permite o vislumbre da invenção não somente da literatura piauiense, mas, também, das relações de poder da intelectualidade e das condições de produção, circulação e consumo de textos literários que inventaram as fronteiras do “ser piauiense”. Por muito tempo, após as inúmeras críticas que O. G. Rego de Carvalho recebeu a partir da publicação de seu primeiro livro, *Ulisses entre o Amor e a Morte*¹²⁹, o escritor enveredou no universo da intelectualidade de forma polêmica e conturbada.

Sua afirmação de que a “literatura piauiense” não existia, mesmo tendo sido mencionada ainda no início da década de 1970, reverberou até os anos seguintes. Assis Brasil, por exemplo, em entrevista concedida à revista *Cadernos de Teresina*, no ano de 1989, foi questionado sobre o assunto. Naquela ocasião, Assis Brasil afirmou que “do ponto de vista historiográfico existe, sim. Cada estado tem a sua literatura, a sua cultura”¹³⁰.

Cada estado apresenta narrativas que “inventam” a sua história e sua identidade, na incursão entre o espaço e o tempo, pois, por exemplo, “desse encontro do espaço com o tempo nasceu o corpo simbólico do Ceará”¹³¹. Esse corpo simbólico estará presente nas distinções de fronteiras que não são apenas geográficas.

Com isso, Assis Brasil está enfatizando que a escrita, como uma manifestação submetida ao critério da divisão do espaço, expressa localidades e especificidades plurais. Ele chama atenção para os aspectos regionais, dizendo que “quando se fala em literatura piauiense – ou cearense, ou mineira, ou gaúcha – muitos têm em vista os aspectos regionais dessas literaturas. É claro que todas estão embutidas na literatura brasileira”¹³². Para sanar qualquer dúvida, Assis Brasil procura esclarecer:

Mas o que seria uma literatura piauiense? Para mim, não devem ser consideradas a estética, a criação, mas o aspecto regional. Os meus livros, por exemplo: eles têm muitas coisas da região, quanto à linguagem. Então são romances com características regionais do Piauí. É claro que isso, do ponto de vista da estética, não caracteriza a literatura piauiense, porque ela não pode ser autônoma, ela não está desligada da literatura brasileira.¹³³

¹²⁹ CARVALHO, O. G. Rego de. *Ulisses entre o Amor e a Morte*. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1953.

¹³⁰ BRASIL, Assis. Entrevista concedida a Edmilson Caminha. O universo piauiense de Assis Brasil. **Revista Cadernos de Teresina**. Teresina, Ano 03, n. 08, p. 14, ago. 1989.

¹³¹ RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O Fato e a Fábula: o Ceará na escrita da História*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012, p. 08.

¹³² BRASIL, Assis. Entrevista concedida a Edmilson Caminha. O universo piauiense de Assis Brasil. **Revista Cadernos de Teresina**. Teresina, Ano 03, n. 08, p. 14, ago. 1989.

¹³³ BRASIL, Assis. Op. cit, p. 14.

Segundo Assis Brasil, a confusão que se instaurou é oriunda da própria confusão em relação à linguagem, pois “quando você diz que um romance é regional, você está se referindo não ao romance como forma, mas à sua linguagem, ao uso de coloquialismos, ditos populares da região, folclore... Então, a característica seria essa, no nível da linguagem”¹³⁴. Segundo ele, portanto, as discussões acerca da existência da “literatura piauiense” não devem se pautar unicamente na dimensão estética, que, por esse prisma, não qualificaria a existência de tal literatura. Assis Brasil afirma que é possível citar vários literatos que escreveram nessa dimensão regional, tomando temáticas do folclore, mas, que do ponto de vista formal, da técnica, são escritores brasileiros. Prossegue dizendo: “Eu sou um escritor brasileiro, assim como O. G. Rego. Nascemos no Piauí”. Talvez pelo pouco espaço da entrevista publicada, Assis Brasil não deixa claro a que formas, a que tipo de estética se refere para o classificar, junto com O. G. Rego de Carvalho, como escritores brasileiros. Mas fica claro que o espaço é um elemento de poder simbólico na composição de forças do campo literário.

Nesse trabalho de invenção das fronteiras da literatura, ao tomar a linguagem, no sentido dos coloquialismos e, sobretudo do folclore, a crítica do campo intelectual parece lançar mão de estratégias para encaixar O. G. Rego de Carvalho como um escritor regionalista ou piauiense. Assis Brasil, em uma espécie de crítica-defesa ao depoimento de O. G. Rego de Carvalho, salienta que “realmente ele tem razão, mas a coisa devia ter sido mais bem explicada”¹³⁵. Para Assis Brasil, o que houve foi uma má interpretação do que o escritor queria efetivamente dizer.

Conforme Alcebíades Costa Filho, a partir da década de 1920, o Piauí experimentou uma produção bibliográfica marcadamente voltada para seus “problemas, sua história e seu povo”¹³⁶. Eram publicações que, nas argumentações de Costa Filho, estavam empenhadas no “autoconhecimento e glorificação dos valores locais”¹³⁷. Os livros giravam em torno de temáticas políticas, econômicas, geográficas e de trajetórias

¹³⁴ BRASIL, Assis. Entrevista concedida a Edmilson Caminha. O universo piauiense de Assis Brasil. **Revista Cadernos de Teresina**. Teresina, Ano 03, n. 08, p. 14, ago.1989.

¹³⁵ BRASIL, Assis. Op. cit, p. 14.

¹³⁶ COSTA FILHO, Alcebíades. **A gestação de Crispim**: um estudo sobre a constituição histórica da piauiensidade. (Tese de Doutorado). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2010, p. 113.

¹³⁷ COSTA FILHO, Alcebíades. Op. cit. p. 113.

históricas¹³⁸. Buscou-se, em livros histórico-literários criar uma “identidade piauiense” por meio dessas temáticas. Tal tradição concorria com a vertente da “escrita da seca”, representada, e para muitos iniciada, por *Ataliba, o vaqueiro* (1878), de Francisco Gil Castelo Branco. São essas “tradições” que os livros e a postura de O. G. Rego de Carvalho parecem combater ou pelo menos contra as quais se chocar. Os livros de ficção seguiam os moldes de poesia e romance, ora voltados para temáticas regionalistas, ora para o sentimentalismo exacerbado.

As questões ligadas ao “ser local”, “ser regional”, “ser nacional” ou mesmo do “ser mundial” são tomadas como um ponto de desconforto entre os literatos em decorrência das declarações de O. G. Rego de Carvalho em relação à condição de existência de uma “literatura piauiense”. Declarações que o tornaram um escritor por vezes bem quisto, por vezes mal quisto pelos seus pares. Múltiplas historicidades ligadas a certas espacialidades, sejam por meio de práticas discursivas e não discursivas, unificadas em prol de um recorte “regional” ou “local”.

Para Durval Muniz de Albuquerque Júnior, isso remete às discussões voltadas para nacionalismos e regionalismos, no seio dos quais há, ainda, as microesferas dessas relações, que são de disputa de poder. Para ele:

Historicamente, as regiões podem ser pensadas como a emergência de diferenças internas à nação, no tocante ao exercício do poder, como recortes espaciais que surgem dos enfrentamentos que se dão entre os diferentes grupos sociais, no interior da nação. A regionalização das

¹³⁸ Alcebíades Costa Filho apresenta um quadro com 28 títulos dos livros de escritores piauienses, em circulação entre 1922 e 1952, sendo que todos traziam temáticas de economia, política, geografia e elementos históricos. Os livros são: *O Teatro em Teresina* (1922), de Higino Cunha; *O Ensino Normal no Piauí* (1923), de Higino Cunha; *Livramento* (1923), de José de Almendra Freitas; *A Indústria Pecuária Piauiense* (1924), de R. Fernandes e Silva; *História das Religiões* (1924), de Higino Cunha; *Notas sobre a geologia do estado do Piauí* (1925), de Luiz Flores de Moraes Rego; *Os rebeldes no Piauí* (1926), de F. Pires de Castro e Martins Napoleão; *Os revolucionários do sul através dos sertões nordestinos do Brasil* (1926), de Higino Cunha; *Aspectos do Piauí* (1926), de Abdias Neves; *O Ideal Cristão* (1926), de Simplício Mendes; *Hidrografia e Orografia do estado do Piauí* (1927), de Mario José Batista; *O sentimento brasileiro na poesia de Bilac* (1928), de Martins Napoleão; *Antiga História do Brasil* (1928), de Ludwing Shwennhagen; *Propriedade Territorial no Piauí* (1928), de Simplício Mendes; *Aspectos do problema econômico piauiense* (1929), de Luís Mendes Ribeiro Gonçalves; *Conchrone, falso libertador do Norte* (1929), de Hermínio Conde; *Pátria Nova* (1931), de Martins Napoleão; *Depoimentos para a história da Revolução no Piauí* (1931), de Moisés Castelo Branco; *A defesa do professor Leopoldo Cunha* (1934), de Higino Cunha; *Paz Mundial* (1935), de Lindolfo do Rego Monteiro Nunes, Raimundo de Brito Melo e Monsenhor Cícero Portela; *O Piauí na história* (1937), de Odilon Nunes; *Literatura Piauiense: escorço histórico* (1937), de João Pinheiro; *Vária Fortuna d'um soldado português* (1942), de Brigadeiro Fidié; *A civilização do Couro* (1942), de Renato Castelo Branco; *O Piauí e o Nordeste* (1942), de Martins Napoleão; *O descobrimento do Piauí e o documento de Pereira da Costa* (1943), de João Pinheiro; *Homens que iluminam* (1946), de Cristino Castelo Branco; *O Vale do Rio Parnaíba* (1948), de Gayoso e Almendra. Alcebíades Costa Filho ainda apresenta outro quadro com os livros de ficção que circulavam entre 1922 e 1952. Eram 29 títulos, sendo somente dois romances e o restante com maioria de poesia.

relações de poder pode vir acompanhada de outros processos de regionalização, como o de produção, o das relações de trabalho e o das práticas culturais, mas estas não determinam sua emergência. A região é produto de uma batalha, é uma segmentação surgida no espaço dos litigantes. As regiões são aproveitamentos estratégicos diferenciados do espaço. Na luta pela posse do espaço ele se fraciona, se divide em quinhões diferentes para os diversos vencedores e vencidos; assim, a região é o botim de uma guerra.¹³⁹

É nessa possibilidade - de que a regionalização pode ser manifestada por outros “processos de regionalização” - que a narrativa de O. G. Rego de Carvalho se inscreve, como o indicativo de que tais processos são marcados por conflitos e disputas, caracterizando o próprio campo literário.

Como destaca Durval Muniz, falar e ver a nação e a região não é espelhar como realidades definidas, mas criá-las. Ao se tomar um espaço institucionalizado, a região (ou nação ou estado) ganha viés de verdade e essa “realidade” se apresenta por imagens e símbolos. Nessa “realidade”, “Nossos territórios existenciais são imagéticos. Eles nos chegam e são subjetivados por meio da educação, dos contatos sociais, dos hábitos, ou seja, da cultura, que nos faz pensar o real como totalizações abstratas”¹⁴⁰. Utilizar a expressão “literatura piauiense” indistintamente é visualizar por meio de tais totalizações. Por isso, como imagens que figuram continuamente em suas elaborações, os territórios e as fronteiras regionais são construções eminentemente históricas. Fronteiras simbólicas e delimitações geográficas configuram a instância não só do discurso, mas do próprio tempo se instituindo no espaço.

A invenção de uma identidade “regional” vai se manifestar por meio da superação ou resistência a dois processos percebidos em fins do século XIX e nas primeiras décadas do século seguinte: a complexificação das relações sociais e econômicas capitalistas, com suas pretensões globalizantes; a nacionalização das relações de poder, bem como de sua centralização em um Estado que se tornava cada vez mais burocratizado. Como oposição a tais processos, a noção de “identidade nordestina”, inicialmente, vai sendo alinhavada nas memórias com a busca de tradições, como uma forma de (re) ligar o homem ao seu passado.

Nesse sentido, é pertinente se pensar o papel da crítica literária, mais precisamente os percursos dessa crítica na esfera piauiense. Como tal crítica se constitui e se organiza?

¹³⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**, 2.ed. Recife: FJN, Ed. Massananga; São Paulo: Cortez, 2001, p. 25-26.

¹⁴⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Op. cit, p. 27.

Quais seus objetivos iniciais? Quais as relações dessa crítica com a própria produção da “literatura piauiense”? Como O. G. Rego de Carvalho é inserido ao longo da (re)estruturação da crítica literária considerada “nacional” e “local”? Como são delimitadas as fronteiras entre o que é e o que não é “piauiense”? Quais as relações de poder na definição de autores “antológicos”? Quais os interesses envolvidos na divisão “piauiense”, “nordestino” e “brasileiro”?

Segundo Maria do Socorro Rios Magalhães,

O estudo de João Pinheiro, bem como os de Clodoaldo Freitas e Lucídio Freitas (...) constituem os primeiros ensaios de crítica literária produzidos no Piauí. Os três tinham em comum o mesmo objetivo: mostrar que o conjunto de autores e obras relacionados era suficiente para caracterizar a existência de uma literatura própria no Estado.¹⁴¹

Em 1903, Clodoaldo Freitas lançou *Vultos Piauienses: apontamentos biográficos*. Posteriormente, *História da poesia no Piauí* é o título do ensaio de Lucídio Freitas, escrito em 1918, mas que não chegou a ser publicado em livro, somente na Revista da Academia Piauiense de Letras. Na década de 1930, mais precisamente no ano de 1937, João Pinheiro também se aventura nos meandros da crítica e lança seu livro. Os três autores fizeram um trabalho regressivo, analisando literatos do passado, remontando ainda ao século XIX, havendo certa discordância sobre o texto a ser mesmo considerado o marco do surgimento de uma literatura “piauiense”.

Alguns historiadores da Literatura, tida como piauiense, destacam Ovídio Saraiva como o primeiro, com o seu livro *Poemas* (1808). Para outros, *A Criação Universal* (1856), de Leonardo Castelo Branco. Surge ainda Licurgo de Paiva, com o seu livro *Flores da Noite* (1866), como sendo o literato que, de fato caracterizaria o início da “Literatura Piauiense”. A obra póstuma de José Coriolano, *Impressões e Gemidos* (1870) também é mencionada por alguns como sendo merecedor de tal título pioneiro. Mesmo citando Ovídio Saraiva como o pioneiro na “literatura piauiense”, Herculano Moraes diz que “as primeiras manifestações literárias piauienses só tiveram de piauiense a origem dos seus autores”¹⁴². Para ele, Ovídio Saraiva só havia nascido no Piauí, mas era fruto dos costumes e da cultura europeia, notadamente de Portugal, o que, em sua concepção, seria razão

¹⁴¹ MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **Literatura Piauiense: horizontes de leitura e crítica literária** (1900-1930). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p. 186.

¹⁴² SILVA FILHO, Herculano Moraes. **Visão Histórica da Literatura Piauiense**. Teresina: Livraria Editora Hércules/APL, 1982, p. 09.

suficiente para não creditar tanto pioneirismo a Ovídio Saraiva, merecendo ser citado por questões de reflexão da inexatidão do surgimento de tal literatura.

De maneira menos rígida, Maria do Socorro Rios Magalhães defende que “a literatura do Piauí nasceu no exílio, embalada por musas europeias, como testemunha a obra de Ovídio Saraiva”¹⁴³. Por outro lado, Francisco Miguel de Moura, também citando Ovídio Saraiva, prefere admitir que a “literatura piauiense”, de cunho substancial e organizada em forma de período literário, dar-se-ia com José Coriolano. Segundo suas análises, “o primeiro período literário consistente virá depois da mudança da capital para Teresina. O iniciador é J. Coriolano num poema épico, *O Touro Fusco*, em 1859”¹⁴⁴. Sua classificação antecipa o texto de José Coriolano para anteriormente a *Impressões e Gemidos*, de 1870.

As razões e os critérios que levam à escolha de uma obra ou outra como marco do início da “Literatura Piauiense” são diversificados. O que é de interesse para o presente estudo é o significado dessas incertezas de classificação na constituição da invenção da “Literatura Piauiense”, o que abre margens para uma prática ainda em construção, pois seu objeto, a própria literatura piauiense, está imersa em “lacunas” e “silêncios” que estão sendo relativamente retomados com novos estudos, tanto de literatos, críticos, como de historiadores. Para Francisco Miguel de Moura, é preciso, em meio ao “caos” da disposição e conhecimento do que é produzido na Literatura piauiense, criar elos, imprimir conceituações, (re) visitar a vida, a obra e a circulação e consumo da literatura local em decorrência de que

A pequena e pobre literatura do Piauí precisa ser historiada. Precisa de muito mais: de antologia dos melhores textos, conhecimento dos autores, estudo de seus caracteres diferenciadores, crítica séria e discussão sensata. No estabelecimento de textos escolares de uma literatura regional como a do Piauí devem prevalecer os elementos internos e essenciais da obra. Mas também os externos devem estar presentes. O nível dos textos será o melhor possível, aproximadamente o daqueles autores que alcançaram notoriedade nacional. Tais são Da Costa e Silva, Félix Pacheco, Martins Napoleão, Mário Faustino, Assis Brasil, O. G. Rêgo de Carvalho, H. Dobal entre muitos outros.¹⁴⁵

¹⁴³ MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **Literatura Piauiense**: horizontes de leitura e crítica literária (1900-1930). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p. 35.

¹⁴⁴ MOURA, Francisco Miguel de. **Literatura do Piauí**. Teresina: Editora da Academia Piauiense de Letras, 2001, p. 31.

¹⁴⁵ MOURA, Francisco Miguel de. **Literatura do Piauí**. Teresina: Editora da Academia Piauiense de Letras, 2001, p. 27.

Os adjetivos “pequena” e “pobre” utilizados por Francisco Miguel de Moura não significam falta de brilho e valor da literatura produzida no e sobre o Piauí. A intenção dele é canalizar atenções para o fato de que tal literatura é ainda pouco estudada e que não ganhou o devido espaço nas escolas, nas universidades e, principalmente, nas pesquisas acadêmicas. As dificuldades se dão, de certa forma, não somente na pesquisa e catalogação dos textos, mas na determinação do que são os “melhores textos” ventilados por Francisco Miguel de Moura.

Importante perceber no comentário de Francisco Miguel de Moura é que, ao mesmo tempo em que tenta enaltecer a literatura piauiense como sendo, também, expressão literária regional, destaca que, ao ser mais que historiada, a literatura piauiense terá seus autores ganhando mais notoriedade como outros já tiveram. Dentre os que são elencados por ele, como de grande notoriedade nacional, está O. G. Rego de Carvalho. Para que sejam dados passos mais firmes para a História da invenção da “Literatura Piauiense”, assim como de sua crítica, Francisco Miguel de Matos também advoga em favor da noção de que “só quando existe um conjunto de obras com as características de arte esboçadas nas definições clássicas da teoria literária é que se pensa uma literatura. Do contrário, é inútil tentar qualquer estudo nesse sentido.”¹⁴⁶

Nesse processo de invenção do campo da “Literatura Piauiense”, Francisco Miguel de Moura conduz seus argumentos no sentido de que não pode ser uma ação dissociada do trabalho da História, em decorrência, em parte, de que são ambas, História e Literatura, formas narrativas de pensar as experiências humanas. Por esse diapasão, é que ele se questiona e ao mesmo tempo dá respostas:

E a História, de modo geral, o que é? Descrição e interpretação do desenvolvimento do homem através dos fatos e documentos conservados no tempo e no espaço. A moderna História é muito mais interpretação do fato e dos testemunhos do que a descrição e a prova deles. As obras literárias, tendo em vista que partem de um real conhecido ou vivido pelo autor, prestam-se, admiravelmente ao estudo da História como documentos muitas vezes superiores aos fatos oficiais e à documentação empírica.¹⁴⁷

¹⁴⁶ MOURA, Francisco Miguel de. **Literatura do Piauí**. Teresina: Editora da Academia Piauiense de Letras, 2001, p. 27.

¹⁴⁷ MOURA, Francisco Miguel de. Op. cit, p. 26.

Os esclarecimentos de Francisco Miguel de Moura no tocante às aproximações entre História e Literatura são importantes, pois mostram, ou melhor, explicitam a preocupação do autor com as dimensões históricas que justificam a existência da “literatura piauiense”. Com isso, o seu livro *Literatura do Piauí* diferencia-se de outros livros que também se enveredam na seara de escrever sobre a Literatura Piauiense. Tomando como exemplo os livros *Visão Histórica da Literatura Piauiense*, de Herculano Moraes e *Literatura Piauiense*, de Maria do Socorro Rios Magalhães, essa lacuna de diálogo é mais notória, sobretudo o de Herculano Moraes, que traz no título “histórica” sem mencionar nenhuma linha sobre a importância da História para a compreensão dos estudos literários. Em sua organização textual e pelas discussões apresentadas, o livro *Visão Histórica* assume características bem mais tradicionais de se pensar a própria Literatura e a História. O texto é muito mais uma visão “cronológica” que propriamente histórica da literatura piauiense, pois apresenta os livros e os autores seguindo somente os critérios cronológicos e a sucessão de eventos para classificar os autores. Mas a cronologia se trata, também, de uma maneira de “domesticar” o passado, fazendo do passado uma forma de legitimar o “ser piauiense” no decorrer do tempo.

A existência ou não de um sistema literário tipicamente piauiense seria mais um dos pontos de conflitos nos quais O. G. Rêgo de Carvalho iria se envolver. Nesse sentido, ainda se questiona: a que “literatura piauiense” O. G. Rego de Carvalho se referiu quando, inicialmente, negou a sua existência? Em que literatura ele se vincula ou é vinculado pela crítica literária? Enquanto ele mesmo não tem a pretensão de se enquadrar em uma geração ou escola literária, os críticos e manuais de literatura o fazem, tentando localizá-lo em um campo literário. Essa tentativa de localização e de não-lugar remete à noção de campo proposta por Pierre Bourdieu¹⁴⁸, especificamente sobre o campo literário. Tal campo seria caracterizado pelos conflitos que nele há, apontando as possibilidades ou definições de classificação dos que são ou que se consideram como participantes de um campo de criação intelectual, cultural ou estética. Tais classificações mantêm certa relação com as concepções de lugar social e institucional levantadas por Michel de Certeau¹⁴⁹.

¹⁴⁸ BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

¹⁴⁹ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

Afrânio Coutinho¹⁵⁰, precisamente entre 1955 e 1968, ao falar da “nova literatura brasileira” chama atenção para o fato de que ainda há uma forte influência de escritores veteranos. Seriam muitos os romancistas novos que seguiriam o gênero, dentre eles O. G. Rego de Carvalho. Essa denominação de “nova literatura” agradou o escritor, pois o “novo” não apresentaria características definidas, pois a novidade seria um fazer que não seguisse os moldes de uma literatura “antiga”. Para Coutinho, essa nova literatura brasileira romperia com os antigos marcos da literatura moderna, cristalizados em recortes políticos dos anos de 1922, 1930 e 1945, que pouco esclareciam sobre as dimensões estéticas e temáticas de escritores posteriores a essa periodização. Ele propõe, então, o ano de 1956 como uma referência para a emergência dessa nova literatura¹⁵¹. O. G. Rego de Carvalho sentiu-se como integrante desse “clima de renovação”, sendo, até certo ponto, um dos pioneiros, pois, em relação ao ano de 1956 “há os que vieram antes e outros que só surgiram anos depois, mas devem ser observados e estudados dentro daquele espírito do novo”¹⁵². Isso se aplica ao escritor, visto que seu *Ulisses entre o Amor e a Morte* foi publicado em 1953, o que o qualificaria como um precursor dessa nova literatura, especialmente no romance.

É importante ressaltar isso, pois as críticas que O. G. Rego de Carvalho sofreu faziam parte de um universo no qual as bases da literatura nacional estavam postas em novos contornos. A “crise” da considerada “literatura piauiense” não estava deslocada de uma esfera macro. O que parecia acontecer de diferente é que o escritor canalizou para si a postura de “renovação” que ainda não era tão amplamente aceita naquele momento.

Outro tema que se tornou outra marca na escrita de O. G. Rego de Carvalho é o que se refere à infância e à juventude. No Brasil, essa é uma temática que ganhou maior fôlego e afirmação no romance, tendo no Modernismo¹⁵³ o momento de melhor expressão. Seria nessa fase que o literato teria algumas de suas características, visto que

¹⁵⁰ COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**: relações e perspectivas. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. A primeira edição desse livro data de 1955 e a segunda edição é de 1968. As demais edições são, respectivamente, de 1986, 1997, 1999 e 2003.

¹⁵¹ Teria como principal marca a ampliação de temas estritamente nacionalistas, lançando-se a planos universais. O surgimento da Poesia Concreta, o Conto que se desligava dos moldes machadianos e os romances *Doramundo*, de Geraldo Ferraz, e *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, são pontos básicos que caracterizam essa nova literatura brasileira.

¹⁵² COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**: relações e perspectivas. 7. ed. São Paulo: Global, 2004, p. 246.

¹⁵³ Vale salientar que O. G. Rego de Carvalho não se considera abertamente como um escritor modernista. Ele é assim classificado pelos críticos literários. Ele se considera um escritor moderno, pois não se apegaria a padrões estéticos ou narrativos. Somente por essa razão ele aceita fazer parte da “nova literatura brasileira”.

Ao chegarmos ao Modernismo, o tema é bastante enriquecido e torna-se verdadeiramente uma constante do nosso romance, em que o fundamento autobiográfico ou a volta a uma experiência pessoal, vivida, encontra na infância extraordinária riqueza emocional e vasto material psicológico.¹⁵⁴

As dimensões psicológicas e a narrativa autobiográfica fizeram com que O. G. Rêgo de Carvalho fosse citado no *Dicionário de Literatura*, de Prado Coelho, traduzido para o português brasileiro, como um dos expoentes do romance que se dedica à infância e à juventude. No *Dicionário* o escritor é mencionado com o livro *Ulisses entre o Amor e a Morte*, que, no geral, trata das descobertas, medos e frustrações do personagem Ulisses em meio a sua mudança da cidade de Oeiras para a capital, Teresina. A mudança não se refere unicamente ao deslocamento espacial, mas ele é mais um sinal das mudanças que o ser humano passa na infância e na juventude.

Como assevera Afrânio Coutinho¹⁵⁵, muitos livros da literatura falam das crianças, mas as apresentam sempre inseridas no plano de temas maiores, nos quais as crianças são um adereço na narrativa e não o ponto central. Na literatura “piauiense” esse “vazio” foi evidenciado a partir a escrita de O. G. Rego de Carvalho. Em certo ponto, diferente dos textos sobre a cultura “piauiense”, “o universo peculiar à fabulação de O. G. Rego de Carvalho compreende a infância, a família, a linguagem íntima, a esperança numa salvação de todos”¹⁵⁶. Seus romances não serão impulsionados por temas como a seca, a fome e a imigração em decorrência disso. Por falar de infância e família, ele vai ter sua obra considerada como autobiográfica.

Essa qualificação do texto de O. G. Rego de Carvalho como uma narrativa autobiográfica não o agradou muito, mesmo ele consentindo que há traços de sua vida em algumas passagens de seus livros. Ele não revela o nome de um crítico do Rio de Janeiro que fala de uma chácara descrita em Timon, dizendo que ela ainda devia existir. O escritor retrucou dizendo: “como se eu tivesse descrito uma cousa real”¹⁵⁷. A insistência em afirmar que seus textos são autobiográficos ainda é recorrente em outras críticas, o que o faz ressaltar: “Outro crítico pega o personagem Lucínio e diz: “Lucínio – O. G.”, como se eu fosse Lucínio. Outro crítico do Paraná lê meu livro “Ulisses...”, agradece e diz: “Nunca

¹⁵⁴ PRADO COELHO, Jacinto do (Dir.). Infância. **Dicionário de Literatura**. Vol. 2. 3. ed. Barcelos: Figueirinhas Porto, 1983, p. 468.

¹⁵⁵ COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil: relações e perspectivas**. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

¹⁵⁶ MOURA, Francisco Miguel de. **Linguagem e comunicação em O. G. Rego de Carvalho**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972, p. 18.

¹⁵⁷ CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. 2. ed. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 43.

li uma autobiografia tão bem feita”¹⁵⁸. Essa sua inquietação e negação do enquadramento de seus livros como autobiográficos faz parte das tensões que ele imprimiu sobre o pensamento e a crítica literária da época. Essa postura, em boa medida, contraria o que ele mesmo chamou de “obra aberta”. Segundo ele, “o que é uma obra aberta? É aquela que dá direito a muitas interpretações” e que “o leitor da obra aberta é também um coautor da obra”¹⁵⁹. Ele ainda diz que “há sempre algo de autobiográfico na obra de um autor”¹⁶⁰. Tais interpretações não estariam destituídas de uma vinculação de seus personagens a sua vida, mas seriam interpretações que romperiam com os limites de interpretação que nem sempre o texto em si traz.

Francisco Miguel de Moura, crítico literário, em certa medida, endossa essa noção de que nos textos de O. G. Rego de Carvalho há muito de um aspecto autobiográfico, pois “são belos romances, obra de muito sentimento e profundamente pessoal”¹⁶¹, sendo que não fica claro se esse termo “pessoal” é de cunho psicológico ou expressão de si. Além disso, o crítico literário ainda amplia a classificação de que O. G. Rego de Carvalho fosse um escritor modernista. Para Moura, o escritor faria parte da Geração Meridiano¹⁶². Suas críticas incidem principalmente no fato de não concordar com a relutância de O. G. Rego de Carvalho no que se refere à existência de uma literatura “piauiense”.

Para Francisco Miguel de Moura, essa negação era fruto da rejeição que o Grupo Meridiano fazia à “geração de 45”. No entanto, “no rastro da ‘geração de 45’ nacional, o movimento meridiano abjurava Drummond, os poetas de 30 e o regionalismo de seus romancistas, mas no fundo os imitava”¹⁶³. Mesmo não o colocando entre os Modernistas, Moura diz que os idealizadores do Meridiano, que teve como principal representante O. G. Rego de Carvalho, não teriam lançado maiores novidades para a “literatura piauiense”, pois teriam seguido, mesmo sem admitir, as mesmas bases que criticavam. Havia uma série de polêmicas que envolveram o literato¹⁶⁴.

¹⁵⁸ CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. 2. ed. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 43-44.

¹⁵⁹ CARVALHO, O. G. Rego de. Op. cit. p. 29-30.

¹⁶⁰ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Pedro Pio Fontineles Filho. Teresina. 14/02/11.

¹⁶¹ MOURA, Francisco Miguel de. **Literatura do Piauí (1859-1999)**. Teresina: Editora da Academia Piauiense de Letras, 2001, p. 176.

¹⁶² Como ficou conhecido o grupo de jovens escritores, que, no final da década de 1940, em Teresina, reuniam-se na redação de jornais ou associações literárias com o objetivo de trocar ideias e leituras sobre literatura nacional e universal. A partir desse grupo é que surgiria a revista Caderno de Letras Meridiano, idealizada e organizada por O. G. Rego de Carvalho.

¹⁶³ MOURA, Francisco Miguel de. **Literatura do Piauí (1859-1999)**. Teresina: Editora da Academia Piauiense de Letras, 2001, p. 155.

¹⁶⁴ Uma dessas polêmicas é narrada por Francisco Miguel de Moura, na revista nº 50 da Academia Piauiense de Letras: “Outra história que me contou foi a da longa polêmica mantida com professores e gramáticos,

Mesmo não admitindo abertamente as filiações, O. G. Rego de Carvalho é sempre comparado com outros escritores, sejam “nacionais” ou “locais”. Em dezembro de 1988, na Revista Cadernos de Teresina, em seu número 06, Francisco Miguel de Moura faz comentários sobre a obra de Assis Brasil. Em suas observações, fazendo distinções entre os escritores, ele destaca que

Assis se difere de O. G. Rego de Carvalho e de Esdras do Nascimento – aquele um estilista de mão cheia, da linha de José de Alencar no trato com o discurso e a palavra, e de Machado de Assis na escuta e na captação dos caracteres humanos e dos seus movimentos (também merecedor do Prêmio Nobel de Literatura, por que não?); o outro da linha de Aluísio de Azevedo, com um tipo de romance urbano, meio naturalista ainda, onde a vida de fora é mais importante que a de dentro.¹⁶⁵

Assim como Assis Brasil, na concepção de Francisco Miguel de Moura, O. G. Rego de Carvalho deveria ganhar um Nobel. Ao fazer as comparações para buscar as especificidades de cada escritor, Francisco Miguel de Moura se envereda na localização do estilo de O. G. Rego de Carvalho. E, de certa forma, percebendo que as comparações não são muito propícias, ele diz: “É claro que Assis Brasil não é O. G. Rego de Carvalho nem Esdras do Nascimento, cada um tem seu romance, sua visão, seu valor. Paremos, pois, com as aproximações”¹⁶⁶. Tais aproximações foram feitas entre os literatos piauienses e nacionais como forma de delimitar bem as distinções entre os literatos na lavra local. As aproximações, de fato, eram as diferenças que marcam um literato do outro, mas que não agradariam a O. G. Rego de Carvalho. Outra aproximação se ligaria ao fato de os três serem membros da Academia Piauiense de Letras – APL.

O que O. G. Rego de Carvalho parece querer é não se aproximar de uma tradição do “romance nordestino”, que teve suas reverberações no Piauí. Ele tenta romper com um tipo de escrever romance que toma a seca e a figura do vaqueiro como sendo personagens que representavam a “cultura piauiense”. Nesse sentido, a invenção do “romance piauiense” com tema regional é atribuída ao livro *Ataliba, o vaqueiro*, de Francisco Gil Castelo Branco. Escrito e publicado ainda no século XIX, antes da implantação do regime

entre os quais o famoso Clemente Fortes. Até D. Avelar entrou para a polêmica. Que faziam e diziam? Artigos atacando o jovem escritor O. G. Rego, catando erros e mais erros nos seus livros. Erros inexistentes. O escritor de um lado e os professores e gramáticos da FAFI do outro.” (p. 78).

¹⁶⁵ MOURA, Francisco Miguel de. Assis Brasil: a busca do novo. **Revista Cadernos de Teresina**. Ano 2. N. 06. Teresina, dezembro de 1988, p. 07.

¹⁶⁶ MOURA, Francisco Miguel de. Brasil: a busca do novo. **Revista Cadernos de Teresina**. Ano 2. N. 06. Teresina, dezembro de 1988, p. 07.

republicano, *Ataliba, o vaqueiro* está inscrito em um momento no qual a imagem do Brasil era sua divisão entre Norte e Sul. Franklin Távora afirmou que somente conhecia de Francisco Gil Castelo Branco três contos: *Ataliba, o vaqueiro*, *Hermione e Abelardo* e *A mulher de ouro*. Para Távora, “o primeiro desses contos é evidentemente um trabalho que se deve classificar entre os da literatura do Norte”¹⁶⁷. Essa ideia homogênea de Norte fez com que Távora dissesse: “Sobre o assunto de *Ataliba, o vaqueiro*, isto é, a seca do Ceará” e não do Piauí. No primeiro parágrafo do conto está escrito: “No extremo da província do Ceará, em terras do Piauí, para as bandas de Marvão, passou-se esta cena”¹⁶⁸. Isso expressa mais que o possível “desconhecimento” em relação ao espaço do interior da narrativa do conto. Instaura, naquele instante, a disputa de origem, pois o “do Ceará” disputa com o “do Piauí”, visto que os limites não estavam bem delineados. A observação de Távora, em relação ao assunto, aponta mesmo para o imaginário de homogeneidade, para tudo o que era pensado em Norte, antes mesmo da noção de Nordeste formada no início do século XX. Aponta, também, para a ideia que foi se propagando de que a seca era um fenômeno mais característico do Ceará, que compõe um dos aspectos da formação de sua “identidade”. Dessa maneira, ao considerar que o enredo do livro se dá no Ceará, o crítico está expressando a noção generalizante que o Norte abarcava.

Nos lastros da ficção do romantismo, o enredo do livro tenta traduzir o drama da seca de 1877. Esse livro, para a crítica literária, “foi o primeiro romance brasileiro efetivamente imaginado e publicado por um piauiense, abordando tema regional e situado em território do Piauí”¹⁶⁹. A ênfase que a crítica vai dar ao pioneirismo de Francisco Gil Castelo Branco, em relação a uma “literatura regional” da seca, apresenta-se nas relações de poder, nas disputas pela autoridade de “fundação” desse tipo de literatura. Disputa essa mencionada, por exemplo, por Herculano Moraes, em seu livro *Visão histórica da literatura piauiense*, no qual ele diz:

A presença de Francisco Gil Castelo Branco no restrito e fechado círculo dos escritores brasileiros fortaleceu-se com a publicação de *Contos a Esmo* (1876), que recebeu de Franklin Távora elogio desse teor: “Se neste país, houvesse espírito literário, esta narrativa, por ser tão curta e

¹⁶⁷ TÁVORA, João Franklin da Silveira. Escritores do Norte do Brasil. Publicado no Jornal A Reforma, Teresina, 28 de abril de 1888. Ano II, N. 52, p. 02. Reproduzido em: CASTELO BRANCO, Francisco Gil. *Ataliba, o vaqueiro*. 11. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2012, p. 9.

¹⁶⁸ CASTELO BRANCO, Francisco Gil. *Ataliba, o vaqueiro*. 11. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2012, p. 33.

¹⁶⁹ SILVA FILHO, Herculano Moraes da. *Visão história da literatura piauiense*. Teresina: HM Editor, 1997, p. 96.

sintética, andaria em todas as mãos. Em tão singelo e pequeno quadro não vi pintura tão fiel.

Na época já eram famosos os romances classificados de regionalistas de José de Alencar (*O Gaúcho*, *O Tronco do Ipê* e *O Sertanejo*), Bernardo Guimarães (*O Garimpeiro*), Visconde de Taunay (*Inocência*) e a exploração do banditismo de *O Cabeleira*, de Franklin Távora. A literatura da seca, no seu conceito definitivo, ainda não havia chegado, cabendo a Francisco Gil, de acordo com a voz autorizada de M. Paulo Nunes, essa prioridade, pois que “a primeira manifestação conhecida nesse plano”.¹⁷⁰

Nessa “campanha” de disputa pelo passado, chega a falar: “Para Francisco Gil Castelo Branco, reivindicamos o título de precursor do romance sobre a seca”¹⁷¹. O livro de Francisco Gil Castelo Branco é tomado pelos críticos do Piauí como sendo o “mito fundador” do “romance piauiense” da seca. Não só para o romance, mas servindo de referência temática para contistas e poetas. Nos lastros dessa escrita, tendo o vaqueiro e/ou a seca como foco, podem ser mencionados alguns livros: *Lira Sertaneja* (1881), de Hermínio de Paula Castelo Branco; *Chão de Meu Deus* (1958) e *Pedra Bruta* (1964), *Vida Gemida em Sambambaia* (1986), de João Nonon de Moura Fontes Ibiapina; *Chico Vaqueiro no meu Piauí* (1971), *Contos do sertão do Piauí* (1988) e *Curral de serras* (1980), de Alvina Gameiro. São autores que, das décadas de 1950 e 1980 trariam a temática da seca e do vaqueiro como expressões de um “regionalismo” e de uma “identidade piauiense”, dando certa continuidade às temáticas tidas como típicas do Piauí.

De maneira enfática, Francisco Miguel de Moura afirma que, “de modo geral, a literatura piauiense é toda voltada para o rio (nosso mar interior), a seca, o boi, os mitos, as lendas e os costumes avoengos”¹⁷². Generalização da qual comunga Raimunda Celestina Mendes da Silva, afirmando que a “literatura piauiense” tem sua temática centrada na seca¹⁷³, que traz em sua lista de livros com temática da seca, *Um manicaca* (1909), de Abdias Neves; e *Macambira* (1995), de José Wellington Barroso de Araújo Dias, livro que contém o conto *Maria, valei-me*, que aborda a seca de 1970 nas cidades mais ao sul do estado.

¹⁷⁰ SILVA FILHO, Herculano Moraes da. **Visão história da literatura piauiense**. Teresina: HM Editor, 1997, p. 94-95.

¹⁷¹ REIS, Maria Gomes Figueiredo dos. Ataliba, o vaqueiro: precursor do romance da seca. Reproduzido em: CASTELO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro**. 11. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2012, p. 16.

¹⁷² MOURA, Francisco Miguel de. **Piauí**: Terra, história e literatura. Teresina: Cirandinha, 1980, p. 14.

¹⁷³ SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. **A representação da seca na literatura piauiense**: séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Caetés, 2005.

Outra vertente da literatura da qual o literato pretende se distanciar é aquela produzida sob a égide da implantação e legitimação da República. Esse período faz surgir uma escrita que, em grande medida, almejava se posicionar sobre o isolamento do estado em relação a outros da federação. São livros, em geral, que falam de uma história que, mais que demarcar a “realidade” do estado, integram o estado ao restante do país. Exemplos disso são as iniciativas textuais de Clodoaldo Freitas e Abdias Neves, que lançaram “os esforços mais elaborados para a construção de uma história patriótica do Piauí”¹⁷⁴. Segundo Paulo Gutemberg de Carvalho Cardoso, Clodoaldo Freitas escreveu *Os fatores do Coelhoado* (1892) e *História do Piauí: sinopse* (1902), o primeiro versando sobre o isolamento do Piauí em relação ao país e o segundo sobre as linhas gerais para a escrita da história do Piauí. Abdias Neves escrevera *Indústria Pecuária* (1901-1902), ensaio sobre as razões para o atraso econômico do estado e possibilidades de superação. Publicou, em 1907, *Independência do Piauí: apontamentos históricos (A guerra de Fidié)*, considerado “o texto instituidor de um mito sócio-político do estado”¹⁷⁵. Vale destacar que os textos dos dois escritores se constituíam mais como narrativas históricas do que narrativas literárias propriamente ditas, visto que o fazer literário estava ligado com a narrativa histórica. Nessa relação entre história e literatura, é importante atentar ao fato de que a produção literária é manifestação da sociedade na qual é gestada, pois “o estudo sobre a escrita da história deveria, necessariamente, incluir a reflexão sobre a escrita literária”¹⁷⁶. Isso não significa dizer que, ao debruçar sobre a obra de O. G. Rego de Carvalho, o presente estudo intente falar da invenção do passado do Piauí, mas da “literatura piauiense” como uma construção histórica.

Nessa construção das “identidades piauienses”, a tese de Alcebíades Costa Filho destaca que houve um acervo literário que, por meio da poesia, especialmente, contribuiu para o jogo de formação do “ser piauiense”, delimitado pela espacialidade, pelo território. Em sua análise, houve, na primeira metade do século XIX, uma escritura poética que se voltava para o aspecto dito “sertanejo”, com ênfase para a seca e para o vaqueiro. Na passagem do século XIX para o século XX, a poesia produzida não se centraria diretamente na temática “sertaneja”. Nessa poesia, inspirada em estilos parnasianos e simbolistas, “ocorreu a celebração do território através dos seus elementos geográficos, sua

¹⁷⁴ SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. **História e Identidade**: as narrativas de piauiensidade. Teresina: EDUFPI, 2010, p. 129.

¹⁷⁵ SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. Op. cit, p. 129.

¹⁷⁶ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O Fato e a Fábula**: o Ceará na escrita da História. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012, p. 131.

fauna e flora, muito mais do que os usos e costumes rurícolas, foco da poesia de temática sertaneja”¹⁷⁷. Uma poesia que fala de um Piauí da fartura, cuja fome só é ocasionada nos períodos de forte seca.

Seriam, então, pelo menos duas vertentes que compõem o mote do fazer literário no Piauí, com as quais O. G. Rego de Carvalho era comparado pelos críticos. Olhava-se para seus livros e não se viam os traços da seca e do vaqueiro, da primeira vertente; assim como não se viam os elementos de uma narrativa que pretendesse falar das dimensões políticas, econômicas e históricas do Piauí como forma de sua inserção na esfera nacional, da segunda. Duas tendências, cada uma a seu modo, que inventavam o “ser piauiense” e que são tomadas nas disputas de poder em relação à construção da “literatura piauiense”. No campo literário se perguntava, e ainda se pergunta, que identidade a obra de O. G. Rego de Carvalho institui? A que vertente estaria mais próxima? É importante dizer que as duas vertentes mencionadas não impediram que a pluralidade literária pudesse se manifestar, com autores e textos que, também, não se aproximavam nem de uma, nem de outra.

Quando O. G. Rego de Carvalho publica *Ulisses entre o Amor e a Morte*, em 1953, eram essas duas vertentes, com algumas variações a elas atreladas, que estavam em voga no fazer literário no Piauí. As polêmicas nas quais O. G. Rego de Carvalho se envolveu, em relação ao que se refere à existência ou inexistência de uma literatura piauiense, bem como às discussões acerca de sua escrita ser ou não de traços regionalistas, remetem às relações ou disputas de poder. Indicam, em larga medida, as nuances ligadas aos status do que é nacional, regional ou local, nas distinções ou delimitações histórico-discursivas das fronteiras e/ou limites dos espaços em primeiro momento físicos, mas que assumem contornos simbólicos e político-ideológicos. O próprio literato está envolto nessa disputa, visto que ora é considerado como escritor piauiense, como nordestino, ora como escritor brasileiro. Aqueles críticos que o determinam como “escritor brasileiro” ou “piauiense” o fazem nessa dimensão simbólica das relações de poder, em decorrência de que, sendo “nacional” ele tem a garantia de ser um escritor legitimado e reconhecido no campo literário.

Os seus críticos, por meio de artigos publicados em jornais de notícias, constroem discursos que, além de realizar análises acerca do conteúdo, da forma e do estilo dos livros do literato, localizam-no em determinado espaço. Os discursos desses críticos, dessa forma expressos, indicam que as noções de lugar, como o nacional, o regional e o local,

¹⁷⁷ COSTA FILHO, Alcebíades. **A gestação de Crispim**: um estudo sobre a constituição da piauiensidade. (Tese de Doutorado). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2010, p. 150.

inscrevem-se como elementos constitutivos das esferas de poder em disputa. Ao chamar atenção para a circunscrição e debate da literatura como piauiense, regionalista ou nacional, O. G. Rego de Carvalho despertou em seus críticos, de maneira indireta, reflexões sobre o poder. Dessa maneira, “o poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder”¹⁷⁸. O poder, assim concebido, não é o sentido do discurso, mas sim o discurso é que se manifesta como uma série de elementos que fazem parte de mecanismos gerais do poder.

E é nesse sentido que os discursos acerca do espaço e do lugar do literato são tomados e analisados em uma dimensão de discursos que se constituíram, ao longo da história do Brasil, para formar noções de identidades nacional e regional, sobretudo a partir do século XIX. Os discursos de O. G. Rego de Carvalho, assim como os de seus críticos, também conduzem a tal sentido, no ambiente das relações de poder. Como expressões dos mecanismos de poder, os discursos, como ressalta Foucault, comandam, reprimem, persuadem e organizam a realidade e as práticas. Os discursos são pontos de contato, de atrito e, em certa medida, de conflitos.

Nesse aspecto, O. G. Rego de Carvalho vai se tornar o escritor que personifica, em várias ocasiões, sujeito-objeto das relações de poder ligadas às delimitações do espaço. Vidal de Freitas, por exemplo, afirmou que, já na leitura de *Ulisses entre o Amor e a Morte*, precisou procurá-lo imediatamente para congratulá-lo “como piauiense e, ainda mais, como oieirense, com o surgimento de um ficcionista, que iria ser, o maior romancista do Piauí, um dos maiores do Brasil”¹⁷⁹. Para Vidal de Freitas, não bastava saudar o literato como piauiense, era preciso situá-lo em suas origens na cidade de Oeiras, para, a partir de então, alçá-lo aos patamares nacionais. Isso significa que Vidal de Freitas antevia a necessidade de não colocar em suspenso a cidade natal do escritor, algo que poderia ser pensado, visto que ele mudou-se muito cedo para Teresina e depois foi trabalhar e morar no Rio de Janeiro, cidade na qual publicou seu livro de maior repercussão, *Rio Subterrâneo*. Para endossar a sua postura de localizar O. G. Rego de Carvalho, Vidal de Freitas conclui que “será sempre com desvanecimento que o lê todo piauiense, e com justificado orgulho, todos quantos nascemos na querida Oeiras”¹⁸⁰.

¹⁷⁸ FOUCAULT, Michel. Diálogo sobre o Poder. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). **Michel Foucault: estratégia, poder-saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 253.

¹⁷⁹ FREITAS, Vidal de. O. G. Rego de Carvalho: introspecção e poesia. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 75.

¹⁸⁰ FREITAS, Vidal de. Op. cit, p. 78.

Em princípios da década de 1970, o crítico Igor Achatikin mencionou, em três artigos intitulados *O. G. Rego de Carvalho – o romancista do Piauí*, que o literato fazia muito mais sucesso em outros estados e até mesmo no exterior, mas isso não preocupava o literato, pois O. G. Rego de Carvalho “continua impassível no caminho que se determinou: - continuar a ser por muito tempo ainda – ‘O romancista do Piauí’”¹⁸¹. O título de “o romancista do Piauí” expressa, em primeiro momento, as disputas de poder no que se refere a ser o escritor de maior expressão na escrita do romance no estado. Tal título tem o intuito, mesmo que indireto, de constituir uma sinédoque que possa remeter ao literato, que passaria a ser encarado como um ícone ou um cânone. Nos argumentos de Igor Achatikin, mesmo o literato tendo um alcance e uma circulação maiores em outros centros, é fundamental que o identifique como sendo piauiense. Localizar o literato como piauiense seria parte da disputa simbólica que intentava, também, legitimar o Piauí como estado integrante do país, como sendo espaço de interlocução com o plano nacional.

O debate suscitado pelo literato acerca da “literatura piauiense” não é algo novo, visto que a preocupação sobre a cultura e até mesmo a identidade piauiense não surge com sua narrativa e seus depoimentos. No máximo, O. G. Rego de Carvalho, em decorrência de uma maior circulação de informações, acabou por se tornar o vetor para o ressurgimento de questionamentos acerca, talvez, não só de uma literatura piauiense, mas de uma cultura e de uma identidade piauienses. Ele trouxe novamente à tona, em termos aparentemente mais diretos, as inquietudes sobre o fazer e o pensar literário no estado, reavivando o debate já posto em pauta por literatos de gerações anteriores à sua.

Ainda é mister lembrar que, além de não ser o primeiro e nem o único a pensar sobre o fazer literário com implicações de disputas de poder e de espaço, O. G. Rego de Carvalho simplesmente faz algo que tem sido comum na (re) constituição identitária do Brasil, de suas regiões e de seus estados. Desde o período da independência, pelo menos, que ações político-administrativas têm sido postas em prática no intuito de criar e legitimar uma identidade nacional. Contudo, posteriormente à independência política de 1822, “não só o Brasil passa a ser visto como objeto de estudo da história, mas também as outras partes do Brasil passam a reivindicar o direito ao passado. O nacionalismo brasileiro estava acompanhado de nacionalismos provinciais”¹⁸². Esse traço de dar tempo ao espaço, por meio da busca de uma história e de uma localização, vai ser seguido por disputas de poder,

¹⁸¹ ACHATIKIN, Igor. *O. G. Rego de Carvalho – o romancista do Piauí (III)*. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 93.

¹⁸² RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O fato e a fábula: o Ceará na escrita da História**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012, p. 09.

que não se dão unicamente na esfera da disputa político-partidária e da economia, mas, também, no limiar do imaginário e dos símbolos.

No caso cearense, por exemplo, como ressalta Francisco Régis Lopes Ramos, alguns intelectuais lançaram-se nessa empreitada, realizando disputas no campo narrativo e das ideias. Régis Lopes destaca, dentre outros, o papel de José de Alencar nos percursos que foram sendo tomados e delineados para “a crença em um passado comum, que passou a ser chamado de História do Ceará”¹⁸³. José de Alencar estava imerso na disputa com outras áreas dos saberes políticos e intelectuais, que atuaram na ampliação de “determinadas demandas por um passado comum, delimitado ao sabor de interesses e lugares autolegitimados”¹⁸⁴. No período imperial brasileiro, inicialmente sob os auspícios do alemão Von Martius, as particularidades regionais não podiam ser colocadas em escanteio, pois “somente geral, a escrita deixaria de ser história. Somente específica, a escrita seria apenas uma crônica”¹⁸⁵. A intencionalidade era a de construir uma memória e uma nacionalidade sem o perigo das narrativas fragmentadas.

Essa postura, em relação à fragmentação ou particularidade, não foi assimilada ou defendida na mesma intensidade ou da mesma forma pelos intelectuais da época, como cita Régis Lopes, ao falar de Alencar Araripe, que, assim como José de Alencar, embreou-se na disputa da afirmação de Antônio Felipe Camarão como sendo cearense. No século XIX, no Brasil, não foi somente a historiografia que se dedicou à questão da nacionalidade, pois “a produção literária e artística, notadamente de inspiração romântica, também terá um papel decisivo na construção de imagens e de alguns textos que serão fundamentais para elaborar a forma como ainda hoje nos vemos e nos pensamos”¹⁸⁶. Tais imagens e textos se circunscrevem não somente na proposição de identidade nacional, mas nos rearranjos de identidades regionais e locais, em meio aos estereótipos e preconceitos, que exprimem disputas de poder.

É nesse momento que “nasceram muitas das disputas regionais e dos discursos regionalistas que foram responsáveis, também, pela emergência de muitos dos estereótipos e dos preconceitos que marcam as diferentes regiões do país e suas populações”¹⁸⁷. Essa

¹⁸³ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O fato e a fábula: o Ceará na escrita da História**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012, p. 10.

¹⁸⁴ RAMOS, Francisco Régis Lopes. Op. cit, p. 12.

¹⁸⁵ RAMOS, Francisco Régis Lopes. Op. cit, p. 15.

¹⁸⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 52.

¹⁸⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 40-41.

observação é fulcral, pois as diferenças não permaneceram somente no estrato da geografia, sendo aplicadas à (des) caracterização das pessoas que habitam determinados estados e regiões. Não só imagens e textos contribuem para a construção daquela nacionalidade e daqueles regionalismos. Aos poucos, os próprios textos, bem como seus autores, vão se tornar ponto de disputa para a simbolização e legitimação das identidades permeadas entre o nacional, o regional e o local.

Por esse diapasão, pode-se dizer que a pretensão norteadora do presente estudo não é o de tomar O. G. Rego de Carvalho como um cânone ou como simples destruidor de cânones de uma “literatura piauiense”, mas sim, como um personagem ativo no processo de constituição ou revisão de tal literatura e de suas formas de narrar. Ele assume a função de um fio condutor, com os devidos choques e tensões, de um campo literário repleto de disputas e ranhuras, o que é inerente a qualquer campo intelectual e artístico.

Em certo ponto, O. G. Rego de Carvalho também contribuiu para o pensar da História do Piauí, pois, ao colocar em questão a existência da “literatura piauiense” e as dimensões regionalistas da escrita, insuflou nos críticos e intelectuais os limites entre o nacional e local, entre, nos termos de Régis Lopes, “a parte e o todo”. O literato catalisou o seu posicionamento sobre a observação de características que pudessem contribuir para a distinção entre os limites do que seria uma “literatura piauiense”, “maranhense”, “cearense”, “pernambucana”, “baiana”. Ele fez pensar que os limites e critérios para tais classificações são obscuros e imprecisos, pois não deixam esclarecer se o que torna uma literatura ser compreendida como local é o local de nascimento do escritor ou os temas voltados para determinado estado ou região. Nesse sentido, O. G. Rego de Carvalho está questionando os limites entre o que venha a ser o local e o nacional.

O literato deu ênfase ao problema da legitimação ou da identificação da “literatura piauiense” como uma esfera de disputas de interesses. Como já foi dito, essa atitude frente ao status de tal literatura já era professada pelos literatos e intelectuais piauienses em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX. Muito embora, naquele momento, as preocupações estivessem mais voltadas para o reconhecimento e aceitação da literatura produzida no Piauí por outros estados brasileiros.

Além disso, os literatos daquele período viam que muitas limitações de sua produção podiam ser explicadas por razões do meio socioambiental do Piauí. Para eles, haveria pelo menos três grandes limitadores ligados ao meio que fragilizavam a produção e circulação de seus textos e livros. Pensava-se, inclusive, na dimensão do tempo climático, no qual “o calor, em geral superior a 30 graus, chegando aos 40 graus, cuja intensidade

inviabilizava qualquer tentativa de esforço produtivo”¹⁸⁸. Esse argumento, aos poucos, foi sendo deixado de lado, tornando-se um tanto obsoleto.

Somando-se a isso, tinha-se, dentre os literatos piauienses, como mais uma explicação vinculada ao meio, o aspecto do alto índice de analfabetismo, o que, para críticos e intelectuais de outras regiões, assumia outro entrave ao desenvolvimento do fazer literário naquele estado. Um público leitor reduzido, junto com poucas editoras ou tipografias comprometia a solidificação da produção literária.

Tais impedimentos também eram pensados pelos literatos como algo negativo aos olhos dos críticos de outras regiões, daí muitos buscarem publicar seus livros e textos em outros estados. “Um indicador e índice de desenvolvimento na carreira de um literato era o fato de conseguir editar livro fora de Teresina e o sucesso era considerado tanto maior quanto mais importante fosse o local em que ocorresse a publicação”¹⁸⁹. O destino mais procurado pelos escritores do Piauí era o estado do Rio de Janeiro, que ainda continuou sendo a grande referência publicitária e editorial, pelo menos no que se refere à publicação dos livros de O. G. Rego de Carvalho. Em artigo publicado no jornal *O Dia*, em março de 1971, Francisco Miguel de Moura, ao fazer comentário sobre o livro *Somos Todos Inocentes*, fala da relação do literato com a crítica e o público leitor em esfera nacional:

Não tenho dúvidas de que o Brasil já se situa entre as nações onde o romance chega ao seu apogeu. Prova do nosso amadurecimento temos os ficcionistas Marques Rebelo e Adonias Filho. Se queremos saber de outro autor contemporâneo que merece ser lido, citamos O. G. Rego de Carvalho, com o seu *Rio Subterrâneo*, romance editado pela Civilização Brasileira, em 1967, livro que é, no meu entender, marcante pela técnica apurada, pelo estilo originalíssimo, pela profundidade da análise psicológica.

O. G. Rego de Carvalho era, até aquela época, autor desconhecido do público, dos intelectuais, dos críticos em geral, visto ter sido *Ulisses entre o Amor e a Morte* (seu livro de estreia, lançado em edição particular, em 1953) acontecimento literário praticamente inexistente do ponto de vista publicitário, pois que se destinou a distribuição gratuita entre amigos e conhecidos.¹⁹⁰

O crítico deu ênfase ao nome da editora do Rio de Janeiro, mas não menciona o nome de quem teria sido responsável pela edição do livro de estreia do literato. Tal livro

¹⁸⁸ QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 169.

¹⁸⁹ QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 170-171.

¹⁹⁰ MOURA, Francisco Miguel de. *Somos Todos Inocentes*. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho**: fortuna crítica. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 95.

foi publicado pelo Caderno de Letras Meridiano, que era a editora criada pelo Grupo Meridiano, do qual O. G. Rego de Carvalho era membro e líder. Esse silêncio em relação à editora local demonstra que as relações de poder, na esfera editorial, tendiam a dar destaque às editoras de outros estados brasileiros, sobretudo do sudeste do país, em detrimento dos esforços dos escritores locais, cujas publicações, se não fossem em outro estado, seriam um “acontecimento literário praticamente inexistente”. Francisco Miguel de Moura está se referindo, em seu ponto de vista, à pequenez das condições de publicação e circulação de editoras com poucos recursos, como era o caso do Caderno de Letras Meridiano.

No entanto, ele reivindica o alçar do literato ao patamar nacional em função da grandiosidade de sua obra. Para isso, Francisco Miguel de Moura faz uma comparação entre o livro *Somos Todos Inocentes* e o livro *Terra de Caruaru*, do escritor pernambucano José Condé. Em sua análise, enquanto O. G. Rego de Carvalho fala de uma cidade do interior em decadência, Condé apresenta uma cidade interiorana em prosperidade e desenvolvimento. Ele justifica a escolha de Condé para o comparativo, em razão de ser, para ele, o romancista nordestino contemporâneo que mais teria se aproximado da escrita de O. G. Rego de Carvalho. Francisco Miguel de Moura, por meio da comparação, chega “à conclusão de que nenhum outro escritor nordestino chegou tão alto quanto O. G. Rego de Carvalho, exceto Graciliano Ramos, na adequação da linguagem ao mundo ficcional e aos temas escolhidos”¹⁹¹. Aqui Francisco Miguel de Moura está circunscrevendo uma discussão pautada nos regionalismos em meio ao cenário nacional.

“Chegar tão alto” entre os nordestinos seria, em boa medida, ocupar espaço no reconhecimento nacional. Mas o que é esse “nacional” no campo artístico-literário? Parece confundir-se ou fundir-se com aquilo que é dito, pensado e produzido no centro-sudeste-sul do país. No seio desses regionalismos há, ainda, o sentido de exclusão que se tem, histórica e culturalmente, atribuído ao Piauí, que, no olhar do norte-americano David Lord, seria o “pouco conhecido Piauí”¹⁹², lugar que o surpreende ao dar origem ao escritor O. G. Rego de Carvalho.

Essa confluência, historicamente turbulenta, entre o que é nacional, regional e local, fomenta as críticas sobre a narrativa de O. G. Rego de Carvalho, pois, no entender de Hélio Pólvora sobre *Somos Todos Inocentes*, “geograficamente, e apenas neste aspecto, o

¹⁹¹ MOURA, Francisco Miguel de. *Somos Todos Inocentes*. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho**: fortuna crítica. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 97.

¹⁹² LORD, David. Rio Subterrâneo. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho**: fortuna crítica. Teresina: Zodíaco, 2005, p. 107.

romance de O. G., como ficou conhecido entre seus amigos, quando residia no Rio, será nordestino”¹⁹³. Para Hélio Pólvora, o romance do literato vai além das delimitações geográficas, deixando de ser nordestino para ser brasileiro, como se uma coisa já não sugerisse outra. Ser nordestino em todos os aspectos, na perspectiva do crítico, tornaria o romance menor em sua criatividade e em seu alcance. Hélio Pólvora, então, discursivamente, sugere o deslocamento do berço do romance e do escritor. Ele ainda insiste no fato de não haver mais uma tradição do que se chamou de romance nordestino, pois

O. G. demonstra mais uma vez que o ciclo do romance nordestino está encerrado em suas características históricas. O meio é a moldura, o homem é o retrato. O homem suplanta o nativismo, o descritivo, o caso, o tique do escritor-que-se-lembra, efetivamente escravizado aos fluxos da lembrança. Ferozmente apegado às raízes nordestinas, no seu modo cáustico de ser e sentir, Graciliano Ramos deu a este romance a dimensão final da nacionalidade e do universalismo.¹⁹⁴

Hélio Pólvora destaca a sua concepção de que o romance nordestino, com características “regionalistas”, pautado no determinismo geográfico, estaria encerrado e O. G. Rego de Carvalho faria parte do grupo de romancistas que fogem aos moldes de tal romance. Hélio Pólvora, então, fala que teria sido Graciliano Ramos quem foi o responsável para a produção de um romance em suas dimensões nacionalistas e universais. O nordeste não seria visto para o próprio nordeste, sendo encarado como uma esfera do nacional, sendo incorporado pela totalidade. O nordeste, ao contrário do que possa sugerir inicialmente, não está sendo destacado, está sendo, por meio dessa incorporação, apagado, pois não se definiram claramente quais “características históricas” permanecem ou não nos diferentes discursos.

Nesse debate, acerca da existência ou permanência de uma produção de romances considerados “nordestinos”, o próprio O. G. Rego de Carvalho, em entrevista concedida a Edmilson Caminha Jr, posicionou-se:

- Alguns críticos censuram *Ulisses* por sua pouca nordestinidade, um livro sem a marca regionalista do “Romance de 30”, de Graciliano Ramos, Lins do Rêgo e Raquel de Queiroz. Segundo você mesmo disse,

¹⁹³ PÓLVORA, Hélio. Um romance contínuo. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2005, p. 99.

¹⁹⁴ PÓLVORA, Hélio. Op. cit, p. 99. PÓLVORA, Hélio. Um romance contínuo. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2005, p. 99.

escreveu *Somos Todos Inocentes* só para provar que também era um autor nordestino. Na opinião de Wilson Martins, o filão regionalista esgotou-se completamente na literatura brasileira – Guimarães Rosa, teria sido um dos últimos grandes, no gênero. Que você acha disso?

- Não concordo plenamente com que a ficção regionalista esteja exaurida. Sempre haverá de aparecer um escritor de grande talento que, voltando ao tema, consiga fazer uma obra-prima.¹⁹⁵

Como destaca o estudo de Durval Muniz, o “romance de 30” produziu obras que se tornaram, “para muitos habitantes de outras áreas do Brasil, que não tiveram ou não têm a oportunidade de visitar a região, como fonte de informação privilegiada sobre como a região e seu povo era ou é”¹⁹⁶. São obras que enfocam quatro temáticas que têm definido a “nordestinidade”: a seca, o coronelismo, o cangaço e o messianismo. A estratégia do entrevistador, ao que parece, a partir da própria pergunta, é localizar o literato como fazendo parte do “romance nordestino”, ao salientar que o literato teria dito, em outra ocasião, que escrevera um de seus livros com esse intuito. Mencionando que Guimarães Rosa teria sido o último “grande” representante desse estilo, o entrevistador, de maneira sutil, põe em suspeição o objetivo do literato. Desconsiderando essa noção de “encerramento”, o literato desconsidera a ideia que Guimarães Rosa seja o “último”, como se o poder criativo não pudesse pertencer a mais ninguém. Com esse raciocínio, ele continua sua resposta:

O rio de inspiração é para todos. Mas que o gênero não é sedutor para os jovens escritores não deve ser mesmo, porque já foi muito explorado, é quase que um clichê do que se escreveu no Nordeste. Ora, quando eu publiquei *Ulisses*, rompi com esse padrão estético. O rompimento foi consciente. O rompimento e os problemas que eu sabia iria ter de enfrentar. Até hoje não consegui um único bilhete de Raquel de Queiroz dizendo ao menos que leu o meu livro. Mande-lhe duas cartas, e ela nada. Ao passo que os escritores do sul saudaram *Ulisses* como um aparecimento inusitado, uma ruptura com os padrões estéticos da época, e uma inovação, embora discreta, do modo nordestino de escrever.¹⁹⁷

¹⁹⁵ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Edmilson Caminha Jr. Jornal da Manhã. Teresina, 17/01/1988. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2005, p. 337.

¹⁹⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 121.

¹⁹⁷ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Edmilson Caminha Jr. Jornal da Manhã. Teresina, 17/01/1988. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2005, p. 337.

O. G. Rego de Carvalho fala mesmo de rompimento, busca deixar claro que sua escrita não faz parte do “modo nordestino de escrever”. Mas que modo é esse? Quem o instituiu? Não se pode vislumbrar respostas se não for no seio dos vários mecanismos discursivos, históricos, culturais e imagéticos que têm atuado na invenção, ou manutenção da invenção, do Nordeste.

Ao falar desse “encerramento” do dito romance nordestino, Hélio Pólvora faz lembrar do processo de construção discursiva do Nordeste, visto que até princípios do século XX, essa região do país era conhecida como Norte. Somente no governo de Epitácio Pessoa, conforme esclarece Durval Muniz de Albuquerque Júnior, é que o termo nordeste começa a ser vinculado, na ocasião da criação da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, em 1919. Ligada ao isolamento e aos problemas de corrupção e das secas, a ideia de nordeste vai sendo incorporada ao imaginário popular como lugar de atraso. Assim, “o Nordeste já nasce pensado como um espaço que está ficando para trás no processo de desenvolvimento do país, uma área que representaria o que chamavam de uma civilização em vias de desaparecer”¹⁹⁸. Desaparecimento este que Hélio Pólvora insinua em relação ao romance nordestino. Pois se não há mais um romance nordestino com suas características históricas, o que há, então? Romance nacional? Hélio Pólvora parece pensar nesse sentido da totalidade, ou melhor, da nacionalidade.

Ao associar o nome de O. G. Rego de Carvalho ao nome de Graciliano Ramos, ambos em um tipo de romance que superaria o romance nordestino tradicional, Hélio Pólvora transpõe um discurso de homogeneidade para o Nordeste, “ignorando que no Nordeste existem muitas outras realidades, desde naturais, paisagísticas, climáticas, até muitas outras realidades sociais, étnicas, culturais, econômicas ou políticas”¹⁹⁹. Mesmo havendo semelhanças no estilo narrativo dos literatos, incluí-los como pertencentes ao mesmo grupo daqueles escritores que são posteriores ao “romance nordestino de características históricas”, é, também, não pensar sua escrita em suas particularidades.

Para Francisco Miguel de Moura, a crítica nacional ainda não se posicionou devidamente em relação à obra do literato. Ele coloca em suspeição a abertura de tal crítica a escritores que não fazem parte de grandes centros:

Se a crítica literária, no Brasil, não é mais de rodinhas e de elogios mútuos entre amigos, por que não viu o grande livro que é *Rio*

¹⁹⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007, p. 100.

¹⁹⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Op. cit, p. 123.

Subterrâneo? É uma pergunta que se tem vontade de fazer. Veremos, pois, o que dirá de *Somos Todos Inocentes*. Antes dos críticos, porém, este *Somos Todos Inocentes*, tenho certeza, será apreciado pelo povo, por todas as suas qualidades já acima explicitadas. E o seu autor já está inscrito na galeria dos grandes ficcionistas do Brasil, a contar de Machado de Assis a Marques Rebelo.²⁰⁰

Na crítica de Francisco Miguel de Moura parece aflorar disputas não somente no que se refere à publicação e à circulação de escritores, mas dissonâncias entre os focos da crítica literária, que, até aquele momento, despertava desconfianças no que se refere às “rodinhas de amigos”. Como crítico, Francisco Miguel de Moura dá o seu parecer, afirmando que o literato já figura entre outros escritores de reconhecimento nacional. Mais uma vez, o que se reivindica é a colocação do literato na “galeria dos grandes ficcionistas do Brasil”, ampliando os limites do estado do Piauí. De maneira semelhante se posiciona José Afrânio Moreira Duarte, no Jornal *O Dia*, em agosto de 1971, dizendo que “O. G. Rego de Carvalho, ficcionista piauiense, já um nome justamente conhecido nos meios literários brasileiros”²⁰¹. Os dois críticos se aproximam no sentido de que buscam afirmar a importância do literato nos círculos nacionais da expressão literária.

Contudo, os dois divergem quanto ao efetivo reconhecimento do literato, pois para Francisco Miguel de Moura, isso ainda não se processou, como aponta José Afrânio Duarte. As relações de poder se expressam, por meio dos conflitos, nessa batalha discursiva entre os críticos que percebem o reconhecimento consolidado do literato e aqueles que ainda não notam a devida aceitação. Mesmo em meio a essa divergência, eles coadunam no sentido de que ser reconhecido na “galeria dos grandes ficcionistas do Brasil” e nos “meios literários brasileiros” é sinônimo de qualidade do literato. Luís Paula Freitas, também no Jornal *O Dia*, no ano de 1971, faz breves comentários sobre o livro *Somos Todos Inocentes* e, no final do artigo, sobre *Rio Subterrâneo*, que lera após a leitura daquele. Para ele, os dois romances são emblemáticos, ao passo que “um e outro dão a O. G. Rego de Carvalho um lugar de destaque na moderna ficção brasileira”²⁰². Mais uma vez, o nacional se torna o ponto máximo para o brilho de um escritor, deslocado dos limites de sua região. O título do artigo de Luís Paula Freitas, *Um Romancista do Piauí*,

²⁰⁰ MOURA, Francisco Miguel de. *Somos Todos Inocentes*. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 97.

²⁰¹ DUARTE, José Afrânio Moreira. *Somos Todos Inocentes*. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 111.

²⁰² FREITAS, Luís Paula. Um romancista do Piauí. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 114.

demarca bem os limites de origem do literato e ao fazer isso, Paula Freitas expressa o teor inesperado de um escritor daquele estado figurar na moderna ficção brasileira. A própria estrutura do texto sugere essa “evolução”: o título traz o Piauí como origem, mas o texto se encerra dizendo que ele possui um lugar relevante na ficção “nacional”.

1971 foi o ano da publicação de *Somos Todos Inocentes*, o que despertou, em muitos críticos, o desejo de ler os livros anteriores do literato, ou para conhecer ou para (re) avaliar. Nesse intuito de (re) avaliação é que se destinou o artigo de José Expedito Rego, publicado em duas oportunidades: no Jornal *Cometa* e no Jornal *O Dia*, ambos no ano de 1971. Nesse artigo, Expedito Rego comenta o fato de, em *Somos Todos Inocentes*, O. G. Rego de Carvalho ter perdido um pouco de sua marca intrigante e introspectiva que marcara *Rio Subterrâneo*. Para Expedito Rego,

Tal perda faz com que o romancista se aproxime dos muitos outros escritores do ciclo nordestino, José Américo, Raquel, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos. E o tema Nordeste já está, sem dúvida, muito explorado. Além disso, é muito difícil fazer alguma coisa de original. Mas O. G. Rego de Carvalho fez.

O Piauí não é exatamente Nordeste, é um pedacinho diferente do Brasil, tem folclore próprio, tem costumes, linguajar, hábitos alimentares que não se encontram em outra região desse Brasil imenso. E tudo isso está retratado no novo livro de O. G. Rego de Carvalho, de maneira feliz, como só ele poderia fazê-lo.²⁰³

Mesmo falando dessa aproximação em relação a tal ciclo, Expedito Rego diz que O. G. Rego de Carvalho teria sido original. O ponto auge desse comentário do crítico é quando afirma que o Piauí não seria propriamente parte do Nordeste, sendo um “pedacinho diferente do Brasil”. Expedito Rego cria uma ruptura entre o Nordeste e o Brasil, na qual está, em certa dispersão, o Piauí. Expedito Rego (re) inventa o Nordeste, recriando uma forma de pensar o Piauí, que teria características não comparáveis aos demais estados nordestinos e brasileiros. Imprime, dessa forma, uma imagem de um estado com identidade própria, que não se amalgamaria e nem se diluiria na ideia regional de Nordeste.

Esse conflito de definição dos limites entre o regional e o local é acirrado por O. G. Rego de Carvalho, ao ser questionado sobre essa vinculação:

- Nos seus livros, o Piauí aparece somente como cenário de histórias de cunho universal que poderiam desenrolar em qualquer parte do mundo.

²⁰³ RÊGO, José Expedito. O novo livro de O. G. Rego de Carvalho. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho**: fortuna crítica. Teresina: Zodíaco, 2005, p. 119.

Por que, sendo do Nordeste, não se interessou em escrever literatura de cunho regionalista, em suma, o chamado romance nordestino?

- Não fui testemunha de violências, de cangaço, nem de seca. Não sofri na pele o drama de José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos ou Raquel de Queiroz. Desde muito novo lutei contra a angústia, entre o amor e a morte, daí, porque o sentimento do mundo, a introspecção, a análise psicológica (sem Freud, como ressaltou a crítica) predominam em minha ficção, por muitos considerada mineira. De resto romance nordestino precisava de rumos novos e eu sou, no dizer de Paulo Dantas, justamente um renovador dessa literatura.²⁰⁴

Ao se posicionar dessa forma, o literato admite que é preciso vivenciar, mesmo como observador, os acontecimentos no mundo “real” para compor o repertório narrativo. Daí ele chamar atenção para a sua “luta”, o que expressa a dimensão autobiográfica de seus livros. É interessante como o literato intenta ampliar os espaços de seus textos, fazendo questão de lembrar o comentário que sua ficção também é “considerada mineira”. Isso parece oportuno para o literato, visto que a entrevista seria publicada em jornal que circulava na capital de Minas Gerais, pois o entrevistador era escritor e crítico, nascido na cidade de Alvinópolis, Minas Gerais. Arremata sua resposta destacando o comentário de Paulo Dantas, escritor e crítico nascido em Sergipe, que o considera um escritor de renovação, de vanguarda. Isso, talvez, compusesse mais um dos seus argumentos, conscientes ou inconscientes, que o absolvía de classificações.

Em outra entrevista, concedida a Cineas Santos, no ano de 1982, publicada na revista *Presença*, O. G. Rego de Carvalho afirmou:

Quando publiquei *Ulisses entre o Amor e a Morte* em 1953, esse livro foi saudado no sul do país como algo inteiramente diferente daquilo que se fazia no Nordeste. Na época, Homero da Silveira, num artigo denominado *Convite ao Abismo*, afirmava que era de admirar que um escritor piauiense escrevesse algo totalmente diferente da literatura que se fazia no nordeste. A bem da verdade, cheguei mesmo a ser censurado. Raul Lima, no *Diário de Notícias*, achou que minha literatura se distanciava muito da ficção de José Lins do Rêgo, Raquel de Queiroz e do próprio Graciliano, no que ele possa ter de regional. Escrevi uma cartinha para Raul Lima, dizendo que o Nordeste não era apenas secas e cangaço, e que eu, como escritor, devia ter outros compromissos sem ter de imitar meus antecessores.²⁰⁵

²⁰⁴ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a José Afrânio Moreira Duarte. *Diário de Minas*. Belo Horizonte, 30, 31/08/1970. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 300.

²⁰⁵ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Cineas Santos. Teresina: **Revista Presença**, Teresina, Ano III, n. 05, p. 19, Set/Nov. 1982.

O relato do literato demonstra que a “invenção do Nordeste” cumpriu forte papel na constituição do imaginário de uma homogeneidade e unicidade de toda uma região geograficamente organizada. Escrever algo que não representasse tal “regionalismo” era visto, para alguns críticos e intelectuais, como uma surpresa e até mesmo uma incoerência, um “abismo”, como sugere o título do artigo de Homero da Silveira. A “admiração” em relação a isso denota mesmo as relações de poder, pois o campo literário de outras “localidades” ou do que era considerado de “literatura nacional” precisava avaliar se a profundidade do abismo não significaria uma (re) invenção dos domínios. Mais uma vez, o literato menciona os nomes de três outros escritores, que têm sido classificados como cânones de um “romance regional”. Ele nega, então, a aproximação da qual falou José Expedito Rêgo ao comentar sobre *Somos Todos Inocentes*. Destacando que deveria ter outros compromissos sem imitar seus antecessores, o literato remete para as questões que envolvem a “angústia da influência”, no sentido de que a imitação faz parte de tal angústia, “faz parte do fenômeno maior do revisionismo intelectual”²⁰⁶. O. G. Rego de Carvalho, então, munia-se desse sentido revisionista, como sendo uma de suas tarefas como escritor.

Fazer referência aos escritores do “romance de 30” era uma maneira de medir a situação da produção literária no país. A geração de escritores que são comumente ligados àquele “romance” contribuiu para a disseminação de características e “temas regionais” inventados. A partir dos romances produzidos por essa geração, o tema da seca ganha destaque e se consolida como a imagem mais representativa do Nordeste e das práticas do homem nordestino. Mesmo não se considerando influenciado pelos escritores de tal geração, O. G. Rego de Carvalho os cita como grandes expressões da literatura nacional. Em 1988, indagado sobre a situação da literatura brasileira, ele comenta:

A literatura brasileira parece-me que parou em Guimarães Rosa, infelizmente. Há alguns nomes como Josué Montello, que se destacam, Autran Dourado, Nélida Piñon, mas não se vê aquele élan que marcou a geração de 30 – José Lins do Rêgo, Jorge Amado, Raquel de Queiroz. A obra desses autores, de certa maneira, continua pairando sobre o que se faz hoje. O único nome que se destaca, depois deles, infelizmente – porque é um só, deveria haver muito mais, é João Guimarães Rosa, com *Sagarana* e, depois, com *Grande Sertão: Veredas*.²⁰⁷

²⁰⁶ BLOOM, Harold. **A angústia da influência: uma teoria da poesia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 78.

²⁰⁷ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Edmilson Caminha Júnior. *Jornal da Manhã*. Teresina, 17/01/1988. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 340.

Essa posição de O. G. Rego de Carvalho expressa, conforme as postulações de Harold Bloom acerca da poesia, a angústia da influência ligada ao medo da “transmissão” de ideias e imagens de escritores anteriores aos posteriores²⁰⁸. Tal transmissão seria a assinatura de “inferioridade” criativa, como em uma condição de subordinação intelectual. A criação literária, dessa maneira, é concebida como algo dissociado de qualquer ato intertextual.

Questionar sobre a existência de uma “literatura piauiense” é também perguntar: O que é um escritor da “literatura piauiense”? De maneira simplista, costuma-se afirmar que é uma questão de nascimento, ou seja, um autor que nasceu no Piauí. Essa resposta é infundada, ou no mínimo, insuficiente, pois alguns exemplos, como Francisco Hardi Filho e Rubervam Maciel do Nascimento não fariam parte da “literatura piauiense”, pois o primeiro nasceu em Fortaleza, Ceará, e o segundo em São Luís, Maranhão. Outra resposta diria que é aquele que se dedica a narrar as tradições culturais, sociais, políticas e econômicas relacionadas diretamente ao estado do Piauí. Por essa resposta, autores como Mário Faustino e qualquer outro poeta com traços psicológicos e universais não seriam dignos de serem considerados “piauienses”. Quando Assis Brasil então se dedica a fazer antologias da poesia²⁰⁹ de diferentes estados do país, isso o (des) qualificaria como “piauiense”.

E o que dizer de escritores que nasceram no Piauí, mas moraram muito tempo fora do estado e publicaram suas obras em outros estados? São os casos, por exemplo, de *Poemas*, de Ovídio Saraiva (1808), publicado em Coimbra; *Flores da Noite*, de Licurgo de Paiva (1866), em Recife; *Chicotadas*, de Félix Pacheco (1897), no Rio de Janeiro; *Cantigas*, de Thaumaturgo Vaz (1900), publicado em Manaus, *Ânforas* e *Uhlanos*, de Jonas da Silva (1900) e (1902), no Rio de Janeiro. Além desses na poesia, pode-se citar, no romance, *Ataliba, o vaqueiro*, Francisco Gil Castelo Branco (1880), publicado no Rio de Janeiro. Isso só para mencionar escritores do final do século XIX e início do XX. Na segunda metade do século XX, tomando as mais de cem publicações de Assis Brasil, vê-se a quase totalidade de lançamentos por editoras do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, com muitos títulos que não são voltados para a “realidade piauiense”. O próprio O.

²⁰⁸ BLOOM, Harold. **A angústia da influência**: uma teoria da poesia. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 78.

²⁰⁹ Suas antologias são: *A poesia piauiense no século XX*, Antologia. Rio de Janeiro: Imago, 1995; *A poesia cearense no século XX*, Antologia. Rio de Janeiro: Imago, 1996; *A poesia amazonense no século XX*, Antologia. Rio de Janeiro: Imago, 1998; *A poesia fluminense no século XX*, Antologia. Rio de Janeiro: Imago, 1998; *A poesia mineira no século XX*, Antologia. Rio de Janeiro: Imago, 1998; *A poesia sergipana no século XX*, Antologia. Rio de Janeiro: Imago, 1998; *A poesia espírito-santense no século XX*, Antologia. Rio de Janeiro: Imago, 1998; *A poesia baiana no século XX*, Antologia. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

G. Rego de Carvalho teve muitas edições de seus livros publicados no Rio de Janeiro. A localidade de publicação não caracteriza, ou pelo menos não deveria caracterizar, o “ser escritor”, mas indica as relações de poder, expressas pelas condições de materialidade, produção e circulação de livros.

No intuito de realizar um panorama comparativo, O. G. Rego de Carvalho, em certa feita, em entrevista concedida a Edmilson Caminha Júnior, falou sobre a literatura produzida no Ceará, no período das décadas de 1970 e 1980:

Eu sempre recebi publicação do Ceará. *O Saco*, por exemplo, que foi um movimento de grandes autores, em que colaboraram Alcides Pinto, Caio Porfírio Carneiro e outros nomes, da geração anterior, como Fran Martins, Moreira Campos – o grande Moreira Campos, ressalte-se, um dos maiores contistas da literatura brasileira. Tenho recebido, mais recentemente, o Jornal da Cultura da Universidade Federal do Ceará, de que participam esses mesmos autores, ao lado de outros, mais jovens [...] Vejo no Ceará grandes potencialidades, mas sinto que vocês sofrem, ainda, dos mesmos problemas culturais do Piauí – menos, é verdade, porque o estado é maior. Mas aí, como aqui, o subdesenvolvimento econômico é uma realidade que, naturalmente, se reflete na literatura.²¹⁰

Na comparação feita pelo literato há um sentido de “inferioridade” em relação ao estado vizinho, que só é amenizada quando o subdesenvolvimento é visto como causa para os problemas da literatura. O interessante é o fato de ele considerar que isso é algo naturalizado, o que pressupõe uma noção intrínseca de imutabilidade. E é esse aspecto de infortúnio que ele destaca ao fim de sua resposta. Nas demarcações que historicamente foram imputadas aos espaços geográficos, fundidos discursivamente com imagens de identidade, ligar-se a um escritor regional ou não denota os conflitos existentes. Edmilson Caminha Júnior, munido dessa cristalização do discurso “regionalista” pergunta a O. G. Rego de Carvalho: “Teria a boa receptividade de *Ulisses* provocado uma certa ciúmeira nos seus colegas nordestinos?” O literato, então se posiciona: “Talvez. Porque é natural que um escritor famoso queira ter os seus seguidores. Se no próprio círculo de sua influência, na região que vive e trabalha alguém se rebela, é natural que seja colocado à margem”²¹¹.

²¹⁰ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Edmilson Caminha Júnior. Jornal da Manhã. Teresina, 17/01/1988. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 340.

²¹¹ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Edmilson Caminha Júnior. Jornal da Manhã. Teresina, 17/01/1988. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 337.

Esses deslizamentos conceituais, por meio de discursos, demonstram conflitos de cunho representativo e discursivo, no interior da dimensão meramente geográfica. Tal expressão ou conceito tem, em seu bojo, uma diretriz documental, no sentido que a dita “literatura piauiense” teria a função de, em boa medida, documentar uma preconcebida realidade do Piauí. Nesse jogo discursivo, percebem-se os discursos como instâncias que falam de um distanciamento entre presente e passado, mas que, ao mesmo tempo, tentam mostrar que este continua vivo no presente. São discursos que fabricam uma tradição a pretexto de reencontrá-la e relacioná-la diretamente com o presente. De certa maneira, os discursos “regionalistas” ou “locais” remetem ao passado em uma perspectiva nostálgica, imprimindo certas resistências às transformações e aumentando o apego às tradições.

Acirradamente, tais questionamentos e considerações levaram o literato a se envolver em atritos que envolvem o *status* da “literatura piauiense”, assim como seus espaços de autolegitimação, como é o exemplo do “templo das letras”, a Academia Piauiense de Letras – APL.

3.2 Nos Domínios de *Akademus*: a Academia como templo e tempo

A Academia Piauiense de Letras é o repertório inteiro de nossa cultura e o resultado do intenso exercício da inteligência e do espírito entre nós, através dos homens, como os nossos maiores...

Álvaro Pacheco²¹²

A Academia Piauiense de Letras – APL é espaço destinado a abrigar e incentivar as produções e ações literárias que (re) construam a “vida piauiense”, em suas manifestações históricas, sociais e culturais mais amplas. A arquitetura imponente de sua sede, em Teresina, tenta expressar a grandiosidade de sua proposta literária-cultural. Sua fachada traz a lembrança de que lá, algum dia, abrigou uma residência. De fato, um palacete com dois pisos, que fora construído entre as décadas de 1920 e 1930. No primeiro piso está a

²¹² PACHECO, Álvaro. Discurso de posse na cadeira nº 30 da Academia Piauiense de Letras, proferido no Auditório José Elias Tajra, na Associação Comercial Piauiense, no dia 28 de janeiro de 1994. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina, Ano LXXXVIII, n. 63, p. 102-103, dez. 2005.

sala de recepção, que dá acesso para a sala de reuniões, com uma ampla mesa para as deliberações dos membros. O auditório ocupa o que outrora fora sua biblioteca. A adequação foi necessária, para receber as solenidades, sempre muito frequentadas, de posses de membros imortais, lançamentos de livros e de edições de sua revista. É nesse auditório, em parede de sentido oposto ao palco, que está o mural com as fotos de todos os seus imortais. Fotos cuja cronologia de seus ocupantes vai formando uma imagem em cascata. Todas em preto e branco, como uma estratégia de superar o envelhecimento que, em geral, os tons coloridos sofrem. Uma tentativa, sutil, de romper o tempo em seu movimento, sua finitude. Lá, na última fileira, do lado esquerdo, está o retrato de O. G. Rego de Carvalho, referente à cadeira número 6. Ainda não está a foto de sua sucessora. Assim, parece estar em sua introspecção, como era uma de suas características. Rodeado de outras fotos, mas em seu canto, em seu “espaço”. A Academia não era um lugar que o literato frequentava com assiduidade. Não fazia parte de sua rotina.

No piso superior, cujo acesso se dá por uma escada talhada em madeira, estão duas salas que funcionam como biblioteca. Salas que, em tempos remotos, abrigaram os quartos da família que lá habitava. Foram os únicos lugares, conforme informam os funcionários de lá, que sobraram para o arquivamento dos livros e revistas.

Em uma estante, quase encostada na parede que dá para uma janela, estão os livros do literato. Lá, há dois exemplares da primeira edição de *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953). Uma delas está bem desgastada, com a capa corroída em muitas extremidades. A segunda, doação do próprio autor, foi por ele encadernada com capa dura, azul esverdeado e com letras douradas para o título e seu nome. Há exemplares, também, de seus outros livros, mas, assim como os demais livros, estão carentes de um espaço mais amplo, como melhor iluminação, refrigeração, além de condições para receber pesquisadores, leitores, estudantes. O “templo”, ao menos no que se refere ao local destinado à biblioteca, enfrenta os dissabores do tempo.

A Academia Piauiense de Letras (APL) foi fundada, efetivamente, em 30 de dezembro de 1917 e instalada no início de 1918, em 24 de janeiro, por uma elite intelectual ligada aos bacharéis formados pela Faculdade de Direito em Recife. Foi idealizada e encabeçada por Lucídio Freitas, que coordenou a reunião de fundação. A fundação da Academia Piauiense de Letras foi percebida pela imprensa da época como uma grande conquista para a cultura da capital e de todo o estado. Foi um acontecimento muito festejado pela imprensa:

Há dias se fundara nesta capital, a Academia Piauiense de Letras, que vem sanar em nosso meio uma falta extraordinária. E o que é melhor e mais agradável ainda é que a novel associação começa sob os melhores auspícios. Está assim composta a sua diretoria: Clodoaldo Freitas – presidente; João Pinheiro – secretário geral; Fenelon Castelo Branco – 1º secretário; Jonathas Baptista – 2º secretário; Antônio Chaves – thesoureiro; Edison Cunha – bibliotecário. Na sessão de domingo último, diversos sócios foram propostos e outros aceitos, estando quase completo o número de trinta, o limite máximo para os sócios efectivos. Nesta mesma sessão, Rui Barbosa foi aclamado seu presidente honorário. A inauguração oficial da APL será no dia 3 de maio próximo. Higino Cunha será o orador de honra.²¹³

Ao longo de sua trajetória, a Academia Piauiense de Letras encarou o papel de promotora e incentivadora da vida intelectual-literária do Piauí. Para a capital, Teresina, essa função se ampliava. Conforme destacou a historiadora e Acadêmica, Teresinha Queiroz, uma das tarefas iniciais da Academia era

[...] tirar Teresina da condição de acanhamento e de provincianismo que fazia com que ela contrastasse profundamente com São Luís, a Atenas brasileira; com Belém, vista como um lugar de vanguarda cultural; com Recife, a metrópole do Norte; e com o Rio de Janeiro, cenário do sonho dos literatos brasileiros.²¹⁴

Inicialmente, a Academia Piauiense de Letras funcionou somente com trinta membros, como previa o seu primeiro estatuto. Somente ao completar cinquenta anos de fundação é que são alterados os estatutos, ampliando o número de ocupantes para quarenta²¹⁵ e na mesma ocasião é escolhido o nome de Rui Barbosa para ser sócio honorário. A Academia, segundo o escritor João Pinheiro, tinha por objetivos examinar e discutir diversos temas sobre a realidade da cidade e do estado. Além disso, tinha também o objetivo de acompanhar o desenvolvimento intelectual e científico, por meio da disseminação de palestras e conferências. E, ainda conforme João Pinheiro, promover o levantamento da instrução como forma de superar os índices de analfabetismo e a falta de qualidade profissional nas diversas áreas do trabalho, sobretudo na esfera educacional.

²¹³ A Academia. *Correio de Theresina*. 17 jan. 1918, p. 12.

²¹⁴ QUEIROZ, Teresinha. Teresinha Queiroz: emoção e respeito no discurso de posse. **Revista Presença**. Teresina, Ano 23, n. 41, abril de 2008, p. 40.

²¹⁵ As cadeiras que foram criadas a mais foram ocupadas por Artur de Araújo Passos, Raimundo Nonato Monteiro de Santana, Wilson de Andrade Brandão, Odilon Nunes, Maria Nerina Pessoa Castello Branco, Darcy Fontenelle de Araújo, Emília Castello Branco de Carvalho, Manoel Paulo Nunes, Celso Barros Coelho e João Coelho Marques.

Nesse sentido, nota-se que os principais objetivos da Academia Piauiense de Letras estavam voltados para os aspectos locais, o que seus membros chamaram de “realidade da cidade e do estado”. Isso fica evidente a partir do objetivo que se voltava para sanar ou minimizar os problemas ligados à instrução pública e ao analfabetismo do estado. Constituíam-se como um espaço de discussão e reflexão sobre a cultura e memória do Piauí, contribuindo, ainda, para as demarcações de limites do que seria de expressão piauiense. Para Francisco Miguel de Moura,

A literatura, as artes, as letras, a língua são objetivos comuns aos acadêmicos, onde podemos ser persona (pessoa) e indivíduo ao mesmo tempo, com aquele respeito e educação que todo intelectual deve ter. A Academia é nosso encontro de seres duais [...]. Quem não observa esses princípios não será nunca um bom acadêmico. Academia é lugar de encontro, estudo, realização de palestras e conferências, votação do que é importante para a entidade e para a sociedade. Não é lugar próprio para discutir-se “o sexo dos anjos”, como nos acusam “os não acadêmicos”.²¹⁶

Miguel de Moura, além de mencionar o papel do acadêmico e da Academia, faz questão de chamar a atenção para a atuação prática dos membros, que “visitam colégios e recebem turmas de universidades e de cidades do interior, quando expressam os conhecimentos e as experiências próprias sobre cultura, arte, ciência, educação, literatura, e, naturalmente, sobre o que é a Academia e como funciona”²¹⁷.

Tal instituição começou a publicar sua revista a partir de 1918, contemplando textos de cunho histórico e literário de diferentes intelectuais, escritores de diferentes matrizes de pensamento e formação, como advogados, médicos, juristas, engenheiros, jornalistas, historiadores.

Com poucas verbas, oriundas de proventos dos governos do estado e da prefeitura municipal de Teresina, a Academia Piauiense de Letras buscou lançar ou reeditar escritores, por meio de projetos de incentivo à cultura. Além disso, a Academia conseguiu realizar seus trabalhos de publicação e divulgação mediante o apoio financeiro de instituições privadas, o que lhe permite implementar ações próprias de publicação de escritores. Isso foi, pelo menos até o início da década de 1970, a realidade da Academia, dependendo de incentivos privados para colocar em prática a sua política de promoção dos escritores do estado.

²¹⁶ MOURA, Francisco Miguel de. O papel das Academias na sociedade. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina, ano LXXXVIII, nº 63, p. 76-77, dez. 2005.

²¹⁷ MOURA, Francisco Miguel de. Op. cit, p. 77.

Segundo Francisco Miguel de Moura²¹⁸, somente na década de 1970, no governo do então governador Alberto Tavares Silva, é que se teve uma política de incentivo à editoração de escritores piauienses, cabendo à Academia Piauiense de Letras a direção dos trabalhos de seleção dos autores e obras a serem publicados. Naquele instante, o literato A. Tito Filho, presidente da Academia, foi o presidente de tal intento junto à Academia. A. Tito Filho assumiu a presidência da Academia por ocasião do falecimento de Simplício Mendes, no ano de 1971, permanecendo até 1992. Em sua presidência, que durou vinte e um anos, os membros viram um sonho concretizado: a conquista da sede própria do grêmio literário, que ocorreu em 1986, precisamente em 29 de abril daquele ano, por meio de doação do Governo do Estado do Piauí, na gestão de Hugo Napoleão.

Desde a sua fundação a Academia Piauiense de Letras não contava com sede própria. As reuniões e solenidades aconteciam ou na residência dos próprios membros ou em espaços de prédios públicos, cedidos por algum líder político. No ano de 1975, em matéria publicada no Jornal *O Dia*, o acadêmico José Miguel de Matos pede ajuda ao então governador do Estado, Alberto Tavares Silva,

[...] para que, antes de findar o seu mandato – o mais luminoso de nossa terra – brinde a inteligência do Piauí com um teto definitivo, mandando adquirir, para sede própria da Academia Piauiense de Letras, o prédio número 1481, da Rua Elizeu Martins (esquina de 24 de Janeiro), onde faleceu, enlutando o sentimento cultural do Piauí, a 24 de março de 1963, o acadêmico José de Arimathéa Tito (pai), seu proprietário e figura oracular d “Casa de Lucídio Freitas”. Com esse gesto, Vossa Excelência, além de cumprir promessa feita aos acadêmicos do Piauí, abrigará do sol, da chuva, da neblina e do sereno os ilustres hóspedes do areópago piauiense, e entrará para a nobre história das ciências, das artes e das letras de sua terra natal.²¹⁹

As reuniões e solenidades, antes da aquisição da sede própria, aconteceram, em momentos diferentes, na casa de Clodoaldo Freitas, no Teatro 4 de Setembro, na Assembleia Legislativa, na casa de Simplício de Sousa Mendes, em salas cedidas pelo Arquivo Público do Piauí, na antiga Escola Normal, no Colégio das Irmãs, além do Liceu Piauiense.

²¹⁸ MOURA, Francisco Miguel de. **Cultura e Política Cultural**. Postado em 10/02/2010. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/2079524>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

²¹⁹ MATOS, José Miguel de. Casa de Lucídio Freitas não tem teto, mas vive. **O Dia**. Teresina, ano 24, n. 4131, 14 fev. 1975, p. 12.

Somente em 1986, como mencionado, em outro endereço diferente daquele sugerido por José Miguel de Matos, a Academia Piauiense de Letras ganha sua sede. Prédio situado na Avenida Miguel Rosa, nº 3.300, na zona sul da cidade de Teresina. Antes, o prédio era a residência da família do psiquiatra João Coelho Marques. Após sua morte, a casa ficou por muito tempo abandonada, com a fama de ser mal assombrada pela alma de um “médico que tratava de loucos”. A casa foi construída entre as décadas de 1920 e 1930.

Na década de 1980, durante o pleito do então governador do estado, Hugo Napoleão (1984-1988), a Academia Piauiense de Letras seria novamente a diretora de outro programa de editoração, chamado de *Projeto Petrônio Portela*. Muitos estudiosos acabam confundindo esse projeto com o Projeto Lamparina, que foi uma iniciativa de alguns professores da rede particular da educação básica do estado, com o intuito de divulgar escritores do Piauí. Projeto este pelo qual a primeira edição do livro *Como e por que me fiz escritor*, de O. G. Rego de Carvalho foi publicado, no ano de 1989. O literato nunca teve nenhum de seus livros publicados pela Academia Piauiense de Letras ou por projetos e planos em parceria com a Academia.

A cultura considerada piauiense, da qual a literatura sem dúvida é parte integrante, no olhar de Francisco Miguel de Moura, está, nos idos de 2010, muito tímida pela escassez de programas mais efetivos que impulsionem a produção e circulação dos textos de seus escritores. Para Francisco Miguel de Moura, a Academia Piauiense de Letras, após as políticas do *Projeto Petrônio Portela*, tem enfrentado um período longo de declínio no que tange às edições ou reedições de escritores. Em suas palavras, a cultura do Piauí está, por questões políticas, econômicas e simbólicas, sufocada por outros estados nordestinos. Em sua concepção,

Sem cultura, nada mais haverá. E nós, porque somos passagem entre o Maranhão e o Ceará, mostramos nossa vulnerabilidade. É preciso que o Piauí deixe de ser uma terra de passagem e passe a ser um lugar de estada e residência, inclusive para livrar-se da pecha de que é o estado mais subdesenvolvido da Nação, o que é pura ficção idiota, alimentada pela mídia. Um mais acelerado desenvolvimento de seus meios e modos lavará nossa alma.²²⁰

²²⁰ MOURA, Francisco Miguel de. **Cultura e Política Cultural**. Postado em 10/02/2010. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/2079524>>. Acesso em 19 fev 2014.

Na observação de Francisco Miguel de Moura, o Piauí estaria ainda em situação desfavorável em relação aos seus estados vizinhos. Para ele, é necessário que se implementem mais programas de apoio à manifestação cultural do estado, para mudar a realidade de um “estado de passagem”, no qual os escritores locais, em certo ponto, buscam outros estados para, inclusive, publicar seus textos. Em suas argumentações há certa denúncia ao descaso com as políticas voltadas para a valorização da cultura, mas, também, um certo tom de ressentimento com os demais estados vizinhos, que, na disputa de poder, estão em situação mais privilegiada, pois são destinos e não passagem.

Os poucos recursos financeiros, para Reginaldo Miranda, presidente da Academia, em 2011, não eram impedimentos para a ativa publicação do grêmio literário. Ele diz que “o lançamento de livros tem sido constante no auditório de nossa Casa. De fato, a despeito da escassez financeira, a Academia Piauiense de Letras vive uma fase de efervescência cultural”²²¹. Ele ainda chama a atenção para a revista da Academia, que se trata “da mais antiga publicação em atividade no estado”²²². Ao dar ênfase à “antiguidade” da revista, o acadêmico remete à ideia de tradição, de confiabilidade e de legitimidade, sendo que o tempo seria o melhor sinalizador. O tempo é mencionado como aquele que indica as divisões, sobretudo entre as coisas que são duráveis e aquelas que são efêmeras. O tempo, nessa observação de Reginaldo Miranda, pode ser compreendido como o responsável pela manutenção da memória das práticas intelectuais e da instituição a qual o acadêmico representa.

Em seus mais de noventa anos de existência, os seus mais de sessenta números de sua Revista não trazem nenhum artigo ou discurso de autoria de O. G. Rego de Carvalho. Isso, mais uma vez, dá indícios de que a atuação do literato, naquele espaço, tem sido de silêncios. Registros de sua escrita somente na existência de alguns exemplares de seus livros, mas não em artigos publicados na revista da instituição. Parte desse “vazio” pode ser explicado pela reclusão do literato, em decorrência de sua saúde, mas, também, pelo fato de ele não ter tomado para si a função de “crítico”, seja de literatura, seja de outros aspectos da vida social, cultural e política.

A Academia Piauiense de Letras, mesmo com os poucos recursos que os seus dirigentes dizem receber, é ainda a instituição, talvez, de maior incentivo à produção editorial intelectual no Piauí. Claro que não se está mencionando as publicações

²²¹ MIRANDA, Reginaldo. Nossa Revista. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina. Ano XCII, n. 67, p. 10, dez. 2009.

²²² MIRANDA, Reginaldo. Op. cit, p. 10.

particulares e financiadas junto às universidades públicas do estado. A Academia Piauiense de Letras assumiu o papel que antes foi pensado, no restante do país, para os Institutos Históricos, pois “no campo historiográfico, a criação dos Institutos Históricos Estaduais, contribuiu para a produção de uma história local, voltada em grande medida para definir as identidades estaduais”. Contudo, o Instituto Histórico e Geográfico do Piauí (IHGP), anteriormente denominado de Instituto Histórico Antropológico e Geográfico Piauiense (IHAGP), criado e instalado no ano de 1918, publicou apenas seis números de sua revista.

Atualmente, os membros do IHGP se reúnem nas dependências da Academia Piauiense de Letras, que sempre teve muita ligação com o Instituto. Aliás, desde seu início, em 1918, até 1922, o Instituto foi presidido pelo literato Higino Cunha, que, na mesma época, era presidente da Academia Piauiense de Letras. A Academia Piauiense de Letras abarcou, em geral, as atividades que eram destinadas ao IHGP.

Em palestra realizada no Seminário de Literatura, promovido pela Academia de Letras da Região de Picos (ALERPI), em 24 de dezembro de 2009, Francisco Miguel de Moura diz ter “a certeza de que, para os piauienses, a Academia Piauiense de Letras é entidade necessária, significativa, a mais antiga instituição de cultura do Estado em funcionamento”²²³. A sua necessidade estaria por defender e cultuar a língua, além de propagar a literatura produzida no estado, como forma de manutenção da cultura. Miguel de Moura, na mesma ocasião que defende a Academia Piauiense de Letras, também reconhece que nunca foi favorável às Academias municipais, mas reconhece que a Academia de Letras da Região de Picos (ALERP), fundada em 22 de outubro de 1989, tem papel importante para a cultura, pois “as cidades-polo como Picos têm essa função de agrupar, reunir e estudar também a cultura intelectual da região”²²⁴. É fácil compreender essa defesa de Miguel de Moura, pois ele é membro das duas Academias e é bom, para ele, que ambas sejam reconhecidas em sua validade para a sociedade e para os seus pares, sobretudo pelo fato de que, na Academia da Região de Picos, sua cadeira tem como patrono o seu pai, Miguel Borges de Moura.

Além da Academia Piauiense de Letras (APL) e da Academia de Letras da Região de Picos (ALERPI), há outras: Academia de Letras do Vale do Longá (AVAL), Academia Parnaibana de Letras (APAL), Academia de Letras do Médio Parnaíba (ALEMP), Academia de Letras e Belas Artes de Floriano e do Vale do Parnaíba (ALBEARTES),

²²³ MOURA, Francisco Miguel de. O papel das Academias na sociedade. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina. Ano XCII, n. 67, p. 77, dez. 2009.

²²⁴ MOURA, Francisco Miguel de. Op. cit, p. 77.

Academia de Letras da Região de Sete Cidades (ALRESC), Academia de Letras do Baixo Parnaíba (ALBAP), Academia Mafrensina de Letras (AMAL), Academia de Letras da Inclusão Social (ACADIS), Academia Pedrossegundense de Letras e Belas Artes (APLEBEARTES), Academia de Letras e Ecologia (ALE), Academia de Letras de Campo Maior (ALCAM), Academia de Ciências do Piauí (ACPI) e Academia de Letras do Cravo (ALC). Essa pluralidade de grêmios literários expressa, em certa medida, o interesse em difundir a cultura em regiões diferentes do estado do Piauí, mas mais que isso, faz parte das disputas simbólicas de poder entre os municípios. O poder ligado à cultura, à linguagem e ao fazer literário se espalha em micropoderes representados por agremiações literárias por todo o estado.

Na opinião de José Fortes Filho, presidente da Academia de Letras da Região de Sete Cidades, esse grande número de Academias locais e regionais é resultado do percurso de democratização e interiorização da cultura no Piauí, pois “constitui um processo irreversível e vem contribuindo para enriquecer o acervo dos valores históricos e culturais de várias regiões do Estado”²²⁵. Quando ele fala em democratização, está se referindo ao fato de, por muito tempo, o único espaço reservado para os debates e produções sobre a língua e a literatura do Piauí era a Academia Piauiense de Letras, sediada em Teresina. Como o limite máximo é de quarenta membros, muitos intelectuais e artistas ficavam excluídos, deixando de contribuir, de alguma maneira, para a divulgação da cultura. Como forma de descentralizar esse poder detido pela APL, outras Academias foram sendo implantadas, inclusive na própria capital, como são os casos da ACADIS, da ACPI e da ALC, que têm existido na inatividade.

Nota-se que a questão não se limita ao fator unicamente geográfico, alcançando suas arestas imaginárias e simbólicas, que constituem, também, as relações de poder que o estado mantém com os seus estados limítrofes, além dos limites das suas próprias cidades. Nesse sentido, o “ser” piauiense também se configuraria como algo indefinido e deslizante, pois não se localiza em si, localiza-se na mesma instância de passagem e/ou de residência. As Academias constituir-se-ão como o palco para se pensar a manifestação literária, mas se apresentarão, também, como o espaço das disputas de saberes e dizeres autorizados para escrever acerca de determinadas realidades, (re) inventando-as.

As polêmicas em torno de suas posturas em relação ao pensar e ao fazer literatura no Piauí tornaram-se características quase indissociáveis a O. G. Rego de Carvalho. Desde

²²⁵ FORTES FILHO, José. **A democratização e a interiorização da cultura no Piauí**. Publicado em 06/08/2009. Disponível em: <www.academiapiaiensedeletas.org.br>. Acesso em 24/10/2012.

a sua afirmação em relação à não existência de uma literatura “piauiense”, o literato, mesmo assim, recebeu alguns convites para ingressar no espaço que, de maneira institucional, seria destinado para valorizar e defender a literatura do estado: a Academia Piauiense de Letras (APL). No ano de 1971, quando acabara de publicar *Somos Todos Inocentes*, O. G. Rego de Carvalho foi questionado se pretendia fazer parte da Academia Piauiense de Letras, e ele afirmou:

A Academia Piauiense de Letras nunca me tentou. A ela fui convidado, com insistência, pelo Desembargador Simplício Mendes, seu falecido Presidente. Julgo que nela só deverão ingressar escritores realizados, que nada mais tenham a dizer. E eu sinto um mundo fervendo dentro de mim, à procura de expressão. De resto, seria injusto entrar para a *Academia*. Lá já se encontram quatro parentes meus, a representar a família: Desembargador Cromwell Barbosa de Carvalho, Professor Robert Wall de Carvalho, ex-Senador Luís Mendes Ribeiro Gonçalves e o Engenheiro Petrarca Rocha Sá, este último de Oeiras, minha terra natal.²²⁶

Talvez, naquele momento, as justificativas se restringissem mesmo à sua vontade de escrever mais, de se realizar como escritor. E o caráter de muitos membros de sua família estarem presentes no quadro da instituição seria algo que, também, o incomodaria ali e futuramente. A situação de permanência de algumas famílias nos quadros da Academia Piauiense de Letras é denunciada também por Geraldo Almeida Borges, que, no ano de 1986, publica artigo dizendo:

Pode-se notar claramente que a predominância, durante a Primeira República, na formação da Academia esteve com os Castelos Brancos interrelacionados com outras famílias cooptadas por eles, os quais ainda continuam marcando presença nos quadros da Academia e da Política piauiense.²²⁷

Dentre as famílias que mantiveram essa relação com os Castelos Brancos está a família dos Carvalhos, da qual descende O. G. Rego de Carvalho. Essa constatação de “permanência” familiar seria uma das razões pelas quais o literato achasse que muitos estavam na Academia sem os reais merecimentos.

²²⁶ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Tarcísio Prado. Jornal O Dia. Teresina, 28, 29/03/1971. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 306.

²²⁷ BORGES, Geraldo Almeida. Notas sobre a literatura piauiense: Primeira República. **Carta Cepro**. Teresina, v. 11. n. 01, p. 45, Jul/Dez. 1986.

Não satisfeita com essa resposta do literato, Concita Cordeiro insistiu: “Você se julga melhor que os imortais de nossa *Academia*?”²²⁸. O. G. Rego de Carvalho, então, explana um pouco dos seus descontentamentos em relação à instituição: “Nem melhor, nem pior do que qualquer um deles. Mas fundi a cuca escrevendo livros, e não conheço quatro imortais de nossa *Academia* que hajam sequer queimado as pestanas”²²⁹. Ele começa a sugerir que não há critérios “justos”, critérios ligados à produção literária com significação.

No ano de 1973, em entrevista publicada no dia 26 de junho, no Jornal *O Estado*, o literato foi questionado se aceitaria uma cadeira na Academia Piauiense de Letras e ele, então respondeu:

Convidado, recuei. A minha condição de mortal já me é penosa: que dizer da imortalidade? Além disso, nossa *Academia* é mais uma Academia de Direito, pois lá estão, na sua quase totalidade, desembargadores, juízes e bacharéis. Escritores, bem poucos. De resto, nunca esqueci a lição de Camões, aprendida ainda na juventude. “Essas honras...melhor é merecê-las sem as ter que possuí-las sem as merecer”. Prefiro que me perguntem porque não estou na *Academia* que me perguntem porque estou lá.²³⁰

Há, nisso, mais traços das relações de poder, das disputas nos espaços de intelectualidade. Em sua concepção, a Academia de Letras devia estar destinada para escritores de literatura, não a pessoas que ocupam cargos ou que detêm títulos. Ele faz questão de encerrar seu depoimento com uma ironia, sugerindo que aqueles que são membros da Academia, em sua maioria, não saberiam explicar os motivos para estarem lá, ou os motivos não seriam justificativas que sustentassem a ocupação de suas cadeiras como imortais. A Academia Piauiense de Letras transformou-se em espaço de litígio entre a intelectualidade, ou tal litígio ficou mais evidente a partir das considerações do literato.

Sua disposição em não entrar para a lista de membros da Academia Piauiense de Letras continuou por muitos anos, despertando curiosidade, estranheza e intrigas. No ano de 1982, mais uma vez questionado se continuava a não aceitar o convite de fazer parte da “casa dos imortais”, ele dá algumas explicações:

²²⁸ CORDEIRO, Concita. Entrevista com O. G. Rego de Carvalho. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 313.

²²⁹ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Concita Cordeiro. Jornal *O Estado*. Teresina, 26/06/1973. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 313.

²³⁰ CARVALHO, O. G. Rego de. Idem, p. 313.

Sobre a *Academia*, vou contar uma coisa curiosa: com a morte do poeta Martins Napoleão, decidiram que só eu tinha condições de substituí-lo. Eu nem sei porque, uma vez que considero Martins Napoleão um bom poeta, mas não é um poeta insuperável. Mas cismaram que sendo ele o maior vulto da *Academia*, a maior homenagem que poderiam prestar ao poeta seria me colocar lá dentro.²³¹

Além da indisposição daquele momento, O. G. Rego de Carvalho ainda coloca em xeque a grandeza do poeta ao qual seria sucessor na Academia. Não só questionou a validade da instituição como, também, minimizou a importância do poeta. Esse comentário sobre Martins Napoleão não soou muito bem para o literato, que continuava a se envolver em conflitos em razão de seus depoimentos. Sobre o convite propriamente dito, ele detalha, dizendo:

Então, recebo um convite do Presidente da Academia, um convite por escrito, para ir lá. Chegando lá é lançada a minha candidatura no lugar de Martins Napoleão. Eu, naturalmente, não pude, por gentileza, dizer numa sessão na própria *Academia* que não queria ser acadêmico. Aleguei razões de saúde, o que é verdade; desculpei-me, afirmei que poderia entrar numa outra oportunidade, talvez na vaga de dona Lili, que também é romancista etc. Isso não foi bastou para convencê-los. Faltando dez dias para o término do prazo para as inscrições, sou procurado no Banco do Brasil por dois acadêmicos: o Des. Robert Carvalho, meu primo, e o Prof. Ofélio Leitão, colega de banco. Já levavam pronto o requerimento para eu assinar, aceitando candidatar-me na vaga de Martins Napoleão, tratando o Presidente de “Excelentíssimo Sr. Presidente”, como não poderia deixar de ser.²³²

O que mais chama atenção é o destaque que o literato dá ao pronome de tratamento dado ao presidente da Academia e, em tom irônico, ele diz que não poderia deixar de ser daquela maneira. O prosseguimento de seu depoimento revela que ele comentava sobre o fato de ser convidado para a Academia com outros intelectuais e articulava estratégias para não ter que dizer diretamente quais seus motivos:

Fiz tudo o que estava a meu alcance para não assinar esse requerimento. Lancei mão de um velho artifício que inventei com H. Dobal para não entrarmos para a *Academia*, isto é: quando me procurassem, eu diria que só entraria depois do Dobal; procurado, o Dobal diria que só entraria para a *Academia* depois de mim. Assim, nos livraríamos. Não desistiram, me

²³¹ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Cineas Santos. **Revista Presença**. Teresina. Ano III., n. 05, p. 22, Set/ Nov. 1982.

²³² CARVALHO, O. G. Rego de. Op. cit, p. 22.

pressionaram de tal maneira que a única forma que encontrei para me livrar deles foi assinar o tal requerimento. Dois dias depois, fiz uma carta desistindo da candidatura, alegando que não tinha saúde etc. O certo é que não quero ser membro da *Academia*, porque não tenho nada em comum com eles: minhas ideias são divergentes das deles; sempre fui a favor dos jovens, estou ficando velho, mas meu pensamento continua jovem; culturalmente não me considero um velho, apesar de ter passado algum sem ler. Mas vou ler agora: estou cheio de bons livros para ler, tão logo me aposente no Banco do Brasil.²³³

O que levava o literato a não dizer suas “verdadeiras razões” diretamente para os membros da Academia? Os constrangimentos seriam maiores que aqueles que surgiam da especulação. Os problemas de saúde do literato já eram conhecidos dos intelectuais, o que ameniza as desconfianças que nutriam sobre as recusas. Seu “pacto” com H. Dobal parece ter sido, em parte, cumprido, pois Dobal só ingressou na Academia no início da década de 1990, ocupando a cadeira de número 10, na qual permaneceu até 2008, ano de seu falecimento. O artifício de um dizer que só entraria para a Academia após o ingresso do outro funcionou, pelo menos para H. Dobal, que ingressou depois de O. G. Rego de Carvalho.

Isso o fez enfrentar certas restrições nos espaços de intelectualidade “piauiense”. Exemplo marcante disso foi a sua posse na Academia Piauiense de Letras, pois, para muitos, não seria algo a ser concretizado. Tal surpresa foi manifestada na manchete do *Jornal da Manhã*, no dia 05 de junho de 1983. Na ocasião, o jornal destacou: “O. G., quem diria, na Academia”²³⁴, notícia essa que não foi assinada por nenhum crítico literário específico. Essa polêmica é endossada:

O. G. Rêgo de Carvalho, homem de muitas polêmicas, teve a sua entrada na Academia Piauiense de Letras de uma maneira bem polêmica, também, por sinal. Bem antes, em entrevista ao Cineas Santos, na revista *Presença*, disse gatos por lebres sobre a famosa Torre de Marfim, do J. Miguel de Matos, entre os matos que ali crescem como ervas danadas e daninhas.

Será recebido pelo Clidenor Santos, notável homem do saber piauiense, talvez o intelectual mais completo que temos, sem arriscar dizer o único porque se disser isso terei de agüentar todos os olhados que me olharem com aquela pinta de “não gostei”. Pois, bem, como diria o machadiano Nobre, da nobre Dilertec: “O. G. Rêgo de Carvalho fez por onde, agora agüente”²³⁵.

²³³ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Cineas Santos. **Revista Presença**. Teresina. Ano III, n. 05, p. 22, Set/ Nov. 1982.

²³⁴ O. G. Rêgo de Carvalho toma posse na APL. **Jornal da Manhã**. Teresina. 05/06/1983, p. 08.

²³⁵ O. G. Rêgo de Carvalho toma posse na APL. **Jornal da Manhã**. Teresina. 05/06/1983, p. 08.

A Torre de Marfim a qual se refere o texto jornalístico seria a própria Academia Piauiense de Letras, onde o literato teria nutrido alguns dissabores, como os atritos com J. Miguel de Matos em relação ao ato de se escrever palavras corretas e atuais. Mesmo diante das polêmicas, Francisco Miguel de Moura, também no *Jornal da Manhã*, fez uma crítica-compreensão da posse de O. G. Rego de Carvalho. Segundo ele, “O. G. Rêgo de Carvalho, homem que tanto criticou a Academia, agora nela se abriga. Isto é natural. Por isto é que eu não costumo dizer que desta água não beberei”²³⁶. A dialética a qual se refere Francisco Miguel de Moura, no título da manchete, é a capacidade que o homem tem de assumir novos posicionamentos sem perder sua identidade. Isso ainda faz referência ao fato de O. G. Rego de Carvalho ter sido convidado para a Academia e ele ter recusado o convite, em razão de suas discordâncias em relação às tradições daquele espaço.

O discurso, conforme os relatos da época, foi mais uma polêmica à parte, pois, para muitos, teria sido curto e de pouca expressão. Contudo, houve defesas em favor da forma de seu discurso: “Espera-se que a Academia tome essa lição de O. G. Rego de Carvalho e procure dar menor pomposidade às suas festas, preferindo conteúdo e sentimentos, como desta vez”²³⁷. É importante ressaltar que essa defesa é oriunda de um certo lugar de pertencimento de O. G. Rego de Carvalho naquele momento, pois ele compunha o Conselho Editorial da *Revista Presença* no ano de 1983²³⁸. Estranho seria se a *Revista* da qual era integrante não fizesse nenhuma menção legitimando, ou pelo menos respaldando, seu discurso e suas posturas. A dialética mencionada por Francisco Miguel de Moura parece ainda mais salutar, já passados vários anos, pois, segundo o próprio O. G. Rego de Carvalho, “é uma honra ser convidado para fazer parte da APL. A minha relação com a APL é uma relação de respeito e cordialidade”²³⁹. Essa é a fala de um O. G. Rego de Carvalho alguns anos mais maduro, cuja literatura, talvez, seja mais aceita entre seus pares.

Após sua eleição, muitos burburinhos surgiram, sobretudo ironizando o fato de ele ter aceito se candidatar e ser eleito, depois de tantas recusas. Esse “mal-estar” compôs um pouco da trajetória do literato naquela instituição. Anos depois, muitos ainda o

²³⁶ MOURA, Francisco Miguel de. A Academia e a dialética do ser. **Jornal da Manhã**. Teresina. 11/06/1983, p. 04.

²³⁷ O. G. Rego de Carvalho toma posse na academia. Gerais. **Revista Presença**. Teresina, p. 23, Março/Jun. 1983.

²³⁸ A composição da revista *Presença* estava assim distribuída: Conselho Editorial da *Revista Presença*: Cineas Santos, O. G. Rêgo de Carvalho, Paulo Machado, Kenard Krueel. Colaboradores: Cineas Santos, Francisco Miguel de Moura, Paulo Machado, O. G. Rêgo de Carvalho, Gilbert Tlandoune, Manuel Paulo Nunes, Kenard Krueel, Manuel de Moura Filho.

²³⁹ CARVALHO, O. G. Rêgo de. Entrevista concedida a Pedro Pio Fontineles Filho. Teresina. 14/02/11.

questionavam sobre o que teria ocorrido para ele aceitar, o que teria mudado. Ele respondeu:

Olhe, eu resisti à Academia por quase toda a vida – não digo toda porque acabei cedendo ao cerco dos amigos. A quem me perguntava porque eu não pertencia à *Academia*, minha resposta era uma só: “Minha condição de mortal já me é penosa. Que dizer da imortalidade?” Mas cansei de tanto repetir isso às pessoas que me queriam ver lá dentro. Cheguei a dizer, numa entrevista, que a Academia Piauiense de Letras não tinha representatividade. Terminei concordando em assinar o requerimento de admissão. Isolei-me no meu canto e, sem pedir voto a ninguém, sem escrever uma cartinha, sem fazer nenhuma visita, fui eleito com expressiva votação.²⁴⁰

O único discurso de O. G. Rego de Carvalho, que foi encontrado durante todas as pesquisas realizadas no presente estudo, é o que foi transcrito na Revista da Academia Piauiense de Letras, em seu número 52, de dezembro de 1994. O discurso, intitulado de *A Cidade Eleita*, deu-se pela ocasião em que o literato recebe o título de cidadão teresinense:

Teresina constituiu, desde os meus dez anos, um deslumbre para os olhos. Acostumado, em Oeiras, com ruas tortas, becos sem saída e praças sem arborização, surpreendi-me agradavelmente ao encontrar nesta cidade, quando aqui vim residir em 1949, com minha família, ruas alegres, espaçosas e arborizadas, retilíneas, cruzando-se a espaços certos e dando em praças ajardinadas e cheias de passarinhos.

Logo em tomei de amores pela cidade. E esse amor está refletido em dois de meus livros, em **Ulisses entre o Amor e a Morte** e em **Rio Subterrâneo**. Em **Ulisses...** descrevo minha chegada à Rua da Glória, hoje Lisandro Nogueira, então uma rua orlada de amendoeiras, com calçamento de pedra e precária iluminação. Pela Rua da Glória descia, todas as manhãs, bem cedo ainda, o vendedor de pães. Pela Rua da Glória subiam, mal despontava o dia, as empregadas domésticas, que iam comprar leite na esquina mais próxima.

Falo, também, do encantamento que tive ao ver, pela primeira vez na vida, lojas com vitrinas, em que estavam expostas as últimas novidades do Rio e até da Europa. E de meu comovido encontro com o Rio Parnaíba, por onde desciam pequenas balsas, o vaporzinho, e onde já estava, com símbolo de solidez e congraçamento, a ponte metálica que nos liga, no Maranhão, à pequena cidade de Flores, agora denominada de Timon.

Receio que, com o passar dos anos, meus livros, eminentemente introspectivos, venham a ser considerados romances de costumes. Pois é um dos costumes de Teresina que eu evoco no final de **Ulisses...**, quando descrevo a vida noturna desta cidade, circunscrita, na minha

²⁴⁰ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Edmilson Caminha Júnior. Teresina, Jornal da Manhã, 17/01/1988. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 339.

adolescência, ao passeio circular da Praça Pedro II, onde rapazes e moças se entrecruzam, à espera do cinema, de puro prazer ou para namorar.

Essa Teresina já não existe mais. O progresso derrubou as amendoieiras da Rua da Glória, mutilou a Praça Pedro II, acabou levando para outras paragens as diversões, o recreio da juventude que ali passava todas as noites, especialmente aos domingos, de modo tão provinciano e encantador, ao som de alto-falantes ou de músicas tocadas, no coreto, pela Banda da Polícia Militar.

Também a paisagem de **Rio Subterrâneo** é quase irreconhecível para o leito de agora. Não mais temos uma Teresina de invernos prolongados, de chuvas com trovões e faíscas elétricas, que davam a esta cidade, merecidamente, o nome de Chapada do Corisco. Já não se vêem mais as enchentes do Rio Parnaíba, quando as águas subiam até o meio da Praça da Bandeira e cercavam a velha Fiação, de saudosa memória. Com o desmatamento das regiões ribeirinhas, a barragem de Boa Esperança a limitar o fluxo do rio, a urbanização da zona leste, onde tudo era mato e verdor, o Rio Parnaíba foi minguando, perdendo o ímpeto de antigamente.

Em **Rio Subterrâneo** descrevo ainda a Praça do Liceu tal como era por volta de 1950, então um largo cheio de pedras abruptas, mais tarde demolidas a explosão de dinamite, para que a Rua Coelho Neto, extensão da Simplício Mendes, pudesse ser calçada ali e praça, então nua, fosse plantada de árvores já crescidas. O velho Liceu continua o mesmo, apenas que defronte de uma praça nova, não mais banhada pelo riacho das Éguas, hoje totalmente soterrado.

Quantas saudades tenho eu da Teresina de minha infância e de minha adolescência. Quantas recordações agradáveis trago no peito da modesta cidade de 1940 e 1950, quando só havia três ou quatro automóveis por estas ruas, e não o inferninho do trânsito de hoje.

Para poder crescer Teresina desfigurou-se, perdeu as características de cidade provinciana, com seu pequeno aeroporto e hidroaviões que desciam em pleno Rio Parnaíba, onde agora está o cais de pedra e cimento. Para crescer, Teresina ganhou ares de metrópole, e é hoje uma cidade progressista, cheia de problemas, mas uma cidade brasileira atuante, vivida por 600 mil habitantes, 600 mil cidadãos que a amam e não a deixam, porque aqui plantaram o seu coração.

Entre os teresinenses aqui nascidos e os que para aqui vieram ainda na infância, fazendo de Teresina a sua cidade eleita, aqui está o escritor que vos fala. Nasci em Oeiras, mas sou teresinense de coração. A honraria que a Câmara de Vereadores me concede agora, representa, aos meus olhos, o reconhecimento de uma cidadania que já existia dentro de mim. Um conhecimento que muito me honra e envaidece. Que me comove e de que nunca me esquecerei.

Muito obrigado, ilustres Vereadores.

E obrigado, também, em especial, ao Vereador Deusdeth Nunes, que teve a iniciativa desta homenagem.²⁴¹

Em seu discurso de recebimento do título de cidadania há traços de memória e de crítica. E, em suas recordações, não houve espaço para mencionar a sua condição de

²⁴¹ CARVALHO, O. G. Rego de. A Cidade Eleita. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina, Ano LXXVII, nº 52, p. 203-204, dez. 1994.

membro da Academia Piauiense de Letras. Talvez pela ocasião, visto que o lugar para o qual o discurso é endereçado demandava outras memórias, outros destaques. A sua “imortalidade”, naquela ocasião, expressava-se pelo reconhecimento, como ele mesmo frisou, para a sua “cidade eleita”.

A Academia Piauiense de Letras envolve a imagética da imortalidade, o que remete à luta contra a finitude. Mas nem todos podem ser imortais, o que gera uma situação constante de angústia, de desejos e de conflitos. Conflitos que, em geral, ligam-se ao ingresso e à atuação nos quadros daquela instituição. Relações de poder se instauram na e com a conquista de ser considerado como representante do fazer literário e da expressão cultural de um município, estado ou país. Levando em consideração as observações de Homi Bhabha²⁴², a Academia Piauiense de Letras é, aqui, vista como o lugar institucional e disciplinar no qual é possível instaurar as identidades e seus conflitos de manutenção. As Academias, assim, coadunam expectativas e práticas que se ocupam da construção e manutenção de “identidade”.

²⁴² BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2007.

4 A ESCRITA COMO FRONTEIRA OU AS FRONTEIRAS DA ESCRITA

Trata-se, portanto, de negar a visão ingênua da cópia ou reflexo fotográfico da região. Mas, ao mesmo tempo, de reconhecer que, embora ficcional, o espaço regional criado literariamente aponta, como portador de símbolos, para um mundo histórico-social e uma região geográfica existentes.
Ligia Chiappini²⁴³.

4.1 Entre o Local e o Universal

A obra do literato, para muitos, foge ao caráter regionalista, pois não abordaria temáticas que ficaram cristalizadas por um tipo de regionalismo voltado para as questões do sertanejo, da seca e da fome. De fato, tomando esses elementos como algo que qualifique o autor como regionalista, ele não se enquadra nesse viés.

No entanto, é possível visualizar, em sua obra, os conflitos entre o contato com a cidade e as lembranças de uma cidade com ares mais interioranos e até mesmo rurais, notadamente entre Teresina e Oeiras. Apresenta-se, aí, o conflito que será típico do próprio regionalismo, visto que

Na verdade, a história do regionalismo mostra que ele sempre surgiu e se desenvolveu em conflito com a modernização, a industrialização e a urbanização. Ele é, portanto, um fenômeno moderno e, paradoxalmente, urbano.²⁴⁴

Teresina vai se configurar como a cidade moderna, das oportunidades de estudo, de trabalho e de tratamento de saúde, bem como de novas experiências, sociabilidades e descobertas. Ao passo que o Oeiras seria o ambiente do antigo, do velho, das lembranças,

²⁴³ CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 158.

²⁴⁴ CHIAPPINI, Ligia. Op. cit, p. 155.

da nostalgia. Nesse sentido, o regionalismo nas obras do literato pode ser pensado neste paradoxo.

Lígia Chiappini menciona que, nos estudos do regionalismo literário, é possível vislumbrar a existência de vários regionalismos brasileiros, bem como uma mesma tendência nas diferentes literaturas na Europa e nas Américas. A autora faz questão de enfatizar isso para demonstrar a pluralidade de olhares e concepções que se formam ao redor da noção de regionalismo. Em suas pesquisas sobre o retorno, ou a amplitude dos debates sobre os regionalismos, constatou que isso se deu, em grande parte, “como decorrência só aparentemente paradoxal da chamada globalização”²⁴⁵. Pensando na complexidade e na pluralidade que circundam os regionalismos, Chiappini se propôs a discutir dez teses acerca da questão.

Assim, a primeira das teses abordadas pela autora diz respeito à definição da obra literária regionalista como sendo todo e qualquer livro que seja produzido, intencionalmente ou não, com o intuito de traduzir as particularidades de determinada localidade. Fazendo tal definição, enumerando, por exemplo, os costumes, as práticas, as crenças, as modas, o linguajar, os que assim procedem, acabam vinculando tais enumerações a uma área determinada do país. Surgem, daí, o “regionalismo paulista”, o “regionalismo gaúcho”, o “regionalismo nordestino”, dentre muitos outros. Chiappini afirma que, “tomado assim, amplamente, pode-se falar tanto de um regionalismo rural quanto de um regionalismo urbano”²⁴⁶. Sendo assim, toda obra literária seria regionalista. Mesmo diante disso, “historicamente, porém, a tendência a que se denominou regionalista em literatura vincula-se a obras que expressam regiões rurais e nelas situam suas ações e personagens, procurando expressar suas particularidades linguísticas”²⁴⁷. A linguagem, dessa forma, é um indício das estratégias de autores e de seus críticos no percurso de localização da narrativa como sendo mais ou menos regionalista.

Essa relação local-regional-nacional-universal tem sido algo que marca os debates acerca da existência dos regionalismos e de seus alcances, bem como da classificação dos autores possivelmente tidos como regionalistas. Algumas sutilezas podem aparecer no texto de um literato, o que abre margem para esse debate. É o que se observa nos comentários de Francisco Miguel de Moura acerca das adaptações textuais realizadas pelo autor de *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953):

²⁴⁵ CHIAPPINI, Lígia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 153.

²⁴⁶ CHIAPPINI, Lígia. Op. cit, p. 155.

²⁴⁷ CHIAPPINI, Lígia. Op. cit, p. 155.

O conto, em “Amor e Morte”, tem como segundo parágrafo: “Era uma manhã de inverno”. Na adaptação, O. G. Rego assim expressaria: “Era um dia ameno, quase sem sol”. Não necessitamos, pois, de esforço para verificar, não somente a exatidão expressa na segunda frase em comparação com a primeira, como a beleza e musicalidade. Patenteia-se a *universalização do enunciado*: a palavra inverno tem sentido muito diferente nas diferentes regiões climáticas do Brasil.²⁴⁸

A reescrita não se dá somente por questões estéticas. Ela, como observou Miguel de Moura, tem pretensões de romper os limites regionais para que o texto possa ser consumido por um público mais ampliado, para além do âmbito local. Dessa tentativa, em certa medida, está entrelaçada aquilo que Chiappini abordará na segunda tese sobre os regionalismos, que está na tensão da dualidade idílio-realismo. Tal dualidade agrega outras tensões “entre nação e região, oralidade e letra, campo e cidade, estória romanesca e romance; entre a visão nostálgica do passado e a denúncia das misérias do presente”²⁴⁹. Visto que o idílio pode se referir, também, a muitos temas, tais como a juventude e ao amor, isso seria o suficiente para enquadrar a obra de O. G. Rego de Carvalho como regionalista. No tocante às tensões entre a nação e a região, a adaptação textual, substituindo o termo “inverno”, para dirimir os deslizes de interpretação entre as regiões, exemplifica isso, talvez.

Ao discutir sobre a terceira tese acerca dos regionalismos, Chiappini chama atenção para os desafios teóricos, pois o estudioso deve se deparar com questões ligadas aos “problemas do valor; da relação entre arte e sociedade; das relações da literatura com as ciências humanas; das literaturas canônicas e não-canônicas e das fronteiras movediças e entre clãs”²⁵⁰. Nesse sentido, o regionalismo do literato aqui discutido deve ser percebido no âmbito de tais fronteiras, sem a intenção de fixá-lo em uma definição hermética. O próprio literato construiu seus textos nesse terreno movediço, mesclando características, muito embora a universalização parecesse o seu objetivo. Chiappini também chama a atenção, já mencionando a quarta tese sobre o regionalismo, que ele é um fenômeno moderno e universal, que é um “contraponto necessário da urbanização e da modernização

²⁴⁸ MOURA, Francisco Miguel de. **Linguagem e comunicação em O. G. Rego de Carvalho**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972, p. 62. [Grifos nossos].

²⁴⁹ CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 156.

²⁵⁰ CHIAPPINI, Ligia. Op. cit, p. 156.

do campo e da cidade sob o capitalismo”²⁵¹. Outras teses estão ligadas a noções do regionalismo como uma tendência marginal à “grande literatura”, levando a um regionalismo que distingue “obras boas” de “obras más”. Chiappini, então, menciona que só é possível entender um escritor como regionalista ao compreender que o regionalismo é uma tendência literária dinâmica e que “evolui. É histórico, enquanto atravessa e é atravessado pela história”²⁵². As dificuldades de definição do regionalismo se acomodam na tradição de que sua relevância e seu significado para a cultura do país

foram avaliados, frequentemente, por um viés negativo, que o associava à vulgarização dos estereótipos relativos às culturas rurais, a seu comportamento arcaico, desditoso ou pitoresco, e a seus modos retrógrados de vida, ou seja, à construção de um avesso da modernidade, condição inicial a ser superada pelo avanço da urbanização ou pela transformação das tradicionais estruturas de poder²⁵³.

As discussões sobre o sentido de regionalismo, na obra de O. G. Rego de Carvalho, também se inserem nessa carência de especificidade de definição. Não que não tenha havido essa tentativa, por parte dos críticos literários, em classificar a obra do literato como regionalista, em diferentes aspectos.

O regionalismo deve, em larga medida, ser visto como uma tendência mutável, “expressando uma região para além da geografia”²⁵⁴. O mundo que é narrado não precisa ser um reflexo fiel ou fotográfico da realidade, da região. O espaço regional expresso na literatura é indício do mundo histórico-social e de uma região geográfica que existem, que são referentes.

Essas tensões, no tocante ao cânone, expressam-se em aspectos que, em certo ponto, estão ligados à originalidade, à criatividade ou às influências. O cânone, então, é sinalizador das disputas e das relações de poder inerentes ao campo literário. Isso povoa a crítica realizada por Francisco Miguel de Moura, que considera a obra do literato como um trabalho de rompimento do cânone, ou, pelo menos, de seu alargamento. Assim, o crítico fala da originalidade do literato nos seguintes termos: “Imitar para quê? Tentou superar

²⁵¹ CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, p. 156, 1995.

²⁵² CHIAPPINI, Ligia. Op. cit, p. 157.

²⁵³ MURARI, Luciana. Um plano superior de pátria: o nacional e o regional na literatura brasileira da República Velha. XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC – Tessituras, Interações, Convergências. **Anais**. São Paulo: USP, 13 a 17 de julho, 2008, p. 01.

²⁵⁴ CHIAPPINI, Ligia. Op. cit, p. 157.

tudo quanto, no terreno da literatura, haviam produzido no Brasil”²⁵⁵. O argumento do texto original, como diferenciador do literato, é endossado por Miguel de Moura, ao afirmar que

“Ulisses” já indicava ao autor o caminho que deveria seguir: o romance, não o conto. O. G. Rego de Carvalho faz muito bem quando, com técnica de mestre, utiliza seus contos da adolescência como capítulos de outras obras. Isto não é transformar um conto em romance, o que é mau, como tem demonstrado a experiência de escritores do passado. É uma técnica muito *original* de O. G. Rego de Carvalho.²⁵⁶

Uma das estratégias de constituição dos cânones está, também, no silenciamento. Miguel de Moura, com a cautela devida, não cita nomes dos “escritores do passado”, para exemplificar as técnicas inadequadas, as quais ele menciona como elemento de distinção do literato por ele analisado, em comparação com outros.

Nesse sentido, imitação ou originalidade estão em um ponto fulcral de entendimento da obra do literato. Se ele tentou superar tudo o que havia sido produzido na literatura nacional, o que dizer da literatura estrangeira? Essa superação não pressupõe um purismo literário inalcançável? Há algum texto puro, que não dialogue com outros textos? O que dizer, então, das influências?

Para além da concepção de que o cânone é uma seleção ou uma lista de textos ou obras dignas de serem lidas e comentadas, “Quaisquer que sejam as funções que regem as seleções, é importante reconhecer que, ainda que por definição um cânone se componha de textos, na verdade ele se constrói a partir de como se leem os textos, não dos textos em si mesmos”²⁵⁷. Assim, não só como os textos são lidos, mas como eles são consumidos e apropriados de tal maneira a construir outros textos.

Por esse diapasão, as discussões sobre regionalismo também perpassam pelos debates de cânone, visto que o que é dito como sendo ou não regionalista também se insere a partir da leitura, do consumo e das apropriações dos próprios textos. Tomando a última tese apresentada por Chiappini, é interessante chamar a atenção para o fato de que

²⁵⁵ MOURA, Francisco Miguel de. **Linguagem e comunicação em O. G. Rego de Carvalho**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972, p. 18.

²⁵⁶ MOURA, Francisco Miguel de. Op. cit, p. 65.

²⁵⁷ HARRIS, Wendell V. *Apud* ARAÚJO, Daniel Teixeira da Costa. O cânone literário em perspectiva: o caráter político em detrimento do estético. **Via Litterae**, v. 3, n. 2, Anápolis, p. 415-434, jul./dez. 2011, p. 418.

O importante é ver como o universal se realiza no particular, superando-se como abstração na concretude deste e permitindo a este superar-se como concreto na generalidade daquele. Desse modo, as “peculiaridades regionais” alcançam uma existência que as transcende.²⁵⁸

É com esse intuito de perceber as interconexões entre o particular e o universal, ou mesmo a universalização do particular, que as análises da relação intertextual entre as obras de O. G. Rego de Carvalho e os autores que compuseram seu manancial de leitura foram realizadas. Inclusive para perceber os traços da “angústia das influências”, no tocante à originalidade.

* * *

A crítica busca, a partir de certos parâmetros, classificar as obras dos escritores conforme elementos estéticos e temáticos, anotando, assim, suas filiações, ou, como têm sido nomeadas, as “influências” que contribuem para a formação da escrita de cada autor.

Nesse sentido, a legitimação da produção do autor de *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953) perpassaria pela sua vinculação com aqueles que são considerados como os grandes nomes do cânone ocidental ou nacional. De certa forma, isso silenciaria a dimensão regional presente em sua obra, criando conflitos no tocante à sua localização narrativa e literária. Esse silenciamento não ocorreu somente com O. G. Rego de Carvalho. André Tessaro Pelinser, discutindo sobre o regionalismo literário brasileiro, traz o exemplo de Guimarães Rosa, imerso nos posicionamentos que deslocaram os sentidos do regionalismo para a função de diferenciador entre “boa e má” literatura. Dessa maneira, “tais posicionamentos sustentam a busca de legitimação da produção rosiana, sobretudo nos grandes nomes do cânone ocidental, silenciando sua constituição regional, como se não estivesse nela o seu cerne”²⁵⁹.

Assim, o próprio literato admite que alguns escritores o impressionaram e compuseram seu arcabouço intelectual, o que desperta a necessidade de analisar esses

²⁵⁸CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, p. 155, 1995.

²⁵⁹ PELINSER, André Tessaro. Olhares sobre o regionalismo literário brasileiro: uma perspectiva de estudo. **Revista Antares**. Dourados, MS, v. 02, n° 04, p. 106, . Jul/Dez. de 2010.

pontos como construções discursivas sobre as fronteiras e ligações entre as produções literárias dos autores.

Inspiração, revelação, criatividade, inventividade, dedicação, estudos e disciplina. Esses são alguns dos substantivos utilizados por escritores, leitores e críticos ao se referirem ao processo de produção textual. O “bom” texto está, em certa medida, cercado por um imaginário de que o ato de escrever ou é oriundo da sensibilidade ou da capacidade de construir o texto a partir de elementos-chave. Seriam “fórmulas”, cuja revelação poria em risco os pressupostos de autoria e de autor. Revelá-las seria admitir o domínio das influências, ou melhor, a “angústia das influências”.

De certa maneira, como indica Umberto Eco, o bom romancista é aquele que possui seus segredos e os “seus” conotaria a ideia de que cada escritor está imbuído de elementos inatos ou puros, que o distinguem dos demais, pois, “para escrever um romance bem-sucedido, é preciso manter certas fórmulas em segredo”²⁶⁰. Contudo, a “fórmula” pode ser observada e “lida” por outros escritores, que, de forma ativa, direcionam-se para as maneiras de escrever de outros autores. O texto está imerso no oceano das intertextualidades e das “influências”, como será visto no próximo capítulo.

4.2 Para além das influências?

*A angústia pode ou não ser internalizada pelo escritor que vem depois, dependendo de temperamento e circunstâncias, mas isso dificilmente importa: o poema forte é a angústia realizada. “Influência” é uma metáfora, que implica uma matriz de relacionamentos – imagísticos, temporais, espirituais, psicológicos – todos em última análise defensiva.*²⁶¹

Dostoiévski, William Sarayon, Machado de Assis, José de Alencar são alguns dos escritores que O. G. Rego de Carvalho confessa terem causado nele grande impacto mediante a leitura de seus livros. Ele chega a dizer, por exemplo, que, aos 12 anos de idade, sentiu profundo desejo de se tornar romancista. Outros autores, como John Steinbeck também fizeram do universo de leitura do literato, enquanto era membro dos

²⁶⁰ ECO, Umberto. **Confissões de um jovem romancista**. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 28.

²⁶¹ BLOOM, Harold. **A angústia da influência: uma teoria da poesia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 23.

círculos do Grupo Meridiano. São esses autores e alguns de seus livros que são aqui analisados para compreender que muito do estilo, da forma e das temáticas apresentados por ele está ligado a uma rede de leitura. Não se pretende exaurir o leque de livros e escritores, mas somente transitar entre aqueles os quais ele sempre menciona em suas entrevistas.

O literato tem o cuidado de falar que não foi “influenciado”, mas que ficou “impressionado” com a leitura de alguns livros. Em uma entrevista concedida a Tarcísio Prado, no ano de 1971, ele diz que “a única influência consentida foi a de Machado de Assis, mas apenas no início da carreira. Imagino que minha literatura seja muito pessoal, conforme tem sido ressaltado no sul”²⁶². O. G. Rego de Carvalho parece esquivar-se de qualquer resquício de uma influência que seja “consentida” por ele.

Harold Bloom, em seu estudo *A angústia da influência*, afirma que “os talentos mais fracos idealizam; as figuras de imaginação capaz apropriam-se. Mas nada se obtém a troco de nada, e a apropriação envolve as imensas angústias do endividamento”²⁶³. A “influência consentida” seria essa apropriação com suas dívidas. Bloom, então prossegue, perguntando, “qual criador forte deseja compreender que não conseguiu criar-se a si mesmo?”²⁶⁴. O. G. Rego de Carvalho sugere que se criou a si mesmo, com sua literatura “muito pessoal”.

Machado de Assis aparece como um dos escritores que compuseram a sua angústia de influência. A entrevista realizada por José Afrânio Moreira Duarte retomou a questão da influência:

- A leitura de *Ulisses entre o Amor e a Morte* faz lembrar a suavidade de certos trechos de André Gide. Acha que teve influência de algum escritor?
- Essa suavidade é fruto do burilamento. Basta ver o texto que a *Revista O Cruzeiro*, do Rio, publicou sob o título de *Menino Deus*, para se ter uma ideia do artesanato a que me submeti, sempre em busca da prosa musical e sugestiva. Entretanto, confesso a influência de Machado de Assis, se bem que me tivessem acusado, no sul, de ser um dos líderes do movimento antimachadiano. Relativamente a André Gide, ainda não o

²⁶² CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Tarcísio Prado. Jornal O Dia (Literatura). Teresina, 28, 29/03/1971. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 305.

²⁶³ BLOOM, Harold. **A angústia da influência: uma teoria da poesia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 55.

²⁶⁴ BLOOM, Harold. Op. cit, p. 55.

puder ler: conhecia apenas a versão cinematográfica de sua *Sinfonia Pastoral*.²⁶⁵

O termo “confessar” parece soar como uma expressão do “pecado”. Remete à noção de que o bom escritor é aquele que produz um texto “puro”, sem influências de outros escritores. Pecado esse que o literato pretende amenizar ao falar de que o seu “crime” teria sido outro, contrário àquela influência que ele mesmo admite em meio à inquisição que atua sobre sua angústia de influência.

Sobre José de Alencar, O. G. Rego de Carvalho afirma que foi após ler *O Guarani* que surgiu sua vontade de se tornar escritor. Em suas palavras, “Convicção de que nunca me apartaria”²⁶⁶. A entrevista ainda abre espaço para o distanciamento em relação a Alencar:

- Em mais de uma oportunidade você afirmou que se decidiu a ser romancista depois de ter lido *O Guarani*. O que o levou a distanciar-se tanto de José de Alencar?
- Em primeiro lugar, a exuberância dele, que eu não tenho. Aos doze anos, li o romance *O Guarani* e achei que podia fazer algo semelhante. Meti na cabeça que seria escritor e cheguei a iniciar um romance, tendo como cenário a confluência dos rios Parnaíba e Poti. Creio que cheguei a escrever umas sessenta páginas manuscritas, o que me valeu como exercício. Mas quando decidi que seria escritor, não pretendia imitar Alencar; Alencar serviu apenas como impulso, pois me aproximo – creio – muito mais de Machado de Assis e Graciliano Ramos do que propriamente do autor de *O Guarani*. Acho que de Alencar ficou apenas um ressaibozinho em *Somos Todos Inocentes* quando narro a caçada de uma onça.²⁶⁷

O. G. Rego de Carvalho, quando questionado sobre suas influências, tem sempre José de Alencar e Machado de Assis como os escritores que podem ser observados na constituição de sua obra. Comentando sobre os dois, ele diz: “Quem me deu o toque, me abriu os olhos, me despertou a vocação foi um cearense notável: José de Alencar”²⁶⁸. O. G. Rego de Carvalho diz ficar admirado com o fato de como *O Guarani* seria, para ele, já no

²⁶⁵ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a José Afrânio Moreira Duarte. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 300.

²⁶⁶ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a José Afrânio Moreira Duarte. *Diário de Minas*. Belo Horizonte, 30, 31/08/1970. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 299.

²⁶⁷ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Cineas Santos. *Revista Presença*. Teresina, Set/Nov. 1982. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 323.

²⁶⁸ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Edmilson Caminha Jr. *Jornal da Manhã*. Teresina, 17/01/1988. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 337.

século XIX, a antevisão do romance aberto, pois ‘o final é aberto à imaginação de cada um’²⁶⁹. Para reforçar sua argumentação, O. G. Rego de Carvalho faz um breve resumo do final do livro de José de Alencar, como forma de justificativa. Então, ele assevera: “Esse livro de Alencar me marcou profundamente. Tanto assim que meus livros não têm um fim, em nenhum deles se pode botar a palavra fim. Como nos romances fechados de antigamente”²⁷⁰. Esse aspecto de um romance aberto também tem sido ponto de discussão acerca da obra de O. G. Rego de Carvalho, pois, em muitas oportunidades, ele não admite algumas interpretações somente sobre seus livros, mas também sobre suas filiações e influências.

Nesse percurso de “conduzir” o olhar que leitores e crítica devam ter sobre suas influências, o literato menciona o caráter criativo de sua escrita, utilizando-se de José de Alencar e de Machado de Assis para o seu estilo:

A outra vertente da literatura brasileira, a de Machado de Assis, também me influenciou decisivamente. O que tenho procurado fazer na minha obra é fundir Alencar e Machado – o romantismo de Alencar, sua linguagem poética, com o realismo e o estilo um tanto sóbrio de Machado.²⁷¹

A insistência de O. G. Rego de Carvalho em mencionar a escrita de Machado de Assis como sendo, junto com a de José de Alencar, as “únicas” matrizes de influência, é plenamente aceitável, pois nas décadas de 1950 e 1960, Machado de Assis foi bastante consumido em todo o Brasil, como nos demais países da América Latina e nos Estados Unidos da América, como aponta o professor Earl Fitz, da Vanderbilt University, nos Estados Unidos. Em seu artigo *A recepção de Machado de Assis nos Estados Unidos, nas décadas de 1950 e 1960*²⁷², Fitz diz que, mesmo Machado de Assis tendo os seus livros *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e *Quincas Borba* traduzidos para o inglês, ele não foi bem recepcionado pela crítica norte-americana. A injustiça, nas palavras de Fitz, deu-se em decorrência de a tradição latino-americana ser vista, até a década de

²⁶⁹ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Edmilson Caminha Jr. Jornal da Manhã. Teresina, 17/01/1988. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 338.

²⁷⁰ CARVALHO, O. G. Rego de. Idem, p. 338.

²⁷¹ CARVALHO, O. G. Rego de. Idem, p. 338.

²⁷² FITZ, Earl. A recepção de Machado de Assis nos Estados Unidos, nas décadas de 1950 e 1960. **Machado de Assis em Linha**. Ano 5, n. 09, jun. 2009. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero09/num09artigo02.pdf>> . Acesso em: 19 fev. 2014.

1980, como “raras paragens”, e por Machado de Assis ser de origem do Brasil, que era marginalizado e visto como invisível pelos Estados Unidos. A intenção aqui é mencionar que as relações de poder, tendo a literatura como ponto de disputa, estão ligadas aos referentes de onde partem os discursos. A cautela de O. G. Rego de Carvalho se dá nesse âmbito das relações da angústia da influência, pois “historicamente, nos estudos comparados, a importância do *émetteur*, o autor que influencia, ofuscou a do *récepteur*, o autor influenciado”²⁷³. Mas, como sugere Harold Bloom, a questão é mais complexa que essa linha unilateral entre os escritores.

Essa atitude de cautela, mesclada com “confissões”, percorre as discussões acerca da complexidade da influência, o que Harold Bloom vai pensar como a “angústia da influência”. Para sustentar sua argumentação, Bloom fala do caso de Keats, que ao dizer que a vida de Wordsworth é sua própria morte, está também querendo afirmar que a sua própria vida, ou seja, sua poesia, não pode ser concebida sem a do poeta antecessor. O. G. Rego de Carvalho expressa essa angústia ao ser questionado: “Qual o romance que você gostaria de ter escrito? 1. Da literatura universal. 2. Da literatura brasileira”²⁷⁴. Ele, então responde: “Da universal, *Os Irmãos Karamázovi*. Da brasileira, *Rio Subterrâneo*. Do primeiro tenho inveja; quanto ao último, ainda não me refiz do pasmo de tê-lo escrito em circunstâncias tão penosas para mim”²⁷⁵.

Se, como diz Michel Foucault, nenhum livro ou obra de um escritor é um limite definido em si mesmo²⁷⁶, torna-se relevante traçar os percursos das leituras que O. G. Rego de Carvalho seguiu na sua constituição como literato. Não se trata de buscar meras semelhanças entre o escritor e os autores que leu. Busca-se implementar, respeitando os distanciamentos e as particularidades temporais e espaciais, uma leitura das interconexões das formas de pensar e escrever literatura no momento em que o literato se enveredou pelo universo literário. Nesse sentido, o livro encarna importante veículo, como ressalta Carlo Ginzburg, para que as ideias e pensamentos sejam transmitidos em diferentes temporalidades e espacialidades. Além disso, as narrativas, como as de O. G. Rego de Carvalho, podem ser percebidas em outros “rastros”, por outros “fios”, como sugere

²⁷³ FITZ, Earl. A recepção de Machado de Assis nos Estados Unidos, nas décadas de 1950 e 1960. **Machado de Assis em Linha**. Ano 5, n. 09, jun. 2009. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero09/num09artigo02.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

²⁷⁴ CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Pompílio Santos. *Jornal O Estado*. Teresina, 21, 22/12/1975. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 316.

²⁷⁵ CARVALHO, O. G. Rego de. Idem, p. 316.

²⁷⁶ FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

Ginzburg, pois “entre os testemunhos, seja os narrativos, seja os não narrativos, e a realidade testemunhada existe uma relação que deve ser repetidamente analisada”²⁷⁷. As interlocuções entre o escritor e os livros por ele lidos demonstram uma realidade testemunha de encontros e desencontros de práticas de escrita e de leitura da época de escrita do literato piauiense. Dessa maneira, ler os livros que foram lidos por O. G. Rego de Carvalho é, ao mesmo tempo, escavar os “meandros dos textos”, visualizando as “zonas opacas”, que não se permitem ver em primeira instância.

Como já foi dito, o literato admite que foram muitos os autores que o teriam “impressionado”. Antes mesmo de aprofundar as discussões em relação a tais escritores, é importante chamar a atenção para o cuidado que O. G. Rego de Carvalho toma em não falar que foi “influenciado”, pois isso denota a sua consciência de que a sua viagem pela leitura dos autores que elencou não se trata de uma atitude passiva, de pura assimilação.

Dentre os autores, pode-se dar destaque para Fiódor Dostoiévsky (1821-1881). Para além de temáticas como a autodestruição e o assassinato, a obra de Dostoiévsky é marcada por reflexões sobre problemas considerados psicológicos que afligem os homens, levando-os ao homicídio, à loucura e ao suicídio. Tais temáticas, sobretudo as duas últimas, podem ser facilmente encontradas nos livros de O. G. Rego de Carvalho, que ficaria conhecido como o escritor da loucura. Em *Os Irmãos Karamazov*, Dostoiévsky chama atenção, logo no início do livro, para algo que, segundo ele, era corriqueiro e que é uma das tônicas principais de sua trama e narrativa, que compõe a totalidade de sua obra. Trata-se do suicídio: “entre as duas ou três últimas gerações russas houve numerosos casos”²⁷⁸.

O. G. Rego de Carvalho afirma que *Os Irmãos Karamazov* foi um livro que chamou bastante sua atenção no período em que estava escrevendo seus principais livros. O enredo, ligado aos dilaceramentos éticos, psíquicos e morais que afligem uma família, é algo que, em certa medida, está diluído, ora com mais ora com menos intensidade nos livros de O. G. Rego de Carvalho, assim como em *Os Irmãos Karamazov*. No entanto, os aspectos da vida familiar são mais correntes em *Somos Todos Inocentes*, livro que descreve as condições nas quais ocorre uma série de casamentos intrafamiliares, demonstrando resquícios de uma tradição histórico-cultural que visava à manutenção e disputa do poder pelas famílias nobres das cidades piauienses. Maior presença dessa dimensão familiar em *Somos Todos*

²⁷⁷ GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 08.

²⁷⁸ DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. **Os Irmãos Karamzov**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1967, p. 337.

Inocentes justifica-se, em parte, pelo fato de as primeiras traduções da obra russa para o Português remeterem à década de 1940, posteriormente à escrita de *Ulisses entre o Amor e a Morte*. Como ressalta Bruno Barretto Gomide, a literatura russa, como nomes de Tostói e Dostoiévski, já circulava em território brasileiro desde o final do século XIX, por meio de artigos e traduções franceses que chegavam a estados como Rio de Janeiro e São Paulo. Dessas cidades, os textos e livros daqueles escritores partiam para outros estados, sendo consumidos por intelectuais de várias localidades de todo o país. As atuações político-culturais do Estado Novo “trouxeram alterações quantitativas (aumenta o volume de textos publicados sobre literatura russa) e qualitativas (aparecimento de novos ensaístas e projetos editoriais mais encorpados, como a edição de Dostoiévski da José Olympio, a partir do início da década de 1940)”²⁷⁹. As questões da vida social, política e cultural eram pontos debatidos pelos intelectuais sobre a sua obra, bem como para os aspectos da introspecção e da condição humana.

Assim como em *Os Irmãos Karamzov*, em *Somos Todos Inocentes* a família é o ponto irradiador e catalisador dos diferentes sentimentos do homem. Sentimentos que povoam a trajetória de José, um dos envolvidos nas brigas que separam a sua família da família dos Ribeiro. Certa feita, retornando para casa, após decepção com o estado deplorável da fazenda Varjota, que herdara do pai, José compreendeu, por instantes, que “após uma vida de lutas e sofrimentos, apreensões e ódio, em que se sacrificou pelos seus, estava reduzido a um pouco de recordações. ‘Uma vida inútil, a minha!’”²⁸⁰. As esferas psicológicas, expressas pelo ódio, pela vingança e esperança, atuam como fios que contribuem para a compreensão social e econômica de uma Oeiras em fins da década de vinte do século passado. Uma Oeiras que, ainda, apresenta práticas do período da colonização da cidade.

Outro livro que compõe a obra de Fiódor Dostoiévski é *Notas do Subterrâneo* (*Notas do Subsolo* ou *Memórias do Subsolo* em algumas traduções brasileiras)²⁸¹, descrito como o principal texto do autor e que representaria os pilares do existencialismo. Vale atentar para a semelhança do título com o segundo livro de O. G. Rêgo de Carvalho, *Rio Subterrâneo*. Mais que aproximações ou semelhanças narrativas, *Notas do Subterrâneo*

²⁷⁹ GOMIDE, Bruno Barreto. **Da Estepe à Caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)**. Tese de Doutorado. Campinas/SP: UNICAMP, 2004, p. 16-17.

²⁸⁰ CARVALHO, O. G. Rego de. **Somos Todos Inocentes**. 3. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1985, p. 26.

²⁸¹ DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do Subsolo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. Esse livro foi escrito por Dostoiévski em 1864 e traz inúmeras reflexões sobre o modo moderno de pensar a realidade e a racionalidade, especialmente de natureza romântica e positivista.

expressam, assim como quase toda a obra de Dostoiévski, que as certezas devem questionadas, pois elas prendem o ser humano em um universo racional castrador da criatividade e da inteligência.

Com uma narrativa em primeira pessoa, Dostoiévski dá ao personagem-autor, a dimensão de estar discutindo sua própria existência. Tal personagem ainda fala, logo de início, de seu prazer pelo seu caráter duvidoso, oscilante, pois ele confessa que o: “prazer provinha justamente da consciência demasiado viva que eu tinha da minha própria degradação; vinha da sensação que experimentava de ter chegado ao derradeiro limite”²⁸². O escritor russo traz, na edição de 1967 traduzida e publicada para o Português, um pequeno prólogo no qual ele destaca a intenção de ter escrito tal texto:

No presente trecho, intitulado “O subsolo”, o próprio personagem se apresenta, expõe seus pontos de vista e como que deseja esclarecer as razões pelas quais devia aparecer em nosso meio. No trecho seguinte, porém, já se encontrarão realmente “memórias” desse personagem, sobre alguns acontecimentos de sua vida.²⁸³

O próprio Dostoiévski faz questão de dizer que “tanto o autor como o texto dessas memórias são, naturalmente, imaginários”. Se o escritor salienta o fato de seu texto ser fruto da ficção, isso se manifesta, em parte, pelo fato de o público leitor ou mesmo a crítica, intentar “desvendar” traços autobiográficos ao longo da narrativa.

Por esse diapasão, ao buscar escrever romances de teor mais psicológico, fugindo, em boa medida, de uma literatura pautada nos regionalismos ou naturalismos, O. G. Rego de Carvalho toma a obra do escritor russo como indicadora de suas próprias inquietações como intelectual. A racionalidade questionada por Dostoiévski se destina, também, à racionalidade que define o que é “mentalmente saudável”. A perturbação mental e a fraqueza do personagem principal de *Notas do Subterrâneo* exprimem a crítica de Dostoiévski ao mundo moderno que enclausura o homem em limites racionais. São questionamentos que insistem em aparecer em quase todos os livros de Dostoiévski.

Nesse mesmo livro, o literato russo apresenta a expressão “consciência hipertrofiada”, pela qual o personagem-autor tenta se justificar, ou melhor dizendo, busca explicar as suas ações por meio de tal consciência. Segundo esse personagem-autor, “tu tens razão em ser um canalha; como se fosse consolo para um canalha perceber que é

²⁸² DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do Subsolo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, p. 142

²⁸³ DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Op. cit, p. 146.

realmente canalha”. Essa consciência daria certa tranquilidade ao sujeito, pois, ao menos, veria que não pode lutar contra algo que tem plena consciência que é de sua natureza, de sua índole.

De maneira similar, em *Somos Todos Inocentes*, O. G. Rego de Carvalho apresenta certos momentos do livro nos quais seus personagens têm essa “consciência hipertrofiada” e se aquietam por saberem disso. É o caso, por exemplo, de Raul Ribeiro, de família rica e poderosa, mas que se envolvera em alguns desmandos com mulheres, chegando mesmo a engravidar uma jovem e abandoná-la, mesmo se dizendo apaixonado por outra, Dulce. Em suas reflexões, Raul acabava dizendo a si mesmo que ele era daquele jeito, e que nada o mudaria, então, não estava errado ser do que jeito que era. Contudo, seu avô, Joaquim Ribeiro, o repreendia pelas ações impensadas dos últimos tempos. Em um diálogo tenso entre avô e neto, o coronel Joaquim Ribeiro diz ao neto que “o reconhecimento do erro quase sempre leva o homem a corrigir-se. Mas você, Raul? Seu coração é uma terra onde não frutifica a boa semente.”²⁸⁴

Somando-se a isso, o homem angustiado, solitário, fragmentado e desordenado que pontua *Notas do Subterrâneo*, em parte, parece agradar a O. G. Rego de Carvalho, não somente pela forma de escrita, mas pelo fato de que também expressa traços da personalidade e da saúde do escritor. Dessa maneira, o que o impressionou foi o conjunto entre conteúdo e forma, que contribui para uma leitura de suas experiências como escritor, como intelectual. São essas angústias e desordens que O. G. Rego de Carvalho busca manifestar narrativamente em *Rio Subterrâneo* (1967).

O que dizer de Ulisses? *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953) trata-se de um romance que traz como personagem principal aquele que dá o título do livro. Jovem que começa a descobrir a vida em sua mudança da infância para a adolescência e em seu deslocamento entre Oeiras e Teresina. Ulisses é um garoto que perde o pai, que, na narrativa, estava adoentado e que lutava contra seus problemas de saúde, recorrendo a cuidados médicos em Teresina. *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953) apresenta alguns elementos de conteúdo e de forma que se assemelham ao livro *A Comédia Humana*, de William Saroyan²⁸⁵. O escritor norte-americano faz parte de um grupo cujos livros

²⁸⁴ CARVALHO, O. G. Rego de. **Somos Todos Inocentes**. 3. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1985, p. 188.

²⁸⁵ Nasceu em 31 de agosto de 1908, na cidade de Fresno, nos Estados Unidos da América e faleceu em 18 de maio de 1981. William Saroyan recorreu com frequência ao conto com traços autobiográficos, mesmo não recorrendo diretamente à narrativa em primeira pessoa, escrevendo uma vasta produção: *Inalar e Exalar* (*Inhale and Exhale*, 1936), *Criancinhas* (*Little Children*, 1937), *Amor, Aqui Está Meu Chapéu* (*Love*,

circulavam bastante entre os intelectuais no Brasil, entre as décadas de 1930 e 1950, pois “a ficção curta brasileira deixa-se impregnar por um teor poemático que facilita a introspecção. Thekhov, Katherine, Mansfield, Proust, Kafka, Saroyan exerciam, à época, influência marcante”²⁸⁶.

No romance do escritor norte-americano, o personagem central é Homero, adolescente que tem um irmão mais jovem, Ulisses. O. G. Rego de Carvalho tem o seu Ulisses como o adolescente principal do livro, tendo seu irmão mais novo, José. No entanto, nos livros de O. G. Rego de Carvalho, Homero não aparece, mas surge Hermes, como personagem relevante, no livro *Rio Subterrâneo*. Nesse sentido, o gosto por nomes mitológicos atravessa a escrita dos dois literatos. No livro de Saroyan, os dois jovens também perdem o pai muito cedo, ficando aos cuidados da mãe. Algo semelhante acontece em *Ulisses entre o Amor e a Morte*. É como se, em certa medida, os livros de O. G. Rego de Carvalho fossem capítulos “traduzidos” e ampliados das obras dos autores que leu e pelo qual se encantou. Melhor dizendo, ele fez com que temas, estilos, traços, costumes e ideias fossem universalizados, com pitadas do que escreveram autores em outros lugares do Brasil e do mundo.

De William Saroyan, O. G. Rego de Carvalho possivelmente retirou, como arcabouço, traços do estilo e da forma narrativa, pois, em seus três romances, ele se utiliza de textos curtos e diretos, sobretudo em *Ulisses entre o Amor e a Morte*, cujos capítulos chegam a somente duas ou três linhas, quase como versos, distribuídos em quarenta e dois capítulos. Para exemplificar, *A Comédia Humana* possui trinta e nove capítulos, com capítulos de, no máximo, dez páginas. Nos demais livros de O. G. Rego de Carvalho, encontram-se nove capítulos em *Somos Todos Inocentes* e seis capítulos em *Rio Subterrâneo*, ambos com uma média de vinte páginas cada capítulo.

Capítulos curtos também são uma característica de *Dom Casmurro* (1900), de Machado de Assis. Seus mais de cem capítulos possuem uma fluidez no sentido de serem compostos por uma narrativa veloz, de trânsito, pensado para não prender o leitor em um mesmo capítulo por muito tempo. Isso está claro no finalzinho do capítulo intitulado *Uma*

Here Is My Hat, 1938), *A Confusão Com Os Tigres* (*The Trouble With Tigers*, 1938), *Meu Nome É Aram* (*My Name Is Aram*, 1941), *Depois dos Trinta Anos* (*After Thirty Years*, 1962), entre outros. Escreveu também para o teatro, tendo ganhado o famoso e cobiçado Prêmio Pulitzer em 1939 com a peça *O Tempo De Sua Vida* (*The Time of Your Life*). Prêmio que Saroyan recusou, alegando que “a riqueza não tem o direito de patrocinar a arte”.

²⁸⁶PÓLVORA, Hélio. Graciliano Ramos. **Vidas Lusófonas**. Disponível em: <http://www.vidaslusofonas.pt/graciliano_amos.htm>. Acesso em: 19 fev. 2014.

ideia, onde está escrito: “Já me vais entendendo; lê agora outro capítulo”²⁸⁷. Livro cuja narrativa, de tempo psicológico, acompanha os vaivéns da sua memória. Tempo psicológico que também marca os livros de O. G. Rego de Carvalho. São nesses detalhes que as “influências” do literato surgem, sem ele ter apontado, cabendo aos leitores, e pesquisadores, implementarem as possíveis conexões.

Capítulos curtos também vão compor *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880), de Machado de Assis. A temática da descoberta do amor entre jovens adolescentes está presente na obra de O. G. Rego de Carvalho, com destaque para *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953). Característica de textos e capítulos curtos estará presente em muitos outros livros de Machado de Assis, como *Quincas Borba* (1891) e *Esau e Jacó* (1904). José de Alencar, sobretudo em *Cinco Minutos* (1856) e *Iracema* (1865), também mostra um estilo de escrita por meio de capítulos curtos.

As aproximações entre os livros dos dois autores, Saroyan e O. G. Rego de Carvalho, vão além da forma, do número de páginas e de capítulos. Alguns capítulos, ao menos os seus títulos, parecem mesmo ser a maneira pela qual O. G. Rego de Carvalho encontrou de demonstrar sua habilidade de leitura e o reconhecimento do quão Saroyan foi importante na construção de sua identidade como autor. Entre os 39 capítulos de *A Comédia Humana* e os 42 de *Ulisses entre o Amor e a Morte*, há capítulos cujos títulos indicam, indiretamente, esse diálogo mantido. O mais marcante desse “encontro” entre os dois, talvez esteja no primeiro capítulo de cada um: Saroyan abre seu livro com o capítulo intitulado de *Ulisses* e O. G. Rego de Carvalho abre a primeira parte do livro (que já tem *Ulisses* no título) com “Gravo seu nome, *Ulisses*”. A ênfase no nome do personagem principal dá indicativos dessa intertextualidade.

São livros que têm a “excentricidade” como uma de suas mais marcantes propostas narrativas. Essa esfera do universo “excêntrico”, dos problemas e de distúrbios mentais também é algo que interliga as escritas de O. G. Rego de Carvalho com os livros que ele leu. Mais uma vez os aspectos da condição humana, em seu sentido da degradação e da inconstância psicológica e emocional, são elos que conectam o escritor aos escritores estrangeiros. São escritas que dialogam, mesmo sendo de espacialidades e temporalidades diferentes. Isso denota, em certa medida, que um livro não se configura somente pela forma, mas no amálgama dinâmico com os seus conteúdos e narrativas de teor geralmente chamado de “universais”.

²⁸⁷ ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 3. ed. São Paulo: FTD, 1994. (Coleção grandes leituras), p. 193.

As análises feitas sobre os livros de O. G. Rego de Carvalho, em suas ligações com outros autores e livros, estão imersas em sistemas, pois “a análise é ‘histórica’ ao considerar seus materiais como os efeitos de sistemas (econômicos, sociais, políticos, ideológicos, etc.)”²⁸⁸. As temáticas de cruzamento entre os livros do escritor e aqueles com os quais dialogou literariamente são projeções de tais sistemas e apontam para eles.

Por tal perspectiva, o livro *Os Irmãos Karamazov* se apresenta como fonte para a composição não só do estilo, mas das próprias temáticas elencadas por O. G. Rego de Carvalho no desenvolvimento de seus livros. Os conflitos mentais e psicológicos presentes na obra do literato são pontuados, de maneira diluída em meio aos demais problemas, no livro do escritor russo.

Vale destacar que a “excentricidade” não ficou restrita, assim como em O. G. Rego de Carvalho, aos personagens dos livros de Dostoiévsky, mas à própria relação do universo de leitura da época em que escreveram. Tanto um quanto o outro estavam cientes que as escolhas temáticas, e a forma como eram apresentadas, divergiam, de certa forma, com os modelos narrativos do momento de cada um.

No prólogo da edição de 1967, por exemplo, o escritor russo chama atenção para as possibilidades de leitura acerca de seu livro e de seus personagens, sobretudo em relação a Alexei Karamazov, que, nas argumentações de Dostoiévsky, seria um herói. Contudo, o próprio escritor admite que os leitores poderão não aceitar a qualificação de seu personagem como herói. Isso em decorrência das dimensões “excêntricas” que constituem não somente a figura de Alexei Karamazov, mas as posturas dos demais personagens, que estão imersos em características pouco convencionais, ou melhor dizendo, que fogem às normas de condutas sociais. Além disso, o escritor russo sabe que “seu herói” pode não ser bem visto pelos leitores porque o personagem não possui nada de “fantástico”, “sobrenatural” ou “supremo”. Alexei Karamazov é visto como herói por suas características humanas, com seus defeitos e virtudes. Nesse sentido, são essas dimensões “humanas” que, também, aparecem na maioria dos personagens de O. G. Rego de Carvalho, o que pode endossar as análises dos críticos, que dizem que seus personagens são, em sua maioria, de matrizes autobiográficas.

Por saber desse “descontentamento” dos leitores em relação ao “seu herói”, Dostoiévski diz que se sente “um pouco perplexo”: “embora dê a Alexei Fiodorovitch o

²⁸⁸ CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 97.

título de ‘meu herói’, de sobra sei que o homem não tem em si nada de grande”²⁸⁹. Mesmo diante da certeza de críticas descorteses, como ele previa, o escritor russo não retrocedia na defesa de seu personagem, dizendo: “De uma coisa, entretanto, não duvido: o meu Alexei é um sujeito incomum, extravagante até”²⁹⁰. Para Dostoiévski, isso era ao mesmo tempo a glória e o fracasso de seu personagem, pois “a esquisitice e a extravagância são coisas perigosas que põem óbices à reunião de casos especiais e à descoberta de um sentido geral no caos coletivo”²⁹¹. O interessante no prólogo de Dostoiévski, dentre outros aspectos, é que ele chama a atenção para o fato de que não são os críticos russos que põem em cheque o valor de seu livro e de seu personagem, Alexei, mas os demais leitores.

Dessa maneira, o que parece ser convencional para a coletividade, talvez seja o caos de uma “ordem” que não admite comportamentos desordenados dos sujeitos. Dostoiévski destaca isso em seu prólogo como uma forma de salientar as peculiaridades não só de Alexei, mas de todos que estavam envolvidos na vida do personagem. Por tal razão, práticas vistas como “fora da ordem” são os pontos de enervação do livro, dando destaque para temáticas como juventude, solidão, paixões, distúrbios, adultério, morte, solidão e religiosidade. De maneira similar, temáticas próximas a essas são marcantes na obra de O. G. Rego de Carvalho.

No tocante aos distúrbios psicológicos e mentais, em *Os Irmãos Karamazóvi* há o caso de Lizaveta Smerdiachtchaia, que era “uma rapariga baixinha...sua cara de vinte anos, sadia, larga e corada, era completamente idiota; e o olhar fixo e pesado era entretanto humilde”²⁹². Em suas descrições sobre Lizaveta, Dostoiévski diz que ela vivia a andar descalça e somente com uma velha camisola pelas ruas. Assim como nas obras de O. G. Rego de Carvalho, que não utiliza o termo “loucura” diretamente para falar dos problemas de seus personagens, Dostoiévski utiliza outras palavras para dizer que seus personagens não se encontram em estado mental são. Para falar de Lizaveta, ele diz que ela “passava o tempo todo a correr a cidade – idiota, ‘inocente’”²⁹³. Uma cena relativamente comum em fins do século XIX, antes dos discursos médicos e modernizadores imprimirem a noção de limpeza social.

De maneira similar, O. G. Rego de Carvalho prefere a sutileza narrativa para sugerir a loucura de seus personagens. Em *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953), há

²⁸⁹ DOSTOIÉVSKI, Fiodor. **Os Irmãos Karamazovi**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, p. 370.

²⁹⁰ DOSTOIÉVSKI, Fiodor. Op. cit, p. 370.

²⁹¹ DOSTOIÉVSKI, Fiodor. Op. cit, p. 370.

²⁹² DOSTOIÉVSKI, Fiodor. Op. cit, p. 478.

²⁹³ DOSTOIÉVSKI, Fiodor. Op. cit, p. 479.

vários momentos nos quais isso acontece, como no momento em que Ulisses, o personagem central, começa a ver seu pai, mesmo depois de sua morte. O capítulo desse trecho do livro é intitulado de *As aparições de meu pai* e nessa parte do livro, o personagem fala dos inúmeros encontros com seu pai após o almoço. As alucinações de Ulisses podem se inserir naquilo que Michel de Certeau chama de “O morto assombra o vivo”²⁹⁴, fazendo referência às relações entre o passado e o presente, bem como os ditames da memória. O presente está sendo sempre atormentado pelo passado ao qual pretende compreender. Ulisses se utilizava da memória em relação a seu pai para, a partir do presente, projetar o passado de tal forma que tal passado estivesse “vivo” no presente, por meio das aparições. Em seus delírios, após a morte do pai, ele dizia: “Durante várias semanas, ainda fui esperar o velho. Após o almoço, tomava a sobremesa ia até a esquina para recebê-lo”²⁹⁵. E, para confundir imaginação e realidade, Ulisses ouvia seu pai dizer: “Vamos, filhinho”²⁹⁶. Enquanto ele se refugiava nessas lembranças, Ulisses se fechava em um mundo diferente.

Em um dado dia, a empregada da casa começa uma limpeza no quarto do pai de Ulisses e ele se revolta com aquilo, mandando a empregada sair. Naquele instante, ela diz a ele que seu pai estava morto. Ele começa a chorar e chama por sua mãe, que confirma a morte do pai. A empregada então diz: “Esse menino anda um bocado esquisito, dona: ultimamente deu para falar sozinho e...”²⁹⁷.

Personagem central do livro *Rio Subterrâneo* (1967), Lucínio, em seus momentos de extrema agitação, buscava a solidão à beira do rio Paranaíba, lugar que o confortava e o atormentava ao mesmo tempo. Nas proximidades do rio ficava a quinta onde morava com a família. Uma quinta que “aparenta um bosque sombrio e úmido, onde não murmurava o vento. Pássaros não gorjeiam; nem se ouvem os ruídos inextrincáveis que perambulam nas florestas. Tudo é silente e frio”²⁹⁸. Certa feita, sua tia Dulce vai à sua procura, meio receosa, pois sempre achou o comportamento do sobrinho um tanto esquisito e assustador. Ela, então,

²⁹⁴ CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 71.

²⁹⁵ CARVALHO, O. G. Rego de. **Ulisses entre o Amor e a Morte**. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1953, p. 14.

²⁹⁶ CARVALHO, O. G. Rego de. Op. cit, p. 14.

²⁹⁷ CARVALHO, O. G. Rego de. Op. cit, p. 15.

²⁹⁸ CARVALHO, O. G. Rego de. **Rio Subterrâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 14.

Sem se fazer notar, aproxima-se do garoto pelas costas. A sua imobilidade seria absoluta, não fosse a respiração opressa que lhe agita o corpo magro e ossudo. A mão direita parece tocar em alguma coisa no estrume, algo que Dulce não percebe, pois a cabeça do sobrinho lhe toma a vista. Um passo na terra fofa – e eis que solta um grito agudo, estridente, não sufocado na garganta. Ao pé da roseira, há uma coleção de lagartas, insetos e rãs mortos, alguns já ressequidos, outros apodrecendo. Naquele instante, Lucínio acariciava, docemente, a pele de um rato seco, em cujo rosto havia coágulos de sangue.²⁹⁹

O que parecia “loucura” para a tia de Lucínio, talvez fosse somente a expressão da curiosidade típica da juventude. Contudo, na narrativa de O. G. Rego de Carvalho, a sutileza da palavra “acariciava” é que remete a um possível distúrbio no comportamento do garoto. Além disso, essa cena descrita, mais que a sugestão de problemas mentais de Lucínio, remete ao diálogo que o escritor mantém com os autores com que havia tido contato entre as décadas de 1940 e 1960. O trecho no qual fala que Lucínio acariciava a pele do rato morto é semelhante à cena de um outro personagem de um outro livro. Trata-se do livro *Of Mice and Men* (De Ratos e Homens), do escritor norte-americano, John Steinbeck, que O. G. Rego de Carvalho também leu, na época dos encontros do Grupo Meridiano. Nesse livro, John Steinbeck narra a história de dois migrantes trabalhadores, George e Lennie, à procura de emprego, em pleno período de recessão gerado pela crise da quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, período que ficou conhecido com Grande Depressão. No livro, o escritor norte-americano descreve Lennie como um homem alto e robusto, com uma força física marcante, mas que é *stupid* (estúpido no sentido de ser abobalhado). Em um dado momento do livro, quando os dois estão se dirigindo para uma fazenda, com a promessa de emprego, George percebe que Lennie esconde algo nas mãos. Então ele pede para Lennie mostrar o que há e Lennie mostra, dizendo: “It’s only mouse, George. Don’t worry, it’s dead. I found it dead”³⁰⁰. Somente ao longo do livro é que John Steinbeck deixa transparecer que Lennie mata os animais, como o rato, por não controlar seus sentimentos e suas ações.

Tanto em *Of Mice and Men*, quanto em *Rio Subterrâneo*, os dois escritores utilizam a figura do rato morto, provavelmente, como uma metáfora para pensarem as condições humanas, em seu sentido mais amplo das estruturas psicológicas. Lennie encontrava-se isolado, em meio a uma realidade cuja força física era a única coisa que interessava naquele momento de pouco emprego e muita mão de obra. Lucínio vivia isolado,

²⁹⁹ CARVALHO, O. G. Rego de. **Rio Subterrâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 14.

³⁰⁰ STEINBECK, John. **Of Mice and Men**. Oxford: The British National Corpus, 1937, p. 11-12.

atormentado pela “doença” do pai e pelo fato de sua mãe nunca dizer, diretamente, o que acometia seu pai. Para ambos personagens, o contato com os animais era, em certa medida, o seu momento de maior humanização, cuja fragilidade era demonstrada tanto nos homens como nos animais. Os dois escritores, de forma semelhante, colocam em suspensão as concepções tradicionais de racionalidade para o convívio social. O. G. Rego de Carvalho toma essa metáfora do rato como mais um elemento que possa compor o seu estilo temático e narrativo, ou seja, criar a sua identidade como autor.

Em outra situação da narrativa de O. G. Rego de Carvalho, os devaneios dos personagens são apresentados com a companhia do medo, como está expresso no capítulo *Medo*, no qual Ulisses e seu irmão mais novo, José, conversam. Em dado momento, José pergunta: “Jamais observou – insistiu – que alguém às vezes o chama, sem que pressinta de onde parte a voz?”³⁰¹. Isso ocorre antes mesmo da morte do pai dos dois rapazes, demonstrando que as “alucinações” não ocorriam somente após morte. A esquisitice tornou-se sinônimo para os transtornos que Ulisses manifestava a partir da perda do pai. Esquisitice que também povoa o universo narrativo das obras de Dostoiévski.

A personagem de O. G. Rego de Carvalho que mais se assemelha com as descrições feitas por Dostoiévski sobre Lizaveta talvez seja Joana, avó de Helena. As duas últimas descritas em *Rio Subterrâneo*. Nesse livro, Lucínio, personagem central, também se encontra envolto com os problemas dos distúrbios mentais e psicológicos. Joana é vista por Lucínio, em suas lembranças, como uma figura enigmática e, ao mesmo tempo, atraente, pois a solidão e o silêncio nos quais ela se encontra são desejados por ele. Lucínio “ainda não era nascido, quando a pobre enloucou”³⁰². Ao observá-la, Lucínio “sentia-se invejoso dela; queria a sua solidão, a sua quietude, a palavra deserta de seus lábios sem viço”³⁰³. Ela vivia em uma *cela*, que é uma espécie de quarto reservado aos loucos, típico das casas e casarões antigos de Oeiras, no Piauí. Os contatos que Lucínio manteve com Joana sempre foram visuais, de observação. Ele ficava horas a fitá-la balançando em sua rede ou escavando buracos nas paredes com uma colher. Ela agia como se Lucínio não estivesse ali, mas destinava, em certos dias, bom tempo a fixar seu olhar em Lucínio. Por isso, Lucínio se questionava: “Seria Joana, porém, imune ao medo?”³⁰⁴. Para Lucínio, não ter

³⁰¹ CARVALHO, O. G. Rego de. **Ulisses entre o Amor e a Morte**. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1953, p. 09.

³⁰² CARVALHO, O. G. Rego de. **Rio Subterrâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 20.

³⁰³ CARVALHO, O. G. Rego de. Op. cit, p. 25.

³⁰⁴ CARVALHO, O. G. Rego de. **Rio Subterrâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 26.

medo das pessoas e de suas normatizações seria, dessa forma, não o símbolo da perda da razão ou da sensatez, mas a expressão de força.

Contudo, tal silêncio e a falta de expressão de fala parecem indicar as ações de uma sociedade na qual “tudo o que há de estranho no homem seria sufocado e reduzido ao silêncio”³⁰⁵, como uma forma de afastar os “doentes” da parte considerada sã da população. Joana vivia enclausurada em sua cela, sem ou quase nenhum contato com as demais pessoas. Ela tornou o silêncio sua forma de resistir? Para os parentes que a colocavam em isolamento, ela estaria sendo cuidada de tal forma que a “cura” poderia ser alcançada. O internamento, desde os fins do século XVIII, como ressalta Michel Foucault, configurou-se como essa possibilidade e O. G. Rego de Carvalho, por meio da escrita literária, constrói um quadro que permite a visualização de certos aspectos dessa relação social com os distúrbios ou descontroles.

Em larga medida, Foucault não pretende fazer uma história do louco, como um objeto pronto de análise, ele intenta, sim, compreender os condicionantes que constituíram as práticas e os discursos sobre a loucura, bem como as diretrizes para o pensar psicológico. E é nesse âmbito psicológico que se insere parte da trama narrativa dos livros de O. G. Rego de Carvalho. O diálogo possível entre os livros do literato e os livros do escritor russo, sobretudo no que tange à loucura, dá-se em função de que “loucura e todos os seus poderes que as idades multiplicam não residem no homem em si mesmo, mas em seu meio”³⁰⁶. Por isso, pensar a loucura apresentada na narrativa dos dois autores aqui friccionados é lançar-se na compreensão das inúmeras relações socioculturais que os seus meios engendraram.

É claro que dar ênfase à loucura como tema não é algo raro na literatura. Então, O. G. Rego de Carvalho não estaria “inaugurando” um romance sobre a loucura. Talvez estivesse, no campo da literatura produzida no Piauí, colocando isso mais em voga. Mas o tema não é uma raridade, pois outros escritores, no Brasil, já haviam tocado nessa temática. Machado de Assis figura entre esses escritores, com o seu livro *O alienista* (1881), que é a primeira obra literária a falar do hospício e, de certa maneira, questionar a psiquiatria. Mas não é o primeiro a se lançar nesse tema. Álvares de Azevedo, em *Noite na taverna* (1855), assim como Bernardo Guimarães, em *O Seminarista* (1872), também dedicaram parte de suas tramas a esse assunto. Lima Barreto, em *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915) e *Cemitério dos Vivos* (1919-1920) aborda a loucura, especialmente no último livro, em tom

³⁰⁵ FOUCAULT, Michel. **A história da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 428.

³⁰⁶ FOUCAULT, Michel. Op. cit, p. 411.

de autobiografia. Carlos Drummond de Andrade, publicou em 1951 o livro *Contos de Aprendiz*, no qual há o texto intitulado *A doida*, abordando noções e imagens sobre a loucura. São algumas obras que servem de exemplo da questão da loucura na literatura. Questão essa que atravessa os romances de O. G. Rego de Carvalho e que abre margem para as especulações sobre sua projeção autobiográfica. Não é a loucura em si que causa espanto nos seus críticos, mas, ao que parece, o fato de tomar um tema que não era disseminado como prática narrativa entre os literatos do Piauí.

Os personagens narrados por O. G. Rego de Carvalho apresentam suas manifestações de loucura mediante os meios nos quais se inserem, em suas relações com as mudanças de habitação, de cidade, perda de identidade com seus lugares, assim como o medo da solidão, da morte e as descobertas inquietantes da juventude. Em decorrência disso, o escritor piauiense, por várias vezes, por meio das lembranças de Lucínio, utiliza o termo “pobre” ao se referir à condição mental de Joana, pois intenta dizer que ela é vítima de um meio de inquietação e confusão. Um meio no qual ela era viúva, pois seu marido havia sido assassinado e tinha de criar, sozinha, o filho pequeno. O esforço que fazia para criar seu filho, morando em uma fazenda isolada, tornou-se a única razão de sua vida, e quando vê seu filho em perigo, em risco eminente com a presença de uma cobra, sua razão se perde, seu mundo se torna outro, o mundo do silêncio, no qual, provavelmente, o filho estará livre de qualquer ameaça. Vale ressaltar que não se trata de observar o internamento isolado do movimento urbano, mas um isolamento dentro de casa.

Contudo, essa “falta de medo” de Joana o inquietava, pois ansiava em vê-la expressar algum sentimento, esboçando algum tipo de reação. Com essa intenção, Lucínio vai aos jardins e traz uma folha de uma árvore qualquer com uma lagarta-de-fogo, para assustar Joana. Nesse episódio, há uma ebulição de sensações e sentimentos em Lucínio, pois

Ele tudo viu, atemorizado com as contrações do verme, e com a aparência calma, fria da mulher enferma. Nenhum músculo se repuxava em seu rosto, nenhuma repugnância parecia ter o seu corpo magérrimo. E o olhar? Alheio, firme, puro – como sempre. Lucínio não se conteve, dominado de estranho pavor. O silêncio dela confundia-o, esmagava-o. Nunca vira nada tão assustador, tão deprimente. Joana agora lhe infundia pânico: não era um ser igual aos outros, e sim um demônio. Inconscientemente, talvez, abandonou a cela, sentindo o coração aos pulsos.³⁰⁷

³⁰⁷ CARVALHO, O. G. Rego de. **Rio Subterrâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 27.

A admiração e a inveja que Lucínio antes sentia pelo silêncio e pela solidão de Joana transformaram-se em medo, em angústia, pois, em sua racionalidade jovial, nenhum ser humano ficaria inerte ao contato pegajoso de uma lagarta-de-fogo. Para ele, não se tratava mais de uma mulher doente, pois, para ele, ela era um demônio. Lucínio parece apresentar um olhar que Michel Foucault³⁰⁸ denominou de “internamento clássico”, no qual os sujeitos observavam o louco como sendo o “espetáculo de sua animalidade”.

Essa mudança de olhar de Lucínio sobre a loucura de Joana, bem como as visões de Ulisses e de seu irmão, José, denotam, em certo sentido e em certa medida, o confronto entre duas concepções de loucura destacadas por Michel Foucault. Para Foucault, a loucura não pode ser associada somente a uma dimensão mística e aos mistérios do mundo, mas, também, às incertezas, fraquezas, ilusões e sonhos do próprio homem. Não se trata, a partir disso, de pensar a loucura no que diz respeito à verdade estabelecida do mundo, mas da verdade que o homem distingue de si próprio. Os personagens de O. G. Rego de Carvalho endossam a noção de que “na loucura, o homem é separado de sua verdade e exilado na presença imediata de um ambiente em que mesmo se perde”³⁰⁹, como é o caso de Lucínio, em *Rio Subterrâneo* (1967), que, inicialmente, cria o ambiente da cela de Joana como um lugar de identificação, mas depois se perde nesse mesmo ambiente, onde sua verdade e seu conforto se dissipam na medida em que as suas expectativas da reação do outro, no caso as reações de Joana, não confirmam seus anseios.

A loucura também está presente em *Somos Todos Inocentes* (1971), mas agora envolta nas intrigas e nas relações de poder entre as famílias mais poderosas no livro: os Ribeiro e os Barbosa. No entanto, diferente dos outros dois livros, O. G. Rego de Carvalho é mais sutil em seu último livro, pois, em quase todo o texto, ele somente insinua a loucura de Celina, que enlouquecera com a morte de seu noivo, Luizinho. Somente no final, Raul, ao conversar com sua noiva, relembra enfaticamente: “Em nossa família, poucos são equilibrados. Tia Celina morreu doida, não se recorda?”³¹⁰. A loucura, dessa maneira, era vista, em certa medida, como algo relativamente comum entre as famílias oeienses, quase uma regra, como destaca o personagem Raul. Para a personagem D. Odete, Oeiras era uma “sociedade provinciana, orgulhosa de suas tradições, de suas ruínas, de seus sobrados, e até

³⁰⁸ FOUCAULT, Michel. **A história da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

³⁰⁹ FOUCAULT, Michel. Op. cit, p. 415.

³¹⁰ CARVALHO, O. G. Rego de. **Somos Todos Inocentes**. 3. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1985, p. 232.

de seus doidos”³¹¹. A loucura tornou-se como que uma marca registrada, uma identidade daquela cidade.

Ao trazer os distúrbios psicológicos e/ou mentais para o corpus temático de sua narrativa, O. G. Rego de Carvalho faz despertar as relações sociais da população piauiense com os seus alienados. Basta lembrar que instituições como a Santa Casa de Misericórdia e o Asilo de Alienados atuaram em fins do século XIX e durante a primeira metade do século XX, de forma deficiente, sofrendo inúmeras limitações de ordens econômicas, profissionais e de gestão. Ao mencionar o enclausuramento de Joana na cela de sua casa em Oeiras, O. G. Rego de Carvalho dá indícios de uma prática comum entre algumas famílias abastadas da antiga capital do Piauí, mas, também, aponta para a falta de estabelecimentos próprios para o tratamento de pessoas com problemas mentais³¹². O Asilo de Alienados Areolino de Abreu foi fundado em uma época, início do século XX, em que as doenças e distúrbios mentais eram um problema não percebido pelas autoridades. Ademais, “não parecia esse ser um grande problema de saúde pública naqueles tempos”³¹³. Se não era uma necessidade primeira de saúde pública, por que, então, Areolino de Abreu, como médico e político, quis fundar tal Asilo? Isso se deu por explicações ligadas à modernização dos espaços e das práticas sociais, visto que “a preocupação do douto com os alienados, concentrava-se, de fato, na ambição de transformar Teresina numa cidade civilizada”³¹⁴. Em razão disso, era comum a situação de “doentes acorrentados a troncos no Piauí, quase na metade do século XX”³¹⁵. Isso fazia com que muitas famílias preferissem cuidar de seus loucos em casa, como a situação descrita nos livros de O. G. Rego de Carvalho, em que os loucos ficavam confinados em quartos reservados das casas e sobrados.

Em Teresina, por exemplo, somente no ano de 1954 é que seria inaugurado um espaço com relativas características destinadas ao atendimento de pessoas com distúrbios

³¹¹ CARVALHO, O. G. Rego de. **Somos Todos Inocentes**. 3. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1985, p. 167.

³¹² Os estabelecimentos para tratamento de saúde mental no Piauí têm uma história lacunar. No Piauí, o primeiro espaço para tratar os doentes mentais foi criado em 1803, na cidade de Oeiras, à época, capital da Capitania do Piauí. Com a transferência da capital para Teresina, em 1852, o serviço em Oeiras deixou de atender como hospital, para servir somente como leitos de enfermaria. Em 1867, então, já em Teresina, é oficialmente inaugurada a Santa Casa de Misericórdia, que, no entanto, atendia não somente a doentes mentais, mas pobres e desvalidos. No ano de 1907 foi inaugurado primeiro espaço especializado, o Asilo de Alienados, sendo batizado de Asilo de Alienados Areolino de Abreu, em homenagem ao vice-governador da época.

³¹³ OLIVEIRA, Edmar. **A incrível história de Von Meduna e a filha do sol do Equador**. Teresina: Oficina da Palavra, 2011, p. 27. Livro escrito com pesquisa em documentos, mas com a proposta de ser um romance.

³¹⁴ OLIVEIRA, Edmar. Op. cit, p. 27.

³¹⁵ OLIVEIRA, Edmar. Op. cit, p. 37.

psicológicos e mentais, sendo visto pela imprensa local como “Um fato de magna significação para a história piauiense”³¹⁶. Trata-se do Sanatório Meduna³¹⁷, que teria a missão de atender não somente a população piauiense, mas de todo o Nordeste. É a essa realidade de descaso em relação aos problemas e distúrbios mentais, que faz parte, inclusive, a própria história pessoal de O. G. Rego de Carvalho. Seus livros falam, de certa maneira, das expectativas de pessoas saídas de cidades interioranas do Piauí e que ansiavam por vidas melhores na capital, visto que as condições de tratamento médico, inclusive de saúde mental, eram deficientes.

Esses pontos relativamente em comum entre os textos de O. G. Rego de Carvalho e os demais autores denotam a variedade e a pluralidade de um livro, bem como ampliam o estatuto de autor e autoria, e as dimensões da “angústia de influência” que o cerca e a seus críticos. Mais que isso, tais pontos revelam e reforçam a noção de que nenhum livro é uma inteireza por si e em si mesmo, pois mantém diálogo com outros livros, com outros autores e outras realidades. Trata-se, dessa maneira, de uma condição de intertextualidade. A própria ideia de autoria se alarga na medida em que se nota traços de vários autores na narrativa de um outro escritor. Isso ainda desperta a perspectiva de que temporalidades diferentes se entrecruzam, pois, no caso de O. G. Rego de Carvalho, textos de até outro século e de outras décadas foram (re) visitados e (re) criados. Além disso, destinar esforços para o vislumbre dos enlaces da narrativa de O. G. Rego de Carvalho com a de outros escritores é sinalizar para um dos pontos de relativo “desconforto” da escrita do literato em meio a um campo de disputas, que conduzia a escrita “literária piauiense” em modelos tidos como regionalistas.

4.3 Nas linhas do efêmero e do tempo

*A morte, por ser universal, extingue as malquerenças, a todos irmanando. É o bálsamo que mitiga o ódio, a luz...*³¹⁸

³¹⁶ Sanatório Meduna. **Jornal O Dia**. Teresina. 04 abr. 1954, p. 06.

³¹⁷ Em 1943, Clidenor de Freitas Santos, médico psiquiatra, insatisfeito com as condições de atendimento do Areolino de Abreu, compra um terreno, com recursos próprios. Somente em 1954 o sanatório é inaugurado, em 21 de abril. Na ocasião, o folclorista Câmara Cascudo esteve presente. O nome do sanatório é em homenagem ao psiquiatra húngaro, Ladislav J. Von Meduna, a quem Clidenor de Freitas Santos admirava muito.

³¹⁸ Discurso do personagem Dr. João Mendes, na ocasião do velório de José, pai de Dulce. Reproduzido de: CARVALHO, O. G. Rego de. **Somos Todos Inocentes**. 3. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1985, p. 35.

O suicídio também constitui tema consonante na obra de O. G. Rego de Carvalho e dos autores por ele lidos. No livro *Os Irmãos Karamazóv*, Dostoiévski relata o suicídio como um acontecimento interligado com as tramas dos personagens. O suicídio é apresentado não somente como uma fuga, comumente vista em relação a essa postura à vida de uma pessoa. É visto como o resultado das fases de degradação da condição humana, que é alvejada por situações de disputa, decepções, remorso, discórdia, vergonha e ódio. Como em uma escrita memorialística, Dostoiévski afirma ter conhecido “uma senhorita, também da passada geração ‘romântica’, que, depois de vários anos de enigmático amor por certo cavalheiro, com quem poderia muito bem ter-se casado tranquilamente, - acabou inventando sozinha invencíveis obstáculos”³¹⁹. Para ele, não havia motivos aparentes para qualquer ação de descontrole por parte de mulher ao ponto de ter-se posicionado em uma ribanceira e se atirado “a um rio profundo e rápido – onde morreu por seu próprio capricho, só para se assemelhar à shakespeariana Ofélia”³²⁰. Ao mencionar a personagem de Shakespeare, Dostoiévski endossa, mais uma vez, a ideia aqui defendida de que um livro se dá não só em seu enredo aparente, mas, também, em suas ligações intertextuais com outros textos. Ao dizer que a senhorita inventou sozinha certos obstáculos, Dostoiévski parece culpá-la pela sua atitude contra si mesma, demonstrando uma postura muito comum das pessoas em relação aos suicidas, atribuindo-lhes culpa.

O caso apontado pelo escritor russo está relacionado com aquilo que Karl Marx³²¹, referendando as análises de Jacques Peuchet, ressalta: a maior incidência de casos de suicídio entre mulheres de famílias burguesas, cujas razões para o suicídio estariam atreladas para além dos aspectos meramente sociais, econômicos e políticos, mas ligados à própria relação de gênero que se estabelece. Em seu livro sobre o suicídio, Karl Marx não descarta o peso dos fatores econômicos e políticos na condição do suicida, mas abre a discussão para um leque maior de possibilidades. Daí o escritor alemão enfatizar que “o Homem parece um mistério para o Homem; sabe-se apenas censurá-lo, mas não conhece”³²². As reflexões de Marx, via Peuchet, direcionam o leitor a pensar os limites entre o que é próprio do indivíduo e suas conexões, pressões e resistências em relação ao social. Pondera sobre o fato, talvez, de o suicida não ser o único responsável pelo seu ato, sendo uma ação, em certa medida, coletiva, visto que o indivíduo se (re) cria em seu meio.

³¹⁹ DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os Irmãos Karamzói**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, p. 375.

³²⁰ DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Op. cit, p. 375.

³²¹ MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

³²² MARX, Karl. Op. cit, p. 26.

Karl Marx não intenta buscar vilões ou culpar a sociedade, mas sim, destacar que o indivíduo não pode ser visto como um louco, insano ou irresponsável, sem que a sociedade pense qual o seu papel no trato com tal indivíduo. Como ele mesmo afirma, é preciso conhecer quais as angústias, as demandas, as expectativas e os sonhos do Homem para que se possa saber como esse homem se torna feliz ou triste a tal ponto de abrir mão do bem vital.

Dessa forma, “a classificação das diferentes causas do suicídio deveria ser a classificação dos próprios defeitos de nossa sociedade”³²³. A senhorita descrita por Doistoiévski era de família rica, boa aparência e em um relacionamento amoroso estável. Seu suicídio remete, também, para as dimensões do real e da realidade, no sentido que a realidade seria aquilo que é dado a ver, mas que não expressa a essência, isto é, o real. É nos caminhos turvos e tortuosos entre esse real e a realidade que o suicídio vai se fortalecendo na subjetivação que o indivíduo faz do mundo e das coisas. Como já havia postulado o sociólogo francês, Émile Durkheim, o suicídio não se explica unicamente pelos critérios individuais ou psicológicos, mas na interação desses com o meio social³²⁴. É válido ressaltar que, ao mencionar o meio social como índice para pensar o indivíduo, não se pode minimizar o indivíduo em relação ao social, como se o indivíduo não filtrasse, não criasse suas táticas em meio a um repertório de realidade.

Em *Rio Subterrâneo* (1967), o suicídio é apresentado de maneira inesperada, como um roubo da juventude. Em si, o suicídio não é descrito na narrativa como o reflexo de uma alma visivelmente perturbada, algo que, em geral, espera-se de alguém que comente tal ato. Provavelmente, a intenção do literato foi desmistificar essa imagem histórica e socialmente cristalizada de que os suicidas são pessoas com uma personalidade sombria, vazia, mórbida. O suicida seria, de maneira estereotipada, um indivíduo que apresenta comportamentos que denunciam ou pelo menos indicariam o suicídio. Nesse sentido, tal ato é encarado como mais uma esfera da loucura, pois rompe com as lógicas de uma verdade unicamente exterior.

Essa noção de que um suicida exterioriza sua vontade ou suas inclinações para tal feito está descrita no capítulo *O Rosto na Vidraça*, quando Lucínio e seu amigo, Benoni, discutem sobre a existência de Deus. Em meio a essa discussão, Lucínio diz que Cristo nada mais é que o sol, ao passo que Benoni advertia ao amigo que um dia ele iria admitir e professar a fé cristã. Lucínio, como um firme cético, então, disse: “Na velhice ou igual

³²³ MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 44.

³²⁴ DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

fraqueza de razão, sim”³²⁵. Relativa contradição aparece nessa postura de Lucínio, que tenta se mostrar como uma pessoa conduzida pela razão, mas que se assusta com visões pelas janelas e cantos da casa. Em vários momentos, pensava na existência do demônio, que, de certa forma o fascinava, pois “Lucínio nunca vira o demônio. Porém acreditava que deveria ser belo, olhos azuis, assim como a imagem do Coração de Jesus”. Talvez de maneira confusa, Lucínio acreditasse mesmo em Cristo, pois era à imagem cultural e artisticamente divulgada que ele recorria.

Em suas recordações de Oeiras, Lucínio lembra-se de quase sempre presenciar a cadeira preguiçosa se balançando sozinha. Ele “acreditava que ninguém, a não ser Lúcifer, àquela exibição teimosa”³²⁶. Em certa feita, Lucínio resolveu, com voz forte, chamar: “Vem, ó meu príncipe”. Como estava um dia chuvoso, trovões e ventos fortes se agitaram. Seu coração acelerou, mas logo percebeu que não era aquele a quem chamava, e sim a chuva que aumentava sua potência. Nesse instante, lembrando-se de Joana, Lucínio confessa a si mesmo: “Enlouqueço”. Lucínio, então, estava sendo acometido por lapsos de delírios e tais delírios o inquietavam, pois não queria chegar à situação da velha Joana. As recordações de Lucínio confundiam-se, em vários momentos não conseguia distinguir o passado do presente. Isso se insere nos domínios da memória, nos quais tanto historiografia quanto a psicanálise se interessam, mas com propósitos diferentes. Cada qual pensa os espaços de memória de maneira diferente, no que tange à relação entre passado e presente, pois “a primeira reconhece um no outro; enquanto a segunda coloca um ao lado do outro”³²⁷, como infere Michel de Certeau. Os delírios dos personagens dos livros de O. G. Rego de Carvalho desestruturam uma característica inerente à escrita da história: a sucessividade, na qual um vem depois do outro.

Ainda sobre a relação entre passado e presente, os distúrbios psicológicos dos personagens do escritor, assim como os deslizamentos da memória deles, fazem friccionar os modelos historiográficos da “correlação (maior ou menor de grau de proximidade), do efeito (um segue o outro) e da disjunção (um ou o outro, mas não os dois ao mesmo tempo)”³²⁸. Na narrativa literária, esses modelos da historiografia também podem ser observados, mas não com a obrigatoriedade que cerca a operação inerente à produção historiográfica. O escritor toma a esfera psicológica de seus personagens para imprimir, no

³²⁵ CARVALHO, O. G. Rego de. **Rio Subterrâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 90.

³²⁶ CARVALHO, O. G. Rego de. Op. cit, p. 88.

³²⁷ CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 73.

³²⁸ CERTEAU, Michel de. Op. cit, p. 73.

seio da narrativa literária, formas de subjetivação do tempo e o jogo de temporalidades. A literatura produzida por O. G. Rego de Carvalho, então, permite abrir espaço para os debates entre história e psicanálise, em razão de que tais debates “sublinham as possibilidades e os limites de renovação que o encontro entre elas oferece à historiografia”³²⁹.

Foi em meio a tais recordações e esquecimentos, que Lucínio se encaminhava no debate religioso com Benoni, que, por sua vez, pretendia convencer o amigo da existência de Deus. Em sua última tentativa de argumentação, Benoni então diz: “Ouve, menino. Daqui a uma semana estarei morto, e saberás que Deus existe. Juro que te farei acreditar”. Ouvindo de maneira indiferente, mas com a intenção de desacreditar a promessa do amigo, Lucínio retruca: “Morto? Tu vais morrer, Benoni? Com essa aparência saudável, esses músculos que eu tanto invejo? Tu, que nunca vi doente? Assim, nessa calma toda! Oh, não...”. Para Lucínio, era inconcebível alguém falar que iria morrer se gozava de pleno vigor físico. Além disso, não passava pela sua cabeça que Benoni estaria se referindo a uma atitude suicida. Dessa maneira, o diálogo prosseguiu:

“- Será que nem em mim acreditas? Lembra-te, incrédulo: eu posso suicidar-me. Tomo um narcótico, e durmo para sempre. Ou estricnina... Contam que a agonia é dolorosa; não sei.
Lucínio riu, crente que o outro brincava:
- Se tu morreres antes de mim, aparece-me. – Pôs na voz um tom faceto.
- Mas não interrompas as minhas leituras. Tenho muito que estudar. As provas aí.
- ... é uma dura prova.
A sineta convocou-os, nervosamente. Ergueram-se às pressas.
- Não vens à aula?
Benoni acenou que não.
- Agora vou gazejar – disse, olhando a rua. Não te esqueças da minha promessa. Sábado à noite estarei contigo.
[...]
Cometer suicídio, um rapaz assim, sem um queixa, mágoa ou ressentimento? Oh, decerto gracejava. De outra feita, ia matar a avó, e tudo não passou de brincadeira.”

Seu amigo jamais seria um assassino, pois não era capaz de perseguir nenhuma formiga. Benoni era o amigo de Lucínio que nunca se enfurecia, que sabia viver na diversão, aos namoros. Benoni, no olhar de Lucínio, era o rapaz mais velho da turma, o

³²⁹ CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 73.

que fazia dele o que mais atraía admiração, por ser quase um homem feito. Estava sempre sorridente, com suas brincadeiras e piadas. Foi com essa imagem do amigo que Lucínio foi para a sua aula, seguindo a sua rotina. A semana passou rapidamente para Lucínio, que estava, de fato, envolvido nos estudos. Rapidamente chegou o sábado e Lucínio quis um pouco de descanso, indo comprar ingressos para o cine Olympia, em Teresina. Sem muitas exigências sobre qual filme iria escolher, Lucínio foi surpreendido com alguém a tocar-lhe o ombro, com uma notícia: “Benoni acaba de morrer, Lucínio. Suicidou-se”³³⁰.

Dali em diante, e ainda mais durante o velório, Lucínio se questionava sobre o que havia acontecido: “Loucura? Farsa que o desgraçou? Ou simplesmente queria experimentar a força de Deus, a sua própria existência?”³³¹ Nesse instante, Lucínio começa a se questionar se o suicídio do amigo não seria a prova da existência de Deus, prova essa que Benoni queria que Lucínio tivesse. Incluir a discussão da existência de Deus e a marca do suicídio faz parte da tentativa de O. G. Rego de Carvalho em demonstrar que as razões não são assim tão racionais e que aquilo que é considerado irracional não é assim tão absurdo. Lucínio, que era quem não queria admitir a existência de Deus, não praticou nenhum ato contra si mesmo, ao passo que Benoni, que dizia acreditar em Deus e em Cristo, não levou em conta o que a fé cristã fala em relação ao suicídio como sendo um pecado não perdoável. Lucínio se martiriza, pois o amigo havia dito que faria o que, de fato, fez. Lucínio, insistente e inconscientemente,

Relembra o encontro na esquina, e chora por não ter notado a advertência. Benoni até chegou a vaticinar a morte. Com que convicção o disse! E não perceber a tortura que o aniquilava, o desespero que o possuía e soube transmutar o carinho paternalmente, ali na calçada do liceu, naquela manhã serena de junho, rindo de seu ateísmo, com o sol numa banda da testa!³³²

Com essas lembranças martelando sua mente, chega ao ponto ter alucinações, sem saber, ao certo, se estava acordado ou dormindo. Em seus delírios, imagina que troca de lugar com Benoni, na hora de seu velório, e isso o inquieta, pois, ninguém percebe que é ele quem está no leito de morte. Pior que isso, nessa troca fúnebre, Benoni diz não querer mais voltar e ameaça afirmando que Lucínio vai observar todo o ritual do enterro, até não ver mais nada, com as pás de terra a serem lançadas sobre o caixão. Lucínio então acorda,

³³⁰ CARVALHO, O. G. Rego de. **Rio Subterrâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 92.

³³¹ CARVALHO, O. G. Rego de. Op. cit, p. 103.

³³² CARVALHO, O. G. Rego de. Op. cit, p. 106.

atordoado de tão terrível sonho, em seu sentido de culpa, de impotência por não ter impedido o amigo. Lucínio continuava atordoado, sem assimilar bem a morte do amigo, pois ainda achava que fosse uma brincadeira, típica dos arroubos da juventude.

O. G. Rego de Carvalho menciona o suicídio também em *Ulisses entre o Amor e a Morte*. O médico que fora cuidar de uma febre que sentira Ulisses, confidenciou a seu paciente que na adolescência tentara isso: “Recordo que tentei o suicídio, atirando-me de um sobrado, apenas para constranger uma velha tia. Não imagina o quanto me arrependo, meu rapaz”³³³. Ao destacar essa revelação do médico, O. G. Rego de Carvalho aponta para a pluralidade de “razões” que podem influir na decisão de alguém para o suicídio.

A surpresa que, em geral, cerca o suicídio está associada a uma dimensão indissociável da morte com a sua relação com o tempo, sobretudo na cultura ocidental. A morte, pelo menos no sentido físico da matéria, é expressão da passageira das coisas e dos seres. É algo que se aproxima diretamente com a própria história, que tem seus limites epistemológicos em decorrência de o passado ser aquilo que foi, passou.

A história, por sua vez, toma uma série de vestígios como elementos elucidadores à construção de sua narrativa. No suicídio, na morte propriamente dita, os vestígios são de cunho muito mais especulativos, sociológicos e até mesmo filosóficos. O corpo do suicida parece negar a história aparente da pessoa enquanto ela estava viva. A morte, então, mostra-se como mais um ponto do mosaico da história do indivíduo. O suicídio também tem o poder relativamente funesto de despertar, naqueles que conheciam o suicida, o desejo de, agora, entendê-lo. A morte faz, dessa maneira, com que a pessoa saia de um certo anonimato para se tornar foco principal, para, contraditoriamente, tomar vida a partir das imagens que seus contemporâneos fazem dela.

Enveredar pelos meandros da dimensão psicológica e intimista, presente em toda a produção de O. G. Rego de Carvalho é, em boa medida, pensar as relações existentes entre a própria psicanálise e a história, entre a individualidade do escritor e o exterior que o cerca e rodeia sua escrita. Relação não muito fácil de abordar, pois remete às discussões voltadas para a objetividade, realidade, verdade e narrativa.

Com esse mesmo caráter “universal”, é possível perceber a morte como um dos temas que dão propulsão à narrativa de *A Comédia Humana*, de William Saroyan. Isso é evidenciado no capítulo *Morte, não vá à Ítaca!*. Nesse capítulo, Homero tem um sonho torturante no qual ele está voando em sua bicicleta, com sua farda de estafeta, mas há um

³³³ CARVALHO, O. G. Rego de. **Ulisses entre o Amor e a Morte**. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1953, p. 38.

outro estafeta, parecido com ele, também a voar. Entretanto, Homero percebe que o seu adversário se trata de um “mensageiro da morte” e que se dirige à Ítaca, onde moram Homero e sua família. O que martiriza mais Homero no sonho é que o estafeta é extremamente parecido com ele, o que o faz pensar que ele, de certa forma, também é um mensageiro da morte, pois ele entrega telegramas a muitas famílias, noticiando a morte de seus maridos e filhos.

O medo da morte, que também aparece nos livros de O. G. Rego de Carvalho, é assunto que governa um diálogo entre Marcus, irmão de Homero e um companheiro seu, Tobey, quando estavam em um trem, indo para a Guerra. Os dois, mesmo em uma situação que demanda muita coragem, confessam um ao outro que o medo da morte os domina. Marcus o pergunta: “Você se importa muito de morrer?”³³⁴, o que fez Tobey silenciar um pouco, para só então responder: “Naturalmente. Eu poderia tapear, talvez, e fingir que não me importo. Naturalmente que me importo”³³⁵. Em meio a essa certeza do receio com a morte, é que os dois amigos soldados fazem planos, pensando em suas vidas após a guerra. A intenção dos dois é sair ilesos, mas sabem que a morte é a sombra que ronda toda e qualquer guerra.

O enredo do livro, de fato, dá-se “entre o amor e a morte”, pois, ao receber, ler e entregar os telegramas e postais, Homero vê as mensagens de amor e os comunicados das mortes de muitos homens na guerra. Por esse diapasão, mais uma vez há um indício das aproximações entre Saroyan e O. G. Rego de Carvalho, que utiliza “entre o amor e a morte” como expressão icônica do título de seu primeiro livro. O escritor a retoma essa tônica da dicotomia amor e morte em *Rio Subterrâneo* (1967), quando o personagem Lucínio está envolto em um misto de sentimentos: sua paixão por Afonsina e sua tristeza com o suicídio do amigo, Benoni. Naquele instante, os dois assumem o seguinte significado: “Afonsina: amor; Benoni: morte”³³⁶. Sentimentos que ora libertam, ora aprisionam o imaginário dos personagens do literato.

Em Saroyan, a morte é tema fundamental. Em seu livro, pois, no mundo de guerra, a morte está cercada de medos e expectativas, pois “todos morrem procurando a graça, a imortalidade, procurando a verdade e a justiça” disse Mr. Grogan, que trabalhava com Homero no telégrafo. Continuando seu raciocínio, ele complementa: “[...] e, um dia, esse grande corpo do homem, que somos todos nós, sem qualquer exceção, conseguirá o que

³³⁴ SAROYAN, William. **A Comédia Humana**. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 220.

³³⁵ SAROYAN, William. Op. cit, p. 220.

³³⁶ CARVALHO, O. G. Rego de. **Rio Subterrâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 110.

quer, terá a graça, será imortal, e este maravilhoso mundo mau será um lugar de decência e bondade entre os homens”. Saroyan se referia ao mundo em guerra, não só a guerra física, mas aquela que se dá no universo do respeito ao homem em todas às suas instâncias. O. G. Rego de Carvalho refere-se à morte como uma guerra introspectiva e moral dos homens.

A perda de um ente ou de um amigo alimenta a criação narrativa de O. G. Rego de Carvalho. Isso fica evidente pelo próprio título do livro que o lança no mundo literário como autor, *Ulisses entre o Amor e a Morte*. A morte do pai de Ulisses é apresentada de forma tão natural, quase poética, que, em primeiro momento, causa espanto no leitor. Entretanto, a intencionalidade, talvez, do escritor, seja a de demonstrar que a morte não precisa ser revestida de uma violência para além do que de fato é. A morte não precisa ser causada pela falta de comida, pelos castigos da seca ou algo semelhante. Isso é notório no capítulo no qual o pai de Ulisses falece: “Quente era a manhã, em julho, quando meu pai se deitou, as pálpebras baixando. E puro, e distante, e feliz, encarou o céu e o tempo”³³⁷. Esse é todo o texto do capítulo, não havendo mais nada além do título do capítulo que é *Quente era a manhã, em julho*. Encarar o tempo é a forma como o escritor tem, consciente ou inconscientemente, de manifestar sua concepção de tempo, em que a morte se qualifica como o instante do não-tempo, no qual a linearidade se dissipa em função de uma existência que se divide entre a materialidade do corpo e a imaterialidade da memória. A descrição da morte do pai de Ulisses se assemelha ao ato de se deixar levar por um sono profundo, talvez algo que Sócrates já pensava, pois “se não há nenhuma sensação, se é como um sono em que o adormecido nada vê e nem sonha, que maravilhosa vantagem seria a morte”³³⁸. A morte, na escrita do literato, é trazida à tona para ser pensada como algo inerente à condição humana, e não como um mal causado somente pela seca e pela fome. Como sugere o título de *Somos Todos Inocentes*, bem como o trecho do discurso do personagem Dr. João Mendes, a morte torna a todos inocentes, pois chega a todos indistintamente.

Como o escritor já havia colocado o termo “morte” no título do livro, o capítulo referido, em momento algum, repete a utilização de tal palavra, como uma forma de suavizar a própria narrativa. Isso remete às maneiras de imaginar a morte, especialmente entre os séculos XV e XVI, quando “a morte no leito [...] é um rito apaziguante, que

³³⁷ CARVALHO, O. G. Rego de. **Ulisses entre o Amor e a Morte**. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1953, p. 13.

³³⁸ PLATÃO. Defesa de Sócrates. In: **Sócrates**. Seleção de Textos. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 26.

soleniza a passagem necessária”³³⁹. Ainda há o aspecto de tentativa de se aproximar da maneira como muitas pessoas, especialmente aquelas de cidades interioranas do Piauí, referem-se eufêmica e metaforicamente à morte.

Para O. G. Rego de Carvalho, a morte pode ser, sim, um tema que eleva a literatura piauiense a outros patamares, pois descentraliza a escrita em relação a pressupostos deterministas ou de uma identidade ligada a imagens cristalizadas e estanques. De maneira tangencial, pode-se pressupor que a narrativa do literato sugere que o piauiense não é só o vaqueiro, que sofre com a seca, com a falta de terra e que vive em condições quase animais. O “piauiense”, mesmo ele não remetendo diretamente a essa noção identitária, é também o homem citadino, que se inquieta com a mudança de uma cidade a outra, em busca de trabalho, de estudos e de tratamento de saúde, como está expresso em *Ulisses entre o Amor e a Morte*, por exemplo. A morte não atinge ao homem somente pela fome e pela miséria, mas por situações várias que acometem qualquer ser humano, independente de sua localização socioeconômica. Seus livros põem em relevo a ideia de que a literatura não precisaria seguir os moldes da seca, conflitando com a generalização feita sobre a “literatura piauiense”, que, para alguns intelectuais estaria “centrada na seca”³⁴⁰.

É o que ele demonstra em *Somos Todos Inocentes*, quando menciona as intrigas entre duas famílias por causa do desentendimento no passado, que acabou com o assassinato de um homem, que havia sido contratado pelo intendente Raimundo Barbosa, para assegurar a integridade de um jardim na praça central, em frente à Igreja da cidade de Oeiras. O conflito se deu pelo fato de, certa noite, Ananias, afilhado muito querido do coronel Joaquim Ribeiro, ter sido repreendido a tapas pelo vigia do jardim. Depois disso, o vigia apareceu morto e a culpa recaiu no capitão Joaquim. Desde então, as duas famílias se odeiam. Essa morte, na qual o vigia “apareceu desfalecido junto a uma touceira de açucenas, os olhos esbugalhados e sanguíneos”, é uma forma que o escritor encontrou para sinalizar para as tensões entre o poder local dos fazendeiros, chamados de coronéis, e a política de intervenção dos intendentos, que permaneceu até 1930. A morte, como acirramento das disputas políticas entre as duas famílias, reaparece quando um dos filhos do intendente Raimundo Barbosa, Luís, foi assassinado. Ele se envolvia com Celina, da família dos Ribeiro, e, depois de pedi-la em casamento, resolveram fugir, para ficarem

³³⁹ ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 55.

³⁴⁰ SILVA, Maria Celestina Mendes da. **A representação da seca na narrativa piauiense: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Caetés, 2005, p. 67.

juntos: “fugiram uma semana depois, a cavalo. Mas antes que chegassem à fazenda, Luís foi baleado, vindo a falecer, entre as lágrimas da noiva”³⁴¹. Esse episódio viera a acontecer logo após a morte de Raimundo Barbosa, depois de ter perdido as eleições para o candidato apoiado por Joaquim Ribeiro. José e Luís eram os dois filhos do intendente, sendo que José ficou responsável pelos assuntos e negócios das posses do pai. Luís era um boêmio, que gostava de festas e diversão. Contudo, José ficou profundamente magoado com a morte de seu irmão, alimentando um ódio incondicional aos Ribeiro. Esse ódio vai ser o entrave para a aproximação entre Dulce, sua filha e Raul, da família dos Barbosa.

A figura do Joaquim Ribeiro, na obra de O. G. Rego de Carvalho, faz uma espécie de denúncia do poder que os coronéis - pois Joaquim Ribeiro assume o papel na obra de coronel - possuíam durante o período conhecido como República Velha. No livro *Somos Todos Inocentes*, o “Velho”, como era chamado o capitão Joaquim Ribeiro, consegue vencer o seu rival, Raimundo Barbosa, que tentava se reeleger. Isso remete ao poder que os coronéis tinham de manipular os votos das eleições, visto que o sistema eleitoral da época era frágil, sobretudo pelo fato de o voto ser aberto e os coronéis enviarem seus capangas para o local de votação para intimidar os eleitores.

Mesmo passados alguns anos da morte do pai e de seu irmão, Luís, José continuava a alimentar ódio pelos Ribeiro. Encontrava-se entristecido e doentio com os momentos ruins dos negócios que herdara do pai e, em certo dia, voltando para a cidade, montado em sua égua, enfrenta, com sofreguidão, a travessia do riacho. A morte, assim, está inscrita na perspectiva de que o tempo não é finito, como em um sentido cronológico, pois a lembrança é a luta contra o esquecimento, ou ainda, o esquecimento é a condição necessária para que a lembrança se mantenha. Ao chegar à cidade já à noite, ouve a batida e a música no Sobrado, onde Dulce já estava para uma festa de recepção dos familiares de Raul. A égua de José não aguentando a longa viagem e os vários esporões de seu dono, cai perto do Sobrado e morre. José, meio delirante, vai até sua casa, com a dúvida se Dulce estaria em casa ou no baile. Sua esposa, D. Odete, o recebe e percebe que não está bem, e quando Dulce chega e imediatamente ela pede para a filha chamar o médico. O boticário, ao analisar diz: “Infelizmente nada posso fazer – disse virando o rosto. Desculpem”³⁴². A morte mais uma vez cerca a família. Após a morte do pai, Dulce descobre a índole de Raul, que engravidara Pedrina, filha do sacristão. No entanto, Raul afirma que não se casará com

³⁴¹ CARVALHO, O. G. Rego de. **Somos Todos Inocentes**. 3. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1985, p. 13.

³⁴² CARVALHO, O. G. Rego de. **Somos Todos Inocentes**. Op. cit, p. 32.

Pedrina e que ela deve realizar um aborto. No desespero, Pedrina procura a ajuda de Dulce, para que ela convença Raul a se casar com ela, mas Dulce então diz: “Ele pertence a uma família com outros costumes...”³⁴³. Essa fala de Dulce indica como as relações conjugais, na cidade de Oeiras do início do século XX, eram ainda determinadas por interesses familiares, que disputavam o poder na localidade.

As ações dos indivíduos eram condicionadas por suas origens familiares, econômicas e políticas. Isso é endossado quando Raul e Ananias estão conversando sobre a gravidez indesejada de Pedrina. Raul fala que está comprometido em noivado com Maria do Amparo, dizendo que “[...] não fosse isso eu me casava com ela. Uma morena e tanto!”³⁴⁴. Admirado com essa afirmação do neto do padrinho, Ananias indaga: “E seu Raul teria coragem? Muito pobre, segundo ouvi dizer. Não é pro senhor”³⁴⁵. Ananias sabia que o principal critério para haver casamento na família dos Ribeiro era ser de família influente politicamente e com posses. Até nesse sentido, O. G. Rego de Carvalho tocou em uma outra instância da vida e da morte: o aborto, que, inclusive, intitula um capítulo do livro. Tanto Raul, quanto sua mãe mencionavam-no como a única saída para preservar o nome da família, pois, como falava a mãe de Raul, “É preciso cuidar logo do aborto, antes que dê muito na vista”. A maneira como os dois se referiam ao aborto remete à prática cultural da região e da época, em que pensar uma vida sendo ainda gestada não afligia tanto quanto os interesses familiares. De fato, nem se pensava no aborto como um ato de assassinato, ou tão penoso como a morte de um nascido.

Somente quando o aborto acontece, de maneira semiacidental – pois Pedrina cai, mas ela já havia imaginado que um forte tombo talvez resolvesse seu problema e por isso não o evitou – é que a grávida pensa que está cometendo um crime contra a vida, dizendo a Dulce: “Foi uma loucura... – balbuciou a rapariga, quase no último alento. Não suportei a vergonha. Sou uma miserável, Dulce, uma assassina!”³⁴⁶. Pedrina estava em um misto de sentimentos: a vergonha, as convicções religiosas em relação ao quase suicídio e ao aborto, que, naquele instante, ela via como um assassinato. O interessante, na maneira como ela fala à sua amiga, é que, em momento algum ela se queixa da perda do filho, mas se preocupa com a sua reputação, pois ela se refere sempre a ela mesma, falando de sua

³⁴³ CARVALHO, O. G. Rego de. **Somos Todos Inocentes**. 3. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1985, p. 65.

³⁴⁴ CARVALHO, O. G. Rego de. Op. cit, p. 112

³⁴⁵ CARVALHO, O. G. Rego de. Op. cit, p. 112.

³⁴⁶ CARVALHO, O. G. Rego de. Op. cit, p. 168.

vergonha, por ser uma miserável, por ser uma assassina. Aquele ser que foi gestado por acidente, por um “acidente” seria aniquilado sem nenhuma, ou quase nenhuma afeição.

Vale abrir um parêntese para a ênfase que O. G. Rego de Carvalho dá ao “sofrimento” da égua de José, que, na narrativa do escritor, resiste durante todo o percurso para satisfazer as necessidades de seu dono. Essa descrição do animal, que, cumprida a sua tarefa, agoniza até a morte, faz lembrar a descrição feita por José de Alencar, no livro *Cinco Minutos*. Nesse livro, de um autor que O. G. Rego de Carvalho admite ser um de seus grandes inspiradores no rol dos literatos, há, também, o sacrifício de um cavalo, em favor dos desejos de seu dono para realizar seu intento de deslocamento. No livro de José de Alencar, o personagem é movido pela paixão que sente, em busca de sua amada. No livro de O. G. Rego de Carvalho, o personagem José é conduzido pelo ódio que sente pela família que teria desgraçado a sua. Enquanto em um livro o principal motivo é o amor e a vida, no livro do escritor piauiense, os impulsos se dão pela morte e pelo ódio.

Tal livro, mesmo não tendo a pretensão de ser um “romance histórico”, pontua uma série de elementos que são expressões da realidade política, social e econômica daquela época no Piauí, sobretudo na cidade de Oeiras. Na antiga capital do Piauí, que, no período da narrativa, ainda parecia sofrer com a transferência, os costumes patriarcais e paternalistas eram marcantes, sobremaneira as práticas coronelistas. Ao expressar essas características da política, da economia, da seca que afligira em 1915 a cidade e o nordeste; ao mencionar práticas que seriam “típicas” do cotidiano da região nordeste, não estaria O. G. Rego de Carvalho escrevendo um texto nos contornos regionalistas? Provavelmente sim, mas a pretensão do escritor não era escrever já pensando em uma localização ou classificação literária.

O seu “regionalismo”, ou melhor, o “regionalismo” que a ele a crítica certas vezes atribui, é revestido de outros vieses que não necessariamente os acontecimentos geográficos ou naturais, nem mesmo as implicações e gerenciamento desses, a política e a economia. Em sua narrativa é possível perceber que não é só a natureza que impinge sofrimento ao homem do interior do Piauí, do nordeste. São suas próprias ações, suas escolhas que o levam à felicidade ou a infortúnios. As temáticas tidas como “universais”, como a morte, o amor, a infância, a juventude e a loucura são as preocupações dominantes, a sua maneira de compor seus enredos.

4.4 Nas regras da arte: entre letras e ilustrações

No presente tópico, foram analisadas as capas de algumas edições de *Ulisses entre o Amor e a Morte*, *Rio Subterrâneo*, *Somos Todos Inocentes* e a capa de *Ficção Reunida*. O primeiro por ter sido o livro com o maior número de edições, exatamente quinze, além de três edições em Espanhol. O segundo por se tratar daquele com maiores mudanças de ilustração entre as capas das sucessivas edições. *Somos Todos Inocentes* é o livro com o menor número de edições. *Ficção Reunida* é um livro abordado pelo desafio em se ilustrar uma brochura que contém os outros três livros do literato. É importante mencionar que nem todas as capas de todas as edições foram aqui reproduzidas e/ou analisadas. Ou porque não foram encontradas algumas edições, ou pelo fato de que algumas edições trazerem capas que não mudaram em relação às anteriores. Inicialmente será feita uma breve apresentação das ideias que norteiam os livros, não por meio de resumos do enredo, mas pela interpretação feita por críticos acerca da obra. Posteriormente, as obras serão analisadas a partir das ilustrações de edições das obras, discutindo as aproximações e distanciamentos entre o texto e a imagem. Algumas observações sobre as “atualizações” textuais também foram feitas, com o intuito de perceber as temporalidades que cortam as edições.

Conforme Sevcenko³⁴⁷ e Decca³⁴⁸, um grande desafio imposto ao historiador, sobretudo quando se empenha na construção do conhecimento em parceria com a narrativa ficcional, é ponderar entre compreensões subjetivas e entendimentos objetivos. Quando a escrita está sendo interpretada não é uma tarefa de atribuir sentidos somente às palavras. O autor do texto é inevitavelmente interpretado, pois não há texto sem os traços do autor, que, por sua vez, é marcado pelo mundo que o cerca, mundo esse que também é transformado pela escrita do autor. Não há imaginação, por mais absurda que possa parecer, sem nenhuma vinculação com o mundo real, pois caso contrário, não seria nem possível de ser compreendida por nenhum leitor ou interlocutor. Da mesma forma não há nenhuma realidade que não seja capaz de ser potencializada por atos de invenção e criatividade. Por esse viés, não há texto unicamente psicológico e nem texto unicamente social. Textos sócio-psicológicos ou psico-sociológicos parecem ser o gênero mais

³⁴⁷ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira república. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

³⁴⁸ DECCA, Edgar S. de.; LEMAIRE, Ria (Orgs.). **Pelas margens**: outros caminhos da história e da literatura. Campinas, Porto Alegre: EDUNICAMP; EDUFRGS, 2000.

apropriado para os romances de O. G. Rego de Carvalho. O literato “inscreve-se nessa linha do romance sócio-psicológico”³⁴⁹. Se os seus textos estão nessa perspectiva entre o social e o psicológico, como se dá a percepção da realidade em suas obras? Seus personagens são expressões da inventividade ou projeções do “eu” do escritor e não do “eu” literário? O próprio escritor, em muitas entrevistas afirma que muito do que está escrito é uma revelação literária de sua vida, de seus desejos, anseios e medos. Sobre seus textos, O. G. Rego de Carvalho diz que “constituem autobiografia espiritual, refletem meus sentimentos e ideias”³⁵⁰. Ao contrário do que se possa pensar inicialmente, sentimentos e ideias não se inserem unicamente na dimensão interna ao indivíduo, pois são formulações que são engendradas no decorrer das inserções e relações sociais.

Assim, a escrita literária, especificamente o romance, agrega várias dimensões que dão a ela características ambiciosas. Segundo Marthe Robert³⁵¹, essa marca do romance foi se constituindo ao longo dos séculos XVIII aos princípios do XX, oscilando entre posturas negativas e posturas extremistas em relação ao romance. Um dos maiores questionamentos sobre o romance é sobre o seu status de veracidade, o que, para alguns críticos, determinaria o “bom” do “mau” romance. Contudo, “o romance nunca é verdadeiro nem falso, fazendo apenas sugerir um no outro, isto é, dispondo sempre exclusivamente da escolha entre duas maneiras de enganar, entre duas espécies de mentira que apostam desigualmente na credulidade”³⁵².

No tocante ao “real” em O. G. Rego de Carvalho, Francisco Miguel de Moura afirma que “O real em O. G. Rego é Oeiras e seus símbolos (o Sobrado, a Fazenda, o Pé de Deus, o Pé do Diabo, etc.). O sobrado, por exemplo, vai ser um ponto de maior observação por parte dos ilustradores do livro *Rio Subterrâneo*. É a infância e seus problemas. É a loucura e sua problemática ainda tão mal conhecida.”³⁵³. Tal “real” ainda pode ser visualizado na espacialidade de Teresina também com seus símbolos (o Liceu Piauiense, a Praça do Liceu, a Praça Pedro II, o Teatro 4 de Setembro etc.) e, em alguns momentos, na

³⁴⁹ MOURA, Francisco Miguel de. *O. G. Rêgo e o Romance sócio-psicológico*. Teresina, 20 de março de 1997. Semana O. G. Rêgo de Carvalho. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/exibetexto.php?cod=1968&cat=Ensaio&vinda=S>>. Acesso em: 22 abr. 2011, p. 01.

³⁵⁰ CARVALHO, O. G. Rego de. Apud KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 315.

³⁵¹ ROBERT, Marthe. **Romance das origens, origens do romance**. Trad. André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

³⁵² ROBERT, Marthe. Op. cit, p. 27.

³⁵³ MOURA, Francisco Miguel de. *O. G. Rêgo e o Romance sócio-psicológico*. Teresina, 20 de março de 1997. Semana O. G. Rêgo de Carvalho. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/exibetexto.php?cod=1968&cat=Ensaio&vinda=S>>. Acesso em: 22 abr. 2011, p. 03.

cidade de Timon, no Maranhão. O real é uma essência que cada indivíduo apreende e subjetiva, tornando visível uma ou várias realidades. Isso é demonstrado nas obras de O. G. Rego de Carvalho, pois as cidades de Oeiras, Teresina e Timon são a realidade literariamente percebida pelo autor. São cidades “subterrâneas” porque expressam os sonhos, angústias e medos do autor.

A sua escrita ser carregada de subjetividade não significa falta de lucidez e racionalidade. Os textos de O. G. Rego de Carvalho, além de contemplarem em primeiro plano as dimensões mais universais do ser humano, retratam as configurações sociais, espaciais, políticas e culturais de sua época e de suas memórias. Pois, como destaca Michel de Certeau³⁵⁴, a escrita, assim como a produção artística, é o resultado do pensamento em sua localização social, espacial e institucional.

Desde o primeiro livro, *Ulisses entre o amor e a morte* (1953), a escrita de O. G. Rego de Carvalho tem chamado a atenção da crítica literária e de estudiosos de uma forma geral. Os comentários tentam significar e localizar o autor em uma determinada perspectiva literária, destacando o seu estilo ousado e inovador. *Ulisses entre o amor e a morte* deixou a impressão de “uma poesia misteriosa” que estarreceu e, ao mesmo tempo, encantou os seus pares.

Em *Rio Subterrâneo* (1967), há onze comentários de críticos destacando as qualidades do livro e do autor. Na contracapa do livro encontra-se o depoimento de Carlos Drummond de Andrade afirmando que: “De Rio Subterrâneo tirei forte sensação de obra calcada no que o homem tem de mais dolorido e profundo; e trabalhada com aguda consciência artística. É desses livros que a gente não esquece”. A afirmação de Drummond é importante, principalmente quando fala de “consciência artística”, pois demonstra que a obra não é tão somente uma projeção de experiências pessoais do autor, mas elaborada com propósitos estilísticos bem definidos. Nesse sentido, pensar as relações entre os livros do literato e as ilustrações que adornam as capas de diferentes edições, é compreender que há, em certa medida, lutas de representação. Segundo Pierre Bourdieu³⁵⁵, é por meio de tais lutas de representação que são definidos os “poderes de consagração estética”, tanto do escritor como do ilustrador. Por esse viés, a relação entre escrita e imagem só pode ser apreendida por meios das representações, que expressam o caráter relacional entre estética e estilo. É sobre essa obra impactante e conflituosa que os ilustradores tiveram de se debruçar para representá-la pelo olhar da arte pictórica, das imagens. As ilustrações e suas

³⁵⁴ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

³⁵⁵ BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

relações com os textos escritos indicam que a prática intersemiótica é inerente ao processo interpretativo de confecção das capas dos livros.

O universo das representações imagéticas, ou seja, da iconografia, é demasiado extenso, visto que engloba pinturas, desenhos, esculturas, charges, filmes, fotografias etc. Por razão dessa amplitude, e em decorrência do objeto deste estudo, optou-se pela utilização e discussão a partir das ilustrações das capas de quatro livros de O. G. Rego de Carvalho. O debruçar sobre as capas, como composição do arcabouço empírico, permite a visualização das trajetórias da escrita, ampliando os horizontes para o aprofundamento não somente das obras em si, mas das configurações histórico-culturais de produção e consumo de tais textos.

Uma característica à parte dos livros do literato é a que se refere às ilustrações das capas. O leitor se depara, a partir das capas, com muitas das sensações e sentidos que, em grande medida, são expressos ao longo da narrativa. É fundamental que se diga que, no universo do campo cultural, literatura e imagem devem analisadas à luz de certos referenciais, sejam eles estéticos ou sociais, para que as inferências não sejam, também, de cunho unicamente subjetivo.

É preciso atentar para as consonâncias e dissonâncias entre texto e imagem, não como uma postura metódica da busca de uma verdade absoluta, mas no intuito de perceber que há sistemas relacionais de verdade que se produzem pela literatura e pela imagem, pois, como alerta Peter Burke³⁵⁶, é importante observar os pontos de inserção de cada imagem e texto nas configurações sociais nos quais se inserem.

Necessário se faz perceber que essa inserção não se dá somente no momento de produção da obra, seja literária ou artística, mas em toda a sua trajetória de consumo e apropriação. Segundo Roger Chartier³⁵⁷, falando especificamente do livro, a visualização dessa trajetória permite compreender as relações de poder em que autor, produção, consumo e apropriação estão imersos. Há uma complexa relação entre leitor, autor e artista, pois são sujeitos diferentes que consomem o texto de maneiras também diferentes. É no seio dessa complexidade que “o leitor da imagem é convidado a compartilhar as emoções dos personagens, e o artista se esforça em se pôr à altura do romancista”³⁵⁸. O ilustrador tenta dar vida às relações e ações dos personagens, sobretudo dos protagonistas.

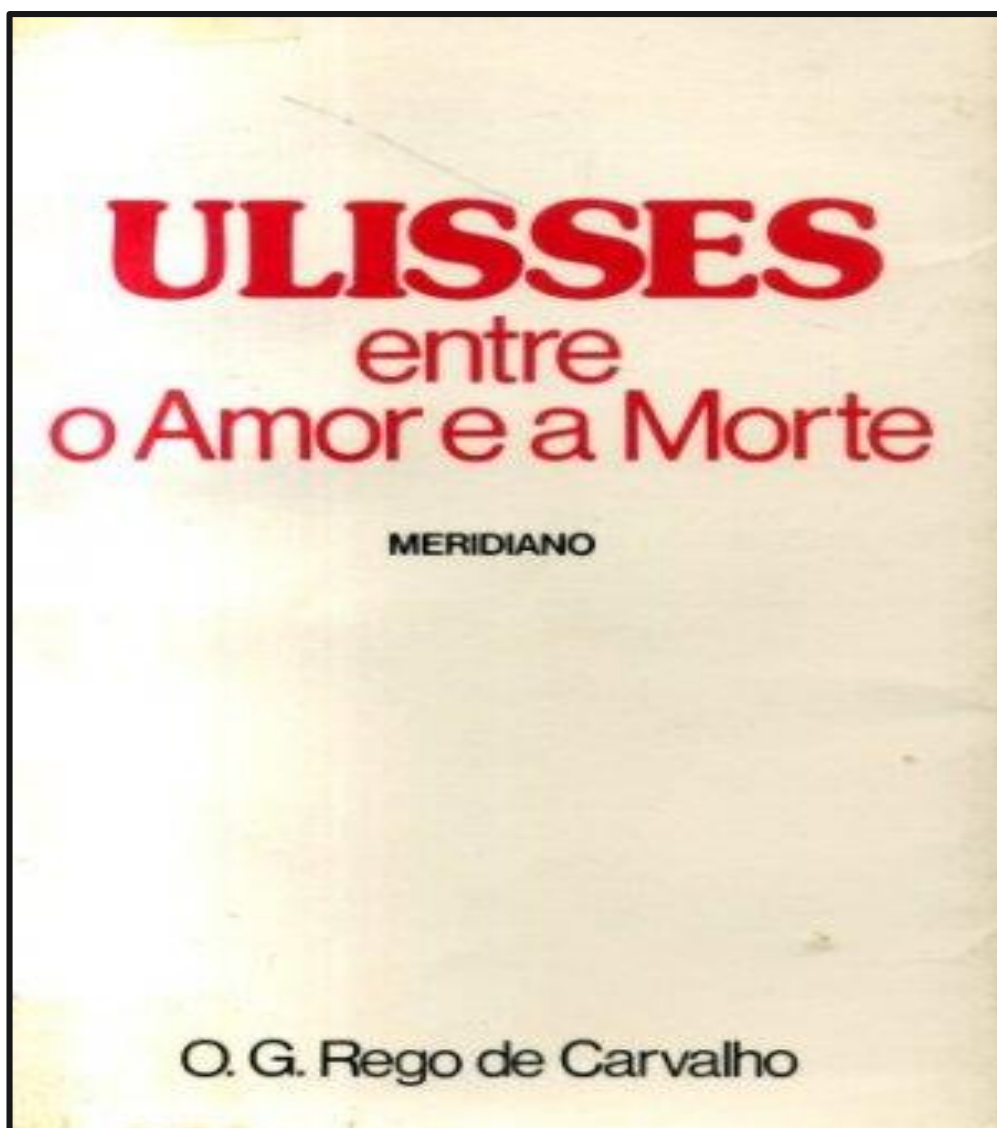
³⁵⁶ BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

³⁵⁷ CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

³⁵⁸ DOODY, Margareth. Dar rosto ao personagem. MORETTI, Franco. **O Romance**: a cultura do romance. Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 579.

A partir disso, é possível traçar algumas análises acerca das capas e suas ilustrações, começando por *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953):

Capa 1 – Capa da 1ª edição de “Ulisses entre o Amor e a Morte”



Fonte: CARVALHO, O. G. Rego de. *Ulisses entre o Amor e a Morte*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

Ulisses entre o Amor e a Morte foi publicado em 1953, quando O. G. Rego de Carvalho tinha vinte e três anos de idade. Para os críticos da época, a idade do escritor servia para endossar argumentos polarizados. O livro ora foi visto como surpreendente pela jovialidade do escritor, ora foi visto como incipiente em função desse mesmo elemento jovial. A ilustração dessa edição do livro marcará o estilo de todas as capas e de todas as edições publicadas pela Editora Caderno de Letras Meridiano, que tinha em O. G. Rego de

Carvalho, um de seus principais editores, visto que tal editora era ligada ao Grupo Meridiano, do qual o escritor era componente.

Quase duas décadas após, a segunda edição sai pela editora Civilização Brasileira, no ano de 1972. Isso se deu, em certa medida, pela parceria que havia publicado, em 1967, *Rio Subterrâneo*. O interessante é que o corpo editorial fez questão de enfatizar, no texto de orelha do livro, que “este seu relançamento assume foros de uma primeira edição”, pois, segundo os editores, a publicação da Editora Caderno de Letras Meridiano não teria alcançado um número mais significativo de leitores.

Nessa nova edição, de 1972, há uma capa com uma ilustração mais colorida, se comparada à edição anterior. Quem assina a capa é Roberto Franco, que expressa sua interpretação do livro com a imagem de uma janela, cuja visão se dá para uma rua arborizada, casas com paredes azulejadas e telhas vermelhas aparentes. É a sua visão de uma cidade do Piauí.

Outro ponto que torna essa segunda edição diferenciada em relação às demais são as ilustrações que adornam a abertura de cada um dos cinco capítulos que compõem o livro, quais sejam *Viagem de Cura*, *A Selga*, *Adolescência*, *Os Pombos* e *Conceição*. A imagem de uma velha rabiscando uma palavra no chão remete ao início do Primeiro Capítulo, em que Ulisses, personagem central do livro, relata o episódio em que uma velha escreve seu nome no chão. Para o Capítulo II, Roberto Franco desenhou uma figura feminina, com feições suaves e sorriso discreto, o que, em boa medida, parece descrever a imagem de Ovídia, que recebera ele e seu irmão, “oferecendo cocadas e pães-de-ló”³⁵⁹. Abrindo o Capítulo III está a imagem que intenta demonstrar os conflitos de relação de Ulisses com seu pai e sua mãe, em meio às suas angústias e inquietações típicas da adolescência. “Breve, num mundo de nuvens, eu vi inúmeros pombos em revoada, por cima dos morros que cercavam Oeiras”. É a essa fala de Ulisses que a ilustração do quarto capítulo faz referência. A ilustração do último capítulo tenta retratar Conceição, a garota por quem Ulisses se apaixona e conhece os efeitos do amor.

³⁵⁹ CARVALHO, O. G. Rego de. **Ulisses entre o Amor e a Morte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, p. 24.

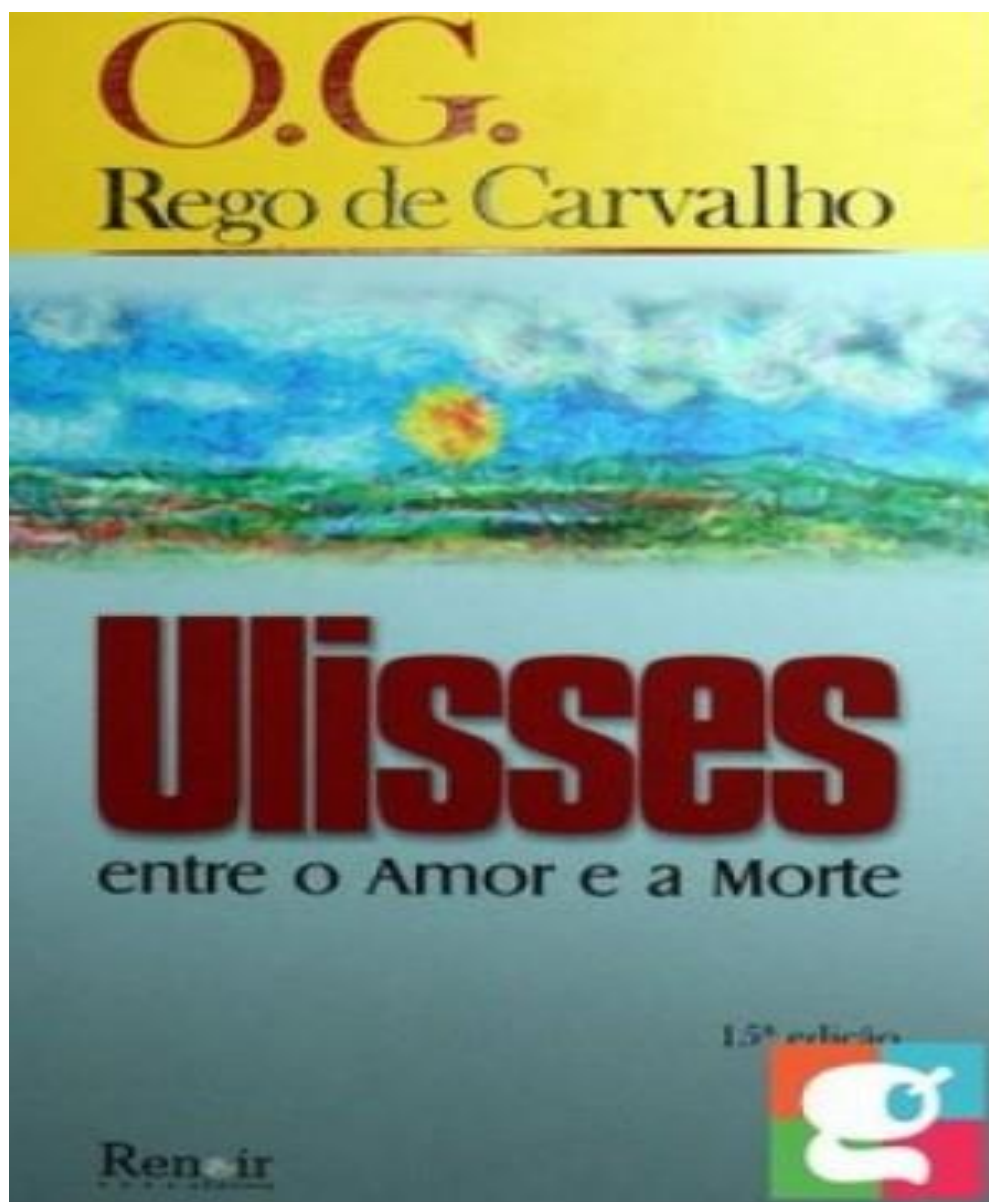
Capa 2 – Capa da 2ª edição de “Ulisses Entre o Amor e a Morte”



Fonte: CARVALHO, O. G. Rego de. *Ulisses entre o Amor e a Morte*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

A última edição, pelo menos aquela da qual se tem conhecimento, data do ano de 2013, lançada no mesmo ano da morte do escritor, meses antes do fatídico ocorrido. Publicada pela Editora Renoir, impressa pela Gráfica Halley. A capa é assinada por Paulo Moura. A ilustração segue o estilo do real-abstrato, ou seja, a realidade disforme é apenas uma sugestão de imagem.

Capa 3 – Capa da 15ª edição de “Ulisses entre o Amor e a Morte”



Fonte: CARVALHO, O. G. Rego de. **Ulisses entre o Amor e a Morte**. 15. ed. Teresina: Renoir, 2013.

No tocante às capas para as edições em Espanhol, de 2004³⁶⁰, 2005³⁶¹ e 2007³⁶², algumas observações também podem ser traçadas. A edição realizada pela editora universitária preferiu trazer a foto do busto do escritor, em preto e branco, acompanhada de um fundo verde, além do nome do autor e do título do livro em cor amarelo. A foto que figura a capa é datada de 1967, feita no Rio de Janeiro, para a ocasião do lançamento da

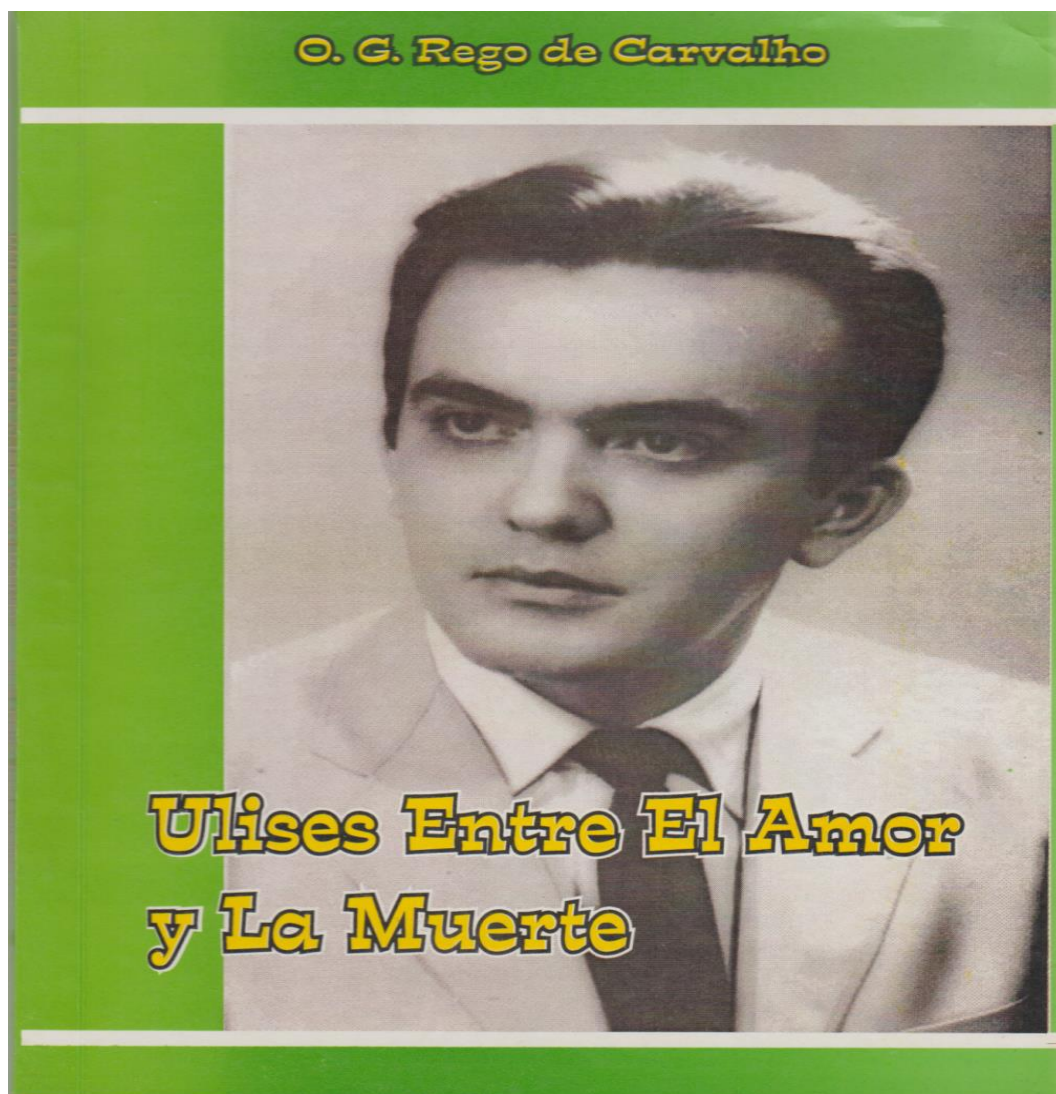
³⁶⁰ CARVALHO, O. G. Rego de. **Ulises entre el Amor y La Muerte**. Teresina: EDUFPI, 2004.

³⁶¹ CARVALHO, O. G. Rego de. **Ulises entre el Amor y La Muerte**. Teresina: Oficina da Palavra, 2005.

³⁶² CARVALHO, O. G. Rego de. **Ulises entre el Amor y La Muerte**. Teresina: Fundação Quixote, 2007.

primeira edição de *Rio Subterrâneo*. Nos dados técnicos do livro não consta nenhuma informação sobre a capa, o que indica que não houve nenhum artista, ilustrador ou desenhista responsável diretamente por ela.

Capa 4 – Capa da 1ª edição de “Ulises entre el Amor y la Muerte”

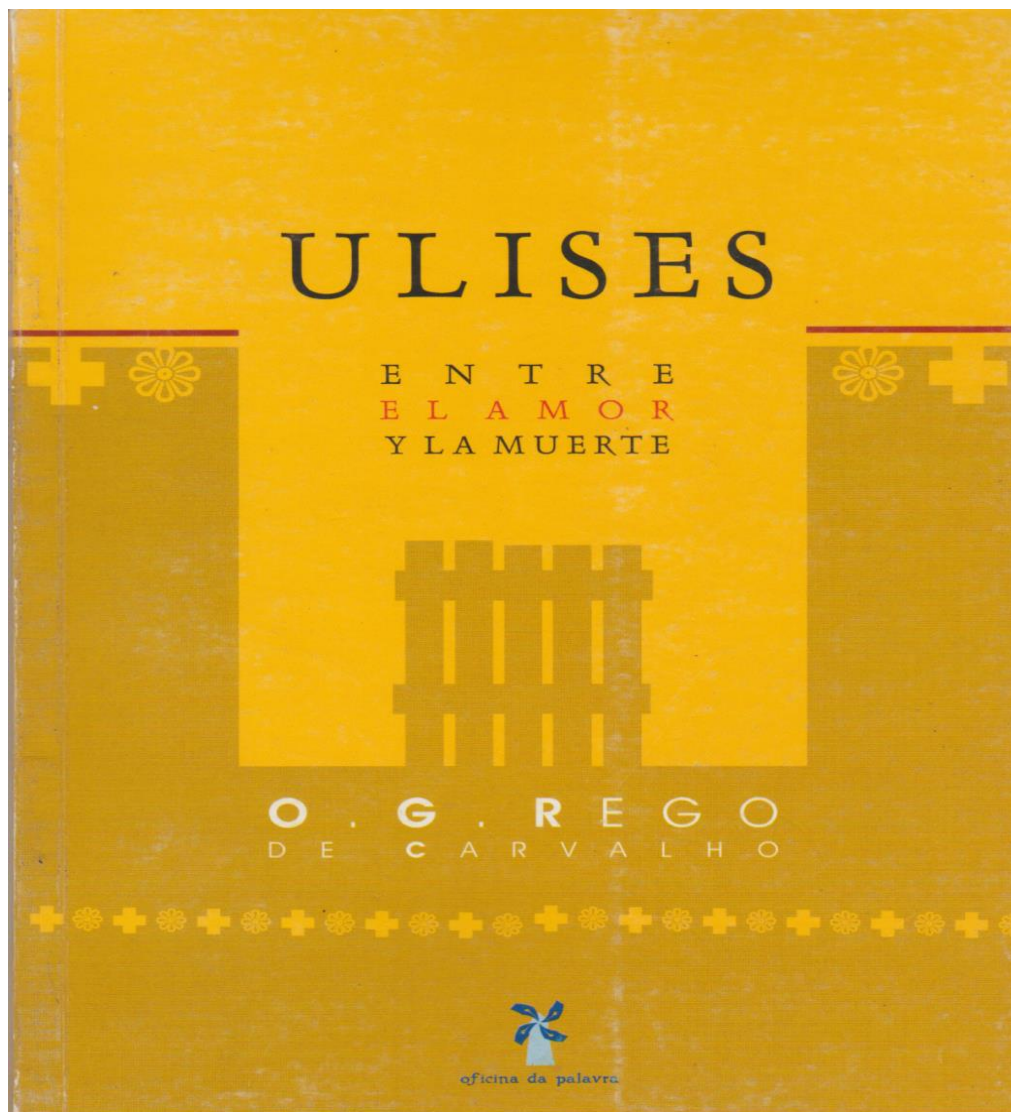


Fonte: CARVALHO, O. G. Rego de. *Ulises entre el Amor y la Muerte*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2004.

A capa da edição de 2005 é assinada pela equipe da Arca Comunicação Ltda. Traz alguns elementos que representariam temas que compõem o enredo do livro. Os dois tons de amarelo, que predominam, são utilizados de tal maneira que formam figuras em forma de flor, cruz e cerca ou porteira. De imediato, essas imagens remetem, em grande medida, ao “amor” e à “morte”, que são as palavras norteadoras do título do livro. A cerca ou porteira faz pensar nas casas e no ambiente familiar do personagem central. Mas, também,

sugere as “passagens”: da infância para a adolescência; da inocência aos desejos; de uma cidade à outra; da vida para a morte. Na quarta-capa está reproduzido, em Espanhol, o texto que está intitulado de “Quente era a manhã, em julho”, que descreve a morte do personagem Ulisses. Esse texto endossa, em grande parte, as ilustrações das flores e da cruz que constituem a capa.

Capa 5 – Capa da 2ª edição de “Ulises entre el Amor y la Muerte”

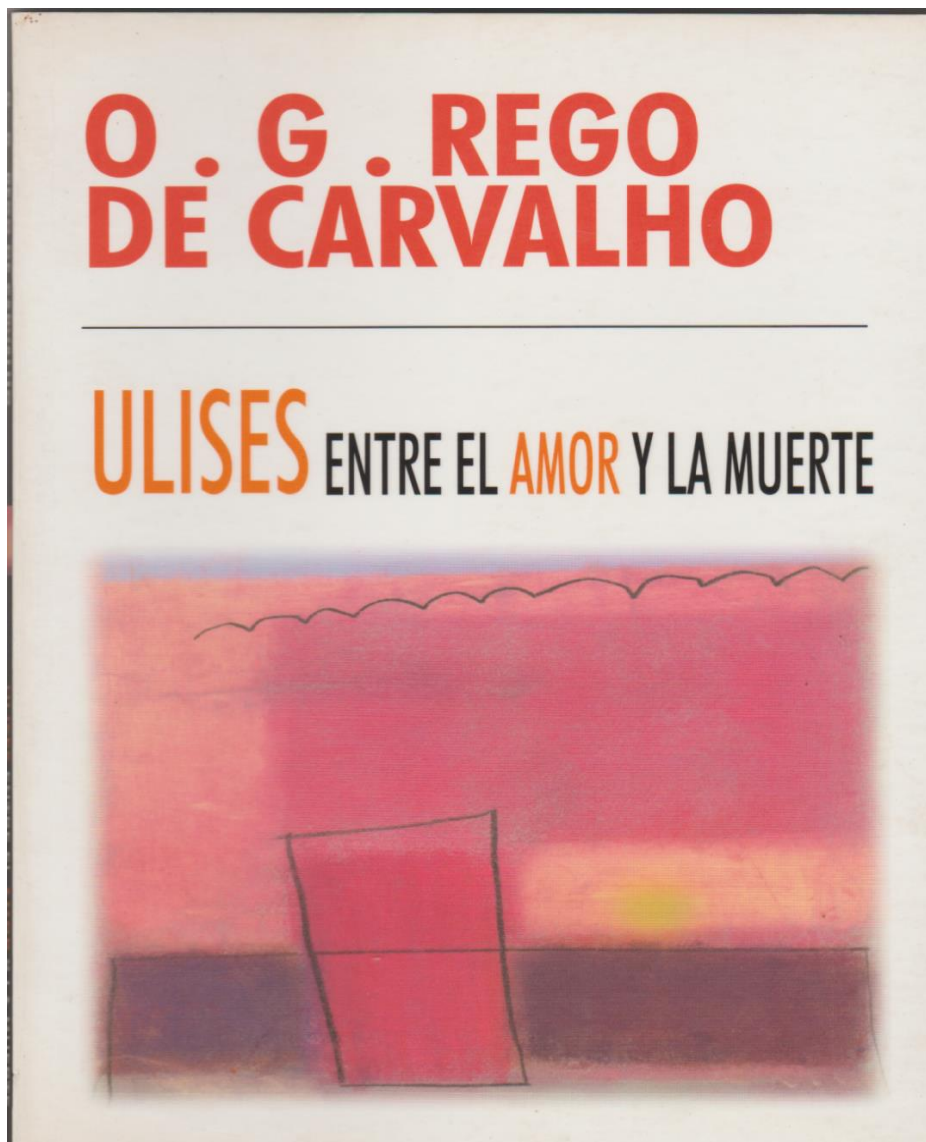


Fonte: CARVALHO, O. G. Rego de. **Ulises entre el Amor y la Muerte**. 3. ed. Teresina: Oficina da Palavra, 2005.

O projeto gráfico da terceira edição ficou a cargo de Gabriel Archanjo e Francinaldo. A ilustração da capa, assim como em outras edições em Português, traz traços simples, como linhas que insinuam a existência de uma casa, com destaque para uma

possível porta e o telhado do local. Uma janela sutil, que dá para o horizonte, visualizando uma luz, provavelmente o sol, também reforça a sugestão dessa casa.

Capa 6 – Capa da 3ª edição de “Ulises entre el Amor y la Muerte”



Fonte: CARVALHO, O. G. Rego de. **Ulises entre el Amor y la Muerte**. 3. ed. Teresina: EDUFPI/APL, 2007.

Nas últimas edições, para além das ilustrações das capas, é importante notar a ênfase dada, na folha de rosto do livro, ao fato de se tratar de uma “edição atualizada”, o que denota, em certa medida, a intenção de tornar o livro cronologicamente adaptado. Passados sessenta anos, o livro estaria apto a ser consumido por um público cujas demandas e práticas, em parte, são distintas da época do lançamento da primeira edição.

É possível tomar alguns exemplos disso, com as mudanças de alguns termos, expressões e sentenças ao longo das edições. São mudanças sutis, mas que, na proposta do autor, dariam melhor sentido ao livro na “atualidade”. Para demonstrar isso, tomaram-se a segunda edição (1972)³⁶³ – que preservou a escrita da primeira edição, e a última edição (2013)³⁶⁴, por se tratar da última revisão e atualização.

No capítulo “Pombos”, é possível, por exemplo, visualizar modificações no texto: o termo “convalescência” é substituído por “convalescença”. Há, ainda, a substituição do termo “bichinhos” por “pombinhos”; “menina” por “moçoila”; “inquieta” por “buliçosas”. A frase “não obstante cansar-me facilmente” alterada por “não obstante cansar-me um pouco se me demorava ao sol”. Outras frases alteradas são: “corri para a porta”, substituída por “saí à porta”; “Ia acenar-lhe que sim”, que foi substituída por “Eu ia revelar quem me dera”; “o coração pulsando fortemente” por “fitando-lhe a boca”; “Arnaldo pôs a mão em meu ombro e sorriu” substituída por “Arnaldo sorriu e se aproximou de mim”. Dentre as alterações também há muitas relacionadas à pontuação, sobretudo ao uso de “vírgula”.

As edições em Espanhol, de 2004, de 2005 e de 2007, de *Ulisses entre o Amor e a Morte*, seguiram as atualizações que são observadas nas últimas edições em Português. A primeira edição em Espanhol foi publicada pela Editora da Universidade Federal do Piauí – UFPI, enquanto a segunda foi lançada pela Editora Oficina da Palavra; e a terceira foi publicada pela Fundação Quixote, ambas localizadas na cidade de Teresina, Piauí.

É interessante mencionar que a escolha pela substituição de termos, acréscimos ou supressões está ligada à tentativa do escritor de tornar o seu texto “atraente” para o público leitor. Além disso, como já destacaram alguns críticos a obra de O. G. Rego de Carvalho, como é o caso de Francisco Miguel de Moura, isso faz parte de uma característica do próprio literato, que busca a “melhor forma” para seus textos.

Nesse sentido, apontar essas mudanças textuais ao longo das edições é demonstrar que o próprio texto é social e historicamente construído, e que compõe o feitiço, também, das “regras da arte”, como forma de manutenção do espaço de atuação literária. Não somente pelo texto em si, mas pelas e nas relações entre o autor, texto e seus diferentes leitores, que se delineiam as formas pelas quais o livro é (re) construído a cada edição. A atualização textual também indica os horizontes de expectativas, tanto do autor quanto dos leitores e mescla, em certa medida, aspectos objetivos e subjetivos.

³⁶³ CARVALHO, O. G. Rego de. **Ulisses entre o Amor e a Morte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

³⁶⁴ CARVALHO, O. G. Rego de. **Ulisses entre o Amor e a Morte**. Teresina: Renoir, 2013.

A dimensão subjetiva e introspectiva é ressaltada, por exemplo, no livro *Rio Subterrâneo*, cujo título incita um leque de interpretações. A ênfase dada ao espaço, como símbolo material máximo da narrativa de *Rio Subterrâneo* (1967), pode ser percebida em algumas de suas edições, que dão destaque a uma figura que representaria o sobrado, que é um dos lugares de memória do personagem Lucínio. Essa relevância é facilmente notada na ilustração da 1ª edição, feita por Marius Lauritzen Bern³⁶⁵, publicada pela editora Civilização Brasileira.

Capa 7 – Capa da 1ª edição de “Rio Subterrâneo”



Fonte: CARVALHO, O. G. Rego de. **Rio Subterrâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

³⁶⁵ Marius Lauritzen Bern nasceu no ano de 1930, na cidade do Rio de Janeiro. Sua origem é estrangeira, pois seu pai, William, era húngaro e sua mãe, Anna, era dinamarquesa. Teve seus estudos iniciais na de Belas Artes na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no ano de 1948, estudando por um ano. É considerado um dos maiores artistas que atuaram como ilustradores na editora Civilização Brasileira. Fez inúmeras ilustrações para autores brasileiros e estrangeiros, especialmente de livros de cunho político e histórico. Faleceu no ano de 2006.

Nessa capa, o sobrado é o centro das informações, antecipando a mesma perspectiva sombria e fantasmagórica que será acentuada na segunda edição de 1976. O personagem principal, Lucínio, não aparece na figuração da capa dessa primeira edição, pois é o espaço o lugar que povoa muitos dos medos e a memória do garoto e isso parece ter sido mais fortemente capturado pelo ilustrador. O isolamento da casa, em meio a uma paisagem seca, também denota a concepção do artista em relação às terras do interior do nordeste. Isso mostra uma representação histórica e culturalmente construída sobre o nordeste, como sendo um território de seca, escassez e miséria. Lugar no qual o determinismo geográfico atua sobre o homem de forma voraz e no qual as condições de vida humana se confundem às configurações da natureza.

Nessa representação, o espaço geográfico é marcado por uma concepção que parece refletir a dicotomia campo e cidade, na qual o campo é visto como o local onde o próprio tempo tem uma dinâmica diferenciada. A ilustração remonta às concepções do conflito entre a cidade e o campo, como destaca Raymond Williams³⁶⁶, que povoam, desde o século XIX, a persistência dessa dicotomia na escrita literária.

A ilustração está em consonância com o que é escrito na orelha do livro dessa primeira edição. Nela encontram-se os comentários feitos por Esdras do Nascimento sobre a obra. Antes mesmo de falar do conteúdo do texto, Esdras do Nascimento faz um longo panorama do que, para ele, seria a realidade da cidade de Teresina e de todo o estado do Piauí. Em suas observações, o estado ainda era marcado pela incipiente produção de gado, por uma deficiente exploração da maniçoba e por mazelas várias de cunho natural. Em sua análise, o contorno ambiental do estado era degradante. Os determinismos geográficos aparecem como amarras que localizam o estado no atraso e no mundo do rural, do antigo. Essa concepção é, em boa medida, endossada pela ilustração de Marius Lauritzen Bern.

Contudo, tal isolamento poderia ainda representar o próprio sentimento de isolamento de Lucínio em meio ao esquecimento de outros lugares, o que se pode afirmar somente quando se conhece o conteúdo da obra. Nesse sentido, parece acontecer o inverso, visto que a capa deveria introduzir o leitor no universo da leitura e não o texto explicar a ilustração da capa.

Cinco anos mais tarde, *Rio Subterrâneo* recebe sua segunda edição. Alguns traços ainda permanecem, como o destaque para as representações sombrias. A característica enegrecida deixa em terceiro plano o que seria a natureza, principalmente as árvores. Em

³⁶⁶ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

certa medida, tal ilustração está escalonada de maneira hierárquica: em primeiro plano, Lucínio; em segundo plano, o Sobrado; e em terceiro, de forma pouco clara, a Vegetação. Vale destacar, em primeiro momento e por meio dessa disposição hierárquica dos elementos que compõem a capa, que a maior distinção entre as duas edições, no tocante às ilustrações, é a apresentação, a retratação da figura do personagem central do livro: Lucínio.

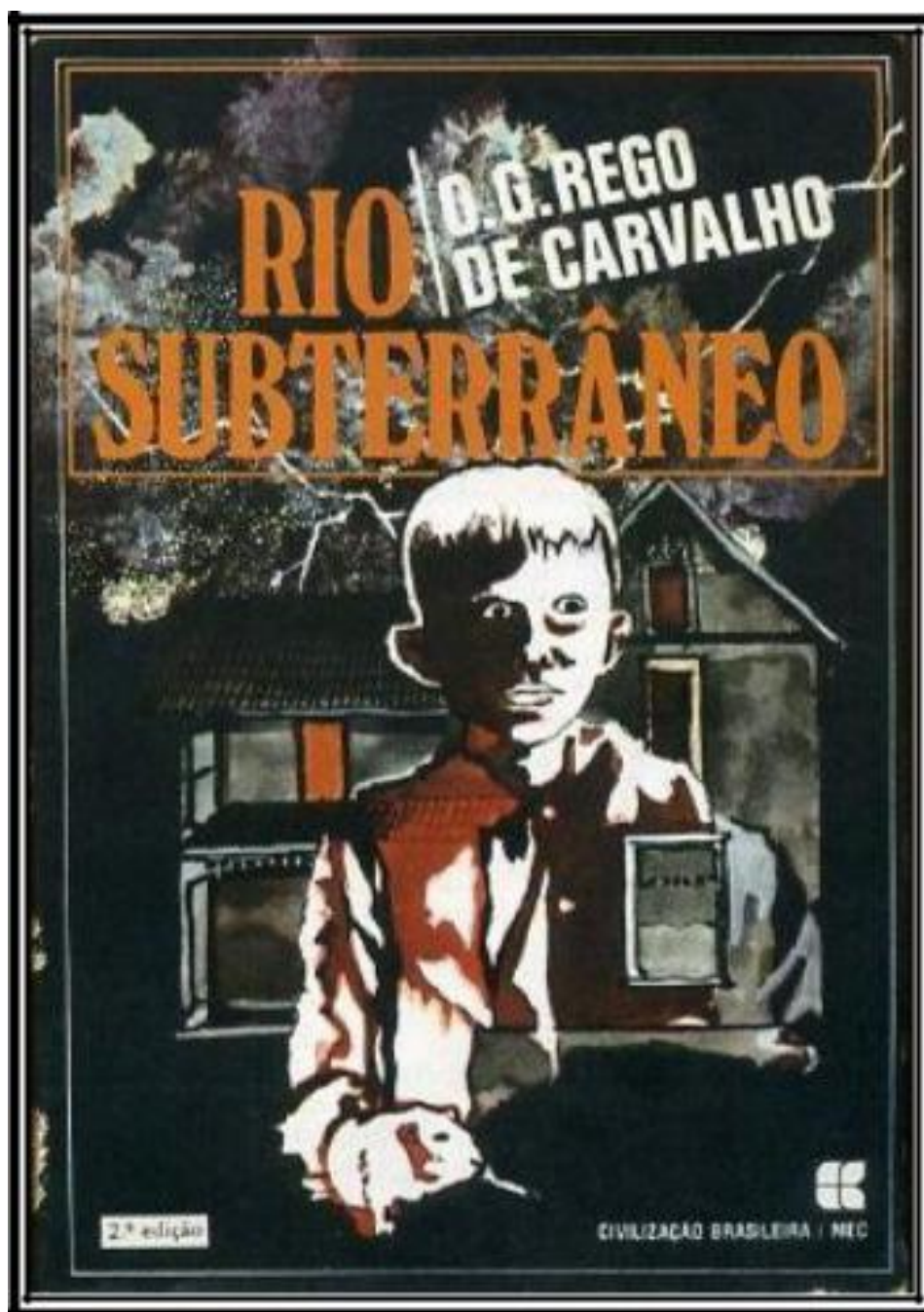
A ênfase no personagem remonta à uma discussão que aproxima ainda mais literatura e imagem, texto e iconografia. Conforme Margaret Doody³⁶⁷, em inglês o vocábulo “character” significa personagem, mas também que dizer “figura” ou “signo”, o que sugere que, desde o início, os personagens de um romance são figuras e signos. Entretanto, o vocábulo em si não consegue, por mais detalhada que possa ser as características agregadas a ele, expressar visualmente tal premissa. Por tal razão, “A iconografia de um personagem pode ser entendida como representação de alguém a ser admirado e desejado, ou desprezado e ridicularizado – mas, de qualquer forma, responde a uma curiosidade que o texto escrito não consegue satisfazer por inteiro”³⁶⁸.

Nessa ilustração da segunda edição, o meio rural e o domínio da natureza sobre a imagem não aparecem como os elementos de destaque em toda a composição. Há, de certa forma, a sugestão das dimensões introspectivas de seus personagens. O principal recurso para isso foi o jogo do “negro-claro”, em que a escuridão refletiria o mundo sombrio que atormentava alguns personagens, sobretudo o principal, Lucínio:

³⁶⁷ DOODY, Margareth. Dar rosto ao personagem. MORETTI, Franco. **O Romance**: a cultura do romance. Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

³⁶⁸ DOODY, Margareth. Op. cit, p. 563.

Capa 8 – Capa da 2ª edição de “Rio Subterrâneo”



Fonte: CARVALHO, O. G. Rego de. **Rio Subterrâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

Nessa ilustração, as cores escuras e pretas pretendem retratar as dimensões intimistas da obra. Para o ilustrador, os problemas de cunho psicológico só podem ser apreendidos como algo sombrio, pois seria o contrário à clareza atribuída à racionalidade. A razão, por esse sentido, não daria espaço para experiências que remetem a estados de espírito. Ademais, isso pressupõe a concepção de se atribuir o desconhecido às trevas. A

escuridão seria sinônimo de tudo o que fosse negativo e indesejado, enquanto que a luz e claridade seriam símbolos não só da racionalidade, mas do estado de espírito ligado às coisas sagradas e religiosas, portanto, socialmente aceitas.

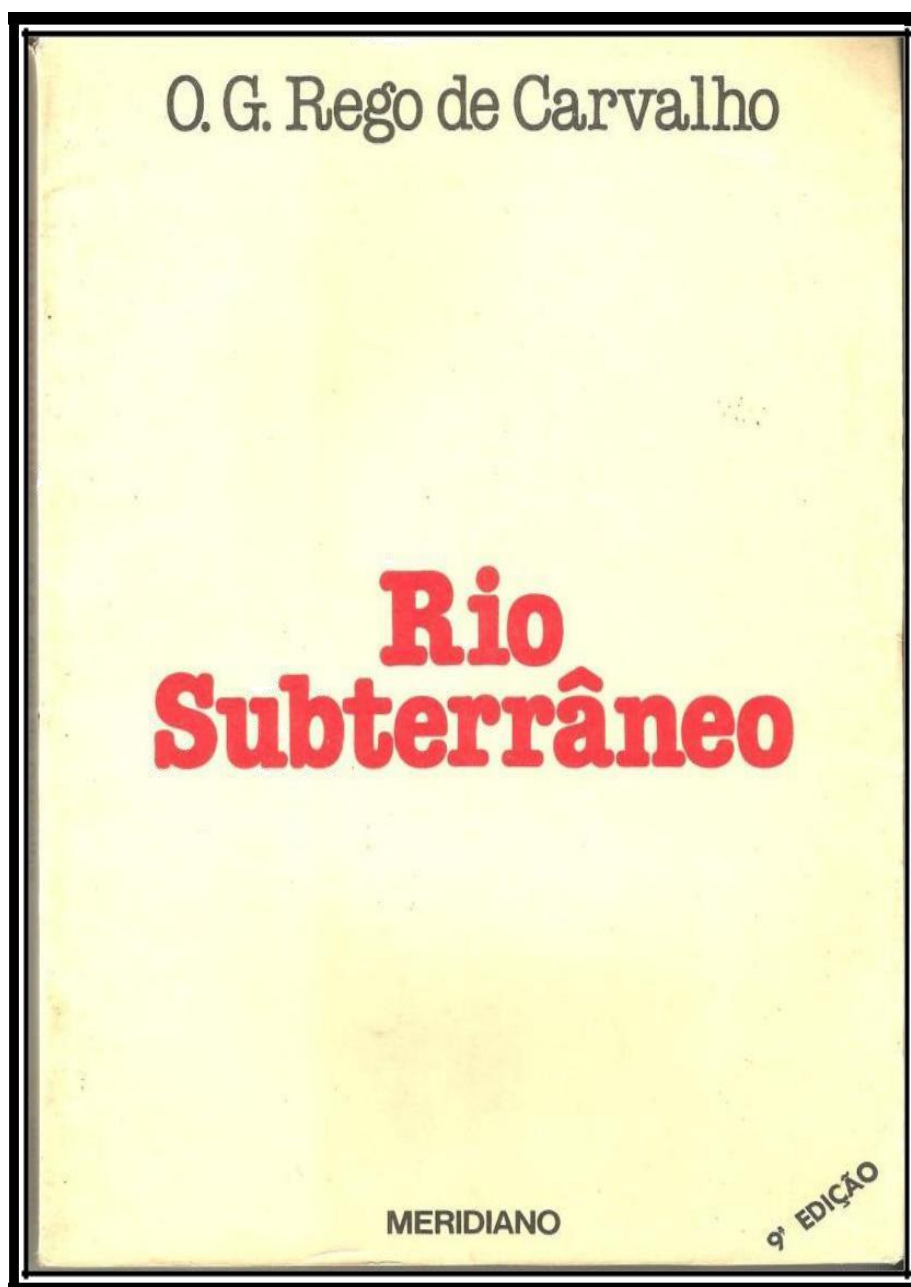
Na capa o artista destacou o que mais lhe chamou a atenção. Em primeiro plano aparece o personagem central, Lucínio, que apresenta sinais de problemas mentais. Na pintura da capa do livro, os olhos do garoto estão com uma expressão que, a priori, remeteria aos transtornos. Ao fundo aparece um prédio que provavelmente representa o sobrado, que é uma das poucas lembranças de Lucínio sobre Oeiras. O sobrado é um lugar de memória que o ilustrador percebe como um espaço que ocupa grande parte das dores sentidas por Lucínio. O destaque dado a Lucínio e a tentativa de captar suas sensibilidades são justificados pelo fato de que, “de modo geral, os ilustradores se concentram nos acontecimentos: tal como os diretores do cinema, eles querem nos mostrar os personagens em ação”³⁶⁹.

No sobrado habita D. Joana, que é uma senhora que enlouquecera quando presenciou o filho sendo atacado por uma cobra. O desespero foi tão intenso que a predisposição para problemas mentais aflorou e ela entrou em um “mundo” no qual ela não conseguia perceber que o filho retornara são e salvo daquele ataque. Desde então, D. Joana vive um quarto nos fundos do Sobrado, no fim de um corredor escuro. A disposição dos elementos e a escolha da cor cristalizam a imagem de que a tristeza e o sofrimento são os aspectos que predominam no livro, como destacou Carlos Drummond de Andrade na contracapa do livro.

Por outro lado, a 9ª edição de *Rio Subterrâneo* traz uma leitura quase que oposta, mas não menos contundente, em relação à primeira e à segunda edições, pois toda a capa está em cor clara e com ausência de figuras. Vale ressaltar que, além das técnicas e estilos de ilustração, cada edição também dispunha de recursos variados, o que provavelmente impactava na configuração das capas, pois quanto mais elaborada fosse, mais elevado seria o custo para sua confecção.

³⁶⁹ DOODY, Margareth. Dar rosto ao personagem. MORETTI, Franco. **O Romance**: a cultura do romance. Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 571.

Capa 9 – Capa da 9ª edição de “Rio Subterrâneo”



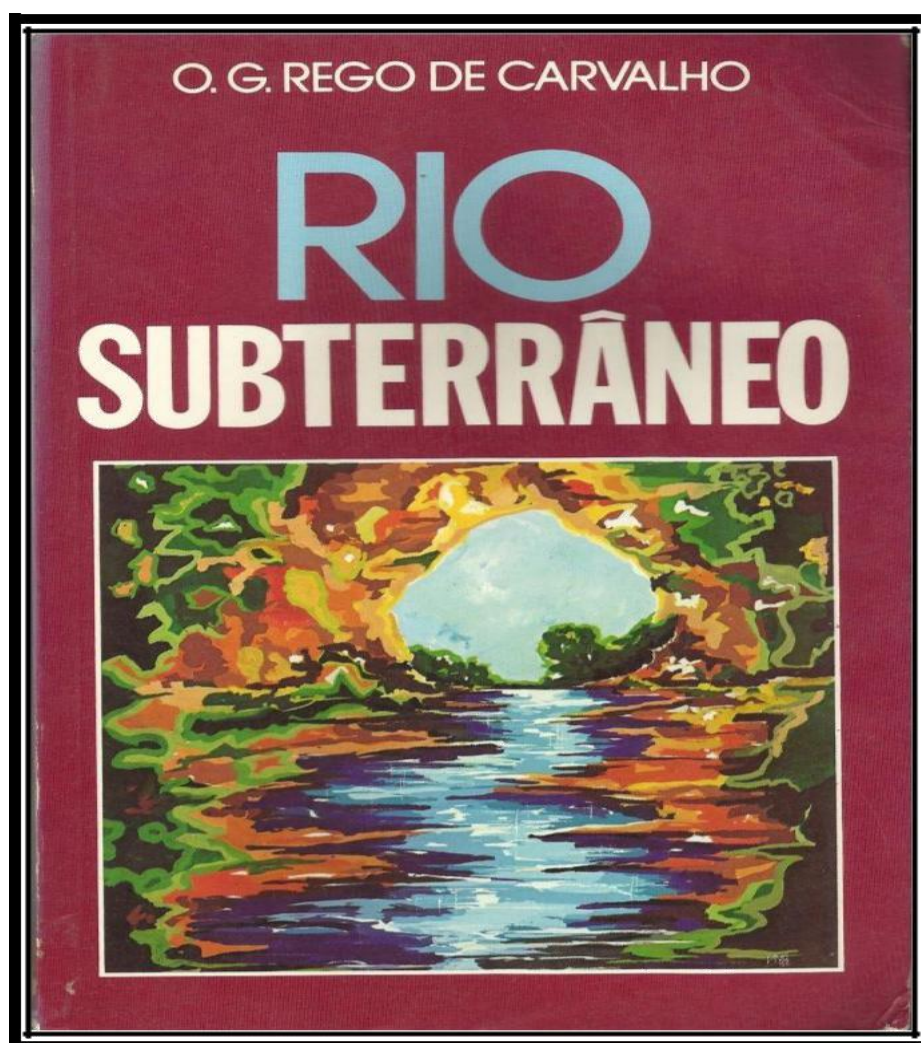
Fonte: CARVALHO, O. G. Rego de. **Rio Subterrâneo**. 9. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1995.

Nessa capa não há nenhuma ilustração que remeta a qualquer tipo de figura definida. Há apenas o nome do autor, o título da obra e o nome da editora. O único destaque está na cor das letras do título, que está todo em vermelho de uma tonalidade vibrante. O que foi captado é uma obra cujo vazio e a perda são as maiores marcas? Isso remete à falta de referências, por parte de Lucínio, à terra natal, Oeiras? Uma estratégia daquela edição em provocar no leitor o que está a ser descoberto em meio àquele silêncio

de imagens? A capa incentiva o leitor a se adentrar na descoberta do que seja o “rio subterrâneo”?

Em perspectivas ainda mais diferentes, aparecem ilustrações presentes nas capas das quinta e décima edições de *Rio Subterrâneo*. Por que discuti-las paralelamente? Pela impressão primeira que causam no leitor ou no observador. Elas não retratam os aspectos sombrios da primeira e da segunda edição, nem o vazio e incerteza da nona edição.

Capa 10 – Capa da 5ª edição de “Rio Subterrâneo”



Fonte: CARVALHO, O. G. Rego de. **Rio Subterrâneo**. 5. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1985.

A quinta edição de *Rio Subterrâneo* traz em sua capa uma ilustração que parece retratar a imagem de um rio. Essa representação está atrelada à dimensão literal do título, ou seja, o “rio” é apreendido como o próprio Rio Parnaíba do qual fala, por muitas vezes, Lucínio. Contudo, ao fazer isso o ilustrador não está equivocado, pois o Rio Parnaíba é um

dos lugares que despertam as angústias e delírios do personagem. Em certos momentos, o rio se mostra como um convite à loucura e à própria morte, mas, em outras circunstâncias é o consolo e a única companhia que Lucínio tem para compartilhar seus pensamentos. No livro, então, o rio não se trata unicamente de uma descrição do espaço geográfico, mas sim, constitui uma projeção das experiências do personagem.

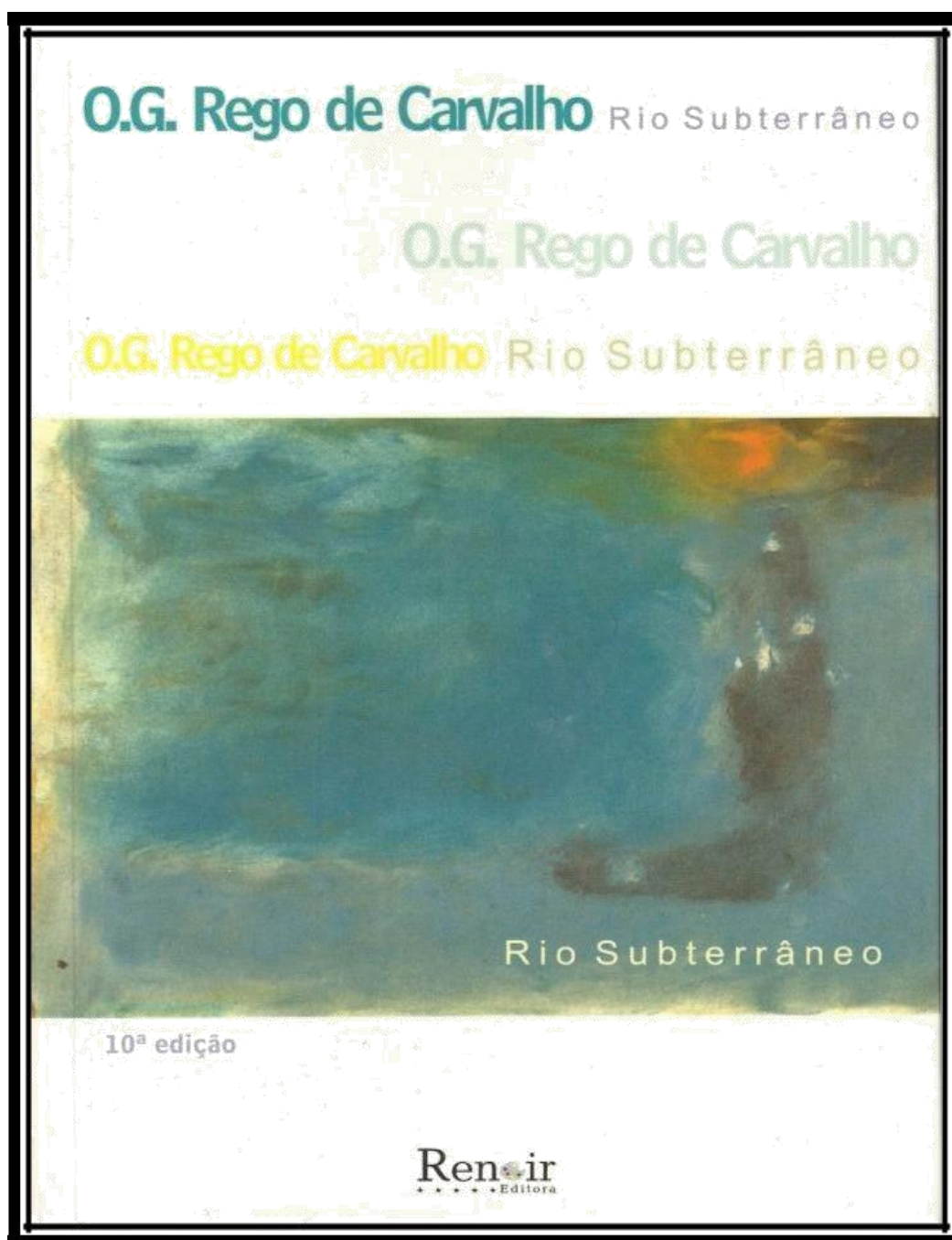
No livro, também, não é encontrada a autoria da ilustração, o que dificulta análise mais apurada, deixando apenas indícios para uma interpretação das intencionalidades do ilustrador. Há apenas as informações de ter sido publicada pela editora Meridiano e o texto foi impresso pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, bem como foi composto pela Artestilo – Compositora Gráfica Ltda. Isso demonstra que, nessa edição, dar créditos ao ilustrador ou aos ilustradores não assume importância de monta, diferentemente do que foi com a primeira edição. Na primeira edição, destacar o nome fazia parte das estratégias de valorizar ainda mais o livro a ser divulgado. O texto justificaria a arte, e a arte legitimaria o texto.

Na décima edição a ilustração da capa é de autoria de Gabriel Archanjo³⁷⁰. Nessa capa, há a conexão entre o subjetivismo do ilustrador e a subjetividade de O.G. Rego de Carvalho. O jogo com o movimento do título e do nome do autor tem o propósito de recriar o ir e o vir das inquietudes que acometem os personagens da obra. Além disso, nome do autor e título da obra estão dispostos de tal maneira que se confundem e se coadunam, pois, nessa perspectiva, autor e obra estão ligados por laços que ultrapassam a condição de escritor e escrita. Nessa ilustração a escrita é o próprio autor e o autor é a escrita, pois são, em essência, indissociáveis. A ilustração da décima edição apresenta uma confluência de cores, cujos formatos não são definidos, fazendo apenas sugestões de formas. Isso demonstra que “os ilustradores dos romances por vezes registram o desejo difuso de conferir cor ou movimento à ação”³⁷¹.

³⁷⁰ Gabriel Archanjo nasceu na cidade de Teresina, no estado do Piauí, no ano de 1963. É artista plástico, autodidata. Os críticos de arte o descrevem pela sua marca pautada no subjetivismo. Sua identificação com o livro de O. G. Rêgo de Carvalho também se insere na esfera do subjetivismo, que é a marca mais pontuada na obra do escritor piauiense.

³⁷¹ DOODY, Margareth. Dar um rosto ao personagem. MORETTI, Franco. **O Romance**: a cultura do romance. Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 589.

Capa 11 – Capa da 10ª edição de “Rio Subterrâneo”



Fonte: CARVALHO, O. G. Rego de. **Rio Subterrâneo**. 10. ed. Teresina: Renoir, 2009.

Vale mencionar certos aspectos de algumas capas das edições, às quais se teve acesso, do livro *Somos Todos Inocentes*. A primeira edição data de 1971 e foi publicada pela Editora Civilização Brasileira, mas, infelizmente, não foi encontrada para a análise. As únicas edições encontradas foram: terceira (1985), sexta (2007), sétima (2008), oitava (2009) e nona – e última edição – (2009).

Capa 12 – Capa da 6ª edição de “Somos Todos Inocentes”



Fonte: CARVALHO, O. G. Rego de. **Somos Todos Inocentes**. 6. ed. Teresina: Halley, 2007.

A sexta edição, também publicada pela Fundação Quixote, tal qual a edição anterior, traz a capa assinada por Sérgio Fernandes e Gabriel Archanjo. Nela, tenta-se reproduzir uma espécie de estampa, típica dos papeis de parede dos casarões das fazendas. Isso faz referência às famílias ricas em atrito na cidade de Oeiras, em fins da década de

1920, precisamente 1929, ano no qual se passa o enredo do livro. A estampa, ainda, tentaria expressar, talvez, o aspecto romântico que envolvia os jovens apaixonados das famílias rivais. Na quarta-capa do livro, como na edição precedente, há o texto, dizendo: “Romance premiado pela Academia Brasileira de Letras”, lembrando do fato de que o livro ganhou o Prêmio Coelho Neto daquela Academia, no ano de 1972.

A edição de 1985, assim como todas as outras publicadas pela editora Caderno de Letras Meridiano, segue o mesmo estilo: fundo claro, somente com o título do livro em letras vermelhas e o nome do em preto. Nesse sentido, não há necessidade de sua reprodução aqui. Da mesma maneira, a capa da sétima edição, lançada pela Fundação Quixote, também não aqui reproduzida, porque mesmo trazendo maiores detalhes de ilustração, consta somente um fundo verde, com alguns traços em branco, azul, vermelho e preto.

Na oitava edição, publicada pela Editora Renoir, a capa traz uma imagem que sugere, talvez, o ambiente rural das fazendas, dos casarões e sobrados, que marcam o enredo do livro. A quarta-capa está somente em fundo em tom de verde escuro, com um trecho de comentário atribuído a Érico Veríssimo, acerca do livro: “Senti simpatia pelo seu livro porque vi que o escreveu com empatia”.

Tanto na oitava quanto na nona edição (esta é a última) as ilustrações da capa remetem, novamente, às discussões da regionalidade e do regional. A ideia geral volta-se para as dimensões que abordam o espaço geográfico, com predominância da ruralidade e dos costumes de uma cidade do interior. As imagens construídas pelas ilustrações, em certa medida, tentam retratar o traço mais externalizado do enredo: o espaço e as relações sociais que dele são decorrentes. No entanto, as características ditas regionalistas, em uma tradição na qual a seca e a fome são o foco, não podem ser observadas em nenhum dos livros de O. G. Rego de Carvalho. Isso, para alguns críticos, o fez se distanciar da ficção de José Lins do Rego, Rachel de Queiros e de Graciliano Ramos. Kenard Krueel argumenta, em defesa do literato a partir do que ele mesmo já teria mencionado, dizendo que “o Nordeste não era apenas secas e cangaço, e que ele, como escritor, devia ter outros compromissos sem ter que imitar os seus antecessores”³⁷². Nesse sentido, pensar as capas e as edições também é fulcral para compreender que a escrita de O. G. Rego de Carvalho está ligada às questões litigiosas de cânone e à própria história da literatura.

³⁷² KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zódiaco, 2007, p. 49.

Capa 13 – Capa da 8ª edição de “Somos Todos Inocentes”



Fonte: CARVALHO, O. G. Rego de. **Somos Todos Inocentes**. 8. ed. Teresina: RENOIR, 2009.

Algo que pode ser dito, também, na comparação entre as capas da oitava e nona edições se refere às informações acerca da autoria das capas. Na página das informações técnicas de ambas edições está dito que quem assina as ilustrações é Gabriel Archanjo. No entanto, na quarta-capa da última edição aparece a abreviação “P.M”, que é a forma como Paulo Moura se identifica nas ilustrações, como é o caso da última edição de *Ulisses entre o Amor e a Morte* (2013). Talvez tenha ocorrido somente um equívoco no momento da impressão e a informação saiu trocada. Mas isso, independentemente das razões e explicações desse desencontro, constitui mais um ponto na história das edições dos livros de O. G. Rego de Carvalho.

Provavelmente, a tarefa mais difícil não tenha ficado a cargo dos ilustradores de cada obra individualmente e suas respectivas edições. O maior desafio foi o de retratar, por meio da ilustração, as três obras ao mesmo tempo. Isso foi o que aconteceu no livro que reúne os três livros do literato em um único volume, intitulado de *Ficção Reunida*. De todos os livros aqui analisados, de fato, esse é o que menos edições teve, com apenas três e que são difíceis de encontrar. Todas, ao que parece, mantiveram a mesma capa, sem alterações.

Algo interessante que foi uma tentativa de, mais que agrupar os três textos, de atribuir certa concisão na narrativa do autor piauiense. São livros de três décadas diferentes (1950, 1960, 1970), que, de certa maneira, expressam o autor de maneira também diferente. Muito embora as narrativas não se refiram, direta e aparentemente, ao período nos quais foram escritos, não há como não apreendê-los deslocados de tais cronologias, pois o texto é fruto de uma temporalidade, ou seja, cada momento apresenta uma maneira particular de subjetivação do tempo, seja por cada pessoa, seja por um grupo social.

Nesse sentido, a escrita não está destituída dessa vinculação intrínseca ao momento de sua criação. Dessa maneira, *Ficção Reunida* tornou-se um esforço de estreitar o tempo e aproximar temporalidades de produção e de consumo, tentando encurtar as pontes entre autor e leitores. Daí o desafio de se ilustrar um livro que nasce com intento tão grandioso.

Capa 14 – Capa do livro “Ficção Reunida”



Fonte: CARVALHO, O. G. Rego de. **Ficção Reunida**. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1981.

Nessa edição de *Ficção Reunida*, que não apresenta a autoria da ilustração, a tentativa de amalgamar a história e a essência das três obras deu espaço para uma leitura imagética de contornos incógnitos. O fundo escuro é apenas salpicado de alguns círculos com cores fracas, assemelhando-se a borões. São sensações engendradas por meio de uma mistura relativamente difusa em meio à regularidade e simetria de tais circunferências. A imagem remete às percepções da consciência, quando o mundo não está muito bem definido pelos sentidos.

Como destacou Boris Kossoy³⁷³, ao se referir às imagens de modo geral, além do sentido letárgico que o encantamento que uma imagem possa despertar, o pesquisador de qualquer área do conhecimento deve atentar para os inúmeros indícios que localizam a imagem em suas intencionalidades. Os espaços que são retratados em cada ilustração se assemelham ao que apontou Ítalo Calvino³⁷⁴ sobre as “cidades invisíveis”, que existiriam tantas quantas forem as cidades imaginadas, planejadas e projetadas por cada sujeito ou grupo social. De maneira análoga, ocorre com as imagens sobre a obra do literato piauiense, que são “escritas invisíveis” que ganham novos contornos em cada traçado do desenho e da ilustração como um todo.

De modo geral, os ilustradores nem sempre se restringem ou se deixam prender a uma tentativa exaustiva de retratar ou de representar fielmente a obra escrita. Se fosse diferente não poderiam ser considerados artistas, cujas apreensões e interpretações lançam voos dos mais possíveis significados e leituras do texto. Isso, de certa maneira, denota a infinita riqueza dos textos que são representados pictoricamente.

Lembrando os ensinamentos de Ítalo Calvino³⁷⁵ (2009), o que pode ser sempre (re) descoberto da escrita se dá nas suas interpretações, das quais as ilustrações, no caso dos livros do literato piauiense, fazem parte e que são indícios de que algo novo pode ser futura e continuamente descoberto. Tais descobertas se manifestam além das análises de cunho estritamente semiótico, encaminhando-se, também, pelas dimensões socioculturais, portanto históricas, das quais texto literário e arte fazem parte. Nesse sentido, é possível perceber as artes que se fazem sobre a escrita, ao mesmo tempo em que é visualizada a escrita da própria arte.

³⁷³ KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.

³⁷⁴ CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

³⁷⁵ CALVINO, Ítalo. **Assunto encerrado: discursos sobre literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

5 O DIREITO (DEVER) DE RESPOSTA

O campo literário (etc.) é um campo de forças a agir sobre todos aqueles que entram nele, e de maneira diferencial segundo a posição que aí ocupam (seja, para tomar pontos muito afastados, a do autor de peças de sucesso ou a do poeta de vanguarda), ao mesmo que um campo de lutas de concorrências que tendem a conservar ou a transformar esse campo de forças.

Pierre Bourdieu³⁷⁶

5.1 A crítica: dispersa e reunida

Questionado, em 1996, sobre a possibilidade de se tornar um crítico literário, Cineas Santos responde, categoricamente: “Não. Eu gosto mesmo é de editar. Já editei uns 50 autores e, se pudesse, editaria muito mais.”³⁷⁷ Ele enfatiza, ao longo de toda a entrevista, que seu prazer mesmo é ler e divulgar o trabalho dos “literatos piauienses”, muito embora ele tenha dito que as coisas das quais mais gosta fossem “chuva, mulher e futebol. Depois vêm a poesia e o resto”³⁷⁸. Pelo o que diz, a literatura surge como o quarto elemento que lhe proporciona maior prazer, mesmo assim é um grande entusiasta da produção “literária piauiense”.

Cineas Santos afirma que “Há críticos sérios, competentes, e a atividade crítica é essencial. Mas há muitos empulhadores por aí, ditando regras, criando escolas”³⁷⁹. Para Cineas Santos, a crítica, para esses “empulhadores” se tornou algo vão, sem o compromisso com o conhecimento devido e sem o rigor e a metodologia necessários a um trabalho de crítica literária. Dentre os nomes destacados por Cineas Santos como críticos literários no Piauí, está o de Francisco Miguel de Moura. Para Cineas Santos, “No Piauí, há muitas pessoas que podem e devem fazer crítica. Francisco Miguel de Moura, por

³⁷⁶ BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 262-263.

³⁷⁷ BEZERRA, Domingos; CARVALHO, Elmar. Entrevista com Professor Cineas. **Cadernos de Teresina**. Teresina, Ano X, nº 22, p. 46, abr. 1996.

³⁷⁸ BEZERRA, Domingos; CARVALHO, Elmar. Op. cit, p. 45.

³⁷⁹ BEZERRA, Domingos; CARVALHO, Elmar. Op. cit, p. 46.

exemplo, conhece teoria literária, conhece a carpintaria do ofício, escreve bem”³⁸⁰. Seu reconhecimento ao crítico é acompanhado de uma enfática crítica a Francisco Miguel, pois, segundo ele, “Pena que me pareça mais preocupado com sua igreja literária do que produzir um trabalho essencial”³⁸¹. Na entrevista, Cineas Santos não esclarece o que seria tal “igreja literária” de Francisco Miguel, mas parece se referir às suas discussões muito atreladas à obra de O. G. Rego de Carvalho ou sobre o Grupo Meridiano, do qual o escritor se tornou maior expressão. Ou, talvez, ao movimento CLIP (Círculo Literário Piauiense), do qual o crítico fez parte. A insatisfação de Cineas Santos está no fato de que Francisco Miguel deveria ampliar suas contribuições, analisando com mais afincos outros autores e outros grupos.

Após esse áspero comentário ao trabalho do crítico, um dos entrevistadores, Elmar Carvalho, disse que o Francisco Miguel de Moura estava escrevendo um livro com crítica literária sobre a literatura piauiense, além de uma pequena antologia. O entrevistador alfineta, dizendo: “Parece-me que isso vem preencher o que o senhor falou anteriormente”³⁸². Com essa intervenção, o entrevistador fez com que Cineas Santos se posicionasse novamente sobre o tema, mantendo o tom crítico:

Eu não estava sabendo desse projeto. Fico feliz que ele esteja em curso. O Chico, eu insisto, é um crítico competente, qualificado; agora não pode ficar afirmando que o Assis Brasil é digno de ganhar o Nobel de Literatura, isso é deplorável. Espero que o Chico faça esse trabalho: estamos precisando de uma boa antologia escolar, já que existe a obrigatoriedade do ensino da literatura piauiense nas escolas.³⁸³

Farpas à parte em relação a Francisco Miguel de Moura, Cineas Santos elenca alguns outros nomes que poderiam figurar mais na crítica literária piauiense:

Na área da crítica impressionista, M. Paulo Nunes vem fazendo um bom trabalho e poderia fazer muito mais. Entre os jovens, Carlos Evandro, Airton Sampaio e Paulo Machado: são extremamente competentes: podem e devem analisar, criticar, contribuir para melhorar o nível da literatura que se faz aqui. Quanto a mim, pretendo continuar editando, divulgando o trabalho dos outros.³⁸⁴

³⁸⁰ BEZERRA, Domingos; CARVALHO, Elmar. Entrevista com Professor Cineas. **Cadernos de Teresina**. Teresina, Ano X, nº 22, p. 6, abr. 1996.

³⁸¹ BEZERRA, Domingos; CARVALHO, Elmar. Op. cit, p. 46.

³⁸² BEZERRA, Domingos; CARVALHO, Elmar. Op. cit, p. 46.

³⁸³ BEZERRA, Domingos; CARVALHO, Elmar. Op. cit, p. 46.

³⁸⁴ BEZERRA, Domingos; CARVALHO, Elmar. Op. cit, p. 46.

Essa postura de Cineas Santos, segundo ele mesmo, dá-se em razão de ele ser mais leitor do que propriamente um escritor, ou mais ainda, um crítico, pois, para ele, “o exercício da crítica, conhecimentos profundos, acuidade, paciência, atributos que não tenho. Tenho uma preguiça danada de ficar ‘descobrimdo’ nos textos alheios coisas que nem os autores sabem que existem”.

Em fins da década de 1990, o campo literário piauiense, estaria, em sua observação, inerte. Para ele,

Parece que o pessoal da área da literatura está esperando que algo aconteça em lugar de ir à luta. Não vejo também novas revelações. O grande nome da poesia piauiense, entre os mais jovens, continua sendo Paulo Machado, que já não é tão jovem e, há muito, não publica um livro. O Paulo é um grande poeta, precisa deixar de ser preguiçoso e escrever mais, publicar mais, agitar mais. Há muita gente que prometia e desapareceu: Vitor Virgílio, Émerson Araújo, João Luiz, Leonam, Zé Afonso... o Rogério Newton é ótimo, mas muito lerdo, a Graça Vilhena tem publicado pouco. O Paulo e o Rogério vem fazendo um trabalho com adesivos muito interessantes, mas é preciso mais, muito mais.³⁸⁵

O trabalho de Francisco Miguel de Moura que estava em fase de feitura, ao qual faz menção o entrevistador Elmar Carvalho e Cineas Santos, é o livro *Literatura do Piauí*, publicado pelo Convênio entre a Academia Piauiense de Letras e o Banco do Nordeste, no ano de 2001, cinco anos após a entrevista de Cineas Santos. O livro tem um recorte temporal da pesquisa que abriga o interstício entre 1859 a 1999. Nesse livro, Francisco Miguel de Moura, além de fazer um levantamento das expressões literárias no recorte delimitado, apresenta um capítulo, intitulado de *Crítica e Atualidade*, para tecer comentários sobre a crítica literária piauiense. Assim como outros estudiosos, Francisco

³⁸⁵ BEZERRA, Domingos; CARVALHO, Elmar. Entrevista com Professor Cineas. **Cadernos de Teresina**. Ano X, nº 22. Teresina, abril de 1996, p. 46. No balanço feito por Cineas Santos sobre a literatura piauiense da década de 1990, outras áreas, como a da música, haviam se destacado muito mais, no sentido de uma maior ebulição de produção e divulgação. Em sua opinião, isso se dá, em grande medida, pelo esforço mesmo dos músicos e cantores, ao passo que os literatos e intelectuais têm ficado um tanto confortáveis com a situação de marasmo. Entretanto, Cineas Santos não aponta quais seriam os caminhos para que o “muito mais” pudesse acontecer. Ele até admite que “é certo que as dificuldades são enormes: fazer um livro hoje é até mais caro que produzir um CD, mas isso não justifica a pasmaceira”. Cineas Santos deixa de fora a questão de não somente “fazer” o livro, pois é preciso, conforme destacam Robert Darnton e Roger Chartier, nos meios de produção, circulação e consumo. O perfil dos leitores, bem como as configurações políticas, ideológicas, econômicas e socioculturais de tais leitores devem ser pensadas para que os livros sejam “feitos”, lidos e criticados.

Miguel de Moura afirma que “a literatura piauiense quase não possui críticos, pelo menos no sentido em que foi definida essa atividade, na sua forma atual”³⁸⁶. Para ele, isso “justifica-se, porque também é uma literatura pobre, embora com alguns autores fortes”³⁸⁷. Essa última observação, relacionada a “autores fortes” abre margem para interpretações variadas, o que faz com os críticos elejam os “seus” autores.

Nesse livro, Francisco Miguel de Moura divide a crítica literária em meio às gerações de escritores, sendo, assim, indica cinco momentos da crítica: antes da Academia Piauiense de Letras³⁸⁸; Depois da Academia Piauiense de Letras³⁸⁹; Modernismo³⁹⁰; Crítica Universitária³⁹¹; e Novíssima Geração³⁹². Ao fazer isso, o autor está defendendo a tese de que a crítica literária, até então realizada, está intimamente ligada às gerações de escritores.

De certa maneira, essa pobreza de produção seria o maior impedimento para que se possa lançar olhares analíticos sobre algo com um corpo frágil. Mas isso não significa dizer que a crítica literária piauiense não exista. Ela apenas, parece, acompanha a mesma fragilidade apontada por Francisco Miguel de Moura sobre a literatura piauiense em si. Contudo, “em cada período literário, se bem observarmos, temos um crítico, um historiador ou ambas as figuras. Cada geração que se preza tem seu historiador e seus

³⁸⁶ MOURA, Francisco Miguel de. **Literatura do Piauí (1859-1999)**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2001, p. 207.

³⁸⁷ MOURA, Francisco Miguel de. Op. cit, p. 207.

³⁸⁸ Essa fase da crítica, que vai de 1859 até a fundação da Academia Piauiense de Letras, é considerada como um momento que não possuiu crítica literária. Nessa fase, Francisco Miguel de Moura aponta para David Moreira Caldas, professor e jornalista, que teria feito algo mais substancial. Ao lado dele, são citados Clodoaldo Freitas, Higino Cunha. Francisco Miguel de Moura assegura que João Pinheiro foi o primeiro a escrever sobre a primeira geração literária piauiense, em seu livro *Literatura Piauiense – Escorço Histórico*, publicado em 1937.

³⁸⁹ É a fase denominada como segunda geração, na qual pouco teria sido feito no universo da crítica literária. É citado A. Tito Filho como o maior crítico desse período. Segundo Francisco Miguel de Moura, a “geração de 30” produzia “pouca literatura e muita gramatiquice” (p. 209). Ao lado de A. Tito Filho, Celso Pinheiro Filho também é crítico dessa fase pós-Academia.

³⁹⁰ Fase essa com a atuação de M. Paulo Nunes, Hardi Filho, Herculano Morais, J. Miguel de Matos, José Carlos de Santana Cruz, Assis Brasil e o próprio Francisco Miguel de Moura. Nesse mesmo capítulo, Francisco Miguel de Moura faz crítica positiva ao seu próprio livro, *Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho*, afirmando que ela se tornou um diferencial em relação às gerações anteriores, que tinham uma “crítica biográfica, filológica, estilística ou gramatical” (p. 210).

³⁹¹ Fase ligada às produções de professores e pesquisadores das universidades. Esse tipo de crítica começa no final da década de 1970 e início da de 1980. São citados: Fabiano de Cristo Rios Nogueira; vários outros professores da Universidade Federal do Piauí, como Maria Gomes Figueiredo dos Reis, Maria do P. Socorro Neiva Nunes Rego, Maria do Socorro Rios Magalhães, Fabiano do Cristo Rios Nogueira. Há, também Carlos Evandro, Teresinha de Jesus Mesquita, Celso Barros e Francisco Cunha. Com exceção de Teresinha Queiroz, os demais fizeram trabalhos de análise de produções poéticas, sendo que o romance quase não figura.

³⁹² Essa fase é considerada, nos estudos de Francisco Miguel de Moura, a partir da década de 1970 em diante. Nela há trabalhos de crítica sobre as gerações mais recentes da literatura, como a geração marginal e a geração mimeógrafo. Até o final da pesquisa de Francisco Miguel de Moura, o principal texto que representa tal postura crítica é *Anos 70: Por que essa lâmina nas palavras*, de José Pereira Bezerra, publicado em 1993. Esse momento da crítica piauiense, por ser “novíssima” ainda, como ressalta Francisco Miguel de Moura, ainda precisa de maiores observações.

críticos.”³⁹³ Nesse sentido, há escritas, sejam elas de jornalistas, cronistas, historiadores, advogados, que podem ser vistas, na concepção de Francisco Miguel de Moura, como escritas de crítica. Ele faz questão de apontar que algumas escritas são de historiadores e outras de críticos propriamente ditos. Mesmo quando os críticos não se assumiam como tal, “de qualquer forma, em todos os tempos e lugares, os próprios escritores também fazem a crítica dos homens e das obras de sua própria época”³⁹⁴. Dessa forma, Francisco Miguel de Moura advoga que, qualquer reflexão e pensamento sobre a produção escrita, histórica e literária pode se configurar como traços de crítica de uma época.

O livro de Francisco Miguel de Moura sobre O. G. Rego de Carvalho foi considerado, por parte dos intelectuais, como uma empreitada árdua, visto que, na década de 1970, a literatura piauiense estava, ainda, em situação nebulosa, mas, principalmente, por não ter havido, até então, a análise da obra completa de um autor. O que interessa aqui não é o fato da “situação”, mas sim, como a literatura foi pensada e inventada nos limiares entre o que seria “piauiense”, a partir da escrita do literato. José Gilson das Chagas³⁹⁵, em artigo publicado no site *Recanto das Letras*, comentou que o livro de Francisco Miguel de Moura havia causado grande e boa repercussão. Segundo ele, comentários positivos, como os do escritor piauiense, Fontes Ibiapina, retratam bem a qualidade do trabalho do crítico literário. José Gilson das Chagas comentou sobre sua relação com Francisco Miguel de Moura:

Este, a quem eu conhecia de Santo Antônio Lisboa e, à época, já com 3 livros na praça, era nome emergente na literatura do estado. Dentro de um contexto mais amplo, disse-nos Fontes Ibiapina, sem reserva: “O livro de Chico Miguel, *Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho*, é tão bom quanto a própria obra por ele analisada.”³⁹⁶

³⁹³ MOURA, Francisco Miguel de. **Literatura do Piauí (1859-1999)**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2001, p. 207.

³⁹⁴ MOURA, Francisco Miguel de. Op. cit, p. 207.

³⁹⁵ José Gilson das Chagas nasceu em Santo Antônio de Lisboa, no Piauí. É professor universitário no Curso de Ciências Contábeis, em Brasília-DF. Além de livros técnico-acadêmicos, também escreveu romances e ensaios.

³⁹⁶ CHAGAS, Francisco José das. **Linguagem e comunicação**: Gilson Silva fala sobre Chico Miguel. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3905877>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

Esse comentário de Fontes Ibiapina foi feito diretamente a José Gilson das Chagas, no ano de 1973, na residência do irmão caçula de Fontes Ibiapina, Antônio Ibiapina³⁹⁷, na cidade de Picos, no Piauí. José Gilson das Chagas, mesmo morando em Brasília, buscava manter contato com a produção intelectual piauiense. Sua relação com Francisco Miguel de Moura dava-se, em grande medida, pelo fato de ambos serem oriundos da mesma cidade do interior do Piauí. Para tecer elogios sobre o livro de Francisco Miguel de Moura, Gilson das Chagas menciona a oportunidade na qual Fontes Ibiapina fez comentário enaltecendo o livro do conterrâneo literato. Dessa maneira, o contato e a amizade entre Francisco Miguel e Gilson das Chagas fizeram com que, de forma indireta, a obra de O. G. Rego de Carvalho chegasse um pouco mais a outra localidade no país. É importante mencionar esses laços entre literatos por duas razões: primeiro, porque possibilita o mapeamento dos círculos intelectuais de O. G. Rego de Carvalho e como tais vínculos foram costurados; segundo, porque o livro de Francisco Miguel de Moura contribuiu para ampliar o alcance da projeção do literato.

Como ressalta Gilson das Chagas, à época, a divulgação e o reconhecimento de escritores e intelectuais do Piauí ainda são parcos em outras esferas da federação. Segundo ele, esse isolamento da literatura produzida no Piauí deve-se, em parte, a “algumas causas visíveis, como os históricos estigmas que, no curso dos séculos, operam e perduram contra as regiões e unidades federativas de menor expressão socioeconômica”³⁹⁸. Isso se inscreve, inclusive, naquilo que Durval Muniz de Albuquerque Júnior chamou de processo de invenção do nordeste e do nordestino, o que demonstra traços das disputas oriundas das relações de poder. Segundo ele, “a literatura, o teatro, a pintura, o cinema regionalistas, quase sempre não conseguem fugir desta folclorização da cultura nordestina”³⁹⁹.

No tocante a possíveis comparações entre O. G. Rego de Carvalho e outros literatos, quanto às suas concepções de romance, Francisco Miguel de Moura é categórico em apresentar suas negações em relação a isso, visto que é fundamental que

Há sensíveis diferenças na concepção de ficção entre Euclides da Cunha e Graciliano Ramos, e entre eles e O. G. Rego de Carvalho. Para Euclides da Cunha o verdadeiro romance teria que ser épico; para Graciliano,

³⁹⁷ Antônio de Moura Ibiapina, conhecido como Pebinha, nasceu no dia 8 de fevereiro de 1926, na localidade Lagoa Grande, no município de Picos, Piauí. Era poeta popular e gostava de acompanhar as manifestações culturais da cidade de Picos. Faleceu em 10 de setembro de 2010.

³⁹⁸ CHAGAS, Francisco José das. **Linguagem e comunicação**: Gilson Silva fala sobre Chico Miguel. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3905877>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

³⁹⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007, p. 104.

dramático. O. G. Rego não é exclusivamente épico ou dramático; o lirismo é o tom dominante, embora que bem dosado com fundos heroicos (em “Ulisses”), com notas de tragicidade (em “Rio Subterrâneo”), com dramas (em “Somos Todos Inocentes”).⁴⁰⁰

Ao destacar essas distinções e aproximações, Francisco Miguel de Moura é cauteloso a tal ponto de não enquadrar O. G. Rego de Carvalho em uma filiação de narrativa, como alguns críticos intentaram fazer. Mais que isso, Francisco Miguel de Moura aponta para a noção de que não é o fato de que os escritores tenham nascido no espaço do Nordeste que eles devam ser pensados de maneira homogênea, dentro de um mesmo “romance nordestino”. Para endossar tais diferenciações, Francisco Miguel de Moura diz que “No âmago de seu estilo, enxergamos o amor extasiado, a esperança na procura do ser; nunca o pessimismo de Machado de Assis nem a ironia de Graciliano Ramos”⁴⁰¹.

Nessa intenção de localizar algumas características de distinção entre O. G. Rego de Carvalho e outros escritores, Francisco Miguel de Moura afirma que

No vocabulário, aqui exerce a faculdade de criar por derivação, ali de usar alguns neologismos (estrangeirismos em “Rio Subterrâneo” e brasileirismos em “Somos Todos Inocentes”, destes, alguns ainda não dicionarizados até), mas com moderação suficiente, não chegando a tirar a feição nobre do escrito. Dá preferência a palavras que, por falta de uso nos nossos escritores contemporâneos - apegados ao coloquialismo e ao linguajar de certas regiões - nos parecem de sabor quinhentista. Para exemplo, apontamos: “ingreme”, “senda”, “bosque”, “alameda”, “balaústre”, “umbral”, “empós”. O. G. Rego não teme as palavras, procura-as se necessário.⁴⁰²

Vale destacar que o tom rebuscado do vocabulário, com matrizes de uma linguagem de tradições portuguesas, levantaram algumas inquietações e certas desconfiças em relação aos livros do literato. As críticas diziam que o literato,

Com exclusividade, usa a forma “cousa” em vez de “coisa”, assim como “rapariga” em vez de “moça”, e só isto mostra quanto o falar de Oeiras está impregnado da herança portuguesa, pois é francamente observável a preferência por tais vocábulos no quotidiano dos oeirenses. Outras

⁴⁰⁰ MOURA, Francisco Miguel de. **Linguagem e comunicação em O. G. Rego de Carvalho**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972, p. 17.

⁴⁰¹ MOURA, Francisco Miguel de. Op. cit, p. 17.

⁴⁰² MOURA, Francisco Miguel de. Op. cit, p.150.

preferências: o uso da preposição “a” e não outras, mesmo em expressões em que o vulgo já a subestimou e os escritores aceitaram, e o tratamento na segunda pessoa e não na terceira, observáveis especialmente em *Somos Todos Inocentes*, acentuam a asserção do gosto clássico, por nós apontado.

Daí ter surgido dúvida em Vivaldo Coaracy, formulada em carta ao autor, quando da publicação de *Amor e Morte*: “Permita-me uma observação, talvez impertinente. Notei no livro certas peculiaridades de estilo ou linguagem que me deixaram intrigado. Seria curioso saber se elas refletem uma busca de preciosismo ou artifício por parte do autor, ou se de fato reproduzem modos de falar corrente no Piauí”.⁴⁰³

Em defesa de O. G. Rego de Carvalho, Francisco Miguel de Moura assegura que não se trata nem de preciosismo nem do modo típico de falar de todos os habitantes do Piauí. O que Francisco Miguel de Moura pode afirmar é que essa característica da linguagem do escritor oeirense “Apenas reflete modo de falar corrente em Oeiras. E o resto fica por conta da arte do escritor, que apresenta a naturalidade estética na suas obras, nunca a naturalidade da vida”⁴⁰⁴. As comparações feitas entre O. G. Rego de Carvalho e outros escritores, no olhar de Francisco Miguel de Moura, costumam brotar de uma perspectiva analítica que não leva muito em consideração os estilos da linguagem, ou melhor, a própria linguagem. Por tal sentido,

Quando o crítico Hélio Pólvora assinalou que “a primeira parte de *Rio Subterrâneo - Limbo* - é um monumento solene da prosa brasileira”, em verdade não achei exagero. Antes pelo contrário: todo o livro é solene, imponente sem verbosidade, linguagem sem jaça, estilo de boa cepa; só poderíamos encontrar paralelo nos portugueses, nunca nos brasileiros. As aproximações que se fazem com Machado ou Graciliano prendem-se a outra face da obra ficcional, jamais ao estilo. Prendem-se precisamente à interioridade, à técnica, a um mínimo de ação em proveito do enredo propriamente dito. Engano é tachar de preciosista o seu estilo só porque usa os falares de sua terra, transfigurados literariamente, ou porque, não querendo seguir a corrente de escritores que inventam palavras e expressões - o exemplo mais digno de nota é Guimarães Rosa - usa de alguns arcaísmos (mas, porém, dê, alfim, etc.), especialmente em “*Somos Todos Inocentes*”, mas sem redundância e acidentalmente, de forma que não chega tal uso a caracterizar sequer um capítulo de sua obra.⁴⁰⁵

⁴⁰³ MOURA, Francisco Miguel de. **Linguagem e comunicação em O. G. Rego de Carvalho**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972, p. 151.

⁴⁰⁴ MOURA, Francisco Miguel de. Op. cit, p. 151.

⁴⁰⁵ MOURA, Francisco Miguel de. Op. cit, p. 26.

Hélio Pólvora é um escritor da Bahia, membro da Academia de Letras da Bahia. Ele afirma que conhece pouco sobre a obra de O. G. Rego de Carvalho, mas o contato que ele teve foi durante o período no qual o escritor piauiense morava no Rio de Janeiro, como funcionário do Banco do Brasil, assim como Pólvora, na década de 1950. Hélio Pólvora diz: “conheci O. G. no Rio de Janeiro, quando ele era do Banco do Brasil. Década de 1950. Sei pouco sobre ele, porque voltou a Teresina e deixou de dar notícias”⁴⁰⁶. Mesmo afirmando que conhece pouco de O. G. Rego de Carvalho, Pólvora teceu inúmeros comentários sobre a obra, que foram importantes na constituição do livro de Francisco Miguel de Moura, que cita o escritor baiano em pelo menos três ocasiões. De forma mais detalhada, Hélio Pólvora diz como foi o seu contato com O. G. Rego de Carvalho, a partir de uma entrevista realizada em janeiro de 2013:

Nós o chamávamos O.G.(Ogê). Conheci-o através do romancista piauiense Esdras do Nascimento (está vivo, reside no Rio de Janeiro), que era também do Banco do Brasil. O.G. me parecia afável, discreto, de fala mansa, indivíduo cordial. A literatura era o seu sonho; os olhos luziam quando se falava em livros e escritores. Tinha publicado então “Ulisses entre o Amor e a Morte” (creio que o título era este). Tinha um romance em andamento, que se revelou ser “Rio Subterrâneo”. Era editado por Ênio Silveira, da Civilização Brasileira. Demitiu-se (ou foi afastado por enfermidade) do Banco do Brasil e retornou a Teresina. Na última vez que nos vimos, ele estava no Rio, para receber o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, acho que pelo romance “Rio Subterrâneo”. É o seu melhor livro. O. G. estava feliz, a dotação era pequena, mas ele disse que daria para comemorar com um jantar. Fomos ao Lamas, perto do Largo do Machado: ele, eu, Esdras e Antônio Carlos Villaça. Tenho foto do encontro. Uma das cenas iniciais de “Rio Subterrâneo”, quando uma lagarta de fogo passeia sobre a pele de uma anciã parálitica, é das melhores da ficção brasileira contemporânea. Depois, ele publicou “Somos Todos Inocentes”, também romance. Li-os todos, escrevi sobre. Não mais sei em que lugar, nem quando, e não tenho os textos.⁴⁰⁷

Na ocasião da premiação de O. G. Rego de Carvalho, como lembra Hélio Pólvora, os quatro amigos fizeram questão de registrar o reencontro. O momento não poderia

⁴⁰⁶ PÓLVORA, Hélio. Questionário respondido para Pedro Pio Fontineles Filho, via e-mail, em 17 de janeiro de 2013.

⁴⁰⁷ PÓLVORA, Hélio. Questionário respondido para Pedro Pio Fontineles Filho, via e-mail, em 17 de janeiro de 2013. Hélio Pólvora diz ter lido todos os livros de O. G. Rego de Carvalho e os comentou, escrevendo e publicando sobre. Contudo, não se recorda de quando e nem onde, além de não possuir mais os textos que ele mesmo produziu. Não os considera importantes o suficiente para arquivar, para compor a memória de sua trajetória como literato e crítico? Independente das respostas, isso corrobora a ideia de que muitos escritores do círculo de convivência de O. G. Rego de Carvalho não guardaram os registros daquelas relações e contatos. Contudo, o meio intelectual no qual se inseriu o literato não era diminuto, basta observar os artigos e comentários de diferentes intelectuais sobre a sua obra.

ocorrer em localização mais adequada, pois o restaurante Café Lamas⁴⁰⁸ existe há mais de um século no Rio de Janeiro. É famoso não somente por sua cozinha e cardápio, mas por abrigar a reunião de atores, cantores, escritores, políticos, estudantes universitários e intelectuais de maneira geral. É nesse ambiente que O. G. Rego de Carvalho confraterniza com seus companheiros intelectuais para festejar sua premiação:

Foto 1 – Jantar no Restaurante Lamas, no Rio de Janeiro.



Fonte: PÓLVORA, Hélio. Acervo Pessoal, 1967.

A cena, na cidade do Rio de Janeiro, é, de certa forma, comum entre os intelectuais. Aliás, sentar-se a uma mesa, com outros escritores, para comer e beber, faz parte da cultura literária brasileira, pois se trata de um momento de descontração, inspiração e troca de

⁴⁰⁸ É restaurante que existe há 135 anos, no Rio de Janeiro. Sua fama é reconhecida e cantada pelos poetas e escritores. Exemplo disso é a música *Rio Antigo (como nos velhos tempos)*, de autoria de Nonato Buzar e Chico Anízio, interpretada por Alcione. No verso que homenageia o restaurante, é lembrado o seu famoso bife. Ainda há o livro de contos, *Salvador janta no Lamas*, de autoria do escritor, crítico, músico e professor, Victor Giudice. Ganhou o prêmio *Ficção 89*, da Associação Paulista de Críticos de Arte. Foi agraciado com o *Prêmio Jabuti*, considerado a maior distinção literária do país.

ideias e informações. Sobre detalhes de como marcaram o encontro, Hélio Pólvora relembra que O. G. Rego de Carvalho escolheu o local. Hélio diz que

Foi ideia dele. Escolheu ao Esdras e a nós porque éramos seus amigos mais chegados. Quanto ao Villaça (já falecido), grande memorialista, não sei exatamente o que os ligava. Foi um encontro de camaradagem, em que se jogou conversa fora, apenas para festejar o feito de um amigo. Mesmo àquela altura, os prêmios literários eram difíceis, com vencedores previamente escolhidos - e O.G. ganhou porque tinha qualidades muito explícitas. Ou então, ainda que talentoso, teve sorte. Em suma, comemoramos e todos se despediram meio bêbados.⁴⁰⁹

Dentre os textos de sua autoria comentando a obra de O. G. Rego de Carvalho, aos quais se refere Hélio Pólvora, dois foram publicados no ano de 1972, ambos no *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro⁴¹⁰. O primeiro, intitulado *Língua e Originalidade*, ao passo que o segundo artigo, intitulado *O mundo de Ulisses*, é dedicado à análise de *Ulisses entre o Amor e a Morte*. Nesse segundo artigo, Hélio Pólvora faz questão de lembrar que já transcorreram quase vinte anos da publicação da primeira edição. Em razão desse tempo transcorrido, o crítico baiano diz que o livro deveria passar por uma revisão, para uma atualização na linguagem, para diminuir, o que ele chamou de “modo de expressão forçado”. Segundo ele,

Ulisses poderia, se revisto, ganhar em naturalidade, sem perda da originalidade de expressão que é, no estilo de O. G. Rego de Carvalho, o aspecto mais atraente. Parece-me pedante, ou afetado, ou irrealístico, que dois adolescentes possam dialogar assim, como está na página 17 da novela:

- Chegará bem o nosso pai? – Interrogou-me o mano.
- Pressinto que voltará ainda doente.⁴¹¹

Pólvora parte de um horizonte de expectativa de sua leitura sobre *Ulisses*. Horizonte no qual não há margem para um tipo de diálogo travado entre personagens

⁴⁰⁹ PÓLVORA, Hélio. Questionário respondido para Pedro Pio Fontineles Filho, via e-mail, em 18 de janeiro de 2013.

⁴¹⁰ Ambos os artigos estão reproduzidos no livro de KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007.

⁴¹¹ PÓLVORA, Hélio. O mundo de *Ulisses*. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 01/11/1972. In: KRUEL, Kruel. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 186.

daquela faixa etária. Pólvora, então, imprime seu comentário, buscando “deslizes” de referentes reais na narrativa do livro. Na concepção de Pólvora, passagens assim vão se repetindo ao longo do livro e, conforme ele, são frutos de uma tradição linguística herdada do autor, revelando suas matizes e raízes familiares, com bases de uma elite colonial. Isso teria reflexo na cultura literária piauiense, com fortes traços de uma cultura literária portuguesa, que O. G. Rego de Carvalho fazia questão de tomar como marca de seus textos, sobretudo em *Ulisses entre o Amor e a Morte*. A crítica de Hélio Pólvora a tal livro se acirra ao apontar os conflitos no estilo da linguagem empregada pelo literato, pois

Interessante é que estas manchas convivem com a linguagem simples, corredia, mais própria do falar brasileiro. O escritor usa *janta* em vez de *jantar*. *Cadê* em lugar de *onde está*. *Dei fé* em vez de *percebi*. São discrepâncias que turvam a serena beleza da novela, pedras que afloram à superfície de águas mansas, quebrando a compostura da prosa ritmada, quase metrificada, uma prosa de paciente amanhã, cheia de subjetividades, que inclui O. G. Rego de Carvalho no grupo dos novos simbolistas brasileiros.⁴¹²

“Manchas” é o termo utilizado por Hélio Pólvora para definir essa oscilação na linguagem empregada em *Ulisses entre o Amor e a Morte*, prejudicando, em sua análise, a metrificação e precisão da escrita. Ponto de conflito nessa análise é que Hélio Pólvora não deixa claro a que tipo de “falar brasileiro” está se referindo. Seria um falar nordestino, regionalista, próximo aos do estado natal do escritor baiano? Interessante é que Hélio Pólvora também classifica O. G. Rego de Carvalho como um escritor simbolista, classificação da qual o literato por várias vezes recusou fazer parte, como na ocasião de sua crítica ao livro de Herculano Moraes, quando O. G. Rego de Carvalho o chama de “pobre crítico”, ao não aceitar ser chamado também de naturalista.

Além de chamar-lhe de simbolista, Hélio Pólvora afirma que “em capítulos curtos, as impressões do adolescente, aquelas que mais influíram na sua sensibilidade e orientaram sua formação, vão sendo postas no papel”⁴¹³. Hélio Pólvora assevera que, felizmente, O. G. Rego de Carvalho vinha se “libertando” do apego ao vernáculo padrão, o que poderia ser observado em seus livros subsequentes. Ele diz que o romance de O. G. Rego de Carvalho precisava se modernizar, pois “uma das características do romance moderno brasileiro é a

⁴¹² PÓLVORA, Hélio. O mundo de *Ulisses*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 01/11/1972. Reproduzido em: KRUEL, Krueel. **O. G. Rego de Carvalho**: fortuna crítica. Teresina: Zodiáco, 2007, p. 186.

⁴¹³ PÓLVORA, Hélio. Op. cit, p. 185.

aproximação da língua literária com as fontes que lhe injetam no organismo frequentes fios de naturalidade”⁴¹⁴. Tal naturalidade que, segundo ele, estava faltando no livro inaugural do literato.

Para aliviar o tom áspero das críticas, Hélio Pólvora afirma que o livro está impregnado de uma “linguagem impressionista, conteúdo poético, prosa que ocupa a indefinível fronteira entre o verso e a livre expressão. O resultado é um relato terno, afetivo, que cativa e comove”⁴¹⁵. O crítico baiano ressalta o teor da subjetividade e das sensibilidades que o livro desperta no leitor, o que não está ligado unicamente com o estilo da linguagem, mas com a recepção do texto em seus conteúdos. O texto bom, no final das contas, é aquele que consegue despertar a comoção e que cativa o leitor, que o seduz de tal maneira que as páginas são visitadas pelos olhos sem a preocupação de sua quantidade.

Para Francisco Miguel de Moura, a despeito das críticas, O. G. Rego de Carvalho não é um escritor cheio de preciosismos, mas sim um escritor cuidadoso com a escrita, pois “Assonâncias e aliteraões, comuns em outros escritores descuidosos do sem-valor disto na prosa, não existem na obra de O.G. Rego, tornando-se o texto de uma limpidez incomum”⁴¹⁶. De maneira enfática, conclui, dizendo que “Não se encontra o menor tropeço”⁴¹⁷, pois a pontuação obedece a um ritmo que dá firmeza e suavidade ao mesmo tempo ao texto.

Nas análises de Roosevelt Silveira, O. G. Rego de Carvalho deve ser lido como um grande escritor de expressão nacional, pois, segundo ele, sua escrita contempla temáticas que vão além dos limites do Piauí.

O.G. Rego de Carvalho é, sem dúvida, um grande romancista brasileiro, não devendo nada aos maiores do País. Todos os seus romances são de fundo psicológico. Ele não é um simples contador de histórias nem um regionalista a copiar costumes e linguajar local. Mesmo sendo do Piauí, seu estilo é universal. Vai fundo na alma de suas personagens, perscrutando suas ânsias, medos, seus “fantasmas interiores”. Suas frases são buriladas, medidas. Embora prosador, existe musicalidade, compasso, em seus textos. O crítico Vidal de Freitas encontrou cerca de 800 decassílabos distribuídos em “Rio Subterrâneo.”⁴¹⁸

⁴¹⁴ PÓLVORA, Hélio. O mundo de *Ulisses*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 01/11/1972. Reproduzido em: KRUEL, Kruel. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 186.

⁴¹⁵ PÓLVORA, Hélio. Op. cit, p. 185.

⁴¹⁶ MOURA, Francisco Miguel de. **Linguagem e comunicação em O. G. Rego de Carvalho**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972, p.24.

⁴¹⁷ MOURA, Francisco Miguel de. Op. cit, p.24.

⁴¹⁸ SILVEIRA, Roosevelt. **O. G. Rego de Carvalho, primoroso romancista**. Artigo originalmente publicado no *Jornal Folha do Caparaó, Cachoeiro de Itapemirim, ES, no dia 26/2/2011*. Disponível em: <http://www.silveiralivros.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=35:og-rego&catid=5:poemas-e-contos&Itemid=12>. Acesso em: 19 fev. 2014.

Roosevelt Silveira aponta para o fato de O. G. Rego de Carvalho não poder ser visto como um escritor de motes regionalistas, visto que não copia estilos do linguajar tidos como regionalistas. Ele, na concepção de Roosevelt, seria um escritor por excelência, pois

O seu amor pelas letras é imenso. Para escrever “Rio Subterrâneo”, abriu mão de postos mais elevados no Banco e até mesmo do casamento na época. Seu esforço mental foi tão grande que foi adoecendo enquanto o escrevia e, à medida que adoecia, passava para o papel suas sensações. Com receio de que o romance não fosse concluído, passou a escrever dia e noite. Terminada a tarefa, teve de entrar em intensivo tratamento. Cada reedição de seus livros recebe novas correções, novos ajustes. O.G. é um perfeccionista. Nunca se dá por satisfeito. A revisão é lenta e cansativa. Certa vez ele me havia falado que estava trabalhando em um novo romance: “Era Noite, Afonsina”. Mais tarde me diria que o havia jogado fora, pois estava sob o efeito de remédios que inibiam a criatividade. Ele é tão exigente com o que escreve que de sua bibliografia constam mais dois livros: “Amarga Solidão” (1988), mas ele geralmente nem o menciona, e “Amor e Morte” (1956), que ele proibiu que seja reeditado, proibição válida até para seus herdeiros.⁴¹⁹

Roosevelt deixa transparecer que acredita que as sensações e expressões psicológicas, ligadas aos problemas da fragilidade mental, estão transpostas para os seus livros. Conforme Roosevelt, essa dedicação em escrever teria levado O. G. Rego de Carvalho a adoecer de tal maneira que, ao finalizar a escrita de *Rio Subterrâneo*, teve de procurar tratamento. O. G. Rego de Carvalho, de acordo com as informações de Roosevelt, a partir de seu perfeccionismo, torna-se um escritor que não busca para si as atenções, talvez com o intuito de se preservar das críticas. Roosevelt confessa que se tornou um grande admirador da escrita de O. G. Rego de Carvalho, buscando acompanhar a produção do escritor, dando destaque, ao falar do literato, para o ambiente espacial no qual viveu por doze anos. Roosevelt diz, então, que

Na região em que foi criado, os casamentos eram feitos entre familiares para a conservação dos bens da família, o que fazia com que surgissem muitos casos de loucura. Orlando Geraldo Rego de Carvalho diz que

⁴¹⁹ SILVEIRA, Roosevelt. **O. G. Rego de Carvalho, primoroso romancista**. Artigo originalmente no *Jornal Folha do Caparaó, Cachoeiro de Itapemirim, ES, no dia 26/2/2011*. Disponível em: <http://www.silveiralivros.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=35:og-rego&catid=5:poemas-e-contos&Itemid=12>. Acesso em: 19 fev. 2014.

Oeiras era “famosa por seus poetas, músicos e loucos”. Baseando-se nesse clima, testemunhando casos de pessoas ligadas a si, ele escreve sua obra-prima, “Rio Subterrâneo” (1967, já na 9.^a edição). Adquiri esse romance antes de 1970. Li-o. O enredo e a forma de ele narrar me impressionaram. Consegui seu endereço, e ele o autografou para mim. Devo tê-lo lido umas quatro vezes, de lá para cá. O próprio autor, a partir de então, tomou a iniciativa de me enviar os outros livros que publicou ou reeditou depois. Agora a esposa o tem feito.⁴²⁰

No encerramento de sua homenagem, Roosevelt Silveira lamenta que “Infelizmente O.G. teve de parar de escrever. Mas suas obras jamais poderão ser esquecidas”⁴²¹. Esse depoimento de Roosevelt Silveira aponta para, de certa maneira, os contatos que O. G. Rego de Carvalho manteve com intelectuais de outras regiões do país, mas que ele não faz muita questão de documentar ou registrar.

As discordâncias de leituras e interpretações acerca da obra de O. G. Rego de Carvalho não são poucas. Nos valores e regras do campo literário, isso é prova da riqueza de sua obra. Nesse sentido, comentando a obra *Rio Subterrâneo* (1967), Joca Oeiras diz

Em uma crônica intitulada “Para entender O. G. Rego de Carvalho”, o Dr. José Expedito Rego propõe uma mudança na sequência da leitura dos capítulos, aproximando os similares, alegando que O. G. “esfacelou o texto, dispondo em desordem as várias partes do livro”. Não concordo com esta visão por dois motivos: não acho que a leitura que Zé Expedito propõe facilite o entendimento da obra, nem que o texto, tal como apresentado, esteja “esfacelado”. O que há, na realidade, é que “Rio Subterrâneo” possui uma linguagem cinematográfica, visceralmente moderna, onde se entrelaçam lembranças e delírios dos personagens, com, eu diria, pequenos fragmentos de realidade. A leitura de “Rio Subterrâneo” me deixou convencido de que O. G. ainda não ocupa o lugar que merece na literatura brasileira.⁴²²

Joca Oeiras retoma uma das questões mais controversas para a leitura do livro, pois são muitos os professores de literatura, especialmente da educação básica, que

⁴²⁰ SILVEIRA, Roosevelt. **O. G. Rego de Carvalho, primoroso romancista**. Artigo originalmente no Jornal Folha do Caparaó, Cachoeiro de Itapemirim, ES, no dia 26/2/2011. Disponível em: <http://www.silveiralivros.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=35:og-rego&catid=5:poemas-e-contos&Itemid=12>. Acesso em: 19 fev. 2014.

⁴²¹ SILVEIRA, Roosevelt. **O. G. Rego de Carvalho, primoroso romancista**. Artigo originalmente no Jornal Folha do Caparaó, Cachoeiro de Itapemirim, ES, no dia 26/2/2011. Disponível em: <http://www.silveiralivros.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=35:og-rego&catid=5:poemas-e-contos&Itemid=12>. Acesso em: 19 fev. 2014.

⁴²² OEIRAS, Joca. **Criador e Criatura: O. G. Rego de Carvalho**. Publicado em 18 de abril de 2008. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/criador-criatura-o-g-rego-de-carvalho>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

recomendavam para seus alunos, em salas de cursinhos preparatórios, uma nova sequência de leitura dos capítulos do livro. A não linearidade dos capítulos, com uma sequência “lógica” diferente, é marca do próprio texto e que remete mais uma vez à noção de tempos simultâneos e de um “tempo livre”.

A leitura de *Rio Subterrâneo* (1967), a partir da caracterização de seus personagens, é algo que Francisco Miguel de Moura utiliza em suas análises. Para ele,

“Rio Subterrâneo” se adentra na análise profunda de uma realidade que o vulgo só conhece epidermicamente: o homem a caminho da loucura. Não que os seus protagonistas sejam excepcionais. Lucínio e Helena são criaturas comuns, com quem poderíamos encontrar na rua: pensativos, excêntricos, medrosos, mas capazes de viver em sociedade. O ambiente, como já foi dito, é a família; família que tem suas raízes em Oeiras, a do primeiro; família que vive na antiga capital, a do segundo. Outros, como Hermes e Afonsina, se bem que com menor intensidade, apresentam características acentuadas de psique doentia tal como os primeiros, o que bem demonstram seus casos amorosos.⁴²³

De certa maneira, Francisco Miguel de Moura parece não descrever apenas os personagens de O. G. Rego de Carvalho, mas, sim, descrevendo os encontros possíveis com o próprio autor, em seus poucos momentos de aparição pelas ruas ou estabelecimentos comerciais de Teresina. Em citações como essas, ele parece advogar em favor do escritor, que sempre sofreu o estigma de ser “louco”. Tomando, conforme afirma Francisco Miguel de Moura, esse “material humano”, que é comum a muitos ficcionistas ditos psicológicos, O. G. Rego de Carvalho teria feito uma narrativa muito competente, realizando um intenso mergulho nas sensibilidade, pensamentos, medos, no sofrimento, na dor e nos desejos. Com isso, o literato tem o “desejo de transcender a condição existencial de seus personagens”⁴²⁴.

Joca Oeiras fala que *Rio Subterrâneo* (1967) está povoado por uma dimensão delirante, principalmente em função da caracterização de seus personagens, com suas peculiaridades psicológicas. Em sua leitura, os personagens são:

Incestuosos, edipianos, sádicos; loucos ou vivendo uma atmosfera delirante, são assim os personagens que povoam "**o mais desesperado livro que se escreveu no Brasil**" na justa definição dada pelo crítico e

⁴²³ MOURA, Francisco Miguel de. **Linguagem e comunicação em O. G. Rego de Carvalho**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972, p. 53.

⁴²⁴ MOURA, Francisco Miguel de. Op. cit, p. 53.

ensaísta Homero da Silveira à novela "**Rio Subterrâneo**" do oeirense O. G. Rêgo de Carvalho (1930-), o mais importante ficcionista piauiense em todos os tempos.⁴²⁵

Ao falar de O. G. Rego de Carvalho como sendo o “maior ficcionista piauiense”, Joca Oeiras está lançando mão do poder de classificação, além de incrementar a disputa, visto que busca valorizar a sua cidade de nascimento, que também é a do literato. Mais que isso, Joca Oeiras faz pensar na possibilidade de haver alguma classificação ordinária dos escritores. No site *Isto é Piauí, isto é Brasil*, há uma listagem com o título “Os Dez Maiores Escritores do Piauí”. Nessa listagem está dito que “a produção literária piauiense é pouco conhecida e divulgada, mas é bastante significativa e de qualidade. Os mais divulgados e conhecidos nacionalmente são: Torquato Neto, Mário Faustino, O. G. Rego de Carvalho, Da Costa e Silva e Assis Brasil”⁴²⁶. No site não há nenhuma explicação dos critérios selecionados para tal classificação, nem está dito se a ordem na qual aparecem é a ordem de suas divulgações no Brasil ou no Piauí. A lista ainda é composta pelos nomes de Hermínio Castelo Branco, Francisco Gil Castelo Branco, H. Dobal e Abdias Neves, o que dá um total de somente nove e não dez, como sugere o título.

Surge, no ano de 2007, o livro *O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica*, de organização do jornalista Kenard Krueel, trazendo um bom número de artigos e entrevistas referentes à vida e obra do literato. Em suas palavras, o livro “foi organizado na crença de que, por intermédio dos artigos críticos e das entrevistas aqui publicados, a obra ogerreguiana possa ser melhor entendida, mais lida e mais amada”⁴²⁷. Pelas palavras iniciais dos agradecimentos, Kenard Krueel aponta para os vazios que ainda havia no que se refere à melhor circulação e compreensão da obra do literato.

A unidade pretendida nesse livro não se dá no sentido de apontar uma linha homogênea do estilo e da forma narrativa da escrita do literato piauiense. O que se visualiza na obra é o agrupamento de informações sobre a vida do autor e de artigos de crítica sobre sua produção literária. Contudo, tal unidade está, em certa medida, inconclusa, pois, na própria organização estrutural do livro, há uma seção para um texto de

⁴²⁵ OEIRAS, Joca. **Criador e Criatura**: O. G. Rego de Carvalho. Publicado em 18 de abril de 2008. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/criador-criatura-o-g-rego-de-carvalho>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

⁴²⁶ DEUS NETO, Antônio de. **Os dez maiores escritores do Piauí**. Postado em 11/08/200. Disponível em: <<http://istoepiaui.blogspot.com.br/2008/07/os-dez-maiores-escritores-do-piau.html>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

⁴²⁷ KRUEL, Kenard. Palavras de agradecimentos. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 70.

cunho biográfico e uma outra seção, levando o mesmo nome do livro. É como se as quase setenta páginas anteriores fossem uma apresentação do autor, mas não do livro.

Na primeira parte do livro, intitulada de *O estranho no ninho*, Kenard Krueel dispõe de pequenos tópicos para falar de família, estudos, trabalho, homenagens, doenças, trajetória de formação como escritor e de algumas obras que abordam os livros do literato. Nessa primeira parte menciona o livro *Linguagem e comunicação em O. G. Rego de Carvalho*, de Francisco Miguel de Moura; e os textos *O Mundo degradado de Lucínio: a incomunicabilidade em Rio Subterrâneo*, de Fabiano de Cristo Rios Nogueira (dissertação de mestrado); e *Rio Subterrâneo: estrutura e intertextualidade*, de Maria Gomes Figueiredo dos Reis (tese de livre docência). Esses dois últimos também foram publicados em forma de livro.

Vale ressaltar que, mesmo apresentando muitas informações, o texto introdutório do livro não assume a pretensão de ser uma análise de crítica literária. Configura-se, notoriamente, como um texto de localização e de informação, o que deve ser compreendido pelo lugar social do organizador do livro. Como se pode notar na fala de Cineas Santos sobre o livro “organizado pelo Kenard são artigos publicados em jornais e revista. Não é um estudo crítico”⁴²⁸.

Na segunda parte do livro, são apresentados 72 artigos que foram publicados em jornais do Piauí e em cidades como Rio de Janeiro. Há, também, 09 entrevistas que O. G. Rego de Carvalho concedeu a críticos piauienses e de outros estados.

O livro de Kenard Krueel parece “preencher” um espaço, ou parece ter essa pretensão, pois

"O. G. Rêgo de Carvalho - Fortuna Crítica" - tem ainda o mérito iconográfico, são mais de uma dezena de fotografias históricas que muito me sensibilizaram ao lê-lo e delas quero aqui falar especialmente de um personagem, para mim histórico, numa História da Cultura Piauiense: Antônio Nobre Aguiar. À Livraria Dilertec, ou livraria do Nobre, como chamávamos, eu e mais meia dúzia de companheiros íamos pelo menos uma vez por semana - William Melo Soares, Zémagão (que Deus o tenha), F. Eduardo Lopes, Jorbacilomar, Josemar da Silva Neres, Albert Piauí - era também um ponto de convergência da resistência cultural à ditadura militar. Num certo dia do mês de agosto de 1979, ao saber que eu havia aniversariado (quase no final de julho), Nobre presenteou-me com o livro "Teorias Econômicas - de Marx a Keynes", de autoria de Joseph A. Schumpeter - que, aliás, ainda não li, mas vou lê-lo neste 2008 - com a dedicatória: "Ao jovem Menezes, pela sua constante atividade em

⁴²⁸ SANTOS, Cineas. Questionário respondido para Pedro Pio Fontineles Filho, via e-mail, em 20 de janeiro de 2013.

favor do livro e à causa da Imprensa". Esse era o Nobre, sutil, elegante, só vestia roupa branca, a exemplo dos poetas queridos Emile Dickson (1830-1886) e Thiago de Mello. São raras as figuras como o Nobre. Falo dele aqui por culpa do livro de Kenard Krueel, que agora prepara outro torpedo histórico, a fortuna crítica de Torquato Neto.⁴²⁹

Menezes y Morais está se referindo à Livraria Dilertec, em Teresina, de propriedade de Antônio Nobre Aguiar, citado na entrevista que o próprio Menezes y Morais fez com O. G. Rego de Carvalho, publicada no Jornal O Dia, em 19 de fevereiro de 1973. Foi nesse local que Menezes y Morais encontrou com O. G. Rego de Carvalho, e, rememorando, diz que foi naquele espaço que “O. G. me recebeu com seu sorriso manso, camarada. Disse a ele que tinha umas perguntinhas a fazer-lhe. E marcamos onde e quando fazer a coisa”⁴³⁰. Segundo Morais, a livraria era um dos lugares favoritos de O. G. Rego de Carvalho, que “fizera já dali o seu ‘cafezinho’. Lá sempre pintam alguns dos poucos intelectuais de Teresina, para uma boa conversa e ver os últimos lançamentos em livros”⁴³¹. Sobre a livraria e Antonio Nobre, Francisco Miguel de Moura publica um artigo que almeja homenagear o seu fundador, Antonio Nobre e faz uma espécie de crônica sobre o cotidiano daquela livraria e dos seus frequentadores. Ele lembra que

Sua livraria, quando alcancei, pelos anos 1960, funcionava na esquina da Rua Coelho Rodrigues com a 13 de Maio, onde hoje está a “Ótica Itamaraty”. Pouco tempo depois mudaria para Rua 13 de Maio, ali pertinho, ao lado do Cine Royal. A mudança foi fácil, podia levar os livros na mão, de tão perto que era o novo endereço. E esse novo ponto se tornaria realmente uma espécie de clube da cultura, a LIVRARIA NOBRE, isto pelos anos 1970/80. Ponto estratégico, aos sábados (dia certo de reuniões), quem não ia para o cinema, aportaria à livraria do Nobre, onde havia livros, conversa, café e muita gente. Reuniões acaloradas, onde todos falavam e poucos escutavam. Cineas Santos, participante assíduo, já apontado como um dos grandes divulgadores da cultura nesta capital, chegou a apelidar de “Clube do Silêncio” a essas sabatinas.⁴³²

⁴²⁹ MENEZES Y MORAIS. **A estética insubterrânea**. Publicado originalmente em <http://kenardkrueel2.blogspot.com/>. Disponível em: <http://www.portalentretextos.com.br/gerarpdf/5,215.html> , p. 02. Acesso em: 19 fev. 2014.

⁴³⁰ MENEZES Y MORAIS. O. G. Rego de Carvalho. Jornal O Dia. Teresina, 18, 19/02/1973. In: KRUEEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 307.

⁴³¹ MENEZES Y MORAIS. Op. cit, p. 307.

⁴³² MOURA, Francisco Miguel de. **Antonio Nobre e o Clube do Silêncio**. Disponível em: <http://abodegadocamelo.blogspot.com.br/2010/08/antonio-nobre-e-o-clube-do-silencio.html>. Acesso em: 19 fev. 2014.

Francisco Miguel de Moura, nesse artigo do blog *A Bodega do Camêlô*, apresenta uma fotografia de uma das reuniões que aconteciam naqueles sábados que não iam aos cinemas:

Foto 2 – Encontro do “Clube do Silêncio”.



Fonte: MOURA, Francisco Miguel de. Blog *A Bodega do Camêlô*, 2010.

Estão, da esquerda para direita e em pé, Izac, Lucimar Uchoa, Eulino Lima, Antonio Nobre, Cineas Santos, Pedro Celestino e Francisco Miguel de Moura; sentados estão O. G. Rego de Carvalho e Geraldo Borges. “O Clube do Silêncio” foi o título irônico que Cineas Santos atribuiu ao espaço no qual todos falavam sem parar e ao mesmo tempo. Pela imagem dá para notar que o espaço era pequeno, com instalações não muito apropriadas para reuniões de grande porte. Os intelectuais, mesmo tendo de posar para a foto, em meio aos muitos livros nas prateleiras de livros, ficavam amontoados, com poucos lugares para se sentarem. Não havia, pelo que parece, uma sala reservada, dentro da livraria, para conversas e diálogos mais tranquilos, pois como está no detalhe da fotografia, com um garoto ao fundo, os escritores tinham de dividir o espaço com os demais clientes e frequentadores do local. Ao que sugere a fotografia, não havia um espaço, dentro da livraria, um lugar específico para o trânsito dos intelectuais.

Essas informações de Menezes y Moraes e de Francisco Miguel de Moura, sobre a livraria Dilertec, sinalizam para dois aspectos: a falta de mais lugares nos quais os

intelectuais pudessem se encontrar e o desejo que os escritores e intelectuais do estado e da cidade tinham para produzir, ler, manter-se informados das novidades no universo da literatura e das letras de maneira geral. Na entrevista que O. G. Rego de Carvalho concedeu a Menezes y Moraes são retomados assuntos como a escrita e recepção de *Ulisses entre o Amor e a Morte*, *Rio Subterrâneo* e *Somos Todos Inocentes*; a referência aos espaços de Teresina, Oeiras e Timon; e a polêmica entre O. G. Rego de Carvalho e alguns representantes da Faculdade de Filosofia do Piauí. Quanto aos nomes citados por Menezes y Moraes no artigo publicado na internet, eles apontam para uma certa frequência de homens envolvidos com a produção literária que circulava em Teresina.

Interessante, também, o destaque que Menezes y Moraes dá à livraria como um lugar no qual os intelectuais também se reuniam para “resistir” à ditadura militar no estado. Contudo, ele não menciona como tais encontros reverberaram em alguma ação direta, ou resultando em alguma escrita de protesto. Em uma entrevista realizada em 2013, Cineas Santos diz que não sabe se a livraria era

um espaço de resistência, mas era um espaço livre, onde cada um falava o que bem queria. O O.G. falava pouco, mas sempre muito certo em suas observações. Havia um cidadão chamado Lucimar, que falava muito. O poeta Eulino Martins também falava muito, escrevia uns sonetos à maneira de Augusto dos Anjos. Basicamente era isso.⁴³³

A prática que se destacava, entre os intelectuais frequentadores da livraria do Nobre, era a conversa mais descontraída acerca de Literatura, sem deixar de lado temáticas voltadas para a vida social e política daquele momento. Contudo, diferente do que afirma Menezes y Moraes, Cineas Santos não acredita que eles chegavam a estar em um ambiente de resistência, pois, pelo menos aqueles frequentadores, não sofriam nenhum tipo de retaliação ou constrangimento político. Será se o *Clube do Silêncio* era mesmo só uma denominação irônica dada por Cineas Santos ao falatório dos intelectuais naquelas reuniões, ou já estava embutida em si mesma uma crítica velada ao regime político? A afirmação de Cineas Santos, dizendo que não percebia a Livraria como um espaço de resistência, pode, ainda, suscitar a ideia de que, resguardando as proporções e especificidades, a atividade literária não era tão comprometida, em termos de publicação, com as questões políticas do estado naquele momento, como foi em outros centros do país.

⁴³³ SANTOS, Cineas. Questionário respondido para Pedro Pio Fontineles Filho, via e-mail, em 20 de janeiro de 2013.

Em sua resposta, Cineas Santos também é bem cauteloso sobre o que falava O. G. Rego de Carvalho, preferindo, então, dizer que o literato preferia falar pouco, que é uma de suas características. E assevera que, naquele período, “eram encontros informais, tomávamos café, conversávamos sobre literatura, política, etc. Há muito tempo não vejo O. G.”. Pelo pequeno espaço que aparece na fotografia, os encontros pareciam, de fato, ser informais. O que chama atenção na finalização desse trecho do depoimento de Cineas Santos é sua ênfase em dizer que faz muito tempo que não mantém contato com O. G. Rego de Carvalho, pois isso reforça o isolamento no qual o escritor tinha se envolvido, em função da chegada, no ano de 2011, de seu único filho. No entanto, essa afirmação de Cineas Santos também sinaliza para o fato de, até certo ponto, haver um certo receio em se comentar sobre o literato, pois como editor e alguém que encontrava bastante O. G. Rego de Carvalho, quase que diariamente na Dilertec, bem como falava de sua obra, em suas aulas pelo interior do estado, ele deveria ter muita coisa a falar.

De sua relação com O. G. Rego de Carvalho, Cineas Santos diz: “Conheci o O.G. na livraria Dilertec. Lá nos reuníamos diariamente para falar de quase tudo, principalmente de literatura. Passei a editá-lo no final da década de 80”. Enquanto Francisco Miguel de Moura diz que os encontros aconteciam geralmente aos sábados que não havia cinema, Cineas Santos fala de encontros diários, tendo a literatura como ponto principal de discussão. Cineas Santos, depois disso, fundou sua própria editora e livraria, a Corisco, editando e reeditando vários escritores, segundo ele, que eram piauienses. Dentre esses escritores editados, estava O. G. Rego de Carvalho, a quem conheceu por intermédio de Paulo Machado. Em suas recordações, Cineas Santos diz: “Conheci o O. G. na década de 70. Na companhia do poeta Paulo Machado percorri o interior do Piauí ministrando aulas sobre autores piauienses. O O.G. estava entre eles”⁴³⁴. As aulas sobre literatura e escritores piauienses não eram, até aquela data, uma regra. Então, vários professores preparavam material e cursos itinerantes, para fazer o que denominaram de “literatura piauiense” ser melhor divulgada nas escolas da educação básica da capital e do interior do estado do Piauí.

A autobiografia, os aspectos de temporalidade, as críticas e os usos da literatura, até aqui apresentados, despertam para o pensar sobre a obra de O. G. Rego de Carvalho imersa no processo de (re) inventar a literatura “piauiense”. A obra, o autor, a crítica, as intrigas, a

⁴³⁴ SANTOS, Cineas. Questionário respondido para Pedro Pio Fontineles Filho, via e-mail, em 20 de janeiro de 2013.

relação da literatura com os espaços da universidade e as leis de obrigatoriedade da literatura “piauiense” no ensino básico: são alguns dos vetores para se pensar a literatura como objeto historicamente construído e as relações de poder que incidem em tal construção.

5.2 A Crítica Literária e outros usos da Literatura

O. G. Rego de Carvalho tem sido um escritor bastante lido atualmente nos espaços acadêmicos das universidades e nas escolas de educação básica do Piauí⁴³⁵, especialmente por ter tido seus livros exigidos nos vestibulares das universidades públicas, anteriormente aos novos critérios de inclusão, especialmente via Enem.

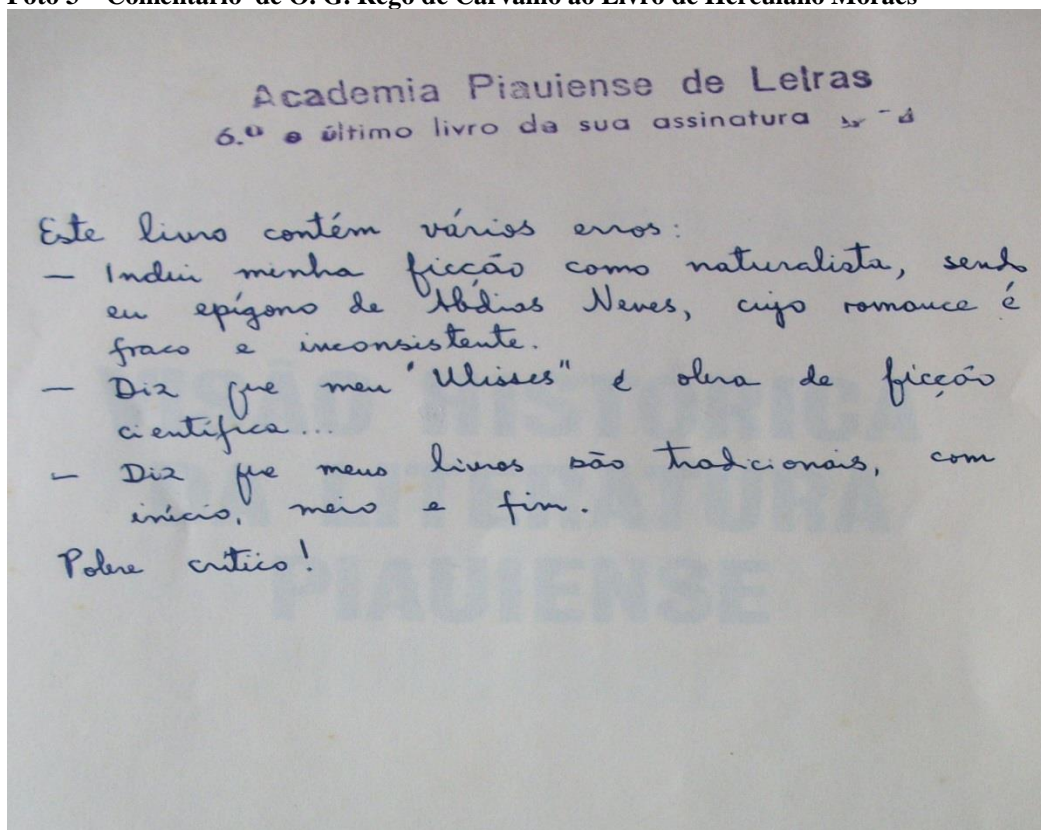
Além dessa dimensão de estudo de sua obra, por parte de professores e alunos, o escritor encontra-se nas esferas de debate sobre sua escrita, também pelos seus posicionamentos acerca daquilo que é escrito sobre ele. Exemplo disso, está visualizado em seu comentário, escrito à mão, no livro de Herculano Moraes⁴³⁶, que versa sobre o livro *Visão Histórica da Literatura Piauiense*⁴³⁷. Em seu comentário, O. G. Rego diz que:

⁴³⁵ A Constituição do Estado do Piauí, de 1989, traz em seu parágrafo único, do Artigo 226 a obrigatoriedade do ensino de Literatura Piauiense nas escolas públicas e particulares.

⁴³⁶ Herculano Moraes da Silva Filho nasceu a 2 de maio de 1945, na cidade de São Raimundo Nonato, Piauí. Na juventude teve grande participação na política estudantil, posteriormente atuando na vida político-partidária, especialmente como Vereador. Ocupa a cadeira de número 18 da Academia Piauiense de Letras. É autor de Poesias: *Murmúrios ao vento* (1965), *Vozes sem Eco* (1967), *Meus Poemas Teus* (1969), *Território Bendito* (1973), *Seca, Enchente, Solidão* (1977), *Pregão* (1978), *Oferendas* (1997); Romance: *Território Bendito* (1978); Ensaios: *Chão de Poetas* (1974), *A Nova Literatura Piauiense* (1975), *Visão Histórica da Literatura Piauiense* (1976). Ainda escreveu Fascículos de Literatura Piauiense sobre Assis Brasil, Da Costa e Silva, Álvaro Pacheco e Fontes Ibiapina.

⁴³⁷ SILVA FILHO, Herculano Moraes da. **Visão histórica da literatura piauiense**. Teresina: HM Editor, 1997.

Foto 3 – Comentário de O. G. Rego de Carvalho ao Livro de Herculano Moraes



Fonte: SILVA FILHO, Herculano Moraes da. **Visão histórica da literatura piauiense**. 4. ed. Teresina: HM, 1997.

Trata-se de um livro adquirido por O. G. Rego de Carvalho com o intuito de “averiguar” o que era dito sobre a Literatura, pois ele se considera um apreciador da boa escrita. Além disso, tinha o objetivo mesmo de conferir se era dito algo sobre ele e o que estava sendo dito. O. G. Rego fez questão de doar seu exemplar para a Academia Piauiense de Letras, para que ficasse exposto na Biblioteca daquela instituição. Esse ato não se deu de forma isolada e sem interesses. Ao fazer isso, o autor de *Ulisses entre o Amor e a Morte* pretendia demonstrar, publicamente, o seu descontentamento e discordância em relação ao exposto no livro. Não para qualquer público, mas para os seus pares intelectuais da Academia, com o intuito de desabonar a seriedade e qualidade da crítica literária produzida por Herculano Moraes. Sua intenção, para além do descontentamento intelectual, era o de provocar limites de circulação ou mesmo de aceitação do crítico. O. G. Rego de Carvalho fez questão de enfatizar que o que era escrito sobre ele estava repleto de “erros”. Em momento algum, desde o início da apreciação, ele quis ser eufêmico ou sutil em sua análise do livro. Ao taxa-lo como “errado”, pelo menos no que se refere a sua escrita e obra, O. G. Rego de Carvalho pretende colocar em suspeição a escrita de seu “parceiro” literato.

Dos “vários erros” que ele diz constar no livro de Herculano Moraes, estão destacados três. Ele inicia ressaltando uma dimensão a qual ele tem buscado negar, que é a tentativa de enquadramento de sua obra em uma linha narrativa ou em um sistema literário. Negando o Naturalismo como sendo sua vinculação, O. G. Rego de Carvalho está principalmente negando qualquer relação de sua escrita com a possibilidade de um texto que pudesse ser aproximado de narrativas nas quais os traços da natureza são o elemento impulsionador.

Falar sobre o rio, sobre a vegetação, sobre os impactos da seca, sobre a natureza, como forma de inserir a condição humana como foco narrativo, não se trata, conforme sua própria defesa, de sua intenção, pois seus livros não se embasariam nesse mote. Ao rejeitar essa vinculação, O. G. Rego de Carvalho lança crítica, também, a Abdias Neves⁴³⁸, que, segundo Herculano, seria a maior expressão do Naturalismo na literatura piauiense. Herculano Moraes argumenta que

Não é preciso repetir que o naturalismo foi uma posição assumida contra o romantismo. É a observação direta da realidade, conforme Silveira Bueno. Os franceses compreenderam o naturalismo no período literário de 1850 a 1890. Se foi uma tendência quase geral no Brasil, não o foi, entretanto, no Piauí. Há a destacar-se, porém, o vitorioso nome de Abdias Neves, com *Um Manicaca* e, mais recentemente, O. G. Rêgo de Carvalho, com “Rio Subterrâneo”. São certamente, os dois mais vigorosos nomes do naturalismo piauiense.⁴³⁹

Pelas considerações de Herculano Moraes, O. G. Rego de Carvalho seria mesmo um escritor naturalista. Vale ressaltar que o título que inicia as análises de Herculano Moraes é “O Naturalismo Indígena”, pressupondo que os escritores ali arrolados seriam de uma matriz literária ligada aos escritos indígenas de José de Alencar, que nem é mencionado por Herculano Moraes. Para ele, tanto Abdias Neves quanto O. G. Rego de Carvalho fazem parte de um naturalismo “com raízes em Émile Zola e Eça de Queiroz. Em Abdias Neves, o sarcástico se incorpora ao psicológico. Em O. G. Rego de Carvalho a

⁴³⁸ Abdias da Costa Neves nasceu em 19 de novembro de 1876. Foi professor, político, magistrado, jornalista, romancista, poeta e historiador. Colaborou em vários jornais do estado, fundando a *Crisálida*, *A Idéia*, *A Notícia* e *O Dia*. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Piauiense, exerceu o cargo de juiz federal substituto e senador. Faleceu em 28 de agosto de 1928. Autor de *A Guerra de Fidié* (1907), *O Padre Perante a História* (1908), *Um Manicaca* (1909), *Psicologia do Cristianismo* (1910), *Velário* (1913), *Piauí na Confederação do Equador* (1921).

⁴³⁹ SILVA FILHO, Herculano Moraes da. **Visão histórica da literatura piauiense**. Teresina: HM Editor, 1997, p. 27.

força da criação projeta-se do estado de tensão criado durante toda a narrativa”⁴⁴⁰. Ao lado disso, Herculano Moraes ainda reforça a filiação de Abdias Neves e O. G. Rego de Carvalho, destacando que “em ambos observa-se a preocupação com o homem piauiense, o seu comportamento, a moda naturalista-regionalista”⁴⁴¹. Há, nessa observação, destaque para o aspecto regionalista interligado ao naturalismo.

Em larga medida, parte da insatisfação de O. G. Rego de Carvalho estaria por ser associado não somente ao naturalismo como também ao regionalismo, tendência essa que ele já negara outras vezes como característica de sua escrita. Pensar o comportamento do homem piauiense é algo que, em certa medida está presente nos livros de O. G. Rego de Carvalho, pois ao falar de amor, solidão, loucura, juventude, ele lança mão de análises psicológicas sobre o comportamento. Os desencontros entre a classificação de Herculano Moraes e a crítica de O. G. Rego de Carvalho podem ser alocados na pluralidade interpretativa que o termo “naturalismo” assume ao não deixar claro, por exemplo, a que tipo de comportamento humano se refere.

Não satisfeito em desconsiderar o livro de Herculano de Moraes, O. G. Rego de Carvalho ainda lança comentários áspers ao romance de Abdias Neves, considerando sua escrita “fraca e inconsistente”. Ao fazer isso, O. G. Rego de Carvalho tenta minar qualquer possibilidade de vinculação de sua escrita com a escrita de Abdias Neves, que apresenta traços fortes da zoomorfização, que consiste em aproximar a condição humana à animalesca, que é algo típico no Naturalismo. Em geral, isso tem sido feito por meio da ligação do homem piauiense aos fenômenos da seca ou da realidade de pobreza. Contudo, O. G. Rego de Carvalho não mencionou que, ao lado das dimensões do Naturalismo, a obra de Abdias Neves também é marcada por elementos do Realismo, sobretudo em sua configuração de destaque para a análise psicológica dos personagens.

Além disso, mesclando tais bases (Naturalismo e Realismo), Abdias Neves também abriu espaço para a narrativa dos costumes da sociedade e de escrita histórica sobre eventos e fatos. Sobre isso, O. G. Rego de Carvalho já teria se posicionado, afirmando que seus textos não seriam romances de costumes e nem de cunho histórico. Parece uma busca constante do escritor em não se ligar a nenhum lastro de escrita, seja ele literário ou até mesmo histórico, muito embora, em seu *Somos Todos Inocentes* (1971), ele faça uso de uma narrativa que expressa vários costumes da sociedade e da história da cidade de Oeiras.

⁴⁴⁰ SILVA FILHO, Herculano Moraes da. **Visão histórica da literatura piauiense**. Teresina: HM Editor, 1997, p. 27-28.

⁴⁴¹ SILVA FILHO, Herculano Moraes da. Op. cit, p. 27.

Mais que isso, é sua intenção “controlar” as leituras feitas sobre sua obra ou mesmo instaurar um processo de “desleitura”, pois intenta desconstruir as análises que fogem àquilo que ele espera que seja feito de seus livros. Mas que leituras seriam essas? Quais seriam os limites das interpretações para os livros de O. G. Rego de Carvalho? Respostas herméticas seriam inocentes, visto que se está abordando escrita e literatura, que são integrantes do universo da produção artística, que não permite, em grande medida, demarcações rígidas. O que se pode vislumbrar, *a priori*, é o fato de que O. G. Rego não quer ser classificado, enquadrado ou agrupado em algum tipo de organização preexistente de escrita.

O segundo tópico do “erro” que teria cometido Herculano Moraes está relacionado ao seu primeiro livro, *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953), que introduziu O. G. Rego de Carvalho no universo literário, principalmente pelas características diferenciadas de seu texto: capítulos curtos, narrativa em forma de poesia e sonora, dimensões psicológicas e pouco destaque à natureza. “Obra de ficção científica”, seria assim que Herculano, conforme o comentário de O. G. Rego de Carvalho, teria classificado o livro *Ulisses*, classificação tal muito mais próxima do cinema que propriamente da narrativa literária. Herculano Moraes diz que

O. G. Rêgo de Carvalho realizou com “Ulisses entre o Amor e a Morte” uma feliz estreia no campo da ficção científica. Foi um livro que determinou o “nascimento” de um escritor predestinado a ser, em pouco tempo, um dos mais queridos e respeitados nomes da literatura nacional.⁴⁴²

Mesmo diante do reconhecimento de que seus livros o credenciariam, em curto período, como um romancista de grande monta, o escritor oeiense não aceitou amistosamente o rótulo de seu livro de estreia como sendo de ficção científica. Ter encerrado o comentário sobre isso com reticências expressa, provavelmente, a impaciência e ao mesmo tempo indiferença de O. G. Rego de Carvalho com isso, preferindo não levar adiante uma discussão com algo, em sua concepção e certeza, tão descabido para seu texto. Essa desconsideração feita por O. G. Rego de Carvalho é plenamente compreensível tomando-se por análise a conceituação básica do que seja um texto ou obra de ficção

⁴⁴² SILVA FILHO, Herculano Moraes da. **Visão História da Literatura Piauiense**. 4. ed. Teresina: HM Editor, 1997, p. 160.

científica, que se trata de todo ou qualquer enredo que se desenrola a partir de descobertas e impactos da ciência. Conhecendo minimamente o livro *Ulisses entre o Amor e a Morte*, é justificável e aceitável a crítica feita ao livro de Herculano. Essa inadequação foi corrigida por Herculano Moraes nas edições seguintes (3ª, 4ª e 5ª), retirando a palavra “científica” do texto, suavizando o atrito criado entre os dois literatos a partir da edição de 1982, quando O. G. Rego de Carvalho tornou públicas as suas considerações negativas.

Ao ter revisto essa falha e a retirado das edições posteriores, Herculano Moraes teve a postura intelectual, até certo ponto humilde, de aceitação de que havia coisas a serem melhoradas em seu livro. Mais que isso, Herculano Moraes mostra para os demais pares, especialmente os da Academia Piauiense de Letras, que é um escritor antenado ao público que consome ao seu livro, ainda mais quando nesse público se encontra um sujeito que se tornou objeto de análise para a construção da narrativa e argumentação de seu texto de crítica literária. Herculano Moraes consegue, até certo ponto, apaziguar os ânimos tanto de O. G. Rego de Carvalho como daqueles que possivelmente se solidarizaram com os comentários depreciativos, ou melhor, de defesa-ataque de O. G. Rego de Carvalho.

Aliás, revisões e reedições de livros, sobretudo de crítica literária, têm, dentre outras funções, a característica de adaptação de considerações pretéritas e reforço de outras. Dessa maneira, acompanhar as diferentes edições de uma obra, como é o caso do livro escrito por Herculano Moraes, é perceber as disputas de saberes que são produzidos em um dado campo. O livro assume, nesse sentido, como testemunho das práticas e discursos que incidem sobre ele, que fazem o livro se constituir como expressão de valores, de ideias e relações de poder.

No tocante ao outro comentário, que se refere ao seu texto como tradicional ou linear, O. G. Rego de Carvalho também desconsidera os argumentos de Herculano Moraes. Para Herculano,

Tanto *Rio Subterrâneo* como *Somos Todos Inocentes* são romances que apresentam uma disposição técnica tradicional: história que tem começo, clímax e desfecho. “Ulisses” difere um pouco. São narrações estanques, montadas posteriormente, de forma a gerar a unidade desejada.⁴⁴³

⁴⁴³ SILVA FILHO, Herculano Moraes da. **Visão História da Literatura Piauiense**. 4. ed. Teresina: HM Editor, 1997, p. 158.

No que tange a *Rio Subterrâneo*, talvez esse seja o livro menos linear de O. G. Rego de Carvalho, pois é o que mais apresenta uma narrativa de elucubrações psicológicas, já que o tempo da narrativa é psicológico. Ademais, os seis capítulos dispostos do livro não possuem tal “disposição técnica tradicional”, visto que eles podem ser lidos em combinações, o que, para muitos professores de literatura, facilitaria o entendimento do texto⁴⁴⁴. Contudo, isso romperia com a postura anárquica de O. G. Rego de Carvalho, que intencionou mesmo escrever um texto que fugisse a uma sequência estanque.

Mesmo o seu *Somos Todos Inocentes*, que é considerado o texto mais “convencional”, pois trata dos costumes de Oeiras em fins da década de 1920, precisamente no ano de 1929, possui fortes traços psicológicos. A aparente linearidade, com início – meio – fim, é entrecortada pelas nuances psicológicas dos personagens, que giram em torno dos conflitos e relações entre famílias rivais. Apesar de o literato não admitir, é o texto mais linear, o que teria levado Herculano Moraes a mencionar tal característica como integrante da obra de O. G. Rego de Carvalho. O que Herculano Moraes está chamando de narrações estanques muito provavelmente são os capítulos curtos e poéticos de *Ulisses entre o Amor e a Morte*. Vale destacar que esse argumento foi mantido por Herculano Moraes nas edições seguintes, não alterando nada, o que demonstra que sua concepção sobre a disposição narrativa e formal dos livros de O. G. Rego de Carvalho permanece, mesmo diante da discordância entre ele e o literato analisado por ele.

Os reflexos de tais atritos entre os dois literatos, em parte, podem ser vistos na quarta edição do livro de Herculano Moraes. Nessa edição, na contracapa do livro, consta uma fotografia com a seguinte legenda: “Cinco dos principais nomes da Literatura Piauiense neste século. Da esquerda para a direita: Francisco Miguel de Moura, Herculano Moraes, H. Dobal, Assis Brasil e Hardi Filho”⁴⁴⁵.

⁴⁴⁴ Nos muitos manuais e apostilas preparados pelas escolas privadas do Piauí, como material preparatório para vestibulares, recomenda-se a leitura distribuída da seguinte forma: Primeiro capítulo com o Quarto, Segundo capítulo com o Quinto, e Terceiro capítulo com o Sexto.

⁴⁴⁵ SILVA FILHO, Herculano Moraes da. **Visão História da Literatura Piauiense**. 4. ed. Teresina: HM Editor, 1997.

Foto 4 – Membros da Academia Piauiense de Letras – APL.



Fonte: SILVA FILHO, Herculano Moraes da. **Visão histórica da literatura piauiense**. 4. ed. Teresina: HM, 1997.

A escolha da fotografia, em boa medida, parece ter sido realizada pelos editores da Editora HM, de Teresina, de propriedade de Herculano Moraes. Esses três tópicos destacados por O. G. Rego de Carvalho não levaram em consideração outro problema presente no livro de Herculano: a datação equivocada da publicação de dois dos livros do literato oeirense. Herculano Moraes diz que *Ulisses entre o Amor e a Morte* foi publicado em 1959, tendo sido no ano de 1953. Diz que *Rio Subterrâneo* foi publicado em 1966, sendo que isso aconteceu um ano após essa data, incorrendo no risco de localização sócio-temporal do livro. Esse detalhe é importante, pois pode levar os leitores a cometer erros na análise da escrita de O. G. Rego de Carvalho, sobretudo se tomar o aspecto de que há várias edições de tais livros.

Em relação a esse atrito entre os dois literatos, Francisco Miguel de Moura, mesmo não querendo se posicionar, diz que o texto de Herculano Moraes tem seu mérito, mas que não teria um ponto de vista definido:

Eu não sei, eu só sei que está errado. Eu, para mim que está errado. No meu livro é diferente, eu só posso dizer isso, e talvez o O.G. tenha razão,

tivesse razão. É tudo que posso dizer. Eu não vou falar mal dos meus colegas, não tenho nada a dizer, cada escritor escreve o que quer.⁴⁴⁶

Sem querer se comprometer tanto, Francisco Miguel de Moura chama a atenção ao fato de que, se O. G. Rego de Carvalho criticou o livro de Herculano Moraes é porque ele deve ter razão. Francisco Miguel de Moura faz questão de salientar que só pode responder pelos seus livros e que, além disso, é colega dos dois escritores, que são companheiros de Academia. Entretanto, mesmo não querendo se aprofundar e tomar partido, ele deixa transparecer que concorda com os comentários de O. G. Rego de Carvalho.

Além dessa localização de O. G. Rego de Carvalho como naturalista, Herculano Moraes cita o escritor em outras classificações. O primeiro momento em que ele é citado no Livro, em sua edição de 1982, é quando são apresentados alguns pontos sobre o Movimento Meridiano. Esse movimento surgiria com o intuito de alavancar a produção literária, livrando-se, até certo ponto, das sombras e da glória das gerações anteriores, de literatos vinculados aos fundadores e membros dos primeiros momentos da Academia Piauiense de Letras, fundada em 1917. Os literatos desse momento de fundação da Academia comporiam, na classificação de Herculano Moraes, a Geração de Ouro, mas que ainda estava fortemente ligada a escritores e modelos de correntes francesas. Naquele momento da década de 1940, acirravam-se as relações entre burguesia e proletariado, o Brasil passava por reorganizações políticas, econômicas e sociais, bem como o mundo presenciava o terror da Segunda Guerra Mundial. Em meio a isso, novas consciências, entre historiadores, artistas e escritores começaram a se moldar.

A partir disso, “com esses anseios surgiu a geração Meridiano. Caberia a ela a difícil tarefa de expressar a solidão humana, as angústias do homem, a sua corrida para a fraternidade ainda hoje inalcançada”⁴⁴⁷. Solidão e angústia que serão temáticas presentes na literatura produzida por O. G. Rego de Carvalho, que, posteriormente ao momento inicial, faria parte da geração Meridiano, tornando-se um dos seus maiores entusiastas. Em seu momento inicial, o principal idealizador e líder dos princípios do grupo Meridiano foi Manuel Paulo Nunes. Segundo Herculano Moraes, “era a geração de Manuel Paulo Nunes,

⁴⁴⁶ MOURA, Francisco Miguel de. **Entrevista** concedida a Pedro Pio Fontineles Filho. Teresina, 21/04/2012.

⁴⁴⁷ SILVA FILHO, Herculano Moraes. **Visão Histórica da Literatura Piauiense**. Teresina: Livraria Editora Hércules/APL, 1982, p. 18.

Camilo Filho, Da Costa Ribeiro, Petrônio Portella, Raimundo Reis, José Ribeiro e Silva, Raimundo Santana, Almir Fonseca, Baldoíno Barbosa de Deus, Clemente Fortes.”⁴⁴⁸

Essa busca incessante da Geração Meridiano por mudanças e conquista de novos valores na escrita literária, em parte, criou um estado tal de pluralidade que dificultava, e dificulta, a classificação dos escritores em uma corrente e até mesmo em um gênero. Como pretendiam não mais seguir piamente os modelos e ídolos franceses dos escritores da Geração de Ouro, isso acabou gerando um certo espírito de não identificação ou pertencimento. Tal espírito que O. G. Rego de Carvalho parece ter assimilado como uma de suas principais características. De certa maneira, isso fez com que a crítica literária, que ainda se constituía, enfrentasse problemas de interpretação e alocação das tendências, dos gêneros, da estética e da forma dos textos dos escritores piauienses, sobretudo daqueles do período pós década de 1940.

Para os críticos, como Francisco Miguel de Moura, a própria crítica literária na esfera piauiense ainda está se aprimorando, pois muitos escritores são pouco analisados mais profundamente, haja vista que os compêndios têm se dedicado muito à enumeração dos livros escritos e de um resumo da vida dos escritores. Um trabalho mais direcionado sobre filiações literárias, conteúdo e repercussão dos livros dos escritores é algo em processo relativamente recente, comparando-se com outros estados do país. Nesse processo de “maturidade” da crítica é quase concomitante a presença de lacunas e equívocos de informações e lapsos interpretativos.

Herculano Moraes lamenta que muitos desses literatos da geração meridiano tiveram que abandonar o fazer literário por razões privadas, mas principalmente por questões de natureza financeira, pois não conseguiam sustento por meio da própria escrita. Em sua crítica e pesar sobre isso, Herculano Moraes assevera que se tratava de resultado das exigências de uma sociedade duramente direcionada pelos ditames capitalistas e do consumismo. Dessa maneira, “a poesia, o conto, a literatura em si significava um raro momento de diletantismo”⁴⁴⁹, algo a ser praticado pelas pessoas por pura diversão ou por boemia.

Na sucessão desses primeiros nomes da geração Meridiano, outros escritores foram se agregando, pois, como menciona Herculano Moraes,

⁴⁴⁸ SILVA FILHO, Herculano Moraes. **Visão Histórica da Literatura Piauiense**. Teresina: Livraria Editora Hércules/APL, 1982, p. 18.

⁴⁴⁹ SILVA FILHO, Herculano Moraes. Op. cit, p. 18.

Ao lado desses nomes, outros foram chegando. Uns com um acervo de importância para a história e a literatura, como é o caso de Odilon Nunes; outros, com uma bagagem substancial de esperança e talento. Dois deles, mais tarde, seriam arrolados como escritores que chegaram para ficar e vencer. O. G. Rêgo de Carvalho e Hindemburgo Dobal Teixeira, são, sem dúvidas, dois momentos eternos do romance e da poesia produzidos no Piauí. A consagração desses dois nomes deu-se na década de 1960, mais precisamente a partir de 65 e 66⁴⁵⁰

Nota-se que Herculano Moraes chama atenção para o fato de que O. G. Rego de Carvalho começou sua carreira, junto ao grupo Meridiano, como uma “esperança e talento”, mas que conseguiu, assim como H. Dobal, fincar sua presença no universo literário piauiense, somente na década de 1960, quando surge o Círculo Literário Piauiense (CLIP). Contudo, seu momento de reconhecimento só se daria após a publicação de *Ulisses entre o Amor e a Morte*, que não foi mencionado por Herculano Moraes como sendo um livro que demarcasse o talento do escritor oeirense. A Geração Meridiano, mais precisamente daqueles ligados ao Círculo Literário Piauiense, constituiu-se pelas angústias e desilusões da ditadura militar no país. Por tal razão,

Os principais nomes dessa geração, como O. G. Rêgo de Carvalho, H. Dobal, Mário Faustino, Assis Brasil, Francisco Miguel de Moura, Hardi Filho, Magalhães da Costa, Fontes Ibiapina e até mesmo o autor desse livro estavam desencantados com os propósitos revolucionários, mas não quiseram arriscar-se a nenhuma análise da situação, preferindo, todos, escrever sobre fatos antigos, perdidos no tempo, ou sobre sociedades ruralistas ou urbanas, cujos membros não despertavam nenhuma paixão política,⁴⁵¹

A primeira observação a ser feita sobre esse posicionamento de Herculano Moraes é a utilização do termo “revolucionário” para se referir ao golpe e regime militar. Talvez pelo fato de, naquele momento, ainda se pensar a situação do regime político como sendo mesmo uma “revolução”, visto que se trata de uma discussão relativamente recente sobre os usos ideológicos do termo. Talvez como uma forma de não registrar, em pleno ano de 1982, sua concepção e consciência de que se tratava de um golpe. O que pode inquietar nessa afirmação de Herculano Moraes é o que se refere à postura de literatos como Assis Brasil, que, segundo Herculano, não teria escrito nada voltado para a reflexão e crítica

⁴⁵⁰ SILVA FILHO, Herculano Moraes. **Visão Histórica da Literatura Piauiense**. Teresina: Livraria Editora Hércules/APL, 1982, p. 19.

⁴⁵¹ SILVA FILHO, Herculano Moraes. Op. cit, p. 19.

sobre o movimento “revolucionário”. Isso parece entrar em desacordo, pois Assis Brasil escreveu livros que se lançaram a pensar o período ditatorial no país, pelo menos no período da década de 1970, quando os livros foram publicados. Tais livros comumente compõem o que os críticos e professores de literatura convencionaram chamar de Ciclo do Terror⁴⁵², tendo *Os que bebem como os cães* (1975) o mais representativo e conhecido de tal ciclo. O. G. Rego de Carvalho, por outro lado, não escreveu nenhum texto ou publicou livro que versasse sobre o período ditatorial, visto que as dimensões políticas e econômicas não fazem parte dos pontos que engendram sua escrita.

Na leitura de Herculano Moraes, o literato faz parte dos romancistas modernos, pois, a partir de 1965, com o prêmio Walmap concedido ao livro *Beira Rio Beira Vida*, de Assis Brasil, teria início uma nova fase do romance, visto que “iniciada a vanguarda piauiense do romance”. Nessa vanguarda, O. G. Rego de Carvalho é citado com o livro *Somos Todos Inocentes*. Esses conflitos iniciais entre o literato e os intelectuais fazem pensar como têm sido concebidas a literatura e a crítica, consideradas como “piauiense”. E como tem atuado a literatura, como ela tem sido pensada nesse limiar da invenção da “literatura piauiense”?

Em 2007, no mesmo ano no qual Airton Sampaio escreveu seus artigos comentando a insipidez da Crítica Literária Piauiense, também é lançado o livro *O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica*, de autoria de Kenard Krueel. O livro foi publicado na ocasião das comemorações dos quarenta anos da publicação de *Rio Subterrâneo* (1967). Dentre muitos comentários que surgiram acerca do livro, Menezes y Moraes⁴⁵³ diz que “O. G. Rego de Carvalho - Fortuna Crítica” - de Kernard Krueel - é livro indispensável para leitores e estudiosos do autor de “Rio Subterrâneo”⁴⁵⁴. Como a obra foi publicada para celebrar o livro, Menezes y Moraes somente menciona o segundo livro do escritor oieirense. Além disso, ainda acrescenta que “O. G. Rêgo de Carvalho - Fortuna Crítica” - tem ainda o

⁴⁵² Compõem o Ciclo do Terror: *Os que bebem como os cães* (1975), *O Aprendizado da Morte* (1976), *Deus, O Sol, Shakespeare* (1978), *Os Crocodilos* (1980). São todos romances que se dedicam às reflexões das condições de degradação da condição humana a partir das ações de violência de regimes totalitários não só no país como no exterior.

⁴⁵³ Menezes y Moraes é o pseudônimo de José Menezes de Moraes. Nasceu em Altos, Piauí, em 29 de julho de 1951. Formou-se em História pela Universidade de Brasília – UnB. Reside na capital brasileira desde o início da década de 1980. É jornalista, escritor, poeta, contista e historiador.

⁴⁵⁴ MENEZES Y MORAIS. A **Estética Insubterrânea**. Disponível em: <<http://www.portalentretextos.com.br/gerarpdf/5,215.htm>>.l. Artigo publicado originalmente em: <<http://kenardkrueel2.blogspot.com/>>. p. 01. Acesso em: 19 fev. 2014.

mérito iconográfico, são mais de uma dezena de fotografias históricas que muito me sensibilizaram ao lê-lo”⁴⁵⁵.

No dia 30 de julho de 2007, Airton Sampaio fez discurso sobre o livro de Kenard Kruel, acerca da vida e obra de O. G. Rego de Carvalho. Na ocasião, Airton Sampaio reiterou suas críticas em relação à dispersa crítica literária piauiense e endossou seus comentários sobre a falta de diretrizes acadêmicas e políticas dos cursos de graduação e pós-graduação das Universidades Federal e Estadual do Piauí, no sentido de promover maiores e significativas pesquisas sobre escritores piauienses. Isso revela, mais uma vez, as disputas para se ter poder. Na ocasião, Airton Sampaio afirma que não somente os admiradores da obra ogerregueana ficariam gratos com a publicação, mas todos os leitores, especialmente os estudantes de letras do Piauí e do Brasil. Ele diz que se trata de “mais uma homenagem à recepção avalizada, em tese, a dos críticos literários e à recepção comum, em tese a dos leitores, que mesmo ao autor”⁴⁵⁶.

Em seu discurso, Airton Sampaio relembra de uma obra que ele considera importante e que está relacionada à análise da escrita dos livros de O. G. Rego de Carvalho. Tal obra é *Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho*, de Francisco Miguel de Moura. Na concepção de Airton Sampaio, trata-se de “um ensaio corajoso, pois foi publicado em 1972, quando, aqui na província, ainda havia uma inexplicável dúvida sobre a qualidade da literatura ogerregueana. Dúvida essa fruto das diferenças estéticas e da pequenez humana”⁴⁵⁷. Ao chamar a atenção para o fato de o livro de Francisco Miguel

⁴⁵⁵ MENEZES Y MORAIS. A Estética Insubterrânea. Disponível em: <<http://www.portalentertextos.com.br/gerarpdf/5,215.html>>. Artigo publicado originalmente em: <<http://kenardkruel2.blogspot.com/>>. p. 02. Acesso em: 19 fev. 2014.

⁴⁵⁶ SAMPAIO, Airton. Discurso sobre o Livro O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica de Kenard Kruel, proferido no dia 30 de julho de 2007, no auditório do Clube dos Diários, em Teresina. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=DyUTVJm0OsA>. Airton Sampaio salienta que a importância de tal livro está em sua contribuição de ampliar e socializar informações e leituras acerca da obra do escritor oieirense. Airton Sampaio destacou, ainda, que Kenard Kruel, por meio de tal publicação, deixou demonstrar três fatos: “1. A sua preocupação com a obra de O. G. Rego de Carvalho. 2. O seu nobre afeto com a obra *Ulisses entre o Amor e a Morte, Somos Todos Inocentes e Rio Subterrâneo*. 3. A sua responsabilidade intelectual em registrar no insuperável suporte, que é o livro, uma fortuna crítica que só tende a crescer em quantidade, mas, sobretudo, em qualidade, porque a obra literária de O. G. Rego de Carvalho é um inesgotável filão de descobertas”. A preocupação metodológica e documental é um tom que, para Airton Sampaio, salta como uma marca do livro de Kenard Kruel, assim como a aproximação de “nobreza”, ou seja, de respeito, que o jornalista faz com a obra de O. G. Rego de Carvalho. Airton Sampaio destaca, ainda, uma importante dimensão do livro de Kenard Kruel, que é o poder intrínseco que a materialidade do livro possui, pois, por meio de tal suporte, o sujeito é transformado em autor, perpetua-se. Mais que isso, o livro de Kenard Kruel metamorfoseia a dispersão em coesão, ou pelo menos aparenta realizar isso, pois aglutina inúmeras informações e comentários sobre o escritor oieirense e, de certa maneira, imprime uma logicidade à obra do escritor que é contemplado com a “fortuna crítica”.

⁴⁵⁷ SAMPAIO, Airton. Discurso sobre o Livro O. G. de Carvalho: fortuna crítica de Kenard Kruel, proferido no dia 30 de julho de 2007, no auditório do Clube dos Diários, em Teresina. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=DyUTVJm0OsA>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

de Moura ser um ensaio corajoso, Airton Sampaio revela que, na década de 1970, a obra de O. G. Rego de Carvalho continuava cercada de enigmas e contrariedades. Para ele, o texto de Miguel de Moura é corajoso ainda mais pelo fato de ter sido publicado um ano após o lançamento de último livro de O. G. Rego de Carvalho, *Somos Todos Inocentes*. O que interessa aqui não é simplesmente destacar a opinião de Airton Sampaio sobre os livros dos dois críticos. A intenção é demonstrar que a obra de O. G. Rego de Carvalho tornou-se objeto de disputa entre intelectuais que vislumbram ter maior autoridade sobre sua obra.

As mesmas inquietações, mostradas por Cineas Santos e Airton Sampaio, sobre o valor e a significação da literatura e da crítica piauienses, são abordadas por Francisco Miguel de Moura, no ano de 2006, em texto publicado em blog voltado para a discussão acerca da Literatura, sobretudo piauiense. O teor do texto remete, também, à polêmica da existência ou não da própria literatura “piauiense”. No texto, está dito que

A literatura do Piauí existe. E é um fato mais do que provado. Desde quando existe, porém? E que obras e autores devem ser estudados na escola? Que períodos da nossa literatura já podem ser organizados e comparados com a brasileira? Estas e outras questões estão sendo levantadas pelos professores e pelas autoridades do ensino, depois que a obrigatoriedade foi inserida no texto constitucional. É bom que se questione, por exemplo, porque um autor como Da Costa e Silva nunca obteve mais do que duas ou três citações lá fora, dois ou três sonetos divulgados em antologias nacionais. Saber também e principalmente porque os historiadores do "Simbolismo" não encontraram nada de nosso grande poeta Celso Pinheiro. Essas pesquisas são falhas porque não descem às fontes. São ditadas pelos "donos" da Literatura Brasileira, que acham que não residindo no Rio ou em São Paulo ninguém pode tornar-se literato a nível dos de lá (ou dos que publicam lá). Ora, tivemos um Mário Faustino, piauiense de nascimento, que continua irrigando o pensamento e o fazer literário do país. Temos outro grande poeta mais recente, frustrado pela morte prematura, o Torquato Neto, que foi um dos mentores da "Tropicália". Mas eles já estão divulgados no centro cultural do país (onde é que fica mesmo? Rio ou São Paulo? Belo Horizonte ou Brasília?) e ganharam o interesse da mídia. E os Hermínio Castelo Branco, Teodoro de Carvalho Castelo Branco, José Coriolano de Sousa Lima, entre outros, que praticamente iniciaram o fazer literário no Piauí?⁴⁵⁸

Fica evidente, nas argumentações de Francisco Miguel de Moura, que a Literatura Piauiense é pouco compreendida, não pela pouca produção, mas pelos poucos estudos que se destinem a pensar e, de certa forma, descrever tal produção. Miguel de Moura busca, na

⁴⁵⁸ MOURA, Francisco Miguel de. **A literatura piauiense segundo Francisco Miguel de Moura**. Disponível em: <<http://www.portalentretextos.com.br/notas-historiograficas/a-literatura-piauiense-segundo-francisco-miguel-de-moura,2.html>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

centralidade das análises feitas no centro-sul do país, respostas para o silenciamento da literatura piauiense.

Nesse mesmo texto, Francisco Miguel de Moura retoma o conflito que gira em torno da nomeação e classificação dos primeiros escritores da literatura piauiense. Questionando os nomes de Ovídio Saraiva e de Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco, citados por João Pinheiro, Francisco Miguel de Moura assevera que

Os textos desses dois autores ainda não considero literatura piauiense por alguns motivos. Os mais fortes são os seguintes: a) Com relação a Ovídio Saraiva, sua estética era portuguesa ainda, demonstrando a forte influência arcádica e com acentos bocagianos; apenas nasceu na Vila de São João da Parnaíba, em 1787; com 6 anos seus pais o arrancaram da terra berço como ele bem diz numa estrofe; mas foi o único poema em que fez referência ao Piauí, sem citar o nome de nossa Província; estando em Lisboa, foi eleito representante do Piauí na Corte e não aceitou a representação, o que prova não ser verdadeiro o sentimento de brasilidade registrado, o seu amor à terra berço. b) Com relação a Leonardo de N. S. das Dores Castelo Branco, é o próprio João Pinheiro quem diz: "faltavam-lhe as precípuas qualidades de poeta e prosador". Tentou a invenção do moto-contínuo: era um experimentador, na ciência. Mas seu poema "A Criação Universal" foi publicado fora do Brasil e não teve repercussão em nossa literatura. Seu nome ficou na história política de nosso Estado por causa da viva participação que teve nas lutas da nossa independência.⁴⁵⁹

Nesse sentido, Francisco Miguel de Moura quer destacar que nenhum dos dois escritores possui características suficientes para serem considerados os “fundadores” da escrita literária piauiense. A classificação de João Pinheiro, na concepção de Miguel de Moura, é equivocada e que é reproduzida indiscriminadamente por outros críticos ou historiadores, o que impediria a mais sistematizada análise da obra de tais autores, criando brechas e lacunas que se alastram para momentos e autores posteriores.

Escrito por Francisco Miguel de Moura, o livro *Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho*, foi publicado no ano de 1972, um ano após a publicação da primeira edição do livro *Somos Todos Inocentes*, do literato por ele analisado. O livro foi considerado, inclusive por ele mesmo, como um texto de grande ousadia, mas que se tornaria um livro de vanguarda, no que se refere à análise pormenorizada de um escritor

⁴⁵⁹ MOURA, Francisco Miguel de. **A literatura piauiense segundo Francisco Miguel de Moura**. Disponível em: <<http://www.portalentretextos.com.br/notas-historiograficas/a-literatura-piauiense-segundo-francisco-miguel-de-moura,2.html>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

específico. Ao destacar isso, ele está buscando se inscrever como pioneiro, cravando sua atuação nas disputas de poder do universo literário. No âmbito da invenção da literatura em esfera “piauiense”, é fundamental perceber como o crítico busca se afirmar como aquele que detém o poder de se pronunciar sobre o literato. Ele diz que “O escritor unifica um mundo extremamente variado, através de seus pensamentos, ideias e sentimentos”⁴⁶⁰ e o livro intenta dar conta dessas dimensões da obra de O. G. Rego de Carvalho.

Trata-se, assim, de um livro que se pretende ser uma reflexão voltada especificamente para os aspectos da linguagem, para além da estrutura, da forma e dos conteúdos. Segundo ele, “era a crítica de época e impressionista”⁴⁶¹. Nesse sentido, Francisco Miguel de Moura aponta para uma nova tendência de crítica literária, dizendo que “hoje está em voga o texto. Literatura é o texto e somente o texto”⁴⁶². Sua preocupação é a de pensar sobre o texto, ou os textos que povoam a obra do escritor cujo nome compõe o título do livro. Dessa maneira, dimensões pessoais ou individuais do literato não são diretamente contempladas, visto que a “linguagem e comunicação” são os pontos nevrálgicos. Isso é o que já chama atenção Hindemburgo Dobal, em seus comentários contidos nas orelhas do livro de Francisco Miguel de Moura. Em tais comentários, H. Dobal ressalta a grandiosidade da obra do literato e da análise feita por sobre ele. H. Dobal ressalta que

Quando a música é boa a gente apenas ouve e agradece. Com a literatura de O. G. temos de tomar uma atitude semelhante: ler e agradecer. Ou aproveitar a análise técnica – agora tão bem feita nesse excelente trabalho de Francisco Miguel de Moura, crítico piauiense, que não revela os aspectos humanos do escritor, tão evocadores de Flaubert e Proust, (até a bronquite de Proust), mas estuda a sua linguagem e a sua força de comunicação e abre caminho, em bases sólidas, para a sua interpretação definitiva.⁴⁶³

A ênfase dada a tais “bases sólidas” busca dirimir a aspereza com que muitas interpretações buscavam associar as dimensões introspectivas e psicológicas dos

⁴⁶⁰ MOURA, Francisco Miguel de. **Linguagem e comunicação em O. G. Rego de Carvalho**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972, p. 14.

⁴⁶¹ MOURA, Francisco Miguel de. Op. cit, p. 15.

⁴⁶² MOURA, Francisco Miguel de. Op. cit, p. 15.

⁴⁶³ DOBAL, H. Comentários na orelha do livro **Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho**, de Francisco Miguel de Moura, 1972. No comentário, H. Dobal, então, endossa a proposta de Francisco Miguel de Moura, que não se volta para o estudo do que se convencionou chamar de “vida” do escritor. O caráter “desbravador” do texto é tomado como o ponto forte da análise, visto que daria sustentação, a partir de então, para interpretações que tivessem bases teóricas. H. Dobal legitima o poder que Francisco Miguel de Moura detinha, como aquele abriria caminho para outros intelectuais.

personagens com a própria vivência de O. G. Rego de Carvalho, sobretudo aos problemas de saúde mental. No entanto, ao longo do livro de Francisco Miguel de Moura, as conexões e associações entre os personagens, obras e o autor são bem marcantes, pois, em sua concepção,

Colheu O. G. Rêgo no seio da família patriarcal oirense, de tradição secular, tudo o que é realidade no mundo ficcional; levantou a simbologia daquele mundo estagnado e a problemática dos seus viventes, visto que cada um representa, numa classificação global e simplista, parte do ciclo vital do autor:
 Ulisses – a infância;
 Somos Todos Inocentes – a juventude;
 Rio Subterrâneo – início da maturidade.⁴⁶⁴

Logo em seguida, Francisco Miguel de Moura faz uma série de questionamentos, referentes à própria localização social e histórica do literato. Por tal diapasão, deixa transparecer sua postura de que o escritor é filho de seu tempo e temporalidade, bem como de seu espaço e espacialidade. Para o crítico,

Que se havia de esperar do mundo fechado e sombrio dos casarões e sobrados de Oeiras? Dos problemas individuais encarcerados no âmbito familiar? Da divisão social rígida entre senhores de carnaubais e fazendas de gado e o resto do mundo?⁴⁶⁵

Respondendo ele mesmo a suas perguntas, crava a assertiva de que, fatalmente, tal realidade teria de promover as angústias e demais problemas íntimos. Tais problemas culminariam, assim, naquilo que ele chamou de a ruína da alma, com o desespero desenfreado pela liberdade, mas que seria, em grande parte, vencida por um grande vazio.

Na parte inicial do livro, intitulado de *Explicação Inicial*, Francisco Miguel de Moura fala de seus objetivos de atingir estudiosos, professores e alunos, interessados em literatura “piauiense” e “brasileira”. Destaca que a intenção de analisar a obra do literato não ficou restrita a nenhuma demarcação de escola ou método crítico-científico, dizendo que “não elegemos essa ou aquela escola ou método crítico-científico (fenomenologia, estruturalismo, new criticism, etc.), eis o que se poderá deduzir até mesmo de nossa

⁴⁶⁴ MOURA, Francisco Miguel de. **Linguagem e comunicação em O. G. Rego de Carvalho**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972, p. 16.

⁴⁶⁵ MOURA, Francisco Miguel de. Op. cit, p. 16.

pequena bibliografia”⁴⁶⁶. A intenção de Francisco Miguel de Moura era tornar o seu livro mais independente, ou não queria incorrer no risco de buscar filiações que acabassem por classificar O. G. Rego de Carvalho em alguma escola? Vale lembrar que apenas um ano separa a publicação do livro de Francisco Miguel de Moura e o último livro do escritor. A análise de *Somos Todos Inocentes* (1971), como integrante de um conjunto da obra, era recente e as repercussões poderiam ser, até certo ponto, negativas, caso houvesse tal delimitação, o que poderia desagradar o próprio autor analisado por ele.

Na Primeira Parte do livro, Francisco Miguel de Moura destina espaço para reflexões sobre as origens e fins do romance, bem como sobre a linguagem literária, com seus símbolos, técnicas, as histórias e enredo⁴⁶⁷. Aborda, também, as aproximações entre Literatura e História, tomando como ponto de reflexão o personagem do romance e o personagem da história. Segundo ele, “o personagem do romance é muito mais real na medida em que não é um tipo, um representante de uma classe”⁴⁶⁸, o que caracterizaria o sujeito histórico, que está condicionado pelo seu lugar social. Dessa maneira, o personagem do romance “é ele mesmo e apresenta toda aquela singularidade que faz de cada pessoa um mundo inimitável porque incompreensível”⁴⁶⁹. Essas assertivas devem ser compreendidas em sua inserção no lugar socioinstitucional do crítico, com sua vinculação com a literatura, que dispõe que o personagem do romance possui uma liberdade transformadora que não é percebida, não no mesmo grau, no personagem histórico.

Ao localizar as características da obra de O. G. Rego de Carvalho, Francisco Miguel de Moura não aprofunda a noção de que o real da ficção é uma (re) leitura do real dos sujeitos históricos e que, em grande medida, só há compreensão do personagem do romance porque há sua associação com os referentes da realidade dos sujeitos históricos, do mundo exterior ao texto. Caso contrário, o próprio romance seria indecifrável e ilegível, sendo que, tanto personagem do romance como personagem histórico, estão imersos em discursos que (re) criam a própria realidade, pois partem de um agente produtor de narrativa. Essa observação sobre o personagem é importante, pois, na discussão da autobiografia, vai-se pensar os limites entre personagem e escritor. O personagem, ou

⁴⁶⁶ MOURA, Francisco Miguel de. **Linguagem e comunicação em O. G. Rego de Carvalho**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972, p. 10.

⁴⁶⁷ Com tal intuito, Francisco Miguel de Moura parte da pergunta inicial: Que é um romance? A partir de tal pergunta inicial, o crítico apresenta outros questionamentos: “Será que o leitor comum não sabe o que é um romance? Poderá confundir com um conto ou com um poema?”.

⁴⁶⁸ MOURA, Francisco Miguel de. MOURA, Francisco Miguel de. **Linguagem e comunicação em O. G. Rego de Carvalho**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972, p. 14.

⁴⁶⁹ MOURA, Francisco Miguel de. Op. cit, p. 14.

melhor dizendo, o sujeito histórico não seria manifestado unicamente em suas ações individuais, mas sim, nas inter-relações complexas, prolongadas, conflitantes e contraditórias entre identidades sociais e pessoais. No caso do personagem do romance, suas inter-relações estão circunscritas ao contato com outros personagens, que, em certos romances, podem ser objetos, animais, espaços e o próprio pensamento, mas sempre estão em relação com algo ou alguém, mesmo que sejam, *a priori*, fictícios. É pertinente lembrar, portanto, do que lembra Paul Veyne⁴⁷⁰, quando afirma que o discurso histórico produzido pelo historiador não é expressão direta daquilo que vivenciaram os personagens reais, sendo uma espécie de narração, que, semelhante ao romance, organiza e simplifica ações e acontecimentos. A “liberdade” dos personagens do romance não seguem modelos, da mesma maneira que “os fatos que obedecem a um modelo não serão nunca os que interessam ao historiador”⁴⁷¹, e é nessa “desobediência” que história e ficção se aproximam mais uma vez.

Muito embora diante de tal aproximação, não se possa pensar cegamente que “escrever história é uma atividade intelectual”, sem levar em consideração os condicionantes sociais, coletivos e, também, técnico-científicos, como se a escrita da história fosse semelhante à consciência artística. Esses aspectos do livro de Francisco Miguel de Moura são levantados, não com o intuito de realizar uma crítica ao crítico, ou aos críticos, mas apresentar indícios, na sua escrita, que compõem sua análise acerca do literato por ele discutido. As nuances de sua análise são importantes para compreender os jogos de verdade com os quais ele lida para interpretar a obra do literato.

Para ajudar em suas reflexões acerca dessa relação entre romance e história, Francisco Miguel de Moura recorre a algumas conceituações e classificações feitas por autores como E. M. Foster⁴⁷², Mário de Andrade, Braga Montenegro⁴⁷³ e Massaud Moisés⁴⁷⁴ acerca do conto, do poema e do romance. Retomando os argumentos de Massaud Moisés, que fala que o romance possui a liberdade, a universalidade, o compromisso e o entretenimento com os quatro aspectos característicos, Francisco Miguel de Moura apresenta algumas reflexões. Para ele, o romance deve ser encarado, sim, como

⁴⁷⁰ VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. 4. ed. Brasília: Editora da UnB, 1998.

⁴⁷¹ VEYNE, Paul. Op. cit, p. 189.

⁴⁷² O livro ao qual se refere Francisco Miguel de Moura é FOSTER, E. M. **Aspectos do romance**. Porto Alegre: Globo, 1969.

⁴⁷³ O livro ao qual se refere Francisco Miguel de Moura é BRAGA MONTENEGRO, Joaquim. **Uma antologia do conto cearense**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.

⁴⁷⁴ O livro ao qual se refere Francisco Miguel de Moura é MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

um instrumento artístico de entretenimento, mas vai bem mais além disso, pois “o romance é feito para entretenimento, mas esse entretenimento obedece a uma escala de valores, de acordo com o público a que está destinado”. A liberdade do escritor é capaz de “deformar” o mundo da exterioridade, criando um novo mundo, mantendo certo diálogo com a realidade primeira que “o contém e que o modifica constantemente. A matéria do romancista lhe inclui e inclui o mundo que o contém. Poderá deixar de ser um compromissado?”⁴⁷⁵.

Pensar o romance é partir do pressuposto de pensar, também, o universo dos leitores, visto que isso influi diretamente nas formas de leitura de cada romance ao longo de temporalidades e espacialidades distintas, porque “o onde da leitura é mais importante do que se poderia pensar, pois a colocação do leitor em seu ambiente pode dar sugestões sobre a natureza de sua experiência”⁴⁷⁶. Nesse sentido, os leitores, pelo menos inicialmente, da obra de O. G. Rego de Carvalho, eram do ambiente da intelectualidade, das Academias e das universidades. Isso é importante, pois foi nesse universo que as ranhuras se formaram e foi a esse público que sua literatura atingiu em primeiro momento, sendo que o leitor comum só começou a ter contato com sua escrita anos mais tarde da publicação de seus livros.

5.3 As Ranhuras da Escrita

*Assim como o esquecer é a condição da memória, o apagar é a condição do escrever*⁴⁷⁷

Essa relação entre escrita e memória remete, em larga medida, a inúmeros processos que vão desde a formulação inicial do texto, ainda no pensamento do escritor, perpassando pelos percursos de editoração, publicação, circulação e consumo na leitura. Na luta contra o esquecimento, nas disputas da memória também inerentes ao campo literário, O. G. Rego de Carvalho fez questão de mencionar sua insatisfação à recepção de

⁴⁷⁵ MOURA, Francisco Miguel de. **Linguagem e comunicação em O. G. Rego de Carvalho**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972, p. 14.

⁴⁷⁶ DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: EDUNESP, 1992, p. 199-236.

⁴⁷⁷ CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: EDUNESP, 2014, p. 37.

Ulisses entre o amor e a morte (1953). Ele destaca: “Escrevi *Ulisses...*, e não fui bem sucedido na minha terra. *Ulisses...* elogiado por perto de cem escritores do sul do sul do País”⁴⁷⁸.

Para reforçar sua indisposição com a amarga recepção de seu primeiro livro, o escritor decide revelar, pela primeira vez, que *Ulisses entre o amor e a morte* (1953) recebeu menção honrosa do Concurso “Fábio Prado de Contos”, no ano de 1954. Isso seria, para ele, o suficiente para atestar o valor literário de seu livro. No mesmo instante em que destaca tal menção honrosa, tentando manter sua postura de fuga de classificações, o escritor diz:

Olhe só. E aqui vou abrir um parêntese para dizer que eu nunca classifiquei os meus livros. Eu não disse que era um romance, nem conto, nem novela. Eu boto o nome do título e o nome do autor. Eu deixo que o leitor classifique.

“Ulisses...” é escrito em cinco partes separadas, que são lidas formando uma novela, ou romance – como já foi chamado, um romance lírico -, mas há quem diga que é um livro de contos. Então, isso não me deprime, muito ao contrário, me exalta. É uma obra aberta, é uma obra dada a mais de uma interpretação.⁴⁷⁹

Independente de classificações quanto ao gênero, o escritor não conseguia entender, ou mesmo aceitar, a recepção negativa de seu livro em “sua terra”, ao passo que em outras regiões do país a recepção foi positiva. Nesse descontentamento, fica em destaque mais um dos aspectos do campo literário: a mobilidade de interpretações. Tal mobilidade se circunscreve no âmbito dos significados atribuídos aos textos, aos livros. No caso específico do literato aqui analisado, essa mobilidade é discutida mediante uma espécie de autoridade, representada pela classificação dos “escritores do sul”. O “Sul” seria, no imaginário social e literário, o lugar de legitimação e de autorização da escrita. Viria de lá a “certificação” do valor literário de um livro e seu escritor. Estariam em jogo, mais uma vez, as questões de fronteira, que remontam às construções e invenções de territorialidades, identidades e narrativas. Por tal situação, “a escritura se torna um princípio de hierarquização social que privilegia”⁴⁸⁰ e que demarca os espaços de atuação, de poder.

⁴⁷⁸ CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. 2. ed. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 48.

⁴⁷⁹ CARVALHO, O. G. Rego de. Op. cit, p. 48-49.

⁴⁸⁰ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 230.

Esse (res) sentimento do escritor, em relação à não aceitação inicial pela crítica de seu livro de estreia, vincula-se, em certa medida, àquilo que se convencionou chamar de leitor, como o detentor do significado do texto, do livro. Roger Chartier, questionando sobre o conceito de leitor proposto por Roland Barthes, para quem o leitor é “aquele alguém que mantém unidos em um campo todos os traços que constituem a obra escrita”⁴⁸¹, reforça a noção de que a mobilidade de interpretações faz parte da história da cultura escrita.

Na história da cultura escrita, segundo Chartier, deve-se levar em consideração três processos essenciais como objeto de tal história. O primeiro deles está ligado à pluralidade das operações usadas para e na publicação de livros. Nesse processo, os autores “não escrevem livros, nem sequer seus próprios livros. Livros, sejam manuscritos ou impressos, sempre são resultado de múltiplas operações que supõem uma ampla variedade de decisões, técnicas e habilidades”. Para exemplificar essa multiplicidade e essa variedade, Chartier menciona o que ele chama de “antigo regime tipográfico”⁴⁸², característico sobretudo entre os séculos XV e XVIII. Até a impressão propriamente dita, “o que acontecia aqui não era, portanto, apenas a produção de um livro, mas a produção do texto em si em suas formas material e gráfica”⁴⁸³. Chartier ainda lembra que, no século XVII, foram vários os tratados dedicados à produção tipográfica, demonstrando a divisão das tarefas, “na qual autores não desempenhavam um papel principal”⁴⁸⁴.

O segundo processo está relacionado à mobilidade de interpretações, como já aqui antecipado, chama a atenção para o universo das (re) leituras feitas dos livros e as possíveis interpretações atribuídas a eles. Citando literalmente Borges, Roger Chartier lembra que

A literatura é algo inexaurível, pela simples e suficiente razão de que um livro é inexaurível. O livro não é uma entidade fechada: é uma relação; é um centro de inúmeras relações. Uma literatura difere da outra, anterior ou posterior a ela, menos pelo texto do que pelo modo como é lida.⁴⁸⁵

⁴⁸¹ BARTHES, Roland *apud* CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: EDUNESP, 2014, p. 41.

⁴⁸² De acordo com Roger Chartier (2014), “esse processo envolvia a produção de uma ‘cópia correta’ do manuscrito do autor por um escriba profissional; o exame dessa cópia pelos censores; as escolhas feitas pelo livreiro/editor quanto ao papel a ser usado, o formato escolhido e a tiragem; a organização do trabalho de composição e impressão na gráfica; a preparação da cópia por um editor de cópia, então a composição do texto pelos compositores; a leitura das provas por um revisor; e, finalmente, a impressão dos exemplares, que, na época da prensa manual, permitia novas correções durante o processo de impressão.

⁴⁸³ CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: EDUNESP, 2014, p. 39.

⁴⁸⁴ CHARTIER, Roger. Op. cit, p. 39.

⁴⁸⁵ BORGES, Jorge Luís *apud* CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: EDUNESP, 2014, p. 42.

Isso implica dizer que, nas análises da história da cultura escrita, no seio da própria produção literária, é fundamental que se atente ao fato de que as obras literárias têm seus significados variados conforme modificações na forma de ler. Tais modificações são oriundas de fatores múltiplos, como o espaço, lugar, tempo, condições socioeconômicas e de instrução, idade, gênero, ideologias, crenças. Nesse sentido, no âmbito das apropriações do livro, os aspectos das categorias intelectuais e estéticas estão ligadas “aos gestos, hábitos e convenções que regulam suas relações com a palavra escrita”⁴⁸⁶.

O terceiro processo, destacado por Chartier, remete às autoridades, ou seja, a pessoas, grupos e/ou instituições “que pretendem impor seu controle ou seu monopólio sobre a palavra escrita”⁴⁸⁷. Na insatisfação demonstrada por O. G. Rego de Carvalho, acerca da recepção de seu primeiro livro em Teresina, encontram-se traços das disputas de poder que brotam dessas autoridades. Ele põe em confronto as autoridades dos “escritores do sul” e as autoridades dos “críticos de Teresina”. Esse conflito de autoridades remonta, também, aos impérios do cânone.

Nessa disputa de poder, o escritor afirma que a má recepção de seu livro no território teresinense teria se dado em função de seu desentendimento com membros da Faculdade de Filosofia, que estava sendo criada naquele momento. Sobre tal, ele enfatiza:

Então, eu ganhei uma menção honrosa no concurso “Fábio Prado de Contos”, de 1954, coisa que eu nunca divulguei aqui, em Teresina. Estou aqui revelando para vocês talvez pela primeira vez. Ganhei essa menção honrosa, mas meu livro foi mal recebido em Teresina, porque eu tive a infelicidade de divergir da Faculdade de Filosofia, que se estava criando, em Teresina.⁴⁸⁸

As querelas entre o escritor e alguns representantes da Faculdade de Filosofia se deram, segundo ele, pelo fato de que ele sugeriu que, dentre os trinta e quatro professores que iriam compor os quadros da Faculdade, pelo menos dez fossem oriundos do sul do país. Para ele, isso era justificável pelo intento de “formar uma mentalidade nova aqui”⁴⁸⁹.

⁴⁸⁶ CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: EDUNESP, 2014, p. 42.

⁴⁸⁷ CHARTIER, Roger. Op. cit, p. 42.

⁴⁸⁸ CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. 2. ed. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 49.

⁴⁸⁹ CARVALHO, O. G. Rego de. Op. cit, p. 50.

O próprio escritor esclarece que a divergência foi o suficiente para que os professores da Faculdade começassem a fazer críticas negativas ao seu livro. Ele declara que aqueles trinta e quatro professores passaram a criticar seu livro, “a mostrar erros de português que não tinha, a fazer crítica de toda natureza”⁴⁹⁰. O escritor diz, então, que não se abateu, mas que ficou profundamente magoado, assegurando que

Eu não sou dos que se deprimem com as críticas, porque eu tenho um sentido de autocrítica muito grande. Então, eu fui adiante. Fui ao Rio de Janeiro, mas saí magoado com essas cousas que fizeram no Piauí com o meu livro “Ulisses...”. Saí magoado, porque meu livro foi muito bem recebido fora do Piauí, e exatamente em minha terra ele era apedrejado. Por quê?⁴⁹¹

Viaja para o Rio de Janeiro no ano de 1957. Tentando responder, em parte sua própria pergunta, o escritor admite, então, que resolveu “escrever um romance para agradar o leitor piauiense”⁴⁹². Nasceria, então, o livro *Somos Todos Inocentes* (1971), que começou a ser escrito em 1958, antes mesmo de *Rio Subterrâneo* (1967). Seria um romance para tentar sanar os ruídos causados pelo seu livro de estreia. Era uma tentativa de ganhar o reconhecimento em sua terra. Era o propósito de alcançar as “autoridades” que pudessem dar o aval do valor de sua produção literária. A busca desse reconhecimento teria lhe causado certo descontentamento sobre sua própria produção, como ele mesmo lembra: “Foi o meu erro, meu grande erro, de que me penitencio. Então, eu escrevi “Somos Todos Inocentes”, um romance de 235 páginas que eu não estou mais editando, pelo menos não está nos meus planos reeditá-lo”. Até 1985, *Somos Todos Inocentes* (1971) estava em sua terceira edição, quatro antes da publicação da primeira edição de *Como e por que me fiz escritor*.

Vale chamar a atenção para o fato de que, no seio desse processo de esquecimento e apagamento, na cronologia, chamada de “resumo biográfico”, elaborada por Divaneide Carvalho, esposa do escritor, não consta a data da segunda edição de *Somos Todos Inocentes*. Na busca das edições desse livro, também não foi possível encontrar tal edição. Mencionar isso se dá somente pelo intuito de demonstrar que, como registro, esse livro está

⁴⁹⁰ CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. 2. ed. Teresina: Projeto Lamparina, 1994. Op. Cit, p. 50.

⁴⁹¹ CARVALHO, O. G. Rego de. Op. Cit, p. 50.

⁴⁹² CARVALHO, O. G. Rego de. Op. Cit, p. 50.

adormecido no esquecimento. Está apagado! Tal esquecimento pode estar ligado ao fato de que o escritor estaria, em boa medida, arrependido de ter escrito aquele livro.

Nesse sentido, *Somos Todos Inocentes* (1971) surgiu como fruto dessas ranhuras da escrita, da mobilidade de interpretações e, em grande medida, das disputas de poder das autoridades, do funcionamento do próprio campo literário. O escritor assevera que

“Somos Todos Inocentes” partiu exatamente dessa polêmica que eu tive em Teresina. É preciso compreender isso para entender bem o livro. Eu tinha brigado com todo o mundo em Teresina, defendendo minhas ideias. Na época, eu tinha 26 anos de idade. Jovem que não briga pelas suas ideias aos 26 anos é um jovem fracassado, é um velho precoce. E eu defendi minhas ideias até o fim, com sacrifício de amizades, de tudo. Mas encontrei em todas as pessoas da época acusações e todas se desculparam, jogavam a culpa sobre os outros. Dom Avelar, digo de memória, não ficou do meu lado nessa questão.⁴⁹³

Os ressentimentos e as intrigas não se restringiram ao livro, ao texto em si, pelo menos não inicialmente. Segundo o escritor, outros interesses, como no caso da polêmica na Faculdade de Filosofia, teriam impulsionado o mal-estar em torno de seu livro de estreia. Ser motivado por uma polêmica a escrever um livro, e o endereçando a um público leitor específico, demonstra o quanto o livro não é uma unidade acabada, sendo fomentado por inúmeros elementos, inclusive exteriores ao escritor.

Ao decidir escrever um texto para se tornar um livro com o objetivo de agradar “o leitor piauiense”, o escritor está buscando se sobressair na disputa do poder da escrita. Ele intenta controlar, o máximo possível, não só o que escreve, mas diminuir o quanto possível a mobilidade de interpretações. Talvez devido ao medo de ter a sua narrativa caindo no esquecimento, o escritor tenta realizar, no “leitor piauiense”, o apagamento da primeira má impressão sobre o seu *Ulisses entre o amor e a morte* (1953). O seu novo romance, *Somos Todos Inocentes* (1971) assumiria o papel redentor, que reataria o elo perdido entre o escritor e os leitores de “sua terra”. O escritor sabe que, nessa disputa de poder, é com a escrita que se pode lutar, pois ela mesma é o próprio foco de poder, visto que “seja em forma impressa ou manuscrita, a palavra escrita há muito foi investida de um poder ao mesmo tempo temido e desejado”⁴⁹⁴.

⁴⁹³ CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. 2. ed. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 51.

⁴⁹⁴ CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: EDUNESP, 2014, p. 42.

Ele toma a escrita como o poder que lhe convém, como forma de resposta ao seu descontentamento, ao seu repúdio à negatividade da crítica ao seu primeiro livro. Munido de ressentimento, o escritor confessa:

E eu fui para o Rio de Janeiro e escrevi um livro com o título “Somos Todos Inocentes”, que, na verdade, é um sarcasmo. Eu quero dizer que todos somos culpados, mas que atiramos sobre os outros as culpas dos nossos fracassos, dos nossos ressentimentos, das nossas ansiedades. Nós atiramos a culpa nos outros, nós nos julgamos inocentes.⁴⁹⁵

O escritor, em meio a seu sarcasmo, estaria buscando os culpados para a recepção negativa de seu livro? De fato, ele parecia já ter determinado quem eram, ao elencar o número de trinta e quatro professores da Faculdade de Filosofia que, segundo ele, passaram a atacá-lo e à sua escrita, após o debate da escolha de professores do sul.

O poder desejado pelo escritor era o de ter o seu livro configurando entre os textos bem recebidos pela crítica. O poder de fazer parte do rol de grandes escritores. O poder temido por ele era o que vinha exatamente das críticas negativas ao seu livro. Ele precisava, pelo menos foi assim que decidiu, que a melhor forma de ter maior controle sobre tal poder, era o de produzir o texto já pensando em quem o iria consumir. Por esse diapasão, é pertinente dizer que o escritor se lançou abertamente nos meandros da autoridade da escrita, seja ela afirmada ou contestada, como lembra Chartier⁴⁹⁶, para imprimir o seu maior alcance, tentando “apagar” as escritas negativas sobre o seu livro *Ulisses entre o amor e a morte* (1953).

É nesse ponto que Pierre Bourdieu defende a tese de que “a análise científica das condições sociais da produção e da recepção da obra de arte, longe de a reduzir ou de a destituir, intensifica a experiência literária”⁴⁹⁷. Isso significa dizer que, por mais que não pareça, a produção literária, mesmo a de confronto e negação, é norteada e regida por princípios, ou melhor, lógica própria do campo literário. No interior de tal campo há as forças que inspiram e condicionam os vários interesses que dão valor e existência histórica à determinada obra.

⁴⁹⁵ CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. 2. ed. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 51-52.

⁴⁹⁶ CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: EDUNESP, 2014.

⁴⁹⁷ BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 14.

Após dedicar algum espaço para expor esse seu descontentamento em relação à recepção de seu primeiro livro, o escritor abre um longo parêntese para falar um pouco da narrativa e da estrutura de seus livros. Vale lembrar que, em alguns momentos do livro isso é feito, pois se trata de uma adaptação feita de uma palestra realizada para estudantes e professores. Para reforçar a ideia que norteia a narrativa de *Somos Todos Inocentes* (1971), com o intuito de não deixar dúvidas sobre o título, diz que

A cada passo, nós estamos nos perdendo dos nossos erros. Você já encontrou alguém que dissesse: “Eu sou culpado”? Vá ao tribunal do júri e esteja diante de um criminoso – criminoso não tem consciência moral -, o criminoso diz: “Eu matei aquele homem e o mataria dez, cem vezes, se ele ressuscitasse. Ele é o culpado, aquele é um bandido, um bandido não poderia viver”. Criminoso diz isso. Ninguém quer ser culpado. Geralmente estamos atirando sobre os outros as culpas dos nossos erros e dos nossos fracassos.⁴⁹⁸

Estaria o escritor falando daqueles que o criticaram negativamente ou estaria ele mesmo falando de seus livros? Estaria ele reafirmando as incoerências que, segundo ele, marcaram a avaliação de seu primeiro livro ou estaria buscando suavizar seu discurso com um tom conciliador? A função da análise aqui empreendida não se enveredará nessa dualidade. O que se intenta, ao chamar atenção para esses questionamentos, é destacar que os discursos estão imersos no seio das relações de poder do próprio campo.

Na esteira das noções de *campo*, propostas por Pierre Bourdieu, algumas considerações podem ser feitas, tomando como ponto de reflexão as ranhuras que se formaram entre o escritor de *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953) e a sua relação com seus críticos, com seus pares. A primeira se refere a um elemento relativamente invariante de campo, considerado como um sistema ou um espaço estruturado de posições. Tais posições não se isentam dos conflitos e contradições, que movimentam o próprio campo. Isso porque esse espaço se configura como um espaço de lutas entre os diferentes agentes que ocupam as diversas posições no campo.

Ao lançar um livro cujo próprio título já sugere a abordagem de temáticas ligadas à subjetividade, como o amor e a morte, além de tratar da infância e da adolescência, estaria o escritor se distanciando de uma narrativa tida como “piauiense” ou “regional” ou dando

⁴⁹⁸ CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. 2. ed. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 52.

outros contornos? Se essa questão for localizada na perspectiva da noção de campo, podem-se visualizar as estratégias relativamente invariantes dos agentes e suas posições. Em geral, tais estratégias se dão na oposição daquelas posições consideradas de conservação e aquelas vistas como de subversão.

As primeiras mais frequentemente ligadas aos dominantes, que preferem e defendem a manutenção de algo, sobretudo de suas posições e de seus status. Por outro lado, as de subversão estão relacionadas ao dominados, vistos, em parte, como “os últimos a chegar”. Essa oposição não significa, tão somente, uma questão hermética de “chegada”, de quem surgiu primeiro ou por último no cenário do campo, no caso específico, da literatura. Isso também pode acontecer. O capital, aqui pensado como a escrita ou a própria literatura, é distribuído de forma desigual entre os agentes, o que cria essa dualidade entre dominantes e dominados. No entanto, os agentes considerados subversivos podem assim ser considerados, pelos dominantes, a partir das leituras feitas de sua produção. Se na literatura considerada “piauiense” criou-se uma tradição cuja narrativa destaca a seca, o rural e a fome, o surgimento de livros cuja narrativa não se enquadra diretamente nessas temáticas dominantes cria certo estranhamento, levando ao acirramento das oposições. O que, e quem, é considerado dominado também se instaura no jogo que se dá dentro do campo.

Deslocar a perspectiva das migrações de famílias causadas pela seca para motivos outros, como a busca de tratamento médico ou de estudos, teria criado esse mal-estar entre os agentes e suas estratégias. *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953), de um escritor “último a chegar”, traz esses deslocamentos e foi marcado pelas recepções conflitantes dos diferentes agentes, cuja relação de dominância também varia, conforme as escalas, ou melhor, aos espaços. No seio dos dominantes, que lançaram suas leituras sobre o livro, havia os “leitores piauienses” e os “leitores do sul e sudeste”. Isso iria interferir até mesmo no processo de classificação ou de filiação do escritor, considerado, por alguns críticos, como moderno e por outros como regionalista. Classificações as quais o autor ora recusa, ora dá indícios de que podem ser feitas. Essas oposições tomam forma de conflitos entre “novo” e “velho”, “antigo” e “moderno”, “ortodoxo” e “heterodoxo”, “nacional” e “local”. A posição de O. G. Rego de Carvalho acerca da existência ou não de uma “literatura piauiense” se insere no núcleo de tais oposições, que também variam conforme os referentes, as escalas e os endereçamentos.

Outro aspecto inerente ao campo é o que demonstra que cada agente é caracterizado por sua trajetória social, bem como por seu *habitus* e sua posição no campo. O escritor, por

muito tempo, teve sua obra associada a sua vida, a sua trajetória pessoal, o que, de certa forma, contribuiu para os conflitos de interpretação. Trajetória social e trajetória pessoal se confundiam de tal forma que as dimensões (auto) biográficas se constituíram, também, como motivo de discordância entre o autor e as leituras feitas de seus livros.

Os conflitos de recepção e de interpretações do livro de estreia do escritor, bem como de seus posicionamentos acerca da “literatura piauiense”, devem ser entendidas no interior de tais lutas. Mesmo com especificidades, o campo se trata de um microcosmo incluído no macrocosmo, constituído pelo espaço social global. Ao ter afirmado que a “literatura piauiense” não existia, o escritor contrariava, em grande medida, uma característica do campo: mesmo no seio das lutas entre os agentes, geralmente eles têm o mesmo interesse de que o campo exista. Assim, eles mantêm uma “cumplicidade objetiva” que vai além das disputas das posições.

Estaria o escritor “negando” a existência dessa literatura ou tentando por em suspeição as regras que são inerentes ao campo? Consciente ou não, as ranhuras aconteceram e puseram em destaque as constituições do cânone. Níveis de consciência e de inconsciência se intercalam, pois o agente não estaria o tempo todo “pensando” na sua atuação dentro do campo, mas não se posta alheio ou indiferente a tudo o que acontece. A cada campo corresponde um *habitus* próprio e específico. Os estranhamentos do escritor se ligam, talvez, ao fato da sua não incorporação inicial de tal *habitus*. Somente aqueles que conseguem incorporar o *habitus* próprio do campo é que conseguem entrar no jogo das lutas e das posições. Mais que isso, ao incorporar o *habitus*, o agente tem condições de admitir a existência desse jogo e de acreditar na sua importância para a constituição do campo.

Ao escrever um livro para “agradar o leitor piauiense”, o escritor já demonstrava certa consciência da importância desse *habitus* no jogo do campo. Foi sua estratégia para lutar por um espaço de maior aceitação, de mudança de sua posição. Como se trata de um jogo, o próprio escritor chega a se lamentar de ter escrito *Somos Todos Inocentes* (1971) para agradar um público leitor específico, dizendo ele: “foi o meu erro, meu grande erro, de que me penitencio”⁴⁹⁹. Esse ato de se penitenciar demonstra que, no jogo das posições, as leituras e as interpretações não são oriundas somente do outro. As referências são múltiplas e o próprio olhar do escritor varia conforme as regras do campo e de seu

⁴⁹⁹ CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. 2. ed. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 50.

entendimento das jogadas que faz ao longo do jogo. Dessa maneira, as estratégias dos agentes só podem ser compreendidas se forem relacionadas com suas posições no campo.

Para “controlar” as interpretações sobre seu livro, talvez para evitar mais desavenças com os críticos e leitores, o escritor, de maneira didática e resumida, faz algumas considerações sobre *Somos Todos Inocentes* (1971):

Esse romance, “Somos Todos Inocentes”, não tem personagem principal, todos os personagens estão, mais ou menos, no mesmo plano. É um romance, de certo modo, singular, porque ele se bifurca.

A estória se passa em Oeiras, em 29. No fim das primeiras cenas, Raul engravida uma moça pobre de Oeiras, e eu queria descrever ela abortando mais tarde, a repercussão do aborto na cidade. Para resolver esse problema técnico do tempo, o que eu fiz? Destaquei o personagem para a fazenda; e, quando ele estava na fazenda, a gravidez dela estava crescendo, certo? Naturalmente, quando ele volta da fazenda, não sem aventuras lá, ele já encontra o estado da gravidez de Pedrina bem adiantado e a cena do aborto.

Mas o romance não termina, vem aí novamente a obra aberta – o romance não termina e fica a pergunta: “Raul vai se casa com Pedrina, ou com Amparinho, ou com Dulce? Ele gosta de Dulce, mas a Dulce já não o quer. Raul tem esperança de dobrá-la, quando fizer seus votos de amor; pensa que mulheres são fracas”.

Ele tinha esperança de dobrar Dulce, mas no fim do romance, quando sai da casa de Amparinho, e o pai de Amparinho diz: “Deixa-o seguir. Com o tempo ele volta”, isto é, “com o tempo ele reata o namoro e casa com você”.

Então, fica a pergunta: ele vai casar com Amparinho ou com Dulce? Não resolvi esse problema.⁵⁰⁰

Nesse romance, o escritor, como ele mesmo admitiu, buscou pincelar a “realidade piauiense”, com ênfase naquilo que ele considerou como o retrato da vida e da cultura do estado, ou pelo menos de sua cidade natal, Oeiras. As disputas familiares e os arranjos políticos por meio de casamentos são o mote para que o escritor tocasse em assuntos que se aproximassem, em certa medida, dos aspectos psicológicos e comportamentais. Nele, o escritor abre um leque de possibilidades temáticas, como as relações de gênero, família e poder.

Essas temáticas correlacionadas impulsionam as pluralidades interpretativas, o que, em larga medida, faz parte do processo de recepção de todo texto. Nesse sentido, nas

⁵⁰⁰ CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. 2. ed. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 53-54.

disputas do campo literário, o que está em jogo é qual interpretação se torna mais aceita entre os membros de tal campo. Dessa maneira, pode-se falar nas apropriações que são feitas de determinado texto, o que se relaciona, de certa forma, com as interpretações. A noção de apropriação aqui pensada se aproxima daquela referendada por Roger Chartier, ao asseverar que

[...] a apropriação tal como a entendemos visa a uma história social dos usos e interpretações referidos a suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem. Dar, assim, atenção às condições e aos processos que, concretamente, conduzem as operações de construção do sentido (na relação de leitura e nos outros casos também), é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as ideias são desencarnadas e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam filosóficas ou fenomenológicas, estão por se construir na descontinuidade das trajetórias históricas (1998: 74).⁵⁰¹

As interpretações se relacionam com a noção de apropriação no que se refere aos processos de produção de sentido que configuram a leitura como criação, o que serve de matriz para as muitas interpretações. Insta lembrar que em todo e qualquer “sistema literário” há a presença da obra, do autor e do leitor. Nesse sentido, as teorias que se debruçam sobre essa tríade têm o objetivo de identificação e de análise da fruição, da interpretação ou da produção de representações literárias.

Até meados do século XX, tanto a estética tradicional quanto as teorias voltadas para a produção literária não levavam em grande consideração o papel do leitor, ficando em destaque a relação entre autor e obra, sem discutir, sequer, de forma aprofundada, as noções de autor e autoria. Havia tendências que oscilavam entre a valorização dos estudos do autor e os estudos da obra. Na primeira, com maior foco para aspectos tidos como biográficos, sobressaindo-se o universo do escritor. Na segunda tendência, a obra era vista em seus aspectos de estrutura, de linguagem, de estilo e de textualidade sem maiores vinculações com o universo do autor. Até as dimensões históricas ficavam colocadas em planos inferiores ou serviam somente como alegoria e não como elemento de historicidade. De qualquer forma, desde a sistematização teórica dos estudos, em ambas as tendências a

⁵⁰¹ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002, p. 74.

figura do leitor era desconsiderada. Isso, em grande medida, limitava as reflexões acerca da interpretação e das representações literárias.

É nesse cenário que surge a Estética da Recepção⁵⁰², mais precisamente na segunda metade do século XX, no período conhecido como pós-estruturalista, impulsionada pelo objetivo explícito de trazer maior destaque para o leitor. Ela aparece, então, como uma teoria subversiva, colocando em xeque as teorias tradicionais de exclusivismo do autor ou da obra. Ela foi fundamental para o entendimento de que a Literatura deve ser compreendida como um processo complexo e contínuo de produção, circulação, recepção, consumo e apropriação. A literatura se dá na relação dinâmica de interação e diálogo entre autor, obra e leitor, bem como dos sentidos resultantes de tal relação.

Essas tensões entre a interpretação e formalização se tornaram mais frequentes nas análises de inúmeros estudiosos, realçando a problemática da linguagem como tópico fundamental para o entendimento de muitas formas de (re) criar o mundo e as coisas. Nessa esfera, os estudos linguísticos, por meio de trabalhos acerca do que se chamou de estruturalismo e hermenêutica situaram a dimensão da linguagem em plano de relevância. É nesse ambiente que surge, em grande parte, a obra de Michel Foucault, que se tornou um dos pensadores que tomam a linguagem como objeto de estudo. Em linhas gerais, sua reflexão filosófica tem interesse, também, pela literatura e compreende que a linguagem sempre se manifesta para além da comum distinção entre o significante e o significado.

A leitura, de maneira geral, a partir de então, tem assumido um papel de maior relevância não só para os estudos literários, mas para outras ciências, como a própria História. A “história da leitura”, como já demonstraram Robert Darnton e Roger Chartier, emerge como um leque de possibilidades de discussão de todo o processo que vai desde a idealização até o consumo e apropriação de um livro.

No que tange às interpretações como apropriação, como a leitura que cria o objeto, o próprio escritor apresenta o quanto há considerações diferentes da sua obra. Ele, admitindo sua predileção pelo livro *Rio Subterrâneo* (1967), apresenta três avaliações diferentes:

[...] “Rio Subterrâneo” é, talvez, o meu livro-filho, o meu livro mais amado por mim mesmo, apesar de que os críticos, a esse respeito, exigem

⁵⁰² O surgimento da Estética da Recepção ocorre quando um grupo de estudiosos começa a publicar seus trabalhos e teses, *Poetik und Hermeneutik*, a partir de 1964. Seus primeiros e principais entusiastas foram, na Alemanha, Hans-Georg Gadamer, Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss.

muito. Fausto Cunha acha, por exemplo, que “Ulisses...” é o melhor de todos. O professor Williams e o romancista William Palha Dias acham que o meu melhor romance é “Somos Todos Inocentes”. Já eu, pessoalmente, considero o melhor “Rio Subterrâneo”.⁵⁰³

O que o escritor está chamando de “exigência” está ligado ao próprio processo de recepção e apropriação da escrita. Processo no qual inúmeros fatores, sejam eles epistemológicos, culturais, econômicos, sociais, interferem diretamente na forma como o livro é consumido e “criado” pelas inúmeras leituras. Como teria afirmado o crítico alemão, Hans Robert Jauss⁵⁰⁴, qualquer obra de arte literária só seria, de fato, recriada ou reconhecida quando passasse pela legitimação do leitor. De maneira enfática, ele asseverava que não existe livro sem leitor.

Quando o escritor diz que os críticos “exigem muito” é porque há, no processo de leitura, aquilo o que Jauss chamou de “horizonte de expectativas”. Esse horizonte está tanto no âmbito do autor como no âmbito dos leitores de seus livros. O autor cria um horizonte de expectativa, com projeções de recepção. No caso de O. G. Rego de Carvalho, as suas expectativas, sobretudo no que se refere ao livro *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953), foram frustradas, sobretudo a partir das leituras dos “críticos piauienses”. Talvez, levando em conta essa teoria do horizonte, esses críticos também esperavam outro resultado naquele livro, daí não o considerarem tanto. Situação agravada com as querelas “intelectuais” nas quais se envolveu com representantes da Faculdade de Filosofia.

Esse horizonte de expectativas também sugere a reflexão sobre o uso do termo “experiência”, também como categoria histórica. Pensar o objeto com o auxílio dessas categorias demanda entender que “nem ‘experiência’ nem ‘expectativa’, como expressões, nos transmitem uma realidade histórica, como o fazem, por exemplo, as designações ou denominações históricas”⁵⁰⁵. Nesse sentido, são apenas categorias formais, que “não permitem deduzir aquilo de que teve experiência e aquilo que espera”⁵⁰⁶. Entende-se, dessa maneira, a história que, pretende com essas expressões, permite, tão somente, visualizar e propor as dimensões dos possíveis da história. A trajetória da escrita de O. G. Rego de Carvalho, levando em conta as recepções de tal escrita, reflete bem essa polaridade,

⁵⁰³ CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. 2. ed. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 57.

⁵⁰⁴ JAUSS, Hans Robert. **A Literatura como Provocação**: História da Literatura como Provocação Literária. São Paulo: Editora Ática, 1994.

⁵⁰⁵ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, 2006, p.306.

⁵⁰⁶ KOSELLECK, Reinhart. Op. cit, p.306.

demonstrando que “todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem”⁵⁰⁷. E as experiências são múltiplas, pois são imersas e oriundas de lugares socioculturais também variados.

As expectativas que tanto o escritor quanto os seus leitores lançaram de seus livros aponta para o aspecto de que ela “é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto”. Esse “não experimentado” se choca quando ocorre a experiência, o que ocasiona a emergência de conflitos e tensões, visto que as expectativas podem ser quase infinitas. A expectativa de aceitação de um livro, por parte de seu autor, vai de encontro à experiência das leituras que, por sua vez, estavam imbuídas de expectativas diferentes daquele livro.

Contudo, os dois conceitos não pressupõem uma alternância entre eles, pois “não se pode ter um sem o outro: não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa”⁵⁰⁸. Reinhart Koselleck afirma, assim, que essas duas categorias fazem parte da própria condição humana universal e que, sem as quais, não poderia haver história ou mesmo ser imaginada.

5.4 Narrativas Acadêmicas e o Leito de Procusto

*O intelectual é, portanto, um técnico do universal que se apercebe de que, em seu próprio domínio, a universalidade ainda não está pronta, está perpetuamente a fazer.*⁵⁰⁹

Os críticos literários, de certa forma, são considerados, talvez por eles mesmos, como membros de um grupo de intelectuais, responsáveis por pensar não só a escrita dos seus pares, mas, de maneira mais ampla, de inferir sobre o próprio mundo. O crítico, visto como intelectual, não necessariamente está atuando para combater as injustiças sociais,

⁵⁰⁷ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, 2006, p.306.

⁵⁰⁸ KOSELLECK, Reinhart. Op. cit, 307.

⁵⁰⁹ SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais**. São Paulo: Ática, 1994, p. 35.

como no sentido defendido por Sartre. O crítico tenta falar das lacunas, ou até mesmo das “injustiças” existentes nas interpretações e leituras das obras analisadas. Com essa característica, o crítico acaba por apontar, de maneira nem sempre pacífica, o sentido inacabado da obra de um escritor, de um intelectual. Gera-se, nesse sentido, uma esfera de diálogos e (des) encontros no que se refere à universalidade dos domínios dos intelectuais, que estão nas academias, nos escritórios, nas bibliotecas, nas universidades e demais instituições de pesquisas.

Há um certo silêncio, no que concerne às análises acerca da obra de O. G. Rego de Carvalho, em relação a trabalhos e pesquisas produzidos nas universidades do estado do Piauí. Não que os trabalhos fomentados nas universidades não existam, mas são pouco conhecidos, pelo menos pelo público leitor além de tais instituições. Em geral, nos livros de crítica sobre o literato oieirense, são feitas menções unicamente a dois trabalhos que foram corporificados por meio de publicação em livro. Os livros são *O Mundo Degradado de Lucínio: a incomunicabilidade em Rio Subterrâneo*⁵¹⁰, de Fabiano de Cristo Rios Nogueira; e *Rio Subterrâneo: estrutura e intertextualidade*⁵¹¹, de Maria Gomes Figueiredo dos Reis. Talvez esteja nessa dimensão, que instaura distanciamentos entre o texto monográfico de dissertações e teses e a materialidade do livro, que tais trabalhos não são tão divulgados, ficando restritos aos muros da universidade.

O livro de Fabiano Rios Nogueira é fruto de sua dissertação de Mestrado, defendida em 1981, na Universidade Federal da Paraíba. O mestrado foi feito na Paraíba em razão de, àquela época, a Universidade Federal do Piauí ainda não oferecer curso de pós-graduação em nível de mestrado. Na apresentação do livro, feita por Neroaldo Pontes de Azevedo, é destacado que, em termos de quantidade, tem se vivenciado um aumento significativo, pelo menos no âmbito da crítica literária, de pesquisas voltadas para autores locais, sobretudo na região nordeste do país. São pesquisas que valorizam os autores de cada estado ou região, com o incentivo das universidades, por meio de seus programas de pós-graduação.

A quantidade e volume podem até ser significativos, mas o problema está na divulgação e circulação de tais pesquisas, que, em certa medida, ficam amontoadas em estantes e arquivos das instituições. Isso esbarra, dentre outros condicionantes, no fato de que “editar um livro torna-se cada vez mais difícil. Divulgá-lo, fazendo-o lido e discutido,

⁵¹⁰ NOGUEIRA, Fabiano de Cristo Rios. **O mundo degradado de Lucínio: a incomunicabilidade em Rio Subterrâneo**. 2. ed. Teresina: UDUFPI, 1995.

⁵¹¹ REIS, Maria Gomes Figueiredo dos. **Rio Subterrâneo: estrutura e intertextualidade**. Teresina: EDUFPI, 1995.

é tarefa cada vez mais complicada”⁵¹². Neroaldo Azevedo destaca isso em meio à sua convicção de que os escritores do norte e do nordeste do país sofrem uma restrição de divulgação por razões históricas, sociais, econômicas e culturais, que imprimem no pensar e agir do homem nordestino estereótipos fortemente cristalizados. É nesse tom, quase que de desabafo e denúncia que Azevedo inicia sua apresentação do livro de Fabiano Rios Nogueira. Isso, na análise de Azevedo, já seria o primeiro ponto positivo do livro, pois tem como objeto a reflexão sobre o livro do literato piauiense, O. G. Rego de Carvalho, tendo como foco principal de discussão o romance *Rio Subterrâneo*.

Mesmo admitindo que, ao discutir um autor piauiense o trabalho de Fabiano Rios Nogueira é valioso, Neroaldo Azevedo faz questão de frisar que isso não é razão suficiente para o mérito do livro. Além disso, ele ressalta que O. G. Rego de Carvalho não é tão isolado ou esquecido pela crítica e editoras do sul, visto que

A bem da verdade, deve-se dizer que O. G. não pode ser considerado um injustiçado entre os escritores da “província”. Publicado por uma editora do sul do país, o que pode, em princípio assegurar maior divulgação da obra, tendo *Rio Subterrâneo* atingido a terceira edição, trata-se já de um início de reconhecimento do seu mérito.⁵¹³

De certa maneira, Neroaldo Azevedo transparece a insatisfação de o estudo de Fabiano Nogueira se debruçar sobre um escritor que já conseguiu “assegurar maior divulgação da obra”, sem desmerecer o mérito de O. G. Rego de Carvalho. A terceira edição a qual se refere Neroaldo Azevedo é do ano de 1976. Atualmente, esse livro já se encontra na décima edição, publicada pela Editora Renoir, localizada em Teresina e que tem como uma de suas administradoras, a esposa de O. G. Rego de Carvalho, a professora Divaneide Carvalho, que tem sido a responsável pela revisão e reedição das obras do marido.

Neroaldo Azevedo chama a atenção para o fato de que a maioria daqueles que se debruçam sobre o livro *Rio Subterrâneo* acabam por seguir o mesmo sentido avaliativo, qualificando o livro como de reconhecida importância para a narrativa literária. Azevedo diz que ainda são escassas análises mais contundentes da obra do escritor oieirense, pois os textos que se destinam a isso são pequenos ensaios publicados em jornais e revistas. Nesse

⁵¹² AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. Apresentação. In: NOGUEIRA, Fabiano de Cristo Rios. **O mundo degradado de Lucínio: a incomunicabilidade em *Rio Subterrâneo***. 2. ed. Teresina: UDUFPI, 1995, p. 09.

⁵¹³ AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. Op. cit, p. 09.

sentido, Noroaldo Azevedo aponta, como segundo ponto positivo do livro de Fabiano Rios Nogueira, o fato de uma boa aplicação teórica para a leitura analítica do livro de O. G. Rego de Carvalho. Partindo desse balizamento, Azevedo assevera que tal positividade está na “escolha de uma perspectiva teórica que analise a arte como um processo ‘social e comunicacional’, em que a obra aparece ‘não mais como o fruto excepcional de um gênio, mas como produto das condições materiais e culturais de cada sociedade’”⁵¹⁴. Assim, insiste em dizer que o livro de Fabiano Nogueira demonstra que o livro *Rio Subterrâneo* “faz uma denúncia do meio amesquinhado que marginaliza o homem, levando-o a uma tensão com o mundo e, mais duramente, a uma tensão com o seu próprio eu”. Dessa maneira, o livro de Fabiano Nogueira remete às localizações sociais, culturais e históricas do livro do literato oieirense. Isso faz com o que o livro de O. G. Rego de Carvalho não seja visto como uma expressão artística desvinculada do mundo real, dissociada da realidade na qual a obra foi gestada e a qual se refere.

O desconforto que Noroaldo Azevedo mencionou, em relação a ainda haver uma certa resistência editorial em divulgar trabalhos de e sobre autores e escritores nordestinos, também é explicitado por Fabiano Rios Nogueira, que diz que o seu objetivo mais amplo é “a divulgação e o conhecimento da literatura produzida no Estado do Piauí”⁵¹⁵. Esse discurso, de certa forma, pode ter suas razões e vem se repetindo na fala de muitos críticos, literatos e estudiosos. Contudo, acaba por demonstrar um sentimento mesmo de inferioridade, como se, para ter reconhecimento, os escritores e intelectuais nordestinos, especificamente piauienses, precisassem da chancela das editoras e crítica do sul. É como se a crítica partisse de uma perspectiva evolucionista, partindo de um ponto inicial a um ponto auge, no qual o sul e sudeste seriam o supremo estágio de tal evolução. Ele deixa claro que está tomando o literato oieirense como objeto em razão de todo o interesse que ele “tem despertado junto à crítica literária brasileira”⁵¹⁶.

Questiona-se, então, se a crítica nacional não estivesse se posicionando e se interessado, os estudiosos locais não valorizariam o literato oieirense? Isso significa que, enquanto a crítica brasileira não mencionar algo, outros inúmeros escritores piauienses permanecerão na “incógnita”? A crítica literária piauiense, nesse sentido, estaria circunscrita em uma perspectiva sempre de linearidade e subordinação, pois seria preciso

⁵¹⁴ AZEVEDO, Noroaldo Pontes de. Apresentação. In: NOGUEIRA, Fabiano de Cristo Rios. **O mundo degradado de Lucínio**: a incomunicabilidade em *Rio Subterrâneo*. 2. ed. Teresina: UDUFPI, 1995, p. 10.

⁵¹⁵ NOGUEIRA, Fabiano de Cristo Rios. **O mundo degradado de Lucínio**: a incomunicabilidade em *Rio Subterrâneo*. 2. ed. Teresina: UDUFPI, 1995, p. 13.

⁵¹⁶ NOGUEIRA, Fabiano de Cristo Rios. Op. cit, p. 13.

partir da crítica nacional o interesse para que um escritor seja alçado aos patamares nacionais. Uma menção sempre ao olhar da crítica nacional tem sido comum, uma espécie de necessidade de respaldo, pois o que não fosse “carimbado” pela crítica nacional, não seria digno de estudos mais aprofundados. Isso pode ser percebido mais uma vez no decorrer da justificativa do trabalho de Fabiano Cristo Nogueira, quando diz:

Considerando que, dentre as narrativas de O. G. Rego de Carvalho, *Rio Subterrâneo* apresenta-se como a obra que mais contribuiu para a projeção de seu autor no cenário nacional e não sendo o referido romance ainda alvo de estudos mais acurados, decidimos elegê-lo como objeto de nossa análise.

A “projeção no cenário nacional” é tomada como argumento primeiro, sendo que a carência de “estudos mais acurados” figurou-se como uma segunda prioridade. Não seria o inverso uma justificativa talvez mais plausível? Por que a perspectiva deve partir do nacional para só então o local se insurgir como objeto? Fabiano Reis Nogueira continua buscando balizas na crítica nacional para estruturar suas inquietações sobre o livro de O. G. Rego de Carvalho. Para isso, afirma lançar mão de classificações propostas por Alfredo Bosi, dizendo que “dentro do quadro tipológico elaborado por Bosi, este romance piauiense parece encontrar um lugar definido”⁵¹⁷. Contudo, a tipologia de Alfredo Bosi⁵¹⁸ parece relativamente generalizante, pois é pensada para o romance brasileiro produzido a partir de 1930, abarcando décadas que possuem espacialidades e temporalidades distintas.

Fabiano Rios Nogueira faz aquilo que, a priori, parece ser a principal postura de O. G. Rego de Carvalho, que é fugir dos modelos, das classificações e das tradições literárias. Em certa medida, tal necessidade de localização da obra de O. G. Rego de Carvalho, e da literatura piauiense como um todo, é reflexo da dispersão da produção literária e da crítica literária local, decorrente, também, de questões técnicas e econômicas ligadas a poucos incentivos para a produção, publicação e circulação dos livros dos autores locais, o que não é, de certa maneira, uma resistência sempre consciente por parte de editoras do sul e sudeste. Além disso, o fato de a obra de O. G. Rego de Carvalho ter continuado, à época da pesquisa e da publicação do livro de Fabiano Rios Nogueira, pouco analisada pela crítica local, demonstra que o escritor oeirense teve de enfrentar as consequências do caráter

⁵¹⁷ NOGUEIRA, Fabiano de Cristo Rios. **O mundo degradado de Lucínio: a incomunicabilidade em *Rio Subterrâneo***. 2. ed. Teresina: UDUFPI, 1995, p. 14.

⁵¹⁸ O livro ao qual se refere Fabiano Rios Nogueira é: BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

distinto de sua escrita e por causa das contendas nas quais se envolveu com outros literatos e instituições.

Enquanto Francisco Miguel de Moura fez questão de dizer que o seu livro “Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho” não partia de nenhuma filiação teórica específica, Fabiano Reis Nogueira enfatiza o universo da discussão teórica como uma de suas principais virtudes de análise. Dessa maneira, ele assume recorrer às teorias de Lucien Goldmann⁵¹⁹, inspiradas em George Lukács⁵²⁰, destacando uma “investigação sociológica aplicada à literatura em sua relação com a sociedade”⁵²¹. Com tal norteamento teórico, Fabiano Rios Nogueira, então, aponta que

O objetivo do nosso trabalho é realizar um estudo da narrativa romanesca de *Rio Subterrâneo*, do escritor piauiense O. G. Rego de Carvalho, recorrendo, de modo especial, a uma abordagem genético-estrutural, na perspectiva de Lucien Goldmann, visando a compreender o drama da incomunicabilidade em que se move o herói, Lucínio.⁵²²

Fazendo essa ancoragem teórica, Fabiano Rios Nogueira intenta mostrar o personagem central do romance de O. G. Rego de Carvalho, Lucínio como representação da “degradação dos valores autênticos” que acaba por gerar “a tensão indivíduo X sociedade, representada na estrutura romanesca pelo conflito herói X mundo”⁵²³.

Nas considerações finais do livro de Fabiano Reis Nogueira, estão expostas as suas vinculações com Lucien Goldmann, chamando a atenção novamente para a relação do herói e o mundo. Fabiano Reis Nogueira centraliza suas considerações em Lucínio e na dimensão da loucura, afirmando que os problemas de saúde mental não são algo somente da esfera pessoal, mas de vinculação com a coletividade, com as ações e práticas da sociedade. Para ele, Lucínio está em um “mundo degradado”, visto que as limitações de comunicação se manifestam na família e na sociedade. Fabiano Rios Nogueira, de maneira análoga às posturas de Sartre, deixa transparecer, ao pensar em *Rio Subterrâneo* como uma narrativa de denúncia social, sua concepção de que o intelectual é aquele que está voltado

⁵¹⁹ Os livros consultados por Fabiano Rios Nogueira foram: GOLDMANN, Lucien. **A criação cultural na sociedade moderna**: para uma sociologia da totalidade. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1976; _____. **Crítica e dogmatismo na cultura moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973; _____. **A sociologia do romance**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

⁵²⁰ O livro consultado foi: LUKÁCS, Georg. **Teoria do romance**. Lisboa: Editorial Presença, s/d.

⁵²¹ NOGUEIRA, Fabiano de Cristo Rios. **O mundo degradado de Lucínio**: a incomunicabilidade em *Rio Subterrâneo*. 2. ed. Teresina: UDUFPI, 1995, p. 13.

⁵²² NOGUEIRA, Fabiano de Cristo Rios. Op. cit, p. 13.

⁵²³ NOGUEIRA, Fabiano de Cristo Rios. Op. cit, p. 13.

para compreender e questionar as injustiças na sociedade, como é o caso do trato com os loucos. Em suas considerações finais, Fabiano Rios Nogueira assevera que

Analísada a obra dentro de uma perspectiva sociológica que nos permitiu verificar a homologia entre a estrutura do romance e a estrutura da sociedade, poderíamos dizer que *Rio Subterrâneo* é a história de Lucínio, um indivíduo que se debate contra o determinismo social. Acreditamos, no entanto, que a narrativa não coloca apenas um drama pessoal, mas também o de um grupo, o dos doentes mentais, cujo grito de sofrimento, marcado pela ausência de comunicação, se encontra sintetizado na epígrafe – “Ó, tu, que tens de humano o gesto e o peito” – que repercute junto ao leitor como um desesperado apelo à comunicação humana.⁵²⁴

Entretanto, Fabiano Rios Nogueira não aborda o fato de o próprio Lucínio sentir-se encantado e fascinado com a “incomunicabilidade”, sobretudo a de Joana, em seu enclausuramento. O mundo não é percebido o tempo todo por Lucínio como “um mundo hostil”. É importante lembrar que a escrita literária, seja manifesta em romance, conto ou poesia, está voltada, inicialmente, para a dimensão artística, para, depois, assumir seus patamares ampliados de reflexão e observação do mundo social. Isso deve ser pensado para não tornar a análise da obra de O. G. Rego de Carvalho refém de toda e qualquer análise, como em busca de “sentidos” obscuros ou entranhados.

Outra perspectiva que está embutida na loucura não só de Lucínio, mas de outros personagens criados por O. G. Rego de Carvalho, é a que se refere a uma noção que, provavelmente, nem se veiculava naquele momento da concepção e publicação do livro: a inclusão social. Ao dar espaço para personagens loucos ou com distúrbios e perturbações, o literato piauiense aponta que, mesmo diante de condições vistas como inaceitáveis pela sociedade, é possível um “louco” estudar, brincar, sonhar, namorar. Nesse sentido, *Rio Subterrâneo*, bem como os outros livros, não apresenta os loucos fugindo do mundo, mas sim, interagindo com ele.

A focalização da análise na dimensão da loucura é endossada por Fabiano Rios Nogueira ao dizer que

Analisando os diversos comentários que *Rio Subterrâneo* suscitou na Crítica Literária, observamos alguns aspectos que mereceram maior destaque: a universalidade do tema abordado por O. G. Rego de

⁵²⁴ NOGUEIRA, Fabiano de Cristo Rios. **O mundo degradado de Lucínio: a incomunicabilidade em *Rio Subterrâneo***. 2. ed. Teresina: UDUFPI, 1995, p. 58.

Carvalho, a relação loucura/incomunicabilidade, loucura/solidão, angústia/repressão, dramas e tragédias pessoais, desencontros e desajustes das personagens, o caráter subjetivo da narrativa (depoimento, epígrafe), busca de comunicação com o leitor.⁵²⁵

O interessante é que os aspectos elencados por Fabiano Rios Nogueira, a partir dos comentários listados por ele na primeira parte do livro, são aspectos que permeiam todos os livros do autor, variando, talvez, na intensidade de como aparecem na narrativa. Por que priorizar somente um livro? Por que elencar somente um herói? E Ulisses, José (*Ulisses entre o Amor e a Morte*), Celina, Joana (*Somos Todos Inocentes*)? São personagens que aparecem, de maneira particular em cada livro, com momentos e intensidades diferentes de distúrbios, de loucura. Além deles, há outros personagens que sofrem, indiretamente, com a loucura de seus familiares também, como é o caso de Helena (*Rio Subterrâneo*), em relação às suas tia e avó. Assim, o livro de Fabiano Rios Nogueira seria um estudo feito que partiu somente do que a crítica nacional disse, como o próprio Fabiano Rios Nogueira já apontou na justificativa da pesquisa?

Outro argumento apresentado por Fabiano Rios Nogueira, no intuito de justificar a “incomunicabilidade” na qual Lucínio estaria imerso, refere-se à organização e apresentação dos capítulos. Segundo ele,

A ideia de incomunicabilidade em *Rio Subterrâneo* assume proporções bem maiores do que a de simples proposta temática visto que se formaliza no modelo narrativo, dificultando a comunicação ente a própria obra e o leitor. Isto ocorre porque, conforme mostramos, no gráfico adiante, a ordem dos capítulos na obra não obedece à ordem cronológica dos acontecimentos.

Ordem dos Capítulos	Ordem dos Acontecimentos
1. Limbo	1. Limbo
2. Mãos e Braços	2. O Rosto na Vidraça
3. Oeiras	3. Mãos e Braços
4. O Rosto na Vidraça	4. Passeio a Timon
5. Passeio a Timon	5. Oeiras
6. O Rio	6. O Rio

A possibilidade de compreensão do romance apresenta-se através de uma leitura que refaça a ordem dos acontecimentos, uma vez que a ordem dos

⁵²⁵ NOGUEIRA, Fabiano de Cristo Rios. **O mundo degradado de Lucínio: a incomunicabilidade em *Rio Subterrâneo***. 2. ed. Teresina: UDUFPI, 1995, p. 14.

capítulos embaralha os fatos narrados, dissimulando as relações entre eles.⁵²⁶

Talvez, fazendo uma associação muito rígida entre loucura e mundo, entre indivíduo e sociedade, Fabiano Rios Nogueira tenha incorrido na busca da dicotomia entre racional e irracional, para propor uma nova organização dos capítulos para a compreensão do livro do literato oeirense. Se ele mesmo reconhece a “aparente dissociação das cenas”, não há porque buscar uma sequência lógica. Ademais, a que lógica a organização sugerida por Fabiano Rios Nogueira se refere? O livro não foi concebido pelo literato oeirense para seguir uma linearidade, e sua compreensão deve ocorrer a partir da sequência na qual os capítulos se apresentam originalmente. Aliás, essa proposta de uma “organização” do livro é uma leitura desconsiderada por O. G. Rego de Carvalho. Contudo, essa sugestão de Fabiano Rios Nogueira, como professor universitário, foi sendo acatada e reproduzida, com algumas variações, pelos alunos e colegas do curso de letras, que, a pedido de escolas privadas de Teresina, produziram apostilas com a sequência da leitura dos capítulos indicada por Fabiano Rios Nogueira, inclusive sem ao menos citar quem propôs inicialmente esse esquema de leitura.

Essa “organização” contribuiu para desfigurar o livro *Rio Subterrâneo*, criando um novo livro, que não se reconhece, pois “o livro perde toda a especificidade, tudo aquilo que é dito nesse livro é ora excedente; tudo o que não é dito constitui uma lacuna, pela qual ele me critica”⁵²⁷. A defesa que Michel Foucault faz, em relação aos seus livros, aplica-se, resguardando as devidas proporções, à crítica feita por Fabiano Rios Nogueira ao livro de O. G. Rego de Carvalho. Ao propor uma nova sequência na leitura de *Rio Subterrâneo*, o crítico compromete a especificidade do livro, bem como sugere uma lacuna e sobre a qual se esforça para saná-la, com o argumento de que a estrutura original promove a “incomunicabilidade” entre o livro e o leitor, o que, de certa forma, insinua uma fragilidade cognitiva e de percepção do leitor.

Vale ressaltar, como alerta Michel Foucault, que a crítica tem sim, a sua importância para a dinâmica da produção e circulação do conhecimento, seja em qual for a área de atuação. Ele adverte, também, que nem sempre a crítica é bem vista, pois há “vagos

⁵²⁶ NOGUEIRA, Fabiano de Cristo Rios. **O mundo degradado de Lucínio**: a incomunicabilidade em *Rio Subterrâneo*. 2. ed. Teresina: UDUFPI, 1995, p. 52-53.

⁵²⁷ FOUCAULT, Michel. As monstruosidades da crítica. In: MOTTA, Manoel Barros da. (Org.). **Michel Foucault: Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 321.

critérios morais para distinguir a crítica ‘honesta’ da crítica ‘desonesta’, a ‘boa’ crítica, que respeita os textos dos quais fala, da ‘má’ crítica, que os deforma”⁵²⁸. Não se pode esquecer de que o romance, no caso específico de O. G. Rego de Carvalho, é uma constituição narrativa, conforme as prerrogativas de Michel Foucault, que se dá como uma experiência na qual um conjunto de ideias e palavras vai sendo manipulado, até formar um conjunto materializado em livro. É nesse processo de manipulação de ideias e palavras que a crítica se ancora para, também, realizar as suas manipulações.

Dessa maneira, conforme as leituras feitas sobre a obra de O. G. Rego de Carvalho, surgirão, nos critérios do literato piauiense e dos próprios críticos, as críticas que serão consideradas “boas” e aquelas que serão “más”. Isso, em geral, dá-se em função das leituras autorizadas ou não autorizadas pelo autor. Em meio ao processo de recepção da crítica, o que se deve considerar, então, é que “qualquer crítica aparecerá como um conjunto de transformações – de transformações próximas ou longínquas, mas que têm todas seus princípios e suas leis”⁵²⁹. Por tal razão, é que a própria crítica está fadada a também ser alvo de crítica, seja de outros críticos, seja do autor ou artista a quem tal crítica foi direcionada. Parece que o processo de crítica sobre a crítica só é amenizado quando as transformações são as menos longínquas possíveis, gerando uma certa harmonia no campo intelectual ao qual a crítica se vincula. No que se refere ao conjunto da obra de O. G. Rego de Carvalho, a crítica, que não se centra somente em seus livros, mas, também se refere aos seus posicionamentos como intelectual e sujeito, ora parece se acomodar, ora se insurge, despertando, inclusive, críticas anteriores.

Tentando sintetizar o universo da crítica especializada, Fabiano Rios Nogueira reserva a primeira parte de seu livro para apresentar trechos de comentários que alguns escritores e críticos fizeram sobre o livro *Rio Subterrâneo*. Intitula esse “capítulo” de *Fortuna Crítica de Rio Subterrâneo*, advertindo que fará “apenas uma apresentação sucinta, na ordem cronológica, das referências feitas a Rio Subterrâneo, sem a pretensão de mostrá-las na sua totalidade”⁵³⁰. Essa expressão “fortuna crítica” é utilizada, também, por Kenard Krueel, em livro que ele organiza. Da mesma maneira, Kenard Krueel dedica um capítulo para agrupar somente os comentários da crítica literária, mas com a ampliação dos comentários de diversos críticos para todas as obras e sobre a vida e carreira de O. G. Rego

⁵²⁸ FOUCAULT, Michel. As monstruosidades da crítica. In: MOTTA, Manoel Barros da. (Org.). **Michel Foucault: Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 316.

⁵²⁹ FOUCAULT, Michel. Op. cit, p. 316.

⁵³⁰ NOGUEIRA, Fabiano de Cristo Rios. **O mundo degradado de Lucínio**: a incomunicabilidade em *Rio Subterrâneo*. 2. ed. Teresina: UDUFPI, 1995, p. 19.

de Carvalho. Além disso, são colocados, na íntegra, todos os artigos publicados em jornais e revistas e não somente trechos, como o fez Fabiano Rios Nogueira.

De maneira semelhante, Francisco Miguel de Moura, em *Linguagem e comunicação em O. G. Rego de Carvalho*, também reserva um espaço de seu livro para os comentários feitos à obra de O. G. Rego de Carvalho. Nessa parte de seu livro, intitulada de *Apêndice, crítica*, estão artigos e trechos de comentários⁵³¹, retirados de livros, jornais e revistas, com alguns comentários sem nenhuma referência de onde foram retirados. Aliás, foi Francisco Miguel de Moura quem “inaugurou” esse tipo de seção de livro destinada aos comentários sobre a obra de O. G. Rego de Carvalho. Francisco Miguel de Moura fez uma espécie de tradição, pela qual os livros que comentassem a obra de um autor comentado tivessem de ter um respaldo a mais, que complementassem as análises propostas pelos críticos. O interessante nessa organização que, tanto Francisco Miguel de Moura, quanto os demais fazem em relação aos comentários listados em seus livros, é que eles aparecem em seus livros mais como listas que como documentos para análise. Talvez, no livro de Fabiano Rios Nogueira, a listagem esteja mais integrada ao texto, pois ele constrói, como já foi dito, argumentos amalgamados aos trechos dos autores citados.

De qualquer maneira, essa postura de listar, ou no início, como faz Fabiano Rios Nogueira, ou no final, como fazem Francisco Miguel de Moura e Kenard Krueel, dão um significado à tal lista. Dessa maneira, tal lista “[...] é também um material que tem sido acumulado e conservado, contribuindo com outros acervos, para a formação de arquivos”⁵³². Mais que acumular ou formar arquivo, essas listas são utilizadas, até certo ponto, como elementos que agregam valor e solidez aos livros nos quais estão imersos. Torna-se, dessa forma, uma disputa simbólica, pois os livros que mais apresentarem comentários de diferentes autores sobre a obra de O. G. Rego de Carvalho mais serão vistos, a priori, como os mais aprofundados, pelo menos no sentido do volume de fontes apresentadas. Isso é facilmente percebido quando é feita a contagem dos autores listados em cada livro de análise. No livro de Francisco Miguel de Moura, são listados apenas seis autores; no livro de Fabiano Rios Nogueira são listados vinte e dois autores, dentre os quais Francisco Miguel de Moura; no livro de Kenard Krueel são listados mais de cinquenta comentaristas, dentre os quais figuram alguns artigos de Francisco Miguel de Moura, além

⁵³¹ Os autores cujos comentários foram selecionados e agrupados no livro de Francisco Miguel de Moura foram: José Aderaldo Castelo, Esdras do Nascimento, David Lord, Mário da Silva Brito, José Expedito Rego e Homero Silveira.

⁵³² HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2011(Coleção História&Historiografia), p. 52.

das entrevistas. Francisco Miguel de Moura, de certa maneira, tornou-se, também, referência e citá-lo entre os nomes que se debruçam sobre a obra de O. G. Rego de Carvalho tornou-se condição importante para os escritores seguintes. Fernando Rios Nogueira cita dois artigos de Francisco Miguel de Moura, enquanto que Kenard Kruel cita cinco artigos, todos se referindo à obra do escritor. Dos dois artigos de Francisco Miguel de Moura que são citados por Fernando Rios Nogueira, um também é listado no livro organizado por Kenard Kruel, e o outro não.

É importante endossar que os trechos apresentados por Fabiano Rios Nogueira são sempre acompanhados de um breve comentário que compõe ou se mistura ao comentário do crítico literário citado em cada trecho⁵³³, diferentemente do que acontece no livro organizado por Kenard Kruel, cujo “capítulo” reservado à fortuna crítica não possui nenhuma intervenção ou argumento. Fabiano Rios Nogueira, por exemplo, faz uma observação do erro cometido pelo crítico literário Fábio Lucas, que, em seu livro, inclusive o reeditado, grafou o nome do livro de estreia de O. G. Rego de Carvalho de *Ulisses entre o Amor e o Mar*⁵³⁴, substituindo “morte” por “mar”. Em outro comentário utilizado por Fabiano Rios Nogueira, aparece o conflito, apresentado por Francisco Miguel de Moura, entre O. G. Rego de Carvalho e Assis Brasil, no momento em que o próprio Francisco Miguel de Moura discorda das classificações feitas sobre a obra de O. G. Rego de Carvalho.

Ao final da introdução, Fabiano Rios Nogueira já reconhece que sua análise é somente a escrita de uma vertente teórica e metodológica, podendo ser ampliada ou revista a partir de outros estudos, com outros métodos e questionamentos.

A constatação mais nítida de que os trabalhos de origem acadêmico-universitárias encontram-se silenciados é a publicação do livro organizado por Kenard Kruel. Nesse livro, os trabalhos de Fabiano de Cristo Rios Nogueira e de Maria Gomes Figueiredo dos Reis não se encontram entre os intelectuais que discutem a obra de O. G. Rego. A não ser em uma única página, intitulada de *Em torno de sua obra*, em que fala dos trabalhos sobre a obra do literato oeirense, citando os dois professores universitários e Francisco Miguel de Moura. Sobre este último, Kenard Kruel faz questão de enfatizar:

⁵³³ Os críticos citados por Fabiano Rios Nogueira são: Otávio de Faria, Sebastião G. Assunção, Laís Corrêa de Araújo, Vidal de Freitas, Fábio Lucas, Hélio Pólvora, Pompílio Santos, J. Santos Stockler, David Lord, Luís Paula Freitas, Homero Silveira, José Expedito Rêgo, Francisco Miguel de Moura, A. Tito Filho, Alcântara Silveira, Fabrício de Arêa Leão, Meneses de Moraes, Herculano Moraes, José Afrânio Moreira Duarte, Osman Lins, Cineas Santos e João Pinto.

⁵³⁴ O livro mencionado por Fabiano Rios Nogueira é: LUCAS, Fábio. **O caráter social da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

Francisco Miguel de Moura publica *Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho* (trabalho de pós-graduação) em 1972, pela Editora Artenova, do poeta piauiense Álvaro Pacheco.

A respeito dessa obra, o jornal O Estado, edição de abril de 1975, sob o título Escritores Piauienses na Novela *O Semideus* informa: “Em um dos capítulos da novela O Semideus, em exibição na TV Rádio Clube de Teresina, apareceu sábado último, bem visível, uma cena em que a personagem Ângela, ao vir da escola, sobraça alguns livros, tendo aparecido em primeiro plano a obra de Francisco Miguel de Moura intitulada Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho. Na referida cena, o nome desse último escritor aparece bem visível, o que comprova a penetração de seu nome, agora, também, nos meios artísticos do Rio de Janeiro. A novela *O Semideus* é da Rede Globo de Televisão.”⁵³⁵

O comentário feito sobre o livro é feito, por Kenard Kruel, em tom de curiosidade e não de análise crítico-literária, aliás, como todo o restante do livro. Já a matéria do jornal demonstra a necessidade que se tem, por parte do imaginário dos meios de comunicação piauiense, de conseguir símbolos para a afirmação da identidade piauiense. Para isso, o artigo do jornal encerra a notícia destacando que a novela é uma novela da rede Globo, vista, naquele momento, como a maior emissora de televisão que chegava à capital piauiense. Ao final do livro organizado por Kenard Kruel, há uma seção intitulada de O. G. Rego de Carvalho (Resumo Biográfico), que, em nota de rodapé, está explicado que foi elaborado pela professora Divaneide Maria Oliveira de Carvalho, esposa do literato oeirense.

Contudo, nas últimas edições dos livros de O. G. Rego de Carvalho, que são revisados e editados pela própria Divaneide Maria Oliveira de Carvalho, essa informação não mais consta no resumo biográfico por ela elaborado. Algumas diferenças sutis se encontram, por exemplo, no resumo biográfico do livro organizado por Kenard Kruel, de 2007, em relação à décima edição de *Rio Subterrâneo*, de 2009. Por exemplo, no livro de Kenard Kruel não aparece a informação de que, em 1964, a escrita do livro *Rio Subterrâneo* é concluída. Por outro lado, no livro de Kruel, há a informação de que, em 1970, “o jornal O Dia, de Teresina, publica alguns capítulos de *Somos Todos Inocentes*, com o título de *No Fundo do Poço*”⁵³⁶. Na cronologia referente ao ano de 1972, na edição de *Rio Subterrâneo*, de 2009, não consta mais a informação de que, no dia “23 de fevereiro, o governador Alberto Silva, a pedido do escritor, muda o nome de Colônia de

⁵³⁵ KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 69.

⁵³⁶ KRUEL, Kenard. Op. cit, p. 345.

Psicopatas, dado ao Hospital de Doenças Mentais, para Hospital Areolino de Abreu, como ainda hoje é conhecido”⁵³⁷. Essas duas últimas omissões – sobre o título *No Fundo do Poço* e sobre a mudança de nome da Colônia de Psicopatas –, retiradas da edição de 2009, talvez façam parte da tentativa de dissociar, o máximo possível, a escrita de O. G. Rego de Carvalho com a sua condição de saúde mental.

A supressão de informações continua com outros detalhes, pois na edição de 2009 não consta a informação de que, em maio de 1979, “A novela *Amarga Solidão* é publicada como encarte da revista *Cirandinha*, número 4, editada por Francisco Miguel de Moura”⁵³⁸. Em seguida, referente ao ano de 1988, é retirada a informação de que “A Revista da Academia Piauiense de Letras publica, nas páginas 70 a 72, *As Teses Universitárias e o Leito de Procusto*, de O. G. Rego de Carvalho. O mesmo texto, é publicado, também, pela editora Corisco”⁵³⁹. Essa informação, provavelmente, foi retirada pela polêmica que o texto gerou, ao criticar o livro *Rio Subterrâneo: estrutura e intertextualidade*, de Maria Gomes Figueiredo dos Reis. Em seguida, referente ao mês de novembro do mesmo ano, não está dito, na edição de 2009, que O. G. Rego de Carvalho “Participa do II Seminário de Autores Piauienses, realizado no Auditório da Secretaria da Cultura, Desportos e Turismo, discorrendo sobre o tema *Como e Por Que me Fiz Escritor*”⁵⁴⁰. Em tal seminário, O. G. Rego de Carvalho profere a palestra que, um ano depois, seria transformada na primeira edição de livro que tem o mesmo título do tema da palestra.

Outro aspecto importante a ser mencionado acerca da manchete destacada, é que, mesmo sendo um trabalho de pós-graduação, o livro de Francisco Miguel de Moura não tem sido visto como resultado ou ligado a instituições de ensino. Em parte, isso se explica pela continuidade da atuação do autor como crítico literário, como escritor de poesias e romances, bem como cronista em jornais, como o faz até hoje, no jornal O Dia.

Sobre o livro de Fabiano Rios Nogueira, Kenard Krueel reserva pouco espaço e somente escreve que

O professor Fabiano de Cristo Rios Nogueira publica *O Mundo Degradado de Lucínio: a incomunicabilidade em Rio Subterrâneo* (tese de mestrado), em 1985, pelo Projeto Petrônio Portella da Secretaria da Cultura, Desportos e Turismo, graças ao empenho do Secretário Josualdo Cavalcanti Barros.⁵⁴¹

⁵³⁷ KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho**: fortuna crítica. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 345.

⁵³⁸ KRUEL, Kenard. Op. cit, p. 69.

⁵³⁹ KRUEL, Kenard. Op. cit, p. 347.

⁵⁴⁰ KRUEL, Kenard. Op. cit, p. 347.

⁵⁴¹ KRUEL, Kenard. Op. cit, p. 69.

Nessa menção ao livro de Fabiano Rios Nogueira não é feita nenhuma análise ou discussão, sendo o livro, como em outros casos, somente listado. Nesse caso particular, deu-se muito mais ênfase ao empenho de um personagem político, o secretário da cultura naquele momento. Em postura igual à reservada ao livro de Fabiano Rios Nogueira, apresenta o livro de Maria Figueiredo dos Reis dizendo que “A professora Maria Gomes Figueiredo dos Reis publica *Rio Subterrâneo: estrutura e intertextualidade* (tese de livre docência), em 1995, pela Editora da Universidade Federal do Piauí”⁵⁴². Nesse comentário há somente a ficha técnica do trabalho, também, sem nenhuma análise sobre o livro da autora.

A importância dos livros dos dois autores é reduzida, sendo, de certa forma, colocada em suspeição, pois, especialmente sobre o livro de Maria Gomes Figueiredo dos Reis, Kenard Krueel coloca um comentário feito pelo próprio O. G. Rego de Carvalho, dizendo que “a tese é falha porque coloca o autor no Leito de Procusto. Tem um modelo pré-estabelecido, no qual quer enquadrar, a qualquer custo, a obra e não me parece que seja essa a forma mais indicada para se analisar um texto literário”⁵⁴³. O. G. Rego de Carvalho, por esse comentário, demonstra a “desleitura” que pretende fazer sobre as interpretações feitas sobre sua obra, condicionando e direcionando as análises que a ela são feitas. O. G. Rego de Carvalho, ao fazer analogia com o personagem da mitologia grega, indica que o livro de Maria Figueiredo dos Reis tentava localizar a obra do literato da primeira capital piauiense em certos modelos, os quais ele não aceitava.

Essa postura do literato, em não aceitar classificações, ordenações ou rotulações, assemelha-se às respostas dadas por Michel Foucault, em relação à sua filiação intelectual ou teórica. Segundo o pensador francês, o enquadramento direto e irrestrito da obra de um escritor, tomando por parâmetro maior a sua vida, é uma atividade típica de uma moral do estado civil que tem a função de orientação para a elaboração dos documentos de identidade de cada cidadão. Essa exigência de uma “identidade” não se aplicaria, rigorosamente, à produção artístico-cultural e intelectual, pois, para Foucault, é importante e fundamental que tal moral “nos deixe livres no momento em que se trata de escrever”⁵⁴⁴. A “identidade”, então, seria algo que imobilizaria o ato de pensar, levando a uma prática de aceitação e seguimento de uma ordem. A liberdade de escrever seria, ao contrário, a manifestação do pensar em sua característica de passar, de questionar e de surpreender,

⁵⁴² KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 69.

⁵⁴³ CARVALHO, O. G. Rego de. *Apud* KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 69.

⁵⁴⁴ FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 28.

indicando as possibilidades dos caminhos diferentes de pensamento a serem seguidos ou pelo menos sugeridos.

É a essa “liberdade” que, talvez, O. G. Rego de Carvalho almejava alcançar, mesmo que, para isso, tivesse que negar ou não aceitar certas interpretações ou classificações de sua obra. Michel de Certeau, ao tratar desse aspecto de liberdade destacado por Foucault, fala algo que, de certa forma, isso se aplica aos livros de O. G. Rego de Carvalho, que são lidos com polvorosa “por surpreenderem o previsto e o codificado”⁵⁴⁵. O previsto e o codificado, no caso do literato piauiense, seriam uma escrita fincada nos regionalismos de matriz no determinismo geográfico e econômico. Tentando romper com essa realidade literária de coisas previstas e codificadas, é que O. G. Rego de Carvalho desperta um corpo de leitores, especialmente entre seus pares literatos e intelectuais, que tomam essa “subversão” como algo a ser colocado em pauta para lhe conceder ou não o *status* também de escritor intelectual. Sua própria condição de pertencimento ao grupo, ou melhor, ao campo intelectual, estava atrelada aos efeitos desse desdobramento das surpresas causadas pelo imprevisto de sua escrita e de suas considerações sobre a literatura e a intelectualidade piauienses.

Essa liberdade lhe foi cara, pois, inicialmente, e ao longo de sua trajetória como escritor, sua vida intelectual esteve atravessada por um misto de aceitação e de suspeição. Foucault também dizia que, ao ser perguntado sobre o que ele era, considerava-se somente um leitor. Não um leitor que apenas assimilava, mas que se posicionava em relação aos textos que lia. Ademais, Foucault não se referia a ser leitor no sentido literal do termo. Ele se considerava leitor do mundo e da sociedade, buscando respostas, bem como propondo mais reflexões, para a existência do homem e de suas infinitas formas de experimentação da vida. Em certo sentido, O. G. Rego de Carvalho, sem admitir definições sobre ele mesmo, considerava-se um leitor-escritor, daí ele ter dito e escrito as razões de ter se tornado escritor. Dessa maneira, provavelmente, se perguntado sobre o que ele é, ele só se diria um escritor.

Ainda se referindo ao livro da professora, Kenard Kruel também coloca um trecho da apresentação escrita pelo escritor e crítico, M. Paulo Nunes para o livro de Maria Figueiredo dos Reis. Em tal apresentação, M. Paulo Nunes diz que

[...] tratando-se de uma obra aberta, conforme a lição de Umberto Eco, como é o *Rio Subterrâneo*, não é possível estabelecer-se, de antemão,

⁵⁴⁵ CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise:** entre ciência e ficção. Belo Horizonte: Autêntica, p. 119.

qualquer esquema apriorístico para sua leitura. Ao leitor e ao intérprete faculta-se o juízo que for do seu agrado.⁵⁴⁶

Em sua apresentação, M. Paulo Nunes parecia antever o sentido negativo da recepção que O. G. Rego de Carvalho teria em relação ao livro de Maria Figueiredo dos Reis. Mais uma vez, nessa discordância de leitura, da qual M. Paulo Nunes parece aproximar-se do literato, está em jogo a noção de não-localização, a qual O. G. Rego de Carvalho tem intentado estabelecer em sua escrita. Contudo, simbolicamente, a imagem de Procusto, como o próprio O. G. Rego de Carvalho fez questão de mencionar, se refere às intolerâncias que se manifestam nas ações e pensamentos humanos. Ao não aceitar as interpretações e leituras feitas por Maria Figueiredo dos Reis, o literato não estaria impondo aos seus críticos um Leito de Procusto? Na mitologia grega, Teseu castiga o próprio Procusto em sua cama, que tentava sempre “ajustar” os viajantes e convidados ao tamanho de sua cama, daí torturar e cortar membros de seus convidados, obrigando-os a ter seus corpos milimetricamente abrigados nos limites de sua cama. A todos aqueles que tentam ajustar sua obra em Leitos de Procusto, O. G. Rego de Carvalho investe-se do poder de Teseu e busca desconsiderar os “excessos” das críticas feitas. São os riscos que envolvem o campo da crítica!

Nas ranhuras literárias, em suas relações com a escritura da história, é fundamental dizer que não se pode buscar reflexos da primeira na última ou vice-versa. A literatura não é a “imagem” refletida. A Literatura seria antes o “imaginário” da História. Isso implica dizer, entre outras coisas, que ambas não estão independentes uma da outra, mas não mantêm uma relação mecânica entre si. Nesse sentido, o que se considera é que há, em termos de interpenetrações, presença da História na Literatura e não influência sobre a Literatura. Daí a pertinência das trajetórias, teóricas e práticas, da história da literatura, inclusive no que se poderia chamar de “enquadramento escolar”.

⁵⁴⁶ NUNES, M. Paulo. *Apud* KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho**: fortuna crítica. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 69.

6 O ENQUADRAMENTO ESCOLAR

Uma das apostas centrais das rivalidades literárias (etc.) é o monopólio da legitimidade literária, ou seja, entre outras coisas, o monopólio do poder de dizer com autoridade quem está autorizado a dizer-se escritor (etc.) ou mesmo a dizer quem é escritor e quem tem autoridade para dizer quem é escritor; ou, se se preferir, o monopólio do poder de consagração dos produtores ou dos produtos.

*Pierre Bourdieu*⁵⁴⁷

A literatura, como espaço de disputas de poder, manifesta-se como campo de rivalidades, inclusive no que se refere ao seu ensino. São dois campos – literatura e ensino – que trazem consigo as ranhuras advindas das lutas por posicionamentos e posições. Professores e literatos, em seus lugares sociais e institucionais, disputam o poder de legitimidade da literatura, notadamente naquilo que se volta para o que deve ser dito, escrito e ensinado.

Tal disputa se acirra quando entram em cena agentes ou elementos ligados a outras instituições, com demandas relativamente diferentes, marcadas por convergências e divergências. Daí, os discursos de professores e literatos se veem cruzados por discursos acadêmico-científicos e de foro legislativo. Surgem, então, as tensões entre produtores e produtos.

⁵⁴⁷ BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 253.

6.1 Aulas, professores e outras tensões

No final da década de 1980, membros da Associação Brasileira de Escritores – Piauí (ABE-PI), realizaram uma campanha, junto à sociedade e ao poder jurídico, para a inclusão na Constituição Estadual da obrigatoriedade do ensino da “literatura piauiense” em seu texto. O escritor, crítico e professor Adrião Neto descreve a campanha da seguinte maneira:

A diretoria da União Brasileira de Escritores do Piauí – UBE/PI, gestão 88/90, que tinha como presidente José Elmar de Melo Carvalho, tendo constatado que a Literatura Piauiense era desconhecida até mesmo entre alunos e professores, resolver empreender significativa campanha para que a Assembleia Estadual Constituinte incluísse, no texto constitucional, um dispositivo determinando a obrigatoriedade do ensino de nossa literatura nas escolas de 1º, 2º e 3º graus. A campanha aconteceu através da imprensa, de contatos com parlamentares e mediante emenda de iniciativa popular, com um abaixo assinado contendo mais de 500 assinaturas.⁵⁴⁸

Após a campanha, os idealizadores e participantes da campanha obtiveram êxito em sua proposição. No texto constitucional ficou determinado:

Art. 226. A lei estabelecerá o plano estadual de educação, de duração plurianual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações do Poder Público que conduzam:

- I - à erradicação do analfabetismo;
- II - à universalização do atendimento escolar;
- III - à melhoria da qualidade do ensino;
- IV - **ao conhecimento da realidade piauiense, através de sua literatura, história e geografia;**
- V - à preparação do educando para o exercício da cidadania.

§ 1º **Será obrigatório, nas escolas públicas e particulares, o ensino de literatura piauiense** e a promoção, no âmbito de disciplina pertinente, do aprendizado de meio ambiente, saúde, ética, educação sexual, direito do consumidor, pluralidade cultural e legislação de trânsito.

(Renumerado do Parágrafo único pela Emenda Constitucional nº 09, de 17.12.99)

§ 2º Compete à Secretaria de Educação do Estado do Piauí fazer constar dos programas de Ensino Fundamental e médio, direcionamento e de limitação quanto aos conhecimentos teóricos dos temas referidos no parágrafo anterior, na forma da lei. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 09, de 17.12.99).⁵⁴⁹

⁵⁴⁸ NETO, Adrião. **Dicionário biográfico**: escritores piauienses de todos os tempos. 2. ed. Teresina: Halley, 1995, p. 315.

⁵⁴⁹ PIAUÍ. **Constituição do Estado do Piauí**. 05 de outubro de 1989, p. 91 [grifos nossos].

Em seu teor, o artigo já parte do pressuposto de uma unidade, de uma formação definida para considerar o que sejam a “realidade piauiense” e a “literatura piauiense”. O texto constitucional está reproduzindo, em uma cadeia de rede, o conceito naturalizado que os intelectuais detinham acerca da literatura. É no mínimo curiosa a associação que é feita com o “aprendizado” de outras instâncias da vida social. A ideia de “literatura piauiense” que se expressa no texto constitucional coloca-a em uma função pedagógica. De qualquer maneira, para os entusiastas da campanha da obrigatoriedade, a inclusão na Constituição estadual seria diferencial nos alcances da literatura dita piauiense.

Entretanto, como protestaram muitos professores e intelectuais, a Constituição estadual, ao menos em relação à mencionada obrigatoriedade, não foi seguida, pois não cumpriu, na prática, a exigência da campanha combativa da União Brasileira de Escritores do Piauí – UBE/PI. Adrião Neto traça, em linhas gerais, a trajetória do esforço dos escritores e a desilusão com a aplicabilidade da Lei:

“Por dever de justiça, registramos o empenho e a boa vontade do deputado Humberto Reis da Silveira que, na qualidade de relator da constituinte, mesmo contando com a resistência de outro parlamentar que por coincidência era e ainda é professor universitário na área de Letras, envidou todos os esforços, em todas as fases do processo de elaboração da Carta Magna, para que o pleito da UBE/PI fosse acatado. E graças ao seu interesse a obrigatoriedade do ensino da Literatura Piauiense foi inserida no texto constitucional (Art. 226, parágrafo único). Pelo feito em prol das nossas letras, a UBE o condecorou com a comenda do Mérito Da Costa e Silva. Lamentavelmente, por falta de interesse das administrações seguintes da entidade e do próprio poder público estadual, o dispositivo constitucional supramencionado se tornou letra morta”.⁵⁵⁰

A esperança dos escritores, membros da UBE/PI e muitos professores era que, a partir, pelo menos, do ano de 1996, a Lei fosse aplicada e cumprida. No entanto, pelos discursos e textos de professores, em anos posteriores, há indícios de que essa expectativa não foi atendida em sua plenitude, fomentando novas tentativas e debates.

Em razão disso, como forma de regulamentação, no ano de 2005 foi decretada a lei estadual nº. 5.464/2005, de 11 de julho, que determinava a obrigatoriedade do ensino de Literatura Brasileira de Expressão Piauiense, nos ensinos fundamental e médio das escolas públicas e privadas do estado do Piauí. A referida lei determina:

⁵⁵⁰ NETO, Adrião. **Dicionário biográfico**: escritores piauienses de todos os tempos. 2. ed. Teresina: Halley, 1995, p. 315.

Art. 1º Fica instituída a obrigatoriedade do ensino de literatura brasileira de expressão piauiense, no Ensino Fundamental e Médio, nas escolas das redes pública estadual e privada, no Estado do Piauí.

Art. 2º A Secretaria Estadual da Educação e Cultura, através do órgão competente, definirá o conteúdo programático do ensino de literatura brasileira de expressão piauiense a ser cumprido nas escolas das redes pública estadual e privada.

Art. 3º O Conselho Estadual de Educação definirá a normatização para a execução desta Lei, no prazo de noventa dias, a partir da data de sua publicação.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.⁵⁵¹

Essa lei corrobora a ideia de que, no ambiente da literatura, há estratégias que coadunam na invenção de uma “literatura piauiense”, em meio às relações de poder no que se refere ao nacional e ao local. A mudança da expressão “literatura piauiense”, do artigo da Constituição estadual, para a expressão “Literatura brasileira de expressão piauiense” apenas endossou a concepção de uma definição de fronteiras, mesmo que a intenção tenha sido a de sugerir o diálogo e interpenetração entre os “espaços”. Mostra, em larga medida, que as disputas pela “identidade” do “ser piauiense” não se restringem unicamente ao campo dos literatos e escritores, sendo algo das esferas política partidária, executiva e administrativa.

Além disso, a lei demonstra que, de forma esporádica, dependendo dos projetos pessoais de cada professor de literatura, os autores piauienses eram lidos pelos estudantes. Essa realidade, de um ensino aleatório da literatura, poderia contribuir para um grande desconhecimento dos jovens em relação à escrita dos literatos, mas esse não é o cerne, pois não se configura como a problemática central. Em geral, os estudantes liam resumos de algumas obras, já no último ano do Ensino Médio, por exigência de livros que seriam cobrados no exame vestibular das universidades públicas do estado. O público leitor dos literatos piauienses, e O. G. Rego de Carvalho está nesse grupo, continuava mais ou menos restrito aos estudiosos das Academias e das universidades. Essa situação de obrigatoriedade parece não ter sanado as deficiências, até mesmo pelo fato de a Lei não ter tido, nos anos seguintes, aplicabilidade, nem tampouco ter havido alguma ação mais concreta no sentido de efetivar sua aplicação, como ressalta Kenard Kruehl, em seu blog, no ano de 2009, quando diz:

⁵⁵¹ PIAUÍ. **Lei Ordinária n. 5.464/2005**. Lei de autoria do Deputado João de Deus.

Muito bem: a Lei é de 11 de julho de 2005. O Art. 3º determina que, no prazo de noventa dias, a partir de sua publicação, o Conselho Estadual de Educação defina a normatização para a sua execução. Isso, pelas minhas contas, seria no dia 11 de outubro de 2005. Estamos no dia 24 de agosto de 2009 e nada de novo aconteceu na ordem do dia D.⁵⁵²

Kenard Krueel fez esse comentário em seu blog na mesma ocasião na qual divulgava um curso que iria ministrar em uma escola privada de Teresina, tratando sobre literatura piauiense, com o título de “Literatura Piauiense: das origens aos nossos dias”. Esse curso, mesmo com a perspectiva de ser possível ensinar a história “total” da literatura piauiense seria fruto de seu descontentamento, também, à não aplicação e efetivação da lei. Tal descontentamento é notado em outros intelectuais da região nordeste do país, basta lembrar-se de Waldênio Porto, que, em 2005, como Presidente da Academia Pernambucana de Letras, proferiu um discurso inflamado, reclamando da não valorização dos livros e autores nordestinos por parte das editoras. O discurso se deu na ocasião da abertura do I Congresso das Academias de Letras do Nordeste, em 14 de outubro de 2005. Ele professou que

Precisamos nos esforçar pela aprovação, em cada estado e cidade, de uma lei que obrigue todas as livrarias a divulgarem com destaque e venderem os livros dos escritores locais, com os mesmos percentuais de desconto, assim como é necessário que as Academias se disponham a fiscalizar e exigir o cumprimento da determinação legal, para que não seja mais uma lei das que não “pegam”.⁵⁵³

Waldênio Porto ainda chama a atenção para o fato do pouco diálogo entre as Academias de cada estado e mais, do pouco contato que as Academias estabelecem com cada município, especialmente as do interior. Segundo ele, é fulcral que se faça o intercâmbio e a interiorização da cultura, como forma de “debatermos os problemas, acharmos as soluções e partirmos, sertanejamente, para o trabalho”⁵⁵⁴. No intuito de mostrar essa insatisfação, Waldênio Porto faz a enumeração de todos os aeroportos das capitais dos estados nordestinos e diz que, infelizmente, não se encontra nas livrarias

⁵⁵² KRUEL, Kenard. **Literatura brasileira de expressão piauiense**. Artigo postado em 24 de agosto de 2009. Disponível em: <<http://krudu.blogspot.com.br/2009/08/literatura-brasileira-de-expressao.html>> . Acesso em 19 fev. 2014.

⁵⁵³ PORTO, Waldênio. Em defesa do livro, do escritor e da identidade cultural nordestina. In: **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina, Ano LXXXVIII, n. 63, p. 129, dez. 2005.

⁵⁵⁴ PORTO, Waldênio. Op. cit, p. 129.

nenhum livro dos escritores de cada estado. No caso piauiense, Waldênio Porto destaca que é inadmissível não encontrar livros de Celso Barros Coelho, Da Costa e Silva e M. Paulo Nunes, que, pelos nomes citados, eram aqueles os quais Waldênio Porto mais conhecia, demonstrando que outros nomes não figuravam entre os escritores “piauienses” com os quais já tinha estabelecido contato de leitura.

A situação de indefinições, de incertezas e de conturbação da literatura e da crítica literária piauienses atravessa o século XX e parece perdurar no século seguinte. Em 2007, o professor e literato, Airton Sampaio, publicou artigos que chamam a atenção para a dimensão lacunar e vacilante dos textos, livros e trabalhos que intentam realizar o ofício da crítica literária piauiense. Em sua análise, há inadequações no tocante à utilização de certos termos e categorias para a compreensão sobre o que seja Literatura Brasileira de Autores Piauienses (LBAP):

É o caso do uso, inadequadamente feito, da categoria vanguarda. Ora, não devia ser novidade para ninguém que esse termo, que vem do francês *avant-garde* (“postar-se à frente”), não pode ser utilizado para abrigar sob o seu apertadíssimo guarda-chuva qualquer artista, por melhor que ele seja, apenas a talante do gosto do historiógrafo, como se dá com Herculano Moraes, Francisco Miguel de Moura e Luís Romero Lima, que chegam ao absurdo de categorizar como vanguardistas autores que nem Fontes Ibiapina, escritor tradicionalíssimo, e José Magalhães da Costa, seguidor estético-temático de Fontes e que de vanguardista também não tem nada, autor que é de uma contística regionalista excessivamente presa a ditos e causos e assim a anos-luz de uma literatura de ruptura estética com a tradição conservadora, que é isso que é, em síntese, uma arte de vanguarda, uma ruptura estética radical com o passado.⁵⁵⁵

O texto parece referir-se a livros como *Literatura Piauiense para estudantes*⁵⁵⁶, de autoria de Adrião Neto. Nesse livro, são elencados como vanguardistas: Assis Brasil, Mário Faustino, Fontes Ibiapina, Torquato Neto, Afonso Ligório Pires de Carvalho, Álvaro Pacheco, Esdras do Nascimento, José Ribamar da Costa e Magalhães da Costa. Dessa listagem, Airton Sampaio cita Fontes Ibiapina e Assis Brasil com não merecendo a qualificação de vanguardistas, defendendo que somente Torquato Neto se encaixaria em tal proposta.

⁵⁵⁵ SAMPAIO, Airton. **Literatura Brasileira de Autores Piauienses**: uma definição necessária. Disponível em: <<http://airtonsampaio.blogspot.com.br/>>. Publicado originalmente no Jornal Diário do Povo do Piauí, caderno Galeria, seção Cultura. Teresina, 25 mar 2007, p. 18.

⁵⁵⁶ NETO, Adrião. **Literatura Piauiense para estudantes**. 5. ed. Teresina: Edições Geração 70, 1999.

Para Airton Sampaio, o emprego equivocado de categorias como “vanguarda” gera uma fileira cega de classificações que deturpam a escrita dos literatos, colocando-os em lastros narrativos que não fazem parte, nem de sua escrita, nem de sua existência como autores. Por esse viés, seria preciso problematizar para rever o uso de tal categoria, e

Aliás, na LBAP o único artista que pode ser chamado de vanguardista, com o devido rigor que a palavra requer, é Torquato Neto, que nas diversas linguagens que praticou (literatura, cinema, jornalismo, etc) o fez sempre de maneira ruptorial e numa perspectiva experimental de radical renovação, o que não se pode dizer nem do genial Mario Faustino que, mesmo aberto às experimentações alheias (vide sua página Poesia-Experiência, no SDJB, 1956-1958), como a dos concretos, aos quais destemidamente apoiou, jungido no entanto ficou, conscientemente, ao verso (o “último verse-maker”, nas palavras de Augusto de Campos) e em geral verso clássico, que expressa uma mundividência oriunda da tradição greco-romana. Assis Brasil? Afora os peculiares romances “Beira Rio, Beira Vida”, “Os Que bebem como os Cães” e “Deus, o Sol, Shakespeare”, que de fato se aproximam de uma atitude de vanguarda porque são, em certa medida, inovadores e ruptoriais, exceto essas três obras as demais de Assis Brasil não devem ser, com a necessária precisão teórica, apodadas de vanguardistas.⁵⁵⁷

Ao citar Assis Brasil, em somente três livros, Airton Sampaio endossa sua concepção de que, para ser considerado vanguardista, o literato deve ser percebido pelo conjunto dos textos que produziu. Dessa maneira, a vanguarda necessita ser pensada com maiores critérios: atribui-se essa categoria somente a alguns livros, sem o risco de generalização da obra de cada autor. Por esse primeiro exemplo da inoperância metodológica para trabalhar com as categorias conceituais, Airton Sampaio assevera que não basta elencar um bom número de dados referentes a uma lista de autores. Sua convicção é de que sem maior rigor no aprofundamento de tais dados, os trabalhos de crítica literária ainda sofrerão de discrepâncias que escamoteiam o próprio entendimento da escrita literária “piauiense”.

Isso é fundamental para se perceber algumas das ranhuras entre O. G. Rego de Carvalho e outros intelectuais, pois, para alguns, ele será inovador, de vanguarda. Para outros, um escritor que não possui um estilo ou uma ligação narrativa com outros escritores. Essas querelas ainda se manifestarão no que se refere à classificação do literato como sendo moderno, romântico, regionalista, ligado a uma geração e a algum grupo que

⁵⁵⁷ SAMPAIO, Airton. **Literatura Brasileira de Autores Piauienses**: uma definição necessária. Disponível em: <<http://airtonsampaio.blogspot.com.br/>>. Publicado originalmente no Jornal Diário do Povo do Piauí, caderno Galeria, seção Cultura. Teresina, 25 mar 2007, p. 18.

possa enquadrá-lo em uma escola literária. Assim, como outro ponto de inadequação das reflexões feitas sobre a literatura dita piauiense, Airton Sampaio também destaca o descuido referente ao uso inadvertido dos termos “geração” e “grupo”. Ele acusa que

Outro problema assaz presente na historiografia referente à LBAP é a confusão, fácil de ser desfeita mas insistentemente reiterada, que os historiógrafos piauienses difundem entre Geração literária e Grupo literário. Denominam, por exemplo, de Geração Meridiano e Geração Clip o que, na verdade, são Grupos literários: o GRUPO MERIDIANO, formado no âmago da Geração de 1945 (veja-se que o próprio Mario Faustino, que é da Geração de 1945, não integrou o GRUPO MERIDIANO, que contou com O. G. Rego de Carvalho, H. Dobal, Vítor Gonçalves Neto, etc), e o GRUPO CLIP, constituído no interior da Geração de 1960 (veja-se que o próprio Torquato Neto, que é da Geração de 1960, muito longe esteve de integrar o GRUPO CLIP, que contou com Francisco Miguel de Moura, Herculano Moraes, Hardi Filho, etc). Não há também, nesse sentido, na LBAP, uma Geração Acadêmica ou Áurea, mas a brilhantíssima Geração de 1900, na qual indubitavelmente se sobressaiu o seminal GRUPO ACADÊMICO (Lucídio Freitas, Clodoaldo Freitas, Baurélio Mangabeira, etc).⁵⁵⁸

Nessa inferência de Airton Sampaio, há esclarecimentos acerca de grupos e gerações, especialmente sobre o Grupo Meridiano e o Grupo CLIP. No que tange ao Grupo Meridiano, há, de fato, alguns conflitos de classificação, notadamente aquela que se refere a O. G. Rego de Carvalho. Ora ele é apresentado como membro do Grupo Meridiano e da própria geração de 1945, ora somente como membro do Grupo. Basta tomar o livro de Francisco Miguel de Moura, *Literatura do Piauí*, no qual ele inclui O. G. Rego de Carvalho como sendo da geração Meridiano, como sendo sinônimo de grupo Meridiano e que, mesmo abjurando a geração de 1945, seguiria os seus rastros e até imitava tal geração. Quando Francisco Miguel de Moura fala da Crítica Literária Piauiense, inclui M. Paulo Nunes, Herculano Moraes como sendo todos da mesma fase modernista. Ou seja, M. Paulo Nunes é do Grupo Meridiano, ao passo que Herculano Moraes é do Grupo CLIP. O próprio Francisco Miguel de Moura, que é do Grupo CLIP escreve que é dessa fase modernista da crítica. Dessa forma, cria-se, pela perspectiva de Airton Sampaio, a confusão se esses literatos são de uma geração ou de um grupo. Essa certa inconstância de localização das categorias cria conflitos e dificuldades de compreensão das obras dos autores, e é isso que Airton Sampaio parece mencionar, bem como é isso que será visto em relação a O. G.

⁵⁵⁸ SAMPAIO, Airton. **Literatura Brasileira de Autores Piauienses**: uma definição necessária. Disponível em: <<http://airtonsampaio.blogspot.com.br/>>. Publicado originalmente no Jornal Diário do Povo do Piauí, caderno Galeria, seção Cultura. Teresina, 25 mar 2007, p. 18.

Rego de Carvalho, que tenta fugir à ordenação do tempo por meio de classificações, de linearidades.

A crítica de Airton Sampaio, por vezes, é endereçada a casos bem específicos. É o caso que ele cita, como exemplo, da grafia de alguns literatos piauienses. Ele diz que

Não bastassem essas impropriedades todas, existem ainda os desleixos injustificados, muitas vezes estapafúrdios, entre os quais avulta a nomenclatura errônea não de um escritor qualquer, mas do primeiro grande poeta do Piauí --- LEONARDO DA SENHORA DAS DORES CASTELLO-BRANCO, que ele mesmo ASSIM assina, mas insistentemente grafado, inclusive pela festejada professora-doutora-pesquisadora Teresinha Queirós, como Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco, um erro talvez cometido em primeiro lugar por João Pinheiro e depois reproduzido por quase todos os que opinaram sobre a obra do autor do magnífico poema “A Creação Universal” sem, provavelmente, a terem sequer lido, já que nem o nome artístico do Poeta escrevem com correção.⁵⁵⁹

A ironia no comentário de Airton Sampaio está na sua ênfase na qualificação “professora-doutora-pesquisadora” atribuída à localização profissional da historiadora e membro da Academia Piauiense de Letras, Teresinha Queiroz. Tal ironia, que revela uma intriga, adensa-se com o adjetivo “festejada”, o que aponta para a ideia que Airton Sampaio quer defender: a de que seria inadmissível uma professora com tamanho gabarito e reconhecimento pudesse cometer a falha na hora de grafar o nome do poeta. Mas não só isso. O conflito se instaura no interior dos limites da “universidade”, entre os saberes e áreas. A literatura se torna, dessa maneira, ponto de disputa de poder entre os intelectuais que se pretendem legitimar como os detentores dos dizeres e fazeres sobre o conhecimento voltado para a literatura.

O fato de equívocos na grafia do nome do literato é, antes de qualquer conjectura, fruto das incidências de seu uso por críticos e estudiosos de literatura. Vale relacionar, a título de exemplos, os livros “Visão histórica da literatura piauiense”, de Herculano Moraes; e “Dicionário Biográfico: escritores piauienses de todos os tempos”, de Adrião Neto; e “Literatura do Piauí”, de Francisco Miguel de Moura, que registram o nome do literato da mesma forma que faz a historiadora. O registro, então, segue a maneira como ele é comumente escrito.

⁵⁵⁹ SAMPAIO, Airton. **Literatura Brasileira de Autores Piauienses**: uma definição necessária. Disponível em: <<http://airtonsampaio.blogspot.com.br/>>. Publicado originalmente no Jornal Diário do Povo do Piauí, caderno Galeria, seção Cultura. Teresina, 25 mar 2007, p. 18.

Além disso, vale ressaltar que o nome de batismo do literato é Leonardo de Carvalho Castelo Branco. Posteriormente, ele começa a assinar com o acréscimo de "Nossa Senhora das Dores", ora na sequência comum ao nome da santa, ora no sentido inverso. O mais importante a ser ressaltado é que a intenção da historiadora, ao mencionar o literato, centra-se na discussão historiográfica de sua atuação intelectual como forma de compreender a configuração histórico-social-literária na qual ele viveu e não no aspecto estritamente linguístico.

Os comentários de Airton Sampaio encaminham-se no sentido de afirmar que o erro na escrita do nome do poeta é fruto da reprodução que outros pesquisadores têm feito da obra de João Pinheiro, que, segundo Airton Sampaio, teria sido o primeiro a cometer esse deslize nominal. Ele diz que os que cometem esse erro o fazem por não terem lido e não conhecerem diretamente a obra do poeta. Ao sugerir que leu e conhece a obra, ele se delega o poder de ter a razão e a verdade. A situação de conflito nisso, estaria, talvez, no fato de Airton Sampaio defender a grafia do nome artístico-literário do escritor, ao passo que os demais estudiosos, como Teresinha Queiroz, citam-no com seu nome não artístico.

Proposital ou não, Airton Sampaio também grafa o nome da pesquisadora diferente do que ela assina e de como aparece em seus textos e livros. Seu sobrenome é QUEIROZ, mas o crítico escreve QUEIRÓS. Seria uma provocação ou um erro cometido pelo crítico também? Mais um indício da intriga explicitada neste evento. Isso pode ser visto porque outros autores, como Herculano Morais, grafam o nome do poeta da mesma maneira que Teresinha Queiroz, mas talvez seja possível inferir que, como Herculano não faz parte dos quadros da Universidade Federal do Piauí, não é tratado como alguém que possa ser considerado uma ameaça no cenário acadêmico, portanto, não figurando como um agente na disputa direta pelo poder instituído no cenário acadêmico-científico.

Se, como afirma Michel de Certeau⁵⁶⁰, o saber científico é legitimado pelas “regras do meio” que o constituem e o autorizam, parece ser plausível pensar nessas questões quando um professor do curso de Letras contesta a grafia do nome de um escritor por uma professora do curso de História, como se essa redação maculasse a capacidade desta de estabelecer considerações acerca da área do saber, que supostamente seria um campo de atuação do primeiro, mesmo que esta pesquisadora possua notório saber neste campo e usufrua de prestígio dentro e fora da Universidade para fazê-lo, como admite seu crítico.

⁵⁶⁰ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

Mesmo indignado com a situação débil da “Crítica Literária Piauiense”, Airton Sampaio lança algumas possibilidades de compreensão de tal incipiente campo. Ele se posiciona, dizendo:

Creio que um dos motivos do desconhecimento e dos muitos equívocos que grassam feito praga sobre a Literatura Brasileira de Autores Piauienses (LBAP) é a quase ausência, ao longo dos duzentos anos de sua história (a completar-se em 2008, quando se atingirá o bicentenário da edição de “Poemas”, de Ovídio Saraiva), de uma crítica literária militante. Sem essa necessária mediação entre o autor, a obra publicada e o leitor não-especializado, a LBAP fica travada, sem maiores questionamentos e sem abalizados e orientadores juízos de valor.⁵⁶¹

Airton Sampaio assume um papel de “defesa” dessa literatura dita piauiense, mas não só isso. Ele imprime certa defesa de seu lugar institucional. É uma disputa de poder, pois, como professor do Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Federal do Piauí, ele se institui a responsabilidade e a autoridade de falar sobre a “literatura piauiense”. Além disso, seus desentendimentos com a professora-pesquisadora Teresinha Queiroz também são de ordem do conflito entre as áreas do conhecimento. Para ele, ao que parece, o poder e a autoridade para falar sobre a “literatura piauiense” devem estar nas mãos de um pesquisador-professor da área das Letras, não de uma da área de História. Seria, talvez, uma tentativa de demarcar o campo como exclusividade de professores com sua formação. A crítica literária “piauiense”, conforme Airton Sampaio, tem sido feito de maneira dispersa, sem tanta militância, no sentido mesmo de produções embasadas em princípios norteadores, bem como em metodologias melhor definidas. Isso denota aspectos dos “usos” da literatura “piauiense”.⁵⁶²

⁵⁶¹ SAMPAIO, Airton. **Literatura Brasileira de Autores Piauienses**: a falta que uma crítica militante faz. Disponível em: <<http://airtonsampaio.blogspot.com.br/>>. Publicado originalmente no Jornal Diário do Povo do Piauí, caderno Galeria, seção Cultura. Teresina, 29 maio 2007, p. 18.

⁵⁶² Airton Sampaio intensifica ainda mais suas análises, afirmando que “No Piauí, a crítica literária sempre foi avulsa e aperiódica, incontumaz e não militante. Para piorar a situação, se emprenhou de compadrio, sendo raro o reconhecimento do valor estético da obra de um autor nos textos críticos de alguém a cuja confraria, igreja ou panela o coitado não pertença, o que se dá, infelizmente, até nas formulações do melhor crítico que hoje o Piauí possui, o ensaísta Ranieri Ribas, apesar da sua linguagem empolada e impenetrável. Ademais, sublinhe-se que qualquer crítica, mesmo fundamentada e exclusivamente dirigida à obra, mas que saliente elementos negativos, provoca no criticado uma reação costumeiramente irada, *habitus* que afasta da militância desse gênero de prosa até os mais preparados para exercê-lo”. Conforme Airton Sampaio, a crítica literária do Piauí tem se (des) organizado em torno de uma série de vícios, desde a dimensão mais material, como é o caso das publicações, até os aspectos que envolvem as relações entre os sujeitos que atuam na esfera da intelectualidade piauiense. Vale destacar o que pontua Airton Sampaio sobre o fato de que as “leituras críticas” feitas sobre os textos de muitos escritores não são bem aceitas, sendo tomadas como algo pessoal. Em razão disso, acontecem fatos bem extremos: ou a crítica geralmente fica na superficialidade, não

Salientando as incoerências e fragilidades da crítica especializada, Airton Sampaio advoga que os espaços ditos de constituição de intelectualidade, que deveriam assumir o papel balizador, tanto da produção, como da crítica de tal produção, ainda são incipientes na sua atuação. Nessa perspectiva,

Ponha-se também esse débito de uma crítica literária teoricamente capacitada no passivo do Curso de Letras da Universidade Federal do Piauí, cujo cinquentenário de instalação no Estado ocorrerá no próximo ano. Ora, chega a estarrecer, ressalvadas as exceções de praxe, que professores de literatura brasileira desse Curso tenham feito e façam dissertações de mestrado e teses de doutoramento sobre autores não-piauienses, muitos com fortunas críticas já avantajadas, num franco descompromisso com a realidade local, a que a Universidade deveria estar umbilicalmente ligada. Não se trata de obrigar a quem quer que seja a escrever sobre fatos literários locais, mas é lamentável a inexistência, em Letras da Ufpi, de uma DIRETRIZ BÁSICA de pesquisa que INCENTIVE à OPÇÃO POLÍTICA pela realização de estudos que enfrentem os problemas da realidade piauiense.⁵⁶³

Na análise de Airton Sampaio é inaceitável, que uma instituição de um estado tenha um programa de pós-graduação⁵⁶⁴ no qual as pesquisas quase não se destinem à esfera local, enquanto se dedicam esforços e financiamentos para pesquisar autores de outros estados, cujas obras já possuem numerosos e volumosos estudos. Em seu comentário está a visão de universidade como expressão do local pelo local, que sugere um “ser piauiense”, no entrecruzamento de uma “identidade regional”. A universidade é vista por ele como o espaço que deveria legitimar o campo literário. Não que não se possa pesquisar esses autores não-piauienses, mas o questionamento do professor indica a incoerência de se estudar outros literatos ao passo que há grande lacuna de estudos para escritores locais. Essa observação de que não há uma política acadêmica solidificada para que pesquisas

acentuando nenhuma incoerência da obra do escritor analisado; ou os críticos se calam, silenciam de tal forma que a crítica vai se tornando cada vez mais rara. O próprio O. G. Rego de Carvalho já demonstrou, como em suas atribulações e atritos com J. Miguel de Matos e Herculano Moraes, que não admite que a crítica extrapole o que ele pretende que seja interpretado.

⁵⁶³ SAMPAIO, Airton. **Literatura Brasileira de Autores Piauienses**: a falta que uma crítica militante faz. Disponível em: <<http://airtonsampaio.blogspot.com.br/>>. Publicado originalmente no Jornal Diário do Povo do Piauí, caderno Galeria, seção Cultura. Teresina, 29 maio 2007, p. 18.

⁵⁶⁴ O Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Piauí fez sua primeira seleção em 2004, para duas linhas de pesquisa: Estudos de Linguagem e Estudos Literários. No Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Piauí, desde 2004 são ofertadas uma média de 12 Disciplinas distribuídas entre as duas linhas de pesquisa do Programa, sendo que nenhuma delas é diretamente voltada para Literatura ou Crítica Literária Piauiense. As Disciplinas são de cunho teórico e de abordagem estritamente nacional, como apontam as suas ementas e bibliografias. Em geral, as disciplinas da linha de pesquisa Estudos Literários centram-se em discussões teóricas e escorço histórico internacional e nacional das concepções literárias.

sobre literatos piauienses se avolumem, também corrobora a análise da recepção negativa que os literatos analisados, ou seus familiares, fazem dos estudos de suas obras. As críticas de Airton Sampaio se alicerçam na estrutura curricular do programa de mestrado em Letras daquela instituição de ensino superior, pois não há oferta, diretamente, de disciplinas voltadas para os estudos da literatura e da crítica literária piauiense.

Sobre as dissertações realizadas no programa de mestrado em Letras, é válido lembrar que, em 2006, quando encerrou a primeira turma, das 07 dissertações defendidas da linha de pesquisa Estudos Literários, duas versam sobre autores piauienses: uma em relação a Abdias Neves e a outra sobre H. Dobal. No ano de 2007, houve aumento nas dissertações defendidas, somando 10, das quais duas abordam obras de Assis Brasil e uma dissertação que trata sobre H. Dobal. Em 2008, no site do Programa do Mestrado em Letras registra uma Dissertação defendida, que não trata sobre autores do Piauí. Contudo, nos Arquivos do Programa, estão registradas 09 dissertações, mas nenhuma delas aborda algum autor do Piauí. Nos Arquivos do Programa constam, para o ano de 2009, 07 dissertações defendidas, com duas analisando autores nascidos no Piauí: uma sobre Rosa Kapila e a outra sobre Francisco Gil Castelo Branco. Nos Arquivos da Coordenação do Programa do Mestrado, registram-se, no ano de 2010, 04 dissertações defendidas, com nenhuma sobre autores do Piauí. Em 2011, das 04 dissertações defendidas, apenas uma trata de autor do Piauí, Assis Brasil.

O balanço feito, nesse sentido, demonstra que, das 41 dissertações defendidas e depositadas, de 2004 a 2011, 08 se referem a autores do Piauí, com destaque para autores de renome nacional, como Assis Brasil e H. Dobal. A partir de tais registros de pesquisas, nota-se, de fato, uma grande lacuna no tocante a trabalhos voltados para outros literatos piauienses, como é o caso de O. G. Rego de Carvalho, que não consta como sendo objeto de pesquisa em nenhum dos registros do Programa de Mestrado em Letras da UFPI.

Isso reforçaria a crítica feita por Airton Sampaio, no sentido chamar atenção para o fato de pouco ser feito para ampliar o olhar sobre a literatura piauiense e sobre a crítica literária piauiense, o que fragiliza estudos mais aprofundados.

Este mesmo pesquisador destaca, também, que somente “no dia em que nossos escritores mais significativos estiverem com FORTUNAS CRÍTICAS MINIMAMENTE ASSENTADAS”⁵⁶⁵, poder-se-á dizer que há uma crítica literária respeitável e engajada na

⁵⁶⁵ SAMPAIO, Airton. **Literatura Brasileira de Autores Piauienses**: a falta que uma crítica militante faz. Disponível em: <<http://airtonsampaio.blogspot.com.br/>>. Publicado originalmente no Jornal Diário do Povo do Piauí, caderno Galeria, seção Cultura. Teresina, 29 maio 2007, p. 18 [Destaque do autor].

valorização fundamentada dos literatos piauienses. Nesse percurso, Airton Sampaio cita o livro-ensaio do historiador João Kenedy Eugênio, versando sobre o poeta H. Dobal, como sendo um bom trabalho de análise de crítica, dando real significação à obra do poeta.

Nesse sentido, Airton Sampaio, ao dizer que é preciso escrever “fortunas críticas”, destaca que há poucos trabalhos nesse âmbito. Em geral são textos dispersos, antologias fincadas somente em nomes e datas, sem a devida análise conceitual, teórica e metodológica. Os trabalhos, segundo Airton Sampaio, ainda têm ficado na dimensão individualista, realizando uma biografia dissociada da produção literária, do aspecto da autoria. Ou seja, as “fortunas críticas” e as antologias são expressões dos processos de canonização dos escritores.

6.2 As Edições Didáticas

De um ponto de vista normativo, penso que se pode dizer que, no universo cultural, como em toda parte, enquanto há luta, há esperança. Atualmente, onde há uma ortodoxia, um monopólio da leitura legítima, um monopólio absoluto, não há mais leituras e frequentemente nem mesmo leitores!

Pierre Bourdieu⁵⁶⁶

A “ortodoxia”, talvez, esteja entre o ensino, as leis, a leitura e o consumo, amparado “Na esperança de que a obrigatoriedade do ensino de Literatura Piauiense nas escolas públicas e particulares não seja apenas uma ficção”⁵⁶⁷. É assim, em certa medida, que o pensar sobre a Literatura tem fomentado a produção de textos e coletâneas que intentam a defesa de uma “literatura piauiense”. Então, a esperança mencionada por Adrião Neto, no seu livro *Literatura Piauiense para estudantes* (1996), é compartilhada por muitos escritores, em sua maioria, também professores de literatura. Ele retoma o que foi determinado na Constituição Estadual, de 1989, que, em seu parágrafo único, fala da obrigatoriedade, nas escolas públicas e privadas, o ensino da literatura piauiense.

O escritor justifica a publicação de tal livro, dizendo estar

⁵⁶⁶ BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. Trad. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 251.

⁵⁶⁷ NETO, Adrião. **Literatura Piauiense para estudantes**. Teresina: EDUFPI, 1996, p. 05.

Respaldados na experiência de anos de pesquisa, na credibilidade, no sucesso e na repercussão que o Dicionário Biográfico – Escritores Piauienses de Todos os Tempos vem obtendo no Piauí e em outros Estados, inclusive com citações no Rio de Janeiro, em Goiás, em Minas e em Brasília, resolvemos partir para a elaboração deste livro.⁵⁶⁸

Ele ainda enfatiza que o objetivo do livro foi o de “resgatar a memória dos principais escritores do passado, divulgar os do presente e reforçar a consciência de nossa juventude estudiosa em relação às nossas raízes culturais, especialmente de nossa literatura”⁵⁶⁹. O foco na “literatura piauiense” é destacado por Adrião Neto balizado na obrigatoriedade nas escolas públicas e particulares, prescrita pela Constituição Estadual.

No sentido do Ensino, ou melhor dizendo, a história da literatura toma contornos de cronologia, esquematização e didatização. Impulsionado por um certo ressentimento, o que sinaliza, novamente, para a Literatura como ponto de relações e de disputa de poder, Adrião Neto diz ter produzido o livro em razão de que

Não obstante a LP ser uma das mais ricas, é pouco difundida. Nem mesmo professores de cursinhos e de instituições de ensino superior a conhecem profundamente. A prova disso é que não há rodízio e apenas meia dúzia de escritores são lembrados nos vestibulares, sendo que praticamente os mesmo nomes são repetidos todos os anos.

De posse das provas de vestibulares dos últimos dez anos, realizados pelas nossas instituições de ensino superior, com exceção do Cesvale, que não as forneceu, pudemos constatar que nem todo ano elas prestigiam nossa literatura. Constatamos também que quando alguma questão de LP foge um pouco dos nomes que já tem cadeira cativa no certame, recai sobre alguém de pouca bagagem, sem respaldo literário e até mesmo sem obra individual publicada, ou seja, sobre alguém de pouca expressividade.

Com este livro, abrimos um enorme leque de opções, colocando em evidência alguns dos mais expressivos nomes de nossas letras, do passado e do presente, que por uma questão de justiça também merecem ser objetos de estudo.

Objetivando apenas dar mais uma contribuição ao estudo e à divulgação de nossas letras, colocamos o presente trabalho à disposição dos professores e alunos, especialmente dos cursinhos e dos departamentos de letras das instituições de ensino superior, bem como, das comissões encarregadas de elaborar as provas de vestibular para que conheçam um pouco mais de nossa literatura e passem a contemplar outros escritores e suas obras, inclusive citando-os (as) mais e com maior frequência em exercícios, em provas simuladas e especialmente em questões de vestibular.⁵⁷⁰

⁵⁶⁸ NETO, Adrião. **Literatura Piauiense para estudantes**. Teresina: EDUFPI, 1996, p. 13.

⁵⁶⁹ NETO, Adrião. Op. cit, p. 13.

⁵⁷⁰ NETO, Adrião. Op. cit, p. 13.

A referência a autores menos ou mais expressivos remete às questões de cânone, que indicam, em larga medida, que a literatura é marcada ela mesma como poder. A própria obra em questão é tratada como demarcador de caminhos, uma vez que possibilitará abrir “um enorme leque de opções. O autor procura, assim, inscrever-se no rol das obras importantes, em virtude da função que esta antecipa que exercerá junto à sociedade.

Nota-se, também, que, para além de professores e alunos como alvos, Adrião Neto intenta alcançar as instituições, que, segundo ele, podem contribuir para ampliar ou melhorar o conhecimento e o debate sobre os autores da “literatura piauiense”. Tal alcance seria marcado, conforme o próprio autor, pelas “novidades e mudanças” que ele propõe, sobretudo no que se refere à cronologia bibliográfica daquela literatura. Ele destaca que

Nas pesquisas realizadas, verificamos que, enquanto João Pinheiro, in “Literatura Piauiense – Escorço Histórico”, Herculano Moraes, in “Visão Histórica da Literatura Piauiense”, Celso Pinheiro Filho, in “Aspectos da Literatura Piauiense”, e a equipe de professores do Departamento de Letras da Universidade Federal do Piauí, constituída por Fabiano de Cristo Rios Nogueira, Maria Gomes Figueiredo dos Reis, Maria do Socorro Rios Magalhães e Maria do Perpétuo Socorro Neiva Nunes do Rego, in “Estudos Bibliográficos e Atualização de Textos” do livro “Poemas”, afirmam que “Poemas” (1808), de Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva, foi a primeira publicação de um piauiense, João Gabriel Batista, in “Etnohistória Indígena Piauiense” (1905), reportando-se a Luís R. B. Mott, notícia que em 1779 João do Rego Castelo Branco escreveu e publicou o livro “Diário dos mais notáveis acontecimentos da Guerra dos Pimenteiras” – fato ocorrido 29 anos antes do lançamento do livro de Ovídio, cabendo, nesse caso, a João do Rego a primazia de ser o primeiro escritor piauiense.⁵⁷¹

Adrião Neto salienta que somente Francisco Miguel de Moura afirma que a “literatura piauiense” começou a existir apenas em 1870, com a edição do livro “Impressões e Gemidos”, de José Coriolano de Sousa Lima. Todos os demais seguem o marco de 1808. Os argumentos de Adrião Neto, para não aceitar tão cronologia, ainda são marcados pela ideia de que a literatura produzida por Ovídio Saraiva não tem “nada a ver com a literatura piauiense, vez que constitui-se em obra inteiramente distanciada das raízes étnicas, políticas e culturais do autor”⁵⁷². Aqui, novamente, é possível notar que as

⁵⁷¹ NETO, Adrião. **Literatura Piauiense para estudantes**. Teresina: EDUFPI, 1996, p. 16.

⁵⁷² NETO, Adrião. Op. cit, p. 17.

questões de fronteira são tomadas, com a percepção hermética da constituição da pretensa identidade da literatura.

No que se refere à organização e divisão do livro de Adrião Neto, é possível perceber que permanece o destaque para autores relativamente cristalizados pelo ensino da literatura e pelos críticos. Para esses autores é reservada a seção “Antologia – notas biográficas, textos e comentários”, na qual O. G. Rego de Carvalho está incluso, com um resumo biográfico, um excerto do segundo capítulo do livro *Rio Subterrâneo* (1967) e trechos de comentários sobre a obra do literato e não sobre o excerto diretamente, que assume uma função muito mais ilustrativa que como ponto de reflexão e interpretação. Trechos de textos, usados de forma ilustrativa, vai se repetir com quase todos os outros escritores elencados no livro de Adrião Neto.

Há uma seção intitulada “Outros escritores que dignificam a Literatura Piauiense”, com a apresentação, em ordem alfabética, de sessenta e oito nomes e suas respectivas biografias, resumidamente. E há, também, a seção “Nomes que estão se firmando na Literatura Piauiense”, com a listagem de cinquenta e um escritores.

Adrião Neto dedica espaço no livro para reproduzir questões de Vestibulares das Universidades Públicas (UFPI e UESPI) e Privadas (CEUT e AESPI), entre os anos de 1985 e 1996. Dos vestibulares da UFPI, ele chama atenção para os anos de 1989 e 1990, em que “Não houve questões de Literatura Piauiense”⁵⁷³. Nos vestibulares da UESPI, os anos de 1987, 1988, 1989, 1991, 1992, 1993 e 1995 não houve questões relacionadas à “literatura piauiense”. CEUT apenas nos anos de 1994 e 1995 colocou questões de “literatura piauiense” e AESPI não colocou nenhuma questão. Ao final de todas as questões serem somente reproduzidas, é disponibilizado o gabarito. Não é feita nenhuma discussão, o que se pressupõe que seria função do professor em sala de aula.

No percurso da Didatização da literatura – entendida aqui como percursos metodológicos que visam a mediação didático-pedagógica, cujo propósito maior seja facilitar o processo relacional que envolve o ensino e a aprendizagem, conforme estabelece Ana Maria Monteiro⁵⁷⁴ - é possível, de forma clara, perceber isso em relação aos livros de O. G. Rego de Carvalho. Ao final do livro *Como e por que me fiz escritor* (1994) é possível encontrar um encarte contendo inúmeras questões sobre seus livros, entre perguntas de cunho dissertativo e questões elaboradas e cobradas em edições de

⁵⁷³ NETO, Adrião. **Literatura Piauiense para estudantes**. Teresina: EDUFPI, 1996, p. 99.

⁵⁷⁴ MONTEIRO, Ana Maria. A História Ensinada: algumas configurações do saber escolar. In.: **História & Ensino**: Londrina, v. 9, out. 2003, p. 9-35.

vestibulares da Universidade Federal do Piauí. O encarte está dividido em “Questionário” e em “Questões de Vestibular” e as suas perguntas serão aqui reproduzidas com o intuito de analisar a didatização da leitura:

QUESTIONÁRIO

01. Cite a obra que marcou profundamente O. G. Rego de Carvalho, levando-o a intuir que seria, a partir daquela leitura, um escritor.
02. Para Tristão de Atayde só existem duas classes de escritores: os ecumênicos e os telúricos. Em qual delas se enquadra o romancista piauiense? Justifique sua resposta.
03. Destaque do livreto palavras usadas por O. G. provavelmente do português lusitano e que incorporam ao linguajar dos oieenses de sua época.
04. “Eu sou escritor por derivação, porque queria realmente era ser...”, diz o ficcionista piauiense num certo trecho do livreto. Marque a alternativa que preencha corretamente esse desejo:
 - a) Economista
 - b) Jogador de futebol
 - c) Compositor
 - d) Pintor
 - e) Jornalista
05. Como define O. G. o “roman fleuve” no livreto, romance esse que teve como um dos seus cultivadores o escritor norte-americano Faulkner.
06. Obra de O. G. Rego de Carvalho ganhadora da menção honrosa no concurso Fábio Prado de Contos, em 1954:
 - a) Rio Subterrâneo
 - b) Ulisses entre o Amor e a Morte
 - c) Somos Todos Inocentes
 - d) Amarga Solidão
 - e) Amor e Morte
07. Dentre os livros escritos por O. G., qual o que ele mais aprecia e gosta? Por quê?
08. Único autor estrangeiro de quem O. G. leu toda a obra:
 - a) Faulkner
 - b) Eça de Queirós
 - c) Milan Kundera
 - d) Gustave Flaubert
 - e) Franz Kafka
09. O escritor piauiense estreou literariamente como:
 - a) Romancista
 - b) Poeta
 - c) Cronista
 - d) Dramaturgo
 - e) Contista
10. A obra de O. G. Rego de Carvalho pode ser enquadrada, segundo ele mesmo, dentro da seguinte classificação literária:
 - a) Romance social de 30
 - b) Romântica
 - c) Naturalista
 - d) Espiritualista

- e) Realismo simbólico
- 11. Livro menos ogerreguiano na obra de O. G. Rego de Carvalho? Justifique.
- 12. Característica não encontrável na obra do romancista piauiense:
 - a) Linguagem bem trabalhada
 - b) Temática de amor e morte
 - c) Telurismo
 - d) Sentimentalismo piegas
 - e) n. d. a.
- 13. Na sua opinião, que lição de vida nos deixa O. G. nesse depoimento?⁵⁷⁵

Essas questões aqui transcritas, ao que parece, foram elaboradas pelos professores Wellington Soares, Benilde de Castro e Ozias Lima – professores da área de Letras que trabalhavam na Educação Básica, mais especificamente em escolas e cursinhos que preparavam para o ingresso na Universidade - que eram os idealizadores do Projeto Lamparina, que publicou o livreto. O que se pode inferir, de maneira global, é que algumas das perguntas, que parecem ser de cunho dissertativo, nada mais são que pretextos para a busca de uma resposta pronta e direta, condicionada pelo próprio direcionamento da resposta.

As questões, do mesmo encarte, coletadas a partir de edições de vestibulares, contemplam os anos de 1979, de 1983 e de 1994, começando por esse último ano:

- 01) (FUFPI – 94) O personagem da literatura piauiense que anuncia previamente o próprio suicídio e o comete é:
 - a) Ceição, em Palha de Arroz, de Fontes Ibiapina.
 - b) Benoni, em Rio Subterrâneo, de O. G. Rego de Carvalho.
 - c) Araújo, em Um Manicaca, de Abdias Neves.
 - d) Bernardino, em Tombador, de Fontes Ibiapina.
 - e) Jessé, em Beira rio, beira vida, de Assis Brasil.
- 02) (FUFPI – 94) São características marcantes da prosa romanesca de O. G. Rego de Carvalho:
 - a) Cenários regionais em primeiro plano e interior conturbado dos personagens em segundo plano.
 - b) Regionalismo folclórico e tensão dramática.
 - c) Personagens planos e introspecção psicológica.
 - d) Personagens complexos e linguagem incontida.
 - e) Linguagem enxuta e densidade narrativa.

⁵⁷⁵ CARVALHO, O. G. Rego de. Encarte. Reproduzido em: CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 01-03.

Retomando a metáfora do Leito de Procusto, utilizada por O. G. Rego de Carvalho para criticar as interpretações sobre sua obra e com as quais não concordava, pode-se inferir que as questões objetivas são limitadoras. No entanto, cada leitor, impulsionado por interesses diversos, pode, mesmo sendo direcionado pela objetividade das questões de múltipla escolha, enfrentar Procusto e, como Teseu, superar os limites.

No questionário do encarte, por exemplo, além de conduzir o leitor a respostas relativamente prontas, há o reforço do "ser" da literatura como algo inato e dado. Expressões como "romancista piauiense", "ficcionalista piauiense", "escritor piauiense" e "Literatura piauiense" são demonstrações dessa postura. Prática limitadora que é fomentada pelo "leito", forçando uma leitura, muitas vezes, somente gramatical.

As questões que seguem adotam a mesma linha:

(FUFPI – 1979) LEIA O TEXTO ABAIXO E RESPONDA AS QUESTÕES DE 03 A 06

TEXTO I

01 Um domingo desses, Dulce madrugou.
02 A manhã estava limpa e fresca, como em geral as que sucedem a
03 uma noite de chuva. O sol já batia na fronde das árvores, e o vento
04 brando, que descia dos muros, cheirando à terra e a aroma do mato,
05 era um alento. Dulce aspirou-o diversas vezes, sentindo um leve
06 arrepio no rosto. Para ela, tudo se apresentava de novo; a rua que
07 paulatinamente se cobria de relva; o cruzeiro do largo defronte, onde
08 sentara ainda outro dia; a torre da igreja, cujos sinos repicavam
09 festivos.

- 03) O vocábulo “Limpa” (linha 02) tem no contexto o sentido de:
- asseada
 - clara
 - pura
 - apurada
- 04) Além de Dulce, são personagens principais de “Somos Todos Inocentes”:
- Raul e Amparo
 - José e Amparo
 - Raul e Marieta
 - Raul e Pedrina
- 05) A oração introduzida pelo que (linha 04) é:
- Substantiva objetiva direta
 - Substantiva subjetiva
 - Adjetiva restritiva
 - Adjetiva explicativa
- 06) Em qual das opções os vocábulos possuem sufixo?
- Cruzeiro – defronte
 - Paulatinamente – repicavam
 - Cruzeiro – paulatinamente
 - Sucedem – alento⁵⁷⁶

⁵⁷⁶ CARVALHO, O. G. Rego de. Encarte. Reproduzido em: CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 03-05.

Aqui já é possível tecer algumas considerações. As questões seguem uma estrutura de múltipla escolha, como em geral são as propostas dos vestibulares. Das quatro questões elaboradas a partir do texto sugerido, três são de cunho gramatical e que, de maneira direta, não trazem nenhuma reflexão sobre a obra do autor. O texto figura somente como um pretexto para testar conhecimentos gramaticais. O texto assume um papel quase ilustrativo – com questões dissociadas do enredo da obra - pouco contribuindo para entender ou analisar a obra de O. G. Rego. Mesmo nas questões que tratam de elementos relativos à trama dos livros, os elementos realçados têm muito mais um caráter constatatório/informativo que analítico, pouco estimulando o desenvolvimento de leituras reflexivas.

O encarte continua com mais treze questões, elaboradas a partir de mais trechos de um livro do literato:

(FUFPI – 1983) LEIA O TEXTO ABAIXO E RESPONDA ÀS QUESTÕES DE 07 A 13

TEXTO II

Já não se ria fácil no almoço. O velho comia numa fúria silenciosa, e ia esperar o café na varanda. A fartura antiga era hoje injustificável a seus olhos. Os preços de carnaúba não mais permitiam esbanjamentos. Como dizê-lo a mulher? A morte de Ireninha deixara-a meio louca, presa a um sentimento de culpa, e os médicos não a queriam exposta a contrariedades. Por isso não fazia qualquer alusão às despesas, restringindo as suas próprias, para não se antecipar nos lucros da firma. Abandonou as viagens de recreio, indo ao Sul apenas a negócio. Pouando D. Elisa, ele se torturava um pouco; daí o silêncio em que às vezes se escondia, a mastigar um de seus charutos havana.

Embora fosse introvertido por temperamento, não ocultava a emoção ao vê-la naquelas crises de choro, ante o retrato de Irene, e ia para junto dela, animá-la com um aperto de mão. A fortuna deviam à sorte, à guerra, mas também à sua pertinácia, ao empenho com que o ajudou no começo, ensinando bandolim horas a fio, enquanto ele negociava peles e querosene. Nunca faltou com o estímulo, sujeitando-se a lavar e cozer, ela, tão inexperiente, tão simples, tão doce, de família tradicional desde o Império, nos fumos da passada grandeza. Com o atropelamento da filha que ficou “assim”, achando que era nobre, o que muito o fez rir, conquanto não rejeitasse a ideia. Sabia lá!

O. G. Rego de Carvalho. –

“Ficção Reunida, Teresina, Meridiano, 1981”.

07) Assinale a resposta certa quanto ao que se lê no texto de consagrado escritor piauiense:

- a) Um caso de loucura provocado por um acidente.
- b) O trauma sofrido pela filha de um próspero comerciante.
- c) Atmosfera de um lar transformado pela morte de um de seus entes.
- d) O obsessivo apego do homem ao dinheiro e à ascensão social.

- 08) “Embora fosse introvertido por temperamento, não ocultava a sua emoção...” – A oração sublinhada não tem, no texto, o mesmo sentido que:
- Conquanto fosse introvertido por temperamento.
 - Contanto que fosse introvertido por temperamento.
 - Apesar de ser introvertido por temperamento.
 - Mesmo sendo introvertido por temperamento.
- 09) “Já não se ria fácil no almoço”. Caso típico em que o “se” indica que o sujeito é indeterminado. Marque a opção em que a estrutura frasal é diferente, tendo o “se” uma outra função:
- Assim se vai aos outros
 - Dorme-se bem em noites frescas
 - Confia-se na capacidade dos brasileiros
 - Comentou-se discretamente o assunto
- 10) “A fortuna deviam à sorte, à guerra, mas também à sua pertinácia...”. Quanto ao emprego do acento indicativo da crase, temos aí:
- Dois casos obrigatórios e um facultativo
 - Três casos obrigatórios
 - Dois casos facultativos e um obrigatório
 - Três casos facultativos
- 11) “Sabia lá”. A classificação do termo sublinhado é:
- Palavra denotativa de afetividade
 - Advérbio de lugar
 - Palavra denotativa de realce
 - Advérbio de intensidade
- 12) Assinale a afirmação que está contida no texto:
- O velho, em casa, evitava comentários sobre negócios.
 - Seu silêncio escondia sua inquietude interior
 - Introspectivo, mas solidário com a dor alheia
 - As circunstâncias lhe favoreciam agora viver mais fartamente
- 13) “O velho comia numa fúria silenciosa...”. Aqui o escritor usou uma figura chamada hipálage, em que se atribui a determinada palavra o que convém logicamente a outra, recurso estilístico válido pela sua expressividade. Marque a opção em que não se usou a hipálage:
- “No silêncio orvalhado da manhã”
 - “Em cada olho um grito castanho de ódio”
 - “Beijou-lhe a fonte pálida e suarenta”
 - “Recostado no sofá fumava um cigarro lânguido”⁵⁷⁷

O encarte se encerra, então, com essas questões. A primeira consideração a ser destacada sobre todas as questões feitas a partir do “Texto II” é o fato de, em nenhum momento, ser esclarecido de qual livro do autor o trecho foi retirado. A indicação de que foi retirado do livro *Ficção Reunida* (1981) não minimiza a incerteza, visto que se trata de uma coletânea dos livros *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953), *Rio Subterrâneo* (1967) e *Somos Todos Inocentes* (1971). São questões que continuam focando aspectos gramaticais, sem maiores análises e referências às ideias e possibilidades interpretativas acerca da obra

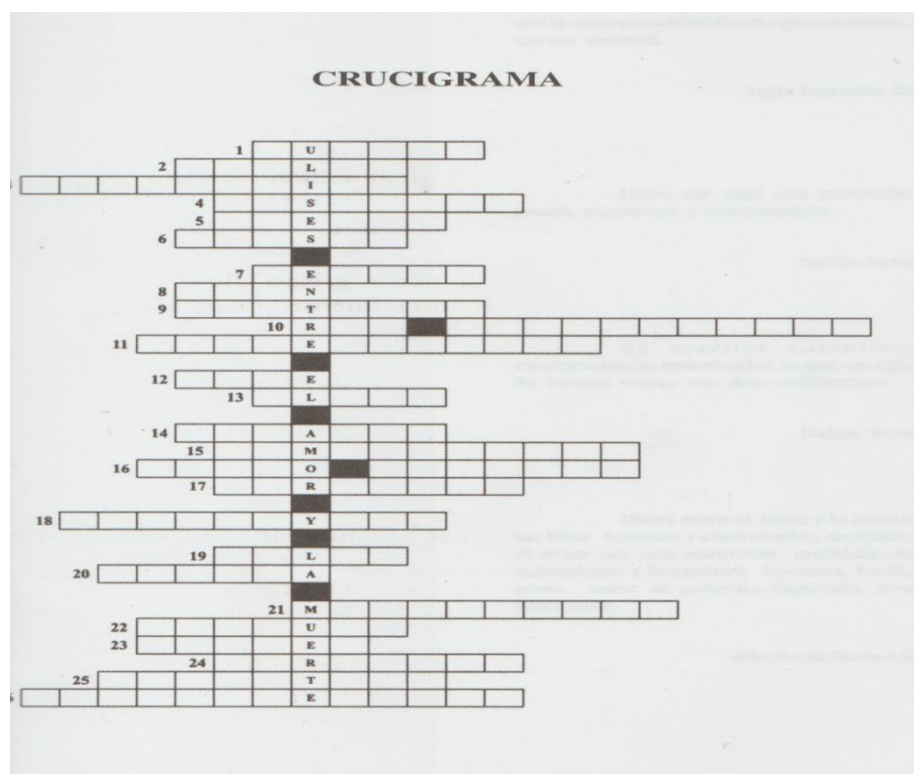
⁵⁷⁷ CARVALHO, O. G. Rego de. Encarte. Reproduzido em: CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 06-08.

do literato. As questões sequer mencionam o nome do autor em seus enunciados – quando muito o tratam como um “consagrado escritor”. Embora a autoria conste logo após o texto citado, isso reduz a possibilidade de reconhecimento, pelo candidato, da autoria do texto, pouco contribuindo para evidenciar o nome de O. G. Rego entre os estudantes-leitores que mantiverem contato com as questões.

É interessante notar que os professores-editores, na apresentação do livro, que a intenção não era “tentar esgotar, através de questionários, o universo representado em cada criação literária”⁵⁷⁸. Talvez não tenha havido o esgotamento, mas a limitação da leitura, por meio do direcionamento e enquadramento inerente às questões, sobretudo as objetivas.

Nas edições em Espanhol de *Ulisses entre o Amor e a Morte*, precisamente a segunda (2005) e a terceira (2007) edições, também é reproduzido um questionário com vinte e cinco questões, na segunda, e vinte e oito questões, na terceira⁵⁷⁹. Além de tais questões, há uma Cruzadinha com vinte e seis questões:

Foto 5 – Cruzadinha sobre o livro *Ulises entre el Amor y la Muerte*



Fonte: CARVALHO, O. G. Rego de. *Ulises entre el Amor y la Muerte*. 3. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2007.

⁵⁷⁸ SOARES, Wellington et al. Apresentação. Reproduzido em: CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. 2. ed. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 11.

⁵⁷⁹ As questões acrescentadas na terceira edição foram: “¿Has leído alguna obra literaria em español? ¿Cuál?”; “¿Te gusta ler? ¿Qué lees normalmente?”; “¿Qué prefieres: la narrativa o la poesia? ¿Por qué?”.

A cruzadinha, independente dos possíveis benefícios didáticos que possam ser pontuados para a memória e para a atenção, mostra-se como um mecanismo limitador dos processos de leitura e de interpretação. As inferências que o aluno-leitor pode fazer são reduzidas quando sua função é apenas “preencher” as lacunas a partir de informações preestabelecidas pelas questões correspondentes a cada número das linhas horizontais e verticais da cruzadinha.

Na primeira edição da versão em espanhol, de 2004, não há nenhum questionário. Somente na terceira edição está especificado que o questionário foi elaborado por Divaneide Carvalho (esposa de O. G. Rego de Carvalho), Luiz Romero e Wellington Soares, professores de Língua Portuguesa da Educação Básica. Como tal questionário é idêntico ao da edição anterior, pressupõe-se que foram os mesmos elaboradores. Nas demais edições em Língua Portuguesa, esse questionário e a cruzadinha não constam.

O questionário tenta mesclar questões objetivas e subjetivas, trazendo três que foram elaboradas e cobradas na edição de 2002, do Programa Seriado de Ingresso à Universidade (PSIU), da Universidade Federal do Piauí. São duas questões para marcar “V” ou “F”, sobre características do livro e do personagem principal; e uma questão para marcar a numeração correta, acerca da sequência cronológica dos acontecimentos referentes ao personagem Ulisses.

A didatização da literatura parece estar, em grande parte, associada à preocupação que muitos professores tinham, ou tem, de produzir material que aponte caminhos de entendimento da literatura. Luiz Romero Lima assim justifica a publicação de seu livro *Presença da Literatura Piauiense nos Vestibulares* (2000). Ele afirma:

Estamos apresentando aos estudantes e interessados este despretenso trabalho propositivo sobre os principais autores piauienses e suas respectivas obras.

Algumas informações históricas são necessárias para que possamos encontrar substâncias literárias e dados insólitos sobre alguns autores de projeção local e nacional. Dividimos este breve estudo com numa nova concepção cronológica capaz de nortear a literatura de expressão local, até que se possa estabelecer outra periodização.

Entendemos que a primeira condição para a obra de um autor constar nas listas de vestibulares é que a obra exista, e esteja ao alcance dos leitores. Alguns vestibulares têm apresentado autores com obra esgotada há vinte ou trinta anos. Um absurdo.

O motivo deste pequeno trabalho é oferecer um breve painel de autores do Piauí que tenham representatividade, através da qualidade de suas obras. Procuramos, portanto, evitar a inclusão de autores cuja obra só exista como registro, bem como os que ainda não alcançaram o necessário reconhecimento. O autor, a obra, o público e, um outro

elemento fundamental, a crítica, devem ser parâmetros *para que um autor ganhe destaque*.

Neste breve espaço é impossível um estudo aprofundado de cada autor. Mesmo assim, procuramos evidenciar o que há de melhor, pesquisando, fazendo resumos, resenhas, sínteses, paráfrases e chamando a atenção dos estudantes para detalhes projetivos da personalidade, comprometimento de cada um e visão de mundo.⁵⁸⁰

Na primeira edição de *Presença da Literatura Piauiense nos Vestibulares* (1999), Luiz Romero afirmou que o livro era apresentado “aos estudantes do Colégio SAPIENS”⁵⁸¹, escola particular, na qual o professor trabalhava. Nota-se que, na segunda edição, ele modifica o texto, dizendo que o livro era destinado a “estudantes e interessados”, demonstrando, talvez, sua tentativa de ampliar o alcance do público. Além dessa modificação na Apresentação do livro, mudanças no corpo do livro se configuraram no sentido de ampliação de textos, de questões e da inclusão de uma bibliografia final, de onde o autor retira suas referências.

O professor Luiz Romero chama a atenção, em ambas edições, para o fato da circulação e do consumo das obras dos autores como algo importante para o conhecimento do autor pelo público, sobretudo entre os estudantes. A condição de existência do livro estaria ligada, assim, não somente à publicação, mas à sua chegada ao leitor. Isso faz lembrar das proposições feitas por Roger Chartier acerca a história da leitura, visto que, segundo ele, há distâncias entre os sentidos atribuídos por autor e por leitores. E a didatização da literatura assumiria, então, atividade reguladora e mediadora desse processo, ora apresentando autores cujos livros que ainda são publicados, ora aqueles que já não têm maior alcance por falta de publicação e circulação.

Dessa maneira, observar as edições didáticas, ou melhor, a didatização da literatura, é observar as próprias práticas de leitura. Tal trabalho didático deve ser percebido para além das listagens, das cronologias de autores e obras, pois “contar títulos e edições, no entanto, não basta: é preciso também detectar os gestos que eles recomendam ou estigmatizam”⁵⁸². Assim, os manuais, coletâneas, antologias devem ser analisados como instrumentos que produzem gestos e práticas de leitura, pois dão direcionamentos à própria leitura.

⁵⁸⁰ LIMA, Luiz Romero. **Presença da Literatura Piauiense nos Vestibulares**. 2. ed. 1ª. Reimpressão. Teresina: Corisco, 2001, p. 11.

⁵⁸¹ LIMA, Luiz Romero. **Presença da Literatura Piauiense nos Vestibulares**. Teresina: Corisco, 2000, p. 05.

⁵⁸² CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2003, p. 172.

As edições didáticas dão indícios do momento no qual elas são produzidas. São textos fomentados a partir de determinadas circunstâncias. Os textos não podem ser estudados aquém dos seus suportes e de seus contextos de leitura. Exemplo disso são as próprias edições didáticas, que são elaboradas para atender a uma demanda, a um público, a um objetivo. Os vestibulares e seus similares deram suportes ou justificativas para que professores e estudiosos produzissem textos e livros que visassem a responder as exigências daqueles testes. O livro *Presença da Literatura Piauiense nos Vestibulares*, de Luiz Romero Lima, é um bom indício dessa relação.

Francisco Miguel de Moura, no ano de 2001, publicou o livro *Literatura do Piauí*, fruto de convênio entre a Academia Piauiense de Letras e o Banco do Nordeste. Trata-se de um livro que também pretende alcançar, principalmente, professores e estudantes. Ele assim explica a proposta do livro:

Não obstante a teoria contida nas suas primeiras páginas, este é um livro prático, mas ao mesmo tempo abrangente. É que pretende ser também uma introdução ao estudo da literatura.

Portanto, professor e aluno têm em mãos, um compêndio para o estudo da literatura do Piauí, com mostras de textos dos autores consagrados e as consequentes situações do momento histórico-literário em que foram produzidos.

Em suma, “Literatura do Piauí” não é apenas um livro que aborda a arte literária por piauienses nascidos (ou adotados) aqui ou alhures, com base na terra, nas lendas, nas histórias e coisas desta parte do Brasil, especialmente no seu jeito de ser e dizer. Os textos foram escolhidos segundo critérios há muito consolidados: o estético, o histórico e o sociológico. Aliados, embora estabelecido o comando do primeiro, fez-se o melhor esforço para apresentar algo novo dentro de um território tão explorado.

Assim, em muitos casos “Literatura do Piauí” servirá como livro de classe, noutros de pesquisa, e finalmente como livro de leitura pelos que apreciam a literatura sem compromisso maior.

Foram alguns anos pensando, lendo, falando e escrevendo sobre o assunto, para chegar a este resultado, com o qual se espera agradar não a gregos e troianos, que é impossível, mas a uma boa parcela daqueles que precisarem do que aqui está reunido em forma de teoria, história e arte.

Com as escusas pelas falhas que porventura venham a ser encontradas, pois a perfeição é apenas um ideal humano, o Autor pede a colaboração dos leitores e consulentes, para que no futuro passa saneá-las.⁵⁸³

⁵⁸³ MOURA, Francisco Miguel de. **Literatura do Piauí**. Teresina: Academia Piauiense de Letras/Banco do Nordeste, 2001, p. 09-10.

O aspecto “prático” é salientado por Miguel de Moura no intuito de se aproximar de uma organização didática da literatura, sem desconsiderar as dimensões da teoria e dos conceitos. Nesse sentido, as questões de fronteira continuam sendo veiculadas, sobretudo no que se refere às identidades, ao ser ou não ser “do Piauí” ou “piauiense”. Miguel de Moura, contrariando os argumentos de Adrião Neto, que, em seu livro *Literatura Piauiense para estudantes*, desconsidera a “piauiensidade” da obra de Ovídio Saraiva, tenta ampliar esse conceito, alargando os próprios critérios. Vale chamar a atenção para o distanciamento temporal entre a primeira edição de cada livro. O de Adrião Neto data de 1996 e o de Miguel de Moura é de 2001. Nesse interstício, o debate, colocado em destaque com os posicionamentos de O. G. Rego de Carvalho, sobre periodizações e sobre a existência da “Literatura Piauiense” e o que a caracteriza, recriou conceituações, ou pelo menos foi potencializado.

Os vestibulares, principalmente os das universidades públicas, fomentaram a organização e produção de livros/manuais voltados para o estudo da literatura, conforme o cronograma de exigência de cada edição dos vestibulares. Nesse sentido, professores como Alex Romero, Luiz Romero e Jorge Alberto se tornaram referências na publicação de livros, especificamente voltados para os vestibulares da Universidade Estadual do Piauí – UESPI e para a Universidade Federal do Piauí – UFPI. São livros que se dispersaram e seu acesso se tornou difícil. Em parte, isso se justificaria pela característica “passageira” e “efêmera” de tais livros, visto que o seu objetivo seria preparar o leitor para realizar um dado exame vestibular. No ano seguinte, ele teria que buscar o livro que continha as informações das outras obras exigidas no exame em questão. Assim, ao cumprir sua função, o livro seria esquecido em alguma estante, gaveta ou mesmo descartado. Nem sequer seus autores dispõem de tais publicações. Para o presente estudo, ainda foram encontrados alguns exemplares, que contemplam os vestibulares de 2006 e de 2007, da UFPI e os vestibulares de 2007, 2008 e 2009 da UESPI.

6.3 A hora e a vez da didática

A unidade de um texto não está em sua origem, mas em seu destino; porém este destino não pode mais ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é aquele que mantém juntos em um único espaço todos os caminhos de que um texto se constitui.

Roland Barthes⁵⁸⁴

A presença da Literatura nos exames vestibulares constitui parte da história dos processos de ingresso ao Ensino Superior no Brasil, pois contribuiu, em larga medida, para:

a) a (suposta) formação de um público leitor, que, sob a pressão do exame, precisava cumprir certo programa de leituras (consignado por meio das listas de textos e obras indicados) e atender a certa expectativa quanto aos conteúdos mínimos concernentes a essa dimensão curricular da disciplina de Língua Portuguesa; b) a disseminação ou permanência de certo modelo de verificação de leituras literárias realizadas a partir de indicações prévias de textos e obras, internalizado e repetido pelos candidatos e seus professores, pelos materiais didáticos e pelos cursos preparatórios (modelo no qual o que se pode dizer sobre uma obra é o que pode ser demonstrado sem margem para dúvidas ou hesitações, é o que pode ser medido e quantificado – e, enfim, no qual a subjetividade deve ser minimizada ou extirpada); e c) a consolidação de certa abordagem didática (que, no restrito tempo escolar, dá conta de garantir o cumprimento de um programa de leituras e o ensino de certos conteúdos considerados indispensáveis, e dissemina a ideia de que o que é relevante na lida com o texto literário é o que pode ser demonstrado, medido e quantificado, em detrimento de opiniões ou impressões pessoais).⁵⁸⁵

Segundo Maria Dalvi, citando William Roberto Cereja, as Universidades de São Paulo – USP e Unicamp foram as pioneiras no quesito da exigência da leitura literária em seus editais de vestibulares, na década de 1980. Nesse sentido, “a lista de textos e obras literárias a serem lidas tentou restringir a gama de possibilidades direcionadas às provas até então”⁵⁸⁶. Isso não significa dizer que, em anos anteriores, a literatura não se fazia presente nos vestibulares. Havia publicações de sentido mais “genérico” sobre a literatura, voltada para vestibulares. Em 1964, por exemplo, em Porto Alegre, havia a publicação de

⁵⁸⁴ BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 70.

⁵⁸⁵ DALVI, Maria et al. A literatura no vestibular: traços de seu histórico e olhares recentes. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 28, p. 217, dez. 2015.

⁵⁸⁶ DALVI, Maria et al. Op.cit, p. 217.

volumes acerca da Literatura Brasileira, de autoria do Professor Édison de Oliveira. Os volumes eram intitulados de “Literatura Brasileira: vestibular de Direito e Letras”⁵⁸⁷. Os volumes não se propunham a analisar obras específicas, mas, sim, fazer uma caracterização de escolas literárias e seus principais representantes. Não traziam questões a serem resolvidas. Um grupo de professores do Rio de Janeiro publicou um livro/manual voltado para o vestibular, intitulado “Literatura no Vestibular”⁵⁸⁸, para a edição do exame no ano de 1975. Nesse livro, são discutidas obras específicas: *Espumas Flutuantes*, de Castro Alves; *Senhora*, de José de Alencar; *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida; *Martim-Cerê*; de Cassiano Ricardo; e *Os Cavalinhos de Platiplanto*, de José J. Veiga. Ao final do livro, são disponibilizadas 250 questões objetivas. Os autores justificam a proposta do livro, afirmando:

Este livro destina-se aos candidatos às universidades, no vestibular de 1974, a ser realizado em janeiro de 1975.

Há muitos anos, convivemos com os vestibulandos. Nós já passamos por vários cursos pré-vestibulares. Criamos o hábito de ajudar nas aprovações, aprendemos a sofrer, a rir, a chorar, a pular de alegria quando saem os resultados das provas.

Por isso, há tempo que nos identificamos com o vestibulando, com a sua luta, a sua força de vontade, com o seu ideal de vitória.

Para ajudarmos um pouco mais, lançamos este livro. Simples, muito pretensioso e muito sincero. Com análises, comentários, interpretações e muitos exercícios com as respectivas respostas.

Afinal, a nossa prática, depois de tantos anos nos mais famosos cursos pré-vestibulares da Guanabara, permite o livro, seu conteúdo profundo, sua linguagem simples, sincera e verdadeira.

Quem nos conhece sabe como somos nós.

E como sempre fizemos, nas salas de aula, nos corredores, nos pátios, na rua, em casa, em todo lugar, apertamos a mão de vocês todos que pretendem, com honestidade, vencer na vida.

Desejando felicidades, sucesso, e deixando, aqui, o abraço de sempre.⁵⁸⁹

Pela apresentação do livro, os autores deixam claro que o alvo da publicação são os estudantes que prestariam o exame vestibular. Algo interessante a ser notado é que eles recorrem às suas tradições como professores, para legitimar a validade da publicação.

⁵⁸⁷ OLIVEIRA, Édison de. **Literatura Brasileira**: vestibular de Direito e Letras. Porto Alegre: Ética Impressora Ltda, 1964.

⁵⁸⁸ VASCONCELOS, Anazildo et al. **Literatura no vestibular**. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1975.

⁵⁸⁹ VASCONCELOS, Anazildo et al. Op. cit, p. 05.

Assim, o livro assume o seu sentido de uma construção para além do texto em si, pois retoma os demais suportes, discursos e práticas que o engendram.

Mencionar esses dois livros tem o propósito de endossar o argumento de que havia produções com a leitura da literatura para os vestibulares, em momentos anteriores à década de 1980, e em outras universidades e estados do país. A literatura aparecia, mas sem a obrigatoriedade e a regularidade de uma lista prévia, que a Unicamp, especialmente, inaugurava e que as outras universidades brasileiras começaram a seguir.

Segundo Claudete Amália Segalin de Andrade, a exigência da leitura de literatura, em fins da década de 1980 e início da década de 1990, como conteúdo obrigatório, deu-se “em função da baixa qualidade da expressão escrita verificada na produção das redações e das questões dissertativas”⁵⁹⁰ em exames anteriores. Essa transformação, por meio da obrigatoriedade da leitura da literatura é marcante nos exames vestibulares e no próprio *status* da literatura, pois

A presença da leitura obrigatória – entendida assim mais por estar entre os conteúdos para a prova do vestibular do que propriamente por algum recurso institucional – transformou o próprio sentido desse exame. De uma prova de seleção para ingresso no ensino superior, ele passou, por um lado, a ser uma instância de avaliação, por outro, uma instância de mediação. No primeiro caso, avalia o ensino da literatura no nível médio; no segundo, promove a obra e o autor indicados através de condições materiais para sua difusão e divulgação.⁵⁹¹

Claudete Amália Andrade considera que a exigência obrigatória da leitura de literatura para o vestibular, “além de representar um esforço para a melhoria do desempenho linguístico do candidato, surge como um recurso para o estudante ampliar o seu repertório cultural”⁵⁹². Assim, ao tornar a leitura em um item obrigatório, o vestibular encarna, além de seu caráter avaliativo, o papel de mediador entre o texto literário e o público leitor.

Isso, de certa forma, teria favorecido a difusão e divulgação de obras e autores, bem como a disseminação, circulação e consumo da literatura e, concomitante a isso, a ampliação e diversificação da leitura entre os estudantes da Educação Básica – ora denominados de secundaristas, ora de estudantes do Ensino Médio – mas, ainda assim,

⁵⁹⁰ ANDRADE, Claudete Amália Segalin de. **Dez livros e uma vaga**: a leitura da literatura no vestibular. Florianópolis: EDUFSC, 2003, p. 34.

⁵⁹¹ ANDRADE, Claudete Amália Segalin de. Op. cit, p. 14.

⁵⁹² ANDRADE, Claudete Amália Segalin de. Op. cit, p. 52.

voltado apenas aos que visassem prestar exame para o ingresso no Ensino Superior, em especial os estudantes de cursos com caráter propedêutico, haja vista a divisão existente à época entre cursos secundaristas de caráter técnico e os de caráter científico, voltados para o acesso à Universidade.

Uma questão a ser ressaltada, no que se refere à literatura exigida pelos vestibulares, é a noção de formação de leitores. O leitor está, ou deveria estar, em formação ao longo da Educação Básica e não pode ser “despertado” ou “formado” somente no momento do exame de adesão ao Ensino Superior. Por esse diapasão, “o vestibular não tem o papel de “formar leitores” nos mesmos parâmetros que o processo educacional na Educação Básica”⁵⁹³. As indicações de uma lista de livros para os exames vestibulares pode gerar diferentes entendimentos e recepções entre professor e aluno-candidato, ao passo que

[...] para o primeiro, as listas de justificar a importância dessa aquisição por razões culturais e relativas ao apuro da expressão escrita, para o candidato, elas representam a necessidade de consumir, de modo rápido e facilitado, mais um conteúdo para a prova.⁵⁹⁴

Foi na interseção desses entendimentos que a maioria dos livros/manuais, voltados para o vestibular, foi publicada. Basta perceber que, em geral, são os professores os autores e organizadores dessas edições didáticas e que o público alvo principal é constituído de estudantes e candidatos. Esse misto de interesses pode ser observado naquilo que defendem os professores Luiz Romero, Alex Romero e Jorge Alberto, em uma de suas edições didáticas voltadas ao vestibular, quando advertem ao leitor:

Não leia somente os resumos e os comentários. [...] O livro é o cúmplice perfeito para o exercício de cultura geral.
Para dizer a verdade, o que nos impulsiona para a carreira e o crescimento pessoal é o acúmulo de leituras, o bom uso do idioma quer falando ou escrevendo. As chances de ascensão melhoram quanto maior é o vocabulário que o leitor domina. Além disso, a leitura nos torna atraentes e agradáveis. Quanto maior o repertório, mais capacidade e segurança profissional temos para novas ideias.⁵⁹⁵

⁵⁹³ DALVI, Maria et al. A literatura no vestibular: traços de seu histórico e olhares recentes. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 28, p. 221, dez. 2015.

⁵⁹⁴ ANDRADE, Claudete Amália Segalin de. **Dez livros e uma vaga**: a leitura da literatura no vestibular. Florianópolis: EDUFSC, 2003, p. 88.

⁵⁹⁵ LIMA, Luiz Romero et al. **UESPI 2008/2009**: Literatura, estudo das obras, resumo, análise de textos e exercícios. 2. ed. Teresina: Halley, 2008, p. 05.

Com esta advertência, os autores-professores ratificam a tese defendida por Claudete Andrade, de que a exigência de obras literárias nos exames de adesão à Universidade, possibilitam aos candidatos a ampliação de seu repertório cultural, o que interferiria decisivamente na melhoria de seu entendimento de mundo e na qualidade de sua vida cotidiana.

A obrigatoriedade da leitura de literatura no vestibular dá um novo contorno à literatura, pois ela passa, agora, por duas mediações: o vestibular, que traz textos de literatura para o universo da leitura; e o professor, que se torna o agente direto dessa promoção. E essa mediação por parte do professor vai além das aulas em sala de aula, chegando aos textos e livros preparados para o vestibular.

Isso, tanto passa a inserir a literatura no rol dos saberes necessários, quanto a elevar o prestígio de quem a produz – estendendo este prestígio a quem a ensina – além de, conseqüentemente, possibilitar a difusão do acesso ao conteúdo da obra ao reconhecer sua existência.

Ainda assim, os livros com o teor de organização da literatura de forma didática devem ser vistos, também, como instrumentos de disciplinarização do ensino da literatura, como disciplina escolar. O foco, no entanto, está em sua didatização, visto que

[...] o que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o.⁵⁹⁶

Essa didatização ocorre nos manuais e livros pensados e preparados para um objetivo prático, cumprindo um cronograma e almejando a um resultado, como os vestibulares. Exemplo disso foram as questões expostas anteriormente que, alegando promover o reconhecimento da obra de O. G. Rego, utilizam-na apenas como pretexto para estudos gramaticais ou para uma simplificação interpretativa.

Nesse sentido, a abordagem literária, com a objetivação primeira de alcançar um fim pragmático, transforma a própria literatura, visto que “quando passamos o estilo de um

⁵⁹⁶ SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil In: EVANGELISTA, Aracy Martins; PAULINO, Graça; VERSIANE, Graça (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 22.

gênero para outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruimos e renovamos o próprio gênero”⁵⁹⁷.

Por esse viés, aceitando-se a proposta do livro, com suas sugestões de questões a serem respondidas, bem como a organização e cronologia de autores e obras para tal fim, deve-se pensar que o livro é mais de cunho didático e escolar que propriamente de reflexão literária. Por outro lado, desconsiderando-se sugestões de questões e cronologias e tomando somente os textos de literatos citados pela coletânea ou antologia, é possível visualizar o texto literário. Isso demonstra que os sentidos do texto dependem dos propósitos das leituras que são feitas sobre ele.

A didatização da literatura, promovida como uma mediação por meio do livro didático ou manuais, tem sua importância na compreensão da história da leitura, visto que esse livro,

[...] talvez mais ostensivamente que outras formas escritas, forma o leitor. Pode não ser tão sedutor quanto às publicações destinadas à infância (livros e histórias em quadrinhos), mas sua influência é inevitável, sendo encontrado em todas as etapas da escolarização de um indivíduo: é cartilha, quando da alfabetização; seleta, quando da aprendizagem da tradição literária; manual, quando do conhecimento das ciências ou da profissionalização adulta, na universidade.⁵⁹⁸

A didatização da literatura, assim, está relacionada a diferentes públicos, com intencionalidades plurais. Não somente aos públicos consumidores, mas, também, àqueles que produzem os textos didáticos, com suas filiações teóricas, ideológicas e institucionais.

Juliana Menezes⁵⁹⁹ afirma que, ao longo da formação do Ensino Médio e das exigências dos vestibulares, há o prejuízo na formação dos leitores. Sem a devida observação dos princípios estéticos, com a valorização de provas estritamente memorialistas, dos sistemas seriados e da compartimentação das disciplinas/componentes curriculares, surge uma significativa consequência: a falta de interesse pela leitura de literatura.

⁵⁹⁷ BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 286.

⁵⁹⁸ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009, p. 121.

⁵⁹⁹ MENEZES, Juliana Alves Barbosa. Avaliação de literatura no vestibular. XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC. Simpósio: Tessituras, Interações, Convergências. **Anais**. USP – São Paulo, 13 a 17 de julho de 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/047/JULIANA_MENEZES.pdf>. Acesso em: 28 de dezembro de 2015.

Assim como a mudança de leitura para os vestibulares, as obras ou edições didáticas, também contribuem para entender os conflitos e diálogos concernentes ao cânone. Os professores Luiz Romero, Alex Romero e Jorge Alberto, na apresentação de uma das edições didáticas voltadas para o vestibular, deixam transparecer essa atenção com o cânone:

É bom encontrar autores novos, aqueles que estão fora de leituras consideradas canônicas. Na lista obrigatória do vestibular UESPI, temos a autora pioneira da literatura afro-brasileira acompanhada de outros da nossa literatura como Júlio Romão e Palha Dias.

O romance de Maria Firmina dos Reis foi atualizado, linguisticamente, somente o prólogo e os dois primeiros capítulos. O restante ficou muito próximo do original para que o leitor tenha conhecimento do momento histórico e linguístico. Convém ao leitor ler com postura e concentração para o máximo de proveito.⁶⁰⁰

Na reflexão sobre as transformações e manutenções do cânone, com a inclusão de “novos nomes” no campo de circulação e consumo de autores, Fidelis afirma que

[...] ao lado desses autores ‘inquestionáveis’ aparecem autores que ora figuram, ora não figuram em certos momentos no cânone literário e, portanto, movimentam-se na órbita desse núcleo relativamente estável. No entanto, não se pode compreender o cânone como fixo, fechado e pronto. As obras vão e vem a depender dos mecanismos utilizados no momento da escolha.⁶⁰¹

É nesse jogo de quem entra e quem sai no espaço canônico que está uma das regras que impulsionam o próprio campo literário. O cânone, assim, é constituído, mantido ou renovado, conforme situações, momentos e interesses. Seria, então, uma questão de reconhecimento? O. G. Rego de Carvalho, em entrevista no ano de 1986, se posicionou sobre isso, destacando que

O problema do reconhecimento é um problema até interessante. Muitas vezes, o autor morre no anonimato, como é o caso de Sousândrade, que morreu deixando uma obra quase desconhecida, e só depois de sua morte

⁶⁰⁰ LIMA, Luiz Romero et al. **UESPI 2008/2009**: Literatura, estudo das obras, resumo, análise de textos e exercícios. 2. ed. Teresina: Halley, 2008, p. 05.

⁶⁰¹ FIDELIS, Ana Cláudia e Silva. *Cânone Literário e Livro Didático: Mediações*. 2005. Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 2005. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais15/Sem12/anafidelis.htm>> . Acesso em 28 dez. 2015, p. 03.

é que se viu como tinha realizado um grande trabalho. Então, esse problema de ser reconhecido em vida é secundário. O importante é que o autor se compenetre que está fazendo ora para a eternidade – não escrever para o consumo de hoje, não colher – como diz Rui Barbosa muito bem –, “não colher o couve para o alimento de hoje, mas plantar o carvalho para a segurança do amanhã”.⁶⁰²

No mesmo ensejo da entrevista, O. G. Rego de Carvalho se diz satisfeito e realizado como escritor, pois com três livros conseguiu a “simpatia muito grande da crítica e do público, não só do Piauí como fora dele”⁶⁰³. Com essa afirmação, o literato parece indicar já ter conquistado certo espaço no cânone literário. Isso talvez o ponha em uma condição de conforto para recomendar serenidade aos escritores – que deveriam escrever “para a eternidade”. Ao admitir que já era reconhecido, talvez já o fizesse a partir da zona de conforto que este lugar lhe possibilitava. Outro aspecto peculiar no texto supramencionado é o fato de O. G. Rego de Carvalho recorrer a uma citação de Rui Barbosa, na qual a árvore-símbolo da perenidade do prestígio é um carvalho – coincidentemente o sobrenome do autor.

Além da preocupação com os aspectos canônicos, os autores da edição didática, direcionada para o vestibular, mencionam a postura do leitor, no que se refere à leitura das obras. Para eles, o ideal é que se leia o livro dos literatos na íntegra e não ficar somente nos resumos e comentários. Seria uma reflexão sobre a leitura para além dos subterfúgios para a resolução de atividades gramaticais e de produção textual. A leitura não deve ser vista “como uma coleção indefinida de experiências irreduzíveis umas às outras”⁶⁰⁴, visto que, nas interações sociais, há interpretações e construções de conhecimentos diferentes. Esse tipo de leitura compartimentada e fragmentada, em certa medida, parece estar reproduzido na organização dos livros de caráter didático.

O livro “UESPI 2008/2009”, dos professores Luiz Romero, Alex Romero e Jorge Alerto, está dividido em seções: Literatura Brasileira (*Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis; *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis; *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles; *O Vampiro de Curitiba*, de Dalton Trevisan), Literatura Piauiense (*Sangue*, de Da Costa e Silva; *A Mensagem do Salmo*, de Júlio Romão da Silva; *Os Irmãos Quixaba*, de William Palha Dias) e Literatura Portuguesa (*Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco;

⁶⁰² CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida ao Circuito Interno da Telepisa. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 330.

⁶⁰³ CARVALHO, O. G. Rego de. Op. cit, p. 330.

⁶⁰⁴ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Alges – Portugal: Difel, 2002, p. 121.

Mensagem, de Fernando Pessoa), conforme os livros da lista obrigatória do vestibular 2008/2009, da UESPI. No livro, são apresentados o resumo biográfico de cada autor, caracterização das escolas literárias nas quais são vinculados, uma breve contextualização histórica da vida e obra de cada autor e obra, bem como a disposição de questões objetivas a serem resolvidas, acompanhadas do gabarito oficial.

Essa divisão aponta, ainda, para as dimensões de fronteira da literatura, com as compartimentações e enquadramentos dos autores de acordo com critérios espaciais e geográficos, sobretudo no que tange ao “nacional” e ao “local”. Esse tipo de divisão parece estabelecer uma identidade estável e fixa, desconsiderando que se trata de uma construção móvel e historicamente construída. Como chama atenção Stuart Hall⁶⁰⁵, é nessa mobilidade das identidades que se percebe sua formação e transformação contínua.

O cânone da historiografia literária negocia aquilo que pode ser apagado ou pode ser mantido. Nesse sentido, é importante lembrar que o que torna uma obra canônica não é ela mesma, por si mesma. São os suportes, em geral institucionais, que promovem esse status. Assim, os vestibulares, e as edições didáticas voltadas para a realização dos exames, podem ser mecanismos dessa mediação institucional. Dessa forma, a relevante presença das obras de O. G. Rego em vestibulares pode ter contribuído para o reconhecimento deste autor no rol dos cânones literários.

Em edições anteriores, os mesmos professores Luiz Romero, Alex Romero e Jorge Alberto apresentaram e justificavam a publicação de seu material didático voltado aos vestibulares, chamando a atenção para a *Leitura em si*. Segundo eles,

O livro é um prolongamento da nossa imaginação e os sonhos estão no meio dele porque ler é sujeitar-se a um tempo diferente. Talvez seja justamente esse um dos maiores benefícios que o livro traz. Primeiro, porque quem lê como que “ganha” o tempo pra si. O leitor consegue controlar e fazer dele o que bem desejar.

A leitura acaba atuando como um fator de qualidade de vida. Quem apanha um livro em busca de uma resposta, em geral, pouco ou nada encontra. Quem lê por trazer, movido por interesse e curiosidade pelo mundo, recebe de volta o poderoso estímulo da “identificação” que provém da arte, e aí, sim, a realidade pode ser, se não transformada, compreendida com maior profundidade.

A leitura é a mais eficaz ação contra o embotamento induzido por automatismo de linguagem. A poesia, em particular, pode exercer uma ação desbloqueadora de percepção sobre a vida.⁶⁰⁶

⁶⁰⁵ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

⁶⁰⁶ LIMA, Luiz Romero et al. **UFPI – 2006: Literatura**. 2ª Etapa. 3. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2006, p. 01.

Os autores intitularam essa apresentação de “Ganhe Tempo”, fazendo menção aos ganhos que o leitor tem com as horas de leitura. No entanto, por se tratar de um livro de resumos e comentários, com o intuito de ser mais um suporte de preparação para um exame vestibular, a recepção desse título pode abarcar a noção de que o candidato “ganharia tempo”, sem ter que ler todos os livros indicados na íntegra. Tentando minimizar essa interpretação desse título, na edição do ano seguinte, para o vestibular de 2007, os professores, na apresentação, intitulada “Silêncio e Solidão”, dizem que “ler requer postura e concentração; prazer e dedicação. Não leia somente os resumos. É comodismo. Ganhe mais segurança pela leitura da obra”⁶⁰⁷. Retomando a ideia do ganho de tempo, eles afirmam que,

No mundo inteiro, a leitura é a atividade relacionada à aquisição de informações que menos toma o tempo das pessoas. É uma atividade solitária, em todos os sentidos. Requer silêncio e concentração do leitor, exigindo comprometimento e engajamento do sujeito com aquilo que se lê.

A leitura perde feio para a televisão, que ocupa o dobro do tempo na vida das pessoas. Elas não têm ideia de que a própria essência da literatura, da imaginação e do sonho é a possibilidade do impossível. Na literatura, o que não existe passa a existir pela simples menção.

É esse o seu maior poder: a imaginação é a única forma – uma forma criativa – dada ao homem para lidar com a impossibilidade. E basta imaginar a impossibilidade para torná-la possível.⁶⁰⁸

Essa preocupação na elaboração de edições com teor didático, com direcionamento a um público, não é uma prática exclusiva da realidade cultural, educacional e literária no Piauí. Em 1998, por exemplo, Oswald Barroso e Alexandre Barbalho lançam a segunda edição do livro “Letras ao Sol”, justificando que: “Letras ao Sol é uma antologia da literatura artística cearense, de interesse geral, mas particularmente voltada para o ensino do 2º Grau”⁶⁰⁹. Assim como a maioria das antologias e edições didáticas, eles explicam a escolha dos autores, afirmando que se trata de “uma antologia seletiva, que procura reunir os autores (nascidos no Ceará ou que aqui residiram por longo tempo) mais representativos dos vários períodos de nossa história literária, desde seu início até o final dos anos 70”⁶¹⁰.

⁶⁰⁷ LIMA, Luiz Romero et al. **UFPI – 2007: Literatura**. 3ª Etapa. 3. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2006, p. 01.

⁶⁰⁸ LIMA, Luiz Romero et al. Op. cit, p. 01.

⁶⁰⁹ BARROSO, Oswald; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Letras ao sol: antologia da literatura cearense**. 2. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1998, p. 09.

⁶¹⁰ BARROSO, Oswald; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). Op. cit, p. 09.

Vê-se, então, que a identidade literária é tomada a partir do critério geográfico-espacial. Ao final do livro, os autores disponibilizam questões subjetivas a serem respondidas, lançando a “Proposta Geral de Atividades e Exercícios”, na qual elencam o que consideram serem as atitudes mais adequadas para a leitura de um texto, como atividade de sala de aula.

Nesse sentido, o estudo das edições didáticas é importante para compreender, também, aquilo que os seus produtores entendem sobre o universo da leitura e da literatura. Isto é, faz parte da construção da história da leitura e da literatura. E nesse processo estão presentes diferentes agentes, sejam eles institucionais ou literários propriamente ditos.

Em 1997, na quarta edição de *Visão Histórica da Literatura Piauiense*, Herculano Moraes faz um balanço da produção literária no Piauí, apontando, segundo ele, avanços e limites. Para tanto, ele assevera que

Nos últimos trinta anos ocorreu no Piauí uma revolução literária sem precedentes na história cultural do Estado.

Instituições tradicionais como a Academia Piauiense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico Piauiense, Academia Parnaibana de Letras, Academia de Letras do Vale do Longá, Academia de Letras da Região de Picos, Instituto Histórico de Oeiras incorporaram-se ao esforço desenvolvido, com excelentes resultados, pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves e Universidade Federal do Piauí, abrindo amplos espaços às edições literárias de qualidade, melhorando significativamente o acervo bibliográfico do Estado.

Houve, no período, a definição de uma tendência já observada no final da década de 80 – o interesse pela pesquisa histórica e pela investigação das raízes mais profundas de nossa cultura social.

Coube à Universidade, notadamente na reitoria do professor Charles Carvalho Camilo da Silveira, o principal papel de estimular a pesquisa, acionando a gráfica da Fufpi, sob o firme e criterioso comando dos professores Fabiano de Cristo Rios Nogueira e Manuel Gualberto Soares, à publicação de obras classificadas de fundamentais da nossa literatura. Desse modo, o sério, intenso e dedicado trabalho dos professores do Departamento de Letras do CCHL, completou o projeto, legando às gerações reedições de obras valiosíssimas, como *Poemas*, de Ovídio Saraiva de Carvalho, fundador da Literatura Piauiense, cuja primeira edição saiu em 1808, em Coimbra (Portugal); *Ataliba – o Vaqueiro*, de Francisco Gil Castelo Branco, considerado o primeiro romance piauiense a tratar da temática da seca, e algumas teses sociais que consolidam o esforço da Universidade em reconhecer e proclamar os valores mais significativos de nossa cultura literária.⁶¹¹

O papel latente da Universidade, como destacou Herculano Moraes, no incentivo às publicações dos literatos, tornar-se-ia mais presente quando, ainda na década de 1980,

⁶¹¹ SILVA FILHO, Herculano Moraes. **Visão história da Literatura Piauiense**. 4. ed. Teresina: HM, 1997, p. 11-12.

começa a abordar autores e obras da considerada “literatura piauiense”, em seus vestibulares. No Ceará, a parceria com as Universidades podem ser observadas, em certo ponto, a partir do livro *Terra da Luz*, organizado por Carlos d’Alge, que, na segunda edição do livro, destaca que, “para a análise crítica de cada autor convocamos 27 colaboradores, escolhidos entre professores das universidades cearenses e alguns analistas que embora não sendo professores possuem reconhecido saber”⁶¹².

A efervescência cultural, pontuada por Herculano Moraes, fez com que os professores, sobretudo os de escolas privadas, comesçassem a preparar materiais didáticos voltados para tal fim. Eram materiais impressos em forma de apostilas. Segundo Herculano Moraes, frente ao marasmo do Governo do Estado, em relação aos incentivos à publicação e edição de obras de literatos, a escola particular assumiu postura diferente. Isso seria devido ao

[...] infatigável esforço dos professores de português e literatura, que procuraram, onde estivessem, as fontes informativas necessárias. Nesse plano, contaram com o apoio de produtores abnegados, como Cineas Santos, Kenard Krueel, Wellington Soares e Alcenor Candeira Filho, sempre dispostos a dedicar parte de seu disponível tempo aos interesses da cultura piauiense.⁶¹³

Os professores citados por Herculano Moraes, assim como outros não mencionados, lançaram esforços que culminariam, em momentos posteriores, na criação de editoras, como a *Zodíaco*, de Kenard Krueel e *Corisco*, de Cineas Santos. Wellington Soares, juntamente com os professores Benilde de Castro e Ozias Lima, encabeçou o Projeto Lamparina, que publicou a primeira edição do livro *Como e Por que me fiz escritor* (1989), de O. G. Rego de Carvalho. Esse foi o primeiro e único livro publicado pelo projeto, que não foi adiante. Wellington Soares e os outros dois professores do Projeto Lamparina justificam a publicação da segunda edição do referido livro, salientando os seguintes pontos:

Dentre os vários motivos que nos levaram a reeditar este livreto, estão o fato de a primeira edição ter sido esgotada completamente, a obrigatoriedade do ensino de Literatura Piauiense nas escolas do Estado, a inclusão do nome de O. G. Rego de Carvalho entre os autores a serem cobrados pela FUFPI no vestibular/95 e, finalmente, a retomada do

⁶¹² D’ALGE, Carlos. **Antologia Terra da Luz: prosadores**. 2. ed. Fortaleza: Diário do Nordeste, 1998, p. 05.

⁶¹³ SILVA FILHO, Herculano Moraes. **Visão história da Literatura Piauiense**. 4. ed. Teresina: HM, 1997, p. 12.

Projeto Lamparina de publicar e lançar os nossos escritores nos estabelecimentos de ensino.⁶¹⁴

O papel dos vestibulares na produção das edições didáticas é enfatizado pelos professores-editores, que, ao destacarem as mudanças na segunda edição, mencionam “a inserção de encarte com questões extraídas do próprio livreto e de vestibulares da FUFPI”⁶¹⁵. As demais mudanças, conforme os editores, “foram feitas com o intuito de tornar o texto mais leve e agradável ainda”⁶¹⁶. Eles dizem que as alterações também se deram pela “capa e o projeto gráfico foram totalmente reformulados, adoção de uma paragrafação sucinta, um novo tipo de formato”. Esse tipo de descrição é interessante para a história do livro e da leitura, pois indica, em certo ponto, as demandas para a produção do livro, inclusive nas mudanças de sua materialidade.

O endereçamento da escrita e da leitura fica ainda mais em evidência quando dizem que o livro tem “o propósito de levar aos estudantes os nossos autores mais expressivos”⁶¹⁷. A ideia do Projeto Lamparina era publicar mais livretos sobre outros literatos, mas isso não foi concretizado. Ao focar um público específico, no caso os estudantes, o texto pode ser visto como fechado, tomando a oposição entre “texto fechado” e “texto aberto” feita por Umberto Eco⁶¹⁸. No entanto, ele ressalta que, na medida em que a o leitor imprime interpretações que não foram previstas pelo “texto fechado”, é possível que haja a sua abertura. Assim, não há texto completamente fechado, pois as inferências do leitor advêm de demandas que extrapolam os limites do texto em si. Não há textos totalmente “abertos”, pois a leitura deve partir dos elementos mínimos presentes neles.

Na história da formação literária no Piauí, para Herculano Moraes, foi fundamental a influência dos egressos da Faculdade de Direito de Recife, ainda nos fins do século XIX. Importante também foi a criação das Faculdades de Direito e de Filosofia do Piauí, pois teriam sido espaços de criação e debates intelectuais, de onde saíram muitos literatos, como foi o caso de O. G. Rego de Carvalho. Outras instituições mais recentes, como a Fundação Cultural Monsenhor Chaves e a União Brasileira de Escritores – seccional do Piauí, contribuíram para os debates culturais, notadamente acerca da vida literária. As

⁶¹⁴ SOARES, Wellington et al. Apresentação. Reproduzido em: CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. 2. ed. Teresina: Projeto Lamparina, 1994, p. 09.

⁶¹⁵ SOARES, Wellington et al. Op. cit, p. 10.

⁶¹⁶ SOARES, Wellington et al. Op. cit, p. 10.

⁶¹⁷ SOARES, Wellington et al. Op. cit, p. 11.

⁶¹⁸ ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

pautas, conforme Herculano Moraes, eram acompanhadas de divergências e conflitos de posicionamentos. Ele recorda que, naquela ocasião,

O debate sobre a Literatura Piauiense foi acalorado. Os jovens, na irreverência incontida dos mais ousados, na ansiedade de participar, no desejo de ser e de se afirmar, transformaram-se na peça mais positiva dessa discussão. Desde a “negação” de uma literatura piauiense, passando pela proposta da tese de “uma literatura brasileira de expressão piauiense”, até o protesto por não figurarem em antologias e publicações coletivas, eles foram formidáveis. Alguns saíram do estágio experimentalista, consolidando estilos e demarcando trajetórias. A discussão revelou o interesse de todos em definir algo de concreto.⁶¹⁹

Os que defendiam a ideia da não existência da “literatura piauiense” seguiam, em grande medida, o lastro deixado por O. G. Rego de Carvalho, que, desde as décadas de 1970 e 1980, em entrevistas, já levantava essa problemática e polêmica. O que está em jogo, então, são os encaminhamentos do campo cultural, considerado como mais um espaço de disputas. Esse campo abarca qualquer forma relativa à cultura, na medida em que “os bens culturais podem ser objeto de uma apropriação material, que pressupõe o capital econômico, e de uma apropriação simbólica, que pressupõe o capital cultural”⁶²⁰. A leitura da literatura é, aqui, pensada como bem cultural, ou seja, como uma apropriação simbólica, como mais uma forma de consumo cultural e, também, como capital cultural. Os vestibulares atuam como instrumentos que assumem a leitura imposta, quando colocam a obrigatoriedade das listas de livros e autores. Para Pierre Bourdieu, isso é um campo de luta, pois

É isso que faz com que a analogia entre as lutas intelectuais e as lutas teológicas funcione tão bem. Se o modelo de luta entre o padre *lector* e o profeta *auctor*, que evoquei no começo, se transpõe tão facilmente, é porque, entre outras razões, uma das apostas da luta é a de se apropriar do monopólio da leitura legítima: sou eu que lhes digo sou eu que lhes digo o que está dito nos livros que merecem ser lidos em oposição aos livros que não o merecem. Uma parte considerável da vida intelectual se esgota nessas reversões da tábua de valores, hierarquia das coisas que devem ser lidas. Em seguida, tendo definido o que merece ser lido, trata-se de impor a boa leitura, isto é, o bom modo de apropriação.⁶²¹

⁶¹⁹ SILVA FILHO, Herculano Moraes. **Visão história da Literatura Piauiense**. 4. ed. Teresina: HM, 1997, p. 13.

⁶²⁰ BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p.77.

⁶²¹ BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 242-243.

A leitura, assim, se coaduna com as disputas pelo poder, sobretudo quando tal leitura é “sugerida”, “direcionada” ou “obrigatória”. É um conflito entre leituras autorizadas e leituras negadas, apontando para o aspecto de que

O poder sobre o livro é o poder sobre o poder que exerce o livro. (...) Assim, penso que a luta pelos livros pode ser uma cartada extraordinária, uma cartada que os próprios intelectuais subestimam. Eles estão de tal maneira impregnados de uma crítica materialista de sua atividade que terminam por subestimar o poder específico do intelectual, que é o poder simbólico, o poder de agir sobre as estruturas mentais e, através da estrutura mental, sobre as estruturas sociais. Os intelectuais esquecem-se de que por meio de um livro se pode transformar a visão do mundo social e, através da visão do mundo, transformar também o próprio mundo social.⁶²²

Na disputa e conquista do poder da leitura pelo livro, os estudantes e candidatos que, mesmo em meio às leituras autorizadas e negadas, conseguem “dominar” aquilo que tal autorização estipula, destacam-se como vitoriosos. Trata-se, assim, de uma ascensão social por meio de percurso coercitivo que a valorização do texto escrito detém socialmente.

A partir das reflexões de Pierre Bourdieu, é pertinente lembrar que o poder sobre o poder do livro está diluído, mas conectado, entre os suportes da escola, dos professores, das editoras, dos vestibulares, dos autores, leitores e instituições de forma em geral. No caso da produção de edições didáticas, vale dizer que elas respondem à “autorização da leitura” advinda das listas obrigatórias dos vestibulares ou somente dos direcionamentos de leituras, que compõem os resumos e questões de leitura que acompanham os livros literários, como é o caso de alguns de O. G. Rego de Carvalho. Dessa maneira, a leitura negada é considerada improdutiva, pois não segue a um objetivo pragmático.

Todos esses aspectos abordados até aqui são fulcrais para o estudo da trajetória literária, precisamente o que se convencionou chamar de História Literária. Roberto Acízelo de Souza, refletindo sobre tal pauta, afirma que, em decorrência da notoriedade que a história da literatura tem alcançado como instituição pedagógica, ela tem sido qualificada “sob nomes de conjuntos sistemáticos de obras e autores referenciados a tradições

⁶²² BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 243.

linguístico-literárias nacionais, e por isso falamos com tanta naturalidade em *literatura brasileira, literatura portuguesa, literatura francesa, etc.*, etc”⁶²³. Nesse sentido,

Todos esses conceitos, assim, são produtos da história literária, cuja razão de ser originária foi justamente inventariar esses conjuntos, sistematizar seus elementos, analisá-los, avaliá-los e disponibilizá-los em grandes narrativas, materializadas em obras que em geral ostentam no título a expressão História da literatura, especificada por adjetivo pátrio: brasileira, portuguesa, francesa, etc.⁶²⁴

A partir disso, outros adjetivos de demarcação de fronteiras e espaços foram sendo agregados, como literatura regional, literatura local, literatura piauiense. A essas qualificações segue-se a problematização de que, em geral, esses adjetivos assumem uma explicação em si mesmos, como um objeto dado e acabado, como uma identidade imóvel e hermética.

No tocante ao ensino, Roberto Acízelo, fazendo o resumo da formação da história da literatura brasileira como disciplina, desde o século XIX – no período entre 1805 e 1888 – até o início do século XXI, destaca que, apesar da legislação nacional vigente⁶²⁵ não prescrever a obrigatoriedade de nenhuma disciplina, a organização curricular tem ficado “a critério de cada instituição, os cursos de Letras das faculdades do Brasil continuam ensinando literatura brasileira, e não há sinais de que um dia pretendam deixar de fazê-lo”⁶²⁶.

O ensino da história da literatura está imerso nas problemáticas concernentes aos estudos literários. As edições didáticas, bem como as antologias, sofrem críticas no que se refere à narrativa que enfatiza as cronologias, datas e os “fatos”. No entanto, posturas extremistas fragilizam a compreensão da construção de tais estudos. Assim,

[...] contrariando a tendência majoritária nos estudos literários da atualidade, julgamos que a investigação da literatura, sem renunciar a uma dimensão abstratizante e especulativa, não pode prescindir de contato com coisas concretas (por exemplo, uma data, uma instituição, um processo técnico de composição, etc.), a exemplo de como procede a

⁶²³ SOUZA, Roberto Acízelo. **História da literatura**: trajetória, fundamentos, problemas. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 09-10.

⁶²⁴ SOUZA, Roberto Acízelo. Op. cit, p. 10.

⁶²⁵ Roberto Acízelo menciona o Parecer nº 492/2001, de 03/04/2001. Anteriormente a esse parecer, o Decreto-lei nº 1.190, de 04/04/1939 determinava a obrigatoriedade da disciplina com o nome de Literatura Brasileira. Isso foi mantido com a reforma educacional em 1962, com o Parecer nº 283/62, de 19/10/1962.

⁶²⁶ SOUZA, Roberto Acízelo. **História da literatura**: trajetória, fundamentos, problemas. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 90.

história. Acreditamos, por conseguinte, que é razoável conceber os estudos literários como um campo acessível por dois caminhos distintos e até um tanto antagônicos, porém passíveis de relativa convergência: o da especulação e o dos fatos.⁶²⁷

Nas edições didáticas e antologias até aqui analisadas, mostram uma maior tendência de valorização dos fatos. Luiz Romero diz que “algumas informações históricas são necessárias para que possamos encontrar substâncias literárias”⁶²⁸, mas não faz menção a nenhuma abordagem conceitual ou teórica. Na segunda edição de *Presença da Literatura Piauiense nos Vestibulares* (2001), Luiz Romero ainda reforça: “Dividimos este breve estudo com base numa nova concepção cronológica capaz de nortear a literatura de expressão local, até que se possa estabelecer outra periodização”⁶²⁹.

Francisco Miguel de Moura, por outro lado, menciona que “não obstante a teoria contida nas suas primeiras páginas, este é um livro prático, mas ao mesmo tempo abrangente”⁶³⁰. Por “prático”, o autor parece considerar os dados cronológicos e factuais. As “páginas” teóricas do livro se distribuem nos tópicos *O que é Literatura*, *Literatura Piauiense* e *Literatura e História Literária*. Encerradas tais páginas teóricas, as demais seções do livro são de cunho pragmático, de conteúdo. A teoria e a prática, ou melhor, os fatos, não mantiveram a convergência ao longo de todo o livro.

Tomando os exemplos dos livros de Luiz Romero e Francisco Miguel de Moura, percebe-se que, ora se adentra diretamente no conteúdo, ora se faz um panorama teórico para, somente após, apresentar o assunto. Por esse diapasão, nota-se que

[...] com frequência as histórias literárias entram direto no assunto – o desenvolvimento histórico de certa tradição linguístico-literária nacional –, sem se preocupar por autojustificar-se como projeto disciplinar ou científico, nem tampouco em dar satisfações sobre sua metodologia e fundamentação conceitual. Às vezes, contudo, fazem preceder à parte essencial da exposição uma síntese dos princípios teóricos adotados, à maneira de preâmbulo, mas sempre de reduzidas proporções, se comparada com os capítulos propriamente nucleares que se lhe seguem.⁶³¹

⁶²⁷ SOUZA, Roberto Acízelo. **História da literatura**: trajetória, fundamentos, problemas. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 93.

⁶²⁸ LIMA, Luiz Romero. **Presença da Literatura Piauiense nos vestibulares**. Teresina: Gráfica Ibiapina, 2000, p. 05.

⁶²⁹ LIMA, Luiz Romero. **Presença da Literatura Piauiense nos vestibulares**. 2. ed. Teresina: Gráfica Ibiapina, 2001, p. 05.

⁶³⁰ MOURA, Francisco Miguel de. **Literatura do Piauí: 1859-1999**. Teresina: Academia Piauiense de Letras/Banco do Nordeste, 2001, p. 09.

⁶³¹ SOUZA, Roberto Acízelo. **História da literatura**: trajetória, fundamentos, problemas. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 10.

As relações da produção literária com as dimensões legislativas, educacionais e editoriais remetem à complexidade do campo literário e da história da leitura e da literatura. Nesse mesmo quadro, ainda há os limites e perspectivas que ainda se instauram nas relações entre história e literatura. Relações essas ainda marcadas por conceitos ligados às noções de narrativa, no tocante ao aspecto ficcional ou científico. Dessa maneira, é salutar dizer que

O abismo entre literatura e história, entre o conhecimento estético e o histórico, faz-se superável quando a história da literatura não se limita simplesmente a, mais uma vez, descrever o processo da história geral conforme esse processo se delineia em suas obras, mas quando, no curso da “evolução literária”, ela revela aquela função verdadeiramente constitutiva da sociedade que coube à literatura, concorrendo com as outras artes e forças sociais, na emancipação do homem de seus laços naturais, religiosos e sociais. Se, em função dessa tarefa, vale a pena ao estudioso da literatura superar sua postura a-histórica, aí se encontrará também uma resposta à questão acerca de com que finalidade e com que direito pode-se ainda hoje — ou novamente hoje — estudar a história da literatura.⁶³²

Tal campo agrega os conflitos que se constituíram, inclusive com os caminhos da teoria da literatura, que, “no sistema educacional brasileiro, estreia na década de 1960, e passa a concorrer com literatura nacional, disciplina que a precedia exatamente de um século, ensinada que era entre nós desde 1860”⁶³³. Na década de 1970, “já é a principal referência acadêmica na área dos estudos literários”⁶³⁴, coincidindo com a “estruturação da pós-graduação em Letras nas universidades brasileiras, onde seu ensino passaria a ter um lugar de destaque amplamente reconhecido”⁶³⁵.

Além disso, os estudos culturais, segundo Roberto Acízelo, também contribuíram para os estranhamentos, e o próprio amadurecimento, no seio da história da literatura, pois permitiu pensar sobre seu status a partir dos limites e possibilidades das posturas culturalistas. Em meio às propostas relativizantes dos conceitos, viu-se que, mesmo admitindo possibilidades de representação e de interpretação, o “campo literário” e

⁶³² JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. 78p. Disponível em: <<https://ufprbrasileiraluis.files.wordpress.com/2015/02/jauss-arquivo-melhor.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2015.

⁶³³ SOUZA, Roberto Acízelo. **História da literatura**: trajetória, fundamentos, problemas. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 33.

⁶³⁴ SOUZA, Roberto Acízelo. Op. cit, p. 33.

⁶³⁵ SOUZA, Roberto Acízelo. Op. cit, p. 33.

“científico” apresentam referentes que “limitariam” tais relatividades. A crítica feita por Roberto Acízelo se resume, de certo modo, ao dizer que “como os estudos culturais não negam a literatura, mas apenas a inscrevem, sem qualquer direito especial, numa trama de produtos os mais variados, podemos tentar depreender o conceito que dela fazem”⁶³⁶.

Talvez, em meio a esse emaranhado de problemáticas, o maior desafio de se prosseguir com os estudos de história da literatura, seja o de encontrar pontos de equilíbrio entre as dimensões teórico-conceituais e os fatos. A narrativa dessa história literária, como o conjunto daquilo que se escreve e debate sobre a literatura, passa, assim, por esse desafio. O desafio de teorizar os conceitos ditos universalizantes, por meio de adjetivos como o de “nacional”, sem perder de vista os referentes cronológicos e espaciais se faz necessário para se apresentar a “literatura piauiense” como algo cujo processo é marcado por ranhuras.

As discussões sobre a existência ou não de uma “literatura piauiense”, bem como das propostas da obrigatoriedade de seu ensino nas escolas públicas e privadas, além do papel de mediação dos vestibulares e das edições didáticas e antologias, coadunam-se com a percepção de que a literatura produzida por O. G. Rego de Carvalho só pode ser compreendida nas ranhuras intelectuais inerentes ao próprio campo. Campo este que, inclusive, está marcado por subjetividades e objetividades que se destinam para as disputas de poder, nas quais a própria literatura é esse poder, em que o que é visto como canônico ou “inovador” é friccionado. E é nessa relação que se inscreve a produção deste literato e pela qual ela precisa ser lida e compreendida.

⁶³⁶ SOUZA, Roberto Acízelo. **História da literatura**: trajetória, fundamentos, problemas. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 36.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa de O. G. Rego de Carvalho é o indicativo de que, na história e na história da literatura, o turbilhão de tensões, permanências e mudanças representa o processo de (re) acomodação das práticas do fazer e do pensar. Sua escrita cria uma espécie de “movimento” no seio da literatura considerada piauiense, que, naquele momento de sua produção literária, parecia dormente no que se refere às novas demandas que a literatura “nacional” também buscava. Sua escrita e seus comentários desnudaram as relações de poder que se instauraram sobre a literatura, revelando-se, ela mesma, como o poder disputado pelos intelectuais e escritores. Não se referia somente ao âmbito literário, mas enveredava-se pelos labirintos e subterrâneos do “ser piauiense”.

Sua escrita vai ser tomada como ponto de desconforto no fazer literário, pois coloca em destaque a condição de existência e de significação do “ser piauiense”. Ele põe em relevo algo que, até então, estava sendo pensado como natural ou naturalizado. Ele fez refletir sobre os aspectos relacionados entre o espaço e o poder, tendo a noção de autor como elemento de profusão. Ao colocar sob suspeita a validade da “literatura piauiense”, o literato chama atenção para as duas tendências da literatura produzida no estado: a de matriz nos textos que têm a seca e o vaqueiro como temática; e a outra que foi produzida, mais fortemente, a partir do período republicano, com viés geográfico, político e econômico. Tendências que, *a priori*, não constituem o mote principal da escrita de O. G. Rego de Carvalho, que não tinha, como nas tendências mencionadas, a intenção deliberada de construir uma “identidade piauiense”.

As perspectivas do autor, autoria, autobiográfica se expõem nesse conjunto de (re) arranjos da produção literária. Produção tal que manifesta o cruzamento não somente de novas ideias ou concepções sobre o fazer literário, mas exprime, também, a pluralidade de tempos que denotam experiências distintas de tempo e de espaço. A autobiografia, em O. G. Rego de Carvalho, não se apresenta somente na catalogação e leitura de seus livros, pois não é o conjunto de seus livros que vão dizer o que é autobiográfico. O teor autobiográfico pôde ser notado na costura de suas entrevistas, de seus textos e das leituras que ele deseja que sejam feitas sobre seus livros. Ao guardar as “fórmulas” de seus segredos, ou mesmo revelando algumas delas, O. G. Rego de Carvalho implementa uma (des) leitura das interpretações feitas sobre seus textos, no sentido de não abrir margens para leituras que,

para ele, pudessem enquadrá-lo nos moldes das tendências literárias que reinavam no Piauí, pelo menos até princípios das décadas de 1960 e 1970.

É mister mencionar que, ao estudar a produção literária de O. G. Rego de Carvalho, fez-se não com intuito de realizar uma análise estritamente biográfica. Os trajos (auto) biográficos abordados constituem o fio condutor para a compreensão do pensar e fazer literatura no seio das questões de fronteira, identidades e relações de poder. O campo literário, no que se chamaria de “literatura piauiense”, está imerso nos debates de cânone, de produção, circulação e consumo da literatura, nas ranhuras dos espaços de atuação dos diferentes agentes envolvidos no campo.

No sentido da biografia ou autobiografia, percebeu-se que há traços daquilo que o literato admite serem “projeções” dele mesmo. No entanto, não aceita os comentários que dizem que seus livros são estritamente biográficos. Aliás, os comentários de críticos e professores muitas vezes foram tomados, pelo literato, como leituras equivocadas. Isso, em geral, levou-o a se posicionar contrário, promovendo ainda mais ranhuras e contendas entre ele e os demais intelectuais. Eram críticas que tiveram, em certa medida, as respostas do literato, que, ou em jornais, em entrevistas ou em forma de publicação, refutaram as análises acerca de sua obra. Exemplo emblemático disso é o livro “O Leito de Procusto”.

Sua estranheza e seus conflitos dar-se-iam, também, com as leituras que eram produzidas no âmbito das universidades. Embora ele tenha produzido apenas um texto direto mencionando o ambiente acadêmico, dá para perceber que a sua postura em relação às interpretações que variavam daquilo que ele projetava, que ele punha em seu horizonte de expectativa, era de descontentamento.

O “Leito de Procusto” foi a referência mitológica encontrada pelo escritor para expressar sua negação às (re) leituras de seus livros. O escritor, então, amplia sua crítica não só às interpretações, mas à instituição, generalizando que “as teses universitárias” distorceriam os seus livros. Assim, o escritor deixa transparecer a vontade e o desejo de que o leitor seja o reflexo interpretativo daquilo que ele “planejou” para o seu texto. Esquece o escritor que, ao ser lido, nenhum texto e nenhum livro é mais “propriedade” absoluta de seu criador original. Vale dizer que, talvez, toda leitura e interpretação é um “leito”, no qual cada pessoa que interpreta precisa para deitar suas ideias e impressões. Nesse sentido, o estudo que aqui se apresentou é um leito e não uma camisa de força.

Na relação entre biografia e autobiografia notaram-se, então, as diferentes formas de apresentar e de exhibir o literato. Desde as ilustrações de capa, as introduções, comentários de orelhas de livro, quarta capa, resumos biográficos, resumo cronológico-

biográfico e charges é possível notar as múltiplas leituras e apropriações que são feitas sobre o literato. Essas formas demonstram disputas narrativas, que intentam demarcar o texto que melhor representaria o autor. São maneiras de exhibir e apresentar que transitam entre o destaque dos livros do autor e a sua trajetória de vida, no âmbito pessoal e profissional.

Sua pluralidade na escrita guarda em seu bojo os embates no que se refere aos universos das interpretações e das disputas de intelectualidade, o que impacta nos espaços de atuação, produção e consumo do literato. Negar, em parte, que seus livros sejam autobiográficos integra conflitos inerentes ao campo literário, pois a “poder da criação” seria o termômetro da qualidade da obra de um escritor. Isso ainda remete à “angústia de influência”, pois a influência ainda tem sido vista como uma unidade, uma forma definida na relação entre antecessores e sucessores, como uma relação de subordinação. Ao rejeitar diretamente filiações e influências, O. G. Rego de Carvalho demonstra o maior dilema de tal angústia: não haver nada mais na arte (literatura) que pudesse ser produzido. Sua “angústia” está, também, nas amarras e fugas em relação ao fazer literário tido como “piauiense” ou como “regionalista”. Sua constituição como autor permeia os meandros das noções de cânone, (re)criando e alargando as questões de fronteira, sobretudo no que se refere ao espaço como divisão e demarcação, não só de territórios, mas de identidades. Seu posicionamento em relação à literatura e a sua própria escrita se apresentam como reflexões sobre o tempo, pois a linearidade não é o tipo de temporalidade que engendra a narrativa de seus livros. O tempo em sua narrativa parece caótico, e talvez seja, mas é um tempo livre.

A trajetória de O. G. Rego de Carvalho também abriu margem para a observação de que a produção literária esteve ligada a atitudes e esforços praticamente individuais, no que se refere à publicação de livros. Basta ver que, muitas das edições de seus livros, foram publicadas por editoras nas quais ele atuou como diretor-editor, como o Caderno de Letras Meridiano e a Editora Renoir. Esta última em parceria com sua esposa, Divaneide Carvalho, que é quem tem publicado as mais recentes edições dos livros do literato. Outros literatos seguiram percurso semelhante, publicando livros com recursos próprios, como é o caso de Herculano Moraes, cujo “Visão Histórica da Literatura Piauiense” foi publicado pela HM Editor, de sua propriedade. Outro exemplo são os livros publicados pela Editora Zodíaco, de Kenard Krueel, que publicou “O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica”. Outras publicações, em geral, aconteciam em parcerias entre instituições, como a Universidade Federal do Piauí, a Academia Piauiense de Letras e Bancos. Nesse caminho, editoras como

a Corisco, de Cineas Santos; e as edições do Projeto Lamparina, liderado por Wellington Soares, foram iniciativas que tinham como justificativa, assim como as demais, divulgar e valorizar o que todos chamaram de “literatura piauiense”. Isso, inclusive, denota a busca de legitimidade, em meio aos cânones literários, de uma identidade literária.

As várias edições de seus livros, mais que expressar o seu “burilar” de textos, seu apego à escrita esmerada, aponta para as dimensões de materialidade e de temporalidade que o texto assume, respondendo a diferentes demandas, sejam elas oriundas do próprio campo literário, sejam do público leitor em geral. Expressam, também, o intento do literato de perpetuar-se e legitimar-se no seio do campo literário e para além dele, entre todos que possam consumir seus livros como manifestação da cultura tida como tipicamente “piauiense”, mas que assume os quadros da literatura “regional” e “nacional”. Suas divergências não foram tomadas ao longo desse estudo como a busca de uma descontinuidade. Seus livros e seus posicionamentos devem ser tomados como integrantes de regimes discursivos em combate, que também se embrenham no processo de (re) invenção do “ser piauiense” e da literatura. O. G. Rego de Carvalho produziu uma escrita que chamou atenção para a construção e invenção não somente para elementos estritamente literários, visto que a literatura se manifestou como espaço de poder, cujas ranhuras e disputas constituem o campo artístico e literário.

Sua literatura contribui para ampliar a (re) escrita da história da cidade, visto que a escrita da história é marcada, dentre outros aspectos, pela prática constante do historiador em revisitar o passado e repensar seus significados, nas inflexões entre espaço e tempo. Quando Teresina se apresenta como um ponto de atração nos enredos de cada livro do literato, está apresentando, de maneira sutil, tais aspectos sem a necessidade de descrevê-los, como em uma literatura engajada. Daí a importância do olhar do historiador, em perceber na literatura as configurações históricas e não o contrário, como em uma postura na qual a literatura somente confirmaria a história. Os espaços em sua narrativa são o *locus* para que o próprio tempo se imprima.

Além disso, as experiências de um dado momento ressoam no tempo e deixam suas marcas em temporalidades e espacialidades futuras, o que pode ser apreendido na narrativa literária. Por esse prisma, a escrita literária de O. G. Rego de Carvalho se inscreve nas próprias tensões que se desenrolam no universo dos espaços, sejam eles apreendidos como paisagens, sejam como lugares de atuação.

No debate acerca de sua escrita ser ou não regionalista, não se pode analisar a obra do literato a partir de concepções cristalizadas sobre a definição do termo. Nesse sentido, é

mais plausível afirmar que a sua obra se encontra nessas tensões conceituais que cercam o próprio regionalismo. Seu aspecto regional está, principalmente, na literalização da região, na qual o regional não se limite a retratar o mundo e a região como um reflexo fiel. O “ser piauiense” e a “literatura piauiense” se enquadram nessa complexidade e nesse deslizamento, pois é pertinente que se pensem as categorias local, regional, nacional e universal como tendências dinâmicas e mutáveis.

Essas questões de fronteira são, ainda, observáveis nas edições didáticas que têm o objetivo de alcançar, em geral, um público específico: estudantes e leitores que estão se preparando para os exames vestibulares. Tais edições trazem, em sua forma de organização e explicação, o uso de enquadramentos e categorias que usam os adjetivos pátrios e derivados, para caracterizar obras e autores. Além disso, cronologias e periodizações também são utilizadas para explicar os conteúdos de literatura. Notou-se, ainda, que alguns professores, geralmente ligados à iniciativa privada, assumiram o papel de desbravadores desse tipo de produção textual sobre o ensino de literatura.

As edições didáticas e a própria didatização da literatura são indícios de que a leitura é, também, um foco de litígio, pois são inúmeras intencionalidades que incidem sobre o livro de um escritor, inclusive intenções e interpretações que poderiam se distanciar dos horizontes de expectativa do próprio escritor que é apresentado em tais edições. Isso indica que “a leitura também tem uma história (e uma sociologia) e que o significado dos textos depende das capacidades, das convenções e das práticas de leitura”. Essas práticas são “próprias das comunidades que constituem, na sincronia ou na diacronia, seus diferentes públicos”⁶³⁷. Por essa sociologia dos textos busca-se as “modalidades de publicação, disseminação e apropriação dos textos”⁶³⁸, inferindo sobre os mundos do texto, do leitor e das comunidades de interpretação, que compõem o campo literário. A problematização e análises das diferentes edições dos livros do literato, bem como das edições didáticas sobre a literatura, foram fulcrais para “compreender como as apropriações concretas e as invenções dos leitores (ou dos espectadores) dependem, em seu conjunto, dos efeitos de sentido para os quais apontam as próprias obras”⁶³⁹, bem como “dos usos e significados impostos pelas formas de sua publicação e circulação e das

⁶³⁷ CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 37.

⁶³⁸ CHARTIER, Roger. Op. cit, p. 37.

⁶³⁹ CHARTIER, Roger. Op. cit, p. 43.

concorrências e expectativas que regem a relação que cada comunidade mantém com a cultura escrita”⁶⁴⁰.

É no âmbito dessas tensões que o literato lança sua escrita e se posiciona em relação à fluidez das questões fronteiriças. Mesmo que, em certos momentos, isso se expresse de maneira inconsciente, o literato sabe que, para se sagrar como “autor” é preciso por em suspeição o próprio status da literatura em sua produção e em sua identidade. Há, nesse confronto intelectual, as disputas de poder no que concerne ao cânone. A própria literatura, assim, é o poder em jogo, disputado como ferramenta de demarcação dos espaços.

Assim, a escrita e a obra do literato não se restringiu às suas temáticas tidas como “subterrâneas”, da subjetividade e da introspecção. Sua obra fez surgir, do subterrâneo do campo literário, as ranhuras e querelas que constituem o próprio pensar e o fazer literatura. Segundo Jacques Le Goff⁶⁴¹, é possível, assim, estabelecer conexões entre os elementos narrativos próprios aos relatos de vida e o mundo histórico no qual a própria escrita é gerada.

Transitar pelas ranhuras e tensões da escrita de O. G. Rego de Carvalho é, entre muitos aspectos, perceber que os homens e os seus produtos são criadores e produtos do tempo, de suas temporalidades. A letra, no sentido mais amplo, está imersa no tempo e o tempo se encarrega de transformar a letra, conforme suas demandas sociais, culturais, institucionais. E é assim que a “letra” do literato se configura entre a ficção e a história da literatura.

Muito ainda deve ser pesquisado sobre a sua trajetória e atuação literária. Não somente por novas problematizações que possam surgir, mas, principalmente no que tange às fontes documentais. Muitas edições de seus livros encontram-se esgotadas, com poucos ou nenhum exemplar nas bibliotecas públicas do Piauí. Como foi demonstrado ao longo do presente estudo, as edições apontam para as diferentes maneiras de se fazer, pensar e consumir literatura. Elas sinalizam para as relações do escritor com o texto, editoras, críticos e demais leitores. Muitos jornais e revistas, com textos e entrevistas concedidas pelo literato, estão dispersos de tal maneira que, durante o período de feitura desse texto, não foram encontrados. Não se pretende, ao dizer isso, buscar “segredos” e revelar algo oculto. Não se intenta preencher lacunas, visto que o caráter lacunar da própria história, como da própria história da literatura, é integrante dos seus limites epistemológicos. O que

⁶⁴⁰ CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 43.

⁶⁴¹ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 6. ed. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2012.

chama a atenção é ao fato de que há muitos documentos e registros que possivelmente estejam guardados nos arquivos privados.

A correspondência ativa e passiva do literato, no âmbito dos documentos que precisam ser garimpados nas pesquisas, também se encontra dispersa. Sabe-se da existência de tal correspondência pela indicação de trechos de cartas recebidas por ele, e que são reproduzidos em orelhas, folhas de rosto e quartas-capas de seus livros. O alcance da escrita de O. G. Rego de Carvalho, como está exposto no final de alguns de seus livros, se deu com literatos de lugares variados do Brasil. Esse contato deu-se, na maior parte dos casos, por meio dos livros que o escritor enviava para os demais escritores, com o intuito de ter sua obra divulgada e, de certa forma, avaliada e comentada pelos seus pares. O. G. Rego de Carvalho intentou alçar voos para além dos domínios geográficos piauienses. Com tal ação, o literato da primeira capital piauiense esperava retornos acerca de sua produção. Isso resultou em algumas correspondências que ele recebeu de vários escritores brasileiros.

Contudo, antes das cartas recebidas por ele e que comentavam os seus livros, é importante iniciar as análises sobre sua vida de correspondências anteriormente à sua iniciação como escritor, quando da publicação de *Ulisses entre o Amor e a Morte*, em 1953. Três anos antes de sua estreia como escritor, ele havia mantido, ou pelo menos tentado manter, contato com Gilberto Freyre. Em carta datada de 5 de fevereiro de 1950 há indícios de sua preocupação não com questões literárias, mas com aspectos documentais, voltados para o esclarecimento sobre a genealogia de sua família, os Carvalhos.

Analisar algumas cartas da correspondência passiva de O. G. Rego de Carvalho é atentar para a possibilidade que “as cartas são, pois, uma prática de escrita que integra a produção de textos de muitos intelectuais”⁶⁴². É essa integração que faz os escritores e intelectuais sentirem-se e agirem como membros dos mesmos círculos e campos de produção e atuação. O. G. Rego de Carvalho enviava seus livros a muitos literatos no intuito de conseguir essa integração ou aceitação. Recorrer às cartas é, também, reconhecer a sua importância, “pois ela pode abarcar tanto os intelectuais reconhecidos como sociáveis, quanto aqueles cuja preferência é a vida mais reclusa”⁶⁴³. O literato, ao longo de sua vida, tem se apresenta dentre aqueles cuja reclusão é característica marcante.

Era a busca de proximidade e de aceitação, pois o literato sabia que quando os intelectuais que enviam cartas a ele demonstravam que “escrevendo, é possível estar junto,

⁶⁴² GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 51.

⁶⁴³ GOMES, Ângela de Castro. Op. cit, p. 51.

próximo ao ‘outro’ através e no objeto carta, que tem marcas que materializam a intimidade, e, com a mesma força, evidenciam a existência de normas e protocolos, compartilhados e consolidados”⁶⁴⁴. Ao saber disso, só o fato de receber o retorno por meio das cartas, dava a O. G. Rego de Carvalho a sensação legitimadora de “estar junto” daqueles que eram, e ainda são, considerados cânones da literatura brasileira.

Infelizmente, muitas correspondências recebidas por O. G. Rego de Carvalho se perderam no tempo e no espaço, sendo que algumas são mencionadas somente por meio de alguns trechos que figuram em orelhas e quartas capas de algumas edições dos livros do literato. Das poucas cartas que ainda se encontram sob os cuidados de sua esposa, professora Divaneide Carvalho, restam as cartas enviadas por Jorge Amado (uma no ano de 1971), por Carlos Drummond de Andrade (uma no ano de 1971) e por Érico Veríssimo (uma no ano de 1973).

Diferentemente do que aconteceu com outros escritores brasileiros, que mantiveram constante contato, por meio de trocas de correspondências e de livros com vários intelectuais no e fora do Brasil, O. G. Rego de Carvalho, ao que os vestígios indicam, inseriu-se nos círculos da intelectualidade brasileira enviando somente seus livros para inúmeros escritores em todo o país. Enquanto muitos literatos brasileiros, desde o século XIX, trocavam correspondência para debater assuntos de literatura, sociedade, história e política, o literato encaminhou-se pelo viés do envio de seus livros. Somente novas pesquisas poderão aprofundar tais conjecturas.

Tomando de empréstimo o título do Documentário dirigido pelo cineasta Douglas Machado, sobre O. G. Rego de Carvalho, o que se fez ao longo do presente estudo se trata de olhar, um horizonte sobre o literato, uma “Viagem Incompleta”. Viagem, porque foi feito um passeio, uma jornada pela trajetória literária do literato, fazendo passagens significativas pela própria literatura. Viagem que apresentou turbulências, visto que os percursos pelos quais o literato passou foram marcados pelas disputas inerentes ao fazer literário. Nesse campo, são diferentes agentes que atuam no sentido de manter ou conseguir espaço. Incompleta no sentido de que outras questões, problematizações e proposições podem, e devem, surgir a partir das reflexões apresentadas.

Lembrando do que diz Michel de Certeau⁶⁴⁵, sobre o aspecto de o historiador e o literato apresentarem características comuns, o historiador descreve viagens imaginárias no tempo, recorrendo de estratégias narrativas e metodológicas que propiciam a invenção e a

⁶⁴⁴ GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 20.

⁶⁴⁵ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

criação. A viagem pela história da literatura, a partir da produção de O. G. Rego de Carvalho, é o trânsito provocativo entre a letra e o tempo, ou melhor, o “tempo da leitura e leitura do tempo”⁶⁴⁶. Provocação talvez seja a melhor palavra para fazer menção ao literato e sua trajetória. Assim, o presente estudo também se apresentou como mais um instrumento provocador para o estudo da história e da história da literatura. Espera-se que o leitor tenha se sentido provocado e estimulado a adentrar em suas possibilidades!

⁶⁴⁶ BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 361.

REFERÊNCIAS E FONTES

1. Referências Teórico-Metodológicas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2.ed. Recife: FJN, Ed. Massananga; São Paulo: Cortez, 2001.

ANDRADE, Claudete Amália Segalin de. **Dez livros e uma vaga**: a leitura da literatura no vestibular. Florianópolis: EDUFSC, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica**: teoria e método. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

BADINTER, Elizabeth. **As paixões intelectuais**: desejo de glória (1735-1751). Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAPTISTA, Abel Barros. **Autobiografias**: solicitação do livro na ficção de Machado de Assis. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2003.

BARROS, Daniel Martins de. **Machado de Assis: a loucura e as leis** – direito, psiquiatria e sociedade em doze contos machadianos. São Paulo: Brasiliense, 2010.

BARROSO, Oswaldo; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Letras ao sol**: antologia da literatura cearense. 2. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1998.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2007.

BLOOM, Harold. **A angústia da influência**: uma teoria da poesia. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

BORGES, Jorge Luís *apud* CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: EDUNESP, 2014.

BOSI, Alfredo. **Entre a Literatura e a História**. São Paulo: Editora 34, 2013.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 183-192.

_____. **As Regras da Arte**: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. Trad. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 243-269.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. **Assunto encerrado**: discursos sobre literatura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. História e textualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 225-241.
- CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise**: entre ciência e ficção. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- _____. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- _____. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: EDUNESP, 2014.
- CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2003.
- _____. **Práticas da leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- _____. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- _____. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.
- _____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: EDUNESP, 2002.
- _____. **Autoria e história cultural da ciência**. Organização de Priscila Faulhaber e José Sérgio Leite Lopes. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.
- _____. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Alges – Portugal: Difel, 2002.
- CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novos objetos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976, p. 99-115.

CHIAPPIINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, p. 153-159, 1995.

COSTA FILHO, Alcebíades. **A gestação de Crispim**: um estudo sobre a constituição histórica da piauiensidade. (Tese de Doutorado). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2010.

D'ALGE, Carlos. **Antologia Terra da Luz**: prosadores. 2. ed. Fortaleza: Diário do Nordeste, 1998.

DALVI, Maria et al. A literatura no vestibular: traços de seu histórico e olhares recentes. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 28, p. 215-230, dez. 2015.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: EDUNESP, 1992, p. 199-236.

DECCA, Edgar Salvadori de. Literatura em ruínas ou as ruínas da Literatura? In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (Res) Sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. 2. ed. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2004, p. 147-172.

DECCA, Edigar Salvadori de; LEMAIRE, Ria (Orgs.). **Pelas margens**: outros caminhos da história e da literatura. Campinas, Porto Alegre: EDUNICAMP; EDUFRGS, 2000.

DOODY, Margareth. Dar rosto ao personagem. In: MORETTI, Franco. **O Romance**: a cultura do romance. Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 563-592.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ECO, Umberto. **Confissões de um jovem romancista**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

_____. **Obra Aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ELIAS, Norbet. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ESTEVES, Antônio R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: EDUNESP, 2010.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Letras insulares: leituras e formas da história no modernismo brasileiro. In: CHALHOUN, Sideney; PEREIRA, Leonardo A. de M. (Orgs.). **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 301-331.

FONTINELES FILHO, Pedro Pio. As escritas e leituras dos espaços: narrativa, cidade e memória em O. G. Rego de Carvalho. In: FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva et al

- (Orgs.). **Itinerários da pesquisa em história: a polifonia de um campo**. Teresina: EDUFPI, 2014, p. 215-228.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. **O que é um autor?** 4. ed. Portugal: Veja/Passagens, 2002.
- _____. **A história da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- _____. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Organização de Manoel Barros da Motta. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- _____. As monstruosidades da crítica. In: MOTTA, Manoel Barros da. (Org.). **Michel Foucault: Estética: literatura e pintura, música e cinema**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 316-325.
- _____. Diálogo sobre o Poder. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). **Michel Foucault: estratégia, poder-saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 253-280.
- GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba...Cidades-Beira (1850-1950)**. Teresina: EDUFPI, 2010.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- GOMIDE, Bruno Barreto. **Da Estepe à Caatinga: o romance russo no Brasil (1870-1936)**. Tese de Doutorado. Campinas/SP: UNICAMP, 2004.
- HALBWACKS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARTOG, François. **Evidência da história: o que os historiadores veem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011(Coleção História&Historiografia).
- HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- IGLÉSIAS, Francisco. **História e Literatura: ensaios pra uma história das ideias no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- JAUSS, Hans Robert. **A Literatura como Provocação: História da Literatura como Provocação Literária**. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- JULIARD, Jacques. A Política. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1974, p. 180-196.

- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, 2006.
- _____. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2014.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009.
- LEJEUNE, Philippe. **O Pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: EDUFMG, 2008.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 6. ed. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2012.
- LIMA, Luiz Romero. Orelha. Reproduzido em: CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1994.
- MACHADO, Irene A. Narrativa e combinatória dos gêneros prosaicos: a textualização dialógica. **Itinerários**. Araraquara. N. 12, 1998.
- MACHADO, Paulo. Orelha. Reproduzido em: CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1994.
- MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- MONTEIRO, Ana Maria. A História Ensinada: algumas configurações do saber escolar. In: **História & Ensino**: Londrina, v. 9, out. 2003, p. 9-35.
- MOURA, Iara Guerra de Miranda. **Historiografia piauiense**: relações entre escrita histórica e instituições político-culturais. Teresina: FCMC, 2015.
- MURARI, Luciana. Um plano superior de pátria: o nacional e o regional na literatura brasileira da República Velha. **Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC** – Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo: USP, 13 a 17 de julho, 2008, p. 01-10.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides. **A Cidade sob o Fogo**. Fund. Mons. Chaves: Teresina, 2002.
- NASCIMENTO, Esdras do. Comentário de Orelha. Reproduzido em: CARVALHO, O. G. Rêgo de. **Rio Subterrâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- NUNES, M. Paulo. **As solidões justapostas**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1992.
- OLIVEIRA, Édison de. **Literatura Brasileira**: vestibular de Direito e Letras. Porto Alegre: Ética Impressora Ltda, 1964.
- PLATÃO. Defesa de Sócrates. **Sócrates**. Seleção de Textos. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- PROST, Antoine. Transições e interferências. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gerard (Org.). **História da vida privada 5**: da Primeira Guerra aos nossos dias. São Paulo: Companhias das Letras, 1992, p. 13-136.
- QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.
- _____. **Conversas com M. Paulo Nunes**. Teresina: EDUFPI, 2012.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O fato e a fábula**: o Ceará na escrita da História. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.
- RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- REMOND, René (Org.) **Por uma história política**. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 1996.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**: o tempo narrado. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- ROBERT, Marthe. **Romance das origens, origens do romance**. Trad. André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). **Roger Chartier – a força das representações**: história e ficção. Chapecó, SC: Argos, 2013.
- ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ROSSI, Daniel; NOLASCO, Edgar César. Tempo liberado? Ubiquidade temporal em *Trópico de Câncer*. I ENCONTRO DO GRUPO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DE LITERATURA E TEORIA LITERÁRIA – MOEBIUS. **Anais**. Dourados, MS: UFGD, 2010.
- SANTOS, Milton. Do meio natural ao meio técnico-científico-informacional. In: _____. **A natureza do espaço**: espaço e tempo, razão e técnica. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 186-196.
- _____. **Técnica, espaço, tempo**. São Paulo: EDUSP, 2008.
- SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais**. São Paulo: Ática, 1994.
- SENNET, Richard. **O Declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1997.

- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira república. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SITI, Walter. O romance sob acusação. In: MORETTI, Franco. **O Romance**: a cultura do romance. Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 165-196
- SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil In: EVANGELISTA, Aracy Martins; PAULINO, Graça; VERSIANE, Graça (Orgs.). **A escolarização da leitura literária**: o jogo do livro infantil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. História da Literatura: trajetória, fundamentos, problemas. São Paulo: É Realizações, 2014.
- SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. **História e Identidade**: as narrativas de piauiensidade. Teresina: EDUFPI, 2010.
- STAROBINSKI, Jean. A literatura. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novas abordagens. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.
- TITO FILHO, A. **Teresina, meu amor**. Teresina: Artenova S.A, 1974.
- VALESKA, Adriana. Orelha. Reproduzido em: CARVALHO, O. G. Rego de. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1994.
- VASCONCELOS, Anazildo et al. **Literatura no vestibular**. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1975.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. 4. ed. Brasília: Editora da UnB, 1998.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ZILBERMAN, Regina. Leitura e materialidade da história da literatura. In: ROCHA, João César de Castro (Org.). **Roger Chartier – a força das representações**: história e ficção. Chapecó, SC: Argos, 2013.

2. Livros de O. G. Rego de Carvalho

- CARVALHO, O. G. Rego de. **Amor e Morte**. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1956.
- _____. **Rio Subterrâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

_____. **Somos todos inocentes**. 3. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano: Petrópolis – RJ: Vozes, 1985.

_____. Ulisses entre o amor e a morte. In: _____. **Ficção Reunida**. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1981.

_____. **Amarga Solidão**. Teresina: Corisco (Projeto Petrônio Portela), 1988.

_____. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1994.

_____. **As teses universitárias e o leito de Procusto**. Teresina: Corisco, 1994.

_____. **Ulisses entre o Amor e a Morte**. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1953.

_____. **Ulisses entre o Amor e a Morte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

_____. **Ulisses entre o Amor e a Morte**. 8. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1994.

_____. **Ulisses entre o Amor e a Morte**. 12. ed. Teresina: Corisco, 1999.

_____. **Ulises entre el Amor y La Muerte**. Teresina: EDUFPI, 2004.

_____. **Ulises entre el Amor y La Muerte**. Teresina: Oficina da Palavra, 2005.

_____. **Ulises entre el Amor y La Muerte**. Teresina: Fundação Quixote, 2007.

3. Obras Literárias

ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. **Cinco Minutos**. 2. ed. São Paulo: FTD, 1992. (Coleção Grandes Leituras).

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 3. ed. São Paulo: FTD, 1994. (Coleção Grandes Leituras).

CASTELO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro**. 11. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2012.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. **Os Irmãos Karamazovi**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

_____. **Memórias do Subsolo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

FREYRE, Gilberto. **Como e porque sou e não sociólogo**. Brasília, DF: Editora da UnB, 1968.

OLIVEIRA, Edmar. **A incrível história de Von Meduna e a filha do sol do Equador**. Teresina: Oficina da Palavra, 2011.

SAROYAN, William. **A Comédia Humana**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

STEINBECK, John. **Of Mice and Men**. Oxford: The British National Corpus, 1937.

4. Depoimentos Consultados

BRASIL, Assis. Entrevista concedida a Edmilson Caminha. O universo piauiense de Assis Brasil. **Revista Cadernos de Teresina**. Teresina, Ano 03, n. 08, p. 11-14, agosto de 1989.

CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Pedro Pio Fontineles Filho. Teresina. 14/02/11.

CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Concita Cordeiro. Jornal *O Estado*. Teresina. 26/06/1973. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 313-314.

CARVALHO, O. G. Rêgo de. Entrevista concedida a Cineas Santos. Jornal *O Estado*. Teresina. 22, 23/02/1976. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 319-321.

CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a José Afrânio Moreira Duarte. Diário de Minas. Belo Horizonte, 30, 31/08/1970. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 299-301.

CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Edmilson Caminha Júnior. Jornal da Manhã. Teresina, 17/01/1988. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 335-341.

CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Cineas Santos. Presença. Teresina. set/nov/1982. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 323-328.

CARVALHO, O. G. Rêgo de. Entrevista concedida a Pompílio Santos. Jornal *O Estado*. Teresina. 21,22/12/1975. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 315-317.

CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Tarcísio Prado. Jornal *O Dia*. Teresina, 28, 29/03/1971. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 303-306.

CARVALHO, O. G. Rego de. Entrevista concedida a Menezes Y Moraes. *Jornal O Dia* (Caderno Dois). Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 307-311.

MOURA, Francisco Miguel de. **Entrevista** concedida a Pedro Pio Fontineles Filho. Teresina, 21/04/2012.

PÓLVORA, Hélio. Questionário respondido para Pedro Pio Fontineles Filho, via e-mail, em 17 de janeiro de 2013.

SANTOS, Cineas. Questionário respondido para Pedro Pio Fontineles Filho, via e-mail, em 20 de janeiro de 2013.

5. Jornais e Revistas

A Academia. **Correio de Theresina**. 17 jan. 1918, p. 12.

BEZERRA, Domingos; CARVALHO, Elmar. Entrevista com Professor Cineas

Santos. **Cadernos de Teresina**. Teresina, Ano X, nº.22, p. 40-46, abr. 1996.

BORGES, Geraldo Almeida. Notas sobre a literatura piauiense: Primeira República. **Carta Cepro**. Teresina, V. 11. n. 01, p. 45, Jul/Dez. 1986.

CARVALHO, O. G. Rego de. A cidade eleita. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina, Ano 77, n. 5, p. 203-204, dez. 1994.

CARVALHO, O. G. Rego de. Lembrança da Arcádia. **O Piauí**. Teresina, n. 501, 9. jul. 1949, p. 03.

CARVALHO, O. G. Rego de. Prosaicos e Cabotinos. **O Piauí**. Teresina, n. 502, 12. jul. 1949, p. 03.

CARVALHO, O. G. Rego de. Encantos da província. **O Piauí**. Teresina, n. 505, 19. jul. 1949, p. 03.

HARRIS, Wendell V. *Apud* ARAÚJO, Daniel Teixeira da Costa. O cânone literário em perspectiva: o caráter político em detrimento do estético. **Via Litterae**, Anápolis, v. 3, n. 2, p. 415-434, jul./dez. 2011.

MATOS, José Miguel de. Casa de Lucídio Freitas não tem teto, mas vive. **O Dia**. Teresina, ano 24, n. 4131, 14 fev. 1975, p. 12.

MELO, Leônidas de Castro. Interventor. **Relatório** Apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Getúlio Vargas, 1942, p.36.

MIRANDA, Reginaldo. Nossa Revista. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina. Ano XCII, n. 67, p. 09-10, dez. 2009.

Morre O. G. Rêgo. **Jornal O Dia**. Teresina, 10 nov. 2013, p. 01.

MOURA, Francisco Miguel de. A Academia e a dialética do ser. **Jornal da Manhã**. Teresina. 11/06/1983, p. 04.

_____. Assis Brasil: a busca do novo. **Revista Cadernos de Teresina**. Teresina, Ano 2. n. 06, p. 07, dez. 1988.

_____. O papel das Academias na sociedade. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina. Ano XCII, n. 67, p. 69-80, dez. 2009.

_____. Depoimento sobre O. G. Rêgo de Carvalho: o homem, o amigo e colega, o escritor e a nossa convivência. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina, Ano LXXV, n. 50, dez.1992.

OLIVEIRA, Luís Carlos. Literatura piauiense de luto. **Jornal O Dia**. Teresina, 10 nov. 2013, p. 05.

O. G. Rêgo de Carvalho toma posse na APL. **Jornal da Manhã**. Teresina. 05/06/1983, p. 08.

MOURA, Francisco Miguel de. O. G. Rêgo de Carvalho toma posse na academia. Gerais. **Revista Presença**, Teresina, Março/Jun. 1983.

PACHECO, Álvaro. Discurso de posse na cadeira nº 30 da Academia Piauiense de Letras, proferido no Auditório José Elias Tajra, na Associação Comercial Piauiense, no dia 28 de janeiro de 1994. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina. Ano LXXXVIII, n. 63, p. 102-103, dez. 2005.

PELINSER, André Tessaro. Olhares sobre o regionalismo literário brasileiro: uma perspectiva de estudo. **Revista Antares**, Dourados, v. 02, nº 04, p. 106, Jul/Dez de 2010.

QUEIROZ, Teresinha. Teresinha Queiroz: emoção e respeito no discurso de posse.

Revista Presença. Teresina, Ano 23, n. 41, p. 40, abr. 2008.

Sanatório Meduna. **Jornal O Dia**. Teresina. 04 abr. 1954, p. 06.

6. Crítica Literária

AZEVEDO, Noroaldo Pontes de. Apresentação. In: NOGUEIRA, Fabiano de Cristo Rios. **O mundo degradado de Lucínio: a incomunicabilidade em *Rio Subterrâneo***. 2. ed. Teresina: UDUFPI, 1995, p. 09-10.

BRASIL, Assis. **A poesia piauiense no século XX**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

CARVALHO, Divaneide Maria Oliveira de. Resumo Biográfico. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 343-350.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil: relações e perspectivas**. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

DOBAL, H. Comentários na orelha do livro. In: MOURA, Francisco Miguel de.

Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

- DUARTE, José Afrânio Moreira. Somos Todos Inocentes. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 111-112.
- LIMA, Luiz Romero. **Presença da Literatura Piauiense nos Vestibulares**. 2. ed. 1ª. Reimpressão. Teresina: Corisco, 2001.
- LIMA, Luiz Romero et al. **UFPI – 2006: Literatura**. 2ª Etapa. 3. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2006.
- _____. **UFPI – 2007: Literatura**. 3ª Etapa. 3. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2006.
- _____. **UESPI 2008/2009: Literatura**, estudo das obras, resumo, análise de textos e exercícios. 2. ed. Teresina: Halley, 2008.
- LORD, David. Rio Subterrâneo. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2005, p. 107-108.
- FREITAS, Vidal de. O. G. Rego de Carvalho: introspecção e poesia. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 75-78.
- KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **Literatura Piauiense: horizontes de leitura e crítica literária (1900-1930)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
- MEIRELES, Cecília. Contracapa. **Ulisses entre o Amor e a Morte**. 7. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1989.
- _____. Contracapa. **Ulisses entre o Amor e a Morte**. 8. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1994.
- _____. Contracapa. **Ulisses entre o Amor e a Morte**. 14. ed. Teresina: Renoir, 2009.
- MOURA, Francisco Miguel de. **Literatura do Piauí (1859-1999)**. Teresina: Editora da Academia Piauiense de Letras, 2001.
- _____. **Linguagem e comunicação em O. G. Rêgo de Carvalho**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.
- _____. Somos Todos Inocentes. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 95-97.
- _____. **Piauí: Terra, história e literatura**. Teresina: Cirandinha, 1980.
- NOGUEIRA, Fabiano de Cristo Rios. **O mundo degradado de Lucínio: a incomunicabilidade em Rio Subterrâneo**. 2. ed. Teresina: UDUFPI, 1995.
- NETO, Adrião. **Dicionário biográfico: escritores piauienses de todos os tempos**. 2. ed. Teresina: Halley, 1995.
- _____. **Literatura Piauiense para estudantes**. 5. ed. Teresina: Edições Geração 70, 1999.

PESSOA, Fernando. Poemas Inconjuntos. **Poemas de Alberto Caeiro**. 10. ed. Lisboa: Ática, 1993.

PÓLVORA, Hélio. Um romance contínuo. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2005, p. 99-102.

PRADO COELHO, Jacinto do (Dir.). **Dicionário de Literatura**. Vol. 2. 3. ed. Barcelos: Figueirinhas Porto, 1983.

RÊGO, José Expedito. O novo livro de O. G. Rego de Carvalho. In: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2005, p. 119-121.

REIS, Maria Gomes Figueiredo dos. **Rio Subterrâneo: estrutura e intertextualidade**. Teresina: EDUFPI, 1995.

_____. Ataliba, o vaqueiro: precursor do romance da seca. In: CASTELO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro**. 11. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2012, p. 8-13.

SANTOS, Cineas. O. G. Rego de Carvalho: o passado me prende. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 319-321.

SANTOS, Cineas. A coragem de ousar. Jornal Meio Norte. Teresina, 19/03/1997. Reproduzido em: KRUEL, Kenard. (Org.). **O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007, p. 277-278.

SILVA FILHO, Herculano Moraes da. **Visão História da Literatura Piauiense**. 4. ed. Teresina: HM Editor, 1997.

SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. **A representação da seca na literatura piauiense: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Caetés, 2005.

TÁVORA, João Franklin da Silveira. Escritores do Norte do Brasil. Publicado no Jornal A Reforma, Teresina, 28 de abril de 1888. Ano II, N. 52, p. 02. In: CASTELO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro**. 11. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2012, p. 9-11.

7. Fontes da internet

ALVES, Dino. **Agora sou Imortal**. Disponível em:

<<http://www.capitalteresina.com.br/colunas/dino-alves/agora-sou-imortal-501.html>>.

Acesso em: 14 nov. 2013.

AURÉLIO, Bernardo. **O. G. Rego: quente era a manhã.** Disponível em: <<http://domacedo.blogspot.com.br/2013/11/o-g-rego-quente-era-manha.html>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

CHAGAS, Francisco José das. **Linguagem e comunicação:** Gilson Silva fala sobre Chico Miguel. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3905877>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

DEUS NETO, Antônio de. **Os dez maiores escritores do Piauí.** Postado em 11/08/200. Disponível em: <<http://istoepiaui.blogspot.com.br/2008/07/os-dez-maiores-escritores-do-piau.html>> . Acesso em: 19 fev. 2014.

Escritor O. G. Rego de Carvalho morre aos 83 anos em Teresina. Disponível em: <<http://cidadeverde.com/escritor-o-g-rego-de-carvalho-morre-aos-83-anos-em-teresina-148052>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

FIDELIS, Ana Cláudia e Silva. **Cânone Literário e Livro Didático: Mediações.** 2005. Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 2005. Disponível em:

<<http://www.alb.com.br/anais15/Sem12/anafidelis.htm>> . Acesso em 28 dez. 2015.

FITZ, Earl. A recepção de Machado de Assis nos Estados Unidos, nas décadas de 1950 e 1960. **Machado de Assis em Linha.** Ano 5, n. 09, jun. 2009. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero09/num09artigo02.pdf>> . Acesso em: 19 fev. 2014.

FORTES FILHO, José. **A democratização e a interiorização da cultura no Piauí.** Publicado em 06/08/2009. Disponível em: <www.academiapiauiensedeletras.org.br>. Acesso em 24/10/2012.

MENEZES, Juliana Alves Barbosa. Avaliação de literatura no vestibular. XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC. Simpósio: Tessituras, Interações, Convergências. **Anais.** USP – São Paulo, 13 a 17 de julho de 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/047/JULIANA_MENEZES.pdf>. Acesso em: 28 de dezembro de 2015.

MENEZES Y MORAIS. **A estética insubterrânea.** Publicado originalmente em

<<http://kenardkrue2.blogspot.com/>> . Disponível em:

<<http://www.portalentretextos.com.br/gerarpdf/5,215.html>> , p. 02. Acesso em: 19 fev. 2014.

MOURA, Francisco Miguel de. **A literatura piauiense segundo Francisco Miguel de Moura.** Disponível em:< <http://www.portalentretextos.com.br/notas-historiograficas/a->

literatura-piauiense-segundo-francisco-miguel-de-moura,2.html> . Acesso em: 19 fev. 2014.

_____. **Antonio Nobre e o Clube do Silêncio.** Disponível em:

<<http://abodegadocamelo.blogspot.com.br/2010/08/antonio-nobre-e-o-clube-do-silencio.html>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

_____. **O. G. Rego de Carvalho. Letra e Música.** Disponível em:

<<http://poetaelmar.blogspot.com.br/2013/11/o-g-rego-de-carvalho-letra-e-musica.html>>. Acesso em: 29 nov. 2013.

_____. **Cultura e Política Cultural.** Postado em 10/02/2010. Disponível em:

<<http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/2079524>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

_____. **O. G. Rêgo e o Romance sócio-psicológico.** Teresina, 20 de março de 1997.

Semana O. G. Rêgo de Carvalho. Disponível em:

<<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=1968&cat=Ensaios&vinda=S.>> . Acesso em: 22 abr. 2011.

OEIRAS, Joca. **Criador e Criatura:** O. G. Rego de Carvalho. Publicado em 18 de abril de 2008. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/criador-criatura-o-g-rego-de-carvalho>>. Acesso em 19 fev. 2014.

Prefeitura de Oeiras decreta luto pela morte de O. G. Rego de Carvalho. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/11/prefeitura-de-oeiras-decreta-luto-pela-morte-de-o-g-rego-de-carvalho.html>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

ROMERO, Luiz. In: **Escritor O. G. Rego de Carvalho morre aos 83 anos em Teresina.**

Disponível em: <<http://cidadeverde.com/escritor-o-g-rego-de-carvalho-morre-aos-83-anos-em-teresina-148052>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

SALGUEIRO, Pedro. **O. G. Rego de Carvalho.** Disponível em:

<<http://www.opovo.com.br/app/colunas/pedrosalgueiro/2013/12/04/noticiaspedrosalgueiro,3171851/o-g-rego-de-carvalho.shtml>>. Acesso em: 04 dez. 2013.

SAMPAIO, Airton. Discurso sobre o Livro O. G. de Carvalho: fortuna crítica de Kenard Kruel, proferido no dia 30 de julho de 2007, no auditório do Clube dos Diários, em Teresina. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=DyUTVJm0OsA>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

SANTOS, Cineas. In: **Escritor O. G. Rego de Carvalho morre aos 83 anos em**

Teresina. Disponível em: <<http://cidadeverde.com/escritor-o-g-rego-de-carvalho-morre-aos-83-anos-em-teresina-148052>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

SILVEIRA, Roosevelt. **O. G. Rego de Carvalho, primoroso romancista.** Artigo originalmente *publicado no Jornal Folha do Caparaó, Cachoeiro de Itapemirim, ES, no dia 26/2/2011. Disponível em:*
<http://www.silveiralivros.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=35:og-rego&catid=5:poemas-e-contos&Itemid=12> . Acesso em: 19 fev. 2014.